



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação

**Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e
Igarapé do Gaviãozinho
Povo Kulina**

Municípios: Itamarati-AM e Jutai-AM

Portaria nº1.048/PRES/FUNAI, de 18 de julho de 2024

Santarém/PA – junho 2025



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação

Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho
Povo Kulina
Municípios: Itamarati-AM e Jutai-AM

Genoveva Santos Amorim
Antropóloga
Coordenadora do Grupo Técnico
Portaria nº1.048/PRES/FUNAI, de 18 de julho de 2024

Santarém/PA – junho 2025

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

Publicado em: 18/07/2024 | Edição: 137 | Seção: 2 | Página: 54

Órgão: Ministério dos Povos Indígenas/Fundação Nacional dos Povos Indígenas

PORTARIA N° 1.048, DE 4 DE JULHO DE 2024

A PRESIDENTA SUBSTITUTA DA FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS - FUNAI, no uso das atribuições que lhes são conferidas pelo Estatuto aprovado pelo Decreto n.º 9.010, de 23 de março de 2017, combinado com o disposto no Decreto n.º 10.193, de 27 de dezembro de 2019, e com a Portaria de Pessoal Funai n° 461, de 1º de julho de 2024, resolve:

Art. 1º Constituir Grupo Técnico (GT) com o objetivo de realizar os estudos de natureza antropológica, etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica e ambiental necessários à identificação e delimitação da reivindicação denominada Aldeia Baku, Aliança Furo Preto, Gaviãozinho e Marir-Mari, passando a denominar Terra Indígena Gaviãozinho, reivindicada pelos povos Kanamari e Kulina Madijá, no município de Itamarati, no Estado do Amazonas, com a seguinte composição:

I - Genoveva Santos Amorim, antropóloga, colaboradora eventual, como Antropóloga-Coordenadora;

II - Marilena Altenfelder de Arruda Campos, doutora em ecologia aplicada, colaborador eventual, como Profissional da Área Ambiental; e

III - Sarah Martins Novais Frota, mestre em geografia, colaboradora eventual, como Cartógrafa.

Art. 2º Determinar o deslocamento dos componentes acima citados ao Município de Itamarati, no estado do Amazonas, concedendo o prazo de 30 (trinta) dias para os trabalhos de campo, a contar dos seus respectivos deslocamentos.

Art. 3º Estabelecer o prazo de 180 (cento e oitenta) dias para entrega do relatório, a contar do retorno da coordenadora dos estudos.

Art. 4º As despesas com os servidores da Funai e seus deslocamentos serão custeadas por meio do Plano Operacional Identificação, Delimitação, Georreferenciamento e Regularização Fundiária de Terras Indígenas e de Reservas (POO02), Plano de Trabalho Resumido (PTRES) 232174 - Plano Interno 9069IDE, Centro de Custos 123G16.

Art. 5º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

LUCIA ALBERTA ANDRADE DE OLIVEIRA

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura nº 1: Mapa da Área de Estudo: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	4
Figura nº 2: Bacia hidrográfica – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	39
Figura nº 3: Altimetria – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	42
Figura nº 4: Pedologia – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	44
Figura nº 5: Vegetação – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	46
Figura nº 6: Map of the River Juruá from an estimated distance of 980 Geographical Miles from its mouth (Chandless, 1869) (fragmento).....	49
Figura nº 7: “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”. Carte ecclesiastique (Tastevin, s/d).....	55
Figura nº 8: “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”. Carte ecclesiastique (Tastevin, s/d). O círculo no mapa ressalta a região da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	55
Figura nº 9: Migração do grupo Kulina do Manoel Hosso.....	101
Figura nº 10: História da Migração.....	120
Figura nº 11: Mapa Origem e vínculo dos habitantes da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	142
Figura nº 12: Localização dos povos indígenas que pertencem à família linguística Arawá e ocupam a região Juruá-Purus.....	180
Figura nº 13: Croqui da aldeia Igarapé do Índio (1).....	205
Figura nº 14: Croqui da aldeia Igarapé do Índio (2).....	206
Figura nº 15: Croqui da aldeia Três Barracas.....	218
Figura nº 16: Croqui da aldeia Gaviãozinho.....	225
Figura nº 17: Locais de pesca, coleta e caça: trecho 1.....	271
Figura nº 18: Locais de pesca, coleta e caça: trecho 2.....	272
Figura nº 19: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trecho 1.....	291
Figura nº 20: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trecho 2.....	292
Figura nº 21: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis.....	368
Figura nº 22: Mapa pressões e ameaças -TI Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	391
Figura nº 23: Desmatamento 2007-2004 – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	393
Gráfico 1 – Série histórica de óbito por suicídio 2011-2016.....	442
Gráfico 2 – Tentativas e óbitos por suicídio por Polo Base 2015.....	443
Gráfico 3 – Tentativas e óbitos por suicídio por Polo Base 2016.....	444
Gráfico 4 – Tentativas de suicídio por etnia 2015.....	444
Gráfico 5 – Tentativas e óbitos suicídio por etnia 2016.....	445
Gráfico 6 – Usuários de medicação psicotrópica 1º semestre 2016.....	445
Gráfico 7 – Usuários de bebidas alcoólicas 2015-2016.....	447
Gráfico 8 – Notificações de violência por Polo Base 2015-2016.....	447

Figura nº 24: Mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho.....	463
Figura nº 25: Mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Três Barracas.....	479
Figura nº 26: Mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio....	485
Figura nº 27: Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos <i>tocorime</i>	503
Figura nº 28: Mapa Sobreposição de Gleba Pública na proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	533
Figura nº 29: Mapa - Imóvel rural (CAR) incidente na proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	535
Figura nº 30: Mapa não indígenas – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	538
Figura nº 31: Sobreposição RDS-Cujubim – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	542
Figura nº 32: Sobreposição da RDS-Cujubim na proposta de limite da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	543
Figura nº 33: Mapa cadastral das ocupações não indígenas levantadas em campo em relação à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	546
Figura nº 34: Mapa “Panorama fundiário da região da proposta da Terra Indígena Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	556
Figura nº 35: Mapa proposta de delimitação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	576

ÍNDICE DE QUADROS (E/OU TABELA)

Quadro nº 1: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos.....	61
Quadro nº 2: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos.....	80
Quadro nº 3: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos.....	91
Quadro nº 4: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos.....	146
Quadro nº 5: Quadro Demonstrativo Aldeia Igarapé do Índio – 2 024.....	232
Quadro nº 6: Quadro Demonstrativo Aldeia Três Barracas – 2024.....	233
Quadro nº 7: Quadro Demonstrativo Aldeia Gaviãozinho – 2024.....	234
Quadro nº 8: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos.....	238
Quadro nº 9: Divisão tradicional das atividades.....	265
Quadro nº 10: Paisagens/lugares e as principais atividades associadas.....	274
Quadro nº 11: Instrumentos de pesca utilizados pelos Madija (Kulina).....	281
Quadro nº 12: Levantamento de animais de pesca na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.....	283
Quadro nº 13: Descrição das técnicas e instrumentos utilizados na área de estudo	295
Quadro nº 14: Levantamento de animais de caça na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.....	297
Quadro nº 15: Etapas do Processo de implantação de um roçado.....	310
Quadro nº 16: Levantamento de espécies cultivadas na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.....	312
Quadro nº 17: Levantamento do extrativismo na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.....	324
Quadro nº 18: Calendário sazonal da área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.....	358
Quadro nº 19: Cosmologia Kulina: paisagens e lugares.....	361
Quadro nº 20: Localização e frequência de uso das áreas de mata imprescindíveis ao território em estudo.....	375
Quadro nº 21: Localização e frequência de uso das áreas de várzea imprescindíveis ao território em estudo.....	375
Quadro nº 22: Localização e frequência de uso das áreas de capoeira imprescindíveis ao território em estudo.....	376
Quadro nº 23: Localização e frequência de uso da área de restinga imprescindível ao território em estudo.....	378
Quadro nº 24: Localização e frequência de uso das áreas de chavascal/buritizal imprescindíveis ao território em estudo.....	378
Quadro nº 25: Localização e frequência de uso das áreas de palhal imprescindíveis ao território em estudo.....	379
Quadro nº 26: Localização e frequência de uso das áreas de cipós imprescindíveis ao território em estudo.....	379
Quadro nº 27: Localização e frequência de uso das áreas de barreiros imprescindíveis ao território em estudo.....	379
Quadro nº 28: Localização e frequência de uso das áreas de varadouros imprescindíveis ao território em estudo.....	380
Quadro nº 29: Localização e frequência de uso das áreas de furos imprescindíveis ao território em estudo.....	381

Quadro nº 30: Localização e frequência de uso da área de rio imprescindível ao território em estudo.....	382
Quadro nº 31: Localização e frequência de uso das áreas de igarapés imprescindíveis ao território em estudo.....	382
Quadro nº 32: Localização e frequência de uso das áreas de sacado imprescindíveis ao território em estudo.....	384
Quadro nº 33: Localização e frequência de uso das áreas de lagos imprescindíveis ao território em estudo.....	385
Quadro nº 34: Localização e frequência de uso das áreas de praia imprescindíveis ao território em estudo.....	386
Quadro nº 35: População Kulina na região do Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	407
Quadro nº 36: Ocupantes não indígenas da TI Kulina Igarapés do Índio/Gaviãozinho (Genoveva).....	528
Quadro nº 37: Categorias fundiárias incidentes sobre a proposta da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	531
Quadro nº 38: Informações relacionadas ao registro da Gleba Alegrete.....	532
Quadro nº 39: Relação de imóveis rurais (CAR) sobrepostos à proposta de delimitação da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	535
Quadro nº 40: Classificação dos imóveis rurais (CAR) com sobreposição à TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	437
Quadro nº 41: Dados administrativos, normativos e de gestão da RDS-Cujubim	541
Quadro nº 42: Caracterização e perfil socioeconômico das ocupações não indígenas.....	547
Quadro nº 43: Relação de imóveis e ocupantes não indígenas sobrepostos à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	551
Quadro nº 44: Relação dos ocupantes não indígenas x realização da citação.....	554
Quadro nº 45: Síntese da análise fundiária e recomendações.....	479

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Foto nº 1: porto da antiga aldeia-roçado-cemitério Dsajo-Samuel.....	10
Foto nº 2: Nelly coordenadora CR-Funai Vale do Javari.....	18
Foto nº 3: Neto, coordenador CTL-Funai Eirunepé-AM.....	19
Foto nº 4: Reirei e Bedi. Mapeamento região do Lago Coatá-Gaviãozinho.....	33
Foto nº 5: casa do Bedi e da Cidinha. Aldeia Três Barracas.....	37
Foto nº 6: anciã Rora. Aldeia Três Barracas.....	79
Foto nº 7: Sarah (cartógrafa GT) e Marilena (ambientalista GT).....	93
Foto nº 8: Oma Kulina, ancião e liderança. Aldeia Igarapé do Índio.....	103
Foto nº 9: Anari fazendo farinha. Aldeia Gaviãozinho.....	106
Foto nº 10: Cossaro-Pedro. Pesca matrinxã.....	114
Foto nº 11: Sedsí Kulina. Mapeamento aldeia-roçado-cemitério Cossohi.....	138
Foto nº 12: anciã Nomija indicando local sepultamento Tinija.....	176
Foto nº 13: Luzia e as netas durante Oficina de Etnomapeamento.....	187
Foto nº 14: Maria, Atori, Obo e Roberto. Ritual do <i>Ajie</i>	198
Foto nº 15: crianças e mulheres no ritual do <i>Ajie</i>	202
Foto nº 16: Dseca Kulina, ancião e liderança. Aldeia Gaviãozinho.....	211
Foto nº 17: Igarapé Ini Ppajani. Região Igarapé do Índio.....	235
Foto nº 18: cipó <i>Rami</i> : Peba-Rivaldo e Cossaro-Pedro.....	262
Foto nº 19: fogareiros de cerâmica confeccionados por Toho.....	266
Foto nº 20: preparação da caiçuma-bebida para o ritual do <i>Ajie</i>	269
Foto nº 21: Quirisi liderança aldeia Gaviãozinho.....	269
Foto nº 22: Reirei e Irewahi. Pesca lago Coatá durante atividades GT.....	275
Foto nº 23: igapó local reprodução pirarucu.....	280

Foto nº 24: Bahuai e Aimore. Caça de caititu na restinga do Lago do Mato.....	288
Foto nº 25: Dsaho plantando melancia no roçado novo.....	303
Foto nº 26: Flechal do Oma. Aldeia Igarapé do Índio.....	306
Foto nº 27: Bananal do Equene. Aldeia Três Barracas.....	307
Foto nº 28: produtos do roçado da Toho. Aldeia Igarapé do Índio.....	309
Foto nº 29: roçado do Evaldo. Aldeia Três Barracas.....	309
Foto nº 30: Dsiquija-Zahahah tecendo cocá para ritual <i>Ajie</i>	319
Foto nº 31: cipó ambé. Mapeamento restinga Lago do Mato.....	321
Foto nº 32: seringueira com marcas de extração do látex.....	323
Foto nº 33: Quirisi apresentando mandioca tradicional Deni.....	348
Foto nº 34: solo encharcado chavascal-buritizal nascente do Igarapé Comororo...	350
Foto nº 35: igarapé “onde Omaco-Chico Cidade coletava água para beber.....	356
Foto nº 36: aldeia Três Barracas.....	358
Foto nº 37: mapeamento varadouro - aldeias Três Barracas e Gaviãozinho.....	367
Foto nº 38: ossada de pirarucu morto por não indígenas no Lago do Mato.....	387
Foto nº 39: lixo dos não indígenas em atividades de pesca ilegal.....	389
Foto nº 40: Rivaldo, Genoveva, Sedsi, Cossaro-Pedro e Marilena.....	396
Foto nº 41: Evaldo Kulina, chefe da aldeia Três Barracas durante atividades GT	399
Foto nº 42: Amassa Kulina, anciã, liderança e pajé. Aldeia Gaviãozinho.....	403
Foto nº 43: entardecer na aldeia Gaviãozinho.....	406
Foto nº 44: Morato preparando a filha para o ritual do <i>Ajie</i> com pintura corporal	409
Foto nº 45: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Igarapé do Índio.....	410
Foto nº 46: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Três Barracas.....	428
Foto nº 47: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Gaviãozinho.....	433

Foto nº 48: matrinxãs assados - mapeamento região do Igarapé do Gaviãozinho	441
Foto nº 49: remédio tradicional para picada de cobra.....	451
Foto nº 50: porto na aldeia Três Barracas.....	458
Foto nº 51: Poço do <i>tocorime</i> cobra sucuri.....	460
Foto nº 52: antiga aldeia-roçado-cemitério Terra Alta.....	462
Foto nº 53: Boconi indicando local sepultura de seu filho Namia.....	477
Foto nº 54: Mapa mental região do Gaviãozinho.....	478
Foto nº 55: Tesadi, Sedsi e Cossaro. Lago Veneza.....	481
Foto nº 56: roçado e cemitério onde está sepultada Leni.....	483
Foto nº 57: antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Dsajo.....	491
Foto nº 58: Nomija Kulina, anciã e liderança. Aldeia Gaviãozinho.....	496
Foto nº 59: mapeamento Lago do Sacado: aldeia-roçado-cemitério.....	497
Foto nº 60: Lago do Mato. Região do Igarapé do Índio.....	500
Foto nº 61: porto antiga aldeia-roçado Piranha.....	502
Foto nº 62: pajé Porainom Kulina. Ritual do <i>Ajie</i>	504
Foto nº 63: árvore do <i>rami dsajoma</i> . Aldeia Três Barracas.....	505
Foto nº 64: Tesadi-Irineu. Mapeamento barreiro Mopohuasira.....	508
Foto nº 65: <i>sapoto</i> -paneiro tradicional Kulina.....	511
Foto nº 66: comida tradicional Kulina: <i>poho teppe</i>	513
Foto nº 67: Sedsi-Sérgio. Reunião de anuência e pactuação dos limites da TI.....	515
Foto nº 68: plantação de urucum no roçado da Amassa.....	519
Foto nº 69: mulheres e crianças participando da Reunião de anuência.....	523
Foto nº 70: Ritual do <i>Ajie</i> realizado no encerramento das atividades do GT.....	523
Foto nº 71: Lago do Sacado e a fumaça das queimadas. Região Igarapé do Índio	524

Foto nº 72: Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites.....	564
Foto nº 73: anciã Toho e a filha Lucimar. Reunião de pactuação e anuência.....	572
Foto nº 74: mapeamento Lago Veneza. Região Três Barracas/Gaviãozinho.....	588
Foto nº 75: aldeia Igarapé do Índio.....	589
Foto nº 76: casa de farinha: preparando a goma para fazer beiju-tapioca.....	589
Foto nº 77: palmeira bacaba na antiga aldeia São Longuinho.....	590
Foto nº 78: anciã Joni e sua filha Boconi. Aldeia Gaviãozinho.....	590
Foto nº 79: aldeia Gaviãozinho.....	591
Foto nº 80: antiga aldeia-roçado do Equene-Rosineide.....	591
Foto nº 81: Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites.....	592
Foto nº 82: Aimore, Neuza e Boquini. Reunião de anuência e pactuação.....	592
Foto nº 83: antiga aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto.....	593
Foto nº 84: base de apoio GT. Aldeia Gaviãozinho.....	593

LISTA DE ANEXOS

- 1** Fotografias
- 2** Lista dos depoimentos gravados em vídeos transcritos e traduzidos
- 3** Censo População da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho - Agosto/2024
- 4** Dados Cartográficos Georreferenciados: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho
- 5** Carta de Anuência dos Kulina sobre a delimitação da Terra Indígena
- 6** Lista de presença Oficina de Etnomapeamento
- 7** Documento citado no relatório: Certidão de Nascimento de Porainom Kulina
- 8** Documento citado no relatório: Certidão de Nascimento de Quirisi Zezinho Kulina
- 9** Documento citado no relatório: Certidão de Nascimento de Anari Kulina
- 10** Documento citado no relatório: Laudo médico: Macao Kulina
- 11** Portaria Funai nº 1.204, 31/10/2024. GT-Fundiário: TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
- 12** Resumo para publicação em imprensa oficial

SIGLAS

AGU – Advocacia Geral da União
CAR – Cadastro Ambiental Rural
CASAI – Casa de Saúde Indígena
CGID – Coordenação Geral de Identificação e Delimitação
CIMI – Conselho Indigenista Missionário
CNS – Conselho Nacional das Populações Extrativistas
COMIN – Conselho de Missão entre Índios
CONDISI-DSEI-MRSA – Conselho Distrital de Saúde Indígena do Médio Rio Solimões e Afluentes
CTL – Coordenação Técnica Local
DSEI-MRSA – Distrito Sanitário Especial Indígena do Médio Rio Solimões e Afluentes
FEPI/AM – Fundação Estadual de Política Indigenista do Amazonas
FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas
FVS – Fundação de Vigilância Sanitária
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INEI – Instituto Nacional de Estadística e Informática (Peru)
MPF – Ministério Público Federal
ONG – Organização Não Governamental
OPAN – Operação Amazônia Nativa
RESEX Baixo Juruá – Reserva Extrativista do Baixo Juruá
RESEX Médio Juruá – Reserva Extrativista do Médio Juruá
RESEX Rio Jutai – Reserva Extrativista do Rio Jutai
SEI – Sistema Eletrônico de Informações
SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena
SIASI – Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena
SIL – Summer Institute of Linguistics
SPI – Serviço de Proteção aos Índios
STI – Sistema de Terras Indígenas
RDS-Cujubim – Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim
RDS-Uacari – Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari
TI – Terra Indígena

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Contextualização da reivindicação fundiária Kulina e antecedentes do procedimento administrativo	2
1.2	A pesquisa de gabinete e o trabalho de campo do GT	16
2	OS KULINA E O CONTEXTO CULTURAL E HISTÓRICO	34
2.1	Filiação cultural e linguística	34
2.2	Localização da terra indígena	35
2.3	Aspectos ambientais da região onde está localizada a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho	37
2.3.1	Hidrografia	38
2.3.2	Clima	40
2.3.3	Relevo e solo	40
2.3.4	Vegetação	45
2.4	Os primeiros registros do contato dos Kulina com as frentes de expansão	47
2.5	Registros históricos sobre os Kulina nos arquivos do Serviço de Proteção aos Índios – SPI	65
2.6	Outros registros do século XX sobre a presença dos Kulina em todo o curso do Rio Juruá	87
2.7	Histórico de ocupação de acordo com registros históricos de organizações indigenistas	93
2.8	A origem da ocupação histórica nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho: a relação de conflito e aliança entre os subgrupos de Omaco-Chico Cidade e de Dsajo-Samuel	109
2.9	A memória oral dos Kulina: movimentação do pessoal de Omaco-Chico Cidade e Dsajo-Samuel no Médio e Baixo rio Juruá	121
2.10	Terras tradicionais com os quais os Kulina que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho mantêm relação de parentesco, aliança ou naturalidade	138
3	A MOBILIDADE TERRITORIAL KULINA E AS PRÁTICAS DE SECESSÃO	143
4	CRITÉRIOS KULINA DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL	169
4.1	Plantar e sepultar: a importância dos roçados e cemitérios na construção do vínculo com o território	175
4.2	Os subgrupos <i>madija</i>: um critério de ocupação tradicional Kulina	179
4.2.1	Uma visão geral dos subgrupos arawá e sua relação com um território específico	180
4.2.2	Os subgrupos Kulina	188
5	DESCRIÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS ALDEIAS, COM RESPECTIVA POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO	205
5.1	População, famílias e residências na aldeia Igarapé do Índio	205
5.2	População, famílias e residências na aldeia Três Barracas	218
5.3	População, famílias e residências na aldeia Gaviãozinho	225
5.4	Uma síntese sobre a habitação permanente	235
6	A ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA DOS KULINA	264
6.1	Uso dos recursos naturais nos ambientes	269

6.2	As atividades de pesca.....	275
6.3	As atividades de caça.....	288
6.4	As atividades agrícolas.....	303
6.5	Extrativismo vegetal.....	319
7	DESCRIÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS COM OUTROS GRUPOS INDÍGENAS E COM A SOCIEDADE ENVOLVENTE	344
7.1	Relações socioeconômicas e culturais com a sociedade envolvente	344
7.2	Relações socioculturais com outros grupos indígenas da região.....	345
8	CLASSIFICAÇÕES ETNOAMBIENTAIS E AS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS PARA OS KULINA NA TI IGARAPÉ DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO	350
8.1	Contexto histórico, geográfico e ambiental da região onde está localizada a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho	351
8.2	Classificações etnoambientais	356
8.3	Classificações etnoespaciais	360
8.4	Áreas imprescindíveis para os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho	368
8.5	Locais específicos de uso e ocupação na terra indígena.....	375
8.6	Principais conflitos socioambientais na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.....	386
8.7	Depoimentos das principais lideranças da TI sobre as ameaças ambientais e o projeto de futuro: porque é necessário o reconhecimento da TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	395
9	A REPRODUÇÃO FÍSICA DO POVO KULINA	407
9.1	Dados sobre a mortalidade na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho a partir da história de vida das famílias.....	409
9.1.1	História de vida das famílias na aldeia Igarapé do Índio	410
9.1.2	História de vida das famílias na aldeia Três Barracas.....	427
9.1.3	História de vida das famílias na aldeia Gaviãozinho	433
9.2	Fatores que interferem no crescimento populacional.....	441
9.2.1	Dados gerais do suicídio Kulina.....	442
9.2.2	Dados do processo de alcoolização entre os Kulina	446
9.2.3	Análise do suicídio: tentativas de compreender esse evento multifatorial.....	448
9.3	O território <i>comade</i> da embriaguez: conhecimento, prazer e morte.....	451
10	REPRODUÇÃO CULTURAL: RELAÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO E O XAMANISMO.....	453
10.1	O cuidado com os territórios dos <i>tocorime</i> é saúde e conhecimento	458
11	A TERRA SAGRADA DA ALDEIA-ROÇADO-CEMITÉRIO.....	461
11.1	Locais de relevância simbólica na região do Gaviãozinho	463
11.1.1	Antiga aldeia-roçado São Longuinho.....	464
11.1.2	Antiga aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto	464
11.1.3	Antiga aldeia-roçado-cemitério Terra Alta	466
11.1.4	Antiga aldeia-roçado-cemitério Flechal	468
11.1.5	Antiga aldeia-roçado-cemitério Santa Luzia.....	473

11.1.6	A atual aldeia Gaviãozinho é um cemitério	473
11.1.7	Antiga aldeia de Socorro Kulina, filha do Porainom	477
11.2	Locais de relevância simbólica na região do Igarapé Três Barracas	479
11.2.1	Antiga aldeia-roçado-cemitério lago Veneza	480
11.2.2	Antigo roçado e cemitério onde está sepultada Leni	481
11.2.3	Aldeias antigas na região do igarapé Três Barracas	483
11.3	Locais de relevância simbólica na região do Igarapé do Índio	485
11.3.1	A habitação permanente na terra tradicional do Igarapé do Índio a partir da história de vida da anciã Toho Kulina	486
11.3.2	Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi, filho de Oma e Toho	490
11.3.3	Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Dsajo-Samuel	490
11.3.4	Antiga aldeia-roçado-cemitério Igarapé Preto	495
11.3.5	Antiga aldeia-roçado-cemitério Lago do Sacado	497
11.3.6	Antiga aldeia-roçado Lago do Mato	500
11.3.7	Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultada Deji, filha de Porainom	501
11.3.8	Antiga aldeia-roçado Mari-Mari	501
11.3.9	Antiga aldeia-roçado Piranha	502
11.4	Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos <i>tocorime</i>	503
12	DOS LIMITES E MARCOS SIMBÓLICOS FUNDAMENTAIS NA TERRA TRADICIONALMENTE OCUPADA NOS IGARAPÉS DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO ..	506
12.1	Limite oeste da TI (margem direita): igarapé Três Bocas, Lago do Mato e Manguba (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	506
12.2	Limite sul da TI (margem direita): TI Kanamari do Rio Juruá/cabeceiras dos Igarapés do Índio/Preto/Matrinxã (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	508
12.3	Limite norte da TI (margem esquerda): igarapé Pajurá (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	508
12.4	Limite norte da TI (margem esquerda): rio Mutum (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	511
12.5	Limite leste e ponto de conexão da TI (margem direita): Lago Santa Cruz, igarapé Coringa e Providência (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	513
12.6	Limite oeste e ponto de conexão da TI (margem esquerda): grande região que abrange a terra tradicional no Flechal, Santa Luzia, Mapuriné, Ubi, Pilão, Laranjal e Coatá (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	515
12.7	Limite leste da TI (margem esquerda): Furo da Rodagem, lago Maxirixi e igarapé/lago Tibuteu (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)	519
13	O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO NÃO INDÍGENA NA REGIÃO DOS IGARAPÉ DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO	524

14	LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO	529
14.1	Categorias fundiárias incidentes sobre a proposta da TI Kulina Igarapé do Índio/Gaviãozinho.....	531
14.1.1	Gleba Alegrete.....	531
14.1.2	Imóvel rural particular.....	534
14.1.3	Sobreposição com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim (RDS-Cujubim) sobre a terra indígena.....	539
14.2	Levantamento realizado em trabalho de campo pelo GT Fundiário	544
14.2.1	Descrição por comunidade e ou localidade.....	544
14.3	Pesquisa cartorial	550
14.4	Notificação/citação de ocupantes não indígenas.....	552
14.5	Síntese fundiária da área em estudo.....	555
15	CONCLUSÃO SOBRE A OCUPAÇÃO DOS KULINA NA TERRA TRADICIONAL NOS IGARAPÉS DO ÍNDIO E GAVIÃOZINHO	558
16	DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA KULINA DO IGARAPÉ DO ÍNDIO E IGARAPÉ DO GAVIÃOZINHO	572
16.1	Memorial descritivo de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota 2025).....	574



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS





MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



1 INTRODUÇÃO

Este é o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, localizada nos municípios de Itamarati-AM e Jutai-AM, e de ocupação tradicional do povo Kulina. Sua elaboração seguiu as diretrizes dispostas na Lei nº 6.001/73, na Portaria nº 14/1996 e na Portaria nº 2.498/2011 do Ministério da Justiça; e contempla igualmente todos os trâmites processuais e prazos regulados no Decreto nº 1775/1996, no artigo 231 da Constituição Federal de 1988 e na nova Lei Federal nº 14.701/2023. O documento respeita a determinação da Portaria nº 1.048/PRES/FUNAI, publicada em 18 de julho de 2024, na qual a Presidenta Substituta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), Lucia Alberta Andrade de Oliveira, resolveu: “Constituir um Grupo Técnico (GT) com o objetivo de realizar os estudos de natureza antropológica, etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica e ambiental necessários à identificação e delimitação da reivindicação denominada Aldeia Baku, Aliança Furo Preto, Gaviãozinho e Mari-Mari, passando a denominar Terra Indígena Gaviãozinho, reivindicada pelos povos Kanamari e Kulina Madijá, no município de Itamarati, no Estado do Amazonas, com a seguinte composição: I – Genoveva Santos Amorim, antropóloga; colaboradora eventual, como Antropóloga-Coordenadora; II – Marilena Altenfelder de Arruda Campos, doutora em ecologia aplicada; colaboradora eventual, como Profissional da Área Ambiental; e III – Sarah Martins Novais Frota, mestre em geografia; colaboradora eventual, como Cartógrafa”.

A Portaria nº 1.048/PRES/FUNAI, 18/07/2024 faz referência também às áreas Aldeia Baku e Aliança Furo Preto, terras tradicionais Kanamari. Entretanto, este relatório de identificação e delimitação é exclusivo das áreas Gaviãozinho e Mari-Mari – agora denominada Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.

Além disso, de modo específico, este produto atende a uma demanda prevista no Contrato de Prestação de Serviços Técnicos Nº 029/2024, firmado com a Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (Finatec), instituição vinculada à Universidade de Brasília (UnB). Dentro desse marco legal e institucional, na qualidade de coordenadora do Grupo Técnico (GT), apresento este Relatório Final, com a sistematização dos dados resultantes de pesquisas históricas, bibliográficas e de campo.

Outrossim, este produto insere-se no âmbito de um Acordo de Cooperação Técnica firmado entre a Funai e a Finatec, publicado no Diário Oficial da União em 21 de março de 2024. Esse acordo constitui um instrumento voltado ao apoio do processo de regularização fundiária de terras indígenas e à promoção do ordenamento territorial, numa parceria oficial entre a sociedade civil e o Estado brasileiro.

1.1 Contextualização da reivindicação fundiária Kulina e antecedentes do procedimento administrativo

Há vários anos, os Kulina da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho reivindicam providências do poder público para que seus direitos sejam respeitados. Os indígenas que habitam essa região vivem, há muito tempo, em estado de completa invisibilidade em relação ao acesso a serviços públicos básicos.

A partir da pesquisa de campo realizada entre os dias 4 de agosto de 2024 e 5 de setembro de 2024 (33 dias de duração), elaborou-se o censo completo da população da região. A TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, localizada na região do Médio Juruá, nos municípios de Itamarati-AM e Jutai-AM, possui 109 habitantes, 20 casas e 25 famílias. A referida TI é composta por três aldeias: Igarapé do Índio (afluente da margem direita do rio Juruá), Três Barracas (deságua no lago Veneza), e Gaviãozinho (afluente da margem esquerda do rio Juruá).

Os Kulina reivindicam a demarcação de sua terra tradicional, identificada como Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, com uma superfície aproximada de 206.701,79 hectares - duzentos e seis mil, setecentos e um hectares e setenta e nove centiares e perímetro aproximado de 475,8 km (quatrocentos e setenta e

cinco quilômetros e oitocentos metros). Uma parte da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho se sobrepõe com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim, criada pelo Decreto nº 23.724, do Governo do Estado do Amazonas, em 5 de setembro de 2003, com uma área aproximada de 2.450.381,56 hectares. A área em sobreposição é de 47.294 hectares mil hectares o equivalente a aproximadamente 22% da área total da TI. É necessário salientar que a sobreposição não implica conflitos entre os Kulina e os moradores da RDS-Cujubim e por outro lado reforça a proteção do Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural.

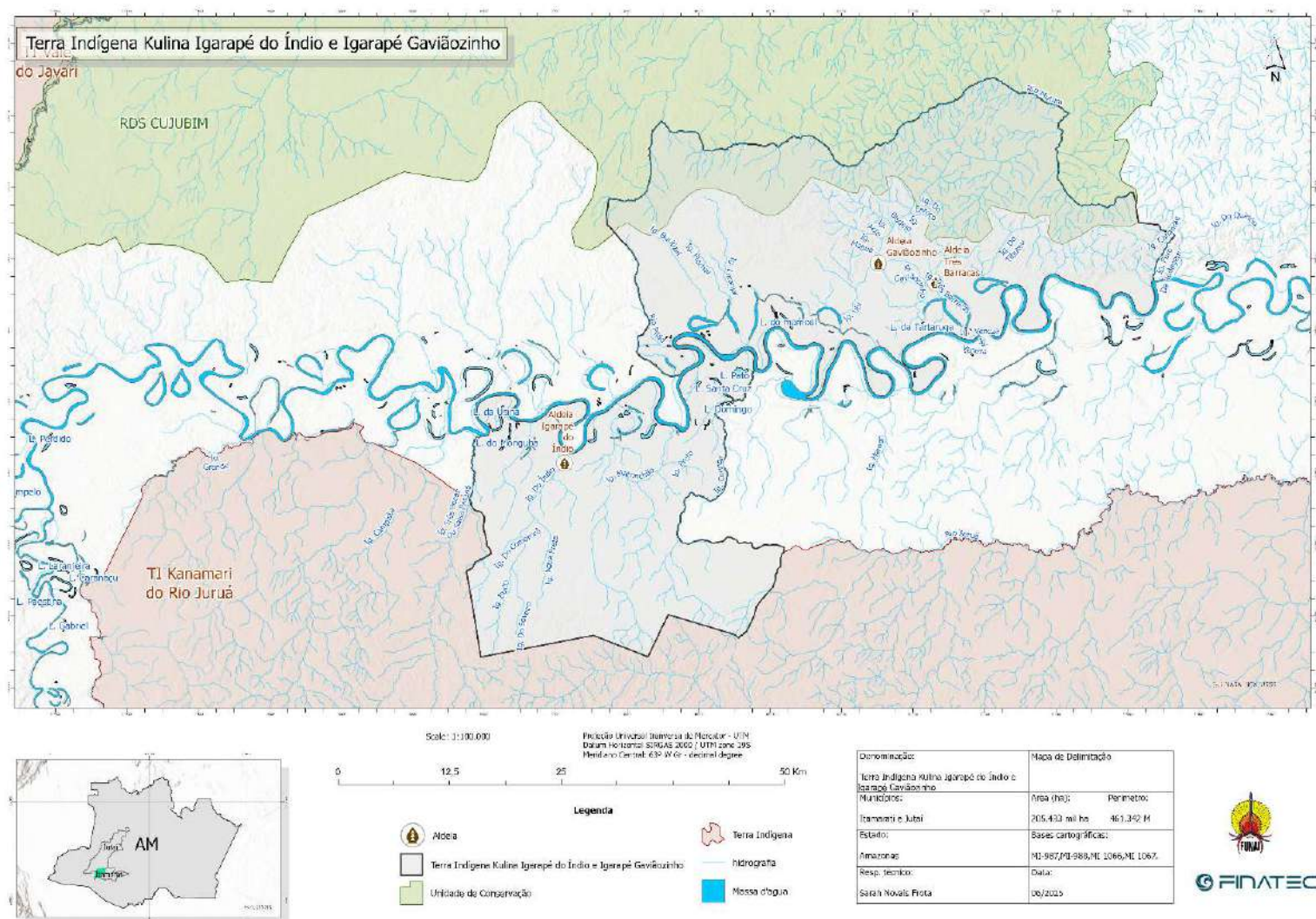


Figura nº 1: Mapa da Área de Estudo: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

Em 2002, os Kulina deram os primeiros passos ao solicitar a demarcação de sua terra tradicional no Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Essa reivindicação consta nos arquivos documentais do Sistema Eletrônico de Informações (SEI-FUNAI). Contudo, há apenas um documento que evidencia a preocupação da Funai em conhecer a realidade e as demandas da população Kulina desse território.

A seguir, apresenta-se um resumo do “Dossiê Reinvidicações de Aldeias em Itamarati-AM (ID 171) (1250209)”, acessado por meio do Processo SEI-FUNAI-08620.00483-2019-51. O documento reúne informações a respeito de áreas das comunidades Aliança do Furo Preto, Baku, Taquara/Gaviãozinho e Mari-Mari. É necessário esclarecer que, nesses processos administrativos, a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho aparece provisoriamente denominada como “Mari-Mari” (referente à aldeia antiga localizada no Igarapé do Índio) e “Taquara/Gaviãozinho” (“Taquara”, terra tradicional Kanamari; e “Gaviãozinho” ou “Igarapé do Gaviãozinho”, terra tradicional Kulina).

A principal peça relevante do Dossiê é o “Relatório de levantamento de informações sobre a área etnográfica XIV – Juruá/Purus”. O documento é fruto de uma pesquisa de campo realizada entre os dias 11 de outubro e 4 de dezembro de 2002, conduzida pelo antropólogo Estevão Lemos Barreto, Coordenador da Área Etnográfica XIV e lotado na Administração Executiva Regional da Funai em Manaus-AM:

O presente relatório é produto da II Etapa do Levantamento Preliminar que atende a Instrução Executiva nº 58/DAF/02 - Brasília, 11 de junho de 2002, trata-se, pois de verificação e levantamento de informações sobre a Área Etnográfica XIV – JURUÁ/PURUS e, neste momento em especial o Médio Rio Juruá com abrangência dos municípios de Itamarati, Eirunepé, Ipixuna, Envira e Guajará município que faz limite com Cruzeiro do Sul município do Estado do Acre.

[...]

No Plano Operacional do GT definiu-se como objetivo geral a realização de um levantamento preliminar das comunidades indígenas localizadas na região do Médio Juruá que ainda não foram mapeadas pela Funai e desse modo, visando levantar e fornecer subsídios aos estudos futuros de identificação e delimitação de suas terras. [...]

Baseado no resultado das atividades de campo, o relatório tem por objetivo fornecer subsídio para o planejamento e a definição de cronograma de atividades do Departamento de Identificação e Delimitação de Terras Indígenas na região referida e consequentemente abordando as questões de logística para o planejamento dos GTs (Barreto, 2002, p. 01)

Barreto apontou a escassez de informações sobre a existência e a localização das aldeias no rio Juruá:

Embora tenha se verificado o avanço significativo do processo de regularização fundiária das terras indígenas do rio Juruá de acordo com o que reza na Constituição de 1988, ainda é necessário que se faça um trabalho minucioso de investigação para que não fique de fora de identificação nenhuma aldeia indígena entre as que já foram demarcadas no Médio Juruá (Barreto, 2002, p. 02).

Como metodologia de trabalho, o antropólogo realizou entrevistas com indígenas e ribeirinhos residentes nas comunidades às margens do rio Juruá, bem como representantes de instituições públicas e organizações não-governamentais que atuavam na região:

[...] Nas conversas informais com algumas pessoas obtive informações das quais fui checando no decorrer da viagem, subindo e descendo o médio Juruá, com paradas programadas e as vezes não intencionais em várias comunidades tais como: Estirão do Carapana, Imperatriz, Manaria, São Francisco, Boca do Xeruã, Boa Esperança, Walter Bruni, Maxirixi, Gaviãozinho, Igarapé do Índio, Miriti, Aldeia Matrinxã, Aldeia São Vicente, Aldeia Degredo, Aldeia Piau, Aldeia Boa Vista, Campinas, Aldeia Triunfo, Aldeia Cacau, Soriano e Aldeia Mari-Mari.

[...]

Pelo menos nessa 2ª etapa do levantamento preliminar do médio Juruá, pude constatar e localizar a existência de 4 grupos étnicos sendo eles: **Aldeia Baku – grupo Kanamari, Aldeia Aliança Furo Preto – grupo Kanamari e Tukuna, Aldeia Gaviãozinho – grupo Kulina e Aldeia Mari-Mari – grupo Kulina**¹.

[...]

Todos os grupos étnicos que habitam a região do Juruá conhecem seus limites territoriais, portanto, o limite da área, na compreensão dos próprios índios, é “até por onde pode ir sem encontrar inimigos”. Com essa imagem de propriedade territorial, eles têm um conhecimento claro e definido sobre as fronteiras da sua terra. Para saber onde começa e termina, o tamanho e os limites da área eles não precisam de uma demarcação com picadas, marcos e placas. Isso é uma prática e conceitos culturais da instituição governamental para torná-la legal perante a sociedade nacional e protege-los legalmente e visivelmente a área contra a invasão de não-índios. Assim os índios que habitam nas aldeias que ainda não foram demarcadas pela Funai, aguardam ter uma participação ativa no processo, principalmente na

¹ Grifos do autor.

identificação dos limites de sua terra, do mesmo jeito quando os “Mandija” participaram na auto-demarcação da área Kulina do Médio Juruá. Praticamente conhecem os locais das antigas moradias (aldeias) e os cemitérios. Juntos a estes pontos a história oral das aldeias é o “documento de posse” da memória: ela diz onde moravam os ancestrais (Barreto, 2002, pp. 03, 04, 06)

Em 27 de novembro de 2002, o antropólogo localizou a aldeia Gaviãozinho (nas coordenadas S 06° 26' 419", W 068° 55' 633") no município de Itamarati, estado do Amazonas. Na época, a aldeia Kulina possuía cinco casas, cinco famílias e um total de 18 habitantes. A aldeia está situada às margens do Igarapé do Gaviãozinho, que desemboca no lago Veneza, e que, por sua vez, deságua na margem esquerda do rio Juruá. Sendo que o acesso para a aldeia é por via fluvial:

Distância da cidade de Itamarati até a comunidade Gaviãozinho.

Fluvial: De barco Chalana de 02 (duas) rabeta de 23 HP de cada são aproximadamente 24 horas de viagem, com uma velocidade média de 08 km/h.

De motor de popa de 15 HP, partindo da comunidade Gaviãozinho são aproximadamente 05 horas de viagem até chegar à aldeia Gaviãozinho (Barreto, 2002, p. 16).

Em sequência, Barreto localizou a aldeia Mari-Mari (nas coordenadas S 06° 39' 010" W 069° 14' 382"), no Igarapé do Índio, afluente da margem direita do rio Juruá, também no município de Itamarati-AM. A aldeia possuía 26 moradores, que habitavam sete casas constituídas por seis famílias. O acesso à aldeia é por via fluvial no período de inverno. No verão, parte do percurso é realizado por via terrestre:

Percurso: Cidade de Eirunepé até a aldeia Mari-Mari, pelo barco regional Chalana de 02 (duas) rabeta de 18 HP, com uma velocidade média de 08 km/h de Eirunepé até a boca do lago são aproximadamente 12hs de viagem. Da boca do lago até a aldeia são aproximadamente 40 minutos de motor de popa de 15 HP no inverno. No verão são 20 minutos da boca do lago até a entrada do caminho que dá aceso até a aldeia com mais 35 minutos de caminhada.

[...]

Na chegada o Senhor Aroldo Kulina – 23 anos, casado e agente de saúde da aldeia logo reconheceu e nos convidou para entrar na casa do Chiquinho Kulina – irmão do Zezinho Kulina, cacique da aldeia. O senhor Zezinho Kulina havia saído da aldeia para visitar os parentes da aldeia Santa Rita na Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá, no igarapé Três Bocas e logo retornaria para a aldeia. [...]. Naquele momento

estavam presentes 13 pessoas entre adultos e crianças (Barreto, 2002, p. 21-22).

Nas considerações finais, o antropólogo registra afirmações pertinentes quanto à necessidade urgente de demarcação e reconhecimento oficial da terra indígena:

[...] Todos os grupos étnicos apresentaram o interesse pela regularização fundiária de suas terras e assim aguardam a posição da Funai para que se inicie os trabalhos de identificação das áreas. [...].

É necessário que se faça a regularização fundiária o quanto antes, para que posteriormente não se crie conflito entre índios e os ribeirinhos com relação ao programa de Zona Franca Verde do Governador eleito do Estado do Amazonas - Senhor Eduardo Braga, uma vez que as áreas em questão são detentoras de grandes seringais de interesses dos ribeirinhos. Portanto, o momento ainda é favorável para regularização fundiária das terras em questão sem que haja muitos conflitos de interesses. Outro fator importante para a regularização das terras é que em todas não há nenhum tipo de devastação da mata, com abundância muito grande de peixe, caça e madeira o que significaria com a regularização a preservação de várias espécies de animais e vegetais. Oferecendo aos índios a condição de reprodução física e cultural (Barreto, 2002, p. 26).

No dia 4 de setembro de 2006, o chefe de Serviço Fundiários da Funai, Sebastião Carlos Baptista, enviou o Memorando Nº 075/SFU/AER/MAO para a Diretora de Assuntos Fundiários da Funai. O documento solicita a inclusão das novas áreas indígenas no Sistema de Terras Indígenas (STI) e encaminha o “Relatório de Levantamento de Informações sobre a área Etnográfica XIV – JURUÁ/PURUS” – fruto da pesquisa feita através dos “Formulário para Registro inicial de demandas por Novas Terras Indígenas e Áreas”.

No formulário – que traz como assunto a “Reivindicação de Identificação e Delimitação de Terra Indígena Taquara/Gaviãozinho” – consta a demanda do grupo indígena Kulina pela demarcação da terra “Igarapé Gaviãozinho, que desemboca no lago Veneza, que por sua vez o furo desemboca na margem esquerda do Rio Juruá, nas coordenadas geográficas 06°26’4192S e 67°55’633’W na folha cartográfica SB, 19-Z-A”. O registro foi realizado em 31 de agosto de 2006 (por Sebastião Carlos Baptista, Chefe do Serviço Fundiário). A fonte de informações é o relatório elaborado pelo antropólogo Estevão Lemos Barreto (trabalho de campo de 11 de outubro a 4 de dezembro de 2002 – Dossiê Reinvidicações de Aldeias em Itamarati-AM [ID 171] [1250209] SEI-FUNAI-08620.00483-2019-51 /p. 02).

Por sua vez, o formulário que traz a “Reivindicação de Identificação e Delimitação de Terra Indígena Mari Mari” apresenta a demanda pela demarcação de terra do grupo indígena Kulina, no município de Itamarati-AM: “Igarapé do Índio, afluente da margem direita do rio Juruá, nas coordenadas geográficas 06°39’102S e 69°1423822W na folha cartográfica SB 19-Y-B” (informações da expedição de campo do antropólogo Estevão Lemos Barreto, 2002). O documento foi registrado no dia 31 de agosto de 2006, por Sebastião Carlos Baptista (Chefe do Serviço Fundiário).

Em síntese, a pesquisa documental nos arquivos do Sistema Eletrônico de Informações (SEI-FUNAI), realizada nos processos administrativos referentes a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé Gaviãozinho, revela que os Kulina acionaram a Funai para demarcar a área em 2002. Na época, os Kulina encaminharam os primeiros documentos reivindicando o reconhecimento oficial de seu território, com vistas a garantir seu direito constitucional de usufruto exclusivo da terra tradicionalmente ocupada. Desde então, o processo estagnou, não houve nenhuma movimentação administrativa ou inclusão de novos arquivos no sistema SEI. Enquanto isso, os Kulina ficaram sem perspectivas de demarcação de sua terra. Por outro lado, as invasões por não indígenas intensificaram-se para explorar recursos naturais, como caça, madeira, pescado e quelônios. Ademais, a falta da demarcação do território impede o acesso pleno dos Kulina a políticas diferenciadas voltadas à saúde, educação escolar, proteção territorial e geração de renda. Tais direitos são fundamentais para que esse povo indígena possa manter sua reprodução física e cultural. Por sua vez, a escassez de informações sobre essa terra indígena e seus habitantes reflete a situação extrema de abandono e vulnerabilidade na qual vivem essas pessoas.

Nesse sentido, é pertinente reiterar que, há mais de 22 anos, os Kulina solicitam providências efetivas do poder público para que sejam realizados estudos qualificados que registrem e oficializem o direito originário sobre a terra que tradicionalmente ocupam no Igarapé do Índio/Gaviãozinho.



Foto nº 1: porto da antiga aldeia-roçado-cemitério Dsajo-Samuel.
Região Igarapé do Índio: 15/08/2024 (Genoveva)

Recentemente, o Ministério Público Federal expediu a Recomendação Legal nº 09/2022 (27/05/2022) Conjunta - 5º Ofício/PR/AM e PR/AC (PR-AM-00022605/2022)². Nesse expediente, os procuradores assinalam a omissão histórica do Estado brasileiro para com os Kulina, exigindo que os órgãos públicos adotem medidas para sanar os problemas relacionados à invisibilidade social que afeta esse povo. A seguir, transcrevo alguns dos itens:

CONSIDERANDO as atribuições do 5º Ofício da PR/AM e da PR/AC sobre os procedimentos relativos aos direitos das populações indígenas, das comunidades quilombolas, tradicionais e demais matérias afetas à 6ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal;

[...]

CONSIDERANDO que a relação das comunidades indígenas com seus **territórios está associada, não apenas ao aspecto de subsistência e do uso diferenciado dos recursos naturais, mas também ao sentimento de pertencimento a um determinado grupo que compartilha de um modo de vida próprio, sendo este o núcleo de sua existência;**

[...]

CONSIDERANDO que apesar das grandes distancias entre aldeias, em regiões muito afastadas entre si, existe uma **circulação intensa e constante de parentes ao longo do vasto território de**

² Esta Recomendação Legal nº 09/2022 de 27/05/2022 (PR-AM-00022605/2022) não consta nos arquivos de processos administrativos da SEI-Funai. Acesso via MPF-AM.

ocupação Madija, implicando visitas frequentes e mudanças constantes de moradias;

CONSIDERANDO que a **organização social Madija** é atravessada pela existência e dispersão de vários **subgrupos que recebem o nome de animais ou plantas e são identificados a determinadas localidades**, de modo que *‘a tendência marcada destes grupos à divisão e dispersão seja contrabalançada a esta tendência a nomeação e localização de parentes distantes’* contribui para a não identificação de uma unidade sociopolítica entre os Madija. E a dinâmica das relações entre os diferentes subgrupos – pautadas por relações de parentesco e afinidade, mas também por conflitos – dificulta o reconhecimento consensual de uma única figura ou subgrupo que possa representar a totalidade dos indígenas Madija (Kulina);

CONSIDERANDO que os **Madija foram um dos primeiros povos indígenas a iniciar o processo de autodemarcação de seus territórios no Brasil, entre os anos 1980 e 1990**, a partir da mobilização ativa dos indígenas ao longo de encontros e assembleias com representantes de diversas aldeias Madija e, em alguns casos, de outros povos, além do apoio de organizações, como a União das Nações Indígenas do Acre, Noroeste de Rondônia e Sul do Amazônia (UNI), do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e do Conselho de Missão entre Índios (COMIN);

[...]

CONSIDERANDO que em 1991 foram homologadas as TI's Kulina do Rio Envira, Cacau do Tarauacá e Kaxinawa do Rio Humaitá; em 1996, a TI Alto Purus; em 1998, a TI Kulina do Médio Juruá; em 2001, a TI Kulina do Igarapé do Pau; em 2003, a TI Jaminawa/Envira; em 2004, a TI Kumaru do lago Ualá e a TI Deni;

CONSIDERANDO que a mobilização dos Madija pela demarcação e garantia de seus territórios no período da redemocratização do país é um emblema de resistência frente à **série de agressões e violências que sofreram ao longo da história de sua ocupação na área do Juruá-Purus**, sobretudo durante o período da exploração da borracha, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX;

CONSIDERANDO que a **frente extrativista do caucho (que subia do Peru em direção ao Brasil) e a seringueira (saindo do Amazonas em direção à Bolívia) fez com que vários Madija se deslocassem** de suas terras para fugir dos seringueiros nordestinos e caucheiros peruanos que buscavam liberar o território para a produção da borracha, dizimando grupos inteiros; o que passou a ser conhecido pelo nome de **“correries”**;

[...]

CONSIDERANDO que também há presença Madija em cidades de outros municípios, como Tefé, e em áreas que ainda não foram demarcadas como no município de Carauari (AM), onde os habitantes da aldeia Matatibem aguardam o processo de demarcação da TI Kulina do Rio Eré;

[...]

CONSIDERANDO o debate sobre a classificação dos Madija (Kulina) como “povo de recente contato” pela Funai, que utiliza essa categoria para identificar as etnias que *“mantêm relações de contato permanente e/ou intermitente com segmentos da sociedade nacional e que, independentemente do tempo de contato, apresentam singularidades em sua relação com a sociedade nacional e seletividade (autonomia) na incorporação de bens e serviços”*;

[...]

CONSIDERANDO que apesar de os desafios, as dificuldades e as violências que os Madija têm enfrentado na interação com o “mundo dos brancos” reforçarem o seu enquadramento enquanto “povo de recente contato”, essa classificação não tem sido levada em consideração na formulação de políticas públicas para essa etnia ou sequer tem sido lembrada nos documentos técnicos do órgão indigenista, a ponto de a própria Funai omitir os Madija do texto de apresentação sobre os povos de recente contato em sua página oficial da internet;

CONSIDERANDO que mesmo com seus territórios demarcados entre os anos de 1990 e 2000, o povo Madija tem sido atravessado por **um quadro grave de vulnerabilidade social desde o início dos anos 2010**, aproximadamente, com situações cada vez mais frequentes de **privação de direitos e violências**, sobretudo no meio urbano que são marcadas, por exemplo, por **furtos, roubos, retenção de cartões bancários, inserção em redes intermináveis de dívidas, consumo problemático de bebidas alcoólicas e gasolina, insegurança alimentar, desnutrição infantil, agressões físicas, estupros, óbitos por afogamento, suicídios e homicídios**;

[...]

CONSIDERANDO que, entre o final de 2018 e o início de 2019, foram realizadas oficinas com os Madija do município de Carauari (Baixo Juruá), que ocupam área ainda não demarcada no rio Eré (aldeia Matatibem). E que tais oficinas foram desenvolvidas pela Cáritas da Prelazia de Tefé e pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI-Tefé), no contexto do projeto “Garantindo a defesa de direitos e a cidadania dos povos indígenas do médio rio Solimões e afluentes”, financiado pela União Europeia e pela Agência Católica para o Desenvolvimento Internacional (CAFOD), com o intuito de levantar dados sobre o conjunto de violações de direitos que recaem sobre os povos indígenas da região;

[...]

CONSIDERANDO que a partir da segunda metade de 2021, com o arrefecimento da pandemia, a coordenação de Saúde Indígena da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas (SES-AM), após ser provocada pelo Ministério Público Federal, acionou a Coordenação de Acompanhamento de Saúde Indígena (COASI) da Funai, com o intuito de construir um plano emergencial de apoio ao povo Madija (Kulina)³, considerando a situação de extrema vulnerabilidade social em que ainda se encontram, para retomar as

³ Grifo dos autores.

atividades que ficaram em segundo plano durante o período mais crítico da pandemia e buscar melhor compreender por que as articulações e acordos firmados desde 2014, por meio da realização de seminários e audiências públicas voltadas à garantia dos direitos e do bem viver do povo Madija, não resultaram em melhorias concretas na qualidade de vida dos indígenas;

CONSIDERANDO que, a partir da ação acima, foram realizadas nove reuniões entre julho de 2021 e fevereiro de 2022, que tiveram início com um encontro específico para discutir a situação crítica dos Madija no município de Juruá e culminaram na criação da Rede Interinstitucional de Atenção aos Indígenas Madija Kulina. E o primeiro encontro contou com a participação das coordenações regionais (CR's) da Funai de Manaus e do Alto Solimões, da Coordenação Técnica Local (CTL) de Eirunepé, da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) no Amazonas e do Centro de Atenção Psicossocial: álcool e outras drogas de Manaus (CAPS AD), focando no contexto do Baixo Juruá⁴;

CONSIDERANDO que, ao longo das reuniões, foi considerada a necessidade de contemplar não apenas a situação do atendimento aos Madija no Baixo Juruá, mas também no Médio e Alto Juruá, e no Alto Purus, considerando as situações muito semelhantes de violência, vulnerabilidade social e negação de direitos que ocorrem entre os Madija dessas regiões. E desse modo, as instituições que atuam nessas outras regiões passaram a ser convidadas para os debates e incorporadas na Rede de Atenção Madija, como a CR Alto Purus, a CR Alto Juruá e os DSEIS Médio Rio Solimões e Afluentes (MRSA), Alto Rio Purus (ARP) e Alto Rio Juruá (ARJ), bem como as instituições da sociedade civil organizada, como o CIMI, OPAN e o COMIN, pesquisadores, indigenistas e o próprio Ministério Público Federal que, em outubro de 2021, instaurou procedimento administrativo para acompanhar as medidas a serem adotadas pelos órgãos participantes da rede de apoio ao povo indígena Madija (Kulina) – (PA nº 1.13.000.002131/2021-51);

[...]

CONSIDERANDO que cada GT constitui-se como uma instância própria de debates, articulações e encaminhamentos a nível local, enquanto a Rede deve atuar como uma espécie de fórum inter-regional, espelhando o modelo das Comissões e do Comitê de Ações Indigenistas proposto no I Seminário de Promoção e Proteção dos Direitos Sociais Indígenas no Médio Juruá⁵. A criação da Rede de Atenção Madija tem como objetivo promover a troca de informações entre as diferentes instituições que acompanham a realidade social dos Madija e, sobretudo, gerar encaminhamentos e medidas concretas que assegurem o direito ao bem viver desse povo;

[...]

CONSIDERANDO que na última semana de novembro de 2021, o CIMI realizou no município de Carauari Oficina⁶ sobre

⁴ Grifos dos autores.

⁵ Grifo dos autores.

⁶ Grifo dos autores.

Procedimentos Administrativos de Demarcação de Terras Indígenas – Terra Indígena, um Direito Constitucional – que discutiu como os indígenas Tukuna (Kanamari) e Madija (Kulina) da região o contexto das políticas públicas voltadas aos povos indígenas, bem como as ações e legislações do Estado em todas as esferas;

[...]

Resolvem RECOMENDAR aos Prefeitos (as) e Secretários (as) municipais de Saúde, Educação, Produção e Assistência Social dos dez municípios que compõem a área de ocupação Madija (no Baixo Juruá: **Tefé/AM, Juruá/AM e Carauari/AM**; no Médio Juruá: **Itamarati/AM, Eirunepé/AM e Ipixuna/AM**, no Amazonas; no Alto Juruá: **Feijó/AC**; e no Alto Purus: **Santa Rosa do Purus/AC e Manoel Urbano/AC, no Acre**); na pessoa do (a) representante legal, ou quem o (a) suceder, que, no **prazo de 15 (quinze) dias**⁷;

[...]

Resolvem RECOMENDAR a (o):

- Presidente da Fundação Nacional do Índio-FUNAI/DF; Coordenação de Acompanhamento de Saúde Indígena – COASI/FUNAI; Coordenação Geral de Promoção dos Direitos Sociais – CGPDS/FUNAI; Coordenação de Geração de Renda – CGR/FUNAI; Coordenação Geral de Etnodesenvolvimento-CGETNO/FUNAI;
- Coordenadores ou substitutos das Coordenações Regionais (CR's) FUNAI CR Alto Purus (CTL Santa Rosa do Purus e CTL Sena Madureira), CR Alto Juruá (CTL Feijó); CR Alto Solimões (CTL Carauari); CR Vale do Javari (CTL Eirunepé);
- Secretário Especial de Saúde Indígena-SESAI;
- Coordenadores dos DSEIS Médio Rio Solimões e Afluentes (MRSA), Alto Rio Purus (ARP) e Alto Rio Juruá (ARJ);
- Ministério da Cidadania e Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS – vinculada ao antigo Ministério do Desenvolvimento Social-MDS que firmou o TC 01/201 com MPF em Eirunepé/AM);
- Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos;
- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação-FNDE;
- Ministério da Educação / SEMESP (Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação);
- Casa Civil da Presidência da República;
- Secretaria de Estado de Assistência Social-SEAS/AM;
- Secretaria de Saúde do Estado-SES/AM;
- Secretaria de Produção (SEPROR/AM) e IDAM;
- Fundação Estadual do Índio-FEI/AM;
- Casa Civil do Governo do Estado do Amazonas;
- membros da Rede de atenção Psicossocial (RAPS) no Amazonas e no Acre;

Que no prazo de 15 (quinze) dias:

I – Participem efetivamente e, no âmbito de suas atribuições, adotem as medidas cabíveis para articulação junto aos demais órgãos federais, estaduais e municipais para implementação e funcionamento

⁷ Grifo dos autores.

regular (sugestão de reuniões mensais e em menor prazo se necessário) da Rede Interinstitucional de Atenção aos Indígenas Madija Kulina, [...]

II – Informe ao MPF cronograma de medidas a serem adotadas para a efetivação de tais articulações e da Rede, conforme compromisso firmados em diversos eventos, assembleias, seminários mencionados na presente recomendação, como o I Seminário de Promoção e Proteção dos Direitos Sociais Indígenas do Médio Juruá em 2014, a agenda interinstitucional em 2018 no município de Eirunepé (que originou o Termo de Compromisso 01/2018), entre outros;

III – Manifestem-se sobre a adesão e participação ativa na Rede Interinstitucional de Atenção aos Indígenas Madija Kulina agendada para 12/07/2022 às 13h00 (Acre), 14h00 (Manaus) e 15h00 (DF) por meio de videoconferência pelo aplicativo Zoom, cujo link segue:

[...]

Fixa-se o **prazo de 15 (quinze) dias** para que os destinatários informem ao Ministério Público Federal o acatamento da presente recomendação, encaminhando esclarecimentos detalhados acerca das providências adotadas para seu cumprimento por meio de Protocolo Eletrônico;

[...]

Assinatura/Certificação do documento

PR-AM-00022605/2022 RECOMENDAÇÃO nº 9-2022

Signatário(a) **FERNANDO MERLOTO SOAVE**

Data e Hora: **27/05/2022 05:06:48**

Procurador da República – PR/AM

Signatário(a): **LUCAS COSTA ALMEIDA DIAS**

Data e Hora: **27/05/2022 10:02:06**

Procurador da República – PR/AC (MPF, Recomendação

Legal nº 09/2022, p. 01-07; 16-17; 19-21; 25-31):

Quando os Kulina solicitam a demarcação de seu território, deixam clara a relação que estabelecem com ele. Esta relação não é meramente de propriedade (ou com vistas a produzir bens de mercado), mas é, acima de tudo, uma relação de cuidado. A concepção de território deste povo indígena acessa pontos fundamentais de sua existência. Nesse sentido, o desejo Kulina de ter esse direito garantido é respaldado pela Recomendação Legal nº 09/2022, que enfatiza que a relação das comunidades indígenas com seus territórios está associada não apenas à subsistência e ao uso diferenciado de recursos. Essa relação com a terra tradicional constitui o próprio núcleo de existência desses povos. A relação com a terra constrói uma identificação que é ao mesmo tempo individual e coletiva, pois fomenta sentimentos de pertencimento das pessoas a um

determinado povo indígena que ao compartilhar um território passam também a compartilhar um modo de vida próprio (Ministério Público Federal, 2022, p. 01).

O reconhecimento que o poder público judiciário confere aos subgrupos Kulina é algo memorável, pois muitos não consideram esse elemento como determinante de sua identidade atual. Verifica-se que, frequentemente, o fracasso na aplicação de políticas públicas direcionadas a eles decorre da visão equivocada de tratar os Kulina como um único grupo ou povo homogêneo (“uma totalidade”), a despeito de todas as suas especificidades e diversidades internas (ver Ministério Público Federal, 2022, p. 03-04).

A mesma Recomendação Legal nº 09/2022 (p. 04-05) reconhece as agressões e violências históricas sofridas pelos Kulina durante o processo de colonização. Essa peça jurídica agrega elementos que apontam para o deslocamento forçado dos Kulina de seus territórios. Impactos como os da fuga das “correrias”, da maldade dos patrões e das epidemias (que serão apresentados a seguir) configuram a história de vida das famílias que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, destacando a obrigação do Estado de reparar esses danos históricos.

Seguindo essa linha argumentativa, os procuradores cobram que a Funai (que classificou os Kulina como “povo de recente contato”) respeite a singularidade e a autonomia Kulina na forma como incorporam bens e serviços da sociedade nacional (Ministério Público Federal, PR-AM-00022605/2022, p. 07).

Do mesmo modo, a escassez de dados sobre essa terra indígena e seus moradores reforça o descaso e a situação de abandono dos Kulina durante toda sua trajetória de ocupação desse território. São os Kulina que protegem e cuidam de sua terra tradicional sem nenhum apoio do Estado brasileiro. Não há como justificar o atraso desse processo. Se, por um lado, a ausência de providências efetivas de demarcação fomenta conflitos entre indígenas e não-indígenas – pela posse e acesso aos recursos naturais –; por outro, impede o acesso pleno dos Kulina às políticas diferenciadas de atenção a direitos básicos. Dessa forma, urge o reconhecimento oficial da TI Kulina nos Igarapé do Índio/Gaviãozinho.

1.2 A pesquisa de gabinete e o trabalho de campo do GT

No estudo anterior ao trabalho de campo, realizei um levantamento de fontes bibliográficas e documentais⁸. Contudo, o procedimento metodológico de checagem de informações e dados se estendeu ao longo de toda a atuação do GT. A pesquisa bibliográfica incluiu informações publicadas em sítios na internet, relatórios de atividades de organizações não governamentais (ONGs), relatórios técnicos de governos e consultorias, teses, dissertações, artigos, livros, notícias e imagens de satélite. Entre as fontes utilizadas, estão: Centro de Referência Virtual Indígena, Museu do Índio Acervos Arquivísticos e Bibliográficos, site de busca do Google, Instituto Socioambiental (ISA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e documentos cedidos pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

Complementar à pesquisa bibliográfica e histórica, efetuaram-se leituras e análises dos processos administrativos referentes a demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé Gaviãozinho, por meio do Sistema Eletrônico de Informações (SEI-FUNAI). Todo o trabalho foi conduzido respeitando os trâmites, prazos e procedimentos legais assegurados na Lei nº 6.001/73, Portaria nº 14/1996 e Portaria nº 2.498/2011 do Ministério da Justiça, e considerando igualmente todos os trâmites processuais e prazos regulados no Decreto nº1775/1996, artigo 231 da CF 1988 e a nova Lei Federal nº 14.701/2023.

Este GT realizou trabalho de campo de 4 de agosto a 5 de setembro de 2024⁹, com ações de pesquisas nas aldeias Igarapé do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho. A equipe de apoio contou com a colaboração de Pedro-Cossaro Kulina (tradutor) e de um barco com dois tripulantes e um piloto/cozinheiro¹⁰. Nas atividades de campo nas aldeias Três Barracas e Gaviãozinho, uniram-se aos trabalhos do GT as lideranças da aldeia Igarapé do Índio Rivaldo-Peba, Tesadi-Irineu e Sedsi-Sérgio.

Meu primeiro destino foi a cidade de Manaus, onde foram efetuadas as compras dos insumos necessários para o trabalho de campo. Em Eirunepé, nos dias 6 e 7 de agosto, cuidou-se da logística para a viagem e realizou-se uma reunião com Neto (chefe CTL

⁸ O meu conhecimento da língua Kulina (oral e escrito) é fruto da relação de mais de vinte anos com os Kulina no Baixo Juruá, iniciada nos anos '90 no CIMI; em pesquisas acadêmicas dos cursos de mestrado e doutorado e, recentemente, em 2019, como formadora no curso de professores Kulina no município de Juruá-AM, pelo Projeto Pirayawara, promovido pelo Governo do Estado do Amazonas.

⁹ Como antropóloga coordenadora do GT totalizei 33 (trinta e três) dias de campo.

¹⁰ Membros do GT: três pessoas.

Equipe de apoio: seis pessoas.

Total de pessoas em campo: nove pessoas

Eirunepé) e Nelly (chefe CR Vale do Javari). Essa reunião foi fundamental para o ajuste da agenda, visando à viagem dos coordenadores às aldeias da TI, para apresentação do GT aos Kulina.

No dia 8 de agosto, iniciamos o deslocamento da cidade de Eirunepé para a aldeia Igarapé do Índio. O meio de transporte utilizado até a foz do Igarapé do Índio foi um barco fretado. Do ponto de desembarque na foz do Igarapé do Índio (no rio Juruá) até a entrada do varadouro, que dá acesso a pé a aldeia, usamos um motor rabeta 13hp e um bote de alumínio. Posteriormente, seguimos em caminhada pela floresta por cerca de 25 minutos até a aldeia.

No dia 9 de agosto, chegamos à aldeia Igarapé do Índio, onde fizemos uma ampla reunião para apresentação do GT e dos objetivos do trabalho. Participaram da reunião as coordenações CTL Eirunepé (Neto) e CR Vale do Javari (Nelly).



Foto nº 2: Nelly, coordenadora CR-Funai Vale do Javari (no centro de óculos).
Reunião na aldeia Igarapé do Índio: 09/08/2024 (Genoveva)

Nelly fez uma introdução do seu trabalho e dos membros de sua equipe, comentando a respeito da relevância dos trabalhos do GT, bem como sobre a importância de conhecer as aldeias para um melhor desenvolvimento de projetos.



Foto nº 3: Neto, coordenador CTL-Funai Eirunepé-AM.
Reunião na aldeia Igarapé do Índio: 09/08/2024 (Genoveva)

Em todas as aldeias, aplicamos a seguinte metodologia de trabalho:

- ✓ Em um primeiro momento, realizávamos uma Oficina de Etnomapeamento, na qual apresentávamos o GT e os objetivos do trabalho e planejávamos as atividades. Nessa ocasião, os Kulina definiam as datas e os locais de mapeamento, além de escolherem os responsáveis por acompanhar as atividades diárias do GT. Por meio de conversas estruturadas e da produção de mapas mentais, fazíamos um levantamento inicial dos locais de aldeias antigas, cemitérios, áreas de relevância simbólica, bem como dos recursos hídricos, agrícolas, pesqueiros, cinegéticos, florestais e extrativistas.
- ✓ Posteriormente, realizávamos uma segunda Oficina de Etnomapeamento, utilizando a base cartográfica, na qual os Kulina podiam escrever, desenhar ou marcar pontos importantes a serem considerados no processo de demarcação e delimitação da terra tradicional.

Os moradores da aldeia Três Barracas decidiram ir conosco à aldeia Gaviãozinho para participar das ações do GT. Sugeriram, ainda, juntamente com as lideranças presentes da aldeia Igarapé do Índio, que a Reunião de anuência e pactuação dos limites da TI fosse realizada em Gaviãozinho, para garantir uma maior participação de membros de todas as aldeias.

Assim, no dia 25 de agosto de 2024, realizou-se, na aldeia Gaviãozinho, a Reunião de pactuação e anuência da delimitação da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. A reunião ocorreu na casa da liderança Porainom Kulina e contou com a participação da população das três aldeias da TI: Igarapé do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho. Os depoimentos foram gravados em vídeo, em língua Kulina e constituem também uma forma de registro de anuência, considerando que os Kulina têm orgulho de manter viva a sua língua, embora a falta de acesso à educação escolar os impeça de conhecer o mundo da escrita e o português. Nesse sentido, garantir a fala de homens e mulheres foi fundamental no processo de democratização da discussão e na apropriação do debate para uma efetiva construção conjunta da proposta de limites da TI. Na Sétima Parte desse relatório (Conclusão e delimitação), apresentarei os depoimentos dos Kulina (gravados em vídeo, transcritos em língua vernácula e traduzidos para o português).

Nesse momento, apresento a fala de Cossaro-Pedro Kulina (tradutor do GT) na abertura da Reunião de pactuação e anuência da delimitação da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Em seu depoimento, Cossaro faz um resumo do trabalho do GT e fala da importância da reunião para o processo de demarcação da TI.

Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina – tradutor

[Cossaro]¹¹ Najaro huadadsa huahuainani tohui madija Igarapé do Indiocca, Gaviãozinhocca, Três Barracascca. Três nani trabaianani jine quenadsape.

Ohuadsa ohuahuaque nadsape. Aje ohua naqui occajonejeeraha occa trabalho anini. Ohua secretario ohua inebohi danajarahui. Neraha ajijarodsa Amohuadsa huatti. Trabalho onohuatoterajaro nitide? Ohuana Amohua nema nahua. Occani secretariodsa ohuattionani tohui. Secretariodeni educaçãocca Carauaricca occanidsa occa coordenador anide Joabedsa. Joabedsa ohuationana, reunião tianaccainana obodi ohuattana, documentope precisa. Documentona muito importante nani. Ohuadsa teccajonaina tia libera inani tohui quenade. Nedsape ohua libera iquenajaro. Acca Manauscca aje liga onaneje onahuatoi tohui ticcani tohui. Madijadsa ajuda tani jine, ohuatitinani huajine. Pohua deni explica tani jine. Najaro, jehe. Occanini tohui onedsa. Amohuadsa occanini tohui, tetemade occaninana najaro.

Nedsape jidapanape tiadenidsa dsama huajine najaro amoneje naqui ajima nedsa huahua nedsa ticca ticca huanaje najaro. Aldeia onihi jica, naqui nema. Acco Três Barracasdsa naqui amoneje, badsima, ejedenima. Qquiti quenajaro mapa najaro huatide najaro. Aldeia oniicca naqui huahuanedsa iqqui ajijaro paje. Ajijaro jahuiridsajaro najaro

¹¹ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:24 TimeVideo_20240825_092012.mp4 108MB 1280x720px 03:49

natinipe Funai najari paja najaro poni, occadeni huadadsa jahuijanapo nadsape anini tohui demarcanani huajine. Titani huajine noerani pina tetahuejerinani huajine. Nedsa ferro huehuedserinani huajine. Ajima najaro jicanisatedsana anini huajine. Najaro tiadeni huahuati neraha comanahuidsa tititahui denima natini nanidsa. Coaje titicca nahuato jine, aje huaje. Ohua nahuatohi.

Nidsa ppanidsa neraha, ppanidsa ssaji, topi, najari qqui nahui jine. Ajecca bijini ohuahua occanadeja najaro anijaro. Nani tiadeni jahui tijaridsa nanidsa. Ajicca batto huaje naqui occa nade tani nanidsa anini tohui. Najaro paje madijacca dsama. Codsa najari bijini maitta huahuatajaro. Nanidsa anidsa pajidsa nani huajine. Ajecca toccani Jutai huapi baccotani jine, nemanani jine. Huati huati naraha amonejema ticca ticca huahuana jica najari.

[Tradução]

[Cossaro] Esse é o dia em que todos vocês que moram nas aldeias Igarapé do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas irão se reunir e conversar. Vocês irão trabalhar juntos para delimitar a terra.

A Amohua-Genoveva me convidou para vir ajudar nos trabalhos do GT e contribuir na tradução. Eu queria vir, mas tenho meu trabalho de professor. O secretário de educação não queria deixar eu vir. Então eu conversei com a Amohua-Genoveva e ela achou que eu estava inventando desculpas para não vir para esse trabalho. Então eu fui até Carauari e conversei com o secretário de educação e com o coordenador de educação escolar indígena, o Joabes. Ele disse que para me liberar era necessário um documento solicitando minha participação nesse trabalho. Eu falei por telefone com o pessoal em Manaus (Luciano-Finatec) e disseram que fariam o documento, pois era importante eu explicar em língua Madija o trabalho do GT. Então consegui o documento e a Secretaria de Educação de Carauari me liberou. E eu pude vir com a Amohua¹²-Genoveva para cá.

Hoje é um dia muito importante pois vocês irão definir todos os limites da terra. Todos devem participar. As mulheres vão falar. Todas as aldeias vão falar. Uma aldeia fala e depois a outra. As mulheres e as crianças da aldeia Três Barracas vão falar. Todos vão falar. Todas as pessoas das aldeias podem olhar o mapa e cada um dar a sua opinião. É bom ouvirmos a sugestão de todas as pessoas das aldeias da terra indígena. Vocês precisam desenhar bem o mapa para mandar para a Funai, pois para iniciar a demarcação da terra os limites precisam estar bem definidos.

Com o andamento do processo posteriormente virá uma equipe para abrir as picadas e colocar os marcos de ferros nos locais dos limites. Quando colocar todos os marcos e abrir todas as picadas então vai ficar muito bom. Mas são vocês que sabem os limites da terra de vocês, por isso vocês tem que desenhar bem no mapa. Uma delimitação bem feita vai facilitar o trabalho dos técnicos que vem demarcar e abrir as picadas. Vocês que estão desenhando o mapa e conhecem os lugares vão trabalhar juntos com os técnicos indicando todos os limites da terra.

¹² Amohua é o nome que os Kulina me deram em 1996, e que permanece até hoje.

Quando chegar o inverno, a terra estiver demarcada e vocês quiserem pegar cipó titica e cipó ambé em outro igarapé, vocês poderão ir sem medo. Vocês poderão andar tranquilos na terra de vocês: subir ou descer o igarapé. E se quiserem poderão fazer novos caminhos e andar sem medo em todos os igarapés. A terra será reconhecida oficialmente como terra de Madija-Kulina. E vocês poderão percorrer o caminho antigo até o rio Jutai. É por tudo isso que é importante que todos (homens e mulheres) participem desse momento de delimitação da terra.

Durante os dias 28 e 29 de agosto de 2024, deslocamo-nos da aldeia Gaviãozinho para a aldeia Igarapé do Índio. Parte do GT (Genoveva e Sarah) seguiu a pé pela floresta, utilizando o varadouro que conecta as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho (10 Km), enquanto Marilena (bióloga) e Sidney (motorista) realizaram o deslocamento por via fluvial, através do igarapé do Gaviãozinho. Posteriormente, todos viajaram juntos no barco fretado até a aldeia Igarapé do Índio, onde chegamos no dia 29 de agosto de 2024.

No dia 30 de agosto de 2024, realizamos a Reunião de pactuação dos limites da TI na aldeia Igarapé do Índio. Iniciamos, à posteriori, o deslocamento para a cidade de Eirunepé, onde chegamos ao fim da tarde do dia 31 de agosto de 2024.

O trabalho de campo relatado acima foi realizado com rigor científico-técnico e desenvolvido com metodologias participativas, contou com ampla participação e anuência da comunidade Kulina em todas as etapas; subsidiado por pesquisas antropológicas, ambientais, cartográficas e etno-históricas. O fato da antropóloga, coordenadora do GT, falar e escrever em Kulina, favoreceu a fluidez do trabalho e a participação indígena. Algumas das entrevistas e conversas informais foram registradas em vídeo¹³ e em caderno de campo. Todo o material foi subsequentemente sistematizado, transcrito em língua Kulina e traduzido para português.

No quadro abaixo, consta o cronograma completo das atividades de pesquisa desenvolvidas:

Data	Descrição das atividades
29/07	Depósito adiantamento Finatec
04/08	Deslocamento Santarém-Manaus (voo Gol)

¹³ Conforme determina a Lei Federal nº 14.701/2023 todos os depoimentos foram gravados em vídeos. A hora que consta nos vídeos e fotos segue o fuso horário de Brasília.

05/08	Preparação da viagem de campo: compras de materiais de trabalho em Manaus
06/08	Deslocamento Manaus-Eirunepé (voo Azul). Reunião na sede CTL Eirunepé com Neto (chefe CTL), Sidney, Thiago, Cossaro e os membros da equipe GT (Genoveva e Marilena). Planejamento das atividades de campo e infraestrutura da viagem.
07/08	Preparação da viagem de campo: compras de combustível, alimentação e materiais de campo Apoio na emissão de notas fiscais dos auxiliares de pesquisa: Sidney (piloto/cozinheiro) e Pedro Cossaro Kulina (colaborador/tradutor). Reunião com Neto (chefe CTL Eirunepé) e Nelly (chefe CR Vale do Javari) para programar viagem conjunta às aldeias para apresentação do GT aos Kulina.
08 a 09/08	Deslocamento do GT: Eirunepé – Igarapé do Índio. Meios de transportes usados no deslocamento da cidade de Eirunepé a foz do Igarapé do Índio: barco fretado. Da foz do Igarapé do Índio até o varadouro: motor rabeta 13hp e bote de alumínio. Da entrada do varadouro até a aldeia: caminhada de 25 minutos a pé pela floresta.
09/08	Reunião na aldeia Igarapé do Índio: apresentação e abertura dos trabalhos do GT com as coordenações CTL Eirunepé (Neto) e CR Vale do Javari (Nelly).
10/08	Oficina de Etnomapeamento e planejamento de atividades. Início do mapeamento dos roçados, cemitérios e aldeias antigas com liderança da aldeia: Irineu Kulina
11/08	Mapeamento de locais de caça; aldeias antigas; cemitérios; roçados antigos (capoeiras); coleta de recursos naturais e de pesca. Caminhada guiada pela floresta com lideranças da aldeia: Irineu (M), Sedsí (M), Peba (M) e Midsori (F).

12/08	Continuação da Oficina de Etnomapeamento. Identificação das áreas de uso e de conflitos. Exercício de delimitação da TI usando a base cartográfica. Levantamento populacional (histórias de vida das famílias e parentesco)
13/08	Expedição ao Lago do Mato. Mapeamento do lago e restinga. Locais de pesca; caça; e coleta de ovos de jacarés e quelônios. Levantamento de pontos de invasão e pesca predatória. Partes do deslocamento foram feitas a pé (pelos varadouros) e outras foram feitas usando o motor rabeta Honda 13hp. O acesso ao lago foi feito através de um varadouro que conecta o lago ao rio Juruá (na época do verão). Participaram as lideranças: Irineu (M) e Peba-Rivaldo (M)
14/08	Mapeamento na região do Lago do Sacado: local de coleta de argila para utensílios de cerâmica; pesca; e cemitérios. Caminhada guiada pela floresta: varadouro de caça e coleta de buriti. Participaram do mapeamento as lideranças: Irineu (M), Sedsí (M), Peba (M) e Midsori (F).
15/08	Caminhada guiada pelo varadouro que dá acesso às aldeias antigas, cemitérios e igarapé <i>Ini Ppajani</i>. Participaram as lideranças: Irineu (M), Midsori (F) e Sedsí (M). Reunião na aldeia para levantamento das histórias das famílias e construção conjunta dos limites da TI. Escolha dos representantes do Igarapé do Índio que iriam nos acompanhar a aldeia Gaviãozinho
16 a 18/08	Deslocamento Igarapé do Índio-Gaviãozinho-aldeia Três Barracas. Seguiram conosco os Kulina: Irineu e Sedsí; e o não indígena Rivaldo (Peba) casado com Lucimar Kulina. Reunião de Etnomapeamento na aldeia Três Barracas, planejamento das atividades e levantamento populacional (histórias de vida das famílias e parentesco)

19/08	Caminhada guiada para mapeamento dos roçados (novos e capoeiras); aldeias antigas, varadouros e cemitérios. Participaram do mapeamento todas as famílias da aldeia apresentando seus roçados.
20/08	Deslocamento a pé pela floresta usando o varadouro que conecta as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho (10 Km). Durante o percurso fizemos mapeamento de locais de caça; coleta de recursos naturais; varadouros e aldeias antigas. A maioria dos moradores da aldeia Três Barracas seguiu conosco para participar da reunião e dos trabalhos do GT na aldeia Gaviãozinho (ficaram na aldeia apenas duas mulheres acompanhando uma anciã que tem dificuldades de locomoção). O piloto Sidney fez o deslocamento fluvial através do igarapé do Gaviãozinho (que apresentava péssimas condições de navegabilidade devido à seca na região).
21/08	Reunião na aldeia Gaviãozinho: apresentação do GT e planejamento das atividades. Caminhada para mapeamento dos roçados (novos e capoeiras); aldeias antigas e cemitérios. Participaram do mapeamento todas as famílias da aldeia apresentando seus roçados.
22/08	Ida ao roçado coletar macaxeira para a festa ritual do <i>Ajie</i>. Preparação da caiçuma-bebida. Oficina de Etnomapeamento e início de construção das propostas de limites da TI.
23/08	Caminhada guiada com lideranças da aldeia Gaviãozinho e Três Barracas até o lago Coatá. Mapeamento dos recursos pesqueiros; pesca ilegal; e do varadouro para Flechal (antiga aldeia) e Santa Luzia. Participação a noite do ritual do <i>Ajie</i> no terreiro. No início da manhã Sidney (piloto e cozinheiro) se dirigiu ao rio Juruá, onde estava o barco, para apoiar no deslocamento de Sarah Frota (cartógrafa do GT)

24/08	Levantamento populacional (parentesco, histórias das famílias e do território). Preparação do ritual do <i>Rami</i> . Participação a noite do ritual do <i>Rami</i> na casa do xamã Porainom Kulina.
25/08	Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites da TI a ser demarcada. Participaram lideranças e a população das três aldeias da TI: Igarapé do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho. Chegada de Sarah Frota (cartografa do GT). Evento e depoimentos gravados em vídeo. Preparação da caiçuma-bebida para ritual do <i>Ajie</i> .
26/08	Mapeamento dos cemitérios; capoeiras; pesca ilegal; e aldeias antigas (Ouro Preto e Terra Alta). Deslocamento em canoas e dois motores rabetas 6hp com as lideranças Kulina das aldeias Três Barracas e Gaviãozinho. Almoço preparado pelos Kulina as margens do igarapé Gaviãozinho. Preparação do ritual do <i>Ajie</i> (pinturas faciais). Ritual do <i>Ajie</i> no terreiro no fim da tarde e depoimentos (gravados em vídeo).
27/08	Reunião de encerramento das atividades do GT na aldeia Gaviãozinho.
28 a 29/08	Deslocamento Gaviãozinho-Igarapé do Índio. Parte do GT (Genoveva e Sarah) caminharam a pé pela floresta usando o varadouro que conecta as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho (10 Km). Enquanto Marilena (bióloga) e Sidney fizeram o deslocamento fluvial através do igarapé Gaviãozinho. Marilena e Quirisi Kulina mapearam lagos e furos durante o deslocamento. Chegada à aldeia Igarapé do Índio para articulação da reunião de pactuação e anuência.
30 a 31/08	Reunião na aldeia Igarapé do Índio para pactuação dos limites da TI a ser demarcada e anuência. Deslocamento Igarapé do Índio- Eirunepé

01 a 03/09	A empresa aérea Azul cancelou o voo Eirunepé-Manaus. Ficamos aguardando voo fretado para Tabatinga. Os aeroportos de Cruzeiro do Sul e de Eirunepé permaneceram fechado por vários dias devido as queimadas.
04/09	Deslocamento Eirunepé-Tabatinga (voo fretado); e Tabatinga-Manaus (voo Azul).
05/09	Deslocamento Manaus-Santarém (voo Gol)

Este Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está organizado em sete partes (respeitando o disposto na Portaria MJ nº 14): I – Primeira Parte: Dados gerais; II – Segunda Parte: Habitação permanente; III – Terceira Parte: Atividades produtivas; IV – Quarta Parte: Meio ambiente; V – Quinta Parte: Reprodução física e cultural; VI – Sexta Parte: Levantamento fundiário; VII – Sétima Parte: Conclusão e delimitação.

A Introdução abriga o primeiro capítulo onde constam os dados do processo administrativo de reivindicação fundiária da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. Salienta-se que, embora o processo administrativo tenha sido inicialmente registrado em 2002, a habitação Kulina nessa região é muito mais antiga. No capítulo, ademais, há uma breve caracterização da TI com indicação de nome da terra, localização, população, superfície da área reivindicada e a relação com ocupantes não indígenas. O capítulo encerra com itens que trazem um detalhamento da metodologia de trabalho de gabinete e de campo utilizada pelo GT.

A Primeira Parte: Dados gerais aborda o capítulo dois “Os Kulina e o contexto cultural e histórico” e o capítulo três “A mobilidade territorial Kulina e as práticas de secessão”. Iniciado por uma apresentação geral do povo Kulina a partir de uma ótica histórica e bibliográfica dos primeiros registros dos contatos com as frentes de expansão. A pesquisa baseou-se primordialmente nas documentações de viajantes (Chandless, 1869) e de missionários (Tastevin, 1905-1926), nos arquivos do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Amazonas e Território do Acre (SPI, 1912-1941) e nos arquivos do CIMI-Tefé-AM – resultando em uma descrição detalhada da sequência histórica e cronológica de ocupação Kulina no rio Juruá e seus afluentes. Os documentos retratam como ocorreu a invasão dessas terras tradicionais, onde

sobressaem-se os deslocamentos forçados, as violências, a escravidão, a exploração da mão de obra e as epidemias. Atesta-se que, apesar das descontinuidades territoriais provocadas (em especial pela exploração da borracha e do caucho), há o destaque para a presença dos Kulina na vasta região do rio Juruá e a comprovação da ocupação tradicional da área reivindicada dos Igarapé do Índio/Gaviãozinho desde tempos imemoriais. A pesquisa histórica da ocupação de acordo com a memória oral relaciona a mobilidade Kulina com as práticas de secessão e com o impacto provocado pelos agentes colonizadores. A partir de registros históricos, comprova-se uma habitação continuada ao longo de todo o século XX, inclusive na data da promulgação da Constituição Federal¹⁴. Percebe-se a mobilidade como prática de secessão: um aspecto marcante da cultura Kulina – na qual a forma de ocupação do território tem intrínseca relação com o feitiço que é compreendido como um fator determinante da dispersão. Por outro lado, as violências sofridas pelos Kulina são aspectos propulsores de conflitos internos e externos, fato que torna imperativo a necessidade de regularização do território como meio de viabilizar a reprodução física e cultural desse povo.

A Segunda Parte: Habitação Permanente é composta pelo quarto e quinto capítulo (“Critérios Kulina de ocupação territorial” e “Descrição da distribuição das aldeias, com respectiva população e localização”, respectivamente). Nessa parte, é feita a descrição e a análise da concepção Kulina de território a partir de sua relação com as terras tradicionais, tendo como base registros bibliográficos e históricos pautados em relatos da memória oral. Concluiu-se que o alicerce da relação dos Kulina com a terra tradicional não é de posse ou propriedade, mas é uma relação entre sujeitos, na qual existe uma conexão sagrada/ancestral com o local e com aqueles que o constituem, sejam os vivos, os mortos, os não humanos ou os seres invisíveis. A terra tradicional é, assim, entranhada de carga afetiva e simbólica, habitada e guardada pelo *rami* (cultivo dos Kulina); congregando lembranças de parentes por meio de plantas cultivadas e construindo diferenças e identidades aos subgrupos. Portanto, define-se que é o território

¹⁴ Atualmente, está em vigor a Lei 14.701/2023, cujo artigo 4º submete os critérios constitucionais que caracterizam a tradicionalidade da ocupação indígena em suas terras ao marco temporal de 1988. No entanto, a constitucionalidade deste dispositivo está sendo discutida no Supremo Tribunal Federal no âmbito das ADI 7582 e 7586 e ADC 87. Ademais, a tese do Marco Temporal foi superada pela Suprema Corte no julgamento do RE 1017365 (Tema 1031), ocasião em que se reafirmou que os direitos territoriais indígenas são originários e independentes de marco temporal, de comprovação de posse civil ou de conflito judicializado. Ainda assim, cabe destacar que a presença contínua dos Kulina na Terra Indígena Igarapé do Índio e Gaviãozinho, ao longo dos séculos XX e XXI – incluindo o período anterior, durante e posterior à promulgação da Constituição Federal – encontra-se amplamente documentada no presente Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID).

físico que permite uma constante relação dos Kulina com todos os patamares cósmicos, seja através da preservação dos cursos d'água (rotas de acesso privilegiado ao mundo subterrâneo), seja através dos cuidados com os roçados (que também são locais privilegiados de sepultamento e de acesso saudável aos invisíveis seres *tocorime*). No final da Segunda Parte, há, ainda, uma apresentação das aldeias e das residências, constatando-se que a TI possui 109 habitantes e, 20 casas e 25 famílias. Encerra-se essa parte com uma linha cronológica que inicia com o explorador inglês Chandless (1869) e que culmina em 2002, ano no qual é registrada a reivindicação oficial dos Kulina da terra tradicional do Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Por fim, demonstra-se, a partir da coletânea de documentos e depoimentos, a presença constante e continuada dos Kulina na área a ser delimitada, apontando a comprovação específica e documental de nascimento na TI em 1949 (com presença no ano de 1988).

A Terceira Parte: Atividades produtivas traz o sexto (“A economia de subsistência dos Kulina”) e o sétimo capítulo (“Descrição das relações socioeconômicas e culturais com outros grupos indígenas e com a sociedade envolvente”). Nessa parte são apresentadas as principais características da economia tradicional desenvolvida pelos Kulina e as alterações decorrentes do contato com a sociedade envolvente. O levantamento dos recursos naturais é apresentado através de tabelas e mapas – nas quais é possível acessar informações sobre os locais, as técnicas e os instrumentos utilizados, as espécies cultivadas e silvestres e os animais capturados. Basicamente todos os ambientes foram descritos como frutos da socialização entre humano, não-humanos e sobre-humanos (como os *tocorime*) compreendendo uma cosmologia onde boa parte dos organismos tem algum papel ou agência criadora e fazem de alguma forma parte da vida cotidiana de muitas famílias, seja nas atividades produtivas, de lazer ou ritual. Essa vivência e ocupação do território está inserida em variações rítmicas anuais que são inerentes à vida social e marcam seu ritmo, destacando-se as cheias e secas dos rios, chuvas e estiagem, épocas de frutificações e fases lunares. Todas essas variações produzem uma vivência sensível e atenta às possíveis mudanças conduzindo a dinâmica de movimentação no território e o acesso a diferentes lugares. Concluiu-se que os Kulina caçam, pescam, coletam e praticam agricultura na perspectiva de garantir a soberania alimentar nas aldeias. Além disso, a terra tradicional Kulina tem papel fundamental na preservação do meio ambiente, evidenciado o cuidado adotado para que essas atividades não impactem significativamente a fauna e a flora local ou a relação estabelecida com os seres extra-humanos. Nesse sentido, a demarcação do território é necessária para garantir

a vida de seus moradores em todos os aspectos. No final dessa Parte há uma descrição das relações socioeconômicas e culturais dos Kulina – que habitam a TI em estudo – com a sociedade envolvente e com os povos indígenas Kanamari e Deni.

A Quarta Parte: Meio ambiente possui o oitavo capítulo “Classificações etnoambientais e áreas imprescindíveis para os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”. Essa parte inicia com um levantamento bibliográfico dos aspectos geográficos e socioambientais do rio Juruá (Tastevin, 1920 e Maciel; Gurgel, 1996), seguido por uma descrição das classificações etnoambientais e etnoespaciais dos Kulina a partir de dados documentais (Pollock, 1985) e relatos da memória oral. Reforça-se, também, que é a demarcação da terra tradicional – a parte física e palpável dos patamares cosmológicos (*nami*) – que garantirá a vida dos humanos e de todos os outros seres (visíveis e invisíveis). Nessa parte, destacam-se contribuições relevantes do Relatório Ambiental¹⁵ (Campos, 2025) sobre a forma como os Kulina vivem e classificam paisagens e lugares, bem como dados que justificam a posição e a escolha de determinadas áreas como imprescindíveis para a realização de atividades produtivas, simbólicas e de preservação. Prevaecem informações sobre o calendário sazonal, além de mapas e tabelas com a localização e a frequência de uso destas áreas. Analisa-se, ainda, os impactos e os conflitos na relação com os não indígenas. Os dados são apresentados em tabelas e mapas que trazem informações precisas sobre as principais pressões e ameaças sofridas. Encerra-se essa Quarta Parte com uma série de depoimentos das principais lideranças sobre as ameaças ambientais, o projeto de futuro e a necessidade do reconhecimento oficial da TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Destaca-se a importância das redes de igarapés que vão de suas cabeceiras, com poços, área de lagos com berçários de reprodução de peixes, reprodução de animais e concentração de palmeiras como buritizais e outras palhas, até a foz no rio Juruá com sua várzea, tanto na margem direita do Juruá onde se localiza a aldeia Igarapé do Índio, como na margem esquerda onde se localizam as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho, indo da região do Flechal, até o Furo da Rodagem onde se deslocam para pescar. Importante destacar a importância dos sacados que se localizam na entrada de cada uma dessas regiões (Lago do Sacado e Lago Veneza) que são utilizados, inclusive, como locais de sepultamentos. Atenta-se para a relevância dos varadouros e furos usados para deslocamentos mais distantes. O estudo também ressaltou a importância de conexão entre as áreas da margem

¹⁵ O Relatório Ambiental segue como documento anexo (peça independente).

direita e esquerda do rio Juruá para assegurar todo o fluxo da biodiversidade em um local de importância histórica onde há parentes sepultados. Ressalta-se ainda que a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho está inserida em um contínuo de áreas protegidas que compõem o Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural.

A Quinta Parte: Reprodução física e cultural abrange quatro capítulos (9. A reprodução física do povo Kulina; 10. Reprodução cultural: relação entre o território e o xamanismo; 11. A terra sagrada da aldeia-roçado-cemitério; e 12. Dos limites e marcos simbólicos fundamentais na terra tradicionalmente ocupada nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho). Almeja-se, nesta parte, comprovar como a falta de um território demarcado e as irrisórias políticas públicas (proteção territorial, saúde, educação escolar e sustentabilidade) corroboram para o quadro atual de vulnerabilidade que atravessa o povo Kulina. De maneira mais específica, pretende-se demonstrar como o processo histórico de violência e invisibilidade afeta diretamente os Kulina que habitam a terra tradicional, ainda não demarcada, no Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Diante da escassez de dados sobre mortalidade e natalidade dos Kulina que vivem na TI, a metodologia adotada por este GT consistiu em acessar essas informações por meio das histórias de vida das famílias. Assim, através de vários depoimentos, foi possível reconstituir a trajetória das famílias de todas as aldeias da TI. Essa metodologia permitiu acessar a história de vida das pessoas ao mesmo tempo em que se reconstruiu a história de ocupação da terra tradicional. Concluiu-se, em primeiro lugar, que a ocupação da TI remonta a tempos imemoriais (desde o período da bisavó Suzana, por volta de 1883). Em segundo lugar, verificou-se como o feitiço e os conflitos com não indígenas fomentam a mobilidade dos Kulina. Em terceiro lugar, comprovou-se a estreita relação de parentesco entre as famílias que habitam as três aldeias da TI, uma vez que possuem vínculos com os avôs Omaco-Chico Cidade (subgrupo *biro madija*, tucano araçari *madija*) e Dsajo-Samuel (subgrupo *dsomaji madija*, onça *madija*). Em quarto lugar, observa-se o parentesco que conecta as famílias residentes na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho com os Kulina que habitam outras TI's no Médio e Baixo Juruá. Outro dado relevante é o alto grau de violência expresso nas formas de homicídio, suicídio e mortes por afogamentos decorrentes do uso de bebidas alcoólicas; ou mortes causadas por doenças provenientes do processo de alcoolização. Objetivando conectar as realidades das famílias que habitam a TI à dos Kulina residentes na região do Médio e Baixo Juruá, bem como analisar os fatores que interferem no crescimento populacional, realiza-se uma análise dos dados da

série histórica sobre suicídio e das principais causas de morte (dados fornecidos em 2016 pelo DSEI-MRSA), a partir da concepção Kulina de doença. Conclui-se que a reprodução física, social e cultural dos Kulina nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho tem relação direta com a demarcação da terra indígena, sendo essa uma pauta prioritária em um conjunto de ações de reparação pelas perdas e violências históricas advindas do processo de colonização e da relação com a sociedade envolvente. A referida parte traz ainda a descrição, identificação e localização das terras sagradas, fruto da conexão peculiar aldeia-roçado-cemitério. Através de uma série de depoimentos, comprova-se também a sobreposição entre as histórias de determinados lugares e as de vida das famílias. Dentro dessa realidade, as aldeias antigas integram memórias afetivas através de recordações da terra dos “vovôs” Dsajo-Samuel e Omaco-Chico Cidade ou da toponímia (igarapé *Ini Ppajani*: local do banho da vovó). Ademais, as aldeias antigas (e atuais) são impreterivelmente roçados e locais de sepultamentos, o que as transformam em portais de acesso ao *nami bodi*: o mundo dos *tocorime* ou mundo dos parentes mortos. Encerra-se a parte com uma caracterização dos limites na terra tradicionalmente ocupada nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho.

A Sexta parte: Levantamento fundiário contém o capítulo treze “O processo histórico de ocupação não indígena na região dos Igarapé do Índio/Gaviãozinho” e o capítulo quatorze “Levantamento fundiário”. Essa Parte inicia com uma descrição do processo histórico de ocupação dos não indígenas na região e em seguida identifica-se e caracteriza-se os tipos de ocupação não indígenas. De acordo com os levantamentos realizados pelo GT Fundiário (Portaria Funai nº 1.204, 31/10/2024), constatou-se a presença de 14 ocupantes não indígenas dentro da área a ser demarcada, totalizando 26 famílias e 113 pessoas. Esse GT identificou diferentes tipos de ocupação: posseiro, arrendatário e usufrutuário. O Relatório Circunstanciado de Levantamento Fundiário indica que a área em estudo incide majoritariamente sobre terras públicas estaduais não destinadas, conhecidas como Gleba Alegrete, e sobre parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim, unidade de conservação de uso sustentável. A RDS-Cujubim, criada em 2003, apresenta uma interação significativa com a área em estudo, com uma sobreposição territorial de 47.294 mil hectares (22,74% sobreposição da RDS sobre a área em estudo). Sobre esse processo cabe sublinhar que, em observância ao disposto na Lei nº 14.701/2023 e na Portaria MJ nº 2498/2011, foi franqueada a participação dos entes federados no procedimento de identificação e delimitação, houve comunicação oficial da Funai aos entes federados (municípios de Jutai-AM e Itamarati-

AM; e governo do Estado do Amazonas). As ocupações não indígenas identificadas na área não apresentam, até o momento, documentos que comprovem propriedade formal. Tratam-se, principalmente, de situações de posse, arrendamentos ou registros no Cadastro Ambiental Rural (CAR), que, por sua natureza, não geram direito real sobre a terra nem se sobrepõem ao processo de demarcação, conforme estabelecem a Constituição Federal e a Lei nº 14.701/2023. Vale ressaltar que todo esse processo vem sendo conduzido com atenção aos princípios do contraditório e da ampla defesa, assegurando que todas as partes tenham espaço para se manifestar, conforme estabelece a legislação. Diante do exposto, não foram identificados impedimentos de ordem fundiária que comprometam o reconhecimento dos limites propostos para a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.

A Sétima Parte: Conclusão e delimitação possui dois capítulos (15. Conclusão sobre a ocupação dos Kulina na terra tradicional nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho e 16. Delimitação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Nesta, é apresentada e justificada a proposta de limites da área a ser demarcada, finalizando com uma série de depoimentos que indicam a anuência dos Kulina através da forma como a proposta foi apropriada e construída pelos próprios sujeitos.



Foto nº 4: Reirei e Bedi. Mapeamento região do Lago Coatá-Gaviãozinho:
23/08/2024 (Genoveva)



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



I – Primeira Parte **Dados Gerais**

2 OS KULINA E O CONTEXTO CULTURAL E HISTÓRICO

2.1 Filiação cultural e linguística

Os Kulina falam uma língua própria pertencente à família linguística arawá¹⁶. Também são membros desta família os povos Banawá, Deni, Jarawara, Kanamanti, Paumari, Suruwaha, Jamamadi Ocidentais, Jamamadi Orientais e, possivelmente, os isolados Hi Merimã¹⁷. Os Kulina estão presentes no Peru e nos estados brasileiros do Amazonas e do Acre, ocupando o Alto, Médio e Baixo Juruá, e nos rios Jutai e Purus (Amorim, 2014, p. 02). De acordo com informações disponibilizadas no Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SIASI-SESAI¹⁸), referentes ao ano de 2014, seu contingente demográfico no Brasil soma aproximadamente 7.211 pessoas, e no Peru vivem aproximadamente 417 pessoas (INEI, 2007).

¹⁶ O modelo de grafia da língua Kulina que faço uso é o proposto por Monserrat e Silva (1986), por ser o mais conhecido e utilizado pelos Kulina no Baixo Juruá. Porém, aplico as análises da estrutura gramatical da língua desenvolvidas por F. Tiss (2004).

¹⁷ As informações e discussões sobre as classificações linguísticas das populações arawá podem ser encontradas em Gordon (2006, p. 06 ss). De modo preciso na página 11, Gordon apresenta a configuração da família linguística arawá conjugando a classificação de Dixon (Dixon, 1999, p. 294 *apud* Gordon, 2006, p. 11) com a de Everett (Everett, 1995, p. 299 *apud* Gordon, 2006, p. 12) ao incluir os isolados Hi-Merimã.

¹⁸ Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos Acesso em: 10/09/2020

Utilizar-se-á o termo “Kulina” para se referir à etnia, porém cabe salientar que a autodenominação dos Kulina é “Madija”. Por essa razão, o termo “Madija” será ocasionalmente empregado fazendo menção à etnia Kulina, sendo escrito com letra maiúscula (este será o procedimento utilizado nos depoimentos, conversas e transcrições para respeitar a “fala” dos sujeitos). Já o termo “*madija*” (escrito com letra minúscula e em itálico) será utilizado ao se referir aos subgrupos (por exemplo: *jidsama madija*: queixada *madija*). Os subgrupos *madija* são unidades sociais ou “tipos de gente”, “nomeados a partir de alguma espécie animal ou vegetal” (Gordon, 2006, p. 86)¹⁹. Vale ressaltar que há outro povo indígena no Brasil denominado Kulina, porém pertence à família linguística Pano e habitante da região do Vale do Javari, no Amazonas. Neste relatório, tratar-se-á de modo exclusivo dos Kulina da família linguística arawá.

O povo Kulina possui nove Terras Indígenas homologadas: cinco no Acre (TI Alto Rio Purus, TI Jaminawa/Envira, TI Kaxinawá do Rio Humaitá, TI Kulina do Igarapé do Pau e TI Kulina do Rio Envira); três no Amazonas (TI Cacau do Tarauacá, TI Deni e TI Kumaru do Lago Ualá); e uma que atravessa os dois estados, localizando-se predominantemente no Amazonas (TI Kulina do Médio Juruá). Cinco delas são habitadas exclusivamente pelos Kulina (TI Cacau do Tarauacá, TI Kulina do Igarapé Pau, TI Kulina do Médio Juruá, TI Kulina do Rio Envira e TI Kumaru do Lago Ualá), enquanto as outras são compartilhadas com outros povos indígenas, como os Kaxinawá, Ashaninka e Deni.

A TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, localizada na região do Médio Juruá, nos municípios de Itamarati-AM e Jutai-AM, possui 109 habitantes, 20 casas e 25 famílias.

2.2 Localização da terra indígena

A TI pode ser acessada por via fluvial desde os municípios de Itamarati-AM e Eirunepé-AM. A logística da viagem e o acesso variam consideravelmente entre o inverno (cheia dos rios) e o verão (baixa no volume de água dos rios). No inverno, é possível navegar a partir das cidades de Eirunepé e Itamarati por barco (ou lancha) e atracar no porto das aldeias. Contudo, no verão, a logística se torna muito mais complexa. O GT utilizou a cidade de Eirunepé como base de apoio. Foram empregados como meio de transporte um barco (para deslocamentos no rio Juruá) e uma canoa de alumínio com

¹⁹ Na Segunda Parte desse relatório será discutido com mais detalhe a relação Kulina com os outros povos indígenas da família linguística arawá, bem como a relação entre territorialidade e subgrupos.

motor rabeta 13hp (para deslocamentos nos igarapés e canos). Para acessar as aldeias, foi necessário ainda percorrer alguns trechos a pé pela floresta, utilizando varadouros-caminhos.

De acordo com Sarah Frota (2025), cartógrafa e membro desse GT, o território indígena Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está localizado nos municípios de Itamarati e Jutai, no estado do Amazonas, abrangendo áreas situadas às margens direita e esquerda do rio Juruá: ao norte, o território faz limite com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim; ao sul, delimita-se com a Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá; a principal via de acesso ao território ocorre exclusivamente por meio fluvial, utilizando o rio Juruá como rota principal de navegação; e o município de Itamarati configura-se como principal ponto de referência, por sua proximidade e maior abrangência espacial em relação à área delimitada.

Marilena Campos (2025), ambientalista e membro deste GT, fez uma descrição detalhada das formas de acesso às aldeias da TI e seus principais tipos de bioma:

O acesso às aldeias é por meio fluvial. A aldeia Igarapé do Índio fica na beira desse igarapé, que deságua no sacado, que por sua vez deságua na margem direita do Juruá. Durante a cheia é possível chegar de rabeta e bote a motor até a frente das casas da aldeia, durante a seca, a aldeia fica a uma distância de 6 quilômetros do porto, sendo possível somente a entrada de rabeta até o porto, mais vinte minutos de caminhada. A entrada para as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho é feita pelo mesmo furo que fica na margem esquerda do rio Juruá, furo que deságua no sacado chamado Veneza. Neste sacado, durante a cheia, é possível acessar as casas da aldeia Três Barracas adentrando pelo Igarapé Três Barracas. Durante a seca é preciso caminhar por vinte minutos até as casas. Já para a aldeia Gaviãozinho é preciso seguir o lago Gaviãozinho, que forma um braço do sacado, até o seu final onde deságua o Igarapé Gaviãozinho. As casas dessa aldeia ficam a cerca de 27 quilômetros do lago Veneza na época da seca (verão amazônico). Na cheia é possível cortar caminho através de furos que se formam no Igapó e essa é a aldeia mais distante do rio Juruá.

Todas as aldeias estão sujeitas às inundações periódicas, em áreas de grande abundância de lagos e recursos pesqueiros, com poços que se formam na seca e onde abundam peixes como o matrinxã. São utilizadas tanto as áreas de várzea como a terra firme, diversificando suas atividades (Campos, 2025, p. 17).



Foto nº 5: casa do Bedi e da Cidinha. Aldeia Três Barracas: 18/08/2024 (Genoveva)

2.3 Aspectos ambientais da região onde está localizada a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

De acordo com a ambientalista Marilena Campos (2025) a Bacia do Médio Juruá é conhecida por sua rica biodiversidade, florestas densas e águas que sustentam uma grande variedade de espécies animais e vegetais. Além disso, a área é de grande importância para as populações tradicionais que habitam a região, incluindo comunidades ribeirinhas, indígenas e extrativistas. Essa região abrange diferentes ecossistemas, como florestas de terra firme, florestas alagadas (várzea) e igapós, além de uma vasta rede de rios e lagos. Essa diversidade de *habitats* é essencial para a manutenção de uma ampla gama de espécies, incluindo mamíferos (como a onça-pintada e o boto), aves (como o gavião-real e araras), peixes (tambaqui, pirarucu), répteis e uma variedade imensa de plantas.

A região é especialmente importante para espécies aquáticas, dada a presença de várzeas e lagos sazonais que servem de habitat para peixes migratórios e outros organismos. Esses ecossistemas são fundamentais para a regulação do ciclo hidrológico e para a fertilidade das planícies de inundação, onde as comunidades praticam agricultura

e pesca. A dinâmica dos meandros e a regularidade das cheias e secas influenciam diretamente suas atividades econômicas e produtivas.

2.3.1 Hidrografia

A terra tradicional no Igarapé do Índio/Gaviãozinho é banhada pela bacia hidrográfica Juruá, o terceiro maior tributário de águas brancas do Rio Amazonas. O rio Juruá nasce das altas regiões a leste do rio Ucayali na porção centro-leste do Peru, e adentra no Brasil através do estado do Acre e banha os estados do Acre e Amazonas.

Os rios de água branca como o Juruá são caracterizados por carregarem grandes quantidades de sedimentos, principalmente partículas de argila e matéria orgânica em suspensão, o que lhes confere uma coloração marrom ou barrenta. Essa alta carga de sedimentos se origina principalmente da erosão de áreas de terra firme e de várzeas e da intensidade dos processos geológicos nas suas cabeceiras. Esses sedimentos aumentam a turbidez da água e contribuem para a fertilidade das planícies de inundação (várzeas), onde costumam ocorrer atividades de agricultura.

Em Itamarati, município em que a maior parte da área de estudo está localizada, há uma rede hidrográfica de grande porte, compreendendo, além do rio Juruá, uma rica malha hídrica composta de lagos, igarapés, furos e paranás. A área de estudo tem uma grande planície de alagamento pertencente ao rio Juruá, e em função do regime de seca e cheia dos rios dá origem às áreas de várzea e praias, além de muitos lagos e sacados. O Igarapé do Índio (onde se encontra a aldeia que recebe o nome desse Igarapé: "aldeia Igarapé do Índio") apresenta sua vazante no sacado à margem direita do rio Juruá. O Igarapé do Gaviãozinho, (onde se encontra a aldeia que recebe o mesmo nome desse Igarapé: "Aldeia Gaviãozinho") desemboca em um braço do lago Gaviãozinho que por sua vez deságua no sacado Veneza, e já o Igarapé Três Barracas (onde a aldeia Três Barracas está localizada) desemboca em outro local no mesmo sacado Veneza, cujo furo, por sua vez, desemboca na margem esquerda do Rio Juruá. Esses três igarapés apresentam águas pretas, mais ácidas e pobres em sedimentos, principalmente quando se distanciam da influência do rio Juruá, nos seus médios e altos cursos.

A seguir apresento o mapa: "Bacia hidrográfica da área de estudo".

2.3.2 Clima

O município de Itamarati, onde se situa a maior parte da área reivindicada, encontra-se a 81 metros acima do nível do mar e seu clima é caracterizado como tropical chuvoso e úmido. A temperatura média anual é 26,2°C, possui uma variação de 20,9°C a 31,9°C máximo e uma precipitação média de 2.587 mm ao ano (Climate-data, s/d). O mês mais seco é julho, com 70 mm | 2,8 polegadas de chuva. O mês de março experimenta a maior quantidade de precipitação, com um valor médio de 311 mm | 12,2 polegadas. O inverno amazônico inicia em novembro/ dezembro e geralmente vai até março/ abril. O verão amazônico ocorre entre o período de maio a outubro, com diminuição do nível de precipitação e o processo de “seca” dos rios.

2.3.3 Relevo e solo

A área de estudo está incluída nos domínios da província geológica conhecida como “Depósitos Cenozóicos”, que engloba sedimentos pliocênicos e pleistocênicos da Formação Solimões e depósitos aluviais holocênicos, associados à rede de drenagem amazônica, sendo aluviões indiferenciados sobre terraços fluviais e aluviões atuais das planícies de inundação (Projeto Radam/Brasil, 1977 *apud* Campos, 2025).

As áreas de Planície Fluvial apresentam uma área plana resultante de acumulação fluvial, sujeita a inundações periódicas, correspondendo às várzeas atuais que ocorrem nos vales com preenchimento aluvial (Serviço Geológico do Brasil - CPRM – GeoSGB *apud* Campos, 2025). Contém sedimentos areno-argilosos aluvionares inconsolidados, finos a médios, com cores variegadas, restos de matéria orgânica e presença de seixos, areias finas a grossas, com níveis de cascalhos, lentes de material silto-argiloso e restos de matéria orgânica, relacionados a planícies de inundação, margens, barras de canal e canais fluviais atuais. Localmente, podem conter matacões Areia, Areia arcoseana, Argila, Cascalho, Conglomerado polimítico, Silte (Serviço Geológico do Brasil - CPRM – GeoSGB *apud* Campos, 2025).

As áreas de terraço Fluvial mais recente, ocorrendo, na área de estudo, na margem direita do rio Juruá, consistem em acumulação fluvial de forma plana, levemente inclinada, apresentando ruptura de declive em relação ao leito do rio e às várzeas recentes situadas em nível inferior, antelhada devido às mudanças de condições de escoamento e

consequente retomada de erosão. Ocorre nos vales contendo aluviões finas e grosseiras, pleistocênica e holocênicas. Depósitos sedimentares formados por argila, areia e cascalho, inconsolidados a semi consolidados, com dezenas de metros de espessura. Contém areia, argila e cascalho.

A área está incluída na Depressão do Juruá- Iaco ao norte e Depressão do Purus – Juruá ao sul. A maior parte está classificada como formação Içá, composta por depósitos sedimentares formados por arenitos esbranquiçados a amarronzados, ferruginosos, siltitos, turfas e argilitos. Ambas apresentando modelo de dissecação homogênea, dissecação fluvial em litologias diversas que não apresentam controle estrutural marcante, caracterizada predominantemente por colinas e interflúvios tabulares. Observam-se diversos tipos de padrões de drenagem, porém são predominantemente os padrões dendríticos, subparalelos, sub-retangulares e outros compostos. A sudoeste possui uma área na formação Solimões com sedimentos pelíticos, flúvio lacustres, contendo camadas de arenito, calcário, gipsita e linhito.

Em todo trecho em que o Rio Juruá atravessa a área mapeada registram-se cotas altimétricas entre 60m e 170m. A faixa da planície fluvial do Rio Juruá constitui barrancos e praias, e comporta-se homogeneamente ao longo de toda a área mapeada, em toda extensão da planície observam-se inúmeros meandros abandonados, alguns ainda com água e ligados precariamente ao canal do Rio Juruá, e outros já preenchidos por sedimentos, constituindo meandros colmatados (Radam/Brasil, 1977 *apud* campos, 2025).

A área apresenta formas de topo convexo, com conjunto de relevo geralmente esculpido em rochas sedimentares e cristalinas. São caracterizadas por vales bem definidos e vertentes de declividades variadas, entalhadas por sulcos e cabeceiras de drenagem de primeira ordem. A densidade de drenagem é muito fina e fraca (IBGE, 2010 *apud* Campos, 2025). Veja a seguir no mapa: “Altimetria da área de estudo”.

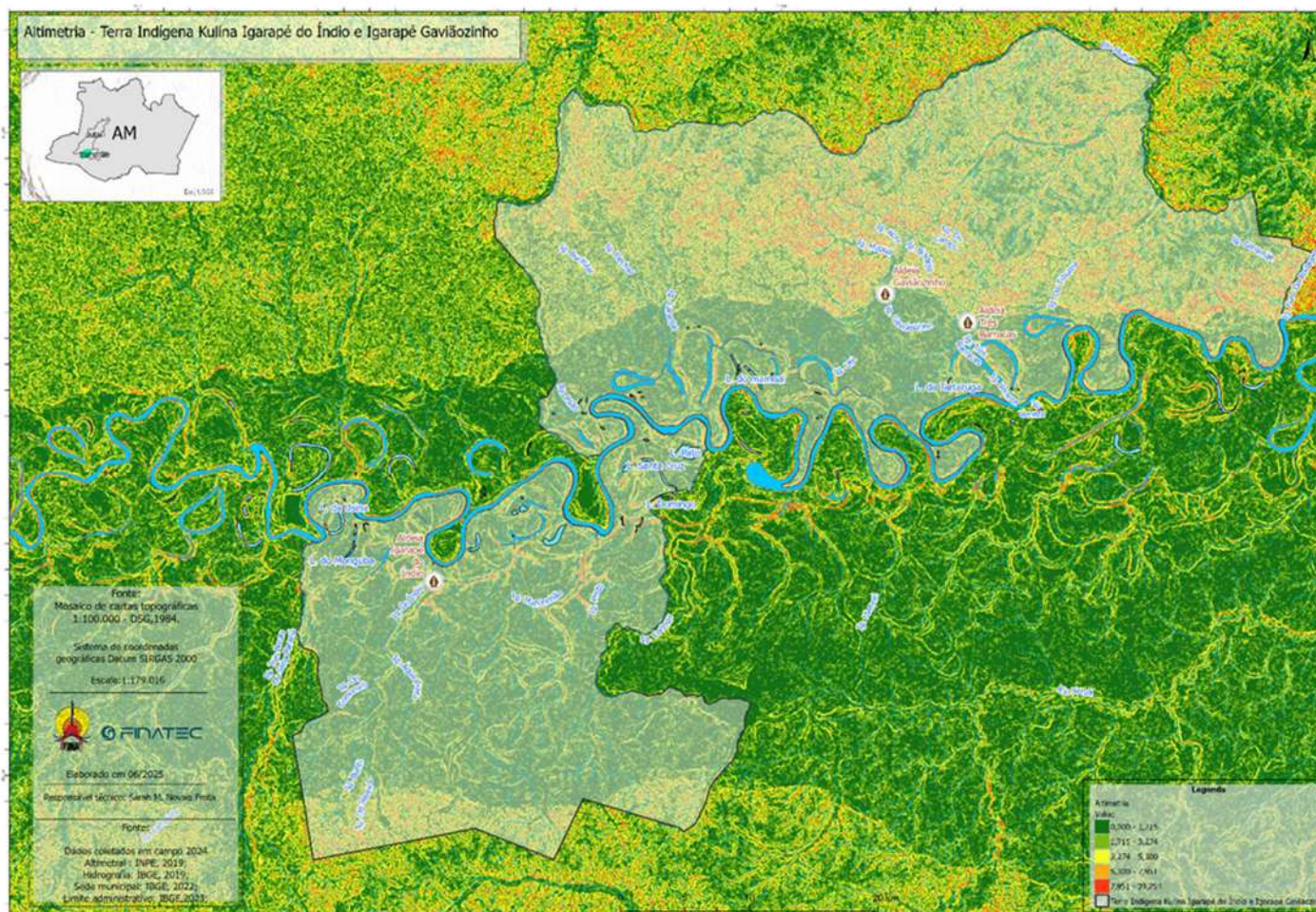


Figura nº 3: Altimetria – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

O solo predominante na área de estudo (de acordo com a classificação RADAM/BRASIL, 1977 *apud* Campos, 2025) é Podzólico Vermelho-Amarelo Álico de argila de atividade baixa, que no novo Sistema Brasileiro de Classificação de Solos é denominado Argissolo Vermelho-Amarelo.

A seguir apresento o Mapa: “Pedologia – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”

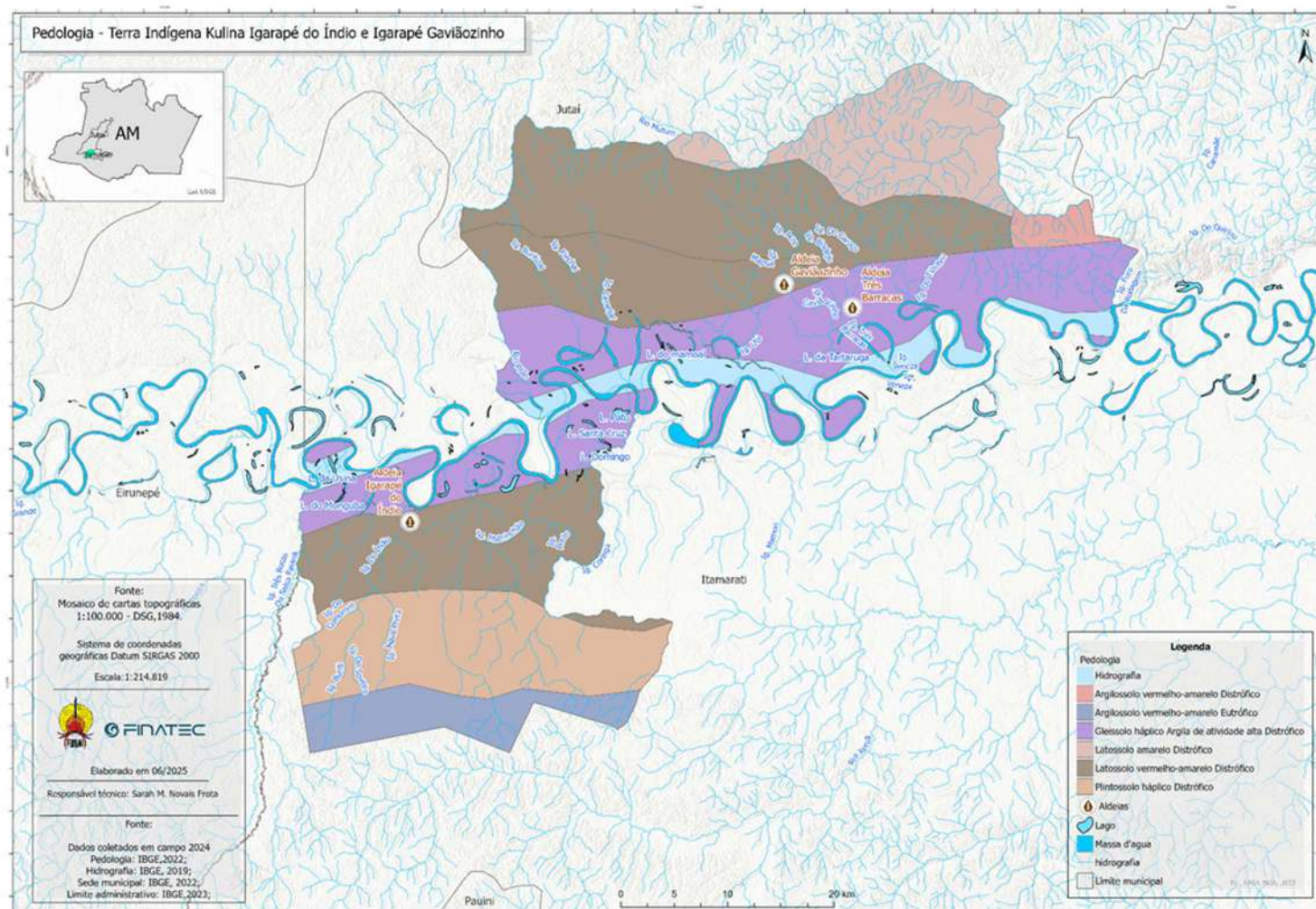


Figura nº 4: Pedologia – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

2.3.4 Vegetação

A classificação da cobertura vegetal da área de estudo está embasada no sistema desenvolvido pelo Projeto Radam/Brasil, adotado pelo IBGE e denominado: Classificação da Vegetação Brasileira adaptada a um Sistema Universal (IBGE, 1991 *apud* Campos, 2025)

A região de estudo ocupa duas regiões fitoecológicas, sendo uma a Floresta Ombrófila Aberta e outra a Floresta Ombrófila Densa. A Floresta Ombrófila Aberta (Faciações da Floresta Densa) foi por muito tempo considerada como tipologia de transição entre a floresta amazônica e a das áreas extra-amazônicas, foi assim denominada pela primeira vez pelo Projeto Radam/Brasil. Caracteriza-se por retratar uma floresta com indivíduos arbóreos bem mais espaçados, em dossel se destacam principalmente palmeiras e por vezes bambus, sororocas e/ou cipós lenhosos. Em geral ocupa espaços intermediários entre o domínio da Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Estacional Semidecidual, porém, também pode ocorrer formando mosaicos de áreas reduzidas em meio a Floresta Densa. Reveste terrenos de litologias e modelados variados e, embora situada em clima ombrófilo, pode apresentar um curto período seco, com dois ou até três meses secos. Na área de estudo ocorre em duas categorias, como: Floresta Ombrófila Aberta Aluvial, que é uma formação que ocupa as planícies sedimentares holocênicas, distribuídas em geral ao longo dos cursos d'água e ilhas, sob influência de diferentes níveis de inundação. Com fisionomias onde ora predominam palmeiras, ora cipós ou bambus. Na área de estudo aparece acompanhando o curso do rio Juruá. Floresta Ombrófila Aberta das Terras Baixas, formação que ocupa os baixos platôs e os vales de sedimentação terciária, em altitudes geralmente abaixo de 100 metros. Foi mapeada em uma faixa do extremo norte da área reivindicada que é ao norte da aldeia Gaviãozinho e no extremo sul, ao sul da aldeia Igarapé do Índio.

Na parte nordeste da área de estudo, no limite com a RDS-Cujubim, existe uma área de Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas ocupando platôs e vales de sedimentação terciária, fora das várzeas ou planícies de inundação, em terrenos com altitudes que não ultrapassam 100 metros. É nas “terras baixas” que a Floresta Ombrófila Densa se caracteriza pela exuberância de sua cobertura vegetal, com predomínio de árvores de grande porte e emergentes. A seguir o mapa: “Vegetação – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”

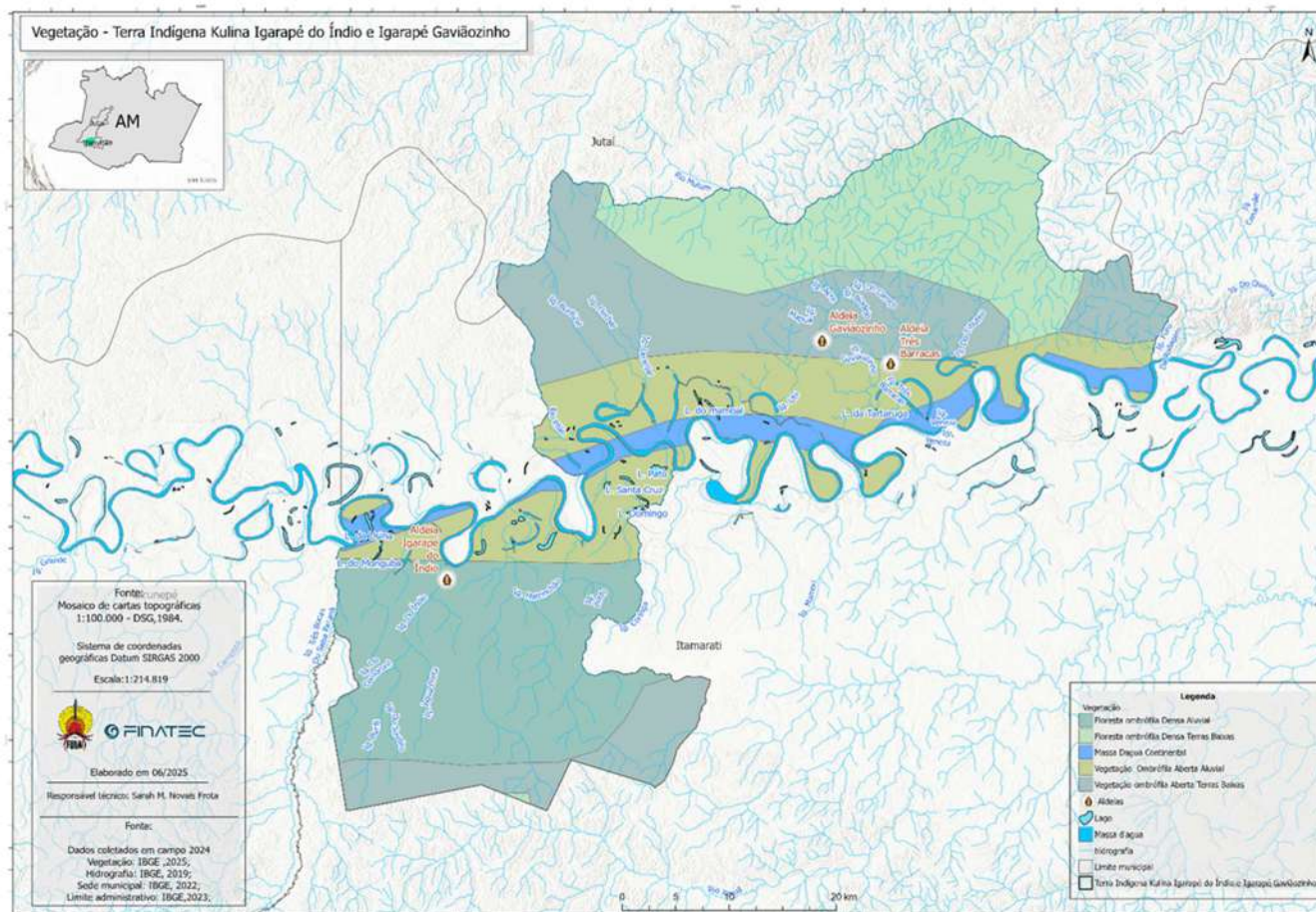


Figura nº 5: Vegetação – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

2.4 Os primeiros registros do contato dos Kulina com as frentes de expansão

O estabelecimento das aldeias Kulina em locais de difícil acesso explica o contato tardio com as frentes de expansão, sobretudo com os “coletores de drogas do sertão” e caçadores. As primeiras expedições de coletores nos rios Juruá e Purus permitiam uma visão restrita da região, pois os exploradores conheciam apenas a várzea e evitavam adentrar as florestas de terra firme. Dessa forma, os indígenas que viviam nas regiões mais interioranas da floresta não eram vistos ou não foram registrados. Consequentemente, são pouco expressivos os registros históricos anteriores ao século XIX.

Quem primeiro registrou informações sobre os Kulina no rio Juruá foi o geógrafo inglês William Chandless (1869). O explorador empreendeu uma expedição ao rio Juruá depois de ter realizado uma significativa no rio Purus (1864). A viagem ocorreu nos últimos cinco meses de 1867, e as informações a respeito dela foram publicadas apenas em 1869. Chandless teve uma série de dificuldades logísticas, devido à falta de apoio à expedição por parte das autoridades do município de Tefé. Houve dificuldades relacionadas à infraestrutura e à composição da equipe de tripulantes. A título de exemplo, foi apenas no decorrer da viagem que Chandless percebeu que a equipe não conhecia o rio Juruá. Porém, outro contratempo impediu o sucesso da expedição e fez com que Chandless suspendesse a viagem:

I travelled about three months up the Juruá, which is about 25 days' journey beyond previous explorers on the main river; the distances I have not yet added up, perhaps they may come to something between 1000 and 1200 (English) miles; my farthest point was about 7° 12' s. and 72° 10' w. The journey was cut short by an attack of Nauas Indians, who in past times used to make forays far below, and have long been the bugbear of the upper Juruá, both to White people and Indians; they are notable for the use of large round Shields of tapir-hide (Chandless, 1869, p. 03).

A expedição de Chandless subiu por três meses o rio Juruá (aproximadamente 25 dias de viagem), mas teve de ser interrompida após um ataque de “Índios Nauas”

(Kaxinawá ou Huni Kuin), que eram considerados o “bicho-papão” do Alto Juruá (tanto para indígenas como para não indígenas).²⁰

Chandless (1869) inicia a descrição do rio Juruá ressaltando a característica tortuosa do rio, suas águas brancas ou barrentas, as falésias, os igapós e as regiões de terra firme e várzea. Na época, os produtos naturais explorados eram principalmente o cacau, o óleo de copaíba, a salsaparrilha e a borracha. O geógrafo inglês observou que a “castanha-do-Pará”, geralmente abundante em outros locais de terra firme na Amazônia, era uma espécie rara no rio Juruá. Constatou, ainda, que acima da foz do rio Tarauacá (afluente do rio Juruá) as fibras extraídas da palmeira tucum eram o principal produto de exportação para o rio Japurá.

Nas notas de viagem, Chandless registrou a presença do povo indígena Marauá logo ao entrar no rio Juruá, mencionando sua localização no canal do Mineruá, no igarapé de “Bereo” e no igarapé “Caá-piranga”. Um pouco mais acima, encontrou uma aldeia dos “Catauixis” no igarapé Jaraqui (Chandless, 1869, pp. 298-299). Navegou mais alguns dias para alcançar a “latitude 5°30’S.”, onde se inicia o Igarapé Xiué. Ali, encontrou os índios “Arawá” acampados em uma praia do rio²¹. De acordo com Chandless, esse grupo já negociava há bastante tempo com comerciantes, e representava a única aldeia de um povo tímido, apesar de sua fama de guerreiro. Ele registrou algumas palavras do vocabulário Arawá e constatou que a língua falada era muito semelhante à dos “Puru-Purus” (Paumari). Entretanto, Chandless também observou que alguns falavam a “língua geral” (Nheengatu) (Chandless, 1869, p. 299). Em troca de pagamento, Chandless conseguiu convencer dois índios Arawá a fazer parte da expedição. A companhia deles durou cerca de cinco dias, até o rio Xeruã, situado no atual município de Carauari. Quando a expedição atingiu a boca deste rio, os dois Arawá não quiseram mais seguir viagem. O principal motivo era o medo dos indígenas que moravam acima do rio Xeruã: os Culinós (Kulina) (*ibid.*, p. 300).

²⁰ Essa observação de Chandless encontra respaldo nos relatos atuais dos Kulina. Muitos idosos contam que seus pais e avôs desceram o rio Juruá após conflitos com os Kaxinawá (forma genérica como os Kulina denominam atualmente os Huni Kuin e/ou todos os indígenas pertencentes a família linguística Pano). As rivalidades históricas teriam sido potencializadas pela frente de colonização.

²¹ “Os Arawá foram registrados pela primeira vez por Castelnau, que, segundo seus informantes, habitavam o Chiruan e, um pouco a jusante da foz deste rio, às margens do Lago Jahiruan, na margem esquerda do Juruá (4, V 86, 89). Chandless encontrou uma de suas aldeias não muito longe, no igarapé Chiué, um afluente direito do Juruá (8, 299). Esses índios viviam às margens do Juruá em miseráveis abrigos (tapiri), ora em um lugar ora em outro; eles desceram o rio até o Bauana Pixuna, não tinham plantio e eram contratados por ‘seringueiros’, que vinham todos os anos de Teffé e Caiçara para colher borracha. Uma epidemia de sarampo, provocada pela primeira emigração ‘cearense’, durante a seca de 1877, os aniquilou” (Rivet; Tastevin, 1938, p. 72) (Tradução feita por mim, do original em francês).



Figura nº 6: Map of the River Juruá from an estimated distance of 980 Geographical Miles from its mouth (Chandless, 1869) (fragmento)

Logo nas primeiras páginas do manuscrito de Chandless, encontra-se um mapa do rio Juruá. Nesse mapa, de 1867, observam-se os primeiros registros que identificam os “Culinos Indians” (Índios Kulina) ocupando uma ampla faixa de terra (a margem direita do rio), que vai desde o Alto Juruá (rio Gregório) até a região do rio “Chiruan” (rio Xerua). O mapa de Chandless comprova que os Kulina ocupavam grandes extensões do rio Juruá antes do início do processo colonizador. Não obstante, é importante destacar que a região apresentada por Chandless como terra tradicional dos Kulina (dentro das limitações próprias da época) corresponde à faixa de terra que se estende do Igarapé do Índio ao Igarapé do Gaviãozinho. Essa informação reforça a ocupação tradicional e histórica dos Kulina naquela região.

Nesse fragmento do mapa, nota-se a presença de um manuscrito que traz outra informação relevante: “104. Geographical Miles from this point of the River Juruá to the River Purus (at the bend just below the mouth of R. pauynim). The nearest approach of the two rivers”²² (Chandless, 1869). O conhecimento do geógrafo é condizente a relatos dos Kulina nas aldeias Igarapé do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas, que mencionam a existência de um varadouro que conecta essa região do rio Juruá ao rio Purus (rio Pauini). Eles narraram os episódios de conflito e fuga que culminaram na viagem da família de Oma e Toho (casa 5, Igarapé do Índio), de seu pai Cossohi, do irmão Tonaíquina-Raimundo (falecido) e de sua esposa Rora (casa 4, Três Barracas), além dos irmãos Chiquinho-Ssiqui (casa 7, Gaviãozinho) e Joji-Jurandir (atualmente residente na TI Ueré). Esse evento ocorreu por volta de 1984, ano de nascimento de Lucimar-Lucineide Kulina da Silva²³ (casa 8, Igarapé do Índio), filha de Oma e Toho, nascida em um seringal às margens do rio Pauini²⁴.

O geógrafo explorador afirma, também, que acima do rio Xeruã (Chiruan), na margem direita do rio Juruá, encontra-se o “país dos Culinos”: uma numerosa “tribo” do interior (terra firme) que não possui canoas, e acessa as praias do rio Juruá a pé durante a época das tartarugas. Chandless ressalta que os Kulina detinham fama de traiçoeiros e hostis, e que, por isso, todo viajante, explorador ou comerciante que navegava pelo rio Juruá procurava trafegar e pernoitar à margem esquerda, para evitar ataques noturnos. Esse aporte de Chandless é de suma importância, pois aponta que a região acima do rio Xeruã, justamente onde se localiza a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, constitui uma terra histórica Kulina por excelência. Ao mesmo tempo, o pesquisador destaca características dos Kulina ainda em vigor nos dias atuais: o estabelecimento de moradias em regiões de terra firme, a residência às margens do rio Juruá ou de seus tributários, o desconhecimento da técnica de construção de canoas e o hábito de acampar nas praias de verão do Juruá e seus afluentes para comer tartarugas, tracajás e bodós. Atualmente, os Kulina refletem sobre o fato de a maioria de suas terras tradicionais estarem situadas à margem direita do rio Juruá, sendo a única exceção a terra

²² “Milhas geográficas deste ponto do Rio Juruá até o Rio Purus (na curva logo abaixo da foz do Rio Pauini). A abordagem mais próxima dos dois rios” (tradução minha).

²³ Nascida em 01/01/1984.

²⁴ Filhos de Oma e Toho que nasceram em Pauini: Ana, Leni, Cossohi, Tone e Lucimar-Lucineide. Em Pauini nasceu também Sedsí-Sérgio (casa 2, Igarapé do Índio). Ele é sobrinho de Oma, filho de Tonaíquina-Raimundo e Rora (casa 4, Três Barracas).

Na Quinta Parte desse relatório apresentarei as transcrições e traduções dos depoimentos gravados em vídeos.

do Gaviãozinho, que está localizada à margem esquerda. Contudo, a terra ancestral do Gaviãozinho integra a região do Igarapé do Índio, e o fato de estar localizada na outra margem não impede os Kulina de se movimentarem entre as aldeias. Em trabalho de campo (agosto/setembro 2024) registrei depoimentos que ilustram bem a ocupação histórica da região. Será visto como Santa Luzia (margem esquerda rio Juruá) e o Igarapé Preto (margem direita do rio Juruá) são pontos de conexão entre as duas margens do rio, bem como locais utilizados para pescar, caçar, construir aldeias, roçados e cemitérios. Santa Luzia permite acesso a furos e varadouros que tornam o deslocamento entre as aldeias da TI mais prática e curta, além de possuir significativa relevância histórica e simbólica (local de antigas aldeias, capoeiras e cemitérios) e funcionar como ponto de apoio nas viagens. Infelizmente, a mobilidade dos Kulina encontra-se atualmente prejudicada, pois na localidade de Santa Luzia há a presença de um não indígena que utiliza o local como apoio para atividades de pesca predatória. Nesse contexto, o reconhecimento oficial da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é uma ação que garante não apenas a proteção da terra tradicionalmente ocupada desde tempos imemoriais, mas também a manutenção da vida Kulina em todos os seus aspectos.

Above the River Chiruan on the side of the Juruá is the country of the Culinos, - a numerous tribe of the interior, who are said not to have canoes, but to come by land to the sand-banks at the turtles lay. They are considered treacherous and hostile if in sufficient numbers; consequently it is a rule of travel always to sleep on sand-banks on the left side of the river, in this part, - a necessity which sometimes induced us to stop earlier, sometimes to travel later than I would have wished (Chandless, 1869, p. 300).

Durante dez dias de jornada acima da foz do rio Chiruan (Xeruã), Chandless não encontrou povos indígenas ou ribeirinhos às margens do rio Juruá. A primeira aldeia que encontrou foi a dos índios Conibos, conhecidos como Manetenerys (Manchineri, povo da família linguística Aruak) localizada junto ao pequeno rio Acará. Esta é a única aldeia desse grupo no rio Juruá. Chandless sugeriu que essa tribo poderia ter passado por áreas de terra firme, desde o rio Purus até o rio Juruá (Chandless, 1869, p. 300). Nessa mesma tarde, a expedição encontrou nas restingas da foz do rio Acará alguns Canamarys (Kanamari) e parte de uma tribo conhecida como “Índios Peixes”. Chandless descobriu que esses “Índios Peixes” vieram do rio Cuniuá, afluente do rio Tapauá (que, por sua vez,

é afluente do rio Purus) e haviam chegado ao Juruá apenas quatro meses antes. A descoberta foi feita quando Chandless pediu aos indígenas que desenhasssem na areia o caminho percorrido por eles. Os índios riscaram no chão um percurso que partia do rio Cuniuá até o rio Tapauá, subindo por terra até o rio Xeruã, e daí seguia até o rio Juruá. Esses “Índios Peixes” falavam uma língua parecida com a dos Arawá e dos Paumari (Chandless, 1869, p. 301). Como na época ainda não havia fronteiras étnicas tão precisamente determinadas, esses “índios peixes” possivelmente seriam algum subgrupo Kulina (*aba madija*: peixe *madija* ou gente peixe)²⁵.

Ao chegar à foz do rio Tarauacá, Chandless afirmou que os poucos índios que existiam na região do Alto Juruá seriam de “tribos guerreiras, numerosas e intratáveis”: os Hypurinas (Apurinã) perto do Purus, os Culinos (Kulina) perto do Juruá e os Jamamadys (Jamamadi) no centro (Chandless, 1869, p. 304). Cinco milhas acima do rio Tarauacá, a expedição encontrou a foz de outra afluente do rio Juruá. No entanto, os tripulantes não conheciam aquela região e tampouco aquele rio. O medo recorrentemente difundido dos índios Nauas impedia comerciantes e exploradores de se aventurarem pela região do Alto Juruá. A este rio desconhecido, Chandless deu o nome de Gregório. A expedição seguiu pelo rio Gregório sem encontrar nenhum grupo indígena, mas localizaram vestígios de uma ou duas pequenas plantações. No entanto, dias depois, quando acamparam na margem do rio Gregório, apareceram alguns indígenas. Descobriu-se que não eram os temidos Nauas, mas o geógrafo explorador não conseguiu identificar a tribo à qual pertenciam, o que estavam fazendo, de onde vieram ou como chegaram ao local do acampamento da expedição. Chandless observou apenas a chegada de cerca de quinze ou dezesseis homens, com mulheres e crianças. O explorador identificou uma “canoa de paxiúba” (balsa), que julgou incapaz de transportar aquela quantidade de pessoas. O local não parecia ser o porto de uma aldeia. Os índios não eram hostis e venderam arcos e flechas à tripulação (1869, p. 305). No entanto, Chandless registrou uma única palavra, “*wary*”, que nas línguas Culino (Kulina) e Maxuruna (Mayoruna) significa “sol”, e supôs que esse grupo poderia pertencer a uma dessas tribos: “The only

²⁵ Esses “índios peixes” são os *aba madija*; sobressai os subgrupos, não a etnia. Os subgrupos são configurações anteriores a etnia. A identificação étnica veio após o contato. Retornaremos ao tema dos subgrupos ao analisarmos a concepção de território Kulina.

word I recognized was ‘wary’ (sun), the same as in the Culino and Maxuruna languages; so perhaps they belong to one of these tribes” (Chandless, 1869, p. 305)²⁶.

Esse grupo indígena²⁷ fez questão de deixar claro para Chandless que, dentro de oito a dez dias de viagem rio acima, a expedição deveria encontrar os Nauas. Alertaram, ainda, que estes iriam reagir com violência contra a expedição. A informação foi muito precisa, pois o posterior conflito fez Chandless suspender a viagem e o desejo de seguir com a exploração do Alto Juruá (1869, pp. 305-306).

No decorrer da pesquisa nos registros de viajantes no rio Juruá, encontrei o padre francês Jean-Baptiste Parrissier. Em 1897, Parrissier assumiu o posto de vigário da paróquia de São Sebastião e superior da Congregação Espiritana em Manaus. Graças aos contatos que possuía, conseguiu realizar uma expedição entre 1897 e 1898 no Alto Juruá. No manuscrito, escrito em francês, o padre se aprofunda em detalhes da viagem, dedicando várias páginas à descrição das “correrias”. Parrissier registrou *in loco* o *modus operandi* dessas expedições organizadas que – através do uso de força armada – fomentavam ou o extermínio dos fugitivos ou a escravidão dos vencidos:

Notem que essas correrias são praticadas ainda hoje. Quando um branco quer se estabelecer num terreno ocupado por uma tribo de índios, eis como procede. Ele arma cinco ou seis homens com bons fuzis, pega um para si também, e parte em busca da *maloca*. Quando a acha, ele e os seus homens a cercam e massacram todos aqueles que tentam fugir e as mulheres e crianças são levadas ao Juruá e vendidas como animais. Eu vi assim venderem na minha frente oito indiozinhos de quatro a cinco anos. As lágrimas me vinham aos olhos vendo estas pobres pequenas criaturas tratadas como animaizinhos (Parrissier, 1898 *apud* Cunha, 2009a, p. 55).

Foi dessa forma que a exploração da borracha (*Hevea brasiliensis*), intensificada na área de interflúvio Juruá-Purus, no final do século XIX, vem a constituir um marco expressivo para os povos indígenas da região. Isso se verifica através de duas frentes exploratórias: os seringueiros (brasileiros), que partiram do Amazonas em direção à Bolívia, e os caucheiros (exploradores peruanos do caucho: *castilloa elástica*), que avançaram do Peru em direção ao Brasil. Ambas se estabeleceram na região e promoveram grandes deslocamentos das populações nativas para as cabeceiras dos rios.

²⁶ Há probabilidade que os indígenas encontrados por Chandless fossem mesmo Kulina, visto que outros viajantes e exploradores continuaram registrando a presença de Kulina no rio Gregório. Vale ressaltar que *maji* significa “sol” em língua Kulina.

²⁷ No retorno Chandless não encontrou mais com esses indígenas.

Os indígenas fugiam das constantes “correrias”: ações violentas de captura e extermínio que visavam a liberação da terra (apropriação das seringueiras nativas e implantação dos seringais) ou a incorporação dos indígenas aos trabalhos como mão de obra na indústria seringalista, onde ficavam presos ao sistema de aviamento²⁸.

Neste contexto, o primeiro grande etnólogo dos índios do Juruá foi Constant Tastevin, missionário francês da Prelazia de Tefé, no Amazonas. Tastevin coletou dados sobre os indígenas do sudoeste amazônico de 1905 a 1926, e contou com a colaboração de Paul Rivet, etnólogo do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris (Faulhaber; Monserrat, 2008, p. 01-02). Rivet e Tastevin produziram uma série de registros etnográficos e linguísticos sobre os grupos indígenas situados na região, e, de modo especial, coletaram informações sobre a língua, localização, organização social, xamanismo e ritualidade Kulina. Tastevin reitera a informação de Chandless (1869), que localizou os Kulina na margem direita do rio Juruá, no rio Xeruã e no rio Tarauacá. Na época, Tastevin identificou dois grupos Kulina: um que habitava à margem direita do rio Juruá, à altura do rio Marari (região do alto Tapauá) – nas proximidades da atual TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho –; e o segundo grupo que habitava mais ao sul, rio acima, nos rios Gregório e Eiru²⁹ (esse, por sua vez, teria se deslocado do rio Tarauacá após a passagem de Chandless) (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73).

No mapa “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”, Tastevin (s/d) traça a abrangência das diversas “Prefeituras Apostólicas”. A “Prefeitura Apostólica de Tefé” – localizada na região do Médio Solimões – abrange as calhas dos rios Jutai, Juruá e Tefé. Na representação cartográfica, observam-se detalhes sobre os rios e os povos indígenas que neles habitavam.

²⁸ O sistema de aviamento foi a base da dominação da força de trabalho na Amazônia no auge da exploração da borracha: “Trata-se do ‘aviamento’: o produtor recebe de seu aviador tudo aquilo de que necessita para realizar a produção, inclusive instrumentos de trabalho (machado, baldes, espingarda, etc.), alimentos, roupas, utensílios diversos. O pagamento do aviamento é feito mediante a venda da totalidade da produção da goma do aviador, aos preços por ele fixados. Nessa ocasião, é feito um novo aviamento, que deve permitir ao produtor subsistir por mais sete meses, até o novo período da extração. Antes mesmo de começar a cortar a seringa – e a cada ano –, o produtor já está endividado” (Pacheco de Oliveira, 2012, p. 26).

²⁹ Novamente referência à presença histórica dos Kulina no rio Gregório, porém acrescenta o rio Eiru. Esses territórios tradicionais estão localizados atualmente dentro da TI Kulina do Médio Juruá e fazem parte da memória oral dos Kulina.

Por outro lado, vimos que o rio Marari (região do rio Xeruã) e o rio Tapauá (zona de terra firme) fazem parte dos territórios tradicionais Kulina.

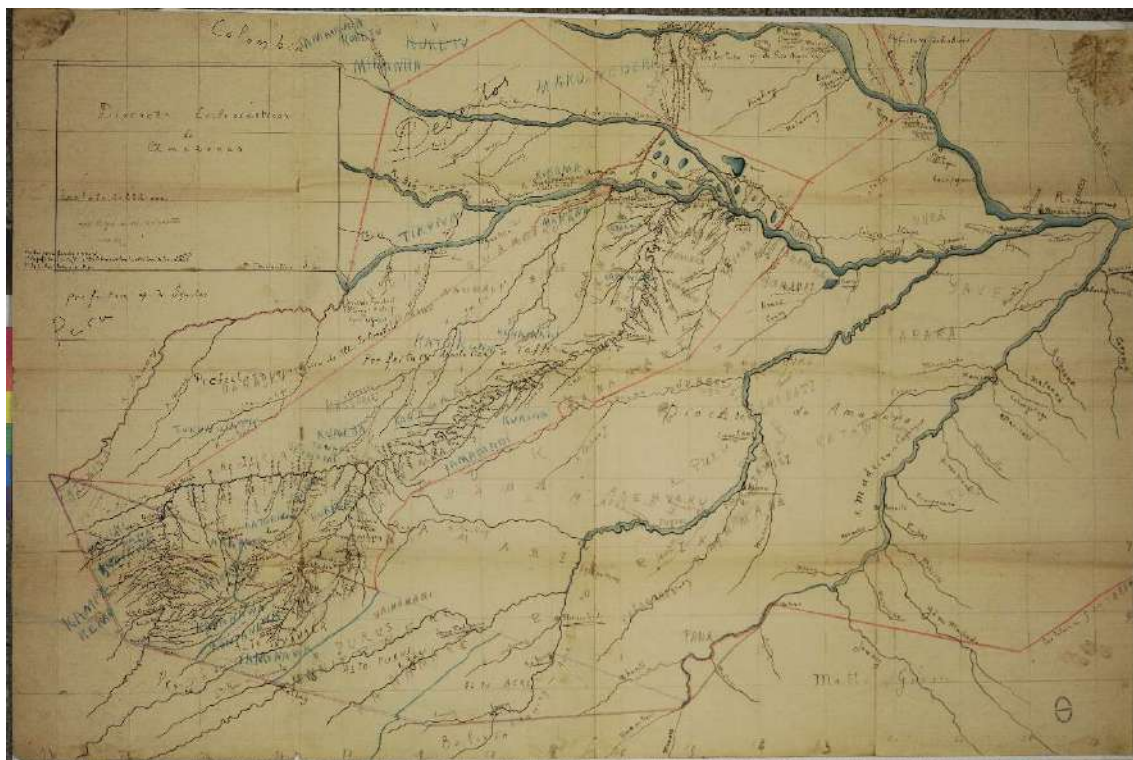


Figura nº 7: “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”. Carte ecclesiastique (Tastevin, s/d).

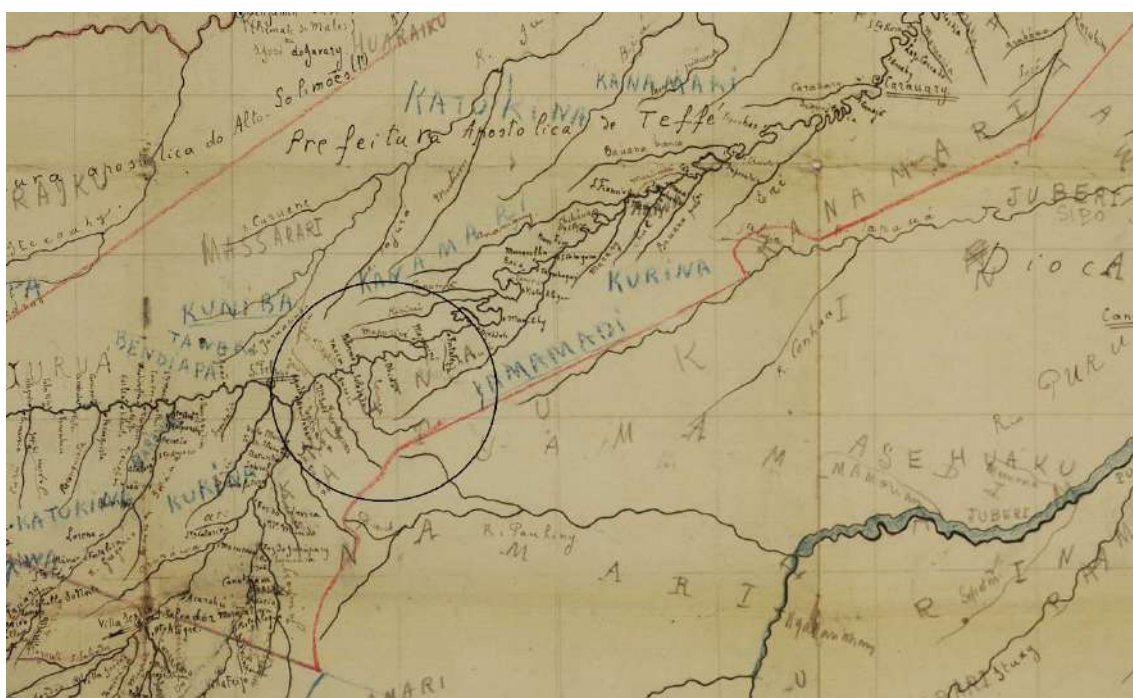


Figura nº 8: “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”. Carte ecclesiastique (Tastevin, s/d). O círculo no mapa ressalta a região da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

Este mapa fundamenta a presença dos Kulina (Kurina) na região dos Igarapés do Índio e Gaviãozinho. Note que a palavra “Kulina” está escrita na cor preta, exatamente na

região da Terra Indígena. A distinção se torna ainda mais perceptível com a ampliação do mapa, pois, diferentemente das outras palavras – que identificam a presença de diferentes grupos indígenas e estão escritas em azul – a palavra “Kulina” aparece em preto. Este é mais um indicativo histórico da presença dos Kulina na região dos igarapés Gaviãozinho/Índio desde tempos imemoriais.

Em 1920, Tastevin publicou o artigo *Le Fleuve Juruá* na revista francesa *La Géographie*. Nele, Tastevin apresenta uma sistematização de vários aspectos relacionados à geografia física, etnológica, política e econômica do rio Juruá. Os registros foram feitos durante sete anos de viagens entre os anos de 1908 e 1914 (Tastevin, 1920, p. 02).

No capítulo dedicado à “geografia etnológica”, Tastevin traz informações sobre os povos indígenas da região. Além disso, ressalta que a exploração portuguesa transformou o rio Juruá em um reservatório para os traficantes de escravos, que ali chegavam para obter mão de obra para as plantações de cacau e baunilha, às margens do rio Amazonas (Tastevin, 1920, pp. 131-132).

Atualmente os índios estão afastados das margens do rio que estão ocupadas por brasileiros civilizados em busca de "*Hevea brasiliensis*". Dessa forma ficam longe também dos tiros de fuzis dos peruanos que desceram os Andes nos altos rios Juruá e Purus, em busca da "*Castilloa elastica*". Os índios, privados dos melhores recursos do rio e da floresta, sem segurança suficiente e indefesos, são chamados a desaparecer a curto prazo ou a serem absorvidos pelo elemento civilizado. Este já é o destino sofrido pelos Arawas e Kunibas³⁰ (Tastevin, 1920, p. 132).

Tastevin descreve a situação grave dos indígenas no rio Juruá, encurralados entre as frentes exploratórias brasileira e peruana. Expõe também a extinção de dois grupos: Arawas e Kunibas, e ressalta a estratégia dos índios de recuarem para áreas de terra firme ou para regiões de pequenos rios e igarapés.

Ao delinear a realidade dos índios de sua época, Tastevin relata que encontrou um grupo de “Colinas” (Kulina) à margem direita do rio Juruá, na região do rio “Marary”. Para Tastevin, esse grupo de Colinas (Kulina) disfrutava de tranquilidade, pois estava sob a proteção do Coronel Contreiras, “um dos homens mais notáveis de Juruá”. Os Kulina trabalhavam principalmente em atividades relacionadas à agricultura e à caça, mas no ano de 1914 teriam começado a extrair um pouco da borracha, para agradar o seu benfeitor

³⁰ A tradução foi feita por mim do original em francês.

(Tastevin, 1920, p. 132). Esse grupo Kulina era numeroso e denominado Kólö pelos Kanamari (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73). O rio Marari fica acima e próximo ao igarapé Xué (Chué) (onde Chandless, em 1869, encontrou o povo Arawá). Tastevin descreve toda a região como uma área de ocupação tradicional dos índios Kulina, Kanamari e Deni (Jamamadi do rio Xeruã). Nas cabeceiras dos rios e igarapés, em áreas de terra firme, acessavam a região do alto rio Tapauá, afluente do rio Purus, através de caminhos que traçavam pela floresta (Tastevin, 1920, p. 132).

Tastevin, em suas viagens rio acima, alcançou a região entre o rio Tarauacá e o rio Gregório, e encontrou, à direita: “a maior tribo do Juruá: os Curinas” (Kulina) (Tastevin, 1920, p. 133)³¹.

Ao dissertar sobre a presença do “Civilizado”, Tastevin faz uma descrição detalhada de como foi o processo de colonização no rio Juruá – a chegada dos exploradores das riquezas, os novos moradores vindos da região nordeste do Brasil, a expropriação dos territórios tradicionais indígenas através do deslocamento forçado e o desaparecimento de grupos indígenas (como o povo indígena Arawá). Tastevin afirma que, antes da viagem de Chandless (1869), os portugueses nunca pensaram em se fixar no rio Juruá, pois o consideravam menor e menos importante que o rio Jutai. Anteriormente, os mercadores se estabeleciam em Tefé e subiam o Baixo Juruá no mês de maio em grandes barcos, apenas na época da borracha. Os primeiros estabelecimentos localizavam-se na região dos paranás, cuja borracha era de qualidade inferior. Geralmente, os exploradores chegavam ao local em junho, quando o rio volta ao seu leito e permite o trabalho na várzea, e partiam para Tefé em novembro ou dezembro, quando a água do rio passa a inundar a baixada e inviabiliza o trabalho da coleta da seringa (Tastevin, 1920, p. 134).

Todavia, a partir do desenvolvimento da indústria da borracha, os *civilizados* passaram a se estabelecer de forma permanente no Juruá. O movimento foi liderado inicialmente por famílias *mestiças* que dirigiam a vida política do município de Tefé, do qual o Juruá dependia na época. Porém, após a viagem de Chandless, espalhou-se a fama das riquezas do Juruá, e os mercadores do Baixo Amazonas (ou seja, da província do Pará) começaram a vir em busca de fortuna. Eles também eram *mestiços*, no entanto, ao não

³¹ Novamente a região do rio Tarauacá e do rio Gregório aparecem nos relatos como regiões marcadas por violências, exploração e expulsão dos Kulina. Toda a ocupação do rio Juruá por não indígenas intensificou a movimentação dos Kulina pela procura de territórios mais tranquilos (pequenos igarapés de terra firme) e de melhores padrões.

encontrarem mão de obra na região, foram procurá-la nas províncias do litoral nordestino: Ceará³², Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe etc. (Tastevin, 1920, p. 134). Uma fome, causada pela seca que afetou a região em 1877, seguida por outra ainda mais devastadora que assolou o país em 1888, acentuou ainda mais o movimento migratório que empurrava a população nordestina para a Amazônia. Sem interesses – ou mesmo sem a possibilidade de voltar a Tefé durante o período de inundação da várzea – os recém-chegados se estabeleceram permanentemente às margens do rio Juruá. Em 1881, chegaram ao rio Tarauacá; em 1889, ao rio Ipixuna; e em 1900, já não havia um ponto na bacia do Juruá que não fosse explorado, ocupado e compartilhado entre os “invasores”. Não havia mais um rio ou igarapé que não fosse rastreado até sua nascente³³. Ao longo do rio Juruá e de seus grandes afluentes, surgiram casas comerciais que eram o centro de imensas propriedades, onde trabalhavam de 50 a 300 empregados. Tastevin descreve de forma sucinta como funcionava o sistema de aviamento no rio Juruá:

O chefe geralmente é um homem enérgico que, seja por meio da persuasão ou da violência, mantém uma disciplina de ferro entre seus trabalhadores. Esses, que desde o dia em que chegam devem a ele o preço do transporte do litoral até o Juruá, o preço dos seus instrumentos de trabalho e as mercadorias que ele adianta, trabalham com ardor não só para se libertarem, mas novamente para fazer uma poupança que lhes permitirá voltar para sua terra natal e terminar seus dias com tranquilidade (Tastevin, 1920, pp. 135-136).

De acordo com Tastevin, o número de habitantes “civilizados” chegava a 40.000 no rio Juruá, enquanto os índios não passavam de 4.000 (Tastevin, 1920, p. 140). Muitos dos trabalhadores casaram ou trouxeram suas famílias para se estabelecer definitivamente no rio Juruá, porém também houve uma quantidade significativa de empregados mortos ao contraírem malária e beribéri. Dessa forma, as propriedades começaram a se concentrar, de um ano para o outro, nas mãos de poucos – seja porque o comerciante infeliz cedesse seus títulos a outro mais habilidoso, ou porque este já estivesse cansado da vida na floresta e quisesse desfrutar um pouco de sua fortuna vivendo na cidade, ou ainda porque as casas comerciais de Manaus e do Pará, a quem as pessoas deviam

³² O avanço das frentes de exploração da seringa e do caucho no Alto Juruá impactou de modo significativo a vida dos Kulina.

³³ O seringueiro extraía caucho e borracha na época do verão amazônico. Durante o período das chuvas trabalhava na produção de lenha para os barcos a vapor. Da floresta amazônica também extraíam: cacau, salsaparrilha, óleo de copaíba, e madeira para construção e carpintaria (Tastevin, 1920, p. 142).

financiamentos, tomassem suas propriedades como pagamento das dívidas (Tastevin, 1920, p. 136).

Foi assim que quase todo o Gregório, a Liberdade, o Ipixuna, o Paraná dos Mouras, o Valparaíso e o Tejo etc., tornaram-se propriedade de uma única firma que, de Manaus ou do Pará, administra através de um ou mais funcionários compatíveis. E foi assim que o emotivo coronel Contreiras, que mencionamos acima sobre as Colinas, gradualmente se espalhou do Marary para o rio Chiruhan em toda a margem direita e na maior parte da margem esquerda de Juruá, e que explora ademais um bom terço da margem direita de Chiruhan, até Tapaná na bacia do Purus (Tastevin, 1920, p. 136)³⁴.

Observa-se mais uma vez a menção aos Colina (Kulina) na região do Marary, Chiruhan (rio Xeruã, ambos próximos da atual TI Kulina dos Igarapés do Gaviãozinho/Índio), rio Gregório, Ipixuna e até o rio Tapaná (Tapauá), no rio Purus.

A seguir, apresento uma conversa com os Kulina na aldeia Matatibem (TI Ueré), quando indagados sobre o território histórico do Marari e Xeruã (na ocasião, estava desenvolvendo pesquisa de campo como antropóloga/coordenadora do GT de identificação e delimitação da TI Rio Ueré):

[Salim] Fica no município de Itamarati...

[Cossaro] Fica abaixo do rio Xeruã, fica abaixo da comunidade Mandioca... o Marari.

[Genoveva] Marari?

[Cara] De primeiro o pessoal morava lá. Depois trocaram flechas, mataram um bocado aí fugiram lá para a Buzina (aldeia localizada na TI Deni, rio Xeruã). Da Buzina voltaram de novo. Aí uns foram para Morada Nova, outros para o Boiador, pro Itaúba (aldeias localizadas dentro da TI Deni). Antigamente era tempo de flecha, de guerra. Meu avô veio lá de cima veio no navio que queimava lenha (motor a vapor), veio de lá para baixo, para Manaus. O tuxaua naquele tempo andava mais o pessoal.

[Genoveva] Como era o nome do teu avô, Cara?

[Cara] O nome do meu avô era Dsajo³⁵, *carihuacca* Samuel. Aí ele dizia que ficaram lá um tempão (em Manaus). Ele falava na guerra, nas flechas. Guerra mesmo com arco e flechas, *jadsire* (briga, guerra)

³⁴ A tradução foi feita por mim do original em francês.

³⁵ Dsajo-Samuel é o ancestral *dsomaji madija* (onça *madija*) que nasceu e morreu na região do Igarapé do Índio. É avô da Toho (casa 5, Igarapé do Índio). Está sepultado na antiga aldeia/roçado/cemitério próximo ao cano do Lago do Mato.

[Salim] Madija *dsoqquehui*, *dori*³⁶ *dsoqquerini* (tradução: Madija morria, morreu de feitiço). Aí iam fazer guerra.

[Cara] Antigamente quando morria um, aí falava, fulano que colocou pedra, vou matar ele, e mata. Naquele tempo o pessoal pensava só em *dori* (feitiço), mas tem febre também, doença, né? O meu tio, mataram um acima lá de Santa Luzia³⁷ (seringal onde morava o pessoal do Ado), abaixo do Igarapé do Índio.

A turma do Chico Cidade (Omaco)³⁸ ia levando uma criança. Aí meu tio tava trabalhando lá no barracão, lá no seringal, batendo campo. A criança morreu e Chico Cidade falou que foi o Antônio Samuel (Obo)³⁹ que colocou *dori* (feitiço) na criança. Aí mataram tio Samuel enquanto dormia. Meu tio não sabia. O menino morreu por causa do remédio que deram pra ele e deram buriti, parece. O menino estava tomando remédio de verme aí morreu. Era assim quando Madija morria dizia que era feitiço.

[Ana Luiza] Quando Ado veio lá da Aldeia Velha para cá vieram muitas famílias?

[Cara] Só a família dele mesmo. Só tinha duas casas aqui: eu, papai veio primeiro, depois Jacuba (Dahora). Eram três casas. Depois veio o Edi-Edson, morou. Aí morou lá no Ariramba, Samuel nasceu no Ariramba, de lá saiu para Tefê o sogro levou ele (sogro não indígena)

[Salim] O Chico Cidade não passou pelo Taquara (atual aldeia Kanamari), passou por Carauari, pela rua do Banho (Igarapé do Banho) com o Edmundo (Acora) (Conversa com Cara, Salim, Iba e Cossaro-Pedro. Aldeia Matatibem, 15 de maio de 2022) (Amorim, 2023, 72-73).

Essa sequência histórica apresenta como ocorreu a invasão das terras tradicionais Kulina pelas frentes de contato. Sobressaem as agressões e violências sofridas nos territórios dos rios Gregório, Tarauacá e Ipixuna (mais ao sul); e Marari, Xeruã, Chiué, Bauana e Tapauá (mais ao norte). Podemos constatar também como a pressão exploratória

³⁶ Pollock afirma que *dori* é um termo complexo, que pode ser entendido como uma substância que permeia a carne dos pajés, dando-lhes a capacidade para prejudicar e curar os outros (Pollock, 1985, p. 123).

³⁷ De acordo com depoimento atual da Nomija (casa 7, Gaviãozinho), o falecimento do filho de Tomahua gerou um conflito entre aqueles que moravam na antiga aldeia Terra Alta (TI Ig. Índio/Gaviãozinho) e aqueles residentes na antiga aldeia localizada no Igarapé Preto (TI Ig. Índio/Gaviãozinho). O pajé Obo-Antonio Samuel (filho de Dsajo-Samuel) foi acusado de ter provocado, por meio de feitiço, a morte de uma criança. Após a ocorrência, Obo-Antonio Samuel morreu, e os habitantes da antiga aldeia Igarapé Preto fugiram, pelo Furo Preto, em direção à aldeia no Igarapé do Índio. Por sua vez, os moradores da antiga aldeia Terra Alta foram avisados por Tomahua que os do Igarapé Preto viriam vingar a morte de Obo-Antonio Samuel. Assim, todos também fugiram da Terra Alta, abandonando casas e roçados. Esses acontecimentos se deram quando Nomija ainda era jovem e morava com os pais, Siara e Jabono.

De acordo com informações dos próprios Kulina, o Seringal Santa Luzia pertencia a Jurandir Cavalcante.

³⁸ Avô ancestral do subgrupo *biro madija* (tucano araçari *madija*). Avô de Dseca Kulina (casa 5, Gaviãozinho) e bisavô de Corari Kulina (casa 1, Gaviãozinho).

³⁹ Obo Kulina era filho de Dsajo-Samuel, morava na aldeia nas margens do Igarapé Preto (TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho).

da seringa e do caucho intensificou as disputas entre os Kulina e os Kaxinawa. Por outro lado, ao promover uma proximidade excessiva entre subgrupos rivais (por exemplo, entre o *dsomaji madija* – onça *madija* –, e o *biro madija* – tucano araçari *madija*), instigaram-se conflitos entre os próprios Kulina, por motivo de acusações de feitiço. Tal fato, por sua vez, desencadeou deslocamentos de famílias e subgrupos inteiros. Toda essa realidade deixou marcas profundas neste povo. Nesse sentido, a falta de demarcação das terras tradicionais Kulina fere um dos princípios básicos da Constituição Federal de 1988: o direito a sua reprodução física e cultural.

Por último, a informação mais importante que se sobressai nos registros históricos, seja em Chandless ou em Tastevin, é a comprovação da ocupação tradicional dos Kulina na região do Igarapé do Índio/Gaviãozinho desde tempos imemoriais:

Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos			
Ano	Descrição	Referência/Fonte	Relação com TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
1867	Primeiros registros escritos sobre os Kulina nos rios Xeruã, Tarauacá e Gregório. Mapa com informação da presença dos “Índios Kulina” em uma faixa de terra (a margem direita do rio Juruá) que vai do Alto Juruá até a região do rio Xeruã.	Chandless, 1869	A região indicada no mapa onde está escrito “Colinos Indians” corresponde a área da TI. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de

	O rio Xeruã é afluente direito do rio Juruá e se aproxima do rio Pauini, bacia do rio Purus.		alguns Kulina que habitam a TI.
1890	Registros de Kulina morando à margem esquerda do rio Muru e a margem direita do Alto Tarauacá. Os primeiros seringueiros que chegaram à região, em 1890, encontraram Kulina em vários pontos da margem esquerda do rio Muru, nos igarapés Mucuripe e Muruzinho.	Rivet; Tastevin, 1938, p. 74	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.
1892	Registros de presença Kulina no rio Envira, afluente do Tarauacá, e no rio Xeruã	Bates, 1892 <i>apud</i> Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1908 ⁴⁰ -1914	Entre o Marari (afluente do rio Juruá) e as cabeceiras do rio Tapauá (bacia do rio	Tastevin, 1920, p. 132,136	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao

⁴⁰ “Tendo viajado pelo Juruá por sete anos consecutivos de 1908 a 1914, tentarei contar a estas poucas páginas o que observei de interessante” (Tastevin, 1920, p. 02)

	Purus), os Kulina (Colinas) trabalham sob a proteção do Coronel Contreiras (agricultura, caça e extração de borracha). O seringal do coronel se espalhou pela margem esquerda do Juruá; e do Marari ao rio Xeruã (um bom terço da margem direita), até o rio Tapauá, na bacia do Purus ⁴¹ .		rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1920	Tastevin em suas viagens rio acima, chegou à região entre o rio Tarauacá e rio Gregório, e encontrou, à direita: “a maior tribo do Juruá: os Curinas” (Kulina).	Tastevin, 1920, p. 133	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá (“maior tribo”)
1921	Registro presença Kulina no rio Xeruã	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

⁴¹ No capítulo sobre a “geografia etnológica” Tastevin traz informações sobre os povos indígenas da região (Tastevin, 1920).

1924	Primeiros registros que tratam da existência dos subgrupos Kulina. Tastevin fixou residência em São Felipe (Eirunepé) de onde viajou para Cruzeiro do Sul e Seabra (Alto Tarauacá). Visitou as “tribos” da Reconquista, Envira, Acuraua e os Kulina das nascentes do Eru (rio Eiru). Passou uns dias nas aldeias no rio “Ete” (“rio dos cachorros”) ou igarapé do Maciel, afluente da margem esquerda do Baixo Gregório.	Tastevin, 1924, p. 421	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rios Acuraua e Eiru; e igarapé Reconquista ⁴² .
1938	Identificação de dois grupos Kulina: um que habitava à margem direita do rio Juruá, à altura do rio Marari, na região do alto Tapauá; e o segundo grupo que habitava mais ao sul, rio acima, nos rios Gregório	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Região do rio Xeruã: limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de

⁴² Lago da Restauração: seringal Restauração. Jidodo-Ridodo (igarapé Reconquista). Terra natal de:

- Omaco (Chico Cidade, avó paterno de Dseca, casa 5, Gaviãozinho);
 - Rora Kulina (casa 4, Três Barracas), idosa. Chegou aos seis anos na aldeia Gaviãozinho.
 - Tereza-Nomija Madija Kulina (casa 7, Gaviãozinho), filha de Siara Kulina e Jabono Kulina, nasceu em 1/7/1940, na aldeia Jidodo-Ridodo (Igarapé Grande).
- Os Kulina nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho trabalharam nos seringais dos rios Eiru e Acuraua.

	e Eiru (esse grupo Kulina teria se deslocado do rio Tarauacá após a passagem de Chandless)		alguns Kulina que habitam a TI.

Quadro nº 1: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos

2.5 Registros históricos sobre os Kulina nos arquivos do Serviço de Proteção aos Índios – SPI

Contemporâneos aos registros de Tastevin, existem vários documentos oficiais expedidos pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Estes configuram-se por cartas, ofícios e relatórios expedidos pelos postos indígenas da região do rio Juruá, que estavam ligados à Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e território do Acre, localizada em Manaus.

No “Relatório da excursão ao Alto Juruá”, expedido em 16 de dezembro de 1912 à Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Amazonas e Território do Acre, o ajudante do inspetor, Dagoberto de Castro Silva, relata sua excursão ao Alto Juruá. O ajudante partiu de Manaus em 7 de abril de 1912 e, no dia 18 de maio de 1912, chegou ao seringal Humaytá, localizado na foz do rio Amoaca, cuja propriedade era do coronel Absolon de Sousa Moreira. A principal missão de Dagoberto Silva era levar um ofício nomeando o coronel como “Delegado dos índios do rio Amoaca” (Silva Dagoberto, 1912, p. 02). Durante sua excursão, o ajudante conheceu a maloca Cova da Onça, no rio Amoaca, onde moravam índios “Jaminauas” e “Amoacas” em “perfeita harmonia” (Silva Dagoberto, 1912, p. 03). Por isso, ele sugere que ali seja construído um aldeamento e um posto do SPI para “prestar auxílio aos índios”:

O lugar mais apropriado para esse fim, é onde está a maloca Cova da Onça, entre os rios Amoaca e Nilo, não só pela sua salubridade, uberdade do solo e capacidade para o desenvolvimento de uma grande povoação, como também, por ser o ponto mais preferido por eles. Não serem perseguidos pelos pseudos civilizados, devido à falta absoluta da seringueira. Será um magnífico ponto de atração para os índios Chipinauas e Curinas, que não habitam lugar certo, percorrendo diversas zonas; estes desde o Breu ao rio Jordão, afluente do Tarauacá

e aqueles nas cabeceiras do igarapé Valparaíso, afluente do Juruá⁴³. Abrindo-se uma estrada até a margem do Juruá, pode-se fazer travessia em dois dias. Pertence esse terreno ao seringal Humaytá. Falando com o Cel. Absolon Moreira, ele disse-me que oferecia o referido terreno a Inspetoria, para nele ser fundada uma povoação indígena, podendo desde já ser demarcada para este fim (Silva Dagoberto, 1912, p. 06).

Quando Dagoberto Silva chegou à cidade de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, encontrou o Sr. Antônio Bastos, encarregado do Entrepósito de Proteção aos Índios do Alto Juruá. O Sr. Antônio Bastos estava acompanhado de oito índios Jaminauas que estavam doentes, e comunicou ao ajudante do inspetor que: “[...] o peruano de nome Nicanor Robalino, residente no rio Juruá-Miry afluente do Juruá, pela esquerda, no lugar denominado Santa Sophia, tinha em seu poder, escravizados 4 índios brasileiros e que pretendia leva-los para o Peru” (Silva Dagoberto, 1912, p. 01).

Sete anos depois, em 12 de junho de 1919, encontrou-se no arquivo do SPI uma Carta ao inspetor Sr. Bento M. Pereira de Lemos, chefe da Inspetoria do Amazonas e Acre, escrita pelo dono do seringal Santo Amaro (rio Gregório), o Sr. João Chysóstamo de Souza. Na carta, o referido senhor descreve a situação dos Curinas e Parauas:

Venho informa-vos que, ignoro o número completo dos índios deste distrito, no entanto, calculo que devem existir uns quinhentos, pouco mais ou menos, pertencentes as tribos: Curinas e Parauá.

Destes últimos posso dizer o número certo, porque, já algum tempo vivem morando nas proximidades de minha casa, e não são mais de vinte ao todo.

Se me fosse permitido, informaria mal o dia das precárias condições em que vivem os pobres índios deste distrito, esquecidos de tudo e de todos (Souza João, 1919).

Nove anos depois, em 19 de março de 1928 – já com um posto de apoio aos Kulina funcionando na região do Alto Juruá –, o auxiliar do inspetor do órgão indigenista do Governo Federal (SPI), Torquato Faria e Sousa, partiu de Manaus com destino ao então Posto Indígena Riozinho do Penedo. No dia 16 de abril de 1928, o auxiliar chega ao Posto⁴⁴:

No posto, antigo aldeamento dos curinas, encontramos 95 destes índios, dizendo o encarregado residirem ali 150, estando ausentes – 55, que na ocasião em diversas partes, se achavam colhendo pupunhas que é muito abundante nas capoeiras, sendo a principal

⁴³ Esse trecho histórico de 1912 ressalta um traço cultural dos Kulina: a mobilidade, o modo como esse povo percorre grandes áreas para visitar parentes e retribuir *manaco*.

⁴⁴ Relatório concluído e assinado dia 15 de maio de 1928.

alimentação deles nesta época, por uma estatística feita o ano passado pelo encarregado, dá o número de 350 índios curinas, verificando agora pelas informações que colhi, serem mais de 800, e que se pode afirmar, ser atualmente a maior tribo de índios civilizados no vale do Juruá. Se achavam aqueles todos vestidos, muito satisfeitos, são fortes, saudáveis e muito desembaraçados.

Existe no posto: 2 malocas grandes, e 3 barracas cobertas de palha, assoalhadas de paxiúba, tendo mais uma barraca toda coberta que serve de casa de farinha, estando limpos os terreiros e as barracas; disseram-me os índios ser muito escassa ahi a caça e difícil a palha que é preciso irem buscar na margem do Gregório (Sousa Torquato, 1928, p. 01).

O auxiliar de inspetor destaca a vasta plantação dos Kulina (fartura e boa alimentação), sendo que o posto apresentava aspecto geral positivo e os índios estavam satisfeitos. Entretanto, o auxiliar aconselhou o encarregado Alfredo a convencer os Kulina de abandonar o modelo tradicional de moradia (maloca-casa grande), por ser considerado anti-higiênico.

[...] O Posto está situado em boas terras para lavoura, tendo abundancia de excellente água, sendo bastante alto e ventilado, sendo muito saudável, conforme demonstram os seus habitantes. Dei instruções ao encarregado para construir mais barracas, em alinhamento, formando uma avenida, para cada família indígena possa ocupar uma barraca, construindo sentinas em todas, e tivesse sempre em vista o asseio e a maior hygiene em todas as habitações e suas dependências, procurando com carinho convencer-os que não devem morar nas malocas que são ante-hygienicas devido a falta de luz e ar, e a aglomeração de muitas pessoas (Sousa Torquato, 1928, p. 02).

Torquato e Sousa recomendou que mudassem o posto para o local Estação, utilizando, como argumento, a posse de um varadouro que permitia acesso a outros aldeamentos Curinas (Kulina). Sugeriu ainda que fosse mudado o nome do posto de “Riosinho do Penedo” para “Posto Indígena do rio Gregório”:

Verifiquei no entanto, que para melhor fiscalização de outros índios que habitam os rios Gregorio, Juruá e afluentes, e outras conveniências do serviço, torna-se necessária a mudança da sede do posto para a margem do Gregório, justamente no lugar Estação, onde começa o varadouro que vae ao aldeamento dos Curinas, portanto de fácil acesso, resolvi, autorizando o encarregado, que funcionasse o posto neste lugar que já mencionei, ter já uma boa barraca grande, e um

grande roçado com muitas plantações, tendo a vantagem ser terra firme e possuir um bom porto em todo o tempo; para que mais tarde não se succitassem algumas dúvidas, conforme pedio-me, dirigi um officio aos proprietários d'este terreno, do qual junto este uma cópia; permanecerá residindo no aldeamento de Riozinho um trabalhador com família, indo sempre o encarregado fiscalizar os trabalhos dos índios, e ter mais facilidade de estar com os outros índios do Gregório e Juruá (Sousa Torquato, 1928, pp. 02-03).

Ao analisar os arquivos do Posto Indígena, o auxiliar do inspetor apontou para a necessidade de uma engenhoca de ferro, tachos para trabalhar açúcar e rapadura, uma máquina de moer mandioca e um burro para carregar palha:

[...] Para conducção de palha para o aldeamento e dos produtos produzidos lá para virem a margem do Gregório é preciso a compra de 2 burros, comprometendo-se o encarregado restituir a importância dispendida com a aquisição, no fim do presente anno, com a renda certa que espera ter (Sousa Torquato, 1928, p. 03).

Solicitou, também, a fundação de uma escola que atendesse a necessidade de instrução de mais de 40 crianças, pois de acordo com o auxiliar: “todas falam o português e revelam inteligência” (Sousa Torquato, 1928, p. 03).

O auxiliar Torquato visitou igualmente os índios Canamarys e Bendiapas (Kanamari). No seringal Ceará, localizou mais uma “maloca de Curinas” (Kulina) no igarapé “Bahu” (igarapé do Baú). Depois, seguiu rumo ao seringal Penedo, onde conseguiu com o proprietário algumas estradas de seringa para alguns Curinas (Kulina) trabalharem (Sousa Torquato, 1928, p. 04). Encontrou “quarenta e tantos Curinas” trabalhando no seringal Ituxy, do senhor José Pedro de Sousa. Na ocasião, recebeu mais informações sobre o povo: grande número morava nas cabeceiras do rio Eiru, abaixo de S. Felipe (Eirunepé). Esses índios apareciam constantemente nas malocas do igarapé Baú, onde o encarregado do Posto do SPI, chamado Alfredo, fez uma grande roça. O auxiliar do inspetor afirma que é muito grande a região habitada por grupos indígenas, e sugere que o SPI nomeie diversos delegados para que possam oferecer uma proteção melhor aos povos:

[...] Para evitar as espoliações constantes que sofrem os índios em suas terras que tendo seringais são sempre cobiçados por civilizados ambiciosos, é conveniente vir ao Juruá o engenheiro contratado pela Inspetoria para medir as terras ocupadas ainda pelos índios, requerer, e mais tarde demarcar, para que possam morar e trabalhar sem medo de serem expulsos como está acontecendo com os Caxinauas e Bendiapas

que já não sabem mais onde possam morar. Também no baixo Juruá, Município de Caruary, obtive informações da existência de muitos índios: no seringal Vista Alegre propriedade do Sr. Jose Paulo, habitam muitos Canamarys, nos seringais, S. Romão e Marary propriedades do Sr. Cel. Alfredo Marques, com quem conversei, disse-me morarem em suas propriedades, 55 Corinas, e 40 Jamamadys, tendo estas suas malocas no igarapé Chyruan; no seringal Chibaua habitam também Jamamadys, dedicam-se todos a lavoura e alguns são seringueiros. Pessoas idôneas falaram-me em S. Felipe em um benemérito catequizador dos Curinas, é um ancião que está atualmente passando as maiores privações, tendo numerosa família indígena, reside no seringal Sobral, se chama Themoteo Fernandes da Silva, estas pessoas contam os relevantes serviços que prestou na pacificação da grande tribo Curina, conseguindo fazê-la sem derramamento de sangue, conseguindo pacificar para mais de mil índios, em vista de seu estado de penúria era de justiça que fosse aproveitado no serviço de Proteção dos índios, dos quase continua sendo um grande e nobre amigo (Sousa Torquato, 1928. p. 05-06).

O inspetor se refere ao município de Caruari como a região do Baixo Juruá, onde encontrou vários “Corinas” (Kulina) no igarapé “Chyruan” (Xeruã). Embora não mencionado no relato, os Igarapés do Índio/Gaviãozinho pertencem a essa região do rio Xeruã, Marari e Chibaua.

Em 1928, o encarregado do “Posto Indígena do riozinho do Penedo” Alfredo José da Silva enviou o relatório anual ao chefe da Inspetoria do SPI em Manaus. O encarregado detalha os serviços desenvolvidos de janeiro a novembro, apresenta dados sobre a população indígena assistida, descreve alguns traços culturais (“Costumes, crenças e hábitos”) e exhibe uma lista de vocábulos das “tribos”. No resumo das atividades de cada mês, constam dados sobre a produção agrícola, as diligências efetuadas, e a situação de saúde.

Março. Tratei de dois índios que viheram doente do alto Gregorio onde se achavão sobre o cuidado do Sr. Manoel Alves de Pinho, Delegado dos mesmos, no Riosinho da Liberdade. Fiz uma viagem ao Ajubim em fiscalização a chamado dos índios para repelir os abusos de seringueiro civilizado do Rio Erú, que pretendiam desalojar os pobres índios, que não teem mais para onde irem, nessa viagem tratei de um índio que estava quase morto de inflamações no fígado e baço, conforme comuniquei a V. Sra. Em officio nº 2, de 18 do mesmo mez. Preparamos uma canôa de Itaúba e iniciamos os serviços do roçado para o plantio do tabaco.

[...]

Junho. Neste mez fiz uma viagem ao baixo Juruá em procura de uma índia que um indivíduo civilizado, raptado-a conforme

comunicação em officio nº 13 de 18 do mesmo mez, ainda n'esse mez fisemos as seguintes plantações, 8 litros de feijão e 1900 covas de mandioca, e limpamos um roçado.

Julho. Preparamos 4 casas pequenas para os índios e uma com 55 palmos de frente por 28 de fundo, soalhada e tapada de pachiubinha batida, esta serve de sede provisória d'este posto, fiz uma visita aos índios du Ajubim, indo encontrá-los alarmados, por ter o proprietário do seringal Eru mandado o seu mateiro suspender os do serviço que estavam fazendo em seu seringal, cujo serviço era abrir umas estradas de sirigueiras; enformando-me de pessoas fidedgnas cheguei a conclusão de saber que as terras que esses índios estão ocupando, são terras devolutas, portanto já se vê que esse Sr. não tem razão, por isso que autorizei aos índios continuarem os seus serviços de lavoura e exploração de sirigueiras.

[...]

Ainda no mez de Julho fiz uma viagem ao Acuraua afluente do Tarauacá, onde fui buscar uns índios que estavam sendo maltratados pelos os sirigueiros de lá, no Acuraua tive sciencia de um facto lastimável occorrido no mez de Março. Um sirigueiro foi ao tapiry de um índio e tomou-lhe a mulher, dias depois o sirigueiro foi encontrado morto na estrada, ignorando-se o cumprice. A índia voltou para junto do seu marido. Esses índios Curinas teem soffrido mais do que todos os habitantes da selva amazônica, são expoliados soffrendo as maiores depredações dos sirigueiros. Tarauacá, Acurauá e Erú tem grande quantidade de índio, sendo difícil uma fiscalização d'aqui.

[...]

Todos os artigos que tem vindo da hi dessa Inspectoria, como bem roupas, mosquiteiros e ferramentas etc, tem sido em número tao pouco, que não dá para satisfazer um terço dos índios, havendo por isso desinteligencia entre eles (Silva Alfredo, 14 de novembro de 1928).

A situação dos Kulina não era nada favorável. Alfredo da Silva relata a presença de doenças, o rapto de mulheres indígenas, a disputa de territórios com donos de seringais e o deslocamento forçado dos Kulina de suas terras tradicionais. Ao descrever sua viagem às aldeias nos rios Acuraua, Tarauacá e Eiru, no mês de julho 1928, o encarregado afirma que os índios Kulina (Curina) foram os que mais sofreram espoliações e depredações com a colonização na Amazônia. Mais uma vez, palavras como penúria, doenças (relacionadas ao contato), rapto de mulheres, maltratos e espoliações (hoje caracterizadas como vulnerabilidade) surgem como um traço marcante da relação dos Kulina com a sociedade nacional. O encarregado Alfredo (do SPI) narra como foi sua viagem à região do Baixo Juruá à procura de uma indígena que havia sido raptada por um não indígena. É importante notar o avanço da exploração da borracha e do caucho, que já havia alcançado a região dos rios Tarauacá, Acuraua e Eiru (territórios tradicionais Kulina).

Alfredo da Silva (1928) descreve, ainda, os “Costumes, Crenças e Hábitos” dos índios Canamari, Bendiapá e Curina:

Estes Índios são numerosos e moram em malocas em número de 60 a 100, cecenta a cem, e havendo em cada maloca um pagé e um Tuchaua sendo a quelle extremamente respeitado.

Só por morte poderá ser o Tuchaua substituído pelo primogenito, os pagés só curam enfermidade procedidos pelo dury ou gravatana. Dury ou gravatana que eles chamam é uma espécie de pedra feita de resina de um páo que não conhecemos o nome, quanto a arvore já temos visto, e essa resina eles, botam para ferver com agua até petrificar, este trabalho é feito no meio das mattas debaixo de muito segredo, disem quando eles querem matar pessoa – qualquer é bastante atirar uma destas pedras com distância de 10 a 20 metros, cuja pedra se introduze no corpo da victima sem que esta sinta e nem ficar orificio por onde entrou; Para os moradores daqui do Gregório, isto é um facto. Porem Já verifiquei que não é, os pagés uzam dessa extrategica dizendo que assim fasem, para melhor tomarem chegada das suas victimas.

É facto, que eles uzam as pedras, mas só se utilizam deles pondo na bebida ou na comida, depois d’ella ingerida pelo seu adversário, no espaço de cinco dias precisamente começa operar o seu efeito, o que se não ouver um pagé para extrair, produsirá a morte inevitavelmente.

Já a preciei um cena triste desses índios, o anno passado no mez de Maio quando estava no serviço de derribamento dos roçados, seria precisamento 12 horas do dia quando vi entrar na maloca o índio Rofino, rapaz novo e forte contendo 20 annos aproximadamente, dirigime a ele e perguntei-lhe porque tinha abandonado o serviço, ao que respondeu, estou doente; não acreditei, julguei que fosse mentira, aproximei-me d’elle e peguei-lhe no pulso e vi que de facto elle estava com muita febre, mandei que fosse se deitar e volvi ao serviço, ao voltar as 6 horas da tarde para a maloca ex que encontro elle aos gritos, com dores acerbadas nos intestinos e a febre que tinha aumentado consideravelmente, em presenca de tanta dor, tanto sofrimento, fiquei sem atinar o que devia fazer para por termo a tão penosa situação do infeliz rapaz, neste momento entra o Pagé trazendo um canudo de taboca que encheu de rapé e mandou outro índio sopra-lhe no nariz, minuto depois, poz a bocca dentro da bocca do doente, e chupou com muita força, extraindo uma substancia branca, que disse o Pagé ser o dury ou gravatana, e que o rapaz estava curado pois o tinha extrahido.

O que é facto, é que as 10 horas da noite o rapaz não sentia mais nada e as 6 horas da manhã estava pronto para todo serviço.

As mulheres tem algumas que curam com raízes, cascas e folhas de paus; no tratamento de verme, na medicina a inda não a pareceu um remédio igual a uma parasita empregada por ellas para esta moléstia.

Elles sabem que existe deus, mais obedece e temem o trovão⁴⁵, regularizam-se pelas luas, não gostam de dormir no chão, todos dormem em maqueiras de algodão, gostam pouco de comer assado, apreciam pouco farinha, gostam de macacheira cozinhada feita mugica com banana, a tiram bem, tanto de rifle como de espingarda e são exímios flexadores, os seus arcos são feitos de pupunheira, comem toda qualidade de incétos, e de frutas, sendo a pupunha a mais predilecta, gostam muito de roupa mais só vestem quando estão no meio dos civilizados, quando estão só vivem no estado primitivo (Silva Alfredo, 14 de novembro de 1928).

Em seguida, faz um relato do ritual *Cocosi*, ou brincadeira da surra com o couro do Peixe-boi⁴⁶:

São a priciadores do tabaco, e o pagé não faz cura sem que tenha tabaco.

Sempre há reunião de índios de outras tribos ou malocas em visita a outras, formam o brinquedo do peixe-boi, mais ah! Que coisa extraordinária.

Contando torna-se enacreditavel; tanto os hospedes como os hospitaleiros, preparam uma tira de couro de peixe-boi amarrada em uma vara de um metro de comprimento (mais ou menos) e no couro é amarrado qualquer coisa que com mais facilidade produza ferimento, como seja esporão de arraia ou um ralo feito da folha de flande, etc, antes de começarem o brinquedo, todos se pintam com Urucú genipapo etc, depois enfeitam-se com espelhos, facas, terçados, ervas de arbustos, depois de tudo prompto, reúnem-se na retaguarda da maloca, e formam cordões e vem dansando, som de uma buzina batendo com os pés tudo certo.

Cada um com o seu peixe-boi seguro com as duas mãos, e estas suspensas por cima da cabeça, depois de darem voltas a maloca, saem dois a dois e depois de voltarem-se, os que são fortes e corajosos dão commesso a troca de chibatadas, recebendo um primeiro, as que puder a guentar rindo e dansando, alguns á que aguentam até três passando então o peixe-boi para o que acabou de apanhar, para, com elle mesmo dar no seu adversário e assim segue a festa até quando não tem mais quem queira apanhar, as chicotadas são recebidas de braços erguidos, pegando peito e costa, quando terminam o brinquedo faz penna se ver

⁴⁵ Vale ressaltar aqui o equívoco de Alfredo Silva. Os Kulina não temem ou têm o trovão como deus. Conforme os próprios Kulina e pesquisadores, o ser canibal que vive no patamar superior que devora uma das almas do morto é o sol (*maji*).

De acordo com Tastevin, o trovão é produzido pelas lutas dos gigantes ginastas que habitam os lagos do firmamento (Tastevin, 1924, p. 422).

Os Kulina me explicaram que o clarão dos raios (*ssissihuede*), seguido do estrondo do trovão (*ttottorode*) é o efeito da banha das almas assando no churrasco feito pelo sol (*maji*). O sol (*maji*) moqueia (assa) uma das almas do morto e depois a devora (ver também Pollock, 1985; Lorrain, 1996; Silva e Mochizawa, 1996; Amorim, 2014; 2019).

⁴⁶ Estimo que esse ritual foi executado nas aldeias Kulina até recentemente (por volta de 1980).

o estado em que ficam; a noite formam dança e cantorias com que se divertem até o outro dia (Silva Alfredo, 14 de novembro de 1928).

Neste Relatório Anual de 1928, Alfredo José da Silva alerta à Inspetoria do SPI em Manaus sobre a situação dos indígenas na região do Seringal Atalaia, e manifesta indignação com a violência empregada por patrões e capangas contra os Kulina. Além disso, o encarregado reitera que a região dos rios Gregório, Acuraua e Eiru são terras tradicionais Kulina (Ajubim, Vauaperena, Cossapa e Cossiha):

Antes de minha chegada aqui no Gregório, era uma verdadeira catástrofe, os índios eram uns verdadeiros escravos, espoliados pelos civilizados como afirmam as pessoas sensatas d'este rio, onde o índio passou maior vexame, maior miséria foi no seringal Atalaia, porque os intitulados patrões, os mandões que tomam conta do refferido lugar são uns vis bandidos, canahas, crápulas e degenerados, uns facínoras na excepição da palavra, elles eram dois, patrão e capanga, que tenho nojo de citar os nomes, a o ultimo mediante ameaças de justiça, fiz-lhe fugir amedrontado, deixando um debito de um conto de reis.

Ao patrão como mi foi impossível fazer o mesmo, porque se diz ser dono do lugar, tomei a deliberação de mandar os índios para os lugares que seus antepassados tinham maloca e grandes plantações de pupunheiras, que é no Igarapé Ajubim, chamado por eles Aámim, ou ceja nas cabeceiras do Ajubim com Erú, Vauáperená e no Cuçapá, estes dois últimos correm paralelos, desaguando o primeiro no Juruá e o segundo no Acurauá.

O Ajubim é afluente do Gregório, é preciso notar que tem mais o Igarapé denominado Cucirrá, de pequeno curso, e é onde os índios tem suas plantações e moram em maior número.

A demarcação do seringal Erú, fica com mais de (12) dose mil metros de distância das refferidas malocas, e os patrões querem ter o direito de posse, porque as aguas correm por dentro das demarcações, é interessante essa lógica (Silva Alfredo, 14 de novembro de 1928).

Ademais, é notório como essa situação piora com o passar dos anos. Os índios já não se encontravam livres, nem mesmo nas cabeceiras dos igarapés. Em 15 de dezembro de 1929, o encarregado do Posto Indígena do rio Gregório envia um ofício ao Inspetor do SPI, Bento Pereira, onde descreve como a situação se agravou na Maloca Ajubim com a invasão armada dos seringueiros:

Acuso o officio de Vossa Excia. datado de 18 de Outubro último, sob nº 692, recebido neste Posto a 8 do corrente, apresentando-me uma carta do Sr. Cel. Conrado Pinto Gomes, residente em Mourao-Eirú, no rio Juruá, dirigida aos Srs. J. G. Araújo & Comp. Ltda. de

Manáos, - impetrando a interferência destes Senhores contra o direito dos índios nesta região, a essa Inspectoria.

Cumpre-me prestar a Vossa Ex. Cia. os seguintes esclarecimentos; Encravada entre propriedades do Sr. Manoel Vicente Carioca (rio Gregório) e do Sr. Cel. Conrado (Eirú), demora a Maloca denominada “Ajubim”, em terras devolutas; ora, morando nessas paragens de há muito tempo esses índios, nenhuma necessidade tenho de arma-los para eles próprios evadirem a referida Maloca denominada “Ajubim”, ressaltando a verdade do exposto, - o travessão das propriedades do citado Sr. Cel. Conrado, separando essas terras ocupadas pelos índios, que ahi abriram 4 estradas de sirigueiras, não descobertas por civilizados (Silva Alfredo, 1929).

Viu-se que o encarregado Alfredo acusa recebimento de um ofício do Inspetor, no qual há uma reclamação do Sr. Cel. Conrado Pinto Gomes (residente em Mourão-Eirú, no rio Juruá). Esta chega através dos donos de uma grande casa comercial de Manaus: a empresa J. G. Araújo & Comp. Ltda. Dessa forma, pode-se concluir a existência de uma estreita relação entre os exploradores locais, bem como a influência e a dominação exercida pelas grandes casas comerciais. No referido ofício, o encarregado afirma que o posto presta serviço a mais de 300 índios, e incentiva o trabalho deles na agricultura para manter sua alimentação: “tudo revertendo em benefício dos inimigos do Sr. Cel. Conrado, os indígenas, sob a nossa guarda” (Silva Alfredo, 1929).

No início de 1930, mais precisamente no dia 20 de janeiro, o encarregado do Posto Indígena do rio Gregório envia um ofício ao Inspetor Bento Martins, em Manaus, solicitando roupas para os índios. Nesse ofício, justifica o pedido de um número maior de peças devido ao alto número de indígenas reunidos no posto: “207 almas indígenas, sendo 66 homens, 56 mulheres e 85 crianças”.

A seguir, transcrever-se-á a “Folha demonstrativa dos serviços feitos no Posto Indígena do Rio Gregório”. No documento, é possível constatar a produção e os trabalhos dos Kulina na sede do posto indígena e no aldeamento do Riozinho do Penedo (meses de abril e maio de 1930):

Duas viagens ao rio Juruá
Serragem de madeira para construção de Barracão.
Plantio de 3 mil pés de tabaco
Fabricação de assucar, quinhentos Kilos (500)
Dito de rapadura cento e cinquenta (150)
Dito de mel de canna cinquenta, litros (50)
Colheita de cento e cinquenta paneiros de macaxeira (150)
Ditos de cachos de banana cento e vinte (120)

Carreto de assucar para sede do posto.
Brocagem de dois grandes roçados e começo de derribamento dos mesmos.
Fabricação de dez alqueires de farinha (10)
Toda esta produção tem sido consumida com os Índios do posto
Estes serviços foram feitos durante os dois meses de Abril e Maio
Posto Indígena do Rio Gregório, 31 de Maio de 1930 (Silva Alfredo, 1930).

No entanto, aquele não seria um bom ano para o Posto do SPI. Com o avanço da frente de colonização, não vieram apenas as ações de “correrias”, a violência e os raptos de mulheres indígenas, mas também um fator determinante para a redução da população nativa: as doenças. Assim, no dia 30 de junho de 1930, o encarregado Alfredo envia um ofício comunicando que “a febre e a sesao, tem grassado os índios deste posto. Já exgotei todo oqqq. E não há mais recursos para debelar o mal”, solicitando urgência no envio de medicamentos (Silva Alfredo, 1930).

No ofício nº 17, de 16 de julho de 1930, Alfredo Silva comunica o falecimento de três crianças indígenas e pede novamente ajuda e medicamentos ao inspetor do SPI, em Manaus. Ele continuava sem remédios e sem condições de identificar a causa das febres e mortes no Posto Indígena.

Nota-se no ofício nº 18, de 28 de julho de 1930, que passa o tempo e a situação não melhora. O encarregado comunica ao inspetor chefe do SPI que “desconfiou que a febre era de caráter contagioso”. Em função disso, resolveu isolar os doentes, medida que surtiu efeito. Nesse contexto, no ofício nº 22, do dia 30 de agosto de 1930, o encarregado do Posto indígena do rio Gregório requer mais remédios, informa que morreram mais três crianças indígenas e que os doentes se encontram em estado alarmante. Notifica, ainda, dois casos de tuberculose.

Apesar disso, no dia 15 de setembro de 1930, no ofício nº 26, Alfredo Silva comunica que o posto indígena foi visitado por muitos índios, e que muitos decidiram permanecer ali, “elevando-se o número de 207 a 289 almas indígenas”. Ele também informa que “está sanado o estado epidêmico que estava grassando o posto”. No entanto, ainda assim é certo que o ano de 1930 foi extremamente difícil, com a morte de muitos indígenas.

Em suma, no relatório anual de 17 de novembro de 1930, o encarregado Alfredo faz uma breve descrição das ações desenvolvidas a cada mês. Ressalta, também, o estado epidêmico ao apresentar as ocorrências de agosto:

Este anno foi muito epidêmico, aparecendo muitas febres: morreram (5) cinco crianças e uma velha. A gripe derribou de uma só vez, (119) cento e dezenove índios. Graças a Deus, hoje todos escapos, trabalham com vigorosa saúde. Existem atualmente neste posto (229) duzentos e vinte e nove índios. Alimentam-se de macaxeira, banana e açúcar (gramixó); a quantidade de caça e peixe que há é quase nenhuma (Silva Alfredo, 1930 p. III).

Alfredo Silva relata com detalhes uma viagem realizada ao rio Eiru, referente às ações desenvolvidas no mês de setembro de 1930. Ela tinha como destino a residência do Delegado dos Índios daquela zona, o Sr. Cel. João Conrado. Alfredo percorreu todo o rio Eiru, com o apoio do Coronel, e afirmou que aquele seria o local de maior habitação dos índios Curinas. O encarregado aproveitou a ocasião para executar serviços de registro de nascimentos e recenseamento dos “aludidos selvícolas”, conseguindo documentar quase a totalidade das malocas: expediu cerca de vinte e oito registros de nascimentos (ocorridos de 1929 a 1930), enquanto o serviço de recenseamento totalizou cento e oitenta e sete índios. Porém, alertou que o número de Kulina na região seria bem maior e “nunca inferior (150) cento e cinquenta índios”. Ao apontar para a quantidade de índios na região, destaca uma maior concentração populacional nas nascentes do igarapé Ajubim. Devido à localização estratégica do rio Eiru (situado entre os rios Tarauacá, Acuraua, Gregório e Juruá), o encarregado sugeriu que fosse construído um posto auxiliar naquele território ou imediações (Silva Alfredo, 1930 pp. III-IV):

A pesar da actividade e vigilância do proprietário do Eirú, de onde vem se verificando factos condemnaveis entre os mesmos civilizados e índios, sendo estes por vezes victimas de explorações e logros por parte d’aquelles e até arrastados de suas malocas por grupos armados, como se deu com a presença agressiva de (3) três civilizados do Tarauacá em uma maloca, da qual conduziram alguns índios coagidos, já tendo o Delegado do local tomado enérgicas providencias sobre o que acabo de expor, com minha aprovação.

Outro facto: - Não menos detestável, occorreu em um agrupamento de tapirys de Curinas que em uma das suas periódicas pescarias em um igarapé affluente do Tarauacá, se viram ameaçados por numeroso bando armado de um dos siringaes dali a abandonar seus acampamentos que foram encendiados e destroidos, um aviamento e

mais petrechos que possuíam para beneficiamento de suas plantações e roças.

[...]

Devido à grande crise, este posto só tem despesas deixando de apresentar receita devido a não achar quem queira comprar cereais; assucar, etc, etc; pois em assucar produzimos (6;500) seis mil e quinhentos kilos, este anno, sendo obrigado distribuir a maior parte com os índios e o restante ficar em deposito; farinha só temos feito para o consumo, porque ninguém a quer comprar e assim todos os cereais (Silva Alfredo, 1930, pp. IV-V, VIII).

Alfredo da Silva descreveu traços do xamanismo Kulina, que denominou como “crenças”:

CRENÇAS: - O índio que tiver a coragem de altas horas da noite ir no meio da matta, falar com um tal de Curimé, será um heroé e terá apitidões para ser pagé; Curimé sempre aparece em forma de onça, muito bravia, que é preciso o candidato ser corajoso sinão não fala com o Curimé; quando há alguma iniciação, vai o pagé esconder-se longe dos outros e leva uns enfeites de palha; altas horas da noite sai o candidato gritando na direcção em que os outros pagés ensinam; grita até encontrar com o tal Curimé que é um pagé disfarçado em onça; logo que se encontram, travam lucta até ver qual o vencedor; si o iniciado vense, então terá todas as honras de pagé; se não vense, Curimé propala que o candidato não pode ser pagé.

Junto ao presente relatório o vocabulário falado pelos índios Curimas.

Eis, Exmo. Snr. Inspector do Serviço de Protecção aos Índios o que me cumpre expor sobre os índios Curimas que se acham sob minha guarda (Silva Alfredo, 1930, p. VIII).

O sistema de expropriação de bens e exploração continuou nos anos seguintes, e não se restringia apenas à população indígena. Nesse contexto, é relevante apresentar trechos da carta escrita ao Ministro João Alberto por Carlos Eugenio Chauvin, Inspetor do Serviço de Protecção aos Índios do Estado do Amazonas e Território do Acre (Manaus, 02 de abril de 1940). Nela, constam reclamações em relação à atuação das casas comerciais e à situação de exploração no rio Juruá:

Existia nas proximidades da confluência do rio Moa com o rio Juruá um proprietário de pequeno seringal que compreendendo que lhe seria possível produzir por preços muitíssimos mais cômodos as mercadorias de primeira necessidade, sem prejudicar as safras de borracha, caiu na maneira de plantar e de fazer farinha. Foi o bastante para cair no livro negro do aviador e não tardou muito e se viu provado

da posse de todos os seus bens, penhorados, vendidos, destruídos por uma canoa judiciária da comarca de São Felipe que ali veio por conta e risco da casa aviadora. O comércio de Belém não poderia admitir que um pequeno seringueiro do Alto Juruá desse o péssimo exemplo de fabricar farinha para o seu consumo, quando os navios daquela praça para ali conduziam aquele artigo ao cômodo preço de 150\$000 o alqueire! (Chauvin, 1940, p. 03-04).

O inspetor Carlos Eugenio Chauvin exhibe como o sistema de aviamento era implacável: funcionava desde as relações estabelecidas com as casas de comércio de Belém e Manaus até o controle e apropriação de territórios, bens e indivíduos no rio Juruá. Em São Felipe (atual Eirunepé), as pessoas eram proibidas de plantar mandioca e fazer farinha, para que efetuassem essa compra exclusivamente nos navios de comércio de Belém⁴⁷.

Para finalizar a excursão sobre os registros históricos do SPI, segue uma carta enviada ao Diretor da Inspetoria dos Índios no Amazonas, escrita a próprio punho por Julio de Sousa, em 22 de março de 1941, desde o rio Xibaua. Na referida carta, constam informações mais recentes sobre a situação dos Kulina no rio Xeruã (Chiruan), mesma região onde está localizada a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho:

Venho por meio deste sucinto relatório, levar a conhecimento de V.Sa. o que se vai passando no rio Chiruan, afluente de margem direita do rio Juruá. Ali Ilmo. Sr. existem três tribos de índios, denominados “Colinas”, “Canamarys” e Jamamadys, os quais se mostram em completo abandono, sem ciência, creio, de V. Sra., e sabendo que V. Sra. vem providenciando no sentido de proteger os pobres selvícolas, é que animado das melhores intenções, peço vênha, para sugerir-lhe medidas que aceitas por V. Sra. possam amenizar a situação destes nossos patrícios abandonados ao léu da sorte: 1º a construção de um posto, que deve ser localizado em “Xibaua”, rio Juruá, município de Caruary, que distam apenas oito horas em canoa a foz do Chiruan, com a criação do referido posto, é certo que evita-se explorações indevidas, perseguições, e outros males que possam surgir: 2ª a nomeação de um encarregado ou coisa que o valha, ser o melhor juízo de V. Sra. : 3ª nestas condições como conhecedor do local, e residindo ali muitos anos me proponho para tal lugar, se convier a V. Sra. a respeito do seu modo de proceder, pode V. Sra. proceder as devidas averiguações.

Apresento a V. Sra. os meus súbitos respeitos (Sousa Julio, 1941).

⁴⁷ A região de Eirunepé (São Felipe) é reconhecida nos documentos históricos e na memória oral como um território tradicional Kulina.

Esta série de registros históricos exhibe o significativo impacto das frentes colonizadoras sobre o povo Kulina. Segundo o ajudante de inspetor Dagoberto Silva (1912), os Kulina não habitavam lugar certo, pois viviam em fuga constante da interação com seringueiros e caucheiros. A estratégia recorrente passou a ser o refúgio nas cabeceiras de pequenos igarapés e rios, pouco conhecidos e com baixa ocorrência de seringa e caucho. Observou-se também como a violência contra os Kulina se intensificou ao longo dos anos. Ao rapto de mulheres, somam-se explorações de vários tipos, como a expulsão das terras tradicionais, escravidão, exploração da mão de obra, invasão de aldeias por grupos armados e incêndios criminosos em acampamentos de verão. Em contrapartida, começam as primeiras ondas de epidemias no Posto Indígena do rio Gregório, que deixa de ser um local de refúgio seguro. Não é à toa que, até hoje, os Kulina descrevam seus constantes deslocamentos entre o Alto, Médio e Baixo Juruá.

Nesse sentido, é notória a preocupação do auxiliar Torquato Faria e Sousa, do SPI, com os Kulina na região de Carauari, a partir de 1928. À época, ele apontava para a necessidade urgente de demarcar um território para que os índios pudessem viver com tranquilidade: “morar e trabalhar sem medo de serem expulsos”. Através da carta de Júlio Sousa (1941), constata-se, também, a presença dos Kulina no território do Baixo Juruá, na região que inclui o rio Xeruã, Marari e Chibaua (cerca de mil índios Kulina teriam sido catequizados e pacificados neste local). Conforme informado anteriormente, a atual TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está localizada nesta área descrita nos registros do órgão indigenista.



Foto nº 6: anciã Rora. Aldeia Três Barracas: 18/08/2024 (Genoveva)

Em síntese, as informações de maior relevância que se destacam nos registros históricos dos arquivos do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Amazonas e Território do Acre – SPI, são:

Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos			
Ano	Descrição	Referência/Fonte	Relação com TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
1912	Dos arquivos do SPI - Dagoberto de Castro Silva (ajudante de inspetor) sugere construção de um aldeamento e posto do SPI para “prestar auxílio aos índios” na maloca Cova da Onça, entre os rios Amoaca e Nilo. Principal objetivo: atrair os Curinas (Kulina), que não habitavam lugar certo: do Breu ao rio Jordão, afluente do Tarauacá; e as cabeceiras do igarapé Valparaíso, afluente do Juruá.	Silva Dagoberto, 1912, p. 06	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.
1919	Dos arquivos do SPI: o dono do seringal Santo Amaro (rio Gregório), João Chysóstamo de Souza, enviou Carta ao SPI-	Souza João, 1919	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns

	Manaus informando existir uns quinhentos indígenas das tribos Curinas (Kulina) e Parauá naquele “distrito”; ressalta as precárias condições em que vivem.		Kulina que habitam a TI: rio Gregório ⁴⁸ . Situação de vulnerabilidade.
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) viaja ao posto de apoio aos Kulina na região do Alto Juruá: Posto Indígena Riozinho do Penedo. Moravam no Posto 350 índios “curinas” (Kulina). Afirmou serem mais de 800 pessoas (“atualmente a maior tribo de índios civilizados no vale do Juruá”)	Sousa Torquato, 1928, p. 01	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: Riozinho do Penedo ⁴⁹ . Situação histórica de vulnerabilidade
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) visitou o seringal Ceará onde localizou uma “maloca de Curinas” (Kulina) no igarapé “Bahu” (igarapé do Baú).	Sousa Torquato, 1928, p. 04-06	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: igarapé do Baú ⁵⁰ , seringal

⁴⁸ Aro-Aroldo Kulina, sepultado no Lago do Sacado, aldeia Igarapé do Índio.

⁴⁹ Riozinho do Penedo é terra natal de Irewahi (casa 6, Gaviãozinho).

⁵⁰ Aldeia no Igarapé do Baú, terra natal de Neuza Cassiani (casa 1, Igarapé do Índio).

	No seringal Penedo conseguiu algumas estradas de seringa para alguns Curinas (Kulina) trabalharem. No seringal Ituxy encontrou “quarenta e tantos Curinas” trabalhando para José Pedro de Sousa. Na ocasião recebeu informações sobre os Curinas (Kulina): “um grande número morava nas cabeceiras do rio Eiru, abaixo de S. Felipe (Eirunepé)”. No Baixo Juruá, Município de Carauari, obteve informações de muitos índios: “nos seringais, S. Romão e Marary propriedades do Sr. Cel. Alfredo Marques: “com quem conversei, disse-me morarem em suas propriedades, 55 Corinas, e 40 Jamamadys, tendo estas suas malocas no igarapé Chyruan”.		Penedo, rio Eiru, região do Baixo Juruá. Situação histórica de vulnerabilidade.

	No Seringal Sobral o catequizador dos Curinas se chama Themoteo Fernandes da Silva, pacificador da “grande tribo Curina”. Conseguiu “pacificar para mais de mil índios”.		
1928	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do “Posto Indígena do riozinho do Penedo” envia relatório anual à Inspetoria do SPI em Manaus (serviços realizados de janeiro a novembro de 1928): dados sobre a população indígena assistida; descrição de alguns traços culturais; e lista de vocábulos das “tribos”. Os indígenas assistidos são os Kulina do Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; e Acuraua: “Esses índios Curinas	Silva Alfredo, 1928	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: riozinho do Penedo, Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim ⁵¹ (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; Acuraua; Vauaperena; Cossapa; e Cossiha

⁵¹ De acordo com Altmann, et al., (1983, p. 09) os Kulina conheceram Alfredo José da Silva (SPI; encarregado do Posto Indígena do rio Gregório) na maloca Ajubim.

Os Kulina atuais afirmam que o velho Equene falou que conheceu Alfredo: “antiga FUNAI”. Equene é avô de Luzia (casa 3; Três Barracas) e de Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas)

	teem soffrido mais do que todos os habitantes da selva amazônica, são expoliados soffrendo as maiores depredações dos seringueiros”; “maior miséria” no Seringal Atalaia. A região dos rios Gregório, Acuraua e Eiru são terras tradicionais Kulina (Ajubim, Vauaperena, Cossapa e Cossiha).		
1929	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus comunicando a invasão armada dos seringueiros da Maloca Ajubim: “morando nessas paragens de há muito tempo esses índios”. O posto indígena presta serviço a mais de “300 índios”. Os Kulina trabalham na agricultura para manter sua alimentação.	Silva Alfredo, 1929	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: maloca Ajubim.

1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus solicitando roupas para os Kulina: “207 almas indígenas, sendo 66 homens, 56 mulheres e 85 crianças”.	Silva Alfredo, 1930	Quantidade expressiva de Kulina morando no posto do SPI.
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório comunica que o Posto atravessa um surto de malária (“Febre sesao”). O encarregado solicita, da Inspetoria do SPI-Manaus, remédios e recursos: morte de seis crianças; dois casos de tuberculose. 15/09/1930, Alfredo comunica que chegaram muitos Kulina para morar no Posto: “elevando-se o número de 207 a 289 almas indígenas”. E avisa que “está sanado o estado epidêmico que estava grassando o posto”.	Silva Alfredo, 1930	Epidemia e mortes de Kulina no Posto Indígena do rio Gregório. Situação de vulnerabilidade. Chegada de mais pessoas para morar no posto.

1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório percorre o rio Eiru e afirmou que aquele seria o rio mais habitado pelos índios Curinas (Kulina). O serviço de recenseamento totalizou cento e oitenta e sete índios. Na região dos rios Eiru e Tarauacá: invasão de aldeias por grupos armados e incêndios criminosos de acampamentos de verão.	Silva Alfredo, 1930	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rio Eiru. Situação de vulnerabilidade: violência provocando deslocamentos.
1941	Dos arquivos do SPI: Julio de Sousa, carta enviada ao SPI-Manaus, em 22/03/1941 (rio Xibaua). Informações sobre a situação dos Kulina no rio Xeruã (Chiruan): “existem três tribos de índios, denominados ‘Colinas’, ‘Canamarys’ e Jamamadys, os quais se mostram em completo abandono”	Sousa Julio, 1941	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

Quadro nº 2: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos

2.6 Outros registros do século XX sobre a presença dos Kulina em todo o curso do Rio Juruá

No *Handbook of South American Indians* (HSAI) –, na seção correspondente às tribos da região Juruá-Purus – Alfred Métraux (1948) afirma que as tribos da região eram numerosas. Porém, o impacto da civilização durante o *boom* da borracha no século XIX, facilitado pelos volumosos fluxos de água dos rios amazônicos, deixou a população nativa dizimada e “amplamente assimilada”. Muitas cidades surgiram nas cabeceiras dos rios Juruá e Purus que tinham, em 1920, uma população civilizada de cerca de 92.000 habitantes. Porém, estima-se que a população indígena de toda a área de Juruá-Purus não exceda 10.000, em 1948. Há um desconhecimento dos povos indígenas dessa região, pois a maioria dos primeiros relatos de viagens e explorações das bacias do Purus e do Juruá datam da segunda metade do século XIX e contém apenas informações fragmentárias sobre os índios (Métraux, 1948, p. 658).

Ao apresentar as tribos da região do Juruá-Purus, Métraux fez uma sistematização dos registros sobre os Kulina, situados em dois grupos: o primeiro no médio/baixo Juruá, e o segundo no médio/alto Juruá:

A tribo Culino (Kulina, Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina) - Os índios Culino são uma das tribos mais importantes do subgrupo Arauá (lat. 7° S., long. 68°, 69°⁵² W.; lat. 8°-9° S., long. 71° -72° W.). Eles se dividem em dois grupos separados pelos Yamamadi, mas falam dialetos intimamente relacionados.

O primeiro grupo Culino é constituído pelos Culina (Colina), espalhados na margem direita do Rio Juruá ao longo do Rio Marary e no curso superior do Rio Tapauá. Eles estão intimamente ligados aos Arauá⁵³.

O segundo grupo, muito maior, inclui os numerosos grupos de irmãos ou “sibs” Culina ou Curina que vivem entre os rios Eru e Gregório. Nos últimos anos, os Culina expulsaram os índios Parawa para a outra margem do rio Juruá e se estabeleceram próximo à foz do rio Gregório. Seu antigo habitat provavelmente estava localizado entre os rios Envira e Tarauaca, na margem esquerda do rio Muru (Tastevin, 1925, p. 416).

⁵² As coordenadas de latitude e longitude correspondem à região da TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho: latitude variando entre 7°, 6° e 8° S, e longitude variando entre 68° e 69° W.

⁵³ “A tribo Arauá, no baixo rio Cheruan (Xeruã) e lago Jahiruan, na margem esquerda do Rio Juruá e no Igarapé Chiué (margem direita do Rio Juruá). (Lat. 7° S., long. 68° W.) Em 1877, esta tribo foi totalmente destruída por uma epidemia de sarampo” (Métraux, 1948, 660-661).

Os Curia do alto rio Muru e Envira, os Curiana do rio Paraná do Ouro, os Culiña ou Karunawa do rio Santa Rosa pertencem à mesma tribo. Nos últimos anos, esses grupos parecem ter migrado para o norte e unido forças com seus parentes do alto rio Eru. Existem também alguns grupos Culina no rio Purus.

Os Culinos se autodenominam Madihá (povo) e cada uma de suas unidades políticas recebe o nome de um animal e às vezes uma planta seguida da palavra madiha (por exemplo, Sinamamadiha, "O povo da cutia"; Camanui-madiha, "Índios Paca" etc.). Os índios Cashinawa chamam os Culina de Pishinawa, "Os fedorentos" ou Chapunawa, "Os podres" (Métraux, 1948, p. 660-661)⁵⁴.

Podemos ver a relação histórica e atual dos Kulina com povos do mesmo tronco linguístico (Arawa): os Yamamadi (conhecidos atualmente como povo Deni⁵⁵) e com o povo Arawá, que deu nome à família linguística (atualmente considerado como povo extinto). O registro assinala a autodenominação Madija (Madiha), bem como o uso dos subgrupos *madija* (*madiha*) como critério de identificação de "tipos de gente".

Métraux fez uma sistematização da forma de organização social e política dos povos indígenas dos rios Juruá-Purus. Concluiu, ainda, que a unidade social, em toda a região, parece ter sido a família extensa, que vive em um assentamento isolado sob a liderança de um homem idoso. Existiriam também grandes grupos sociais, geralmente com nomes de animais ou planta, que atribuíam uma peculiaridade moral ou física. Era possível encontrar esses grupos entre povos de língua Pano, e entre os Paumari e os Kulina (Métraux, 1948, p. 675)⁵⁶.

Todas as tribos dos rios Juruá e Purus praticavam a agricultura, mas a importância das safras agrícolas na dieta desses povos variava de acordo com o terreno do território habitado. Os índios extraíam da floresta produtos para seu sustento, como bacaba (*Oenocarpus* sp.), sorva (*Couma utilis*), massaranduba (*Mimusops excelsa*), jacy, murumuru, uricuri (*Attalea excelsa*), cacau selvagem, castanha-do-Brasil e palmitos de várias espécies de palmeiras. Cultivavam, também, em grau variável, a mandioca (quase exclusivamente a doce), milho, feijão, banana, amendoim, batata-doce, abóbora, taia,

⁵⁴ Tradução nossa.

⁵⁵ A região do rio Xerua compreende a TI Deni, território tradicional compartilhado por Deni e Kulina, e também corresponde à região onde está localizada a TI Kulina Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.

⁵⁶ Traços da organização social Kulina apontada por Métraux; podemos encontrar nos Kulina atuais da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho os subgrupos e a família extensa marcada com assentamento "isolado" sob a liderança de um homem idoso (seus filhos, filhas, irmãs, cunhados e genros).

cara, abacaxi, pupunha (*Guilielma speciosa*), mamão, cana-de-açúcar, tabaco, algodão, pimenta, timbó, junco para flechas e coentro para condimento (Métraux, 1948, p. 664).

A compilação de informações feitas por Métraux (1948) tem como base principal os registros etnográficos realizados por Tastevin em 1925. Nesse sentido, reforça a existência de dois grandes grupos Kulina na região Juruá-Purus: no médio / baixo curso do rio Juruá, os Colina (Kulina) que ocupavam a sua margem direita, na região do rio Xeruã e do rio Marari (atravessando por terra ocupavam também a região do alto Tapauá-afluente do rio Purus); e no alto / médio curso do rio Juruá, o segundo grupo Curina ou Madija (Kulina), que vivia entre os rios Eiru e Gregório, e se movimentava também pelos rios Envira, Muru e Tarauacá.

Nessa descrição de aspectos culturais e da localização geográfica dos Kulina, nota-se novamente a exposição dos territórios tradicionais: os rios Gregório, Tarauacá (Acuraua), Envira, Eiru, Tapauá, Purus e toda a região do rio Xeruã ao rio Marari. A TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está localizada na grande região do Xeruã e Marari.

Observaremos mais adiante como os subgrupos *madija* são utilizados atualmente como critério de identificação, organização e distribuição política dos territórios e dos recursos. Cada unidade social *madija* tem seu ideal endogâmico (costuma casar entre si) e ocupa uma terra tradicional determinada (geralmente um igarapé ou rio tributário do rio principal).

Anos depois, Eduardo Viveiros de Castro (1978) empreendeu uma viagem ao Alto Purus para desenvolver uma pesquisa junto aos Kulina nas aldeias Maronaua e Santo Amaro, no estado do Acre. O objetivo do trabalho era fornecer subsídios à Funai para a implantação de um Projeto de Desenvolvimento Comunitário junto à população Kulina. O pesquisador fez um levantamento histórico dos territórios ocupados pelos Kulina a partir de Chandless, Tastevin e outros viajantes da região. Ademais, concluiu que havia duas lógicas ou dois movimentos que marcaram os primeiros contatos dos Kulina com as frentes de expansão:

Assim, dois movimentos – duas lógicas – parecem se suceder no tempo, desde os primeiros contatos Kulina com as frentes de expansão. Num primeiro momento, tem-se a fuga para as cabeceiras dos rios, a entrada para os “centros”, e para áreas onde não havia seringueiras – trata-se aqui de escapar às “correrias” do final do século passado. Em seguida, a lógica que preside os deslocamentos é a do engajamento na empresa seringalista – vai-se para onde “há serviço”,

aonde os preços das mercadorias são menores e os padrões “melhores” (Viveiros de Castro, 1978, p. 16).

Quando Viveiros de Castro questionou os Kulina, no Alto Purus, sobre sua proveniência e territórios tradicionais, estes afirmaram que habitavam os altos cursos dos rios Juruá e Purus, e informaram também que havia Kulina que vieram do rio Solimões, e que inclusive falaram da existência de aldeias na região (1978, p. 02).

Os registros históricos apresentados até aqui apontam para uma concentração histórica dos Kulina em todo o rio Juruá. Além disso, constata-se que há registros da presença Kulina no Alto Purus e na confluência do Juruá com o rio Solimões (Viveiros de Castro, 1978). Esses registros respaldam a ampla dispersão atual dos Kulina nos rios Juruá, Purus, Solimões e Jutai. Revelam, por outro lado, o domínio que os Kulina possuem de seus territórios tradicionais – um conhecimento que é adquirido, não apenas através dos relatos orais, mas através das constantes viagens⁵⁷.

Por fim, pode-se afirmar que a frente de colonização provocou igualmente deslocamentos dos Kulina de suas terras tradicionais. Ademais, o trabalho nos seringais, as epidemias, as “correrias”, o rapto de mulheres e outras formas de violência contribuíram para a forma como os Kulina se apresentam atualmente. Porém, ainda assim, eles ainda conservam os critérios tradicionais de territorialidade e de habitação permanente, pois todos os territórios históricos fazem parte não apenas da memória, mas também da vida das pessoas que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.

Portanto, percebe-se que a terra tradicionalmente habitada nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho congrega um “direito imprescritível” (Constituição Federal, artigo 231, § 4), ao mostrar continuidade territorial e cultural, mesmo diante de uma história de violências que buscou provocar severas descontinuidades; e por verificarmos nos registros históricos antigos de 1869 (Chandless) e 1920 (Tastevin) a ocupação tradicional dos Kulina na região do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho: área reivindicada como Terra Indígena Kulina.

⁵⁷ Na minha tese (Amorim, 2019) analisei as constantes viagens dos Kulina para visitar os parentes vivos, devolver o *manaco* e o cuidado com os territórios tradicionais.

Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos			
Ano	Descrição	Referência/Fonte	Relação com TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
1925	A tribo Culino (Kulina, Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina) – a tribo Culino é a mais importante do subgrupo Arauá (lat. 7° S., long. 68°, 69° W.; lat. 8°-9° S., long. 71° -72° W.). Existência de dois grandes grupos Kulina na região Juruá-Purus: no médio / baixo curso do rio Juruá, os Colina (Kulina) que ocupavam a sua margem direita, na região do rio Xeruã e do rio Marari (atravessando por terra ocupavam também a região do alto Tapauá-afluente do rio Purus); e no alto / médio curso do rio Juruá, o segundo grupo Curina ou Madija (Kulina), que vivia entre	Tastevin, 1925, p. 416 <i>apud</i> Métraux, 1948, p. 660-661	As coordenadas de latitude e longitude correspondem a região da TI: latitude alterando entre 7°, 6° e 8° S: e longitude alterando entre 68° e 69° W. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

	os rios Eiru e Gregório, e se movimentava também pelos rios Envira, Muru e Tarauacá.		
1978	Eduardo Viveiros de Castro desenvolveu pesquisa no Alto Purus junto aos Kulina nas aldeias Maronaua e Santo Amaro, no estado do Acre. Duas lógicas básicas dos Kulina com as frentes de expansão: no primeiro momento, fuga para as cabeceiras dos rios para escapar às “correrias”; no segundo momento, deslocam a partir da relação com a empresa seringalista, busca por padrões “melhores”	Viveiros de Castro, 1978	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá-Purus.

Quadro nº 3: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos



Foto nº 7: Sarah (cartógrafa GT) e Marilena (ambientalista GT). Aldeia Gaviãozinho: 25/08/2024. Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites do território a ser demarcado (Genoveva)

2.7 Histórico de ocupação de acordo com registros históricos de organizações indigenistas

Na década de 1980, organizações indigenistas e indígenas iniciaram uma série de levantamentos sobre a situação dos Kulina no Rio Juruá. Os relatórios produzidos trazem dados relevantes que ajudam a reconstruir a história que precedeu a ocupação mais recente nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho.

Na busca por reconhecimento oficial da terra tradicional Kulina nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho, no município de Itamarati, desenvolveu-se uma pesquisa nos arquivos do CIMI na cidade de Tefé-AM⁵⁸. Neles, constam importantes registros escritos feitos pelas equipes indigenistas da OPAN (atual Operação Amazônia Nativa, na época Operação Anchieta), do Conselho de Missão entre os Índios (COMIN) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que trabalharam na região em 1983, e de 1985 a 1990.

Em 1983, uma equipe formada por indigenistas e indígenas percorreu todo o rio Juruá para mapear os problemas e dificuldades enfrentados pelos Kulina, principalmente

⁵⁸ Durante a pesquisa, contei com o apoio de toda equipe do CIMI, mas de modo particular agradeço o apoio de Francisca Cardoso Silva (Poty).

referentes à questão da terra e organização⁵⁹. A empreitada rendeu um levantamento histórico rigoroso, que fornece dados indispensáveis para compreender a forma como os Kulina se apresentam atualmente e, também, para comprovar a habitação permanente dos Kulina na região dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho.

Meio século de constantes migrações, os Kulina do médio e baixo Juruá, sofrem as seríssimas consequências desse processo: absorvidos como mão de obra barata no extrativismo, a maioria dos grupos não consegue manter um equilíbrio na sua agricultura de subsistência ficando assim numa total dependência dos patrões. As mulheres muitas vezes são usadas como prostitutas pelos seringalistas e seringueiros, tendo-se encontrado vários filhos destes entre os Kulina (Altmann, *et al.*, 1983, p. 02).

O levantamento define a situação dos Kulina em 1983, marcada pela violência histórica enfrentada na aldeia Cacau e na proximidade com a cidade, por uma epidemia de sarampo, pela perseguição dos não indígenas, pela fuga constante entre o Juruá e Purus (para se esconder das correrias), pelo trabalho como mão de obra na extração de seringa e madeira, pelo avanço dos seringais nos territórios tradicionais, pela vida acossada nos territórios tradicionais (que fomentou os conflitos entre os subgrupos), por registros de homicídios, pelo fim do período de extração da borracha e início da exploração do pescado e pelo processo de alcoolização promovido pelos patrões (que trocavam cachaça pelos produtos dos Kulina). Todas essas variáveis concorreram para aumentar a “perambulação” deste povo.

A seguir, transcrevo amplos trechos do levantamento sobre os Kulina do Alto/Médio Juruá que têm relação direta com os Kulina que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. As notas de rodapé explicitam a ligação dos moradores atuais dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho com as localidades citadas nos documentos. A transcrição dos textos obedece a mesma disposição apresentada pelos autores.

Rio Envira (Piauí, Cacau⁶⁰ e Machado)

⁵⁹ Integravam à equipe pessoas do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão da igreja católica; Conselho de Missão Entre Índios (COMIN), igreja luterana; e da Operação Anchieta (OPAN) (atualmente Operação Amazônia Nativa-OPAN). Indigenistas: Rosa Monteiro (OPAN), Lori Altmann (COMIN), Egon Heck e Rubinho (CIMI). Indígenas: Itijo (tuxaua da aldeia Ajitini) e cinco Kulina das aldeias Maronaua e Santo Amaro.

⁶⁰ Maria Irene Kulina (casa 6, Igarapé do Índio), filha de Sedsi-Sergio Kulina (casa 2) e Moro Kulina (falecida). Nasceu na aldeia Cacau, em 5/6/2008.

[...]

Os kulina do Piauí exercem o comércio da seringa e de outros produtos em menor quantidade com um seringal próximo, com os marreteiros que passam pelo rio ou diretamente na cidade de Pacatuba aonde chegam com algumas horas de barco pelo rio. Já os Kulina do Cacaú têm uma dependência muito grande da cidade de Pacatuba, e chegam até ela em mais ou menos duas horas por uma estrada construída pela mão-de-obra gratuita dos Kulina, por incentivo de um professor branco que trabalha na área.

Este tem interesses na estrada para escoamento de madeira extraída da terra indígena por elementos de sua família. Também por motivos eleitoreiros já que é vereador e a estrada serve aos colonos brancos que possuem lotes de terra ao longo da estrada que vai dar na cidade.

A área é pequena e está com a caça, a pesca e a coleta muito reduzidos pela proximidade com a cidade.

Rio Tarauacá (Bananal e Samaúma) e Rio Acuraua (Amapá)

A bacia do Tarauacá é considerada terra tradicional dos Kulina. [...] os velhos que residem na região indicam locais de maloca antiga, de capoeira velha e de pupunhais plantados pelos seus antepassados. Ssina uma velha centenária da região nos fala sobre uma época em que os Kulina eram muitos (sibatahui) e que um ‘dori rapodse’ (feitiço soprado que mata coletivamente) fez uma matança que os reduziu a bem poucos. Provavelmente foi uma epidemia de sarampo levada à aldeia por brancos que chegaram a região a muitos anos atrás. Fala também do tempo das correrias em que os Kulina viviam acoissados do Juruá para o Purus e vice-versa fugindo da perseguição dos brancos.

Esta região é relativamente pouco habitada por brancos e não existe nenhum seringal que reclama a sua propriedade. Bastante farto de caça, pesca e coleta, e para lá são atraídos os Kulina das aldeias do Cacaú e Piauí nos meses de janeiro a março para a coleta da pupunha.

A atividade principal é a extração da seringa que é comercializada para os marreteiros na beira do rio ou para um seringal localizado na boca do Acuraua.

Igarapé Preto (Ajitini) – (Torre da Lua, Januário, Porto Velho).

O grupo do Ajitini⁶¹ é originário do igarapé do Baú e do Eiru (Ig. Piranha-Cahuatoni), tendo vindo para este local a aproximadamente 150 anos. Fixaram-se originalmente no Igarapé Branco, afluente do Ajitini, sendo nesta época tuxaua do grupo Aribona. Quando aí chegaram não havia presença de não-índios, apenas mantinham algum

Atori Totonho Kulina, cerca de dez anos. Filho de Bassi Kulina (falecido) e Padso Kulina (falecida), nasceu na aldeia Jurandir, abaixo da boca do Triunfo e da aldeia Cacaú. É sobrinho de Maria Irene (casa 6, Igarapé do Índio). O pai morreu e a mãe suicidou-se. Tem cinco irmãos, que ficaram com a avó. Atori veio morar na aldeia Igarapé do Índio no inverno de 2023.

⁶¹ Mariquinha-Huesse (casa 2, esposa de Dovi-Dsohuiji, Gaviãozinho), adulta, filha de Ssaco Kulina e Dita Kulina (é irmã de Rosa-Cidinha, casa 2, Três Barracas). Nasceu na aldeia Torre da Lua, Ajitini (TI Kulina do Médio Juruá).

contato esporádico com algum branco que vinha do Juruá comercializar com eles.

Há mais ou menos 30 anos atrás estiveram afastados da área por alguns anos devido a uma morte. Passaram neste período pelo Cacau e pelo Eiru. Atualmente encontram-se localizados em maior concentração em dois locais: Torre da Lua e Porto Velho, sendo que no Januário mantem 2 famílias. Há dois seringais que avançam sobre suas terras. Um deles é conhecido como seringal São Miguel com dois barracões próximos e estão dessas aldeias, um abaixo e outro acima do ig. Coutá (local de capoeira velha dos Madija), afluente do Ajitini. Este seringal de propriedade do Raimundo Chagas, candidato a prefeito pelo PMDB (1983) em Eirunepé, filho de Francisco Chagas, a quem os Kulina já prestavam serviços e para quem cortavam seringa. O outro seringal é o Sabóia de propriedade de João Ferreira. Algumas colocações deste seringal fazem fundos com a área indígena.

Igarapé do Baú⁶² ou Huessesse⁶³ (Nova Sorte e Terra Nova)

Fica dentro da área compreendida entre o Eiru e o Gregório já citado por River Tastevin em 1921 e é área tradicional Kulina. Naquela época houve muito atrito entre Kulinas a brancos, e os primeiros mencionam em suas histórias o ataque que fizeram seus antepassados a não-índios que tentaram subir aquele igarapé.

O Baú que em passado recente abrigava um grande número de índios, vem paulatinamente sendo esvaziado. Os motivos foram em maior parte pelo atrito entre clãs, questões de liderança e o 'dori'.

Recentemente com a morte de Batta (Pantaleão) da aldeia de Boa Sorte o igarapé ficou quase que desabitado pelos índios. Ele foi assassinado em novembro de 1983 por outro índio (ambos embriagados), e depois disso a população deslocou-se em sua maioria para a aldeia de Porto Velho (Ajitini), aonde residem parentes seus.

Há somente o seringal Ceará ou São Caetano avançando sobre o território madija neste igarapé e é propriedade de Maurício. As colocações são somente ocupadas durante o verão por ocasião do corte, sendo que no inverno, até então, os seringueiros saíam da área. Atualmente os donos estão planejando a instalação de um barracão igarapé acima para assim fixarem os seringueiros em suas colocações.

A borracha é a principal fonte de troca para a aquisição de mercadorias, que são conseguidas no barracão do seringal Ceará no Juruá próximo a foz do Ig. Baú.

Igarapé Coatá (rio Gregório)

No Coatá os madija são parasitados por uma família de miseráveis seringueiros, que se dizem proprietários da área, aos quais

⁶² Irmãos de Boquini (casa 1, Igarapé do Índio): Huadie (M) nasceu no Igarapé do Baú, aldeia Terra Nova, faleceu no Igarapé do Gaviãozinho; Dsera (F) nasceu no Igarapé do Baú, aldeia Terra Nova, mora atualmente na aldeia Amanã; Tinija (M) mora no Igarapé do Baú; Siro (F) mora atualmente na aldeia Matatibem (TI Rio Ueré), embora já tenha morado nas aldeias Piau e Baú. Depois que o pai faleceu, também morou por algum tempo na aldeia Igarapé do Índio. Contraiu matrimônio no Igarapé do Baú.

⁶³ Oma-Zezinho Kulina (casa 5, Igarapé do Índio). Filho de Cosuhui Julhio Ponciano e Ramide Nair Kulina. Nasceu em 10/12/1945, no Igarapé Huessesse.

fornece a macaxeira para a farinha e o peixe. Um elemento desta mesma família serve de intermediário entre os índios e as outras empresas seringalistas ao redor da área, para os serviços de corte de madeira e seringa. O intermediário convive com uma moça kulina, que no momento está grávida desse e esta ligação lhe dá alguma liberdade de trânsito na aldeia.

O grupo vive da extração da seringa, do corte de madeira, da criação de animais domésticos e da venda da mão-de-obra para os seringais próximos.

Riozinho do Penedo⁶⁴ (Piau⁶⁵, Jari, Brocado)

Dois seringais fazem fundo com os territórios de ocupação dos Kulina no Penedo: O seringal de Joao Carvalho Martins e o Seringal Valparaíso de Antônio Gomes Carvalho.

Os índios mencionam o local denominado Restauração⁶⁶ nas cabeceiras do Riozinho e o Ig. Reconquista, este último mais acima no Juruá, como sendo ponto onde num passado distante, concentraram-se seus antepassados.

João Carvalho Martins tem pressionado os índios a abandonarem seus atuais locais de morada e deslocarem-se para as cabeceiras do igarapé para o lado do Seringal Valparaíso. Queixa-se da situação atual dos roubos e diz que antes havia os “bons” tuxauas, ou seja, os que se submetiam aos interesses dos brancos, e que hoje os kulina estão sem líder.

Os índios deste igarapé têm em suas transações comerciais basicamente a borracha e animais domésticos como fontes de barganha e para isso servem-se dos barracões das duas empresas seringalistas que avançam sobre suas áreas.

Apesar de ser área de ocupação e de perambulação dos kulina desde tempos imemoriais, não possuem nenhuma garantia da terra.

Igarapé Medonho⁶⁷

O Igarapé é divisor dos seringais São Paulo e Recife. Os Kulina citam o ig. Reconquista como local de procedência das famílias que atualmente se encontram no ig. Medonho. Perambulavam por toda a região e para a cabeceira do igarapé Riozinho passando pelo Medonho.

⁶⁴ Zere Kulina (casa 7, Igarapé do Índio). Filho de Sseto Kulina e Maca Kulina. Nasceu em 10/4/1996, no Seringal Penedo-Ipixuna-AM.

⁶⁵ Boquini-Iracema Culina (casa 1, Igarapé do Índio). Filha de Abo-Obo Culina e Maria Culina. Nasceu na aldeia Piau, em 12/7/1979

Irmã da Boquini (casa 1, Igarapé do Índio): Jati (F) mora na aldeia Piau, está casada com Cata Kulina.

⁶⁶ Lago da Restauração: seringal Restauração. Jidodo-Ridodo (igarapé Reconquista). Terra natal de Omaco (Chico Cidade, avó paterno de Dseca, casa 5, Gaviãozinho).

- Rora Kulina (casa 4, Três Barracas). Idosa. Nasceu no Jidodo-Ridodo (igarapé Reconquista). Chegou aos seis anos na aldeia Gaviãozinho.

- Tereza-Nomija Madija Kulina (casa 7, Gaviãozinho), filha de Siara Kulina e Jabono Kulina, nasceu em 1/7/1940, na aldeia Jidodo-Ridodo (Igarapé Grande)

⁶⁷ Irewahi Kulina (casa 6, Gaviãozinho). Adulto. Filho de Sappa Kulina e Quiama Kulina. Nasceu na aldeia Medonho (TI Kulina Médio Juruá)

A atividade econômica principal em relação aos brancos é a venda de peixe salgado aos barracões dos seringais São Paulo e Recife. Poucos cortam seringa. Isso porque os patrões não fazem questão de fornecer-lhes o material de corte, para que continuem como fornecedores de “rancho” (peixe) para os barracões. Frequentemente brancos vêm até as aldeias, para pescar.

Os índios reclamam na falta de mercadoria nos barracões. Em geral só recebem cachaça na troca de seus produtos.

O Medonho concentra uma boa população, tem muita fartura de roçados, de caça, de pesca e de coleta e é área antiga de perambulação dos Kulina. A presença de brancos na área é reduzida. Por tudo isso deverá ser incluída na reivindicação de terra pelos kulina junto com a área do Riozinho do Penedo.

Rio Eiru⁶⁸ ou Cossija (Peri, Saboia, Eiru e Soldado).

O rio Eiru e o seu afluente Piranha (Cahuatoni) é território tradicional dos Kulina. [...]. Com a entrada dos seringueiros brancos escassaram o peixe e a caça e eles foram pressionados a deixar a região. Há uns 15 anos atrás houve uma dispersão do grupo provocada por uma epidemia de sarampo.

Atualmente dentro da área existe uma vila de não indígenas com uma certa infra-estrutura urbana como: luz, supermercado, etc. e uma população de aproximadamente 360 pessoas.

A empresa seringalista que se diz proprietária das terras da bacia do Eiru é a família Conrado da qual faz parte o atual prefeito (PDS) do município de Eirunepé e que domina o comércio local junto com outras famílias.

Possuem com atividade econômicas principais a extração de seringa e o corte de madeira. Como atividade secundarias a confecção de cestos e vassouras de cipó (saji) e ocasionalmente a venda de farinha de mandioca e de animais domésticos.

O líder Severino⁶⁹ (Nodia) exerce o papel de intermediário entre os outros Kulina e os brancos. Também em relação a Funai ele tem sido o ponto de contato. Exerce uma grande liderança no grupo é alfabetizado e fala bem a língua portuguesa.

O plano da Funai de concentrar os Kulina do médio Juruá⁷⁰ no rio Eiru liberando áreas reclamadas por seringalistas onde atualmente se encontram espalhados os Kulina, dificilmente dará certo, pois não leva em consideração a cultura Kulina e as suas diferenças clônicas (Altmann, *et al.*, 1983, p. 13-16).

⁶⁸O rio Eiru atualmente é reconhecido como terra tradicional Kulina e está localizado dentro da TI Kulina do Médio Juruá. Os Kulina no Igarapés do Índio/Gaviãozinho trabalharam num seringal no rio Eiru e têm parentes morando lá.

⁶⁹ O primo Issanahua-Severo, irmão de Nodia-Severino morou na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (como veremos na Quinta Parte desse relatório). Os Kulina falaram que a mãe do Severo e do Severino era prima de Acora-Edmundo. Por outro lado, Pedro Cossaro Velho era tio paterno de Severo e Severino. Lembrando que Pedro Cossaro Velho era filho de Bedsejo e Jaraniji (irmã de Dsajo-Samuel).

⁷⁰ Atualmente, a região integra a TI Kulina do Médio Juruá.

O levantamento – feito pela equipe de indígenas e indigenistas – apresenta a situação dos Kulina, em dezembro 1983, na região do Médio / Baixo Juruá. A equipe inicia apresentando um censo e a localização dos Kulina ao longo do rio Juruá: 25 pessoas na aldeia Maloca, no Igarapé do Gaviãozinho; 41 pessoas, no Igarapé do Índio (região do Médio rio Juruá); 41 pessoas na aldeia Mutum, igarapé do Parum, no rio Xeruã; 26 pessoas no seringal Monte D'Ouro; sete pessoas no Andirazinho (afluente do rio Andirá); 37 pessoas no Juruapuca; 39 pessoas no Vai-quem-quer; e 140 pessoas no Cumarugarapé do Macaco (atual TI Kumaru) (Altmann, *et al.*, 1983, p. 09).

Entretanto, faz-se necessário ressaltar uma prova irrefutável apresentada por esse registro histórico: a tradicionalidade e ocupação permanente dos Kulina, na região dos Igarapés do Índio e Gaviãozinho, em dezembro de 1983 – antes, portanto, da promulgação da Constituição Federal de 1988. Dessa maneira, a reivindicação da demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho atende aos preceitos da nova Lei Federal nº 14.701/2023.

COLOCAÇÃO MALOCA – IGARAPÉ GAVIÃOZINHO – SERINGAL PALERMO

1. Histórico

Esse grupo Kulina é também originário da região do rio Gregório. Fazem referências ao tempo do posto do SPI, embora não tenham morado no posto mas sim no rio Acuraua (maloca do Ajubim, citada nos relatórios do SPI).

Em meio século de migração, uma parte dos atuais moradores Kulina do Gaviãozinho, a turma do Manoel Hosso – percorreram vários rios: Acuraua – Alto Juruá, Alto Jutai – Rio Mutum (Jutai) – médio Juruá – Andirá (baixo Juruá) depois voltaram novamente ao médio Juruá, donde a maior parte já se deslocou, através do rio Xeruã e Pauini até o Teutni, no Purus, onde se localizavam até fins de 1983 (ver mapa anexo)

2. Conflitos entre Canamari e Kulina

Essa é uma região tradicionalmente ocupada pelos Canamari – margem esquerda do Juruá. Do outro lado do Juruá – especialmente no rio Xeruan – se localizavam grupos aruak (Kulina, Jamamadi, Deni e Kunibo) que ocupavam toda a região entre o Juruá e Purus. [...]

Vários moradores da região nos falam sobre as lutas havidas entre esses dois povos indígenas. Ladislau Martins de Souza, morador da colocação Menino Deus, seringal Gaviãozinho, se prontificou a nos mostrar o local exato onde se travou uma grande luta entre Canamari e Kulina no igarapé Gaviãozinho com muitos mortos de ambos os lados. Citou o nome de grandes tuxauas Canamari que moraram nesse igarapé: Pompeu, Manduquinha, Nicolau. Quem teria expulso definitivamente

os Canamari deste lugar teria sido o Chico Cidade, tuxaua Kulina que migrou do Reconquista/Gregório e morreu em Carauari em 1978.

3. Situação atual

Trabalham na extração de borracha que vendem nos barracões mais próximos e raras vezes a regatões. Como a terra é reconhecida como deles não estão sujeitos a um seringalista. Mesmo assim vivem na mesma situação de miséria dos outros grupos Kulina espalhados ao longo do Juruá⁷¹.

[...]

O que chama atenção também é a presença de várias crianças filhas de Kulina e pai cariu – seringalista ou pessoas de Eirunepé” (Altmann, *et al.*, 1983, p. 09).

Neste momento, enfatizo a resiliência histórica dos Kulina, que, quando contemplados por alguma política pública, guardam por vários anos, em sua memória, o nome das pessoas-funcionários estatais que fizeram valer seus direitos. Durante o trabalho de campo como coordenadora do GT de identificação e delimitação da TI Kulina do Rio Ueré, surpreendeu-me uma conversa informal com os Kulina, na expedição no Alto Ueré, quando citaram de modo direto o inspetor Alfredo, do antigo SPI. Afirmaram que o velho Equene⁷² (falecido e sepultado no lago Veneza, TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho) havia conhecido e trabalhado com Alfredo, “primeira Funai” (podemos calcular algo em torno do ano de 1930, ou antes⁷³). Segue a transcrição da conversa:

[Cara] A onça levava o pajé para o céu. *Meme huaje* (Tradução: levava para o céu). Aí voltava de novo⁷⁴. Hoje em dia pajé não sabe mais subir para o céu. Só sabe jogar feitiço nos outros. Meu primo, lá no Igarapé do Índio, ele cantava e de manhã ele ia embora, ele sumia, sumia. Ia lá no Baú, lá em cima, acima de Eirunepé, bebia caçuma... e voltava de novo.

⁷¹ Desde aquela época (1983), existia o senso comum que a região dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho é terra tradicional Kulina.

⁷² Avô de Luzia (casa 3, Três Barracas) e Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas).

⁷³ Bentes e Santos apontam que Equene tinha 60 anos em 1985, indicando que nasceu por volta de 1925, mesma época que o inspetor Alfredo trabalhava com os Kulina no Posto Indígena no rio Gregório e na Maloca Ajubim.

⁷⁴ Pollock relaciona a onça como o selvagem por excelência, o carnívoro que come os pajés e as almas que não têm bom destino, o ser solitário e a-social, o grande *tocorime* (Pollock, 1985, p. 61, 106). Por outro lado, os Kulina também contam que é o *tocorime*-onça que lambe o pajé iniciado e “completa suas pedras” (certifica o fim da formação xamânica). É o *tocorime*-onça que leva o pajé para o céu (*passo dsamarini*) nas suas costas, nas grandes viagens xamânicas.

[Cossaro] Seringal Cabo Verde e o igarapé era *Jidodo* (Ridodo). Nas cabeceiras do *Jidodo* ainda tem índio brabo (Cossaro e Cara. Tapiri Alto Ueré, 28 de maio de 2022) (Amorim, 2023, p. 81,82).

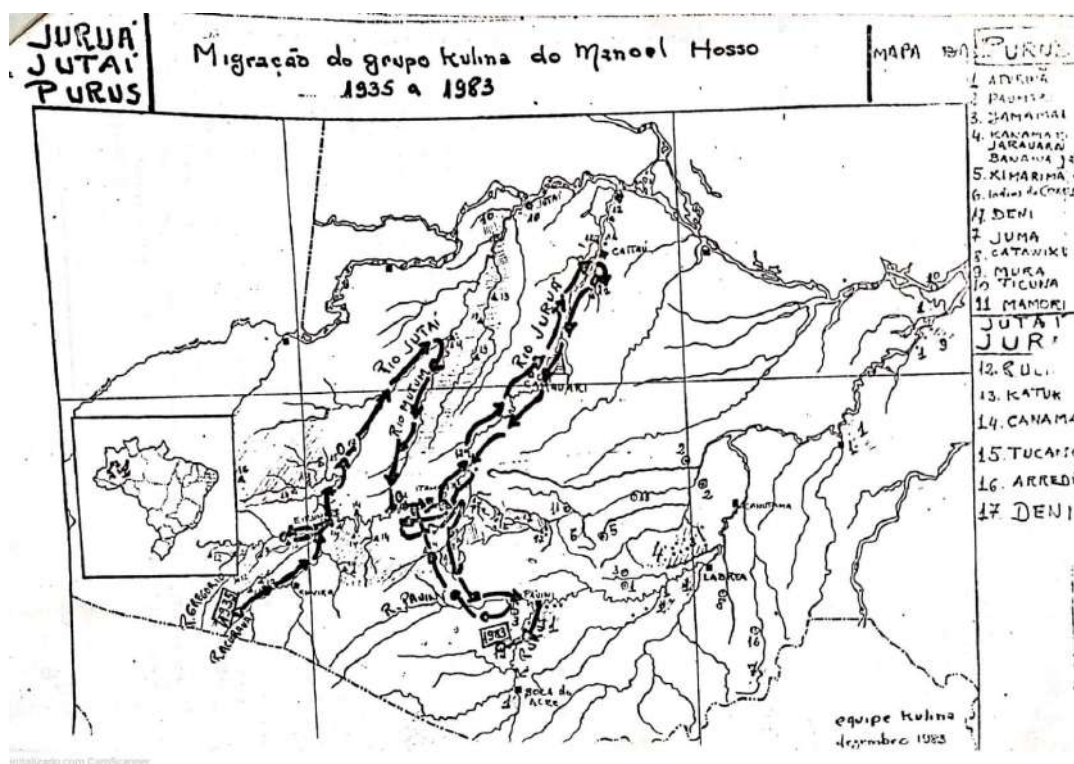


Figura nº 9: Migração do grupo Kulina do Manoel Hosso (Altmann, *et al.*, 1983)

Em trabalho de campo (agosto/setembro 2024), indaguei os Kulina sobre o antepassado Manoel Hosso (Jodso). Nenhum ancião o conhecia. Contudo, adultos e idosos reconhecem ou utilizaram os caminhos-varadouros para acessar o rio Mutum (afluente do rio Jutai) e os rios Pauini e Teuini (afluentes do rio Purus, acessados através das cabeceiras do rio Xerua). Portanto, o mapa acima é de significativo simbolismo, pois

⁷⁵ Cara Kulina atualmente mora na aldeia Matatibem na TI Kulina do Rio Ueré. Ele morou no Igarapé do Índio com o pai Ado Kulina. É neto de Dsajo-Samuel, o grande pai e antepassado *dsomaji madija* (sepultado no Igarapé do Índio).

representa caminhos ancestrais e fomenta a memória histórica e afetiva. Hoje, os Kulina reivindicam a demarcação da terra tradicional localizada nas cabeceiras dos rios Mutum e Xeruã, assim como as cabeceiras dos igarapés Três Bocas e Pajurá.

Como anteriormente citado, os Kulina nas aldeias Igarapé do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas relataram um conflito que culminou na fuga dos três irmãos e de suas famílias para o rio Pauini (afluente do rio Purus): Oma e Toho (casa 5, Igarapé do Índio); Tonaíquina-Raimundo (falecido, irmão de Oma) e sua esposa Rora (casa 4, Três Barracas); Ssiqui-Chiquinho (casa 7, Gaviãozinho, irmão de Oma); e Joji-Jurandir (irmão de Oma, residente na TI Kumaru). Tal fato ocorreu por volta de 1984. Durante a época de exílio, nasceram em um seringal, às margens do rio Pauini, os filhos de Oma e Toho: Ana, Daima-Leni (casa 4, Igarapé do Índio), Cossohi (falecido), Tone (TI Ueré) e Lucimar-Lucineide (casa 8, Igarapé do Índio). No rio Pauini, nasceu também Sedsi-Sérgio (casa 2, Igarapé do Índio) – sobrinho de Oma e filho de Tonaíquina-Raimundo e Rora (casa 4, Três Barracas).

A seguir, apresento a transcrição do depoimento de Oma Kulina⁷⁶. O vídeo foi gravado em 15 de agosto de 2024, na aldeia Igarapé do Índio.

[Oma] Nós fomos pro Pauini. Nós fomos pro Purus.

[Genoveva] *Nanidsa tossonajaro* Lucimar, Tone...(nasceram em Pauini Lucimar-Lucineide e Tone)

[Toho] *Jehe* (sim).

[Oma] Aí nós chegamos no... Nós subimos, subimos, na frente do Xeruã, o igarapé. Nós deixamos a canoa. Deixamos a canoa lá. Aí nós pegamos caminho lá pro Pauini. Dorme na viagem, aí nós fomos. Era eu e o Raimundo (Tonaíquina). E o Jurandir (Joji) olhando na frente. Aí nós saímos no Xeruã. Xeruã é um rio largo, mas a água assim, muito raso. Muito *sibore* (tracajá), mas dá muita malária lá.

[...]

[Oma] Folha de mato na beira, cai na água aí vira doença (malária). Aí nos chegamos no Pauini. O homem tem casa dele assim, na beira do Pauini, na terra firme.

- Compadre por que você veio embora?

- Os outros quer matar nós e viemos pra cá. Mulher ficaram no meio de viagem.

- Vocês ficam por aqui. Acho que aqui eles não vêm não.

Aí ele disse vai ter festa lá no Sacado. Sacado mesmo que Itamarati (cidade igual à Itamarati-AM).

⁷⁶ Depoimento gravado em vídeo em 15/08/2024 12:37 TimeVideo_20240815_123605.mp4 36,12MB 1280x720px 01:16.



Foto nº 8: Oma Kulina, ancião e liderança. Aldeia Igarapé do Índio: 15/08/2024 (Genoveva)

A expulsão dos Kanamari é apontada como um grande feito de Chico Cidade-Omaco: “tuxaua Kulina que migrou do Reconquista/Gregório e morreu em Carauari em 1978” (Altmann, et al., 1983, p. 09). Os Kulina narram com detalhes como era “o tempo da guerra”. Neste período, os encontros entre Kulina, Kaxinawa e Kanamari eram recorrentes. A equipe de indígenas e indigenistas conseguiu o relato de um regional, a respeito da luta entre os Kulina e os Kanamari pela posse do território Gaviãozinho. Na descrição do evento, responde-se a uma pergunta feita por alguns dos Kulina e pesquisadores: por que o Gaviãozinho é a única terra tradicional localizada na margem esquerda do rio Juruá (como visto de Chandless a Tastevin: os Kulina habitam majoritariamente a margem direita do rio Juruá⁷⁷). Dessa forma, descobriu-se que o território do Gaviãozinho, anteriormente de usufruto dos Kulina e Kanamari, passou a ser de uso exclusivo dos primeiros após um conflito travado entre o pessoal do Chico Cidade e os Kanamari, entre 1950 e 1960.

⁷⁷ A equipe do levantamento salienta a tendência dos Kulina de habitar a margem direita do Juruá, e os Kanamari a margem esquerda.

Pode-se observar o protagonismo de Omaco-Chico Cidade na conquista da terra tradicional do Gaviãozinho. Ele morou em duas aldeias diferentes na região do Igarapé do Gaviãozinho (de acordo com depoimentos dos Kulina): Terra Alta (às margens do igarapé Gaviãozinho, local onde está sepultado sua esposa Joana) e outra aldeia localizada na terra firme (entre as atuais aldeias Gaviãozinho e Três Barracas). Omaco-Chico Cidade é avô de Dseca Kulina (casa 5, aldeia Gaviãozinho) e bisavô de Anari (casa 3, aldeia Gaviãozinho), Morato (casa 4, aldeia Gaviãozinho), Boconi (casa 6, aldeia Gaviãozinho), Luzia (casa 3, aldeia Três Barracas) e de Rosineide-Equene e Dsiquija (casa 3, aldeia Três Barracas).

A expedição de indígenas e indigenistas continuou a descer o rio Juruá até chegar ao Lago de Pupunhas, também conhecido como Seringal Monte D'Ouro:

LAGO DE POPUNHAS – SERINGAL MONTE D'ÓURO⁷⁸

Histórico

No final do ano de 1981 várias canoas de índios Kulina desciam o médio Juruá. Era o grupo do tuxaua Raimundo Alexandre que, após uma briga em que morreu Missaini (Juvenal), resolveu migrar para o baixo Juruá. Passando em frete ao seringal Monte D'Ouro, o patrão Dozinho os chamou e convidou para se estabelecerem no seu seringal. Conforme vários depoimentos colhidos o objetivo claro do Dozinho foi usar os Kulina para jogar contra outros fregueses que já há muitos anos trabalhavam no seringal, e dos quais queria se desfazer.

Este grupo também morou no posto do SPI seringal Recreio, no rio Gregório (1925-1931). Tendo sido desativado o posto e grassado algumas epidemias, especialmente sarampo, todos os Kulina (conforme relatórios do SPI só no posto eram mais de 388) se dispersaram em pequenos grupos. O grupo do Raimundo Alexandre passou pelo riozinho da Liberdade e depois sucessivamente por vários seringais do alto Juruá, sendo que os últimos 20 anos passaram no Igarapé do Índio.

Situação Atual

É provavelmente o grupo que se encontra em pior situação em todo o Juruá. Submetido a um regime de escravidão, atormentado pelo medo e a violência, desorientado não encontra maneira de se recompor e enfrentar toda essa situação. Só nesses dois anos foram assassinados – Casusá e Pedro – por cariu (branco) e um terceiro, Tiani, apareceu morto no rio.

Em meados de 1983 uma agente de pastoral da paróquia de Carauari foi visitar esse grupo, registrando em seu relatório:

“Os índios do seringal Monte D'Ouro vivem totalmente escravizados pelo patrão que procura dominá-los de toda forma, inclusive jogando os índios contra os carius da região e com isso causando um verdadeiro clima de tensão. Esse patrão que é conhecido

⁷⁸ Os textos aqui apresentados são citações literais dos documentos históricos e obedecem ao critério de organização e escrita dos autores.

pelo apelido de Dozinho e que explora o seringal Monte D'Ouro, mantem os índios dominados pelo medo, inclusive amedrontando-os com a Funai. Ele vive dizendo aos índios que a Funai vai prende-los ou matá-los, com o intuito de mante-los dentro do laço, impedindo-os desta forma de trabalharem para outro patrão. Há poucos meses um cariu que morava perto desses índios feriu mortalmente um Kulina e em represália os índios feriram três homens desta família, que acabou abandonando o seringal e agora moram em Carauari... Acho que é preciso se ver uma forma de interferir nesta situação, pois as coisas podem piorar, inclusive pelo fato dos índios estarem sendo dominados pelo Dozinho” (Lucia)

Funcionários da Petrobras – equipe 69 – que tinha uma base próximo ao local onde se encontra o grupo tem contribuído para deteriorar o quadro fornecendo bombas aos índios para irem pescar e depois retribuindo pelos peixes com cachaça (Altmann, *et al.*, 1983, p. 11).

Neste trecho do levantamento, a equipe descreve a situação do grupo do tuxaua Raimundo Alexandre. Esses Kulina teriam iniciado os deslocamentos pelo rio Juruá após a morte de Missaini (Juvenal) e a epidemia de sarampo que os acometeu quando moravam no rio Gregório (no antigo posto do SPI). O grupo passou alguns anos no Riozinho da Liberdade, e posteriormente habitou por 20 anos no Igarapé do Índio. No entanto, em 1981, voltaram a se movimentar novamente. Ao passarem em frete ao seringal Monte D'Ouro, o patrão Dozinho os convidou para se estabelecerem em seu seringal. Entretanto, a vida no seringal de Dozinho logo tornou-se marcada por homicídios (mataram três Kulina), pelo trabalho em regime de escravidão e por violências de vários tipos (que os deixavam “atormetados” e “desnorteados”). Todo este quadro se agravou com a proximidade dos Kulina a uma equipe da Petrobras (Equipe 69), que os aliciou pela “troca” de peixes por cachaça. Tal procedimento violento deixou marcas profundas, e explica o atual processo acentuado de alcoolização e vulnerabilidade.

Tal dado é significativo, também, por apresentar a presença muito mais antiga dos Kulina no Igarapé do Índio: anterior a 1981. As autoras afirmam que: “O grupo do Raimundo Alexandre passou pelo riozinho da Liberdade e depois sucessivamente por vários seringais do alto Juruá, sendo que os últimos 20 anos passaram no Igarapé do Índio” (Altmann, *et al.*, 1983, p. 11). Ou seja, o grupo do tuxaua Raimundo Alexandre esteve morando na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1961 e 1981⁷⁹.

⁷⁹ Em pesquisa de campo (agosto/setembro/2024), perguntei a adultos e idosos se eles conheciam o tuxaua Raimundo Alexandre, o Seringal Monte D'Ouro ou o patrão Dozinho. Ninguém o conhecia ou lembrava.

Assim, confirma-se a tradicionalidade da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.



Foto nº 9: Anari fazendo farinha. Aldeia Gaviãozinho: 20/08/2024 (Genoveva)

Ao continuarem o levantamento sobre a situação dos Kulina no Baixo Juruá, a equipe de indígenas e indigenistas chega ao território Juruapuca (atual RESEX Baixo Juruá), ao Vai-quem-quer e ao Cumaru-Igarapé do Macaco (atual TI Kumaru do Lago Ualá), região conhecida como território de Chico Cidade.

BAIXO JURUÁ
JURUAPUCA E VAI-QUEM-QUER /CUMARU (Ig. do MACACO)⁸⁰

Histórico –

Esse é o grupo conhecido em praticamente todo rio Juruá como o grupo do Chico Cidade. Este tuxaua, após ter morto um “dsupineje” (pagé) no ig. Reconquista (alto Juruá, próximo ao r. Gregório,) em 1935 iniciou um longo processo de migração que continua até hoje. Pela década de 50 estava no rio Itaquai, indo depois se estabelecer próximo a Eirunepé. Daí seguiu para o ig. do Soldado, depois para o ig. Gaviãozinho, p. Xeruã e finalmente chegou em 1967 em Caruari onde veio a falecer em 1978.

Situação atual

⁸⁰ Os grifos são dos autores.

Esses grupos Kulina do baixo Juruá além da exploração dos padrões, tem sido vítimas de interesses espúrios de seringalistas e políticos, que querendo se ver livre dos índios, tem forçado a transferência dos mesmos para o alto ig. Andirazinho. A Funai não só tem se prestado a executar esse serviço de transferência contrário à vontade e interesse dos índios, mas continua até hoje teimando nessa funesta política. Quando de nossa visita a esses grupos o funcionário da Funai Benedito Barbosa da Silva havia chegado à área com a incumbência de levar novamente os “ÍNDIOS SEM Funai” para a “Funai sem índios” (A Funai construiu toda uma infraestrutura no Andirazinho, mas os índios todos saíram de lá). Nessa tarefa anti-índígena estão sendo usados expedientes coercitivos, como é o caso do delegado de polícia de Caitaú que acompanha o funcionário da Funai nesse trabalho.

Por ocasião da visita da equipe do levantamento Kulina ao baixo Juruá os tuxauas Kulina do Purus conseguiram reunir os índios das aldeias Juruapuca e Vai-quem-quer para discutirem essa situação. Todos os índios preferem ficar morando no lago juruapuca, onde já residem 57 pessoas, aos quais os outros pretendem se juntar para formarem uma grande aldeia. Se negam terminantemente a seguir para o Andirazinho, afirmando que lá tem muita malária e fica muito distante do rio e de Caitaú, onde eles fazem as suas trocas comerciais de borracha castanha e artesanato.

No ig. do macaco já mais próximo à foz do Juruá está se realizando outra grande aldeia com a chegada dos Kulina do Jutai. Também eles demonstraram o firme desejo de se fixar nessa terra e não ir para o Andirazinho. Cabe à Funai repensar a sua política com relação aos Kulina do baixo Juruá, e junto com os próprios índios buscar os melhores caminhos, a fim de que os índios sejam os beneficiados e não os interesses dos seringalistas e políticos (Altmann, et al., 1983, p. 12).

A descrição dos territórios Kulina no Baixo Juruá (Juruapuca, Vai-quem-quer e Cumaru) é feita a partir da relação direta que estes têm com a grande liderança Omaco-Chico Cidade. Todos os deslocamentos do grupo pelo rio Juruá começam em 1935, a partir da morte de um pajé, imputada a Chico Cidade. Saíram do rio Gregório/Reconquista, terra natal da liderança, e iniciou seu processo de descida passando por vários territórios: rio Itaquai, Eirunepé, Igarapé do Soldado, Igarapé do Índio, Igarapé do Gaviãozinho e rio Xeruã; para finalmente chegar a Carauari em 1967 – onde Chico Cidade faleceu em 1978.

Desde que conheço os Kulina no Baixo Juruá (1996), as menções aos Igarapés do Índio e Gaviãozinho são frequentes, seja porque Omaco-Chico Cidade e seus filhos habitavam no lugar, seja porque, desde tempos históricos, há um fluxo constante de pessoas que se deslocam da região do Baixo Juruá (TI Kumaru, TI Ueré, ou Juruapuca) para aquele território.

Considerando que, em 1983, a equipe de indígenas e indigenistas visitou a TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho e ouviu relatos sobre Omaco-Chico Cidade, e considerando ainda que ele chegou à região de Carauari em 1967, pode-se estipular que Omaco-Chico Cidade morou na região dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1950-1967.

A troca de mulheres (da filha por irmã): o casamento de Ado (filho de Dsajo-Samuel, *dsomaji madija* – onça *madija*) com Dsihuini (filha de Acora-Edmundo, neta de Chico Cidade-Omaco), e de Acora-Edmundo (filho de Chico Cidade-Omaco, *biro madija* - tucano araçari *madija*) com Simahi (filha de Dsajo-Samuel, irmã de Ado, *dsomaji madija* – onça *madija*). Este é um evento muito conhecido pelos Kulina do Médio e Baixo Juruá, pois significou uma aliança entre os subgrupos *dsomaji madija* (onça *madija*) e *biro madija* (tucano araçari *madija*). O fato ocorreu no Igarapé do Índio antes do pessoal de Omaco-Chico Cidade descer para a região de Carauari (portanto, antes de 1967)⁸¹. Esta informação de suma relevância da memória oral – e respaldada por documentos históricos –, reafirma a tradicionalidade da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.

Os Kulina ressaltam que o casamento da troca da filha (Dsihuini, casa 03) pela irmã (Simahi, mora na aldeia Jaci, Juruapuca) aconteceu no **Igarapé do Índio** com a aprovação do grande tuxaua Chico Cidade. Inclusive teria sido o próprio Chico Cidade o responsável pelo “convencimento” das mulheres-esposas envolvidas. O gesto carrega também outra mensagem: Chico Cidade reconhecia a liderança de seu filho Acora-Edmundo e de Ado; pois somente os grandes chefes têm permissão de contrair matrimônio com duas mulheres (Amorim, 2023, p.149).

Recapitulando, a equipe de indígenas e indigenistas que percorreu o rio Juruá em 1983 trouxe-nos três registros fundamentais, que comprovam a habitação permanente dos Kulina na região dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho.

1. A expulsão dos Kanamari do território Gaviãozinho é apontada como um grande feito de Omaco-Chico Cidade: “tuxaua Kulina que migrou do Reconquista/Gregório e morreu em Carauari em 1978” (Altmann, et al., 1983, p. 09). Assim, descobriu-se que o território do Gaviãozinho, de usufruto dos Kulina e Kanamari, tornou-se de uso exclusivo dos Kulina após

⁸¹ Simahi e Dsihuini estão vivas. Simahi mora na aldeia Jaci (Juruapuca) e Dsihuini na TI Rio Ueré.

um conflito travado entre o pessoal do Chico Cidade e os Kanamari, entre 1950 e 1960.

2. A equipe afirma que: “O grupo do Raimundo Alexandre passou pelo riozinho da Liberdade e depois sucessivamente por vários seringais do alto Juruá, sendo que os últimos 20 anos passaram no Igarapé do Índio” (Altmann, et al., 1983, p. 11). Ou seja, o grupo do tuxaua Raimundo Alexandre Kulina esteve morando na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1961 e 1981.
3. A equipe de indígenas e indigenistas encontrou e descreveu a situação dos Kulina, em dezembro 1983, na TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho: 25 pessoas na aldeia Maloca, no Igarapé do Gaviãozinho e 41 pessoas no Igarapé do Índio (região do Médio rio Juruá) (Altmann, et al., 1983, p. 09).

Nesse documento histórico (que se encontra nos arquivos do CIMI-Tefé-AM), temos uma prova irrefutável da tradicionalidade e ocupação permanente dos Kulina na região dos Igarapés do Índio e Gaviãozinho em 1950, 1981 e dezembro de 1983.

2.8 A origem da ocupação histórica nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho: a relação de conflito e aliança entre os subgrupos de Omaco-Chico Cidade e de Dsajo-Samuel

Se, por um lado, há excesso de violências sofridas, por outro, temos excesso de provas que asseguram aos Kulina nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho o direito de usufruto exclusivo sobre aquela terra tradicional, conforme determina a Constituição de 1988. Reitero, ainda, o direito dos Kulina de ir e vir por todos os territórios tradicionais, sejam eles demarcados (reconhecidos como terra indígena) ou não.

No documento intitulado “Relatório de Educação junto aos Kulina na região do Baixo Juruá, município de Caiaú, aldeia Vila Nova – Juruapuca (igarapé Grande), período: 1986 a 1989”, a equipe da pastoral indigenista (CIMI-Tefé) era formada por Antônio José Mota Bentes e Iza Maria Castro dos Santos. Eles relatam que foram convidados a trabalhar na Prelazia de Tefé em janeiro de 1985 e aceitaram o convite em fevereiro de 1985. Depois de fazerem visitas aos indígenas nos rios Japurá, Xerua e em Uati-Paraná (Fonte Boa-AM), optaram por desenvolver um trabalho mais sistemático

junto aos Kulina no Baixo Juruá: “Foi durante este primeiro contato que surgiu através do pedido dos próprios índios da aldeia de Juruapuca que começássemos o processo escolar na área” (Bentes; Santos, 1990a, p. 01). Nesse relatório, a equipe indigenista deixa claro que o processo de educação escolar aconteceu apenas na aldeia do Juruapuca, mas ressaltam que na região do Baixo Juruá existiam mais duas aldeias:

Das três aldeias do baixo Juruá, 2 estão localizadas no município de Caitaú (ou Juruá) e a outra do rio Eré encontra-se na região do município de Carauari (mais pra médio Juruá), ambas no Estado do Amazonas. A população total dessas aldeias é de 287 pessoas entre adultos e crianças (Bentes; Santos, 1990a, p. 14).

A equipe fez o relatório em 1990, mas as ações foram desenvolvidas no período entre 1985 e 1989. Os indigenistas apontam para a existência da aldeia Matatibem e os constantes deslocamentos dos indígenas entre os territórios tradicionais no Baixo Juruá.

Em documento anterior, a equipe indigenista registra aspectos socioculturais dos Kulina e assinala a mobilidade como uma de suas principais características: “Os Kulina aqui do Juruapuca, entre outros, são bastantes conhecidos pelos regionais e ribeirinhos, por percorrerem esta região em peregrinação de lugar em lugar. Entre Juruá e Jutai estes índios percorrem e buscam uma forma de sobrevivência” (Bentes; Santos, 1985a, s/p). Quando a equipe começou a trabalhar com os Kulina no Juruapuca, eles estavam retornando ao local após a transferência forçada ao rio Andirá. A transferência tratava-se de um acordo firmado entre a prefeitura de Juruá (antiga Caitaú) e a Funai. Esses órgãos justificaram o acordo como uma forma de solucionar os problemas enfrentados pelos Kulina devido ao contato estreito com a população da cidade: a prostituição e a alcoolização. Os Kulina permaneceram na aldeia do rio Andirá, por cerca de dois a três anos. Em outubro de 1985, existiam 31 famílias Kulina morando no igarapé Grande (aldeia Juruapuca), totalizando 147 índios (Bentes; Santos, 1985a, s/p).

O objetivo do trabalho do CIMI, de 1985 a 1990, era promover o levantamento fundiário da área onde os Kulina se encontravam, discutir limites para uma proposta de demarcação, formar lideranças e favorecer a construção de escolas voltadas à alfabetização. Contudo, a equipe relata: “O álcool tem sido um problema de toda a aldeia. Os comerciantes de Caitaú fornecem bebidas alcoólicas para os índios em troca de galinhas, carne de caça, peixe, paneiros, etc.” (Bentes; Santos, 1985a, s/p).

Em 1985, havia, na aldeia Juruapuca, oito roçados. Os Kulina pescavam no igarapé Grande e no lago Juruapuca (matrinxã, piranha, piau, pirapitinga, surubim, pacu, pirarucu e bodó). Trabalhavam na extração de látex (no inverno e no verão), que era vendido em Caitaú (cidade de Juruá). A equipe indigenista salienta, ainda, que na área do Juruapuca era constante a presença de madeireiros (Bentes; Santos, 1985b, s/p). Nesse ano, a escola da aldeia Juruapuca era feita de palha e paxiúba, tendo sido construída pelos próprios indígenas. Entretanto, os Kulina tiveram uma escola construída pela prefeitura, na aldeia Andirá. Esta funcionou por três meses, com aulas ministradas por uma professora não indígena. Porém, como sua desistência, a escola deixou de funcionar (Bentes; Santos, 1985b, s/p).

Ao descrever a situação da terra, os indigenistas ressaltam a existência de conflitos fundiários e as “constantes migrações” dos Kulina. Essas migrações seriam decorrentes de “conflitos entre brancos e índios”, ou entre os próprios indígenas:

Em decorrência desse fato os índios são praticamente odiados em toda a região. São tidos como os piores dentre todas as nações indígenas – mal caráter, ladrão, preguiçoso, valente traiçoeiro e outras acusações são comuns na boca de seringalistas, políticos e mesmo ribeirinhos, quando se referem aos índios (Bentes; Santos, 1985b, s/p).

Em maio de 1989, um evento desencadeou uma série de conflitos que desgastaram a organização interna da aldeia Juruapuca, e que, conseqüentemente, provocou grande dispersão: dois Kulina foram feridos gravemente e encaminhados para tratamento em Tefé. As pessoas envolvidas estavam embriagadas. Elas haviam consumido bebida alcoólica ao participarem da festa do santo na cidade de Caitaú-Juruá. Em decorrência desse evento, algumas famílias mudaram para a aldeia Cumaru (igarapé da Macaca-TI Kumaru), e outras para a aldeia Matatibem (TI Kulina do rio Ueré). Para os indigenistas, os conflitos e rupturas, na organização interna da aldeia, se acentuaram com a presença de uma base de pesquisa da Petrobras próximo à aldeia Juruapuca:

Da última vez, por exemplo, em que a empresa esteve na área o descaso aos índios chegou ao ponto de a empresa fazer até pista de pouso ao lado da aldeia, permitindo um relacionamento direto entre os índios e os peões, onde o problema maior é a prostituição das índias, a introdução de mais álcool na aldeia e o pior de tudo, a contaminação aos índios de doenças altamente transmissíveis (Bentes; Santos, 1989, p. 06).

No relatório de atividades do primeiro semestre de 1990, a equipe indigenista⁸² faz um relato da viagem ao rio Ueré (Bentes, et al., 1990 s/p). O documento de quatro páginas afirma que viajaram ao rio Ueré para ver a situação de 12 famílias Kulina que se deslocaram da aldeia Juruapuca para morar naquele local: “A decisão de saída do Juruapuca foi unicamente do grupo, que orientados pelo chefe Edimundo resolveram fazer uma nova tentativa no Rio Ueré” (Bentes, et. al., 1990 s/p). A equipe relata que, no decorrer da viagem pelo rio Ueré, constataram a presença da extração de madeira: encontraram algumas jangadas nas margens dos pequenos igarapés tributários do rio Ueré.

As informações que coletamos é de que os próprios seringueiros localizados ali é que estavam fazendo retirada aviados por um patrão de influência ali dentro. Outro dado importante é que o rio Ueré é bastante habitado por seringueiros, e na aldeia soubemos que mais para cima haviam mais gente colocadas lá. Essa presença de cariús próxima aos índios pode representar um problema bastante sério para ambas as partes, principalmente no tocante a prostituição que pode haver já que o grupo que se deslocou do Juruapuca carrega com si um número bastante grande de meninas (Bentes, et. al., 1990 s/p).

Na TI Rio Ueré, a equipe verificou a construção de novas casas por parte do recém-chegado grupo de Acora-Edmundo. Observou que os roçados existentes não seriam suficientes para suprir a necessidade de todos. Preocupados com a segurança alimentar da aldeia, incentivaram a abertura de novos roçados. Os indígenas que moravam no território ressaltaram a boa produção de sorva e seringa, e também a abundância de peixe, caça e frutos silvestres. Afirmaram que a região do Ueré era um local bom para se morar.

No segundo semestre de 1991, uma nova equipe do CIMI passou a trabalhar com os Kulina na região do Baixo Juruá, composta por Agueda Behenck, Hidenori Mochiizawa, Rosicley Soares e Raimundo N. Batista de Lima. No Relatório de Atividades e Financeiro, descrevem a viagem que realizaram para visitar as aldeias do Eré (Ueré), apontando para a existência de várias famílias Kulina espalhadas às margens do “igarapé do Eré”. A visita tinha por objetivo conhecer a realidade e a problemática

⁸² Relatório de todas as atividades do Projeto Kulina Brasil 218. Referentes ao primeiro semestre de 1990, período que vai de janeiro a julho. Equipe: Antônio José Motta Bentes, Iza Maria Castro dos Santos, Raimundo Guimarães Coelho, Elíosa Assis Marques e Irmã Consuelo (relato da viagem encerra em Fonte Boa, 6 de maio de 1990)

indígena relacionada à terra, subsistência, educação e saúde. A equipe saiu no dia 28 de setembro de 1991, da cidade de Fonte Boa. Dorome Kulina⁸³, liderança da aldeia Cumaru (igarapé da Macaca – TI Kumaru), os acompanhou na viagem. Quando chegaram à cidade de Carauari, conversaram com os padres locais e discutiram sobre a situação dos Kulina. No outro dia, a equipe seguiu viagem para o Ueré, retornando à aldeia Cumaru (TI Kumaru) no dia 10 de outubro de 1991 (Behenck, et al., 1991 s/p).

Pela sequência de registros históricos, estimo que Acora-Edmundo voltou a viver no Igarapé do Gaviãozinho entre maio de 1990 (quando a equipe anterior visitou a TI Ueré e encontrou o pessoal de Ado morando no Estirão do Galo) e outubro de 1991, (data em que a nova equipe encontrou o pessoal de Ado em Matatibem) (Behenck, et al., 1991 s/p). Todos esses relatos sobre a movimentação mais recente dos Kulina reforçam os constantes deslocamentos e a relação de parentesco que existe entre as famílias no Médio e Baixo Juruá. Assim, a demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho se insere dentro do padrão cultural e histórico desse povo de se relacionar com a terra tradicional, pois garantirá aos Kulina a possibilidade de viajar e visitar os parentes em segurança, bem como estabelecer novas alianças e moradias. Isto, por sua vez, se configura como um direito coletivo, que beneficiará não apenas a população da TI, mas todos os Kulina, permitindo sua Reprodução Física e Cultural (conforme determina a CF/1988).

⁸³ Dorome: falecido, liderança, irmão de Acora-Edmundo, filho de Omaco-Chico Cidade (morou na aldeia Terra Alta, Igarapé do Gaviãozinho).



Foto nº 10: Cossaro-Pedro. Pesca matrinxã.
Mapeamento Igarapé do Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Em 1994, a antropóloga Priscila Faulhaber coordenou o Grupo Técnico responsável pelo Relatório de Identificação e Delimitação da TI Kumaru⁸⁴. Ao desenvolver o item “Histórico, memória social e interpretação”, assegura:

Nas viagens feitas pelo rio Juruá pela equipe do CIMI nos anos 1977 e 1979, foram localizados vários grupos Kulinas espalhados pelo baixo até o alto Juruá: perto de Caitaú (66 pessoas/11 famílias), no rio Itucumã (48 pessoas/09 famílias), um grupo de 70 Kulinas a um Kilometro da cidade de Carauari (do velho tuxaua “Chico Cidade”, o pai do Doro, atual tuxaua da maloca Cumarú) e mais 35 pessoas (7 famílias) no Igarapé da Roça, 10 famílias no lago de Jainur, dois “grupinhos” nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio⁸⁵), dois grupos no baixo Gregório e dois no rio Eiru, [...] (Faulhaber, 1994, p. 11).

⁸⁴ Terra Indígena com a qual os habitantes têm uma estreita relação com a população da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.

⁸⁵ Ocupação tradicional e permanente dos Kulina no Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho desde os anos 1977 e 1979.

Nesse trecho, a antropóloga traz dados sobre os Kulina “espalhados” do Baixo até o Alto Juruá, registrando, inclusive, o pessoal de Chico Cidade (Omaco-Huamaco, pai de Doro-Dorome) na cidade de Carauari. Tal dado condiz com outros documentos históricos que relatam a chegada do grupo na região de Carauari, em 1967 e, posteriormente, em 1978, com a morte de Chico Cidade.

O registro faz menção explícita a “dois ‘grupinhos’ nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio)” (Faulhaber, 1994, p. 11). Assim, apresenta algo imperativo e necessário ao processo de demarcação da TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho: a ocupação tradicional e permanente dos Kulina na região nos anos 1977 e 1979.

Os Madija que atualmente vivem no Cumaru vieram do alto-Juruá, da maloca Gaviãozinho no município Eirunepé, há 13 anos. O atual tuxaua Dsomami (Edmundo) da aldeia Cumarú, morando na casa 1, veio junto com Tomás, Talvera e Salvador (Ssahuani) que mora na casa 11. Os pais do tuxaua Dsomami, já falecidos, eram Joana e Humaco ou “Chico Cidade”⁸⁶.

[...]

As fontes acima citadas, assim como a observação da situação deste grupo, levam a indicar que os Madija deslocam-se espacialmente em busca de melhores condições de existência. Esta mobilidade é produto da situação de dilaceramento produzido pela situação de seringal, dilaceramento este que se manifesta em conflitos entre facções Madija (Faulhaber, 1994, pp 11-12).

Os documentos históricos de indígenas e indigenistas (Altmann, et al., 1983) são compatíveis com as informações de Faulhaber, pois, quando a equipe do levantamento esteve nos Igarapés do Índio e do Gaviãozinho (no ano de 1983), não encontrou mais Chico Cidade e seus filhos. Nesse contexto, afirma que “Os Madija que atualmente vivem no Cumaru vieram do alto-Juruá, da maloca Gaviãozinho no município Eirunepé, há 13 anos” (1994, p 11). A lista de Faulhaber traz nomes de pessoas que moraram na aldeia Terra Alta, igarapé do Gaviãozinho, como Dsomami (filho de Omaco-Chico Cidade), Tomás-Tomahua⁸⁷ (genro de Omaco-Chico Cidade, casado com Huamo) e Talvera (casado com Rari, irmã de Rora, casa 4, aldeia Três Barracas).

⁸⁶ No Anexo 1, ao apresentar os “Dados do censo da Área Indígena Cumaru. Baixo Juruá”, Faulhaber constata que o Kulina Amoponica (M), residente na Casa 6, encontra-se em viagem “visitando parentes Gaviãozinho”; e Dssihuiji (M), residente na Casa 16, veio do Gaviãozinho (Faulhaber, 1994, p. 33, 36).

⁸⁷ Envolvido no conflito com o pajé Obo-Antonio Samuel (morava na aldeia no Igarapé Preto, região do Igarapé do Índio).

Faulhaber descreveu a “Organização Social, Ocupação e Utilização da área pelo Grupo indígena” a partir de movimentações dos Kulina pelo rio Juruá. De acordo com a pesquisadora, as viagens eram motivadas pela fuga da situação de exploração nos seringais, conflitos entre “facções madija” (subgrupos diferentes gerados por acusações de feitiçaria), busca de novas alianças, ou ainda para reforçar as antigas (visitar parentes):

[...] A população dos Madija é flutuante. Famílias das outras malocas dentro da área passam um tempo com os parentes de uma maloca, outras famílias morando dentro da área Cumaru foram visitando os parentes no médio (Juruapuca, perto de Caitaú) e alto Juruá (Eré, Envira, Gaviãozinho) e até ao rio Jutai (malocas Canoa, Bola e Batedor). Em uma destas viagens, recentemente Doro⁸⁸, a mulher, os filhos, genros, netos, mais um irmão e seus filhos foram para o Eré (em Carauari), e depois foram para o Gaviãozinho. Foram fazer o Manaco, que é uma troca ritual: os de lá tinham viajado ao Cumaru comer farinha e levar mulheres e estes foram comer farinha e buscar rapazes. Voltaram final de julho (Faulhaber, 1994, p. 13-14).

A pesquisadora aponta para os motivos da grande movimentação dos Kulina pelo rio Juruá e Jutai, e ressalta como essas viagens são necessárias para a reprodução física e cultural do povo. Observamos a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho inserida nessa rede de trocas, alianças e parentesco. Os deslocamentos dos Kulina são um grande empreendimento, pois participam todos os membros da família e animais de estimação. Essas viagens são oportunidades significativas para as crianças e os jovens não apenas aprenderem regras de etiqueta e retribuição (o *manaco*), mas também conhecer parentes e os territórios tradicionais.

De 9 a 15 de dezembro de 1995, os pesquisadores Niviane Maciel (antropóloga da Coordenação do Meio Ambiente) e Otávio Gurgel (engenheiro Florestal da Coordenação de Proteção das Terras Indígenas), funcionários da Funai (Departamento de Patrimônio Indígena e Meio Ambiente), realizaram uma pesquisa de campo na TI Kumaru do Lago Ualá. O estudo visava fazer um Diagnóstico Socioambiental sobre a ação da Petrobrás na TI, formular proposições para um programa de reestabelecimento ecológico da área impactada e apoiar os Kulina na mitigação das interferências socioambientais.

Ao descreverem a aldeia Cumaru (Igarapé da Macaca), afirmam que:

⁸⁸ Doro-Dorome, filho de Chico Cidade, irmão de Acora-Edmundo. Grande liderança da TI Kumaru.

A aldeia Cumaru antecede a aldeia Igarapé da Macaca, Paupixuna e Monte Cristo, oriunda da junção dos grupos clânicos Biro e Dsohuiji, advindos das terras do alto e médio rio Juruá.

Dsomami veio com seu extenso grupo do igarapé Gaviãozinho. Desceram o Juruá em 1983, instalaram-se no interior do igarapé da Macaca próximos a aldeia já estabelecida: Cumaru” (Maciel; Gurgel, 1996, p.18).

Dsomami é filho de Omaco-Chico Cidade e Joana. Ele morou, até 1983, na aldeia Terra Alta, situada às margens do Igarapé do Gaviãozinho.

Soares e Mochiizawa (1997)⁸⁹, membros da equipe indigenista do CIMI-Tefê-AM que trabalhavam com os Kulina na região do Baixo Juruá, fizeram um levantamento sobre a “História da Migração” dos subgrupos *biro madija*, *dsohiji madija* e *jahua madija*.

Baseamos essa parte histórica principalmente nas informações dadas pelos madija durante coletas de dados para o preenchimento de registro de nascimento e nos levantamentos deixados pela equipe anterior (Rubens, Antônio José e Iza), nos cadernos de anotações.

[...]

As datas anteriores a 1986, nos baseamos exclusivamente na idade aproximada dos Madija, por isso, são bastante flexíveis. De 1986 para cá, as datas merecem maior credibilidade, uma vez que foram baseados nas anotações das equipes que viveram na época com os Madija (Soares; Mochiizawa, 1997, p. 06).

A equipe indigenista descreve a “História da Migração” e traz dados que reforçam a habitação permanente dos Kulina nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho e a mobilidade motivada por relações de parentesco.

Por volta de 1960 algumas famílias começaram a descer o rio Juruá com permanências rápidas no Igarapé Branco, Pau-Dálho e no Palermo, e se fixaram por 14 anos, entre 1962 a 1976 no Gaviãozinho, entre Eirunepé e Itamarati. Aos poucos continuam descendo o Juruá fixando por um certo período em pequenos grupos, em Cubio, Itamarati, Xeruã e Flechal e um grupo maior chegou em Carauari, mais ou menos de 1972 até por volta de 1978, quando o pai dos Biro, Omaco, conhecido por “Chico Cidade” morreu afogado.

[...]

Os Dsohuiji da aldeia Cumaru e os Biro viviam juntos em Ridodo e desceram juntos o Juruá até o Gaviãozinho. Nessa região de

⁸⁹ Começaram a trabalhar com os Kulina na região do Baixo Juruá no segundo semestre de 1991: Hidenori Mochiizawa e Rosicley Soares.

Gaviãozinho e Cubio, os Dsohuiji passaram para o rio Xeruã onde permaneceram por um tempo. Do Xeruã desceram a Carauari, de onde passaram para o Ipixuna, afluente do Biá, permanecendo entre 1968 a 1985.

[...]

No início de 1992 a família de Dsoho (João Azarias) retornou de Gaviãozinho e Juruapuca, e a família de Comarini (Zeca) de Cumaru foi morar também em Juruapuca.

No segundo semestre de 1994 chegaram algumas famílias de Gaviãozinho para morar no Capiiranga, juntamente com outras de Cumaru que tinham ido visitar Gaviãozinho no início do ano (Soares; Mochiizawa, 1997, p. 07, 09).

Soares e Mochiizawa (1997) fizeram um censo detalhado da “Área Indígena Cumaru. Baixo Juruá”, apresentando, além dos dados da população por aldeia, informações sobre a movimentação dos Kulina no rio Juruá:

- ✓ Na casa 1 (aldeia Cumaru), mora o tuxaua Dsomami (*biro madija*, filho de Omaco-Chico Cidade): “Veio da A.I. do Gaviãozinho há 13 anos” (1997, p. 31).
- ✓ Na casa 6 (aldeia Cumaru), mora Jodso (*biro madija*, irmão do tuxaua; filho de Chico Cidade). Ele tem um filho de nome Amaponica, que no momento do censo estava “visitando parentes no Gaviãozinho” (1997, p. 33).
- ✓ Descrevem os visitantes da aldeia Cumaru⁹⁰:

Visitante⁹¹ 8 pessoas

Pais:

Dimodo (irmão do Doro)

X Simahi (M)

Moram no Veneza, em baixo de Eirunepé.

Filhos:

- Jossino (H) x Assarina (M)

*Ibora (M)

*Huamo (M)

- Dsihuini (M)

- Huaido (M) (Soares; Mochiizawa, 1997, p. 36)

Essa transcrição literal reforça que Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e sua esposa Simahi (filha de Dsajo-Samuel) visitaram os parentes na aldeia

⁹⁰ Os dados do censo foram coletados no primeiro semestre de 1996.

⁹¹ Grifo dos autores.

Cumaru em 1997, mas estavam morando no Lago “Veneza”, na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho⁹².

Na página a seguir, reproduzo um quadro cronológico feito por Soares e Mochiizawa (1997), focado nas trajetórias dos subgrupos majoritários na TI Kumaru do Lago Ualá: *biro madija* e *dsohuiji Madija* (macaco-prego *madija*)

Como visto, o grande antepassado *biro madija* é Omaco-Chico Cidade⁹³. Ele é pai de Acora-Edmundo (M), Dorome (M), Dsomami (M), Majora⁹⁴(M), Ajibora⁹⁵ (F), Huacahua (F), Manoel-Jodso (M), Huanai (F), Huamo (F) e Huadsoco (F).

Por sua vez, Omaco-Chico Cidade é avô de Dseca (casa 5, Gaviãozinho) e Corari (casa 1, Gaviãozinho). Bisavô de Anari (casa 3, Gaviãozinho), Morato (casa 4, Gaviãozinho), Boconi (casa 6, Gaviãozinho), Jeijei-Reirei (casa 5, Gaviãozinho), Luzia (casa 3, Três Barracas), Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas) e Dsiquija (casa 5, Três Barracas).

No quadro a seguir, verifica-se que os indigenistas (Soares; Mochiizawa, 1997) estimaram a presença dos Kulina na região do Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1962 e 1976.

⁹² Conheci a família nessa época. Nessa visita, Dsomami convidou o irmão Acora-Edmundo para morar na TI Kumaru.

⁹³ De acordo com a anciã Nomija (casa 7, Gaviãozinho) a primeira esposa de Omaco-Chico Cidade foi Joana, depois ele casou com Huapai.

⁹⁴ Falecido. Casou com Irani Kulina (mora na TI Kumaru).

⁹⁵ Ajibora é filha de Omaco-Chico Cidade. Era casada com Camaidso (filho de Aquido, portanto, neto de Dsajo-Samuel). Ajibora e Camaidso são pais de Dseca (casa 5, Gaviãozinho). Dseca é neto de Aquido e bisneto de Dsajo-Samuel por via paterna; e neto de Omaco-Chico Cidade por via materna.

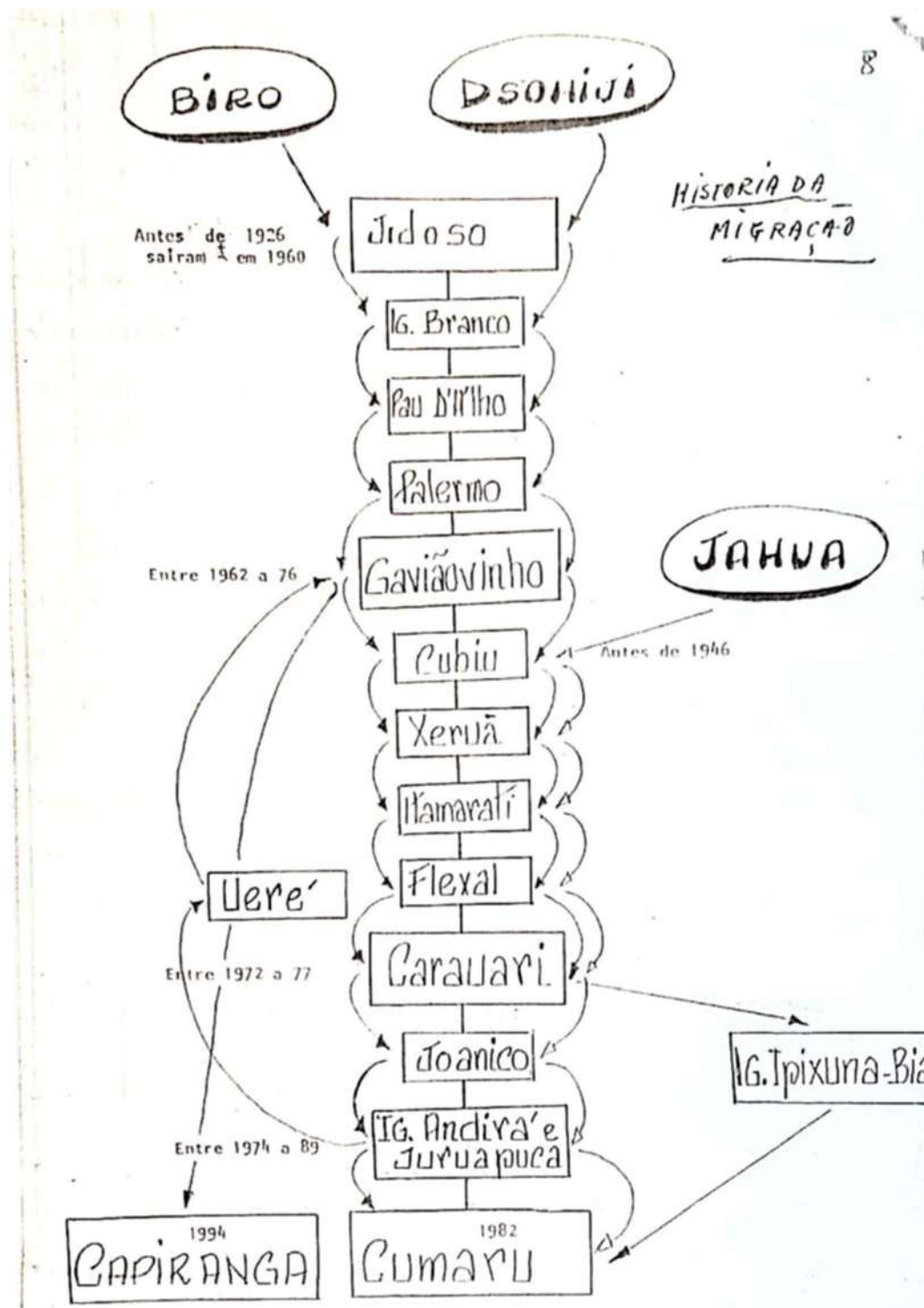


Figura nº 10: História da Migração (Soares; Mochiizawa, 1997, p. 08)

2.9 A memória oral dos Kulina: movimentação do pessoal de Omaco-Chico Cidade e Dsajo-Samuel no Médio e Baixo rio Juruá

De acordo com registros históricos, o pessoal de Omaco-Chico Cidade desceu da região do rio Gregório, rio Ipixuna e rio Penedo (Alto Juruá) no ano de 1935. Passou por vários seringais do Médio e Baixo Juruá, na região do rio Xeruã, Gaviãozinho, Igarapé do Índio e Santa Luzia. Descobrimos que a posse exclusiva dos Kulina do território do Gaviãozinho é fruto de uma luta travada entre o pessoal de Chico Cidade e os Kanamari, entre 1950 e 1960. Esses foram os anos que Omaco-Chico Cidade morou na região do Igarapé do Gaviãozinho (em duas aldeias diferentes), até a morte de sua esposa Joana Kulina, na aldeia Terra Alta (às margens do Igarapé do Gaviãozinho). Depois desse fato, Omaco-Chico Cidade continuou seu processo de descida do rio Juruá, chegando à região de Carauari em 1967 (onde faleceu em 1978) (Altmann, et al., 1983).

Os Kulina me contaram sua versão dessa relação histórica com o rio Juruá e com a terra tradicional no igarapé do Gaviãozinho:

[Jodsino] Primeiro o Antônio José chegou lá de Fonte Boa e entrou no Madija (foi até as aldeias onde moravam os Kulina). Ele que trouxe padre.

[Eu] Padre Dionísio?

[Jodsino] É. O Padre Dionísio e aquele outro. Aquele que é velhinho. Como é o nome do outro padre?

[Tone] Michel?

[Jodsino] É. Michel e o outro, Dom Mário, não é? Dom Mário?

[Eu] O que?

[Jodsino] O padre, Dom Mário!

[Eu] Sim, agora eu sei.

[Jodsino] Esse daí (Dom Mário), ele trouxe o CIMI pro Juruapuca.

[Eu] Sim. Antes Dom Mário era bispo da Prelazia de Tefé.

[Jodsino] Sim. Depois que eles entraram no meio, nós começamos a estudar na língua indígena. Até acho que 1988. Nós viajamos para Rio Branco, estudar a língua dos Madija. O CIMI estava quase que cinco anos por aí assim. Primeira aldeia Juruapuca. Não tinham feito o Cumaru ainda. Cumaru só existia uma casa. Primeiro era aqui, no Juruapuca, que tinha muita casa, parece que quarenta e cinco casas. Uma do lado da outra, né? Um terreiro muito grande.

[Eu] Quem foi o Madija que chegou primeiro para morar no Juruapuca?

[Jodsino] Primeiro chegou foi papai, Dimodo. Fizeram aldeia.

[Eu] Dimodo veio de onde?

[Jodsino] Veio lá do Ridodo. Ele vem de lá porque eles brigaram, e o pai dele (Omaco) morreu lá no Carauari. Ele (Omaco) veio de Manaus, trouxe panela, outras coisas, terçado. Ele queria fazer aldeia lá, no banho de Carauari. Muito Madija. Foi aí que começou briga, o pajé colocou feitiço pra ele (nele). Ele foi e caiu na água e morreu (afogado).

[Jodsino] Foi o Carlos (agente da Funai da época) o responsável daí de Carauari. Entregou pro papai pra tomar conta do negócio de tuxaua, né? Passaram anos. Queria ajeitar a aldeia.

[Eu] Espera, e o pessoal do Dorome?

[Jodsino] Estavam todos lá, em Carauari. O Dorome, Manezin, Majoro, o irmão do papai Najora, Equene, Dsono e Camaidso. Tudo família dele, estavam todos em Carauari. Depois brigaram com o pajé (que tinha jogado feitiço no Omaco). Eles vieram pra cá. Eles não quiseram mais voltar pra cima, por causa dos *dsoppineje* (pajé). Ele veio para cá. Chegaram aqui (na cidade), dormiram ali, numa casa de farinha que tinha nessa descida da fábrica de gelo. A cidade era pequena. O prefeito era Raimundo Batalha e deu terra pra ele. Primeiro Dimodo morava lá no igarapé Grande que o prefeito deu pra ele. Que fica ali pra cima, tem estrada pra lá. Lá mora *carihua* agora. Eu estava do tamanho do meu menino Jodsinei (cerca de 10 anos) quando meu pai chegou aqui, no Caitaú (antigo nome da cidade de Juruá). Moramos ali atrás (no igarapé Grande) quatro anos, e a Funai chegou. Funai chegou e queria falar com o prefeito pra prefeito levar Madija lá para dentro do Andirá, como eu já te falei. Madija foi, mas voltou. Andirá é muito longe. Quando veio todinho o prefeito Raimundo Batalha falou para o papai:

- Dimodo, se vocês não ficam no Andirá, então vão fazer aldeia lá no Juruapuca.

Depois que fizemos aldeia no Juruapuca, depois de um ano, chegou o Antônio José e a Iza, do CIMI. Fizemos casa deles no meio (da aldeia), de palha mesmo. Eles moravam com nós tudinho, moraram muitos anos. Dorome veio também morar aqui no Juruapuca e aqui se espalharam tudo. Dorome levou a turma dele lá pro Cumaru, ele estava também lá no rio Andirá.

Fizeram aldeia grande, só que o pessoal foi baixando, baixando pra cá (saindo da aldeia Andirá). Ficaram dois, ficou uma casa, do Omada. Você sabe quem é Omada?

[Eu] Não sei.

[Jodsino] O pai do Joressi. Ele ficou lá, ficou dois anos e depois ele veio pra cá (ficou no Andirá e depois veio).

Fizeram aldeia lá no igarapé da Macaca, no Cumaru (hoje TI Kumaru). Funai chegou e queria levar eles, do Juruapuca para o Cumaru, porque Dorome disse que lá tinha muito matrinxã, pirapitinga e pirarucu. Porque *carihua*, eles vêm pra cá tudinho (os não indígenas vêm pescar no Juruapuca).

Funai foi lá falar com prefeito, por isso fizeram a aldeia. O resto do pessoal, daqui do Juruapuca foi baixando pro Cumaru. Ficou só a turma do papai aqui. Camaidso, irmão dele, Najora, Equene, tudo baixou. Depois o Dimodo ficou velhinho, ficou doente e se mudou pra

lá, pro Cumaru. Então vocês chegaram, naquele tempo (em 1996). Paroja, filha da Maria, morou lá no Andirá. Quando Antônio José foi embora, a outra Paroja veio pro lugar dele (Rosicley Soares, do CIMI). Quando Paroja chegou, Dimodo ainda morava no Juruapuca (início de 1990). Antes do Dimodo descer para o Cumaru, ele ainda subiu o Juruá.

[Tone] Ele foi até no Gaviãozinho ainda. A ideia dele era fazer aldeia onde tivesse muito peixe, matrinxã.

[Jodsino] Dimodo falou assim:

- Lá no Gaviãozinho, é terra do meu pai.

O pai dele “comprou”⁹⁶, aquele igarapé Gaviãozinho, das ariranhas. Ele queria ir pra lá. Passou uns tempos pra lá. Gaviãozinho fica acima de Itamarati. Mas tem Madija também lá, hoje têm sete casas.

[Tone] A aldeia Gaviãozinho é a única terra de Madija que fica do lado direito de quem sobe o rio Juruá, as outras ficam toda a margem esquerda. Eu já fui lá. Madija não existe do outro lado do Juruá, só no Gaviãozinho que existe Madija. Eu já pesquisei isso tudinho. Não sei o que significa isso. Não sei se eles tinham medo de atravessar, ou se eles não tinham canoa. Não sei. Madija foi feito só nesse lado daqui: no Envira, no Tarauacá, no Acuraua; só tem Madija desse lado. No rio Jutai também só tem terra Kulina na margem direita de quem desce.

[Jodsino] Nós fomos para o Cumaru. Dividiram a aldeia. Nós ficamos no Mapiranga. Jodso (Curumim), ele foi lá para o Pau-Pixuna (igarapé). Jodso⁹⁷ chegou ao Cumaru dando a volta pelo rio Jutai e pelo rio Solimões. Mataram um parente deles, lá no Gaviãozinho, por isso que eles também baixaram. Vararam lá pelo rio Jutai. Do Jutai vieram baixando até a boca do Jutai e chegaram a Fonte Boa. De Fonte Boa pra cá o pessoal daqui foi e encontrou com eles. Chegaram ao Cumaru. A turma do Jodso morou um tempo na aldeia Bugaio, junto com os Ticuna. O pessoal do Madahui (João Grande), o Docore, também morou lá.

[Tone] O apelido que deram para Madahui, no Bugaio, foi João Machado. Outro dia os Ticuna me perguntaram se o Machado estava vivo, eu disse que não conhecia não.

[Jodsino] Quando Dimodo foi para o Gaviãozinho ficaram morando no Juruapuca: Dsoho, Misso e Najora. Najora morreu, era filho do Equene.

[Tone] A filha de Dimodo morava em Caruari. Ela viu que no Eré tinha muito peixe, matrinxã. Ela veio de lá e disse que tinha muito matrinxã que até com terçado o cara cortava. O que o velho Dimodo fez? Fez a farinhada todinha e foi embora, pro Eré. Lá ele morou dois anos. *Dsahuida bono botenani* (quando ele saiu do Eré, a pupunha que ele plantou, já estava para dar fruto). Ele ficou com raiva que a filha dele tinha mentido, lá não tinha matrinxã. Desmanchou metade da roça, deixou a outra metade e foi para o Gaviãozinho. Lá no Gaviãozinho ele adoeceu, negócio de tuberculose. Ele já estava casado com a Simahi.

Dorome ficou aqui, no Cumaru, porque a Funai já tinha chegado. Dorome soube que o irmão dele (Dimodo) estava pra morrer

⁹⁶ Em língua Kulina *mittade*: pedir ou comprar (a relação pode incluir o *manaco*-troca positiva ou negativa). Sobre o *manaco* Kulina, recomendo Altmann (2000) e Balestra (2018).

⁹⁷ Parente da anciã Rora (casa 4, Três Barracas).

com essa tosse. Dorome foi buscar ele. Nesse tempo eu já estava grande. Eles fizeram um *ejete* (festa ritual) grande lá no Gaviãozinho, passaram o dia todinho e a noite todinha, *seneniji* (dançando).

[Jodsino] Aqui no Juruapuca também fizeram *ajie* (festa ritual) grande, com *poho ppejene* (caçuma de macaxeira), *dsahuida ppajani* (caçuma de pupunha) e *aba* (peixe). E convidaram todo mundo pra cá, pro Juruapuca (cidade de Juruá, dezembro de 2015) (Amorim, 2019, pp. 104-107)

Jodsino é filho de Acora-Edmundo e Simahi. Tem como avô paterno Omaco-Chico Cidade, e como avô materno Dsajo-Samuel. Tone é filho adotivo de Acora-Edmundo e Simahi. Os dois são lideranças relacionadas, de modo bastante estreito, com as pessoas que habitam aldeias no Médio e Baixo Juruá: Mapiranga (TI Kumaru), Boca do Jaci (Juruapuca), Matatibem (TI Ueré), a cidade de Juruá e os igarapés do Índio/Gaviãozinho. Essa conversa obedece a uma sequência própria, em um vai-e-vem no qual não importa a ordem cronológica dos fatos, mas a importância atual dos eventos na vida das pessoas. Os narradores frisam a relação com a terra tradicional no Juruapuca, Kumaru, Ueré e Gaviãozinho – uma relação que mistura a trajetória de vida, de uma família extensa, com a história do povo Kulina no rio Juruá.

Vimos como a terra tradicional no Gaviãozinho/Igarapé do Índio é guardada na memória (terra do pai e do avô) e faz parte do repertório de lugares que deve ser conhecido e visitado pelos jovens⁹⁸. É impressionante o conhecimento que eles têm do lugar. Jodsino afirma que, na aldeia Gaviãozinho, havia sete casas (mesmo quantidade atual). Gaviãozinho é a terra que o avô de Jodsino (Omaco-Chico Cidade) comprou das ariranhas⁹⁹. A relação com a terra tradicional começa a partir de uma troca estabelecida entre o avô de Jodsino (Omaco-Chico Cidade), que era pajé, com as ariranhas, ser não

⁹⁸ Tone considerou a localização das aldeias Kulina no rio Juruá (sempre do lado direito do rio) e começou a refletir “a cultura”. Foi ele mesmo que usou a palavra “pesquisando”, porque ele é professor e está escrevendo seu trabalho de fim de curso. As viagens perigosas que os rapazes fazem pelo rio Juruá – de carona nos barcos regionais ou nas balsas que trafegam de Manaus a Eirunepé – permitem que uma liderança jovem como Tone tenha um domínio de todos os territórios de seu povo. Atualmente, os jovens continuam realizando essas viagens em meio a conflitos cada vez mais violentos, com a maioria dos carihua que habitam o rio Juruá (Amorim, 2019).

⁹⁹ Para os Kulina, a relação com as ariranhas vem desde a origem da humanidade. Os Kulina narram que, depois que o ser humano foi criado, aprendeu a “fazer amor”. Então, as mulheres colocaram pintura no corpo e foram tomar banho. Chegando ao igarapé, as mulheres pediram peixe às ariranhas em troca de sexo. Os homens (maridos) surpreenderam suas esposas no ato de infidelidade e resolveram fazer sexo com elas. Contudo, antes do ato sexual, sopraram grandes quantidades de rapé nas narinas das mulheres. Ao término, mulheres e homens foram transformados em queixadas. As mulheres velhas foram transformadas em tamanduás, as crianças em pombas e os xamãs em urubus. Alguns homens foram transformados em macacos, outros em veados, antas e caititus (Lorrain, 1994, p.31).

humano. Cuidar ou abandonar essa terra impõe punições de outra ordem¹⁰⁰: Gaviãozinho é um território que congrega uma enorme carga afetiva (terra do avô) e simbólica (antiga terra das ariranhas: território que mistura tempo mítico com tempo atual, história antiga com história atual). E essa relação é argumento imprescindível para respaldar a posse da terra e o pedido para que os órgãos oficiais do Estado reconheçam a área nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho como terra indígena.

Nos registros históricos e na memória oral, são recorrentes as acusações de assassinatos de pajés por parte do pessoal de Omaco-Chico Cidade (*biro madija*-tucano araçari *madija*). Por outro lado, o pessoal de Dsajo-Samuel é reconhecido como subgrupo *dsomaji madija* (onça *madija*), que carrega no nome a característica de possuir grandes pajés. Na cultura Kulina, todo grande pajé se torna *tocorime* onça depois de morto. Tal fato incide sobre a identificação subgrupal dos filhos, que passam a se identificar como *dsomaji madija*. Dessa forma, é compreensível que os de Dsajo-Samuel temessem Omaco-Chico Cidade e mantivessem com ele uma relação ambígua de proximidade (aliança e troca de mulheres) e distanciamento (deslocamentos em busca de moradia afastada). Os relatos atuais contam da aliança entre os subgrupos, com a troca da irmã pela filha, mas descrevem também as fugas constantes e os conflitos.

Conheci o grupo do Ado quando coordenei o GT de identificação e delimitação da TI Kulina do Rio Ueré, em 2023. Na época, os Kulina informaram que os pais de Ado eram Dsajo-Samuel (sepultado na aldeia-capoeira-cemitério no Igarapé do Índio) e Boho-Etelvina. Os filhos de Dsajo-Samuel e Boho-Etelvina são: Aquido¹⁰¹ (M, falecido), Ado (M, falecido), Obo-Antônio Samuel (M, falecido), Quirija (F, falecida), Nanija (F, faleceu na aldeia Piau), Deque (F, mora na aldeia Matatibem-TI Ueré) e Simahi (F, mora na aldeia Jaci-Juruapuca) (Amorim, 2023, p. 179).

¹⁰⁰ De acordo com Barabas, para acessarmos a geografia simbólica de um grupo étnico, devemos estar atentos à cosmologia, aos ritos e aos mitos. Para traçarmos o mapa da geografia simbólica devemos estar atentos para alguns pontos, como por exemplo: traçado de procissões, locais de aparições de seres extra-humanos ou a relatos de xamãs. Esses pontos podem ser marcadores de locais sagrados, de fronteiras físicas entre grupos étnicos ou de limites de caça.

Dra. Alicia M. Barabas, Instituto Nacional de Antropologia e História – INAH-Oxaca-México. Referências feitas a partir de anotações no “Colóquio saberes e ciência plural: Territorialidad y cosmologia entre los pueblos indígenas de México”. INCT Brasil Plural/PPGAS/UFAM, 24 a 26 de novembro de 2014.

¹⁰¹ Aquido era pai de Camaidso (falecido, morava na aldeia Morada Nova-TI Kumaru). Camaidso e Ajibora são pais de Dseca (casa cinco, Gaviãozinho). Dseca é bisneto de Omaco-Chico Cidade (linha materna-*biro madija*) e de Dsajo-Samuel (linha paterna-*dsomaji madija*).

De acordo com Dsihuini Kulina (filha de Acora-Edmundo e Codidsa) viúva de Ado¹⁰², seu casamento aconteceu no Igarapé do Índio, e depois as famílias desceram juntas o rio Juruá. Moraram alguns anos no Igarapé do Gaviãozinho, na aldeia Juruapuca (Baixo Juruá), no Vai-quem-quer e no Igarapé Branco. Seu pai, Acora-Edmundo, morou alguns anos na Aldeia Velha (TI Ueré) e, posteriormente, subiu novamente para o Igarapé do Gaviãozinho. Seu avô, Omaco-Chico Cidade, faleceu no Igarapé do Banho, na cidade de Carauari. Contudo, afirma que Dsajo-Samuel (pai de Ado) continuou morando no Igarapé do Índio até o seu falecimento (Amorim; 2023, p. 148).

Também na aldeia Matatibem (TI Ueré), Cara Kulina e Siho Kulina narraram a movimentação de Omaco-Chico Cidade pelo rio Juruá, desde a sua saída do Ridodo-Reconquista (seringal Restauração).

[Cara] O Chico Cidade (Omaco) morou no Igarapé Branco, morou em Eirunepé, em todo canto morava. Veio para baixo, veio para o Gaviãozinho. Morou no seringal do finado Jurandir Cavalcante, seringal Palermo.

[Siho] *Bijini cote Omacocca. Bijini cote quequenajari* Porto Rico *cahuanataco, Ipixuna tattinidsa Omaco madirade* (Tradução: Omaco-Chico Cidade era morador das cabeceiras do rio, veio de lá. Ele morava no Igarapé Porto Rico, acima do rio Ipixuna).

[Salim] Naquele tempo qualquer coisinha que morria uma criança, já dizia: “é *dori, dori*, pedra!” (Tradução: é pedra de feitiço). Aí matava. Reunia e ia lá e matava um bocado, por isso acabou muito Kulina.

[Cara] De lá do Gaviãozinho vieram para Carauari. De Carauari voltaram de novo (Conversa entre Siho, Cara, Salim e Cossaro. Tapiri Alto Ueré, 28 de maio de 2022) (Amorim, 2023, p. 147)

Os Kulina que conheceram Chico Cidade asseguram que a aliança-troca de mulheres foi feita no Igarapé do Índio com sua aprovação, antes de todos descerem para Carauari (antes de 1967). Afirmaram, ainda, que o pessoal de Omaco-Chico Cidade se deslocava sempre próximo ao de Dsajo-Samuel, mas nunca juntos, embora alguns de Chico Cidade convivessem com os de Dsajo-Samuel, e vice-versa.

[Cossaro] O seu Ado falou: “*huabo*, vambora trocar (tradução: cunhado, vambora trocar). Tu tem mulher e eu também tenho, mas vamos casar com outra *amoneje* (mulher). Mas nossa *amoneje* não vão

¹⁰² Dsihuini é filha de Acora-Edmundo e Codidsa (neta de Omaco-Chico Cidade). Mora na TI Rio Ueré.

ficar valente não. *Boqqejerani* (não ficarão bravas). Nós estamos tuxaua. Tuxaua tem duas mulheres”.

O Chico Cidade estava vivo. Falaram pro pai dele, Omaco (Chico Cidade). Aí ele chamou todo mundo, reuniu o pessoal. Falaram para a *amoneje* do Edmundo, Codidsa, o Chico Cidade: “*massi, tiboqqenani nitideja* (Tradução: minha irmã caçula, não fique com raiva). O Edmundo quer casar com outra *amoneje*, com Simahi. Aí Ado vai casar com Dsihuini”. (Chico Cidade falou também para Maria Dsohe, esposa de Ado) “*Maria tiboqqenani nititeja*. Tu não vai brigar não!”

A Maria Dsohe ainda estava viva. Quando ele (Ado) trocou a irmã (Simahi) pela filha (Dsihuini, filha do Edmundo). Estavam todos vivos.

O Chico Cidade fez o casamento. Aí ficaram com duas mulheres. O finado Edmundo e o finado Ado. Naquela época o tuxaua Chico Cidade era um tuxaua forte. Era um tempo que os tuxauas eram fortes mesmo. A Dsihuini que era filha do Edmundo casou com o Ado. O Ado que estava casado com a Maria Dsohe ficou casado também com a Dsihuini que é filha do Edmundo. O Edmundo que estava casado com a Codidsa ficou também com a Simahi, irmã do Ado (Cossaro Kulina, Aldeia Matatibem, 20 de maio de 2022) (Amorim, 2023, p. 149).

A primeira esposa de Ado era Maria Dsohe, filha do não indígena Francisco Bezerra (conhecido como Francisco Piloto, *carihua* do Ceará, cujo nome em Kulina era Bedsejo). A mãe de Maria Dsohe era Jaraniji Kulina – que, por sua vez, era irmã de Dsajo-Samuel (pai de Ado). Assim, Ado e Maria Dsohe eram primos cruzados (“Foi trocado”). São filhos de Francisco Piloto e Jaraniji: Pedro Cossaro Velho e Maria Dsohe (“Só são eles dois de filhos, só um casal”). A segunda esposa de Ado-Adolfo é Dsihuini-Zeneide (neta de Chico Cidade, filha de Acora-Edmundo e Codidsa) (Amorim, 2023, p. 180).

A seguir, Salim Kulina, de 55 anos, filho de Ado e Maria Dsohe, segundo tuxaua da aldeia Matatibem, conta como foi a viagem de sua família que saiu da região do Alto Juruá, seringal Restauração, no rio Gregório.

[Salim] Para começar nós viemos, papai veio daqui de cima, de cima de Eirunepé. Aí nós fomos morar lá nos Canudos (igarapé) que fica abaixo de Carauari. De lá que o papai voltou e foi atrás de um terreno ali, um local ali...

[Cossaro] Taquara.

[Salim] Onde tá agora o Taquara. Aí o papai plantou roçado, lá chegou o dono.

[Cossaro] Vicente.

[Salim] Papai saiu e veio para cá. Quando papai chegou aqui tinha um homem que morava aqui, o Nestor. Ele falou que ia ensinar uma terra para gente morar aqui. Aí ensinou o papai morar lá nessa

localidade que agora a gente chama de Aldeia Velha. De lá que o papai voltou para cá de novo, depois que o homem (Nestor) saiu.

[Ana Luiza] Vocês vieram com o pai de vocês, o Ado.

[Salim] Foi.

[Genoveva] Você nasceu no Canudo?

[Cara] Não! Salim nasceu no Igarapé do Índio¹⁰³. Eu nasci acima de Eirunepé no seringal Restauração, terra de Kaxinawa, município de Eirunepé, quase município de Ipixuna. Minha irmã (Iraci) também nasceu lá. Primeiro seringal.

[Genoveva] E você Pedro, Cossaro, nasceu onde?

[Pedro-Cossaro] No Igarapé do Índio¹⁰⁴. Aí papai baixou para cá e eu estava pequeno.

[Genoveva] Iba, você nasceu onde?

[Iba] Eu nasci no rumo de cima, no rumo de Eirunepé.

[Cara] No Gregório (rio).

[Iba] Eu nasci no rumo de lá. Me criei no rumo de baixo e vim para cá bem com dez anos. Quando o vovô Ado morava aí em cima (Aldeia Velha), acho que eu tinha uns dez a onze anos.

[Cara] Foi o papai que criou ele.

[Genoveva] Iba, quando vocês vieram do Gregório você morou onde?

[Iba] No Breuzinho, lá em baixo. Abaixo da cidade de Juruá um pouco, o primeiro igarapé. De lá viemos para cá.

[Genoveva] Quem estava aqui quando vocês chegaram?

[Iba] Quando chegamos aqui estava a turma do tio Zé Pio (Cara), o Joãozinho (Jodsino, filho de Acora-Edmundo), já moravam na Aldeia Velha. Mamãe veio morar pra cá. Passamos aqui uns três meses, baixamos para Carauari. Moramos no Taquara, no rumo ali de dentro, depois viemos pra cá de novo.

[Genoveva] E tua família Pedro veio junto com a do Ado?

[Cossaro-Pedro] Sim. Foram dos primeiros que chegaram para cá. Fizeram as casas primeiro. Depois o papai foi chamar o velho Edmundo lá no Juruapuca. O Edmundo, o Jodsino, o Namia moravam junto com a gente.

[Cara] O Edmundo era pai daquela outra mulher do papai, a Dsihuini.

[Salim] O pai do Pedro (Cossaro) era o Caido. Viajava junto com o papai.

[Cossaro-Pedro] Era uma família só.

[Iba] De primeiro os Madija andavam muito. Agora não, é mais difícil. Mas Madija não demorava não. Madija andava igual queixada¹⁰⁵.

¹⁰³ No Documento de Identidade de Salim, consta que ele nasceu em 11/7/1967.

¹⁰⁴ No documento de identidade de Pedro-Cossaro, consta que ele nasceu no dia 22 de maio de 1970.

¹⁰⁵ Observamos Iba usando a metáfora também adotada por Tone: os Kulina são *jidsama madija* (queixada *madija*). Características comuns entre queixadas e Kulina: percorrem vários lugares, sempre retornam aos territórios conhecidos, andam sempre em bando e quando um vai em uma direção os outros vão atrás, ou o bando volta atrás daquele que ficou. Porém, na essência, todo queixada já foi/é um Kulina que foi devorado pelos *tocorime* queixadas e se transformou em queixada.

[Cossaro-Pedro] Kanamari também andava muito, agora ficaram quietos.

[Cara] A gente agora é difícil andar, mas o pessoal de Baixo continua andando de novo (Conversa com Cara, Salim, Iba e Cossaro-Pedro. Aldeia Matatibem, 15 de maio de 2022) (Amorim, 2023, p. 180-181).

Por mais que os Kulina afirmem que viviam fugindo dos de Chico Cidade, e que estabeleciam com “aquele pessoal” uma relação marcada por conflitos e mortes, observa-se um fato curioso: a existência de sucessivas alianças feitas entre o pessoal do Dsajo-Samuel e de Omaco-Chico Cidade (com trocas mulheres). É notória a presença de filhos e netos de Omaco-Chico Cidade habitando aldeias com os de Dsajo-Samuel. Por exemplo: Acora-Edmundo (filho de Chico Cidade) casado com Simahi (filha de Dsajo-Samuel), Ado (filho de Dsajo-Samuel) casado com Dsihuini (filha de Acora Edmundo, neta de Omaco-Chico Cidade), Huacahua (filha de Chico Cidade) casada com Camaidso (filho de Aquido; neto de Dsajo).

Na pesquisa de campo como coordenadora do GT de Identificação e Demarcação da TI Kulina do Rio Ueré, conversei também com Iraci Kulina, de 70 anos. Ela é filha de Ado (Adolfo Samuel dos Santos – neta de Dsajo-Samuel) e Maria Dsohe (filha de Bedsejo). Ela narrou os detalhes do processo de “descida” do rio Juruá e a chegada na TI Rio Ueré.

[Iraci] Eu nasci acima de Eirunepé, Restauração. Mesmo lugar que nasceu o Zé Pio (Cara). Lá nasceu eu, Zé Pio e o Raimundinho (falecido), mataram ele.

São filhos do Ado e da Maria Dsohe: eu, Cara (Zé Pio), Raimundo (falecido), Edson (Edi), Eunice, Salim. Éramos sete porque morreu uma menina (Teresinha) com idade de cinco anos. Morreu de febre, morreu no Seringal Santa Luzia. Santa Luzia é para cima de Carauari. Acima do Flechal. É um rio Santa Luzia, seringal. Aqui, no Igarapé do Índio, nasceu a Eunice, nasceu o Edi (Edson), nasceu Salim e a Teresinha, a que morreu.

[Genoveva] Por que veio lá de cima?

[Iraci] Porque o pessoal não gostava do papai (Ado). O pessoal do Chico Cidade, a turma do Chico Cidade. Tinha raiva do papai.

[Genoveva] Mas Ado não casou com uma neta dele (Dsihuini)?

[Iraci] Papai casou com uma neta do Chico Cidade. Casou com a Dsihuini que era filha do Edmundo. Foi trocado (troca de mulheres).

[Iraci] Repare, mataram meu tio, Antônio Samuel, mataram quando a gente morava lá no Igarapé do Índio. Na Restauração nunca aconteceu nada disso, o pessoal jurava de matar nós, o pessoal, né?

Seringal Restauração. Papai cortava seringa. O nome do patrão dono do seringal Restauração era Luiz Domingos, o velho, pai dele era João Domingos, o velhão, o chefe dono desse lugar. O velho morreu aí o filho ficou tomando de conta do seringal do pai dele. Papai trabalhava com ele.

[Genoveva] Quando você veio tinha mais ou menos quantos anos?

[Iraci] Acho que eu já tinha uns 10 anos (quando saíram do seringal Restauração). Do Restauração viemos para o Igarapé do Índio. Quando a gente estava lá em cima o Chico Cidade já passava e dormia na casa do papai e voltava de novo, nunca parava num canto¹⁰⁶. Aí o papai disse: “eu não vou ficar aqui mais não, no meio do caminho”. Aí saímos baixando. Paramos no Igarapé do Índio, moramos uma poção de anos. O Zé Pio tinha dois anos...

[Genoveva] E tua mãe?

[Iraci] O pai da minha mãe era do Ceará, mas ele se casou com Madija (mãe da Maria Dsohe era Kulina. O pai da Maria Dsohe era não indígena). Eu não conheci minha avó não (avó materna). Nem o nome dela eu não sei. O pai do Ado era Samuel e a mãe dele nome era Boho, eram todos lá de cima. Tinha muitas casas lá no Restauração. Eram casa só de Madija, não tinha de *carihua* (não indígenas) não.

[Iraci] Nós estávamos no Igarapé do Índio, aí mataram meu tio, Antônio Samuel (Obo), irmão do meu pai Ado¹⁰⁷.

[Genoveva] E o Pedro-Cossaro Velho?

[Iraci] Era cunhado. Ele era irmão da minha mamãe ele, o finado Cossaro. O Pedro Cossaro Velho era irmão da mamãe (Maria Dsohe). Irmãos do papai Ado, eram: Aquido, Obo (Antônio Samuel), Ado... E tem mais (irmãos) da parte do pai dele (por parte do pai do Ado) da parte do Dsajo (avô paterno), eram de outra mulher. Meu avô tinha cinco mulheres.

[Genoveva] E a Ino?

[Iraci] A Ino era irmã do pai do Cossaro Novo. Ino e Sinoca (esposa Manoelzinho). Quirija era a mãe delas, da Ino e da Sinoca. Quirija era irmã do papai também. Também irmã do papai mais velha é a Quirija. Nanija (F), Deque (F), Simahi (F), essas são irmãs do mesmo pai e mãe, só.

[Iraci] O Pedro Cossaro Velho é irmão da minha mãe, Maria Dsohe, ele é cunhado do Ado. Só são eles dois de filhos, só um casal. Nome do pai dela (Maria Dsohe) era Francisco Piloto (*carihua* do Ceará), em Madija, Bedsejo. O nome da mãe dela era Jaraniji. A mãe da mamãe (ou seja avó materna da Iraci) era irmã do meu avô Samuel (que por sua vez é o pai do Ado, nesse caso Ado e Maria Dsohe eram primos cruzados. Casamento da filha da irmã Jaraniji com o filho do irmão Samuel). Foi trocado.

[Iraci] Iraci é meu nome. O pessoal aqui da cidade é que me chama de Juraci.

(Eu lendo a identidade dela: Iraci Ferreira de Lima. Observei que não tem Kulina no sobrenome)

¹⁰⁶ Acentua a mobilidade Kulina desde o século passado.

¹⁰⁷ Descreveremos melhor este episódio na Quinta Parte desse relatório.

[Iraci] Não tem Kulina. Foi a mamãe que tirou. Você sabe que assim que nós chegamos aqui. Nós morávamos lá para o Canudos, quando nós chegamos aqui não tínhamos nem documentos. Aí ela tirou. Tirou pela cabeça mesmo dela. Naquele tempo a gente não sabia e a gente morava separado, num seringal, duas casas, três casas que nós morávamos.

[Genoveva] Vocês moraram muito tempo no Igarapé do Índio?

[Iraci] Acho que uns vinte anos. Papai resolveu sair de lá porque o pessoal não gostava dele. Nessa época o Chico Cidade morava no Gaviãozinho, eles vão para lá, comia a roça que tinha, ia embora. Aí foi que o papai saiu. Saímos, passamos acho que três anos aí no Flechal. No Santa Luzia, no rio Jurandir, foi cinco anos que passamos lá. Flechal está abaixo do Igarapé do Índio¹⁰⁸. Lá também mesma coisa. Aí mamãe disse: “quer saber, vambora embora daqui. E nem mais notícias”. Saímos mesmo e viemos baixando. Aí demorou pouco baixaram um bocado e se socaram tudo aqui. Aqui no Igarapé do Banho. Pessoal do Chico Cidade veio e ficou aí. Aí nos baixamos e ficamos... Papai perguntou se tinha um igarapé que desse pra viver e trabalhar¹⁰⁹. Aí um homem morador disse: “tem igarapé, tem matrinxã, tem tudo”. Aí entramos, não tinha ninguém lá no Canudos. Aí para baixo. Não tinha ninguém não, só nós mesmos. Aí nós viemos pra lá e o papai começou a cortar seringa, tirar sorva. Nós tiramos sorva, nós tudo (todos trabalhavam).

[...]

[Genoveva] Quando foi que ele ficou com a Zeneide (Dsihuini)?

[Iraci] Foi o pai dela que deu ela pro papai. Quando a dona Zeneide era nova. O pai dela ficou com minha tia, a Júlia (Simahi). Ele tinha a Codidsa, mas ele ficou com duas, o Edmundo. Isso tudo foi no Igarapé do Índio (troca). O pessoal do Chico Cidade estava nessa época no Gaviãozinho. O Edmundo andava com o Chico Cidade, era filho dele. Passou lá só pra trocar a mulher pela filha. Quando papai veio para o Igarapé dos Canudos já veio com as duas mulheres: Maria Dsohe e Dsihuini (Zeneide). Dsihuini morava conosco. Aí ela começou a ter filhos, mas morreram muitos. Se não tivesse morrido muito ela teria muitas mulheres (filhas). Agora estão filhos do Ado com a Dsihuini: Nita e Amazonina (mora lá em Tefê); Anona; e uma que morreu já grande também e está enterrada lá nos Canudos...

[...]

[Iraci] Quem primeiro chegou para morar no lugar Matatibem, foi o Ado, o Zé Pio e o finado Zé Cândido (pai do Cossaro). Era sobrinho do Ado, porque o pai do Zé Cândido, o Pedro Cossaro Velho, era também primo do Ado; pois a mãe da Maria Dsohe e do Pedro Cossaro Velho era irmã do Samuel Velho, pai do Ado.

[Genoveva] Quem são os filhos do Pedro Cossaro Velho?

¹⁰⁸ Descreveremos melhor o significado dessa terra tradicional na Quinta Parte desse relatório.

¹⁰⁹ Elementos comuns: pessoal de um subgrupo, moram em um rio ou igarapé, gostam de comer peixes-matrinxãs e procuram um patrão melhor.

[Iraci] Eram só três. Duas mulheres e um homem. Já morreram tudinho. Os filhos de Pedro Cossaro Velho¹¹⁰ são: Zé Cândido–Caido (pai do Cossaro Novo); a Ino (mãe da Huaído, Issihui, Cana-Zefinha, Neca-Hilda...) e a Sinoca (que era a mulher do Manoelzinho). A mulher do Zé Cândido-Caido era a Siteri (Madalena).

[...]

[Genoveva] E o pessoal da Suzana (filha de Deque, irmã de Ado)?

[Iraci] O pessoal da Suzana mesmo mora no Igarapé do Índio¹¹¹, no Eiru. Suzana e tudo nasceu no Igarapé do Índio. Os irmãos da Suzana são: Coero, Lorianio que mataram... Morreram tudo os irmãos da Suzana. Tem só o Coero. O Coero mora no Igarapé do Índio. Deque (mãe da Suzana) era casada com Misaini.

[Genoveva] E o pessoal do Iba?

[Iraci] O pessoal do Iba era também do Penedo, do Gregório, fica tudo pra lá que ela (mãe do Iba) veio, baixou. Mataram o marido dela, aí ela fugiu com os filhos dela. Filhos dela são: Iba, Aro-Aroldo, Sipocai-Neide, Huatono e Poho. Poho faleceu no resguardo, estava operada aí escorregou, se bateu e morreu. Aro também mataram ele¹¹². Ele morava aqui (Ueré), plantava era muito. Plantava banana, cana... Tudo ele plantava.

Levaram ele pra lá. Ele veio aqui e me disse: “titia!” Ele é meu sobrinho também. A mãe dele é minha prima, a Majahua. A mãe dela não sei, o pai dela não sei, o pessoal dela morava lá pro Penedo. Ela é minha prima porque ela sabe e o papai sabe. Parente do papai.

[Iraci] (voltando a conversa sobre o Aroldo). Aí por lá beberam por lá e mataram ele. Ninguém sabe quem matou não. Soubemos só a notícia. Que mataram ele.

Mataram a mãe do Iba não sei porque. Se estão todos bêbados ninguém sabe o que aconteceu. [...] (Carauari, bairro Igarapé da Roça, 07 de junho 2022) (Amorim, 2023, p.182-187).

Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade e Joana Kulina) casou primeiro com Codidsa-Rita e teve os seguintes filhos: Sama, Dahora, Dsihuini-Zeneide (que moram na aldeia Matatibem, TI Ueré) e Omada (falecido e sepultado em Manaus). Depois do casamento com Simahi, no Igarapé do Índio, Edmundo morou no Juruapuca, Vai-quem-quer, Joanico, cidade de Carauari, cidade de Juruá, Andirá, Ueré e voltou novamente para o Gaviãozinho, onde contraiu tuberculose. Seu irmão Dorome ficou sabendo da doença e o levou para tratamento na TI Kumaru. No entanto, anos depois,

¹¹⁰ Filhos de Pedro Cossaro Velho e Quirija.

¹¹¹ Na Certidão de Nascimento, consta que Suzana nasceu em 19 de abril de 1961. Suzana é irmã da Toho (casa 5, Igarapé do Índio). Esse dado atesta a continuidade e a habitação permanente dos Kulina na TI no ano de 1988.

¹¹² Aro-Aroldo é filho de Maho e Majahua. É irmão de Iba e Sipocahi-Neide. Ele foi assassinado no Igarapé do Índio e está sepultado no Lago do Sacado. Aro é pai biológico de Midsori-Lucivânia (casa 8, Igarapé do Índio) e de Angelica-Dsaho (casa 5, Gaviãozinho).

Acora-Edmundo deixou de viver na aldeia Mapiranga (TI Kumaru) e voltou a morar no Juruapuca (Jaci) e na cidade de Juruá (onde está sepultado). Do casamento de Acora-Edmundo com Simahi (filha de Dsajo-Samuel), nasceram os seguintes filhos: Jodsino, Assico e Dsihuini (outra Dsihuini). A família adotou Huaido (filha de Ino, sobrinha de Simahi) quando pequena e Tone (filho de Joria)¹¹³.

Durante pesquisa de campo como coordenadora do GT-TI Ueré, entrevistei Majoro-Moacy (pajé, mora na aldeia Matatibem, TI Ueré). Ele me contou que nasceu em 5 de março de 1962, na aldeia Gaviãozinho, filho de Caba-Amélia e Nojari-José. São seus irmãos: Rojama (F, falecida esposa de Najora – o casal morou na Aldeia Velha. Najora era filho de Omaco-Chico Cidade), Mono (M, falecido), Jodso (M, falecido, assassinado na cidade de Juruá quando estava embriagado. Jodso era tuxaua e pajé da aldeia Pau-Pixuna-TI Kumaru) e Jore (M, liderança, pajé e pastor na aldeia Pau-Pixuna, TI Kumaru). Docore (professor e pajé da aldeia Pau-Pixuna) é primo-irmão de Majoro-Moacy. De acordo com Majoro, seu pai cortava seringa na aldeia Gaviãozinho. Majoro era criança quando seu pai foi assassinado. Ele foi adotado por Misso (“outro Misso”). Depois que assassinaram seu pai (Nojari-José), eles “vieram embora com a mãe”. Primeiro a família subiu até Eirunepé, e depois usou o varadouro que dá acesso ao rio Juruazinho (Alto Jutai). Ao chegar no rio Jutai, a família desceu à Aldeia Bola (atual RESEX Rio Jutai), onde morou com o pessoal de Madahui Kulina (João Caboclo, pai do Docore). A partir da aldeia Bola, deslocaram-se para a TI Kumaru, onde habitaram a aldeia Cumaru, aldeia Monte Cristo e depois fundaram a aldeia Pau-Pixuna¹¹⁴ (Amorim, 2023, p. 317).

No intuito de apresentar a relação de parentesco entre as famílias Kulina que habitam a região do Médio e Baixo Juruá e os habitantes da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, introduzo, neste momento, as histórias de Siteri-Madalena Kulina, de Manohve-Manoelzinho Kulina e de Ino Kulina (antigos moradores na TI Ueré).

Conheci Siteri (79 anos) e seu irmão Manoelzinho (81 anos) durante os trabalhos do GT de Identificação e Delimitação da TI Rio Ueré (Amorim, 2023). Os irmãos nasceram na aldeia Acuraua, no rio Tarauacá, onde a família trabalhava na extração de seringa. Depois que saíram do Acuraua, foram morar na aldeia Cacau e no Igarapé do Índio (onde Manoelzinho também trabalhou na extração de seringa). Nessa época, faleceram três membros da família: o pai Corime e a mãe Huedsaji, vítimas de

¹¹³ Conheci Acora-Edmundo em 1997, na aldeia Mapiranga.

¹¹⁴ Conheci Majoro-Moacy quando ele morava na aldeia Pau-Pixuna em 1995-1996.

dsamacoma (feitiço relacionado ao mundo dos não indígenas ou feitiço externo) e o irmão Maidso-Cahi, que morreu afogado, bêbado. Veremos mais adiante que Maidso caiu nas águas do Lago do Sacado, e seu corpo apareceu na praia de Santa Luzia, onde foi sepultado (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio e Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho).

São filhos de Pedro Cossaro Velho¹¹⁵ e de Quirija (filha de Dsajo-Samuel e Boho-Etelvina): Sinoca, Ino e Caido-Zé Cândido. O casal teve apenas três filhos, haja vista que Pedro Cossaro Velho logo faleceu. Manoelzinho casou-se com Sinoca, enquanto sua irmã, Siteri, casou-se com Caido-Zé Cândido. Foram casamentos com troca de irmãs, pois Sinoca era irmã de Caido-Zé Cândido. Siteri relata que Caido-Zé Cândido nasceu no Lago da Restauração acima de Eirunepé (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). De acordo com Manoelzinho, sua esposa Sinoca também morreu de *dsamacoma*. Manoelzinho a havia conhecido e se casado com ela no Igarapé do Índio.

Os filhos de Corime e Huedsaji são Siteri-Madalena, Manohve-Manoelzinho, Dami (casado com a Sojoma, falecido – morava na aldeia Pau-Pixuna, TI Kumaru), Jaho (mora na aldeia Cacau) e Maidso-Cahi (M; faleceu por afogamento, bêbado). A terra natal de Corime era a aldeia Dsidsirihua, enquanto a terra natal de Huedsaji era a aldeia Acuraua (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho).

Dsajo-Samuel era irmão de Huedsaji, mãe de Siteri e Manoelzinho. Caido-Zé Cândido (esposo de Siteri) era neto de Dsajo-Samuel (pois era filho de Quirija) e se casou com a prima cruzada Siteri-Madalena (sobrinha do tio-avô Dsajo-Samuel). Temos aqui a realização do matrimônio preferencial do sistema de parentesco Kulina: casamentos entre primos cruzados, com troca de irmãs (Siteri casou o primo cruzado Caido-Zé Cândido, e Sinoca casou com o primo cruzado Manoelzinho). Siteri conta que a família morou no Igarapé do Índio, no igarapé Vai-quem-quer, aldeia Taquara (atualmente território Kanamari), e atualmente mora na aldeia Matatibem (TI Rio Ueré) (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Para Siteri, seu esposo Caido-Zé Cândido morreu de feitiço ou *dsamacoma*, e foi sepultado em

¹¹⁵ Vale relembrar aqui outro casamento que reforça essa aliança e feito com troca de irmãs: o casamento de Ado e Maria Dsohe, pois Pedro Cossaro Velho era irmão de Maria Dsohe e Quirija era irmã de Ado.

Carauari. Os filhos de Siteri-Madalena e Caido-Zé Cândido são Cossaro-Pedro, Graça e Corime-Bufe (Amorim, 2023, p. 311-314).

O nome de Cossaro consta em seu registro civil: Pedro José Francisco da Silva, nascido no dia 22 de outubro de 1970, filho de José Francisco da Silva (Caido) e Madalena Kulina (Siteri). Cossaro conta que nasceu no Igarapé do Índio e que, com somente três meses de vida, a família se mudou para a aldeia Juruapuca (Baixo Juruá). Ele afirma que era um rapaz novo quando a família passou a habitar a TI Rio Ueré, no ano de 1985 (Amorim, 2023, p.203, 442). A esposa de Cossaro-Pedro é Ridoma, filha de Oma e Toho (casa cinco, Igarapé do Índio).

Ino Kulina era filha de Pedro Cossaro Velho e Quirija (filha de Dsajo-Samuel). Ela era irmã de Caido-Zé Candido (esposo de Siteri) e de Sinoca (esposa de Manoelzinho). São filhos de Ino: Cana-Zefinha, nascida no Igarapé do Índio em 1º de abril de 1950 (filha de Ino e Missaini-Darahui); Issihui, nascida no Igarapé do Índio em 15 de setembro de 1969 (filha de Ino e Missaini-Darahui); Huaido, nasceu no Vai-quem-quer (atualmente mora na aldeia Jaci), filha de Ino e do não indígena Napoleão; Deone, nasceu no Igarapé do Índio (atualmente mora na cidade de Juruá), filha de Ino e Maidso¹¹⁶; Ivan, nasceu no Vai-quem-quer (atualmente mora em Tefê-AM); e Neca-Hilda, também nasceu no Vai-quem-quer e mora na TI Ueré (filha de Ino com o não indígena Zé da Onça). Depois de seu nascimento, no Igarapé do Índio, Issihui conta que a família foi para o igarapé Jaraqui (igarapé localizado abaixo de Itamarati). Depois do falecimento do pai, deslocaram-se para a aldeia Juruapuca (Baixo Juruá). Moraram por uns tempos no Vai-quem-quer, mas, posteriormente, retornaram ao Igarapé do Índio. Quando foram morar na TI Rio Ueré, Issihui ainda estava solteira (Amorim, 2023, p. 315-316).

Na Quinta Parte deste relatório, apresento o depoimento gravado em vídeo dos anciãos Oma-Zezinho Kulina e Toho-Raimunda Kulina¹¹⁷. Ao reconstituir a história de vida de sua família, eles trazem relevantes informações com relação à habitação tradicional e permanente na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Por enquanto, destaco o seguinte resumo.

¹¹⁶ Falecido, irmão de Manoelzinho e Siteri. Veremos na Quinta Parte desse relatório que Maidso desapareceu bêbado nas águas do Lago do Sacado (região do Igarapé do Índio) e seu corpo apareceu na praia na localidade Santa Luzia onde foi sepultado (região do Gaviãozinho).

¹¹⁷ Depoimento gravado em vídeo em 15/08/2024 13:55 TimeVideo_20240815_135431.mp4 31,70MB 1280x720px 01:07

Toho conta que, no Igarapé do Índio, na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado seu filho Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), nasceram: a bisavó paterna Suzana (por volta de 1883); a mãe Deque, nascida em 23 de outubro de 1939 (conferido também em Amorim, 2023, p. 304, 425); a tia materna Simahi, nascida em 11 de fevereiro de 1947¹¹⁸; e ela, Toho, nascida em 4 de abril de 1964. Toho lembra que tinha cerca de 10 anos quando seu avô materno, Dsajo-Samuel, faleceu – recordando o dia do falecimento do “vovô velhinho” na antiga aldeia-roçado-cemitério próxima ao cano do Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância na aldeia Igarapé do Índio). Toho afirma, ainda, que sua filha Ridoma nasceu em 20 de julho de 1980 (conferir também Amorim, 2023, p. 203, 442), no Igarapé do Índio, às margens do Lago do Mato¹¹⁹ (ver mapa: Locais de relevância na aldeia Igarapé do Índio), na época em que trabalhavam na extração de seringa e moravam na antiga aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel (ver mapa: Locais de relevância na aldeia Igarapé do Índio)¹²⁰.

Desses depoimentos dos Kulina, podemos extrair alguns pontos importantes:

- ✓ De acordo com depoimentos dos Kulina que habitam a TI Kulina no Ueré, nasceram no Igarapé do Índio os filhos de Ino Kulina (filha de Pedro Cossaro Velho e Quirija-filha de Dsajo-Samuel): Cana-Zefinha, em 1º de abril de 1950; e Issihui, em 15 de setembro de 1969 (Amorim, 2023, p. 315-316).
- ✓ Majoro-Moacy, pajé, mora na aldeia Matatibem (TI Ueré), e nasceu em 5 de março de 1962, na aldeia Gaviãozinho (Amorim, 2023, p. 317)
- ✓ Toho Kulina afirma que nasceram no Igarapé do Índio, na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi, a bisavó paterna Suzana, por volta de 1883; a mãe Deque, nascida em 23 de outubro 1939; a tia materna Simahi, nascida em 11 de fevereiro de 1947; sua irmã Suzana, nascida em 19 de abril de 1961; e ela, Toho, nascida em 4 de abril de 1964. Afirma, ainda, que a filha Ridoma nasceu em 20 de julho de 1980, no Igarapé do Índio, às margens do Lago do Mato, quando a família morava na antiga aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel.

¹¹⁸ Data de nascimento consta na carteira de identidade da anciã Simahi Madija Kulina.

¹¹⁹ Na Quinta Parte desse relatório ao relatar a história de vida da família de Oma e Toho apresentarei os depoimentos gravados em vídeo transcritos e traduzidos.

¹²⁰ Os mapas com os “Locais de relevância simbólica” constam na Quinta Parte desse relatório.

- ✓ A família de Ado e Maria Dsohe morou por 20 anos no Igarapé do Índio. Na aldeia, nasceram vários filhos do casal, como Salim Kulina (neto de Dsajo-Samuel) em 11 de julho de 1967.
- ✓ O casamento de Acora-Edmundo com Simahi e o casamento de Ado com Dsihuini (troca da irmã pela filha) aconteceu no Igarapé do Índio. Na época, o pessoal do Ado vivia no Igarapé do Índio (década de 1960) e o pessoal do Chico Cidade morava no Gaviãozinho (“O Edmundo andava com o Chico Cidade, era filho dele. Passou lá só pra trocar a mulher pela filha”).
- ✓ A família de Ado abandonou a residência na aldeia do Igarapé do Índio após a morte de Obo-Antonio Samuel (pajé, filho de Dsajo-Samuel e irmão de Ado) na antiga aldeia do Igarapé Preto (Igarapé Preto é terra tradicional e integra a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho).
- ✓ Cossaro-Pedro (filho de Ocaido, bisneto de Dsajo-Samuel) nasceu em 22 de maio de 1970, no Igarapé do Índio.
- ✓ Teresinha (filha de Ado e Maria Dsohe, neta de Dsajo-Samuel) faleceu aos cinco anos de idade quando a família morava no Seringal Santa Luzia (sepultada no local). A família de Ado morou por cinco anos na aldeia de Santa Luzia. Após a morte da filha, mudaram-se para aldeia do Flechal, onde moraram por três anos. Flechal e Santa Luzia integram a terra tradicional da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.
- ✓ Os constantes deslocamentos dos Kulina pelo rio Juruá. As relações de parentesco aproximando-os a diferentes lugares do rio. Os conflitos provocados por feitiço como fator que favorece a movimentação e a dispersão. E, principalmente, a habitação permanente no Igarapé do Índio e no Igarapé do Gaviãozinho, reforçando a teoria de que a terra tradicional nunca é abandonada. Nela, ficam os vivos, os mortos, os seres extra-humanos e as plantas cultivadas. Para essas terras, os Kulina sempre retornam: “somos *jidsama madija* – queixada *madija*”, voltamos atrás daqueles que ficaram.
- ✓ Relação de uma pessoa com os locais de nascimento, roçados, aldeias antigas e locais de matrimônios (afetividade e pertença).
- ✓ **Os relatos da memória oral e os registros históricos comprovam que os Kulina habitam de modo continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, estando presentes no território em 1988.**



Foto nº 11: Sedsí Kulina. Mapeamento aldeia-roçado-cemitério Cossohi.
Região Igarapé do Índio: 11/08/2024 (Genoveva)

2.10 Terras tradicionais com os quais os Kulina que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho mantêm relação de parentesco, aliança ou naturalidade

(legenda do mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

1. TI Deni rio Xeruã: há interações e alianças diversas entre Deni e Kulina. A relação histórica é marcada por nascimentos, casamentos, trocas ritualísticas e conflitos xamânicos. A aldeia Terra Nova é terra natal de Marianu Hava Deni (casa quatro, Gaviãozinho) e local de moradia de Sibida, filha de Lucimar Kulina (casa oito, Igarapé do Índio) e de Noemi Kulina, filha de Boconi Kulina (casa 6, Gaviãozinho). A aldeia Morada Nova é, por sua vez, terra natal de Joni (casa 5, Gaviãozinho).
2. Seringal Restauração-igarapé Reconquista e Ridodo: local onde moraram os de Omaco-Chico Cidade e os de Dsajo-Samuel. Nasceram no local: Omaco-Chico

- Cidade, Rora Kulina (casa 4, Três Barracas) e Tereza-Nomija Kulina (casa 7, Gaviãozinho).
3. TI Kulina do Rio Ueré é a terra natal de Lucivania-Midsori Kulina da Silva (casa 8, Igarapé do Índio). Na TI, moram Majoro e Macconi (nascidos na aldeia Gaviãozinho), bem como Deque, Suzana, Salim, Issihui, Eunice, Edson-Edi, Elizabeth, Cossaro-Pedro, Ridoma, Ire, Huatiani, Cadsaro, Cana-Zefinha, Dadso e Sada (nascidos na aldeia Igarapé do Índio) e, também, Dahora, pai de Anari (casa 3, Gaviãozinho).
 4. Porto Rico, igarapé localizado acima de Ipixuna-AM, é a terra natal de Dseca Kulina (casa 5, Gaviãozinho).
 5. No Rio Gregório, o seringal Belém (ou Porto de Belém), terra tradicional Kulina, foi o local onde existia um Posto do SPI em 1928.
 6. Aldeia Cossija, terra tradicional Kulina.
 7. Na Aldeia Cacau, nasceram Maria Irene Kulina (casa 6, Igarapé do Índio) e Atori Totonho Kulina (casa 5, Igarapé do Índio).
 8. No Igarapé Huessesse ou Igarapé do Baú (nome em português), nasceu Boquini-Iracema (casa 1, Igarapé do Índio) e, atualmente, mora Tinija (M), seu irmão. Na localidade, nasceram também Zezinho-Oma Kulina (casa 5, Igarapé do Índio) e Sidi, mãe de Aimore (casa 1, Igarapé do Índio).
 9. O Rio Pauini é terra natal de Lucineide-Lucimar Kulina (casa 8, Igarapé do Índio), de Daima-Leni (casa 4, Igarapé do Índio) e de Sedsí-Sérgio Kulina (casa 2, Igarapé do Índio).
 10. TI Kulina do Médio Juruá: Em Ajitini (Torre da Lua/Igarapé Preto), nasceram Mariquinha-Huesse (casa 2, Gaviãozinho) e Rosa-Cidinha (casa 2, Três Barracas); atualmente, nesse local, reside Chiquinho, irmão de Sarahui (casa 3, Igarapé do Índio). No Rio Eiru, os Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho trabalharam na extração de látex e, hoje, têm parentes residentes nessa região; lá está sepultada Luzia, avó materna de Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas) e de Luzia (casa 3, Três Barracas). Aldeia Medonho é a terra natal de Irewahi Kulina (casa 6, Gaviãozinho). Na aldeia Piau, moram Jati, irmã de Lourdes, e Dsipa, filha de Lourdes (casa 2, Igarapé do Índio); o local é também terra natal de Ppete (casa 1, Três Barracas) e lugar de sepultamento de Nanija-Manirra, avó paterna de Aimore (casa 1, Igarapé do Índio). Aldeia Penedo é a terra natal de Zere Kulina (casa 7, Igarapé do Índio), e sua mãe, Maca, reside na aldeia Macapá.

11. TI Kulina do Lago Ualá: A aldeia Morada Nova é a terra natal de Acridso Kulina, Adriana Kulina (casa 5, Gaviãozinho) e de Boconi Kulina (casa 6, Gaviãozinho). A aldeia Beiradão é a terra natal de Juliana Kulina (casa 5, Gaviãozinho) e local de moradia de Misso, irmão de Anari (casa 3, Gaviãozinho). Aldeia Cumaru é a terra natal de Reirei Kulina (casa 5, Gaviãozinho). Aldeia Campina é a terra natal de Dsiquija Kulina (casa 5, Três Barracas) e local de moradia de Rari Kulina, irmã de Rora (casa 4, Três Barracas). Na aldeia Pau-Pixuna, moram Rohuidsi, Dona, Pipita e Dori, sobrinhos de Rora (casa 4, Três Barracas). Na aldeia Mapiranga, reside Rohuidsi, irmão de Corari (casa 1, Gaviãozinho).
12. Aldeia Andirá (acima da cidade de Juruá): terra tradicional Kulina e local onde moram os pais de Dsiquija Kulina (casa 5, Três Barracas).
13. Aldeia Batedor (RESEX Rio Jutai): reside Deosi Kulina, sobrinho de Rora (casa 4, Três Barracas).
14. Na aldeia Juruapuca (atual RESEX Baixo Rio Juruá), moraram Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas) e Luzia (casa 3, Três Barracas).
15. Cidade de Juruá: moram vários primos de Dseca (casa 5, Gaviãozinho) e é o local onde foi sepultado seu pai, Camaidso.
16. Cidade de Fonte Boa: local onde foi sepultada Ajibora, mãe de Dseca (casa 5, Gaviãozinho).
17. Cubio: local de antiga moradia de Dseca (casa 5, aldeia Gaviãozinho) e onde nasceu seu irmão Adsaro Kulina.
18. Igarapé Branco (acima de Eirunepé): local de antiga moradia de Dseca (casa 5, Gaviãozinho) e onde nasceu seu irmão Amerao.
19. Em Joanico (abaixo da terra tradicional Juruapuca) está sepultada Bocaho, mãe da Anari (casa 3, Gaviãozinho).
20. Seringal Palermo: local de antiga moradia de Nomija (casa 7, Gaviãozinho).
21. Seringal Tamaquiro (acima do Jainur e acima do Cubio): local onde moraram Oma e Toho (casa 5, Igarapé do Índio) e Rora (casa 4, Três Barracas).
22. No Igarapé do Xué, moram Huatono (F) – tia de Midsori (casa 8, Igarapé do Índio) – e Dsaho-Angélica (casa 5, Gaviãozinho).
23. Igarapé Menecê, afluente do igarapé Breuzinho (tributário do rio Juruá, abaixo da cidade de Juruá): local onde foi assassinado Maho Kulina, avô paterno de Midsori (casa 8, Igarapé do Índio) e Dsaho-Angélica (casa 5, Gaviãozinho).

A seguir o mapa “Origem e vínculo dos habitantes da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”

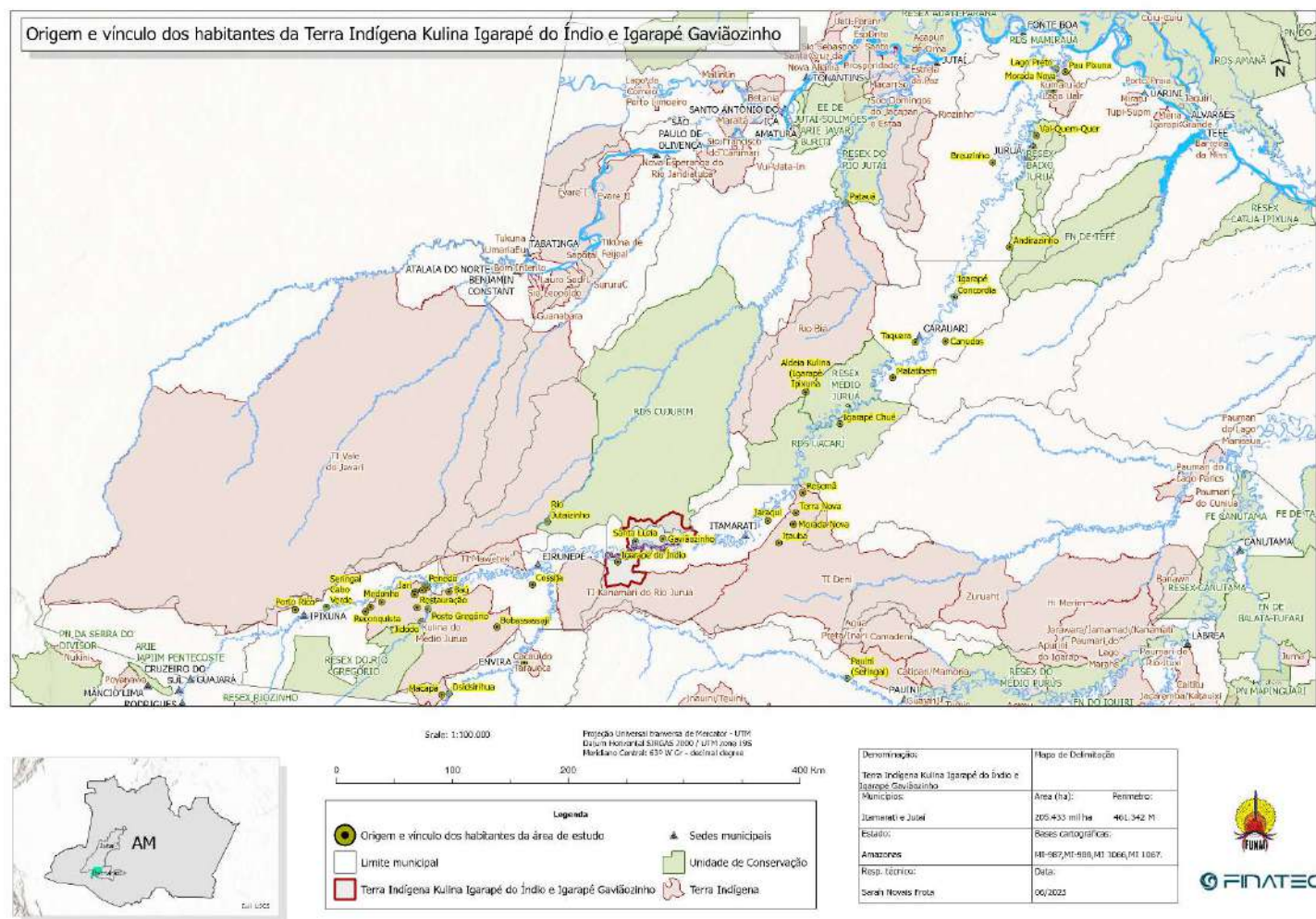


Figura nº 11: Mapa Origem e vínculo dos habitantes da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

3 A MOBILIDADE TERRITORIAL KULINA E AS PRÁTICAS DE SECESSÃO

Conforme visto nos dados apresentados, a mobilidade é uma característica marcante dos Kulina: uma pessoa é capaz de se deslocar, por vários anos, em uma viagem que pode iniciar na Foz do rio Juruá e alcançar até o Alto Purus. Nesse sentido, chama atenção o costume do deslocamento realizado por rapazes antes de contraírem matrimônio. Essas viagens, integrantes de sua formação, não são apenas fonte de conhecimento do mundo dos brancos (os rapazes costumam trabalhar nos barcos regionais ou em balsas), mas também se revelam como meio de favorecer o conhecimento dos territórios Kulina. Além disso, promovem alianças entre parentelas de diferentes territórios. Ao contrair matrimônio, os rapazes permanecem em territórios distantes de sua terra natal (a residência Kulina é uxorilocal). As aldeias Kulina são locais em estado constante de formação de pessoas aparentadas. Por sua vez, os Kulina sempre mantêm relação com os parentes e os territórios originários, daí parte a constante necessidade de viajar (tal peculiaridade cultural também foi observada pelos procuradores do Ministério Público Federal do Amazonas, na Recomendação Legal nº 09/2022).

O depoimento de Cara Kulina (65 anos, moradora da aldeia Matatibem, TI Kulina do rio Ueré) é de suma relevância, pois apresenta a mobilidade em função da inserção no mercado regional do extrativismo. O referido depoimento foi feito quando desenvolvi pesquisa de campo como coordenadora do GT de identificação e delimitação da TI Kulina do rio Ueré. Cara Kulina morou na região do Igarapé do Índio com seu pai Ado Kulina (Ado era filho de Dsajo-Samuel Kulina: ancestral *dsomaji madija*, sepultado no Igarapé do Índio).

[Cara] Eu cortei seringa no Igarapé do Índio. Cortei seringa. Tirei sorva, matava ariranha para tirar o couro, onça, couro de queixada, de veado e tudo. Igarapé do Índio, Monte Gurgueia, em Itamarati. Aqui também cortei seringa lá no lago Cerrado, na várzea, ali para baixo. O patrão era o finado José Camelo. Eu trabalhava com ele.

Aí voltei de novo pra cá e cortei seringa aí para cima, aqui no Ueré. Quando eu cortava seringa eu morava ainda lá na Aldeia Velha. Cortava seringa eu, tio Manoel (Manoelzinho), o Pedro (Cossaro)...

Agora dava pra cortar de novo porque tá doze reais o quilo da borracha. Tem muita seringa aqui pra cá. Pra cá tem madeira de lei, cedro, andiroba... Por isso que a gente não quer que o pessoal tire madeira. Se deixar o pessoal tirar já tinha acabado já.

Eu cortei sorva também lá para dentro do rio Tefé, sorva boa, dava uma lata de leite. Cava o buraco (no chão perto do tronco da

árvore) mela tudo de leite aí o cara sobe riscando, cortando em anel, dava uma lata de leite (lata de querosene antiga, 18 litros). Quando é ruim dá pouco. Eu subia no cabo até alcançar o galho de sorva lá em cima. A gente também aproveitava e comia frutos (da sorva). Colocava cabo, ficava amarrado assim e só rodando até lá em cima. Usava a rasqueta (faca) grande para cortar seringa. Depois que passava uma semana, duas semanas voltava de novo na mesma árvore pra sangrar de novo. Corta umas três vezes aí deixa. Agora tá viva de novo. Tem umas que morrem (árvores). Mesmo jeito é seringa se cortar muito, tudo...

Aí para baixo, Vai-quem-quer cortamos sorva lá também, trabalhamos com o Zé Rufino. Lá em baixo (Baixo Juruá) tem sorvinha é dentro do baixo, dá no baixo. Sorvinha tem uma casca grossa que dá três dedos de largura, dá muito leite.

Depois que seringa não deu mais dinheiro trabalhei vendendo peixe liso e depois trabalhei na saúde (Agente Indígena de Saúde). Comecei em 2001. Trabalhei por 17 anos aí saí. Quando começou a saúde com UNI-Tefé aí eu ia para Tefé fazer curso de medicina tradicional. Fazia curso com os Médicos Sem Fronteiras. Aprendi muito, fazia curso lá no Marajaí (aldeia) (aldeia Matatibem, 15 maio 2022) (Amorim, 2023, p. 89).

A fala constata a extração de seringa e sorva na região do Igarapé do Índio, e, por outra perspectiva, confirma a habitação permanente dos Kulina na terra tradicional do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.

Ouso dizer que, devido ao fato da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho estar localizada em uma região estratégica no Médio Juruá, essa comunidade Kulina é fruto de uma mistura entre o primeiro grupo de Kulina, descrito por Tastevin, que habita a região dos rios Xeruã e Marari, e o segundo grupo de Kulina que habita o Médio e Alto Juruá, nos rios Eiru, Gregório, Acuraua, Envira, Muru, Baú, Tarauacá e Purus. Assim, os deslocamentos forçados, impulsionados pelas frentes de contato (seja pela expulsão violenta de seus territórios, seja pela busca de um bom patrão), intensificaram as ações de mobilidade, que por sua vez promoveram a heterogeneidade desse grupo.

Dessa maneira, podemos afirmar que os Kulina não estão separados por dois grupos, mas são um povo indígena que carrega a mobilidade como um de seus traços culturais mais marcantes: mesmo após todas as atrocidades e dificuldades, os Kulina seguem viajando por todos os seus territórios tradicionais. Antigamente, deslocavam-se a pé, em balsas ou canoas de paxiubão, remando dias e noites. Hoje, os Kulina seguem suas viagens em canoas cobertas ou não, com motores rabeta na popa (impulsionados pela

combustão de diesel, gasolina ou gás butano); ou pegam caronas em balsas e barcos regionais.

Os registros históricos e narrativas demonstram como o avanço das frentes de exploração da borracha e do caucho, os laços familiares e o xamanismo aproximam e distanciam subgrupos, além de favorecerem uma movimentação significativa dos Kulina por todo o rio Juruá. Por outro lado, a frente exploratória da borracha e do caucho forçaram subgrupos inteiros a abandonarem seus territórios (que tinham como ideal cada subgrupo possuir “seu igarapé”), intensificando conflitos entre rivais. Assim, favoreceu a aproximação da prática dos deslocamentos a uma situação de vulnerabilidade. Atualmente, as viagens e a estadia nas cidades estão se tornando cada vez mais perigosas, devido ao convívio violento com os não indígenas. Desse modo, a mobilidade dos Kulina passou a ser mal vista, e entendida por alguns não indígenas como consequência do acesso aos benefícios sociais e aos bens da sociedade nacional (como canoa, motores e combustível). Porém, historicamente, é notório que estas viagens se relacionam diretamente aos conflitos interétnicos e/ou xamânicos, e à busca de alianças com subgrupos distintos.

Diante de todo o exposto, verifica-se não apenas o alto grau de mobilidade dos Kulina desde tempos imemoriais, mas também a influência da violência das frentes de contato impulsionando as práticas de secessão. Viu-se como, a partir de 1860, intensificou-se o processo de invasão do Juruá, pelas frentes de expansão de extração da borracha e do caucho (uma frente exploratória que descia da Bolívia e outra que subia a partir dos territórios brasileiros). Por outro lado, observou-se como os Kulina desenvolveram estratégias diversas para seguir existindo.

Contudo, os dados históricos e os relatos da memória oral revelam, principalmente, uma estreita relação de parentesco que mistura moradias e pessoas nas seguintes terras tradicionais Kulina: TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho, TI Ueré, Juruapuca (Resex Baixo Juruá), Batedor (Resex Rio Jutai) e TI Kumaru. A conexão com outras terras indígenas (Kulina ou não) existe, porém, entre essas cinco TI's, há algo mais: são terras tradicionais comuns para as pessoas que as habitam. Isso quer dizer, por exemplo, que em determinado período histórico, podemos encontrar uma família Kulina morando na aldeia Batedor, no rio Jutai – porém, depois de alguns anos, essa mesma família poderá habitar na aldeia Gaviãozinho (TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho), ou ainda na aldeia Matatibem (TI rio Ueré).

Vale lembrar que toda a análise dos registros históricos não foi desenvolvida com o objetivo de apresentar a origem geográfica dos Kulina, uma vez que a frente extrativista mercantil – alavancada pela exploração da borracha e do caucho – provocou várias descontinuidades territoriais. Além disso, em trabalho de campo recente, os Kulina no Igarapé do Índio responderam à pergunta: “Quando vocês fundaram essa aldeia ou quando chegaram aqui?”, com a resposta: “Sempre estivemos aqui. Só rodando (mudando temporariamente as residências dentro da mesma área)”. É por esse viés que reconhecemos que a forma de ocupação dos Igarapés do Índio e do Gaviãozinho se encaixa dentro dos critérios de terra tradicionalmente ocupada e no modelo de territorialidade Kulina – primeiro, por serem igarapés tributários do rio Juruá e habitados por um grupo de parentes que se mantém há vários anos no mesmo local; segundo, por ser um território reservado que se configurou como uma zona de refúgio diante da frente colonizadora e civilizatória.

Para concluir, é importante observar que o grande número de registros apresentados através de fontes históricas diversas, em conjunto com dados da memória oral, comprova de modo incontestável que os Kulina habitam de modo permanente a **região do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho desde a década de 1950**, dando continuidade a uma longa tradição de ocupação histórica deste povo ao longo do Rio Juruá, que remonta a datas bem anteriores. A solicitação dos Kulina é um direito adquirido na Constituição Federal de 1988 no Art. 231, que trata do conceito de “terras tradicionalmente ocupadas”, e está em conformidade com a Lei Federal nº 14.701/2023.

Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos			
Ano	Descrição	Referência/Fonte	Relação com TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
1867	Primeiros registros escritos sobre os Kulina nos rios Xeruã, Tarauacá e Gregório. Mapa com informação da	Chandless, 1869	A região indicada no mapa onde está escrito “Colinos Indians” corresponde a área da TI. Rio Xeruã é limite da TI e local de

	presença dos “Índios Kulina” em uma faixa de terra (a margem direita do rio Juruá) que vai do Alto Juruá até a região do rio Xeruã. O rio Xeruã é afluente direito do rio Juruá e se aproxima do rio Pauini, bacia do rio Purus		varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1890	Registros de Kulina morando à margem esquerda do rio Muru e a margem direita do Alto Tarauacá. Os primeiros seringueiros que chegaram à região, em 1890, encontraram Kulina em vários pontos da margem esquerda do rio Muru, nos igarapés Mucuripe e Muruzinho.	Rivet; Tastevin, 1938, p. 74	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.
1892	Registros de presença Kulina no rio Envira, afluente do Tarauacá e no rio Xeruã	Bates, 1892 <i>apud</i> Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e

			local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1908 ¹²¹ - 1914	Entre o Marary (afluente do rio Juruá) e as cabeceiras do rio Tapauá (bacia do rio Purus), os Kulina (Colinas) trabalham sob a proteção do Coronel Contreiras (agricultura, caça e extração de borracha). O seringal do coronel se espalhou pela margem esquerda de Juruá; e do Marary (Marari) para o rio Chiruhan (um bom terço da margem direita do rio Xeruã), até o rio Tapauá, na bacia do Purus ¹²² .	Tastevin, 1920, p. 132,136	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1912	Dos arquivos do SPI - Dagoberto de Castro Silva (ajudante de inspetor) sugere construção de um aldeamento e posto do	Silva Dagoberto, 1912, p. 06	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.

¹²¹ “Tendo viajado pelo Juruá por sete anos consecutivos de 1908 a 1914, tentarei contar a estas poucas páginas o que observei de interessante” (Tastevin, 1920, p. 2)

¹²² No capítulo sobre a “geografia etnológica”, Tastevin traz informações sobre os povos indígenas da região (Tastevin, 1920).

	SPI para “prestar auxílio aos índios” na maloca Cova da Onça, entre os rios Amoaca e Nilo. Principal objetivo: atrair os Curinas (Kulina), que não habitavam lugar certo: do Breu ao rio Jordão, afluente do Tarauacá; e as cabeceiras do igarapé Valparaíso, afluente do Juruá.		
1919	Dos arquivos do SPI: o dono do seringal Santo Amaro (rio Gregório), João Chysóstamo de Souza, enviou Carta ao SPI-Manaus informando existir uns quinhentos indígenas das tribos Curinas (Kulina) e Parauá naquele “distrito”; ressalta as precárias condições em que vivem.	Souza João, 1919	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rio Gregório ¹²³ . Situação de vulnerabilidade.
1920	Tastevin em suas viagens rio acima, chegou à região entre o	Tastevin, 1920, p. 133	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao

¹²³ Aro Kulina, sepultado no Lago do Sacado, aldeia Igarapé do Índio.

	rio Tarauacá e rio Gregório, e encontrou, à direita: “a maior tribo do Juruá: os Curinas” (Kulina).		longo do rio Juruá (“maior tribo”)
1921	Registro presença Kulina no rio Xeruã	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1924	Primeiros registros que tratam da existência dos subgrupos Kulina. Tastevin fixou residência em São Felipe (Eirunepé) de onde viajou para Cruzeiro do Sul e Seabra (Alto Tarauacá). Visitou as “tribos” da Reconquista, Envira, Acuraua e os “Kurina”	Tastevin, 1924, p. 421	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rios Acuraua e Eiru; e no igarapé Reconquista ¹²⁴ .

¹²⁴ Lago da Restauração: seringal Restauração. Jidodo-Ridodo (igarapé Reconquista). Terra natal de:

- Omaco (Chico Cidade, avó paterno de Dseca, casa 5, Gaviãozinho);
- Rora Kulina (casa 4, Três Barracas), idosa. Chegou aos seis anos na aldeia Gaviãozinho.
- Tereza-Nomija Madija Kulina (casa 7, Gaviãozinho), filha de Siara Kulina e Jabono Kulina, nasceu em 1/7/1940, na aldeia Jidodo-Ridodo (Igarapé Grande).

Os Kulina no Igarapés do Índio/Gaviãozinho trabalharam nos seringais dos rios Eiru e Acuraua.

	(Kulina) das nascentes do Eru (rio Eiru). Passou uns dias nas aldeias nas margens do rio “Ete” (“rio dos cachorros”) ou igarapé do Maciel, afluente da margem esquerda do Baixo Gregório.		
1925	A tribo Culino (Kulina, Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina) – a tribo Culino é a mais importante do subgrupo Arauá (lat. 7° S., long. 68°, 69° W.; lat. 8°-9° S., long. 71° -72° W.). Se divide em dois grupos separados pelos Yamamadi¹²⁵, mas falam dialetos intimamente relacionados. Existência de dois grandes grupos Kulina na região Juruá-Purus: no médio / baixo curso do rio Juruá, os Colina	Tastevin, 1925, p. 416 <i>apud</i> Métraux, 1948, p. 660-661	As coordenadas de latitude e longitude correspondem a região da TI: latitude alterando entre 7°, 6° e 8° S: e longitude alterando entre 68° e 69° W. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

¹²⁵ Yamamadi: conhecidos atualmente como povo Deni.

	(Kulina) que ocupavam a sua margem direita, na região do rio Xeruã e do rio Marari (atravessando por terra ocupavam também a região do alto Tapauá-afluente do rio Purus); e no alto / médio curso do rio Juruá, o segundo grupo Curina ou Madija (Kulina), que vivia entre os rios Eiru e Gregório, e se movimentava também pelos rios Envira, Muru e Tarauacá.		
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) viaja ao posto de apoio aos Kulina na região do Alto Juruá: Posto Indígena Riozinho do Penedo. Moravam no Posto 350 índios “curinas” (Kulina). Afirmou serem mais de 800 pessoas (“atualmente a maior	Sousa Torquato, 1928, p. 01	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: Riozinho do Penedo ¹²⁶ . Situação de vulnerabilidade

¹²⁶ Riozinho do Penedo é terra natal de Irewahi (casa 6, Gaviãozinho).

	tribo de índios civilizados no vale do Juruá”)		
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) visitou o seringal Ceará onde localizou uma “maloca de Curinas” (Kulina) no igarapé “Bahu” (igarapé do Baú). No seringal Penedo conseguiu algumas estradas de seringa para alguns Curinas (Kulina) trabalharem. No seringal Ituxy encontrou “quarenta e tantos Curinas” trabalhando para o senhor José Pedro de Sousa. Na ocasião recebeu informações sobre os Curinas (Kulina): “um grande número morava nas cabeceiras	Sousa Torquato, 1928, p. 04-06	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: igarapé do Baú¹²⁷, seringal Penedo, rio Eiru, região do Baixo Juruá. Situação de vulnerabilidade.

¹²⁷ Aldeia no Igarapé do Baú, terra natal de Neuza Cassiani (casa 1; Igarapé do Índio).

	do rio Eiru, abaixo de S. Felipe (Eirunepé)”. No Baixo Juruá, Município de Carauari, obteve informações de muitos índios: “nos seringais, S. Romão e Marary propriedades do Sr. Cel. Alfredo Marques: “com quem conversei, disse-me morarem em suas propriedades, 55 Corinas, e 40 Jamamadys, tendo estas suas malocas no igarapé Chyruan”. No Seringal Sobral há um benemérito catequizador dos Curinas, se chama Themoteo Fernandes da Silva, pacificador da “grande tribo Curina”, conseguiu “pacificar para mais de mil índios”.		
1928	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do “Posto Indígena do	Silva Alfredo, 1928	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do

	riozinho do Penedo”, enviou relatório anual à Inspetoria do SPI em Manaus (serviços realizados de janeiro a novembro de 1928): dados sobre a população indígena assistida; descrição de alguns traços culturais; e lista de vocábulos das “tribos”. Os indígenas assistidos são os Kulina do Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; e Acuraua: “Esses índios Curinas teem soffrido mais do que todos os habitantes da selva amazônica, são expoliados soffrendo as maiores depredações dos seringueiros”; “maior		Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: riozinho do Penedo, Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim¹²⁸ (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; e Acuraua, Vauaperena, Cossapa e Cossiha

¹²⁸ De acordo com Altmann, et al., (1983, p. 9) os Kulina conheceram o Alfredo José da Silva (SPI; encarregado do Posto Indígena do rio Gregório) na maloca Ajubim.

Os Kulina atuais afirmam que o velho Equene falou que conheceu Alfredo: “antiga FUNAI”. Equene é avô de Luzia (casa 3; Três Barracas) e de Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas)

	miséria” no Seringal Atalaia. A região dos rios Gregório, Acuraua e Eiru são terras tradicionais Kulina (Ajubim, Vauaperena, Cossapa e Cossiha).		
1929	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus comunicando a invasão armada dos seringueiros da Maloca Ajubim: “morando nessas paragens de há muito tempo esses índios”. O posto indígena presta serviço a mais de “300 índios”. Os Kulina trabalham na agricultura para manter sua alimentação.	Silva Alfredo, 1929	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: maloca Ajubim.
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José	Silva Alfredo, 1930	Quantidade expressiva de Kulina

	da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus solicitando roupas para os Kulina: “207 almas indígenas, sendo 66 homens, 56 mulheres e 85 crianças”.		morando no posto do SPI.
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório comunica que o Posto atravessa um surto de malária (“Febre sesao”). O encarregado solicita, da Inspetoria do SPI-Manaus, remédios e recursos: morte de seis crianças; dois casos de tuberculose. 15/09/1930, Alfredo comunica que chegaram muitos Kulina para morar no Posto: “elevando-se o número de 207 a 289 almas indígenas”. E	1930 Silva Alfredo,	Epidemia e mortes de Kulina no Posto Indígena do rio Gregório. Situação de vulnerabilidade. Chegada de mais pessoas para morar no posto.

	avisa que “está sanado o estado epidêmico que estava grassando o posto”.		
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório percorre todo o rio Eiru e afirmou que aquele seria o rio mais habitado pelos índios Curinas (Kulina). O serviço de recenseamento totalizou cento e oitenta e sete índios. Na região dos rios Eiru e Tarauacá: invasão de aldeias por grupos armados e incêndios criminosos de acampamentos de verão.	Silva Alfredo, 1930	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rio Eiru. Situação de vulnerabilidade, violência que provoca deslocamentos.
1938	Identificação de dois grupos Kulina: um que habitava à margem direita do rio Juruá, à altura do rio Marari, na região do alto Tapauá; e o	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Região do rio Xeruã: limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de

	segundo grupo que habitava mais ao sul, rio acima, nos rios Gregório e Eiru (esse grupo Kulina teria se deslocado do rio Tarauacá após a passagem de Chandless)		trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1941	Dos arquivos do SPI: Julio de Sousa, carta enviada ao SPI- Manaus, em 22/03/1941(rio Xibaua). Informações sobre a situação dos Kulina no rio Xeruã (Chiruan): “existem três tribos de índios, denominados ‘Colinas’, ‘Canamarys’ e Jamamadys, os quais se mostram em completo abandono”	Sousa Julio, 1941	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1950 - 1967	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: descrição dos territórios Kulina no Baixo Juruá (Juruapuca, Vai-quem-quer e Cumaru)	Altmann, et al., 1983, p. 12	Considerando que – em 1983 – a equipe de indígenas e indigenistas visitou a TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho e ouviu relatos sobre

	a partir da relação tem com a grande liderança Chico Cidade-Omaco. Os deslocamentos do grupo, pelo rio Juruá, começam em 1935 a partir da morte de um pajé imputada a Chico Cidade. O grupo saiu do rio Gregório/Reconquista, terra natal de Chico Cidade, e desce o rio Juruá passando pelo rio Itaquai, Eirunepé, Igarapé do Soldado, Igarapé do Índio, Igarapé do Gaviãozinho e rio Xeruã; chega em Carauari em 1967 (onde Chico Cidade faleceu em 1978).		Omaco-Chico Cidade; considerando ainda que ele chegou na região de Carauari em 1967; assim, podemos estipular que Omaco-Chico Cidade morou na região do Gaviãozinho entre 1950-1967.
1961-1981	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: o grupo do tuxaua Kulina Raimundo Alexandre passou alguns anos no Riozinho da Liberdade e depois morou por 20 anos no Igarapé do	Altmann, et al., 1983, p. 11.	Violência, escravidão, maltrato, aliciamentos: situação de vulnerabilidade. O grupo do tuxaua Raimundo Alexandre esteve morando na TI Kulina

	Índio. Contudo, em 1981, voltou a se movimentar novamente. A vida no seringal marcada por homicídios (mataram três Kulina), escravidão, violências (que os deixavam “aterrorizados” e “desnorteados”). Proximidade dos Kulina de uma equipe da Petrobras (Equipe 69) que alicia os Kulina: “troca” peixes por cachaça.		dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1961 e 1981.
1962-1976	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM “História da migração” dos subgrupos <i>biro madija</i> (tucano araçari <i>madija</i>) subgrupo de Omaco-Chico Cidade. O grupo de Chico Cidade começou a descer o rio Juruá por volta de 1960. Permaneceu por 14 anos, entre 1962 a	Soares; Mochiizawa, 1997, pp. 07-09	Comprovam que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.

	1976 no Gaviãozinho, entre Eirunepé e Itamarati.		
1977-1979	RCID-TI Kumaru do lago Ualá-Juruá-AM: Kulina espalhados do Baixo até o Alto Juruá. Grupo do Chico Cidade (Omaco-Huamaco, pai de Acora-Edmundo) na cidade de Carauari (1967-1978). “Dois ‘grupinhos’ nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio)”	Faulhaber, 1994, p. 11	1977-1979 havia dois grupos Kulina nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio).
1978	Eduardo Viveiros de Castro desenvolveu pesquisa no Alto Purus junto aos Kulina nas aldeias Maronaua e Santo Amaro, no estado do Acre. Duas lógicas básicas dos contatos Kulina com as frentes de expansão: no primeiro momento, fuga para as cabeceiras	Viveiros de Castro, 1978	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá.

	dos rios para escapar às “correrias”; no segundo momento, deslocam a partir da relação com a empresa seringalista, busca por patrões “melhores”		
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: uma equipe formada por indígenas e indigenistas percorrem todo o rio Juruá para mapear os problemas e dificuldades enfrentados pelos Kulina, principalmente a questão da terra e organização	Altmann, et al., 1983	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI, nos rios: Envira (Piauí, Cacao e Machado); Tarauacá (Bananal e Samaúma); e Acuraua (Amapá); Eiru ou Cossija (Peri, Saboia e Soldado). Nos igarapés Preto (Ajitini, Torre da Lua, Januário, Porto Velho); Baú ou Huessesse (Nova Sorte e Terra Nova); Coatá (rio Gregório); Riozinho do Penedo (Piau, Jari, Brocado); Restauração nas cabeceiras do Riozinho e o Ig.

			Reconquista; e Medonho.
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM: a equipe de indígenas e indigenistas – apresenta a situação dos Kulina, em dezembro 1983, na região do Médio / Baixo Juruá. A equipe apresenta o censo e a localização dos Kulina no rio Juruá: 25 pessoas na aldeia Maloca, no Igarapé do Gaviãozinho; 41 pessoas no Igarapé do Índio (região do Médio rio Juruá);	Altmann, et al., 1983	Comprovam que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM: Colocação Maloca (Igarapé Gaviãozinho – Seringal Palermo): parte dos moradores Kulina no Gaviãozinho, percorreram os rios: Acuraua – Alto Juruá, Alto Jutai – Rio Mutum (Jutai) – médio	Altmann, et al., 1983, p. 09	Situação de vulnerabilidade. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

	Juruá – Andirá (baixo Juruá) depois voltaram. Outro grupo se deslocou por uns anos através do rio Xeruã e Pauini até o Teutni, no Purus. “Como a terra é reconhecida como deles não estão sujeitos a um seringalista. Mesmo assim vivem na mesma situação de miséria dos outros grupos Kulina espalhados ao longo do Juruá”		
1983	Diagnóstico Socioambiental-FUNAI: o grupo do chefe Dsomami veio do igarapé Gaviãozinho em 1983 e se instalou no interior do igarapé da Macaca (TI Kumaru).	Maciel; Gurgel, 1996, p.18	Comprovam que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.
1985	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: Levantamento populacional Aldeia Kulina feito na aldeia	Bentes; Santos, 1985b	A lista contém nomes de pessoas que habitam ou habitaram a TI.

	Juruapuca (Igarapé Grande) em 13 de outubro de 1985		Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI
1985-1989	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: Três aldeias do Baixo Juruá: duas no município de Caiaú (Juruá); e outra do rio Ueré (Carauari). População total: 287 pessoas	Bentes; Santos, 1990a, p. 14	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1989	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM Conflito em maio de 1989 deixou dois Kulina feridos; encaminhados para tratamento em Tefé. As pessoas envolvidas no conflito estavam embriagadas. Desgaste da organização interna da aldeia Juruapuca e dispersão dos Kulina. Algumas famílias mudaram para a aldeia	Bentes; Santos, 1989, p. 06	Situação de vulnerabilidade: prostituição; doenças sexualmente transmissíveis; e alcoolização. Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

	Cumaru (igarapé da Macaca-TI Kumaru) e outras para a aldeia Matatibem (TI Kulina do rio Ueré). Pista de pouso da Petrobras na aldeia Juruapuca: prostituição; doenças sexualmente transmissíveis; e alcoolização.		
1990	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM 12 famílias Kulina orientadas pelo chefe Edimundo se deslocaram da aldeia Juruapuca para morar no Ueré: produção de sorva e seringa; abundancia de peixe, caça e frutos silvestres. Mas preocupação com extração de madeira e prostituição.	Bentes, et al., 1990	Situação de vulnerabilidade: prostituição. Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI (chefe Edmundo-Acora)
1991	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM Família do chefe Acora-Edmundo	Behenck, et al., 1991	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns

	deixa o Ueré e retorna para o Gaviãozinho		Kulina que habitam a TI (chefe Edmundo-Acora)

Quadro nº 4: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



II – Segunda Parte **Habitação permanente**

4 CRITÉRIOS KULINA DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL¹²⁹

O rio Juruá é um grande território Kulina, espaço de constantes deslocamentos. Através da relação dos Kulina com o rio Juruá, torna-se possível viajar através do tempo, da memória e da história. Essa relação é a chave de acesso à concepção dos Kulina de território: na forma de ocupação, nos marcadores territoriais e na ideia de “bom lugar” para morar. Os critérios de ocupação tradicional (incluindo a mobilidade já descrita) são fundamentais para compreender porque a área solicitada pelos Kulina – a ser demarcada como TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho – é imprescindível para a reprodução física e cultural desse povo. Pretende-se também comprovar com citações diretas, através de registros históricos, a presença dos Kulina na região que conforma os Igarapés do Índio e Gaviãozinho, ao longo de toda a segunda metade do século XX, atendendo a todos os dispositivos legais vigentes.

Para refletir sobre os constantes fluxos migratórios dos Kulina, utilizou-se como ferramenta a análise processual. Ou seja, buscou-se entender como as regras, estratégias e tradições são manipuladas pelos indivíduos dentro de uma perspectiva de conflito e de transformação social. A noção de processo permite abordar as narrativas históricas e a

¹²⁹ Em minha tese, desenvolvi uma análise mais ampla sobre a concepção de território Kulina (Amorim, 2019).

própria ocupação territorial como algo que se desenvolve ao longo do tempo. Irrompe com a ideia de ciclo, e afasta os conceitos evolucionistas, ou a concepção da história como algo natural (que não permite escolhas ou variações). Assim, as narrativas são compreendidas como formas de reconstruir o passado, a partir de uma pergunta feita para responder a uma demanda atual. São, ainda, instrumentos importantes para obter descrição e análise.

Nesse sentido, foi necessário descrever e aprofundar a dinâmica dos processos de territorialização a partir da concepção de território como “suporte físico e material de coletividades portadoras de tradições, que elaboram estratégias socioculturais dentro de um marco histórico preciso”¹³⁰. Outra importante ferramenta de análise é a noção de fronteira. Tal postulado – na condição de modelo analítico dos fenômenos histórico-sociais – implica conceber a fronteira como fruto de relações sociais assimétricas. Empreender um estudo a partir da perspectiva de fronteira sugere, portanto, considerar os aspectos econômicos, políticos e sociais, sobretudo no que tange às relações sociais dinamicamente construídas em face das relações de dominação e subordinação. Implica também considerar a fronteira como um ato político, ou seja, como uma criação de instância política. Dessa forma, a noção de fronteira inclui um conjunto de agentes e atividades que relacionam as partes, conectando-as, construindo uma ficção (Pacheco de Oliveira, 1978).

A base de análise é a relação que os Kulina estabelecem com o lugar onde moram ou onde moraram, tendo como plano de fundo o arcabouço da mobilidade. Não se trata de uma relação de lucro, posse ou propriedade, mas sim de vínculo com “quem ficou no local”. Essa ideia foi desenvolvida a partir de diálogos mantidos com Tone Kulina (liderança, professor, neto de Edmundo-Acora e bisneto de Omaco-Chico Cidade), ao conversarmos sobre o processo de ocupação do território Juruapuca¹³¹:

¹³⁰ Pacheco de Oliveira (2012): *Ementa da disciplina Antropologia do Território*. PPGAS-UFAM.

¹³¹ O que denomino território Juruapuca é uma faixa de terra localizada próxima à cidade de Juruá (distante duas horas da sede do município, quando o acesso é feito por via fluvial em um motor rabeta 5hp). Logo ao entrar no território Juruapuca, nos deparamos com o lago Juruapuca, de antigo uso Kulina. Há registros da presença dos Kulina, no local, de 1974 até o final do ano de 1989, em Soares e Mochiizawa (1997). O território está localizado abaixo da cidade de Juruá e o acesso é pela foz do igarapé Branco (margem direita do rio Juruá). Recentemente, o território Juruapuca passou a fazer parte da Reserva Extrativista do Baixo Juruá – RESEX Baixo Juruá.

A Reserva Extrativista do Baixo Juruá foi reconhecida no dia 1 de agosto de 2001, possui 187.980,70 hectares e está localizada nos municípios de Juruá-AM e Uarini-AM.

[Tone] Agora era pra gente estar comendo melancia aqui. Mas eles foram embora todinhos. Eu fiquei sozinho. Uma pessoa. Quando a gente foi na cidade e voltou tinham saído. Ainda passamos quase um mês aqui. Eu e o Zé. O Zé foi embora, abandonou a casa dele e eu fiquei sozinho. Passei dois anos sozinho. Eu fui lá com o secretário (de educação) e disse que eu queria uma escola aqui. Ele me perguntou se Fulano estava aqui, se aquele estava... E eu respondia dizendo que estava.

[Bira] Você estava mentindo?

[Tone] Mentindo não! Taí, voltaram tudo de novo. Eu fui lá com o prefeito e falei com ele: “Prefeito é o seguinte: Madija deram o nome errado, era ter colocado *jidsama madija*. Era certo”. Ele perguntou: “Por que você está dizendo isso?”. Eu disse: “Porque eles vão voltar. Você quer apostar?” Ele disse: “- Tá bom, vamos apostar!” Ele fez a relação do material para a escola.

Fiquei sozinho. Eu, o serrador e o carpinteiro que estavam fazendo a escola. Depois que fizemos a escola todinha, pintamos todinha, eles chegaram de novo (os Kulina voltaram). Iam chegando um a um. Pois é, foram embora, demorou um tempo e voltaram de novo pro Jaci (aldeia). E eu falei para a Funai. Eu disse: “Um tem que morar, porque eles vão embora. Vão comer por ali, morre um ou dois... Se não morre tudo, eles voltam pro mesmo canto”.

Por isso que eu morro aqui, não saio daqui não. Se eles quiserem ir embora, vão embora. Foi por isso que eu disse também que esse negócio de chamar Kulina, não era pra ter colocado Kulina, não. Era pra ter colocado ou *jidsama madija* (queixada *madija*) ou *abaridsa madija* (urubu *madija*), um dos dois. Porque se ficar um pra trás, eles voltam¹³² (Conversa gravada na casa do Tone na aldeia Jaci, dezembro 2015) (Amorim, 2019, p. 79-80).

Um Kulina vivo sempre retorna a esses territórios. Não existe a possibilidade de os Kulina abrirem mão destes locais, pois isto significaria abrir mão do próprio vínculo. Todos podem ir embora – mas se uma pessoa ficar, um dia os outros voltam: “somos *jidsama madija*” (somos queixada *madija* ou somos gente queixada). Contudo, a referência ao *jidsama madija* e ao *abaridsa madija*, não acontece de modo aleatório, mas é uma forma didática dos Kulina para explicar algo que lhes parece simples: a mescla que há entre os subgrupos *madija*, território e “identidade”. Os subgrupos *madija* são unidades sociais ou tipos de gente “nomeados a partir de alguma espécie animal ou vegetal” (Gordon, 2006, p. 86), e, dentre as várias facetas que apresentam, há aquela estritamente responsável pela dispersão territorial Kulina. Feita essa consideração, aviso que

¹³² Tone Kulina possui duas residências, uma na cidade de Juruá e outra na aldeia Jaci. Na aldeia Jaci, habitam aproximadamente 78 pessoas (Amorim, 2019).

retornaremos posteriormente ao tema dos subgrupos *madija* em uma abordagem mais ampla, dentro desta mesma linha de análise.

Para um Kulina, um território nunca é abandonado. Um Kulina vivo pode viajar, mas no território ficam os mortos, as plantas cultivadas e os seres extra-humanos, como o *rami* (*Psychotria viridis*¹³³). Na Quinta Parte desse relatório consta uma descrição mais detalhada desse ritual.

Aqui, faço um breve parêntese para apresentar Tone, Huaido e Jodsino. A apresentação se faz necessária porque os três são lideranças Kulina no Baixo Juruá, possuem relação de parentesco e viveram na TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. Em outras palavras, os três representam de maneira significativa toda a dinâmica das relações dos Kulina com o território no rio Juruá:

1. Tone é filho de Joria e de um não indígena, neto de Najora e Rojama. Passou parte da infância na Aldeia Velha (TI Rio Ueré) e, por um tempo, foi cuidado por sua mãe Joria e por Cossaro-Pedro (que mora na TI Kulina do Rio Ueré). Mais tarde, foi adotado pelo tio-avô Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e Simahi (filha de Dsajo-Samuel), vivendo por anos na aldeia Gaviãozinho. Desde os anos 1990, Tone demonstrou interesse em conhecer os territórios Kulina, aprender a ler e escrever em língua Kulina e em português. Atua como intérprete e como diplomata, atendendo as demandas gerais dos Kulina na cidade de Juruá. Recentemente, tem trabalhado na coordenação escolar indígena daquele município.

2. Huaido é filha de Ino e do não indígena Antônio Napoleão. É irmã de Issihui, Cana-Zefinha e Neca-Hilda (que moram na TI Kulina do Rio Ueré). Morou na Aldeia Velha (TI Rio Ueré) e na aldeia Gaviãozinho como seus pais adotivos: Acora-Edmundo e Simahi (filha de Dsajo-Samuel). Atualmente, é uma das lideranças Kulina no Baixo Juruá. Trabalhou como professora e atua como

¹³³ Arbusto utilizado no ritual do *Rami*. No referido ritual, os Kulina ingerem o chá alucinógeno que ficou conhecido como *ayahuasca*. Pollock (1985) foi o primeiro pesquisador a estudar a importância do *rami* para os Kulina: a relação entre o pajé, o feitiço das folhas e a cura. Observou o uso de folhas para atrair o sexo oposto e para curar, bem como o uso do chá *ayahuasca*. O autor apontou uma diferença entre rapé e *ayahuasca* como produtores de visões e miragens (viagens). Assim, de acordo com esse pesquisador, os pajés usam rapé de tabaco para ver o submundo (ou mundo subterrâneo: *nami bodi*) e interagir com os espíritos *tocorime*. As visões induzidas pelo tabaco são restritas a eventos espaço-temporais das aldeias e áreas adjacentes, enquanto que as visões da *ayahuasca* são de outros lugares, outras aldeias, outras cidades, ou mesmo outras terras. Essas visões também podem ser de eventos futuros, que são colocados em movimento a partir das visões do *dsamarini passo* (o patamar das águas) território criado e habitado pelo herói mitológico Kira. Em minha dissertação, realizo uma descrição desse ritual (Amorim, 2014).

intérprete na cidade de Juruá. É muito respeitada tanto pelos não indígenas quanto pelos Kulina. Graças a sua fluência em português, é uma defensora dos Kulina na sua relação diária com os não indígenas, e possui grande capacidade de agregar pessoas ao seu redor. Foi a primeira pessoa a adquirir uma casa no bairro Tancredo Neves II, na cidade de Juruá-AM.

3. Jodsino é filho de Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e de Simahi (filha de Dsajo-Samuel). Durante anos, morou com os pais na aldeia Gaviãozinho. É irmão por parte de pai de Dsihuini, Sama e Dahora (que moram na TI Kulina do Rio Ueré). Participou de cursos de formação de lideranças e professores Kulina, promovidos pelo CIMI-Tefé, desde os anos 1980. Entre os anos de 1997 e 2001, Jodsino foi tuxaua da aldeia Mapiranga, e exercia grande liderança entre os Kulina no Baixo Juruá. Em 2001, atuou como agente indígena de saúde e como membro do Conselho Distrital de Saúde Indígena do Médio Rio Solimões e Afluentes (CONDISI-DSEI-MRSA). Nos últimos anos, Jodsino passou a ocupar a posição de professor nas aldeias Jaci (território Juruapuca), Morada Nova e Mapiranga. Em 2018, voltou a construir uma casa e um roçado na aldeia Matatibem, junto aos seus irmãos e primos. Atualmente, possui casas na aldeia Jaci (Juruapuca) e aldeia Mapiranga (TI Kumaru do Lago Ualá).

A seguir, apresento um relato sobre a movimentação dos Kulina no rio Juruá: a vida entre a aldeia Mapiranga (Terra Indígena Kumaru do Lago Ualá – Juruá-AM), a cidade de Juruá, o território Juruapuca e a aldeia Matatibem (Terra Indígena Kulina do Rio Ueré – Carauari-AM):

[Huaido] Primeiro foi o Tone que veio para cá (que comprou casa na cidade). Ele veio em 2009. Primeiro veio o Tone, a mamãe e o irmão dele.

[Tone] Em 2002 nós chegamos lá no Juruapuca. Era eu, Joppino¹³⁴, Joji e Edmundo Velho, éramos quatro. Jodsino ficou no Mapiranga. Huaido estava também. Nós saímos do Mapiranga depois que o Joppino adoeceu. Nesses dias que nós começamos a ver o que era viver na cidade. Nós passamos cinco dias do Mapiranga pra cá, remando. Lá no Botafogo (comunidade não indígenas que fica às margens do rio Juruá) o vovô Edmundo tinha um cachorro chamado Huesseno. Quando ele pulou assim no seco, Huaido falou: “Não sei porque o papai gosta de cachorro”. Edmundo ficou com raiva. Ele pulou

¹³⁴ No decorrer deste relatório, em várias falas e depoimentos, o nome de uma pessoa casada (homem ou mulher) indica uma família extensa e sua rede de agregados políticos.

na polpa da canoa, remou, remou que a canoa rodou e disse: “Agora nós vamos baixar aqui mesmo. Não vamos mais pro Juruapuca”. Toda a zanga por causa do cachorro dele. Nós embarcamos o cachorro dele e viemos embora. Ah! Com esse cachorro nós matamos muita paca aí. Todo dia nós matávamos duas ou três. Nós viemos embora do Mapiranga por causa de *huima dori* (fofoca).

Jodsino não veio porque ele ficou morando de uma aldeia pra outra, por isso que ele tem casa aqui, no Mapiranga, no Matatibem (aldeia). Nós só vivíamos pescando pra lá e pra cá. Me deram a notícia que o Rohuidsi e o **Corari**¹³⁵ vinham me buscar. Eu fui embora de novo (voltou para a aldeia Mapiranga). Fui com o secretário, falei com ele e com o prefeito, eles me contrataram, e melhorou (contrataram Tone para trabalhar como professor na aldeia Mapiranga). Tinha trinta e cinco famílias no Mapiranga. Compraram motor de luz. Era 2004, por aí. Edmundo também voltou. Eles me contrataram em janeiro de 2005. Eu falei com o prefeito e levamos tudo pra instalar na casa de energia, ficou bonito lá. Eu passei bem uns quatro anos lá.

Depois eu vim embora pra cidade. O pai dele (pai do Zé, esposo da Huaido) disse que tinha essa terra aqui (no Jaci). Ele não tinha como morar aqui. Em janeiro de 2009 nós viemos pra cá (para a aldeia Jaci). Fizemos um tapiri bem aqui. De tarde nós matamos macaco e nós comemos. Nós roçamos até por aqui. Aqui tinha muito açaí.

Depois o Joppino veio, viu que eu estava aqui. Aqui tinha muito açaí, açaí da natureza mesmo. Boca do Jaci é nome antigo do lugar. Madija já cortava seringa por aqui. Aquiridso (irmão do Tone) nasceu pra cá pra dentro do Juruapuca (há muito tempo).

Eu e Evilázio fizemos um roçado grande ali pra dentro. Tinha muita madeira. Chegou Joppino, depois chegou Dsoho, Bena, Bidajari e Sico, lá do Xeruã¹³⁶. Chegaram também Comino e Davi. Depois plantamos todo o roçado. Fizemos outro roçado, foi que Jodsino chegou, depois de dois anos.

Depois chegou Coni e Rohuidsi. Rohuidsi fez casa onde está hoje a casa do Jodsino. Plantou aqui e voltou pra lá de novo (para a aldeia Mapiranga). Camu também já morou aqui com a Sidae. Ahuano que não veio, diz que morre, mas não abandona o Mapiranga (conversa gravada na casa da Huaido na aldeia Jaci, 04 de outubro de 2016) (Amorim, 2019, p. 83-85).

A aldeia Jaci contempla, em parte, a falta do antigo território, mas os Kulina comentam como após a saída do território Juruapuca, no final de 1989 (para morar na aldeia Cumaru, TI Kumaru do lago Ualá, TI Kulina do rio Ueré e na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho), os não indígenas passaram a ocupar o local. Contam como o arbusto do *rami* protegeu o lugar de invasores, e como resistiu todos esses anos. O arbusto era

¹³⁵ Atualmente, Corari mora na aldeia Gaviãozinho (casa 1).

¹³⁶ Terra Indígena Deni no rio Xeruã, Carauari-AM (terra tradicional habitada por indígenas Deni e Kulina).

cortado constantemente pelos não indígenas, mas brotava novamente. Próximo ao local onde está plantado e nas casas, apareciam seres estranhos, e crianças e adultos adoeciam constantemente.

Em suma, até este ponto foram descritos dois critérios sociais e históricos fundamentais de ocupação territorial, que se complementam e têm relação tanto com formas tradicionais de ocupação territorial como com os efeitos da colonização:

- a) a mobilidade entre os territórios tradicionais;
- b) o vínculo profundo com aqueles que ainda habitam de algum modo esses territórios: sejam parentes vivos ou mortos, plantas especiais cultivadas ou seres extra humanos.

De todo modo, o que parece ser enfatizado acima de tudo é o vínculo entre as pessoas, os “lugares” e a terra tradicional, que gera relações entre indivíduos. Ou seja, a partir da dimensão fundamental do parentesco, a ligação com o território aparenta reproduzir a mesma natureza de correspondência entre as pessoas e seres importantes. A conexão com a terra tradicional é concebida como um vínculo entre sujeitos e não entre sujeito e objeto, como ocorre na oposição ocidental/colonial entre cultura e natureza. Por conseguinte, não há uma relação de posse ou propriedade com a terra, pois os territórios Kulina não são objetificados, mas sim percebidos como sujeitos com os quais se mantêm vínculos profundos e duradouros. Nunca se abandona um lugar ou território vivido porque se trata de uma relação entre sujeitos, na qual existe uma conexão sagrada/ancestral com o local e com aqueles que o constituem, sejam os vivos, os mortos, os não humanos ou os seres invisíveis.

4.1 Plantar e sepultar: a importância dos roçados e cemitérios na construção do vínculo com o território



Foto nº 12: anciã Nomija indicando local sepultamento Tinija.
Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

A relação com os roçados dos Kulina se constitui a partir do vínculo com o território e os seres que ali habitam. Estes são locais onde não apenas se perpetuam plantas muito especiais (como o *rami*), mas tratam-se também de meios de perpetuação da vida após a morte, num patamar inferior ou invisível (*nami bodi*). Desse modo, os roçados e os cemitérios têm estreita relação, uma vez que o primeiro é o lugar privilegiado dos sepultamentos.

Ao chegar ao território Kulina, uma pessoa, ao avistar algumas palmeiras de açaí e capoeiras recentes, poderá identificar o local como território não indígena. Porém, um Kulina é capaz de reconhecer, em toda aquela floresta e capoeiras, as plantas de pomar, os cemitérios (onde estão sepultados seus avós e pais), os roçados antigos e, principalmente, o lugar onde está plantado o *rami*. O *rami* mora, protege e demarca o território. Os Kulina são capazes de identificar todos os que foram plantados naquele local: pessoas, plantas e extra-humanos. Nesse sentido, o termo *ppanade* significa tanto plantar quanto sepultar, em língua Kulina.

[Ahuano] Eu plantei *rami* lá no Mapiranga (aldeia). Ele é meu, se eu sair de lá ninguém mais vai morar lá.

[Tone] Eu dei pra ele.

[Ahuano] Toda hora assobia detrás de minha casa.

[Tone] Ali no Juruapuca nós dormimos. Nós éramos oito homens. De noite “Madija” cantava como se fosse o Rohuidsi (pajé) cantando atrás da casa. Passou a noite todinha, cantando cantos do *rami*.

[Huaido] O Louro (não indígena), que morava no Juruapuca, teve que sair de lá porque a mulher só vivia assombrada. Abandonaram. Eles contam que ouviam conversa ao redor da casa, perto da parede, jogava pedra. A mulher ficava doida, tiveram que sair.

[Tone] Eu falei no dia que eu fui à casa dele: “Seu Louro, se você quiser tua mulher viva, sai do Juruapuca e deixa pra nós. Pelo menos nós cuidamos das plantas que têm lá”.

Mas passaram roçadeira em todas as plantas e também no nosso *rami*. A mulher ficou doida mesmo. Os médicos não descobriram a doença dela. Até hoje ainda ela é doente.

Os *dsoppineje* (pajés Kulina) que vão falar com eles (*rami*) dizem que eles só querem Madija lá. Não querem branco, não! Os *dsoppineje* contaram que ele (*rami*) tem quatro braços: um aqui, outro aqui, dois olhos pra cá e outro pra cá, dois olhos na frente e dois atrás. O pajé disse que ele é feio (conversa gravada na casa da Huaido, cidade de Juruá, outubro de 2016) (Amorim, 2019, p. 88-89).

É relevante perceber como a memória constrói o espaço e o tempo¹³⁷. Essa memória é ao mesmo tempo individual e coletiva, sendo distinta da memória oficial do Estado e de seus agentes. Os Kulina retornam ao “tempo do avô” para estabelecer vínculo com o território e legitimar ou buscar explicações para os desafios atuais. O *rami*, enquanto planta, traz a “temporalidade de parentesco”¹³⁸, pois os Kulina são capazes de identificar quem o plantou, impregnando o território com uma carga afetiva. Desse modo, conectam o tempo antigo – o tempo dos pais e dos avôs – com o tempo atual¹³⁹. Ou seja, os vínculos, as histórias de vida e a presença de seres extra-humanos demarcam um território¹⁴⁰, no qual o *rami* e o cemitério constituem um grande roçado¹⁴¹.

¹³⁷ Schiel (2004), ao desenvolver uma investigação sobre o passado, a memória e a história do povo Apurinã – através de narrativas orais – percebeu como esse ato implica a existência de uma noção de um tempo passado que tem importância política atualmente. A pesquisadora concluiu que a memória, que se constrói no espaço, era algo constante em todas as histórias: “O passado se conta com referências a outros espaços. As colocações, os caminhos, as árvores, trazem a marca do que já foi” (Schiel, 2004, p. 158).

¹³⁸ Referências a partir de anotações feitas por mim durante seminário ministrado por Joana Cabral de Oliveira: “Temporalidades vegetais”, NEAI (Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena), PPGAS/UFAM, 20 de maio de 2016. “Esse singelo episódio mostra não só o afeto em relação a alguns cultivares, como também as relações de parentesco que se depositam nesses espécimes - afinal aquele pé de algodão *tapupura* havia sido um presente materno” (Cabral de Oliveira, 2016, p. 119).

¹³⁹ Em uma viagem a Juruapuca com a família de Jodsino Kulina, ficou evidente essa importância das plantas na construção dos vínculos afetivos e históricos entre as pessoas e o território habitado.

¹⁴⁰ “Contar dos Makonawa é reconstruir a memória do Cujubim, da sua moradia, em função do conflito presente e afirmando a presença indígena. A presença dos Makonawa se percebe através das fruteiras, - açaizeiro, pupunheira, mangueira, etc. – que Pedro Rafael me contou terem sido plantadas por eles, e das almas, ‘curopiras’, insistiram muito tempo em assombrar. Foi Palmira, mãe de Antônio, mulher de Chicão, que ‘ajeitou’ o lugar. Ainda que não trabalhe ‘chupando’ as pedras de doenças, Palmira trabalha em sonho. Ajeitar lugares assombrados é uma das coisas importantes que um pajé tem que fazer” (Schiel, 2004, p. 319).

¹⁴¹ Silva analisou a relação entre cosmografia e cosmologia a partir da ocupação dos espaços por humanos, animais, espíritos e plantas. Estudo realizado entre os Kulina da aldeia Santa Júlia, no estado do Acre (1997, p. 21).

Para Bartolomé¹⁴², os novos confrontos entre Estado e povos originários partem da conceitualização diversa dos espaços. Para os Estados Nacionais, o território é concebido como domínio e como meio de produção. No entanto, para os povos originários, o território possui distintas classificações, que remetem a uma relação entre sujeitos: os espaços são caminhos, locais de trabalho e de residência, ou locais onde estão os mortos, em que a dimensão do vínculo entre os seres e os lugares é a mais importante. É dessa forma que o território étnico se configura como uma geografia mítica e ao mesmo tempo humanizada. Tal aspecto ficou claro durante a visita ao Juruapuca. Em seu depoimento, Jodsino também fez questão de mostrar onde ficava a casa de Dahora, seu irmão (por parte de pai, filho de Acora-Edmundo). Dahora atualmente mora na aldeia Matatibem (TI Ueré).

Assim como os rios e igarapés são rotas para o mundo subterrâneo dos mortos (*namí bodi*) também são os roçados Kulina, quando mortos são sepultados no local (Pollock, 1985, p. 38). Nesse sentido, podemos entender a importância dos territórios Juruapuca, Ueré, Gaviãozinho e Igarapé do Índio para este povo: estes não são apenas lugares de morada dos vivos, mas meios privilegiados de acesso ao mundo subterrâneo (patamar *namí bodi*), uma vez que possuem roçados antigos onde várias pessoas foram sepultadas, e devido à necessidade dos Kulina de cuidar dos lagos, rios, igarapés, igapós e remansos (relacionados ao patamar *passo dsamarini* ou terra da água).

A palavra genérica *tocorime* tem vários sentidos. A raiz do termo *tocorime*, *corime* é algo similar a “imagem” (reflexo, símbolo ou sombra) ou espírito (Viveiros de Castro, 1978, p. 82). Vale salientar que *corime*, assim como o termo *tabari*, não é pronunciado pelos Kulina separadamente do morfema *to*. De acordo com Tiss, esse termo é usado quando o ser referido por um nome dependente não tem relação com qualquer outro ser, ou quando o falante sabe a quem pertence, mas prefere evitar citar o nome próprio da pessoa que seria o complemento (Tiss, F. 2004, p. 71).

De antemão, também chamo a atenção para o significado genérico de *tocorime* como “seres extra-humanos”. Os *tocorime* serão enquadrados nesta categoria vaga de extra-humanos por ser a utilizada na antropologia, e devido à falta de uma expressão que melhor defina esses seres com características humanas. Eles podem se apresentar de

¹⁴² Referências tomadas a partir de anotações feitas por mim no “Colóquio saberes e ciência plural: Pluralismo e interculturalidad, las territorialidades confrontadas en America Latina”, Miguel Alberto Bartolomé (Instituto Nacional de Antropología e História – INAH-Oxaca-México), INCT Brasil Plural/PPGAS/UFAM, 24 a 26 de novembro de 2014.

diversas formas, como figuras extremamente violentas, humanos mortos transformados (ou não) em queixadas, seres habitantes do “patamar da terra da água”, do “mundo subterrâneo” ou da floresta, ou ainda podem aparecer à noite pelo terreiro da aldeia. Além disso, podem subir escadas e ter relações sexuais com homens e mulheres enquanto estes dormem.

Até aqui, foi visto de que modo os vínculos profundos com seres e locais diversos – seja por meio do cultivo, do sepultamento ou de outras práticas – são importantes critérios para a ocupação do território. A terra tradicional é concebida muito mais como um sujeito/parente com o qual se tem um vínculo duradouro do que como uma propriedade objetificada que pode ser negociada ou vendida.

4.2 Os subgrupos *madija*: um critério de ocupação tradicional Kulina

Partir-se-á para uma análise dos subgrupos *madija* e como estes se configuram como critério de ocupação territorial Kulina. Primeiramente, será visto como essas unidades sociais foram registradas e analisadas ao longo da história; em seguida, será considerado como elas – apesar de todo o impacto sofrido com a colonização – são mecanismos fundamentais de distribuição da população, além de funcionarem como suporte de vínculos permanente com os territórios. O conhecimento da dinâmica dos subgrupos é peça importante no desenvolvimento deste processo argumentativo, que tem como objetivo o reconhecimento oficial do território nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho como terra tradicionalmente ocupada pelos Kulina. Será demonstrado como a relação que um subgrupo específico estabelece com uma área (as margens de um rio, ou de um igarapé tributário de um rio principal) é uma característica recorrente e fundamental para a existência do povo Kulina, pois é a conexão subgrupo-território que permite estabelecer laços e marcar diferenças (“identidade”). Entretanto, para entender melhor como operam essas unidades sociais, será apresentado um breve panorama de como os subgrupos se organizam em outros povos indígenas arawá. Em seguida, focaremos de modo mais preciso na análise dos subgrupos Kulina: os *madija*. Para começar, é necessário fazer a seguinte consideração sobre a tradução do termo *madija*:

Conhecendo um pouco da língua Kulina – e recorrendo às contribuições de Frank Tiss – chamo atenção para o fato de o termo *madija* ser uma palavra composta pelo verbo *madi* = morar; e *ja*, um verbo copulativo que possui função de morfema: função locativa e

função classificativa. Quando *ja* é usado na função locativa o mesmo pode ser traduzido por estar; quando *ja* é usado na função classificativa o mesmo pode ser traduzido por ser (Tiss, F., 2004, p. 118-122). Assim se fizermos uma tradução aproximada do termo *madija* – usando a função classificatória do *ja* – teríamos: “sou morador”; da mesma forma se usamos o *ja* – na sua função locativa – teríamos: “estou morando”. Esta tradução contradiz a tradução do senso comum, utilizada por vários pesquisadores, do termo *madija*, como sinônimo de: “povo”, “gente” ou “nação” (Amorim, 2014, p. 05).

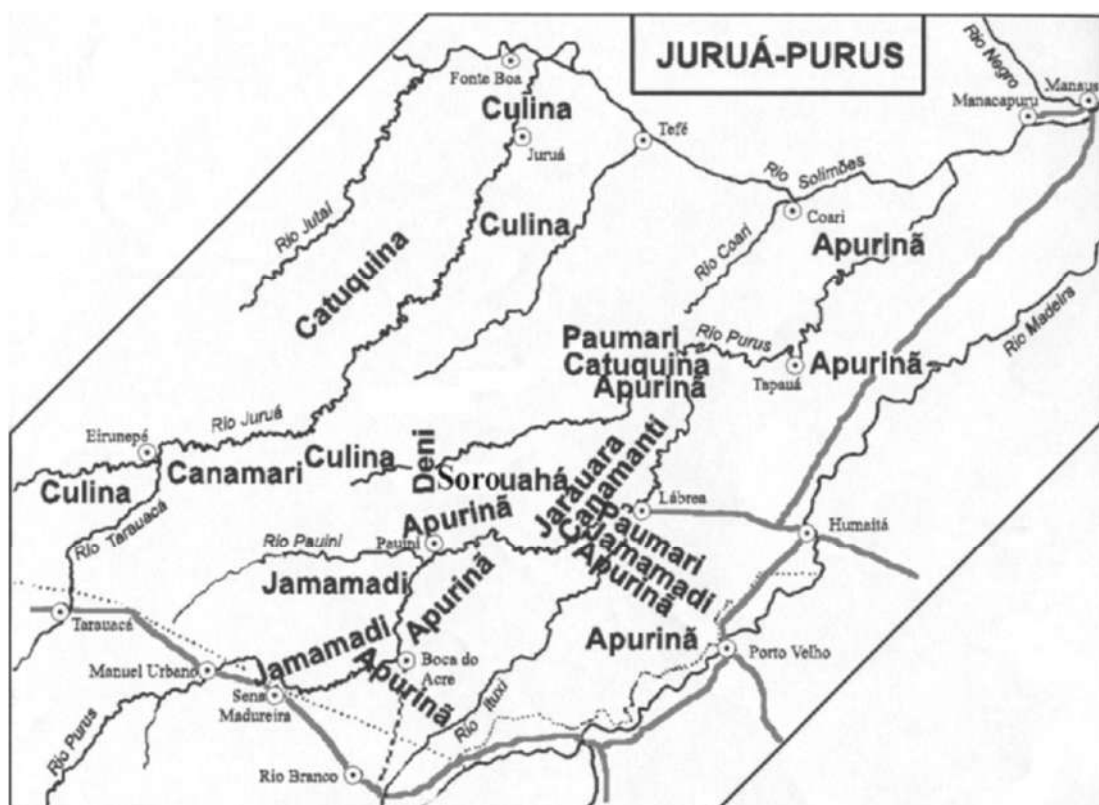


Figura nº 12: Localização dos povos indígenas que pertencem à família linguística Arawá e ocupam a região Juruá-Purus (Melatti, 2016)

4.2.1 Uma visão geral dos subgrupos arawá e sua relação com um território específico

De acordo com Paul Rivet e Constant Tastevin (1938), existiria nas bacias do Purus e do Juruá uma série de tribos que falam dialetos intimamente relacionados. A partir de dados, da literatura da época e de informações próprias, classificaram os seguintes grupos indígenas como pertencentes à família Arawá: Arauá (ou Arawá¹⁴³), Kulina

¹⁴³ Atualmente, o povo Arawá (que nomeia a família linguística) é considerado extinto.

(Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina), Pamaná (ou Pammana), Paumari (Pammari, Pamarí ou Pamauri), Puru, Purupurú, Jamamadi (Jamamadi, Jamamandi ou Kapinamari) e Juberi (Yuberi ou Jubiri). Além destes, os autores citam também outros que possivelmente pertencem à família arawá, que são: os Anamari, os Amamati (ou Jamamari), os Kulina¹⁴⁴ (ou Karunawa), os Kuria, os Kuriaua, os Pama, os Sewaku (ou Schuaku) e, finalmente, os Sipó (ou Cipó) (Rivet; Tastevin, 1938, p. 72).

A origem do termo “Kulina” é incerta, mas Tastevin aponta para a possibilidade de que seja uma designação dada pelos vizinhos Katukina. O termo seria derivado da palavra ‘Kore’, uma espécie de rã (Reesink, 1987, p. 4 *apud* Lorrain 1994, p. 130).

Avec raison, Chandless suppose que les Kulino doivent faire partie de la tribu des Jamamadi. Les Kanamari désignent les uns et les autres du même nom: *Kólö*; leurs langues se ressemblent beaucoup et forment, avec le Pammari et l’Araua, un sous-groupe linguistique arawak très homogène (Rivet; Tastevin, 1921, p. 463).

No intuito de introduzir a análise dos subgrupos *madija*, farei uma aproximação ao tema a partir da forma como essas unidades sociais aparecem e movimentam a socialidade arawá. Gordon (2006) e Rangel (1994) denominam de subgrupos as unidades sociais existentes nos grupos arawá da região dos rios Purus e Juruá. São denominados subgrupos por não corresponderem ao conceito de clãs, como em outros povos indígenas¹⁴⁵. Todavia, é possível afirmar que a relação entre subgrupo e território é um critério marcante: determina a pertença de uma pessoa a um determinado subgrupo e constrói a “identidade subgrupal”.

Uma etno-história dos grupos arawa – e talvez dos demais grupos da Amazônia ocidental – seria, muito provavelmente, uma etno-história dos subgrupos nomeados: os *madia* dos Kulina, os *deni* dos Jamamadi e Deni, os *dawa* dos Zuruahá etc. A intensa proliferação destas formações sociais resulta em uma série de subgrupos considerados mais ou menos próximos (Gordon, 2006, p. 41).

¹⁴⁴ Aqui, são os Kulina da família pano, que na época os pesquisadores classificavam como família da arawá.

¹⁴⁵ Ao desenvolver uma pesquisa entre os Kulina no Alto Purus, Domingos Silva utiliza o termo “sib” e aponta características de uma “linhagem local” (1997, p. 117). Contudo, vale afirmar a dificuldade de traçar uma genealogia dos membros de cada subgrupo até chegarmos a um ancestral comum ou comprovar uma linhagem pura, por exemplo. Veremos como a pertença a um subgrupo Kulina pode ser transmitida por via materna, paterna ou ainda sofrer várias outras alterações. Vale salientar também que as alterações obedecem a regras, isto é, a afirmação de pertença a um subgrupo não é arbitrária e pessoal, pois obedece a padrões culturais e históricos.

Kroemer (1994) – ao analisar a realidade de outro povo indígena do tronco arawá, os Suruwaha – afirma que a estrutura política dos vários “grupos étnicos” que habitavam a região do rio Cuniuá (afluente do rio Purus) consistia em uma unidade intergrupar composta por diversos subgrupos autônomos, que não possuíam autoridade superior ou central. Esses subgrupos realizavam grandes rituais de casamentos intergrupais no centro da floresta. A defesa do território era exercida em conjunto, mas cada subgrupo tinha seu chefe e xamã. Essa unidade intergrupar, descrita por Kroemer, era composta por sete subgrupos que possuíam uma língua comum: os *Masaindawa*, os *Kuribidawa*¹⁴⁶, os *Jokihidawa*, *Adamidawa*, *Sarokwaudawa*, *Nakaindawa* e *Tabisyrudawa*.

Aparicio (2015), ao analisar a realidade atual dos subgrupos Suruwaha, nos convoca a dar mais importância ao papel histórico da rede de relações entre os vários subgrupos arawá do que a que é atribuída às etnias atualmente reconhecidas e “oficializadas”. O pesquisador, ao caracterizar os diversos subgrupos Suruwaha, assinalou a importância dos seguintes elementos como marcadores da diferença: territorialidade, comunidade linguística, atribuição de especialidades, vinculação a uma liderança e a aparência física. As relações entre os subgrupos Suruwaha eram marcadas por intercâmbios e por uma política xamânica composta de tensões e conflitos. Os nomes dos subgrupos Suruwaha muitas vezes estão relacionados a um território¹⁴⁷. O termo Suruwaha não funciona como referência coletiva interna, pois cada pessoa reconhece sua pertença ao *dawa* de origem. A denominação Suruwaha¹⁴⁸ é utilizada como referência étnica e coletiva apenas quando se relacionam com a sociedade brasileira.

Ao analisar a vinculação das pessoas aos *dawa*, Aparicio (2013) aponta para a flexibilidade em relação ao critério de pertença: uma dominância patrilinear que interage com uma “descendência paralela” entre as mulheres. Constatou também casos de ambivalência: há pessoas que aparecem vinculadas de alguma forma a dois *dawa*¹⁴⁹ (o que

¹⁴⁶ Para Kroemer há subgrupos que se diferenciam a partir de seus traços físicos. Assim, por exemplo, os *Kuribidawa* se distinguem através do tom escuro da pele, do rosto redondo, da boca larga e das pintas (1994, pp. 128-129).

¹⁴⁷ Há os *Jokihidawa*: “gente do igarapé Pretão”, porém existem denominações baseadas em outros critérios, como por exemplo os *Tybydawa* “gente das flechas” e os *Tabusurudawa* “gente do esquilo”. Aparicio (2015) ressalta o fato de existirem unidades que não são nomeadas com o sufixo *dawa*, mas que fazem parte da rede de construção de alteridades.

¹⁴⁸ Suruwaha corresponde à denominação de um dos coletivos que não possui nenhum descendente atual (Aparicio, 2015).

¹⁴⁹ “En el escenario suruwaha – marcado en la década de 1920 por una experiencia abrupta de masacre – la unificación compulsiva de los supervivientes de los *dawa* en una única residencia en zonas de

o autor sugere ser devido à exogamia entre os subgrupos). O argumento central do autor é que os atuais povos – reconhecidos como arawá – podem ser relacionados a partir de seus subgrupos básicos, constituindo um *dégradée* que vai dos Kulina aos Paumari. Os subgrupos arawá seriam o fundamento do “mosaico sociológico do interflúvio Purus-Juruá”, que foram constituídos como “etnias” ou “povos” diferenciados devido às influências de fatores relacionados ao pós-contato (Aparicio, 2015, pp. 90-91).

Bonilla recorreu à bibliografia histórica para contribuir na discussão sobre os subgrupos entre o povo indígena Paumari, pois, para a pesquisadora, “os subgrupos localizados, nomeados e idealmente endógamos não existem enquanto tais” (2005a, p. 50). O que existe são grupos locais como unidades idealmente endógamas, conhecidas por seus nomes próprios, que não estão associados a nomes de animais ou plantas. Esses grupos locais habitam uma determinada região e são conhecidos a partir da denominação do local seguida do termo *kapamoarini* (Bonilla, 2005a, p. 50). Bonilla traz contribuições ao tema dos subgrupos arawá ao refletir sobre o sentido do termo *Pamoari*. O termo *pamoari* pode adquirir o sentido de coletivo (Paumari) e ainda o sentido de freguês dentro de uma relação comercial. Pode ser “usado para formar uma expressão que indica a qualidade potencial de humanidade, algo assim como a ‘pamoaritude’ ou ‘pamoaridade’ de um ser ou de um objeto” (*ibid.*: 49). O uso do prefixo possessivo *ka* e da partícula *hi* indica a forma ou a qualidade humana do substantivo que o precede. Assim, o termo *Pamoari* estaria relacionado à “humanidade”, ou melhor, à habilidade de viver em sociedade. Quando os Paumari traduzem a expressão *basorika pamoarihi* como “nação do boto”, estão falando da condição social comum a todos os seres animados ou não (Bonilla, 2005a, p. 51). O termo *kapamoarihi* é usado para indicar a humanidade de animais, plantas e objetos, bem como o coletivo desse ser (ou objeto) que vive em determinado local, possui aldeias e roçados. É nesse ponto que as reflexões sobre subgrupos Paumari se encontram com o perspectivismo ameríndio, e permitem que a autora aponte para a existência de um perspectivismo generalizado entre os Paumari: “a socialidade potencial é projetada na totalidade do cosmos e coincide, ao menos linguisticamente, com o que foi chamado de subgrupos *madiha* (conforme o modelo e o termo Kulina)” (Bonilla, 2005a, p. 50). Permite, ainda, distinguir as “nações” de humanos potenciais com as quais os Paumari se relacionam cotidianamente.

refugio, el aislamiento necesario ante el avance de los extranjeros y la insurgencia de una ritualidad colectiva bajo la forma de suicidio (practicado por ingestión de *kunaha*, un veneno piscicida) constituyeron una nueva manera de organizar el tejido de relaciones” (Aparicio, 2015, pp. 67-68).

Outro estudo que convém citar é o de Maizza (2012) entre os Jarawara. A autora afirma que, ao interrogar os Jarawara sobre os subgrupos, não encontrou nada a respeito. Para Maizza, “as aldeias Jarawara parecem seguir os mesmos princípios de organização que os subgrupos do passado, mas sem nomes de espécies animais ou vegetais” (2012, p. 230). Provavelmente, no passado, os nomes dos subgrupos se referiam a especificidades locais ou geográficas do território ocupado e habitado. Atualmente, as aldeias são agrupamentos organizados em torno de um pai (chefe da aldeia) e seus aliados, e possuem um pajé (ou um pastor). O padrão ideal de casamento é endógamo e a residência é virilocal. Fora das aldeias, há outros tipos de seres extremamente perigosos. De acordo com Maizza, a chave para enxergarmos os ideais da organização social Jarawara está “no céu”. É no “céu Jarawara” que encontramos formas de organização idênticas aos *madija* dos Kulina: “grupos localizados espacialmente, com nomes de plantas e artefatos; nomes que correspondem a diferentes ‘tipos de gente’ (2012, p. 231). Ao localizar os Jarawara dentro das reflexões sobre subgrupo, no âmbito arawá, Maizza afirma que não é possível falar de “perspectivismo generalizado”, pois os seres que parecem importantes para os Jarawara são aqueles que participam da cadeia da predação. Além disso, a partir das ideias de Gordon – em seus estudos sobre os subgrupos Kulina –, Maizza afirma: “supondo que ‘onomástica potencial’ seja também uma topografia potencial, podemos dizer que entre os Jarawara todo nome de grupo é um espaço que é de Outro (sujeito potencial). Mas, também, todo nome é um nome inimigo e um espaço inimigo” (2012, p. 233).

Rangel, ao desenvolver pesquisa entre os Jamamadi do igarapé Capana (Acre) em 1994, afirmou que os mesmos se autodenominam *Iuaseredeni* (*Iuasere* = gente¹⁵⁰). E alertou para o fato do termo Jamamadi (ou *Yamamadi*) ser atribuído a eles pelos Paumari (possivelmente por ser um grupo que habitava as matas de cabeceiras dos igarapés). Rangel utiliza o termo “grupos de denominação” para referir-se aos subgrupos Jamamadi.

Os grupos de denominação são compostos por um conjunto de pessoas aparentadas, onde as relações de afinidade balizam os laços mais fortes entre as famílias que os compõem. São endogâmicos, constituídos por chefias políticas independentes e realizam, cada um deles, o conjunto global das instituições e relações sociais (Rangel, 1994, p. 98).

¹⁵⁰ A partícula *deni* aqui possui a mesma função do termo *madija*, porém também pode ser utilizada como um sufixo de plural por alguns grupos arawá (como os Kulina, por exemplo).

A filiação a determinado subgrupo geralmente é estabelecida por via paterna. Porém, essa regra sofre exceções relacionadas à miscigenação dos pais, à configuração populacional e ao jogo político de cada território. Ademais, sugere que – se considerarmos as semelhanças linguísticas e organizacionais entre os Jamamadi e os outros grupos arawá da mesma região – possivelmente estejamos diante de um “grande conjunto social e cultural”, que extrapolaria a convenção etnológica que os dividiu em povos diversos e autônomos (Rangel, 1994, p. 106). Para a pesquisadora, parece haver uma relação de diferença muito maior entre os subgrupos do que entre Jamamadi, Kulina e Deni. Ainda de acordo com Rangel, “a unidade básica da organização social tradicional dos Jamamadi era a casa/aldeia”, que possuía um chefe e reunia um subgrupo (1994, p. 152). Ressalta, também, que nas relações entre os subgrupos as diferenças linguísticas marcavam “identidades”, e funcionavam como mecanismos duplos que ora promoviam aproximação e alianças, ora promoviam distanciamento (1994, pp. 161-162). Outro mecanismo marcador de diferença que movimentava a rede de relações Jamamadi eram as acusações de feitiçaria. Rangel observou como estas são dirigidas, normalmente, contra membros de outros subgrupos. Por outro lado, as festas funcionavam como meios de aproximação e renovação de laços de amizade e aliança entre os subgrupos¹⁵¹. Ao discorrer sobre o uso que os Jamamadi fazem do termo *madija*, Rangel utiliza a tradução corrente: a noção de “gente”. A autora conclui que, entre os subgrupos Jamamadi, há uma relação entre denominação, localização geográfica e variações dialetais.

De acordo com Florido (2013) e Koop e Lingenfelter (1983), os Deni se consideram como um povo indígena a partir do compartilhamento da língua (língua Deni). Os Deni¹⁵² se autodenominam Madiha ou Jamamadi Deni.

Segundo as afirmações, a homogeneidade linguística é a única coisa relevante na ideia Deni de pertencimento a um macro-conjunto,

¹⁵¹ Os nomes dos subgrupos Jamamadi são: *Abadeni, Bokoredeni, Tabadeni, Kamadeni, Erekeneni, Dimadeni, Tamakorideni, Havadeni, Maokovideni, Varadeni, Sapodeni, Zoazoadeni, Tabadeni, Atokenadeni, Dimadeni, Zomahideni, Tarozazadeni. Anopideni, Tanodeni, Sirorideni, Aptorideni, Zoazoadeni e Zomahimadi*. Observamos a presença de identificações similares aos subgrupos encontrados entre os Kulina: os *anopi deni*, que Rangel traduziu como passarinho, em Kulina *anopi madija*: garça *madija*; *hava deni* em Kulina *jahua madija*: palmeira pataua *madija*; e *zomahi madi* em Kulina *dsomaji madija*: onça *madija*. Interessante também observarmos como os Kulina identificam os *jahua madija*, casados com Kulina no Baixo Juruá, como Jamamadi. E o uso do sufixo *deni* e *madi* como um coletivizador (Rangel, 1994, pp. 94, 97).

¹⁵² A Terra Indígena (TI Deni) possui 1.531.300 ha e se localiza no sudoeste do estado do Amazonas, no interflúvio Juruá-Purus. Não há ligação fluvial entre o rio Xeruã (afluente do rio Juruá) e o rio Cuniuá (afluente do rio Tapauá-Purus), isto é, para visitar os Deni, empreendem viagens por caminho pela floresta.

de que são todos parentes frente aos Outros. Isso é evidente a partir do contato que os Deni estabeleceram com os Kulina e que não resultou na fusão da identidade de ambos, pois, segundo afirmam, estes últimos falam uma língua quase igual, mas não a mesma que os Deni, logo fazem parte dos Outros (Florido, 2013, p. 122).

Os Deni narram da seguinte forma a história de como surgiram os subgrupos:

No Xeruã, Kira vomita cem vezes, a cada uma delas saindo uma população indígena com uma língua diferente, “Kanamari, Kulina e muitos outros povos indígenas”. *Tamaku*, por sua vez, produziu as diferentes subdivisões internas. Enquanto criava os humanos, ele “vomitou 16 vezes, e saíram os Deni: *Hava Deni*, *Katu Deni*, *Varasha Deni*, *Tamakuri Deni*, *Zumahi Deni*...” Alguns, dentre os homens do Cuniuá, colocam *Kira* como produtor dos brancos, com suas diferentes línguas, e *Tamaku* responsável pela criação dos diversos grupos indígenas e suas diferenças linguísticas (Florido, 2013, p. 54).

Para Koop e Lingenfelter (1983), os nomes dos subgrupos Deni estão relacionados com a região onde os mesmos habitam. Assim, existiriam os *Upanavadeni* (habitantes do rio *Upanava*), os *Kunivadeni* (habitantes do rio Cuniuá), dentre outros. Os autores relatam a constituição de agrupamentos familiares formados a partir da associação de dois grupos ágnatos, e observaram também a existência de algumas diferenças linguísticas entre eles. Contudo, Florido (2013), em sua recente pesquisa sobre os Deni, conclui que os subgrupos Deni “não correspondem propriamente a conjuntos de pessoas, mas são composições que se formam a partir da relação com alguma forma de Outro, que causa a estabilização de um tipo de ‘Nós’ indistinto internamente” (2013, p. 02). Os Deni afirmam que são fruto da mistura de diferentes subgrupos, mas por outro lado afirmam também que são apenas “um *madi*”, pois todos são Deni¹⁵³ (Florido, 2013, p. 144). Para Florido, mesmo havendo uma aparente indistinção em relação aos subgrupos no interior das aldeias, atualmente há uma tendência a um tipo de identificação dos subgrupos fazendo referência ao território. Desse modo, fica mais evidente o modo operante atual de dois subgrupos: *Upanavadeni*, os Deni que habitam o rio *Upanava*; e *Kunivadeni* aqueles que habitam o rio Cuniuá.

¹⁵³ “Deni é um sufixo pluralizador ligado, invariavelmente, aos humanos; isto serve para os gêneros, para as pessoas, parentes, pronomes e partes do corpo. Quando aplicado a substantivos não humanos, indica que se trata, na verdade, de humanos, isto é, são os subgrupos mencionados pela literatura e não uma coleção de determinada coisa” (Florido, 2013, p. 147).

Em termos gerais, os dados sobre os subgrupos arawá indicam uma relação estreita entre a identidade de um subgrupo e um determinado local de habitação do território, ou seja, uma ligação íntima entre identidade e ocupação territorial, de modo que a demarcação da terra indígena de ocupação tradicional para um determinado subgrupo é fundamental para a perpetuação da sua identidade ancestral diferenciada.



Foto nº 13: Luzia e as netas durante Oficina de Etnomapeamento.
Aldeia Três Barracas:19/08/2024 (Genoveva)

Para finalizar a análise sobre subgrupos e etnicidade, apresentarei quatro contribuições básicas dessa discussão para a compreensão dos critérios Kulina de ocupação territorial:

Primeiro: a base de estudo dos diversos pesquisadores arawá é a constatação de que existem subgrupos entre os Kulina. É desse ponto de partida que analisam como essas unidades sociais, em determinado grau, organizaram ou organizam a vida social.

Segundo: todos os pesquisadores constataam uma relação clara entre os subgrupos e o território. Afirmam, também, que os subgrupos são critérios básicos para a organização dos espaços, sejam eles terrenos ou cósmicos.

Terceiro: percebe-se como, historicamente, cada aldeia ou unidade local era reconhecida a partir de um subgrupo majoritário que habitava determinado lugar, geralmente um igarapé ou rio tributário do Juruá ou Purus. Além disso, com base nesse território, traçavam relações amigáveis ou hostis com o mundo externo.

Quarto: os subgrupos possuíam um ideal de endogamia desejável, porém, nunca alcançado. Construíam, ainda, critérios de diferença (“identidade”), pautados principalmente no território (habitado e ocupado), nas diferenças linguísticas, nas características físicas e nas especialidades.

4.2.2 Os subgrupos Kulina

Os primeiros registros que tratam da existência dos subgrupos Kulina foram feitos por Tastevin, em 1924. No artigo *Les études ethnographiques et linguistiques du P. Tastevin en Amazonie*, o padre etnólogo registra sua visita aos Kulina que viviam entre os rios Eiru e Gregório, trazendo contribuições pertinentes sobre a língua e vários outros aspectos culturais. Nesse sentido, os “Kurina” acreditariam na existência de espíritos que nunca foram encarnados, os “Tukurime”. Esses espíritos seriam invocados em todas as circunstâncias importantes, como antes de fazer encantamentos mágicos para curar os enfermos, antes de se envolver em uma grande pescaria ou uma grande caçada, ou mesmo antes de começar um banquete. Os deuses Kulina seriam “Maxi”, cujo nome é o próprio sol, e o deus supremo “Mademade”, que possui como dedo indicador uma faca com a qual corta a artéria carótida das almas das pessoas que ele não gosta. O céu de “Mademade” seria uma reprodução da terra, com lagos e rios, mas não possui floresta. Por sua vez, o trovão é produzido pelas lutas dos gigantescos ginastas que habitam os lagos do firmamento (Tastevin, 1924, p. 422).

Ao chegar “na terra dos Kurina”, nas nascentes do rio Eiru, Tastevin coletou o vocabulário do dialeto falado por esse grupo. Registrou que se chamavam “Madiha” (*les Hommes*) e não Kurina. Argumentou, ainda, que a denominação “Kurina” era uma atribuição dada pelos Katukina (que os chamariam de Kore = rã). Em uma tentativa de entender os subgrupos Kulina, Tastevin (1924) os aproxima da organização social própria dos sistemas totêmicos:

[...] Como todos os índios, eles são divididos em grupos de totem, cada um com o nome do totem animal, seguido pela palavra *madiha*. O Kurina das nascentes do rio Eru são *Zuwihi-Madiha*, ou seja, “*Sapajous* marrom”. O rio Eru e seus afluentes são habitados por sete outros “clãs” que são os *Kamanui-Madiha* (pacas), os *Tusipa-Madiha* (agamis), os *Ete-Madiha* (cães), os *Dapu-Madiha* (*Penelope sp.* jacu),

os *Hawa-madiha* (palmeira *patawa* ou *Enocarpus Bataua*), etc. (Tastevin, 1924, p. 422)¹⁵⁴.

Anos depois, em 1938, Tastevin publicou um artigo sobre as línguas faladas pelos grupos arawá dos rios Purus e Juruá. O artigo é fruto de uma parceria promissora entre o missionário-etnólogo e o francês Paul Rivet, secretário-geral do Instituto de Etnologia da Universidade de Paris e secretário-geral da Sociedade de Americanistas de Paris. No referido artigo, afirmam que os Kulina (Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina) são uma das tribos mais importantes do grupo arawá, apresentando contribuições sobre a língua Kulina (vocabulário), bem como a localização geográfica desse povo indígena:

Um dos informantes de Castelnau lhe contou da existência de índios Kulino no Chiruan (4, V, 87, 89). Informação confirmada, em primeiro lugar, por Chandless que coloca a importante tribo silvícola dos Kulino na margem direita do Juruá, a montante do rio Chiruan. Também os encontramos no Tarauacá e cujo domínio provavelmente se estende por uma grande distância na direção do sudoeste (8.300). Bates localiza os Collina vivendo no Chiruan e no Envirá (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73)¹⁵⁵.

Para Tastevin, os Kulina estavam divididos em dois grupos, separados um do outro pelos “Yamamadi”, mas falando dialetos muito semelhantes. O primeiro grupo – menos numeroso – o “Kolina”, denominado Kólö¹⁵⁶ pelos Kanamari, encontrava-se na margem direita do Juruá, próximo ao rio Marari e na região das cabeceiras do alto rio Tapauá. Provavelmente, era com esses “Kolina” que os “Arauá” (Arawá) do igarapé do Chué (Xué) mantinham relações (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73).

O segundo grupo, o Kulina ou Kurina, representaria a maior parte da tribo. Esses índios se autodenominavam “Madiha”, e eram chamados por seus vizinhos – os indígenas “Kasinawa” (Kaxinawá) –, de *Pisinawa* (índios fedorentos¹⁵⁷) ou *Capunawa* (índios podres¹⁵⁸). Viviam entre os rios Eiru e Gregório, mas habitaram, em outras épocas, a região entre os rios Envira e Tarauacá. Esse grupo possivelmente teve contato com Chandless, porém, após a passagem do explorador inglês, a tribo migrou rumo ao oeste e

¹⁵⁴ Tradução feita por mim do original em francês.

¹⁵⁵ Tradução feita por mim do original em francês.

¹⁵⁶ Esses índios seriam chamados de Kore pelos Katukina, porém, é o mesmo nome que os Kanamari dariam aos “Yamamadi” (Jamamadi) e aos “Kolina”: Kólö (Rivet; Tastevin, 1921, p. 73).

¹⁵⁷ Tradução do autor. Todavia, vale salientar que *pissi* significa macaco-de-cheiro em língua Kulina.

¹⁵⁸ Tradução do autor.

se estabeleceu na outra margem do rio Tarauacá, talvez para fugir dos “Yamamadi” ou dos exploradores de borracha e caucho (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73).

Nesse artigo, também encontramos os primeiros registros que tratam da existência dos subgrupos Kulina. Tastevin fez uma visita aos Kulina que viviam entre os rios Eiru e Gregório em 1924, e registrou um grande número de “clãs” (subgrupos) que possuíam os seguintes nomes e territórios:

Zuwihi-madiha (índios macaco-prego pardos), nas nascentes de Erú;

Sinaima-madiha (índios-cutias), na bacia do Erú;

Badu-madiha (índios-veado), na bacia do Erú;

Kamanui-madiha (índios-paca), na bacia do Erú;

Tusipa-madiha (índios-jacamim), na bacia do Erú;

Dapu-madiha (índios-jacu), na bacia do Erú;

Anubeze-madiha (índios-queixadas), na bacia do Erú;

Biru-madiha (índios-arasari¹⁵⁹), na bacia do Erú;

Ete-madiha (índios-cães), no igarapé Bahu, afluente direito do Juruá, a jusante do Gregório;

Tukudzu-madiha (índios-crocodilo), no igarapé Bahu;

Aritsi-madiha (índios-batata), no igarapé Bahu (à direita do rio);

Hadu-madiha (índios-taboca), nos igarapés S. Salvador, tributário do Acurauá, e Acurauá, tributário esquerdo do Tarauacá;

Hawa-madiha ou *Háu-madiha* (índios-palmeira patauá), no igarapé Cuatá, afluente da margem direita do Gregório a montante de S. Amaro;

*Harumi-nawa*¹⁶⁰, no rio Massape, afluente à direita do rio Gregório, a jusante do rio Recreio (Rivet; Tastevin, 1938, p. 74)

Haveria outro subgrupo Kulina que vivia ao sul das nascentes do rio Eiru, em um afluente do igarapé Preto, tributário do rio Acuraua. Entretanto, Tastevin não conseguiu visitar esse grupo, e também supôs serem *Hadu-madiha*. Por outro lado, em uma viagem ao rio Amarão (afluente direito do Tarauacá, em frente ao seringal Sobral), o missionário encontrou os Kulina do rio Eiru pertencente aos “clãs” *Ete-madiha* e *Tusipa-madiha* (1938, p. 74).

¹⁵⁹ Tradução dos autores. Significa tucano araçari (de acordo com informações de Iba Kulina)

¹⁶⁰ Ressalto que a presença da partícula *-nawa*, junto ao nome desse último subgrupo, indica que o mesmo pertence a algum povo indígena do tronco linguístico Pano.

De acordo com Rivet e Tastevin, a ocupação territorial dos Kulina se estendia muito mais ao sul, pois quando os primeiros seringueiros chegaram à região, em 1890¹⁶¹, encontraram Kulina em vários pontos da margem esquerda do rio Muru, nos igarapés Mucuripe e Muruzinho (1938, p. 74). Porém, com a colonização da região, no auge exploração da borracha, provocou-se uma migração dos Kulina em direção ao nordeste. Esses índios teriam migrado para o Paraná do Ouro e para a região do rio Envira. Outros teriam se juntado aos Kulina que moravam no rio Acuraua. Os autores apontam, ainda, para a existência de grupos Kulina no rio Purus: os *Aba-madiha* (índios-peixes), os *Erekedeni-madiha* (índios-periquitos) e os *Mamuri-madiha* (índios-mamuri¹⁶²). Haveria outro grupo Kulina nas nascentes do Envira, que seriam chamados de *Amburu-madiha*¹⁶³

Nessa primeira abordagem histórica, viu-se sobre os subgrupos Kulina e sua estreita relação com o território.

Os subgrupos *madija* dos Kulina ganham novo destaque na análise desenvolvida por Viveiros de Castro (1978):

Madiha é um conceito Kulina que opera em vários níveis de contraste. Ele pode significar, conforme o contexto: (a) “gente”, os seres humanos; (b) “caboclo”, i.e. índio, em oposição aos **Kariá**, “cariús”, i.e. brancos (que se dividem em cariús mesmo, os brasileiros, e os peruanos); (c) “Kulina” em oposição aos Kaxinawa, Kampa, **Ainahari**¹⁶⁴ (Yamamadi e Kanamari), Mastanawa, etc.; (d) “parente”, no contexto típico de “uká madihá” – “meu parente”, em oposição a **madihá waa**, “outra gente”, “não parente”. Entre os níveis (c) e (d), e mais próximo ao (d), está o uso de **madihá** como **nação**¹⁶⁵ (1978, p. 18).

Em relação ao conceito *madija*, Viveiros de Castro aproxima o termo à concepção de nação, tradução feita pelos próprios Kulina: “Nação” é a palavra portuguesa que os Kulina usam para traduzir madihá¹⁶⁶ enquanto subcategoria de identidade Kulina,

¹⁶¹ De acordo com relatos dos Kulina, a habitação permanente na terra tradicional da região do Igarapé do Índio ocorre desde tempo imemoriais. Acredito que por volta de 1890 aconteceram os primeiros contatos das frentes de exploração de borracha com os Madija na região da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. Eles recordam e contam fragmentos de um massacre que aconteceu no Igarapé do Índio: “Guerra dos Madija com os soldados. Mataram muitos Madija”, por isso que chama Igarapé do índio porque tinha muito Madija e mataram muitos”. Aqueles que sobreviveram ao massacre fugiram para as cabeceiras do igarapé ou foram trabalhar nos seringais no rio Eiru. Entretanto, anos depois, aos poucos foram retornando para morar nas margens do Igarapé do Índio.

¹⁶² *Mamuri* ou *mamore*, em Kulina, significa o peixe matrinxã.

¹⁶³ Os autores não indicaram a tradução.

¹⁶⁴ Ainda nos dias atuais, os Kulina se referem ao povo Kanamari usando a denominação Ainahari.

¹⁶⁵ Os grifos são do autor.

¹⁶⁶ O grifo é do autor.

nomeada a partir de um animal ou planta, e tendencialmente associada a um local geográfico” (Viveiros de Castro, 1978, p. 18). As pessoas de mesmo *madija* são *wemekuté*, “irmãos” ou “parentes”¹⁶⁷, e os nomes dos subgrupos imprimiriam atributos pessoais aos indivíduos a eles identificados. Atualmente, os subgrupos estariam “misturados”, mas anteriormente seriam endógamos e nitidamente circunscritos a locais específicos (1978, p. 19). Quanto ao padrão de descendência paralela, Viveiros de Castro afirma que há variações e uma tendência à filiação bilateral aos *madija* dos pais: cada indivíduo era “uma banda de cada *madihá* dos pais” (1978, p. 78). Contudo, para o pesquisador, a identificação de uma pessoa com um subgrupo *madija* convive com dois critérios básicos: filiação e residência. É a partir desses critérios que o autor interpreta a afirmação dos moradores das aldeias Santo Amaro e Maronaua, quando estes declaram que todos pertencem à “nação” *kurubu madija* (peixe-jeiju *madija*). Por outro lado, a identificação do *madija*, a partir do critério da residência ou de nascimento, não causa uma homogeneização *madija*, pois os constantes deslocamentos dos Kulina promovem a existência de mais de um subgrupo em uma aldeia¹⁶⁸.

Viveiros de Castro alertou para a necessidade de ampliar os estudos dessas unidades sociais, e apontou para o fato dos Kanamari (povo indígena de tronco linguístico Katukina e vizinhos históricos dos Kulina) também estarem divididos em subgrupos (1978, p. 19)¹⁶⁹.

Com auxílio de dois informantes, Viveiros de Castro levantou nomes de sessenta e seis *madija* com suas respectivas localizações geográficas. Vejamos a localização de alguns subgrupos em 1978:

Nome do <i>madihá</i>	Localização
<u>Badu</u> (veado)	S. Bernardo; Envira; Maronaua
<u>Teaku</u> (traíra)	S. Bernardo
<u>Kurubu</u> (jeiju)	Maronaua, Santo Amaro
<u>Tsinamá</u> (cotia)	S. Bernardo

¹⁶⁷ Tradução do autor.

¹⁶⁸ A clareza dessa relação é necessária para pensarmos a relação Kulina com os Igarapés do Índio/Gaviãozinho, pois o território não é apenas um local histórico de moradia, mas é também o local que define e identifica um grupo de parentes.

¹⁶⁹ Descreveremos melhor a relação Kanamari e Kulina na Terceira Parte desse relatório.

Obs: Rivet e Tastevin 1938 localizam os Badu e Tsinamá na bacia do Eiru.	
<u>Hadu</u> (taboca)	Tarauacá (rio)
<u>Mutsu</u> (tamboatá)	Ig. Baú (Juruá)
<u>Dzuihi</u> (macaco prego)	Juruá; alto Tarauacá
<u>Hawa</u> (patauá)	Rio Gregório
Obs: R&T localizam os Hadu no Acurauá; os Hawa no igarapé Coatá (margem direita do Gregório); os Dzuihi nas cabeceiras do Eiru. No ig. Baú situam os <u>Eté</u> .	
<u>Eté</u> (cachorro; “bastardos”)	Envira (seringal Califórnia); na boca do ig. Jurupari (margem direita do Baixo Envira)
<u>Aba</u> (“peixe”; surubim)	Envira; S. Bernardo; Juruá
<u>Mamoré</u> (matrinxã)	Rio Gregório: no Juruá, abaixo da boca do Gregório
<u>Meí</u> (espécie de formiga)	Rio Eiru
<u>Wahará</u> (carapanã)	Eirunepé
<u>Tukuzu</u> (variedade de jacaré)	Igarapé Preto, m. direita do Juruá, acima de Eirunepé
<u>Aburu</u> (papagaio)	“Cubío” (cf. Lima 1969), no Juruá; um na margem esquerda, pouco abaixo da boca do Gregório; outro na m. direita, bem abaixo de Eirunepé (1978, p. 19-20).

Viveiros de Castro (1978) obteve informações sobre a existência de mais de dez *madija* de localização desconhecida, inclusive a menção de alguns subgrupos no rio Solimões (para espanto do pesquisador). Na época, havia poucos registros sobre os Kulina que habitavam a região do Médio e Baixo Juruá, porém o pesquisador afirma que a tradição Kulina era unânime em afirmar a procedência Kulina como da bacia do Juruá. O pesquisador – ao cruzar suas informações sobre os subgrupos com os dados históricos de Rivet e Tastevin – fez três alertas: primeiro, as informações podem não corresponder à localização efetiva de cada subgrupo devido ao constante fluxo migratório Kulina; segundo, a impossibilidade de existência de uma lista fechada com todos os nomes de subgrupos, pois a dinâmica dos subgrupos aponta para a possibilidade de existência de tantos *madija* “quantos fossem os objetos do universo Kulina” (1978, p. 21); terceiro, percebeu o uso dos subgrupos para “definir uma vaga identidade local e um horizonte difuso de parentesco” (1978, p. 23). E concluiu:

Em suma, creio que se pode definir o **madihá como uma categoria que denota origem comum, em termos geográficos mais que genealógicos**. Por outro lado, não excluo a hipótese de que a afiliação por **madihá** defina núcleos de **parentela**, setores de **aliança** – o que daria à esta categoria uma significação política (Viveiros de Castro, 1978, p. 79)¹⁷⁰.

O primeiro grande estudo sobre os Kulina foi realizado em 1985 por Donald Pollock, que desenvolveu pesquisa de doutorado entre os Kulina que habitam a região do Alto Purus (aldeia Maronaua). Ao analisar sua organização social, concluiu que os Kulina se dividem internamente em conjuntos de subgrupos nominados chamados *madija*. Cada subgrupo *madija* é nomeado a partir de um animal ou de uma planta. Os nomes assinalam características das espécies (animal ou planta) às pessoas que compõem determinado subgrupo (1985, p. 38). Todavia, Pollock alerta para o fato de não haver nenhuma relação especial entre as pessoas de determinado subgrupo e as espécies que fornecem o nome – sendo que o parentesco é traçado bilateralmente e todos os membros de um *madija* se assumem como parentes entre si. Ele observou também que há uma tendência em reconhecer cada aldeia a partir de um único subgrupo, e notou movimentos peculiares quanto à identificação: ora membros de subgrupos diferentes tendem a afirmar sua pertença a um *madija* minoritário, ora reivindicam a pertença ao *madija* majoritário. É

¹⁷⁰ Os grifos são do autor.

dentro dessa dinâmica que a aldeia Maronaua é identificada como aldeia do subgrupo *kurubu madija* (“gente peixe”) e a aldeia Santo Amaro seria a aldeia *pissi madija* (“gente macaco-de-cheiro”). Para o autor, o direito de participar de um determinado *madija* está relacionado ao ato do nascimento na aldeia do subgrupo dos pais (uma mulher grávida tende a dar à luz na aldeia na qual nasceu, para garantir a adesão *madija* inequívoca ao recém-nascido). Quando a pessoa nasce em uma aldeia de um subgrupo diferente dos genitores, há três opções possíveis de identificação: a pessoa pode adotar a identidade *madija* de seus pais, a identidade *madija* da aldeia em que nasceu, ou dispor de uma das duas opções anteriores, conforme a situação.

A “transmissão paralela” do *madija* é uma forma de maximizar a heterogeneidade e funciona como forma de garantir direitos e deveres dos membros *madija* em outras aldeias (Pollock, 1985, p. 39). Os *madija* tendem a se aglutinar em torno de um grupo de irmãos: irmãos e irmãs (com esposos/-as e filhos), que formam um núcleo de subgrupos residenciais localizados que assumem a “identidade” *madija*. Os direitos dos membros de cada *madija* incluem: participação em virtude de coresidência, livre acesso ao território local para subsistência, caça, pesca, roçado e coleta, acesso ao trabalho dos outros para assistência em várias tarefas e uma posição dentro das redes de distribuição de alimentos. O autor apontou ainda para uma preferência dos subgrupos *madija* pelos casamentos endogâmicos, mesmo que a exogamia entre os *madija* seja aceitável e comum. Por fim, Pollock conclui que as aldeias Kulina compreendem um conjunto de famílias de parentes ligados uns aos outros por meio da associação *madija* comum, pelas relações de parentesco, os casamentos e as trocas econômicas (Pollock, 1985, p. 47).

Nove anos depois, Lorrain (1994) realiza o primeiro estudo entre os Kulina que habitam a região do Médio Juruá, na aldeia Terra Nova. Em sua tese, a autora faz referência aos dois usos do termo *madija*: *Madija* – que traduz como *people* – autodenominação de todos os Kulina, e *madija*, com referência aos grupos nomeados¹⁷¹ de acordo com os nomes de animais e plantas (1994, p. 130). Aos membros de um subgrupo, são atribuídas algumas das características de seu animal ou vegetal homônimo. Os subgrupos constituíram-se como uma unidade política através da guerra contra outro subgrupo (fator central da integração). As aldeias fazem parte de aglomerados que se visitam frequentemente, e realizam rituais e casamentos mistos. Esses aglomerados estão sujeitos a constantes movimentos de expansão e de cisão. Os subgrupos não correspondem

¹⁷¹ Lorrain se refere aos *madija* como: *named groups* (1994, p. 136).

à configuração clânica, pois os mesmos são relativamente dispersos e cada subgrupo não possui um ancestral comum (mesmo que não identificável). Os *madija* dos Kulina têm sua origem em um grupo indiferenciado, e foram todos nomeados por um único ancestral antes de sua dispersão.

Ao comparar os subgrupos Kulina com os “nexos endogâmicos” Achuar e com os “agrupamentos comunitários” Yanomani, a autora afirma que os aglomerados Kulina não estão centrados na figura de um “grande homem” e não estão focados em qualquer personagem central, mas formam uma rede de parentes intimamente relacionados, que se instalaram em um ou vários igarapés vizinhos. Os Kulina evitam visitar outros aglomerados, por medo de ataques xamânicos ou qualquer outro tipo de conflito:

They can be compared to Yanomam clusters of communities (Ramos and Albert, 1976: 84) and to Achuar “endogamous nexi” (Descola, 1982: 303; Taylor, 1983: 333-34), except that contrarily to Achuar nexi Kulina clusters are not centered on a nodal “great-man” or a great-man and shaman pair. They are not focused on any central figure, but rather on a network of closely related kin who have settled on one or several neighbouring igarapés (Lorrain, 1994, p. 131).

Chamo a atenção para a relação estreita entre subgrupos, território e bacia hidrográfica que Lorrain apresenta, pois nos aproxima novamente das observações feitas por Costa (2007).

Atualmente, os subgrupos estão concentrados em determinados igarapés, mas alguns de seus membros podem ser encontrados em outras áreas. Na aldeia Terra Nova, o *tocodso madija* (jacaré açu *madija*) é o subgrupo numericamente dominante. A pesquisadora relaciona essa expressiva identificação ao fato da região do igarapé do Baú (onde está localizada a aldeia), por razões históricas, estar associada ao subgrupo *tocodso madija*. Lorrain (1994) afirma que o *dsohuiji madija* (macaco-prego *madija*) é o segundo subgrupo mais numeroso e prestigiado na aldeia Terra Nova. Os subgrupos *tocodso madija* e *dsohuiji madija* descendem de Huaridsa (Abel), um famoso líder *tocodso madija*. Conclui que a afirmação “todas as pessoas do igarapé do Baú pertencem ao subgrupo *tocodso madija*” pode ser explicada a partir de critérios relacionados ao domínio numérico e aos antecedentes geográficos e históricos. Entretanto, a autora identificou seis diferentes subgrupos na aldeia Terra Nova que estariam relacionados ao subgrupo majoritário através de laços de consanguinidade e de afinidade (Lorrain, 1994, p. 137). Nos casamentos exogâmicos, a pertença ao grupo nomeado é transmitida de acordo com a regra de

descendência paralela. Porém, na prática, uma série de outros fatores pode influenciar a atribuição de membros a determinados subgrupos, como por exemplo: os líderes geralmente transmitem sua identificação subgrupal a todos os seus filhos (independentemente do sexo)¹⁷², e os xamãs também transmitem seu *madija* aos seus filhos/-as (o que aponta um viés patrilinear na regra de descendência paralela). Por sua vez, os assassinos são comumente chamados de *ette madija* (“cachorro *madija*”), e os pajés assassinados após acusação de feitiço mortal passam a ser identificados como *dsomaji madija*¹⁷³ (“onça *madija*”), independentemente do seu subgrupo original.

Lorrain observou que os filhos (do sexo masculino) de um assassino (ou de um pajé acusado de feitiço mortal) muitas vezes buscam identificar-se a partir do subgrupo da mãe, ou ainda buscam filiação a um subgrupo mais respeitável. A pesquisadora observou, ainda, como as pessoas ocasionalmente manipulam a sua identificação a um determinado subgrupo de acordo com a conveniência política (1994, p. 138).

Contudo, a pesquisadora apontou uma tendência ao desaparecimento progressivo dos subgrupos e/ou uma transformação destes em sobrenomes de importância secundária. Fez observações como: muitos pais jovens ignoram o subgrupo de pelo menos um de seus pais, a maioria está incerta da pertença dos filhos aos subgrupos, e constatou que jovens, com menos de 25 anos, ignoram o subgrupo a que pertencem – embora a maioria saiba o *madija* de pelo menos um dos avós. Lorrain sugere ainda que a pertença aos subgrupos parece estar adquirindo uma definição pejorativa que se aplica a todos os “outros”, principalmente aos assassinos. E atribui isso a fatores pós-contato que provocaram o despovoamento de aldeias e sucessivos casamentos entre subgrupos. Os Kulina agora formam pequenas unidades políticas: as aldeias.

Em minha dissertação (Amorim, 2014), retornei ao tema dos subgrupos *madija* a partir do ritual do *Ajie*. O ritual é uma grande festa que os Kulina fazem com a presença de convidados de outras aldeias, no qual o insucesso da festa pode resultar em uma série de conflitos, que envolvem acusações de feitiçaria e a identificação subgrupal. Assim, os subgrupos que parecem diluídos e “misturados” pelas alianças matrimoniais e de

¹⁷² Na aldeia Igarapé do Índio Oma (antigo tuxaua) é *jarissi madija* (batata-doce *madija*), e repassou essa identificação subgrupal às suas filhas. Por exemplo: Ridoma se identifica como *jarissi madija* (subgrupo do pai) e não como *dsomaji madija* (onça *madija*, subgrupo da mãe).

¹⁷³ Esse dado é a chave para entendermos a relação das pessoas de Omaco-Chico Cidade (*biro madija*-tucano araçari *madija*) com as do Dsajo-Samuel (*dsomaji madija*-onça *madija*). Explica porque o subgrupo do Dsajo-Samuel vivia em processo de fuga e aproximação com Omaco-Chico Cidade. Explica também porque, atualmente, as pessoas sabem seu subgrupo, mas não querem que esse tipo de informação conste nos documentos oficiais de identificação do Estado Brasileiro.

comensalidade, irrompem e promovem uma identificação a partir dos *madija* dos avós. Na análise, considerei as posições divergentes quanto à existência substancial dos subgrupos Kulina. Todavia, concluí que há um consenso: os subgrupos continuam operando, organizando e explicando o mundo Kulina, seja no *nami*, o patamar terreno onde habitam predominantemente os humanos; ou no *nami bodi*, o patamar subterrâneo onde habitam de modo prioritário os não humanos.



Foto nº 14: Maria, Atori, Obo e Roberto. Ritual do *Ajie*.
Aldeia Igarapé do Índio: 12/08/2024 (Genoveva)

O ancião e liderança Oma-Zezinho (casa 5, Igarapé do Índio) contou-nos como foi criado o patamar subterrâneo (*nami bodi*) a partir da realização de um grande *Ajie* no patamar terrestre (*nami*). Ele narra que, antigamente, os Kulina estavam dançando *Ajie*, e a festa estava muito bonita, durando a noite toda. Havia gente dançando, cantando e rodando. Aos poucos, aquelas pessoas foram dançando, cantando e rodando tanto que o chão começou a afundar lentamente, até que afundou tanto que elas desceram e não puderam mais retornar ao patamar terrestre.

A anciã Toho-Raimunda¹⁷⁴ (esposa de Oma) acrescentou: “Aí os Madija ficaram morando lá embaixo. Lá tem muita gente. Lá embaixo eles cantam e dançam. Lá tem muita

¹⁷⁴ Depoimento gravado em vídeo em:

15/08/2024 13:46 TimeVideo_20240815_134522.mp4 18,57MB 1280x720px 00:39

15/08/2024 13:46 TimeVideo_20240815_134604.mp4 14,08MB 1280x720px 00:29

15/08/2024 13:51 TimeVideo_20240815_135029.mp4 31,46MB 1280x720px 01:06

moça, rapaz e velho. Foi o Porainom (pajé da aldeia Gaviãozinho) que falou, ele sabe. Há muitas casas de Madija lá embaixo”¹⁷⁵:

[Genoveva] Namibodidsa? Nahuidsa namibodi Madija Ajie jiri?

[Toho] Jehe. Jicajerahui: dsabisso, dsohuato, jadahuibote nahuinade, Porai atti. Porai nahuatotahui. Aja, dsoppineje najari Porai pa.

[Genoveva] Huati tajaro?

[Toho] Jehe. Coma nahuitta paaaccadsapa maaadijacca odsa najonahui ne attini. Aje namibodi huaje. Aja namibodi toqueje najari.

[...]

[Toho] (cantou um Ajie do patamar subterrâneo) Naaa beo, toto. Siriri mette bema bema beo totó (repete)

[Genoveva] Ajie?

[Toho] Jehe. Cajahuihiri taiquedsanabaquijari.

[Oma] Maittaccadsama Madija vai andar pro mato (falou em português). Dsama toccari, huaricodse huica najari canijari.

[...]

[Oma] Huaha dsomaji toedahui namibodi toquejenahui jahui tojajaro (e continuou falando em português). Debaixo do Juruá tem caminho que é rodagem. Aí o *tocorime* disse que essa rodagem vai rodeando por aqui mesmo. Vai, vai, vai e pega outro caminho e vai, vai, vai, sai lá assim. Aí tu coloca *dori* no outro, aí os outros morrem. Ele mesmo vem embora, *ccanini*. Aí vem, vem, vem subiu assim e cantava.

[Tradução]

[Genoveva] No patamar subterrâneo? No patamar subterrâneo tem muitos Madija-Kulina cantando Ajie?

[Toho] Sim. Há muitos rapazes, moças e velhos morando no patamar subterrâneo. Foi o Porai (Porainom) que falou. Porai sabe, pois ele é pajé.

[Genoveva] Ele te falou?

[Toho] Sim. Ele falou que lá embaixo tem uma aldeia muito grande de Madija-Kulina e que há muitas casas, mas muitas casas mesmo. Ele falou porque sabe. Porque ele (Porainom) foi lá embaixo e viu.

[...]

[Toho] (cantou um *ajie* do patamar subterrâneo) Naaa beo, toto. Siriri mette bema bema beo totó (repete)

[Genoveva] *Ajie*?

[Toho] Sim. *Ajie* que o pessoal do gato maracajá canta no patamar subterrâneo. Eles cantam, dançam e pisam no chão com força.

[Oma] Antigamente quando os Madija-Kulina andava na floresta e encontravam buraco de tatu e começava a cavar encontrava o patamar subterrâneo...

[...]

¹⁷⁵ Depoimentos transcritos e traduzidos por mim.

[Oma] Há uma outra onça que é um ser extra-humano que desce com os pajés para o patamar subterrâneo.

Debaixo do Juruá¹⁷⁶ tem caminho que é rodagem. Aí o *tocorime* (ser extra-humano) falou que essa rodagem percorre tudo por aqui. Depois segue por outro caminho e vai onde você quiser. O pajé pode ir até a aldeia do inimigo sem que ninguém o veja. Ele chega lá e pode colocar feitiço mortal nas pessoas. Em seguida o pajé pode voltar para a aldeia dele. Quando ele chega ele sai de dentro do rio cantando.

Na região do Baixo Juruá, encontrei referências a dezesseis *madija*. A predominância na Terra Indígena Kumaru do lago Ualá é do subgrupo *dsohuiji madija* (macaco-prego *madija*) e *biro madija* (tucano araçari *madija*). Porém, encontramos no Baixo Juruá pessoas de outros *madija*, como: *ette madija* (cachorro *madija*), *jarissi madija* (batata-doce *madija*), *jomo madija* (macaco-preto *madija*), *dsomaji madija* (onça *madija*), *dsahuida madija* (pupunha *madija*), *anopi madija* (garça *madija*), *bare madija* (banana comprida *madija*), *jahua madija* (palmeira patauá *madija*), *capaidso madija* (mamão *madija*), *ssabira madija* (ariranha *madija*), *corobo madija* (peixe jeju *madija*), *dsotomi madija* (quati *madija*), *maro madija* (palmeira buriti *madija*) e *nara madija* (palmeira jaci *madija*).

Destaca-se que a realidade dos subgrupos no Baixo Juruá é marcada pela cotidianidade, no qual uma aldeia tende a ser identificada a partir de um único *madija*. Os subgrupos *madija* ganham visibilidade nas relações entre aldeias, nos momentos de casamentos, nas festas (*ajie*) ou nas fofocas de feitiço. A identificação de uma pessoa, a partir de um subgrupo, pode gerar tensão, cisões de aldeias e de matrimônios; ou apenas fazer as pessoas rirem. Como vimos, a pertença aos subgrupos é flexível, e marcada pelas relações de proximidade e distância, pela comensalidade (troca de substância), por razões e políticas terrenas e cósmicas; dentre outros fatores.

O casamento ideal é o realizado entre primos cruzados, com preferência à endogamia (no subgrupo ou na aldeia). O modo de residência é o uxorilocal (matrilocal), e a filiação oscila entre o sistema unilinear, de filiação patrilinear, e a filiação paralela: as mulheres tendem a se identificar a partir do subgrupo *madija* de sua mãe e os homens a se identificar a partir do subgrupo do seu pai.

Ao percorrer diferentes análises, registros e etnografias que tratam dos subgrupos – entre os povos indígenas arawá e entre os Kulina – conclui-se que os

¹⁷⁶ O rio Juruá é um grande caminho (uma rodagem-estrada) por onde andam os *tocorime* e por onde os *tocorime* conduzem os grandes pajés em suas viagens xamânicas.

diferentes subgrupos ocupavam as margens de rios ou igarapés tributários dos rios Juruá e Purus. A realização ideal desse modelo (subgrupos endogâmicos “donos” de um rio ou igarapé) talvez nunca tenha sido alcançada, porém é uma estrutura que foi bastante afetada pelas frentes de expansão econômica. Entre os Kulina, a configuração subgrupal é um critério em vigor, e promove a dispersão da população no território, apesar das “misturas” provocadas pelas constantes violências do pós-contato. O modelo subgrupal é atual e funciona como uma estrutura mental que organiza a vida humana e não humana, pois demarca territórios e constrói “identidade”. Vimos como os *madija* funcionam como um mecanismo que produz identificação em vários níveis, pois pode ser usada para diferenciar-identificar uma pessoa, uma parentela, uma aldeia, um território ou ainda todo o povo Kulina. Entretanto, alerto que é justamente a relação território-subgrupo que impõe limites à conjunção de pessoas de diferentes lugares em um único território, pois cada pessoa carrega a memória cultural e histórica de seu subgrupo, e cada subgrupo sabe quem são seus amigos e seus inimigos. Ou seja, um membro de um subgrupo rival tem muita dificuldade em morar na mesma aldeia de um reconhecido inimigo histórico de seu subgrupo, pois a pessoa se sente constantemente ameaçada. Por último, é a relação dos subgrupos que move as práticas de secessão. Muitas vezes, há conflitos nas aldeias que são motivados por disputas antigas entre diferentes subgrupos e que emergem a partir de divergências atuais que parecem pequenas e banais a olhos externos. Isso, por exemplo, gera uma série de dificuldades na implantação de políticas públicas, pois os agentes responsáveis pela implantação destas desconhecem essa questão.

Por fim, atualmente, **os subgrupos são utilizados para explicar a ocupação tradicional de um rio ou igarapé, bem como para identificar uma aldeia ou pessoa. É necessário registrar que o modelo subgrupal continua operando e integra a configuração cultural, territorial e ontológica Kulina. Os subgrupos são elementos culturais fundamentais para explicar e organizar o mundo, um mundo que é habitado por diferentes tipos de gentes e de seres.**



Foto nº 15: crianças e mulheres no ritual do *Ajie*.
Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Na recente pesquisa de campo realizada na TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (agosto/setembro 2024), conversei com os idosos das diferentes aldeias da TI sobre sua identificação subgrupal.

- Oma (casa 5, Igarapé do Índio, esposo de Toho): antigo tuxaua, se identifica como *jarissi madija* (batata-doce *madija*). Afirmou, ainda, que a terra tradicional do Igarapé do Índio é *jarissi madija* (indica a identidade de chefe).

- Toho (casa 5, Igarapé do Índio, esposa de Oma): liderança antiga, se identifica como *dsomaji madija* (onça *madija*). Ela faz questão de lembrar que seu avô, Dsajo-Samuel, histórico morador do lugar, também era *dsomaji madija*.

- Dseca (casa 5, Gaviãozinho): liderança antiga, se identifica como *biro madija* (tucano araçari *madija*), e faz questão de lembrar que o seu avô, Omaco-Chico Cidade, histórico morador do lugar, também era *biro madija*.

- Porainom (casa 2, Gaviãozinho): liderança antiga, se identifica como *dsomaji madija* (onça *madija*), e faz questão de lembrar que o seu avô, Dsajo-Samuel, histórico morador do lugar, era *dsomaji madija*.

Os Kulina explicam que, quando uma pessoa morre, seu *tocorime* desce para o *nami bodi* (patamar subterrâneo) e depois pode retornar à crosta terrestre (*nami*) na forma de queixada. No *nami bodi*, os *tocorime* também envelhecem e morrem. Quando isso acontece, o *tocorime* vai para um plano-lugar mais profundo e muito escuro (“é a morte mesmo”). Os pajés que descem ao patamar subterrâneo não têm acesso a esse local. O

nami bodi possui a mesma forma de organização social baseada nos subgrupos. Lá, há o *capaidso madija* (mamão *madija*), *jarissi madija* (batata-doce *madija*), *poho madija* (macaxeira *madija*) e *huaricodse madija* (tatu *madija*).

Para resumir a conexão entre a organização subgrupal, bem como a forma dos Kulina de se relacionar e habitar na terra tradicional, apresento agora um depoimento de Cossaro-Pedro Kulina (tradutor). No relato – gravado em vídeo às margens do Igarapé do Índio, no dia 11 de agosto de 2024 – Cossaro-Pedro¹⁷⁷ sistematizou a maneira de operar dos subgrupos e a relação com os donos dos lugares:

[Genoveva] *Nedsa, jidacajarrocca huima.*

[Cossaro] *Jidacajaro taminedenicca huima?*

[Genoveva] *Jehe.*

[Cossaro] Cada igarapé tem o tuxaua, cacique verdadeiro, o chefe mesmo.

[Genoveva] *Madija atti huattittinana...*

[Cossaro] *Ajajari* Samuel, aja Igarapé do Índio, dono do Igarapé do Índio. E Chico Cidade *acco* Gaviãozinho chefe. Cada igarapé tinha o chefe. É assim mesmo no Mamori também. Mamori também tem. Tinha chefe também, tuxaua, cacique do antigo. Aí vai cada igarapé tem um chefe. Igual patrão. O patrão com cada barracão. O pessoal chama barracão, primeiro, mas agora é comunidade. Cada barracão tem o patrão. Mesmo que o indígena tem do mesmo jeito. Esse igarapé aqui o dono é o Samuel. E lá do Gaviãozinho...

[Marilena] E aí cada tuxaua é de um grupo?

[Cossaro] É. É só faz um grupo grande.

[Marilena] E é um *madija* diferente: a turma da onça, outra do tucano...

[Cossaro] É, *madija* da onça, *dsomaji*, *biro madija*, *dsaqqui madija*, *jarissi madija* e misturados.

[Tradução]

[Genoveva] Espera, quero saber daquela história que você estava contando ainda a pouco.

[Cossaro] Você quer saber sobre aquela história dos chefes?

[Genoveva] Sim.

[Cossaro] Cada igarapé tem o tuxaua, cacique verdadeiro, o chefe mesmo.

[Genoveva] Aquilo que você falava conosco em língua Kulina.

[Cossaro] O dono, o chefe verdadeiro desse Igarapé do Índio é o Samuel. E Chico Cidade é o chefe, o dono de lá do Igarapé do

¹⁷⁷ Depoimento gravado em vídeo em 11/08/2024 11:00 TimeVideo_20240811_105829.mp4 57,67MB 1280x720px 02:02

Gaviãozinho. Cada igarapé tinha o chefe. É a mesma forma de organização social dos Kanamari que moram na aldeia Mamori. Mamori também tem. Tinha chefe também, tuxaua, cacique do antigo. Aí vai cada igarapé tem um chefe. Igual patrão. O patrão com cada barracão. O pessoal chama barracão, primeiro, mas agora é comunidade. Cada barracão tem o patrão. Mesmo que o indígena tem do mesmo jeito. Esse igarapé aqui o dono é o Samuel. E lá do Gaviãozinho...

[Marilena] E aí cada tuxaua é de um grupo?

[Cossaro] É. E faz um grupo grande.

[Marilena] E é um *madija* diferente: a turma da onça, outra do tucano...

[Cossaro] É, onça *madija*, tucano araçari *madija*, tucano comum *madija*, batata-doce *madija* e misturados.

Ao relacionar o tema dos subgrupos ao processo de identificação da TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho, busca-se assinalar a relevância simbólica que este modelo traz quando atrelado a um determinado território. Assim, a demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é uma forma de garantir a heterogeneidade subgrupal, permitindo um maior empoderamento aos subgrupos *dsomaji madija*, *biro madija* e *jarissi madija*. Por sua vez, é a identidade cultural, atrelada aos subgrupos, que organiza a vida social e cósmica: distribui os recursos, traça relações, delimita amigos e inimigos e estabelece alianças.

A terra tradicionalmente ocupada, para um Kulina, é o espaço habitado por seus ancestrais e pelos seres extra-humanos. É, principalmente, o local onde os humanos recebem parentes e aliados, e onde se desenvolvem estratégias de proteção contra os inimigos – sejam eles indígenas, não indígenas ou não humanos. **Em suma, o modelo de subgrupos *madija* informa que a demarcação significa não apenas a efetivação do direito de um lugar para morar, mas é uma forma de assegurar aos Kulina sua Reprodução Física e Cultural: “viver bem em todos os aspectos” (“*omadini nacasatani*”¹⁷⁸).**

¹⁷⁸ Frase usada na maioria dos depoimentos dos *Madija* na TI Kulina do Igarapés do Índio/Gaviãozinho: “queremos a nossa terra demarcada para vivermos bem de verdade”.

5 DESCRIÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS ALDEIAS, COM RESPECTIVA POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO¹⁷⁹

A Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho possui, atualmente, **109 habitantes, 20 casas e 25 famílias**¹⁸⁰.

População por aldeia:

- Igarapé do Índio: 42 pessoas, 8 casas, 9 famílias.
- Três Barracas: 21 pessoas, 5 casas, 5 famílias.
- Gaviãozinho: 46 pessoas, 7 casas, 11 famílias.

5.1 População, famílias e residências na aldeia Igarapé do Índio



Figura nº 13: Croqui da aldeia Igarapé do Índio (1) (Frota, 2025)

¹⁷⁹ Na Quinta Parte desse relatório, através de relatos da memória oral, descrevo os critérios do grupo para localização, construção e permanência das aldeias antigas e atuais. Apresento três mapas (com o título “Locais de relevância simbólica”) onde localizo a “habitação permanente” dos Kulina nas regiões dos Igarapés do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho.

¹⁸⁰ Dados coletados por mim durante pesquisa de campo (agosto/setembro 2024).

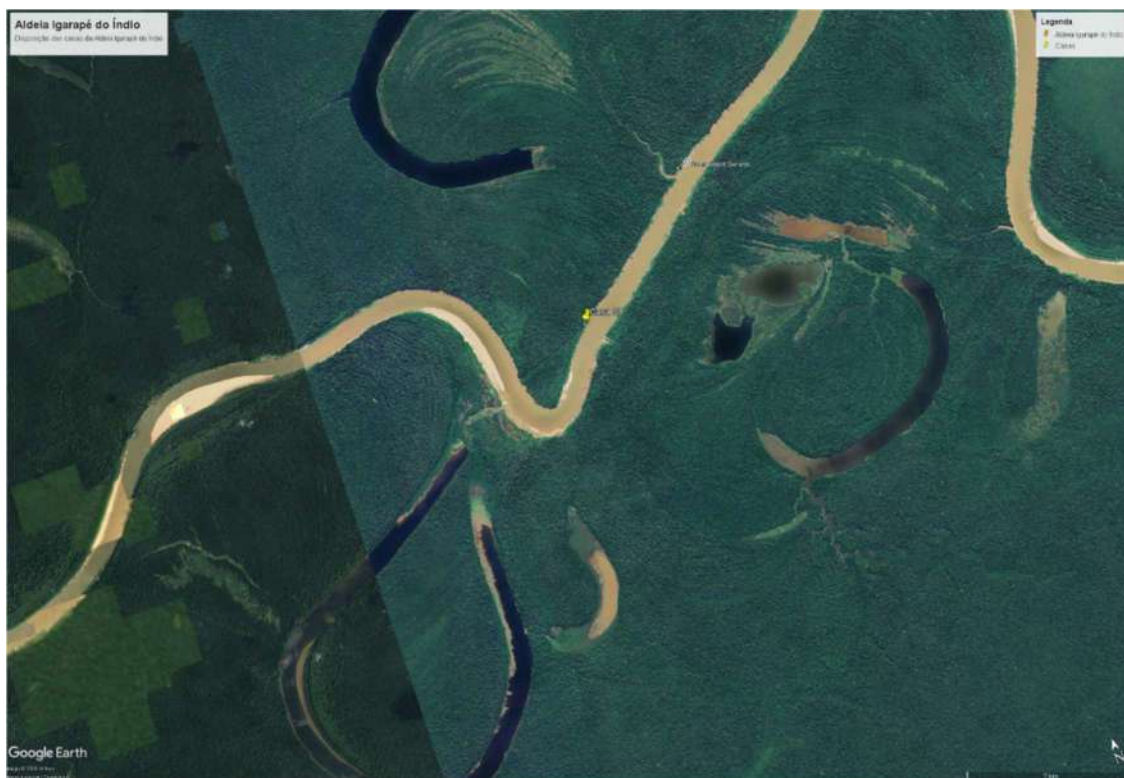


Figura nº 14: Croqui da aldeia Igarapé do Índio (2). Casa 8: Peba-Rivaldo e Lucimar (Frota, 2025)

Descrição da aldeia Igarapé do Índio

A aldeia está passando por um momento de transição de chefia. A liderança da aldeia deveria passar ao filho mais velho de Oma (ancião e antigo chefe), mas ele, Tone, mora na aldeia Matatibem (TI Ueré). Na ocasião de trabalho de campo do GT, havia uma tentativa de consolidar o filho mais novo de Oma como tuxaua: o jovem Irineu-Tesadi (casa seis). Todavia, Sedsí-Sérgio, filho de Tonaiquina (irmão de Oma) também estava aspirando o cargo de liderança. É nesse contexto que podemos compreender a fala de Sedsí-Sérgio durante a reunião de apresentação do GT pela Funai (Nelly-CR Vale do Javari e Neto CTL Eirunepé) no dia 9 de agosto de 2024, na aldeia Igarapé do Índio. O depoimento a seguir é uma resposta de Sedsí-Sérgio Kulina à pergunta: “quem é o chefe da aldeia Igarapé do Índio?”:

[Sedsí-Sérgio] O pessoal da equipe de saúde pergunta quem é o chefe. Esses daqui perguntam quem é o chefe. Quem sabe escrever, quem sabe falar bem português. Quem era o chefe era o meu avô que morreu. Aí pessoal fica dizendo para eu ser chefe porque eu sei um pouco português. Também falam para Tesadi (Irineu) que ele vira chefe. Eu sei assinar meu nome. Dava pra nós dois ser dois chefes. Um fala e depois o outro fala, era pra ser assim. Aí falam: “cunhado, vire chefe”. Eu digo que não sei.

Para morarmos bem, pra tudo ficar bem, temos que ter escola, ter professor, ter uma radiofonia, pra gente viver bem. Precisamos de ajuda para construção de nossas casas e ter casa de radiofonia. Eu falei pro Cossaro que chegou. Falei pra ele, ele falou pra eu virar chefe. Eu e Aimore. Aimore virar professor¹⁸¹.

No dia 20 de novembro de 2024, aconteceu o **suicídio** de Acohi Kulina (cerca de 20 anos) na aldeia Matatibem (TI Ueré). A morte de Acohi Kulina reflete a situação de vulnerabilidade que atravessa o povo Kulina. A família do jovem entrou em contato comigo logo após o acontecido, via *whatsapp*. Os pais, os primos e os irmãos queriam falar sobre o evento. Por outro lado, esse triste ocorrido gerou uma série de conflitos e provocou o deslocamento da família de Tone (filho mais velho de Oma e Toho) da aldeia Matatibem (TI Ueré) para a aldeia Igarapé do Índio (TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho). É nesse sentido – e para efeito de estabelecer a relação entre esse acontecimento e a mudança de chefia na aldeia Igarapé do Índio – que descreverei quem foi Acohi Kulina e como essa morte afeta a vida de várias famílias, bem como demonstra o vínculo de parentesco existente entre todos.

Acohi Kulina é filho de Jodsino Kulina e Assarina Kulina. Ele nasceu e cresceu na aldeia Mapiranga (TI Kumaru), aldeia Jaci (Juruapuca) e cidade de Juruá. Conheço sua família desde 1996. Seu pai, Jodsino Kulina, é filho de Acora-Edmundo Kulina (*biro madija*, tucano araçari *madija*) e Simahi Kulina (*dsomaji madija*, onça *madija*). Acohi é bisneto de Omaco-Chico Cidade (por parte do avô paterno Acora-Edmundo) e bisneto de Dsajo-Samuel (por parte da avó paterna Simahi). Ele representa, como já vimos, a grande aliança entre esses dois subgrupos rivais. Contudo, essa aliança histórica requer ajustes e atualizações constantes. Acohi casou com Paco, filha de Tone e Hilda. Tone é filho de Oma e Toho (casal de idosos, moram na casa cinco, Igarapé do Índio) e bisneto de Dsajo-Samuel por via materna, pois Toho é filha de Deque. Hilda é filha de Ino e bisneta de Dsajo-Samuel por via materna, pois Ino é filha de Quirija (Quirija é filha de Dsajo-Samuel). Conta-se que os jovens eram recém-casados. Acohi deixou a casa dos pais (sua terra natal na aldeia Mapiranga) e passou a morar na casa dos sogros na aldeia Matatibem¹⁸². No entanto, o casamento não se consolidou. Havia muitos boatos em torno

¹⁸¹ Depoimento gravado em vídeo em 09/08/2024 16:34 VID_20240809_163142.mp4 451M 1080x1920px 02:58

¹⁸² Seguindo o padrão Kulina da regra de residência uxorilocal: os recém-casados moram na casa dos pais da noiva até o nascimento do primeiro filho.

do casal. Acohi teria se aborrecido com os constantes comentários em torno de sua esposa, fugindo para a floresta com uma corda e cometendo suicídio.

O episódio trouxe consequências diretas para as famílias envolvidas, não apenas com o luto pela perda do ente querido, mas também com o impacto na estrutura das relações entre as famílias, reacendendo conflitos antigos. Dessa maneira, a família de Tone esperou encerrar o ano letivo dos filhos (estudavam na escola na aldeia Matatibem) para partir para a aldeia Igarapé do Índio. Há grande possibilidade de Tone consolidar-se na aldeia Igarapé do Índio e assumir a chefia da aldeia, uma vez que é filho mais velho de Oma, e por ter aprendido a ler e a escrever durante os anos em que morou na aldeia Matatibem.

O pajé da aldeia Igarapé do Índio é Mana Kulina (casa quatro). Ele foi iniciado à pajelança com os mestres Kulina da aldeia Piau no município de Ipixuna-AM.

Os subgrupos predominantes na aldeia Igarapé do Índio são: *jarissi madija* (batata-doce *madija*), identificação do ancião e antiga liderança Oma; e *dsomaji madija* (onça *madija*), identificação da anciã e antiga liderança Toho (neta de Dsajo-Samuel).

Na aldeia Igarapé do Índio, há mulheres especialistas no trabalho com cerâmica: Toho (anciã, casa cinco) e Daima (filha de Toho, casa quatro). Elas costumam confeccionar fogões-fogareiros de cerâmica para uso próprio e para comercialização. Vendem fogareiros de diferentes tamanhos aos não indígenas. Os preços variam entre R\$ 20,00 (vinte reais) a R\$ 50,00 (cinquenta reais), de acordo com o tamanho.

A aldeia não tem escola e posto de saúde. As ações de saúde são desenvolvidas por uma equipe do DSEI-MRSA, que faz as visitas e o controle vacinal em um dia (“equipe vem, vacina e vai embora no mesmo dia”). A equipe que presta atenção em saúde a essa aldeia é deslocada desde o Polo Base Eirunepé-AM. Por isso, como visto antes, o local fica muito tempo sem os serviços supracitados. Em conversas com os moradores, conclui-se que os principais agravos em saúde são: gripe, pneumonia, diarreia, vômito e verminose. A parteira da aldeia é a anciã Toho Kulina, que costuma acompanhar as mães grávidas no momento do parto.

Em recente trabalho de campo (agosto/setembro 2024), registrei depoimentos dos Kulina sobre uma das operações violentas das frentes de expansão. Um grande número de “soldados” teria invadido o Igarapé do Índio. Os Kulina falam em “guerra”, confronto e morte. Desse evento, surgiu o nome do local, devido à quantidade de indígenas mortos. Muitos sobreviventes se refugiaram nas cabeceiras do igarapé, outros fugiram para distantes terras tradicionais. Com o passar dos anos, os Kulina desceram às

cabeceiras dos igarapés e voltaram a morar nos locais de residência antiga, próximos à foz do Igarapé do Índio.

De acordo com o ancião Dseca Kulina¹⁸³ (casa cinco, Gaviãozinho), os não indígenas deram o nome de Igarapé do Índio porque “morreram muitos índios”. Isso teria acontecido há muito tempo, no “período dos bisavôs”. Os soldados (*soldadodeni jine maittaccadsama*) atacaram a aldeia armados de espingarda, pois o “Igarapé do Índio era sempre lugar de Madija”:

[Marilena] Porque vai pra Manaus?

[Cossaro] Para conhecer. Porque tuxaua grande vai pra Manaus

[Dseca] Eles também levaram Chico Cidade porque eles tinham matado muito Madija. Ele também foi pra Belém, resolver lá e trouxe Funai. Aí chamaram seis policiais lá. Aí vieram pra Manaus e não deixaram matar índio mais não.

[...]

[Cossaro] Ele (Dseca) era novinho...

[Dseca] Meu tio, minha avó, eles moravam lá (no Igarapé do Índio)

[Marilena] Seu tio morava lá no Igarapé do Índio?

[Dseca] Foi.

[...]

[Genoveva] Comanedsa Madija dsoqquejaro Igarapé do Indiodsa? (tradução: Como foi a matança dos Kulina no Igarapé do Índio?)

[Cossaro] Sibatahui, idideni (tradução: Mataram muitos Kulina no tempo dos nossos avôs).

[Dseca] Sibatahui (tradução: Mataram muitos Kulina).

[Genoveva] Nejeco jine? (tradução: E por que mataram os Kulina?)

[Cossaro] Poama idi jadahui bote (tradução: Mataram à toa nossos antepassados).

[Genoveva] Carihuadeni jine, comanedsa? (tradução: Mas por que os não indígenas mataram os Kulina?)

[Dseca] Carihuadeni jine, soldado deni jine maittaccadsama, totodsa. Guerradsa (tradução: Há muito tempo os não indígenas mataram os Kulina com tiros de espingarda. Era o tempo da guerra de extermínio).

[Cossaro] Diz que faz tempo. Lá é lugar do Madija. Aí parece que o branco ele não gosta do índio. Aí ele matou um bocado de indígena. Lá no Igarapé do Índio. Aí depois o Dsajo-Samuel vieram pai dele, voltaram de novo, aí *carihua* (não indígena) não mexeu mais não. Aí ficaram lá de novo.

¹⁸³ Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 17:19 TimeVideo_20240820_171733.mp4 43,77MB 1280x720px 01:33.

[Tradução]

[Marilena] Porque vai pra Manaus?

[Cossaro] Para conhecer. Porque tuxaua grande vai pra Manaus

[Dseca] Eles também levaram Chico Cidade porque eles tinham matado muito Madija. Ele também foi pra Belém, resolver lá e trouxe Funai. Aí chamaram seis policiais lá. Aí vieram pra Manaus e não deixaram matar índio mais não.

[...]

[Cossaro] Dseca era novinho...

[Dseca] Meu tio, minha avó, eles moravam no Igarapé do Índio.

[Marilena] Seu tio morava lá no Igarapé do Índio?

[Dseca] Foi.

[...]

[Genoveva] Como foi a matança dos Kulina no Igarapé do Índio?

[Cossaro] Mataram muitos Kulina no tempo dos nossos avôs.

[Dseca] Mataram muitos Kulina.

[Genoveva] E por que os não indígenas mataram os Kulina?

[Cossaro] Eles mataram à toa nossos antepassados. Os Kulina não tinham feito nada contra eles.

[Genoveva] Mas por que os não indígenas mataram os Kulina?

[Dseca] Isso aconteceu há muito tempo. Os não indígenas mataram os Kulina com tiros de espingarda. Era o tempo da guerra de extermínio.

[Cossaro] Diz que faz tempo. Lá é lugar do Madija-Kulina. Os brancos não gostam de índio. Aí mataram um bocado de indígena lá no Igarapé do Índio. Aí depois o Dsajo-Samuel voltou de novo com o pai dele. Aí os não indígenas não mexeram mais e eles ficaram morando lá.



Foto nº 16: Dseca Kulina, ancião e liderança. Aldeia Gaviãozinho:22/08/2024
(Genoveva)

Casa 1	
Pai	Mãe
Aimore Culina	Boquini-Iracema Culina
Filho de Tiani-Antonio Culina ¹⁸⁴ e Sidi Culina ¹⁸⁵	Filha de Abo-Obo Culina ¹⁸⁷ e Maria Culina ¹⁸⁸ .
Data nascimento: 15/04/1975	Data nascimento: 12/07/1979

¹⁸⁴ O avô paterno de Aimore Jaimo-Raimundo Alexandre e a avó paterna Nanija-Manirra (filha de Dsajo-Samuel) nasceram no Igarapé do Índio. Jaimo e Nanija (avós paternos) estão sepultados na aldeia Piau. O pai de Aimore (Tiani Antonio Culina) é irmão de Ropi (mora na aldeia Matatibem, TI Ueré).

¹⁸⁵ A mãe de Aimore nasceu no igarapé Huessesse (igarapé do Baú). Ela é prima de Oma (casa 5). Oma falou que a mãe de Aimore (Sidi) é *ami onihí* dele (tradução literal: outra mãe). Isto é, Jamide é tia materna de Oma.

¹⁸⁷ Avós paternos: Abidao (M) e Ano (F). Avós maternos: Cacoda (M) e Majahua (F).

¹⁸⁸ Obo está sepultado na cidade de Eirunepé, Maria está sepultada no Igarapé do Baú.

Na Certidão de Nascimento consta nascido na aldeia Baú, município de Eirunepé ¹⁸⁶ . Primo do Oma (casa 5)	Nasceu na aldeia Piau ¹⁸⁹
Filhos do casal que moram na casa¹⁹⁰: - Obo Valdino Culina nasceu na cidade de Eirunepé, em 21/12/2014 - Bazilani Georgia Culina nasceu na aldeia Igarapé do Índio, em 02/02/2023. - Willian Culina nasceu na aldeia Quatro Bocas, em 15/04/2020 Na casa mora também o casal: - Neuza Cassiani Culina¹⁹¹ e seu esposo Bochi-Bahuai¹⁹² Junto com a tia materna mora também Zeca Kulina, adolescente, filho de Jidoni Kulina (irmão de Sedsi, casa 2) e de Huadie Kulina (irmã de Boquini).	
Total de pessoas que moram na casa: 8 pessoas, 2 famílias	

Casa 2	
Pai Sergio-Sedsi Culina	Mãe Lourdes-Rojodi Culina Filha de Arobe Culina e Marorri Culina

¹⁸⁶ Aimore e Toho (anciã) asseguram que ele nasceu na aldeia Igarapé do Índio. Os pais de Aimore acessaram o serviço público de registro civil quando estavam morando na aldeia Baú. O equívoco quanto ao local de nascimento de Aimore é atribuído às dificuldades de falar e entender português.

¹⁸⁹ Na Certidão de Nascimento, consta nascida na aldeia Piau. Entretanto, Boquini afirma que nasceu na aldeia do igarapé Huessesse.

¹⁹⁰ Os primeiros filhos do casal faleceram nos primeiros oito meses de vida, com vômitos e diarreias.

Tive acesso à Certidão de Óbito de Lario Culina. Ele é filho do casal, e faleceu com um ano de idade, em 31 de março de 2019 (motivo: afogamento). Não consta a data de nascimento.

¹⁹¹ Na Certidão de Nascimento, consta que Neuza Cassiani nasceu no dia 24/04/2007, na aldeia Piau-Ipixuna-AM. Entretanto, a mãe afirma que Neuza nasceu na aldeia do Igarapé do Baú.

¹⁹² Filho de Sergio-Sedsi (casa 2, Igarapé do Índio) e Moro Kulina (falecida). Moro Kulina é irmã de Luzia Kulina (mora na aldeia Três Barracas, casa 3). Não tive acesso à Certidão de Nascimento de Bochi.

Filho de Tonaiquina¹⁹³ Kulina e Rora Kulina Data nascimento: 15/01/1980 Nasceu no município de Itamarati-AM. Subgrupo <i>jarissi madija</i>.	Data nascimento: 24/02/1988
Pessoas que moram na casa: - Guiana Kulina nasceu na aldeia Piau, em 30/11/2007. É filho de Lourdes Culina e Edmilson-Madija Kulina. - Roberto Kulina nasceu em 18/01/2018. É filho de Irineu-Tessadi e Dsipa Kulina (Roberto é neto de Lourdes)	
Total de pessoas que moram na casa: 4 pessoas, 1 família	

Casa 3	
Pai Sarahui Kulina¹⁹⁴ Filho de Jidoni Kulina (falecido) e Huadie Kulina. Nasceu no Igarapé do Índio quando o “grupo local” habitava a aldeia Mari-Mari. Possui cerca de 20 anos de idade.	Mãe Baobina Kulina Filha de Mana Kulina e Daima Kulina. Nasceu na atual aldeia no Igarapé do Índio. Possui cerca de 18 anos de idade.
Total de pessoas que moram na casa: 2 pessoas, 1 família.	

¹⁹³ Tonaiquina é irmão de Oma (casa 5, Igarapé do Índio). Ele se identificava como *jarissi madija* (batata-doce *madija*). Tonaiquina, Ssiqui e Oma são filhos de Cossohi. Cossohi é natural do Jidodo-Ridodo, mas está sepultado na aldeia Mapiranga (TI Kumaru).

¹⁹⁴ Sobrinho paterno de Sedsi-Sérgio (casa 2) e sobrinho materno de Boquini-Iracema (casa 1)

Casa 4	
Pai Mana Kulina ¹⁹⁵ pajé Filho de Arobe Kulina e Maroje Kulina Adulto	Mãe Daima-Leni Kulina ¹⁹⁶ Filha de Zezinho-Oma Kulina e Raimunda-Toho Kulina Adulto
Filhos que moram na casa: - Huaracaisa Kulina (F) – jovem - Huenija Kulina (F) – criança - Tossi Kulina (F) – criança - Comino (M) – criança	
Total de pessoas que moram na casa: 6 pessoas, 1 família	

Casa 5	
Pai Oma-Zezinho Kulina ¹⁹⁷	Mãe Toho-Raimunda Kulina

¹⁹⁵ Durante o período da pesquisa de campo, a família estava viajando para a cidade de Itamarati-AM, para receber benefício do Programa Bolsa Família. Os dados foram fornecidos por Lucimar-Lucineide Kulina, irmã de Daima-Leni.

¹⁹⁶ Huatiani Kulina é filha de Daima-Leni com Aro-Aroldo, e mora na aldeia Matatibem (TI Ueré).

¹⁹⁷ Oma se identifica como *jarissi madija* (batata-doce *madija*).

São irmãos do Oma:

- Tonaquina-Raimundo (falecido, esposa da Rora, casa 4, Três Barracas);
- Ssiqui-Chiquinho, mora na casa 7, Gaviãozinho;
- Joji-Jurandir, mora na TI Ueré;
- Bera (F), falecida. Era casada com Coero (filho da Deque, mora atualmente na TI Ueré).

Filho de Cosuhui Julhio Ponciano e Ramide Nair Kulina¹⁹⁸. Data nascimento: 10/12/1945. Nasceu no Igarapé Huessesse	Filha de Misaini Juvenal Kulina e Deque Antonia Kulina¹⁹⁹. Nasceu em 04/04/1964 no Igarapé do Índio na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi (seu filho²⁰⁰) (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio)
Pessoas que moram na casa: - Zabissu Elsimar Kulina²⁰¹ nasceu em 30/9/2013. É filho de Tesadi Irineu Kulina e Deke Kulina. Na casa mora também o casal: Ssipi-Mariana-Mariquinha Kulina, filha de Zezinho-Oma e Raimunda-Toho (nasceu em 3/4/2002 no município de Carauari²⁰²); e Mono Kulina, filho de Dahora Kulina (falecido) e Caba Kulina (falecida). Jovem.	
Total de pessoas que moram na casa: 5 pessoas, 2 famílias	

Casa 6	
Pai Tesadi Irineu Kulina Filho de Oma-Zezinho Kulina e Toho-Raimunda Kulina.	Mãe Maria Irene Kulina (Nega) Filha de Sergio-Sedsi Kulina e Moro Kulina²⁰³.

¹⁹⁸ São avós paternos: Acoca Raimundo Ponciano Kulina e Huarro Maria Kulina. São avós maternos: Poriar Julhio Kulina e Huacarri Daiana Kulina.

¹⁹⁹ São avós paternos: Barroni Francisco Kulina e Raiza Darli Kulina. São avós maternos: Zarro Ozarias Kulina e Ssopani Nonata Kulina.

²⁰⁰ Prática cultural condizente com a cosmologia Kulina. As aldeias-roçados-cemitérios são locais de sepultamentos. Possuem relevância simbólica porque são rotas de acesso ao patamar subterrâneo (*nami bodi*)

²⁰¹ Neto de Oma-Zezinho e Toho-Raimunda.

²⁰² Mariana nasceu na comunidade não indígena Soriano Velho de acordo com depoimento da mãe Toho.

²⁰³ São avós paternos: Tonakina Raimundo Kulina e Rurah Fátima Kulina. São avós maternos: Nanura Kulina e Amoshe Kulina.

Data nascimento: 05/05/1997 Nasceu no Igarapé do Índio, na antiga aldeia Mari-Mari.	Data de nascimento: 05/06/2008. Nasceu na aldeia Cacau
Filhos do casal: - Gabriel Leno Kulina nasceu em 03/06/2022 na aldeia Igarapé do Índio. Pessoas que moram na casa: - Atori Totonho Kulina é filho de Bassi (falecido) e Padso (falecida). Ele nasceu na aldeia Jurandir, abaixo da boca do Triunfo, abaixo do Cacau (é sobrinho de Maria Irene)²⁰⁴. Tem cerca de dez anos. - Mano Kulina é filha de Bobi Kulina (falecido, assassinado quando estava bêbado) e Camina Kulina. A mãe dela casou com outro Kulina. Ela não tem parentesco com Irineu ou Oma²⁰⁵. É adolescente (cerca de 12 anos)	
Total de pessoas que moram na casa: 5 pessoas, 1 família	

Casa 7	
Pai Zere Kulina Filho de Sseto Kulina e Maca Kulina Data nascimento: 10/04/1996 Nasceu no Seringal Penedo-Ipixuna-AM	Mãe Roni Miraselma Kulina Filha de Oma-Zezinho Kulina e Toho-Raimunda Kulina. Data de nascimento: 05/03/1993 Nasceu na aldeia Mari-Mari, TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
Filhos do casal que moram na casa:	

²⁰⁴ O pai faleceu e a mãe suicidou-se. Tem cinco irmãos. Os outros irmãos ficaram com a avó. Atori veio morar na aldeia Igarapé do Índio no inverno de 2023 (situação de vulnerabilidade).

²⁰⁵ Oma a convidou para morar na aldeia Igarapé do Índio porque estavam batendo nela na cidade de Eirunepé (situação de vulnerabilidade). Entretanto, ela não tem nenhuma relação de parentesco com Oma.

- Hadawi João Kulina²⁰⁶, nasceu em 11/12/2022 na aldeia Igarapé do Índio - Sarawi Lucas Kulina, nasceu em 05/11/2022 na aldeia Igarapé do Índio
Total de pessoas que moram na casa: 4 pessoas, 1 família.

Casa 8²⁰⁷	
Pai	Mãe
Rivaldo Barros da Silva (Peba) – não indígena Filho de Osvaldo Gomes da Silva e Maria Alves de Barros²⁰⁸ Data nascimento: 02/04/1986 Nasceu no Seringal Cubio – Itamarati-AM	Lucineide-Lucimar Kulina da Silva Filha de Oma-Zezinho Kulina e Toho-Raimunda Kulina. Data do nascimento: 01/01/1984 Na certidão de nascimento consta que Lucineide nasceu no Seringal Taoca, mas Toho afirma que ela nasceu em Pauini²⁰⁹.
Filhos do casal que moram na casa: - Lucivania-Midsori Kulina da Silva nasceu em 12/08/2006 na aldeia Matatibem (TI Kulina do Rio Ueré)²¹⁰. - Adriano Kulina da Silva nasceu em 15/01/2010 na aldeia Igarapé do Piranha (Igarapé do Índio).	

²⁰⁶ Recebeu a primeira parcela do benefício do programa Bolsa família do Hadawi. Sarawi ainda não está cadastrado no programa Bolsa Família. A família pretende receber auxílio maternidade (pelo nascimento de Sarawi).

²⁰⁷ Rivaldo-Peba e Lucineide-Lucimar disseram que retornarão à aldeia Igarapé do Índio assim que o poder público fornecer o serviço de educação escolar para a comunidade. Eles afirmaram que estão morando no rio Juruá para que os filhos frequentem a escola e assim o Benefício não seja bloqueado.

²⁰⁸ São avós paternos: Manoel Gomes da Silva e Maria Luiza Gomes. São avós maternos: Alcemide Alves de Barros e Raimunda Alves.

²⁰⁹ Gravado depoimento em vídeo.

²¹⁰ Na Certidão de Nascimento, consta que Midsori é filha de Rivaldo-Peba. Entretanto, ela é filha biológica de Aro-Aroldo (falecido-assassinado e sepultado no Lago do Sacado, Igarapé do Índio).

- Camila Kulina Barros nasceu em 06/07/2012 na cidade de Eirunepé-AM.
- Maria Kulina da Silva nasceu em 14/02/2016 na aldeia Igarapé do Índio.
- Maria José Kulina da Silva nasceu em 26/06/2019 na aldeia Igarapé do Índio.
- Raimunda Kulina da Silva nasceu em 20/12/2021 na cidade de Eirunepé.

Total de pessoas que moram na casa: 8 pessoas, 1 família

5.2 População, famílias e residências na aldeia Três Barracas

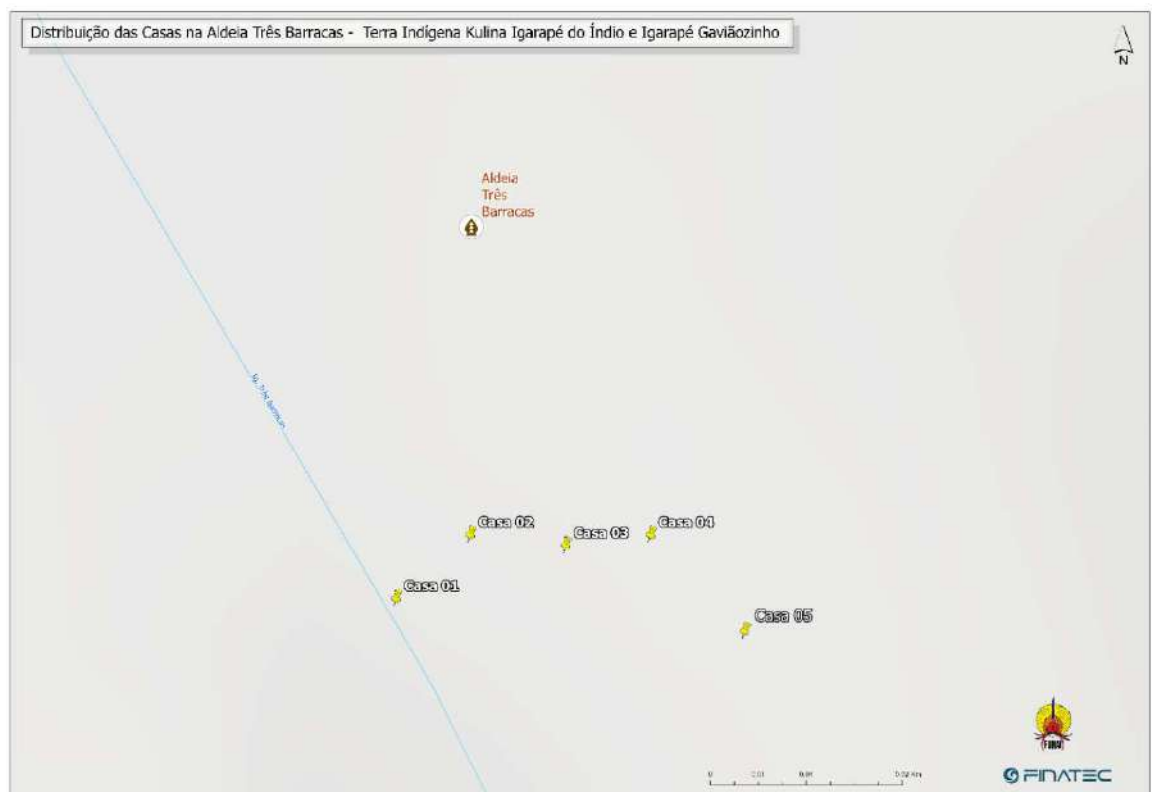


Figura nº 15: Croqui aldeia Três Barracas (Frota, 2025)

Descrição da aldeia Três Barracas

A aldeia está localizada em uma área inundável (igapó), mas nem todos os anos a água invade o terreiro da aldeia. Devido a isso, não há interferência na preferência dos Kulina. Ali, eles têm garantido acesso a água de qualidade no verão (extraída diretamente

do igarapé Três Barracas) e, por outro lado, moram próximo ao lago Veneza. O acesso ao lago Veneza no inverno é feito através de canoas pelo igapó, enquanto, no verão, é necessário fazer uma caminhada de cerca de 25 minutos pelo varadouro. A proximidade com o lago Veneza lhes permite acesso a bons locais de pesca, e também facilita as ações de monitoramento e vigilância da TI. O lago é o local onde há uma maior pressão de invasores não indígenas que adentram a TI para pescar ou para acessar o alto curso do Igarapé do Gaviãozinho (onde empreendem atividades de pesca e caça predatória).

A aldeia Três Barracas possui membros dos subgrupos *dsomaji madija*: onça *madija* (Luzia, casa três); *jarissi madija*: batata-doce *madija* (Evaldo, casa três); *biro madija*: tucano araçari *madija* (Dsiquija, casa 5); e *dsohuiji madija*: macaco-prego *madija* (Rora, casa 4). O tuxaua da aldeia Três Barracas é Evaldo (casa 3) e o segundo tuxaua é Equene-Rosineide (casa 5)²¹¹. A aldeia não tem escola e posto de saúde. As ações de saúde são desenvolvidas por uma equipe do DSEI-MRSA, e está relacionada ao Polo Base Morada Nova, localizado na TI Deni do rio Xerua. Por isso, as ações são esporádicas e sem data fixa. Durante alguns meses do ano, é possível que a aldeia fique mais de um mês sem os serviços de saúde. Por exemplo, na época do trabalho do GT, havia mais de um mês que a equipe de saúde não visitava o local. A falta de acesso aos serviços básicos de saúde reflete a situação da idosa Rora (casa quatro), que está debilitada, com dores nas articulações e dificuldades de locomoção. Há também uma criança com desenvolvimento motor não correspondente à faixa etária, que necessita de avaliação com especialista (filha de Bedi-Marcos e Cidinha-Rosa, casa dois).

Atualmente, os Kulina ressaltam a existência da aldeia Três Barracas a partir da reocupação do lugar por Tonaiquina-Raimundo, embora a região seja terra tradicional de moradia histórica. Outras famílias Kulina já haviam habitado o local. Por exemplo: no dia 23 de dezembro de 2024, em conversa por telefone com Jodsino Kulina (filho de Acora-Edmundo e Simahi), ele me contou que morou na região do Três Barracas e Lago Veneza com o pai. Inclusive, estaria morando na região quando faleceu Equene Velho. Jodsino também deu detalhes minuciosos do varadouro que conecta as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho, antes mesmo de que eu o perguntasse (relembrando que Soares

²¹¹ Na aldeia Três Barracas não tem pajés. Quando necessitam de tratamento se dirigem a aldeia Gaviãozinho.

e Mochiizawa registraram a família de Acora-Edmundo-Acora morando no lago Veneza em 1996)²¹².

A seguir, apresento o depoimento gravado em vídeo do tuxaua-liderança da aldeia Três Barracas Evaldo Kulina²¹³.

[Evaldo] Nemaonehe occa nijaro, aba na jiquema nahui, ajijaro coridsadsa (lago Veneza).

[Cossaro] Ajidsa ne titta nahuidsaja huati nani tohui.

[Evaldo] Dajoni tocca pamedsimani. Najaro aba na jiquema nahui tohui (alguém fala: “tattini huaje bama battani que na casoeira ccade”). Tattini huaje bama battani (tocodso naco). Najiquemanahui jidapana ajijaro coridsa naqui, jidapana ani placa nahuato aninani, Reserva huajine najaro.

Huidsaja naqui occajini ajidsa. Huidsaja, occa huidsaja dsati. Huidsaja dsati, aniji. Ejedenidenicca naqui aniridsani, ppatani, badsima.

Najaro idsamassa onihi Itamarati occanidsa naqui. Ajijaro, ajacajari naco Quirisi chefe nahui abari. Anihui taracahui ajimainani ajidsa.

[Tradução]

[Evaldo] O que eu tenho para falar é o seguinte: está acabando os nossos peixes no Lago Veneza.

[Cossaro] Senta mais perto para você falar melhor.

[Evaldo] Duas canoas de branco subiram o igarapé. Os brancos estão acabando com os nossos peixes (alguém fala: “Lá pra cima pegaram muito pacu na malhadeira e deixaram apodrecer”). Lá para cima (igarapé do Gaviãozinho) deixaram os pacus podres e também mataram jacaré açu. Agora que vai sair a demarcação queremos uma placa no lago Veneza indicando que é lago de reserva. Lago para preservação dos peixes.

Eu tenho roçado de um ano (produzindo) e tenho roçado novo para plantar. Todos nós da aldeia Três Barracas temos roçados. Nossos filhos também farão roçados. Nesses dias iremos para a cidade de Itamarati (receber a aposentadoria da esposa Luzia).

Casa 1	
Pai	Mãe

²¹² Soares e Mochiizawa (1997) afirmam que Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e sua esposa Simahi (filha de Dsajo-Samuel) visitaram os parentes na aldeia Cumaru em 1997, mas estavam morando no Lago “Veneza”, na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho (dados de campo realizado em 1996).

²¹³ Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 13:23 TimeVideo_20240818_132217.mp4 45,67MB 1280x720px 01:37

Azuhani-Alcool Filho de Evaldo Kulina²¹⁴ e Luzia Kulina Data nascimento: 21/04/1998 Nasceu na aldeia Gaviãozinho, mas na Certidão de Nascimento consta Dejedé (comunidade localizada do outro lado da cidade de Itamarati-AM)²¹⁵.	Ppete Kulina Filha de Boradia Culina e Topini Culina²¹⁶. Data de nascimento: 08/06/2000 Nasceu na aldeia Bem-ti-vi – Ipixuna-AM
Pessoas que moram na casa: - Kina Kulina é filha de Cohue Kulina e Ppete Kulina. Nasceu em 17/09/2017 no município de Ipixuna-AM. - Luzia Kulina é filha de Azuhani-Alcool Kulina e Ppete Kulina. Nasceu em 06/10/2020 na comunidade Dejedé, Ipixuna-AM. - Maku Kulina é filho de Azuhani-Alcool Kulina e Ppete Kulina. Nasceu em 25/05/2022 na aldeia Três Barracas.	
Total de pessoas que moram na casa: 5 pessoas, 01 família	

Casa 2	
Pai Bedi-Marcos Kulina Filho de Makoana Kulina e Luzia Kulina Adulto (cerca de 25 anos)	Mãe Cidinha-Rosa Kulina²¹⁸ Filha de Ssaco Kulina e Dita Kulina. Adulto (cerca de 20 anos)

²¹⁴ Pai biológico é Makoana Kulina.

²¹⁵ Eles explicaram que o atendente do Cartório disse que não era possível registrar Gaviãozinho.

²¹⁶ Pais moram na aldeia Penedo. São avós paternos: Ssopa Culina (falecido) e Quima Culina (mora na aldeia Penedo). São avós maternos: Rripapi Kulina (falecido) e Ara Culina (mora na aldeia Penedo).

²¹⁸ A família não recebe o benefício do Programa Bolsa Família.

Nasceu na aldeia Gaviãozinho ²¹⁷	Nasceu na aldeia Todaro, acima da cidade de Eirunepé. É irmã de Mariquinha-Huesse (casa 2-aldeia Gaviãozinho)
Filha do casal que mora na casa: - Dsinija nasceu na aldeia Três Barracas (tem cerca de dois anos) ²¹⁹ .	
Total de pessoas que moram na casa: 3 pessoas, 1 família	

Casa 3	
Pai Evaldo Kulina ²²⁰ Filho de Tonaquina Kulina e Rora Kulina. Data de nascimento: 12/08/1987 . Nasceu na aldeia Gaviãozinho. Quando o pai veio morar na aldeia Três Barracas ele tinha cerca de quatro anos de idade: estima-se que isso ocorreu por volta do ano 1991 (ano de fundação da aldeia Três Barracas)	Mãe Luzia Kulina Filha de Narrura Kulina ²²¹ e Amueshe Kulina Data de nascimento: 13/08/1978 Na certidão de nascimento, consta que ela nasceu em Itamarati-Am, mas Luzia afirma que nasceu na aldeia Gaviãozinho ²²² . Irmã de Rosineide-Equene (casa 5).
Pessoas que moram na casa:	

²¹⁷ A família possui registros civis. Todavia, não estava com os documentos (deixaram na cidade de Itamarati). A família não está cadastrada no Programa Bolsa família.

²¹⁹ Apresenta quadro de desenvolvimento motor tardio em relação à idade. Não senta, não fica em pé e não fala.

²²⁰ É irmão de Sedsí (casa 2, Igarapé do Índio)

²²¹ Narrura Kulina está sepultado na cidade de Tefé-AM. São avós paternos: Equene Kulina (sepultado na margem do Lago Veneza) e Luzia Kulina (sepultada na cidade de Eirunepé). São avós maternos: Jore e Codidsa Kulina. Amueshe foi sepultada na cidade de Itamarati-AM.

²²² Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 11:09 TimeVideo_20240818_110927.mp4 6,77MB 1280x720px 00:14 na aldeia Três Barracas.

- Zahahah Ziquita Kulina é filha de Makoana Kulina e Luzia Kulina. Ela nasceu em 01/01/1993 na aldeia Três Barracas²²³. - Severo Kulina é filho de Evaldo Kulina e Luzia Kulina, nascido em 22/08/2014 na aldeia Gaviãozinho.
Total de pessoas que moram na casa: 4 pessoas, 1 família

Casa 4
Mãe Rora Kulina Idosa Filha de Ssohua Kulina e Ssina Kulina²²⁴ Nasceu no Jidodo-Ridodo. Não sabe quanto anos tem (perdeu todos os documentos)²²⁵. Chegou aos seis anos na aldeia Gaviãozinho: “ficou moça, casou e ficou velha aqui”²²⁶
Pessoas que moram na casa: - Toho-Maria Antonia Kulina²²⁷ é filha do Sergio-Sedsi e de Moro Kulina. Ela nasceu em 10/03/2002 na aldeia Mari-Mari (Igarapé do Índio).

²²³ Foto digital da Certidão de Nascimento de Zahahah consta nascida na aldeia Três Barracas em 01/01/1993. Comprova habitação permanente.

²²⁴ Informações da anciã Siteri-Madalena (mora na TI Rio Ueré).

²²⁵ Aposentada, mas sem acesso ao benefício. Todos os seus documentos foram perdidos no evento do afogamento na balsa em Eirunepé. No episódio, faleceu seu esposo Tonaiquina, seu filho Dahora, a esposa de seu filho Caba e o rapaz Dsomaji (único que apareceu o corpo). Rora está com dificuldades de locomoção. Mora com a neta ao lado da casa do filho Evaldo (casa 3, chefe da aldeia Três Barracas).

²²⁶ Gravado depoimento em vídeo (apresentado na Quinta Parte).

²²⁷ Nome é Toho porque Toho, esposa de Oma, foi a parteira.

- Samuel Kulina tem cerca de sete anos de idade. É filho de Toho-Maria Antonia Kulina; - Macconi é filha de Toho-Maria Antonia Kulina. Tem um ano²²⁸. - Dsihuini Kulina é filha de Edimar Kanamari e Iraco Kulina. Tem 17 anos²²⁹.
Total de pessoas que moram na casa: 5 pessoas, 1 família

Casa 5	
Pai	Mãe
Rosineide-Equene Kulina ²³⁰	Dsiquija Kulina
Filho de Najora (Marora-Petronio) e Amoesse Kulina.	Adulto
Adulto	Filha de Gorosso Kulina e Huesse Kulina
Nasceu na cidade de Juruá-AM	Nasceu na aldeia Campina (TI Kumaru do Lago Ualá-Juruá-AM)
Filhos do casal que moram na casa: - Toneri Kulina²³¹ tem 12 anos. Ele nasceu no Lago Veneza, Igarapé Gaviãozinho - Pedro Kulina tem quatro anos. Ele nasceu na aldeia Três Barracas.	
Total de pessoas que moram na casa: 4 pessoas, 1 família	

²²⁸ Não tive acesso às certidões de nascimento dos filhos de Toho ou a qualquer documento de Rora.

²²⁹ Não tive acesso à documentação de Dsihuini. Ela é filha adotiva de Rora. A mãe biológica de Dsihuini é Iraco. Ela atualmente está casada com um Kanamari e mora na comunidade São João.

²³⁰ São avós paternos: Equene Kulina (sepultado na Lago Veneza-Igarapé do Gaviãozinho) e Luzia (falecida, sepultada na cidade de Eirunepé). São avós maternos: Jore Kulina e Codidsa Kulina. Não tive acesso à documentação da família.

²³¹ É filho biológico de um irmão de Equene-Rosineide.

5.3 População, famílias e residências na aldeia Gaviãozinho



Figura nº 16: Croqui da aldeia Gaviãozinho (Frota, 2025)

Descrição da aldeia Gaviãozinho

Os tuxauas da aldeia Gaviãozinho são Quirisi (casa 3) e Reirei (casa 5). Os pajés são Quirisi (M; casa 3), Irewahi (M; casa 6), Porainom (M; casa 2) e Amassa (F; casa 2). Todos possuem duas especialidades xamânicas: são xamãs *marinahua* (detêm o conhecimento do feitiço das folhas-*bebe*, relacionado ao ritual do *rami*) e são, também, xamãs *dsoppineje* (conhecem o feitiço do *dori* – pedra de feitiço, relacionado ao ritual do *tocorime*).

Na madrugada do dia 23 de agosto de 2024, durante a realização do ritual do *Ajihe*, Docoroma (filho adotivo de Nomija, casa 7) passou mal e caiu com dores de barriga. Nomija gritou por socorro dizendo que seu filho estava morrendo. Os pajés Porainom, Amassa, Quirisi e Irewahi retiraram o feitiço *dori* de Docoroma, que logo melhorou.

Na aldeia Gaviãozinho, encontramos membros dos subgrupos *dsomaji madija* – onça *madija* (Porainom, Quirisi); *jomo madija* – macaco preto *madija* (Amassa); *dsohuiji madija* – macaco prego *madija* (Irewahi); e *biro madija* – tucano araçari *madija* (Dseca).

As idosas Amassa (casa 2) e Nomija (casa 7) são as parteiras que geralmente acompanham as mulheres da aldeia na hora do parto. Amassa também é artesã e domina a técnica ancestral de tecer redes de algodão.

Na aldeia, houve a tentativa de construção de uma escola, mas apenas serraram as tábuas para a construção – as quais ficaram abandonadas e, hoje, estragam à margem do caminho do roçado.

A aldeia não possui posto de saúde e nem equipe de saúde residente de modo permanente. Os serviços são prestados através da equipe do Polo Base Morada Nova (TI Deni do rio Xeruã). Vale ressaltar que tanto Gaviãozinho como as demais aldeias pertencem ao DSEI-MRSA, que possui sua sede na cidade de Tefé-AM. Na ocasião do trabalho de campo, encontramos um paciente (Macao, casa 2) diagnosticado com tuberculose. Ele estava extremamente debilitado e tossia muito. Macao compartilha dormitório com dois idosos e outras três pessoas, sendo filho adotivo de Poraimom e Amassa, que nos informaram que sua medicação havia acabado²³². Na mesma casa, reside Huassa-Mariquinha (casa 2), que se encontrava com sérios problemas dentários: tinha o rosto inflamado e o dente estava fragmentando-se aos poucos.

Casa 1 ²³³	
Pai	Mãe
Corari Kulina	Roja Kulina
Pai Najora Kulina e Rojama	Adulto
Kulina	
Adulto	
Filhas do casal que moram na casa:	
- Erenice Kulina – adulta.	

²³² Esse GT teve acesso ao laudo que comprova que o paciente foi diagnosticado com tuberculose. No laudo consta que o paciente deve ser acompanhado no retorno a aldeia para fazer uso da medicação até o mês de setembro de 2024. O GT chegou em 20 de agosto de 2024, na aldeia Gaviãozinho, e Macao já estava sem a medicação (cópia do laudo consta nos Anexos desse relatório).

²³³ Na ocasião da pesquisa de campo, a família se encontrava na cidade de Itamarati-AM. Obtive os dados com os parentes que moram na aldeia Gaviãozinho.

- Jona Kulina – adulta. Outras pessoas que moram na casa: - Tomiqui Kulina é filho de Tone Kulina²³⁴ e Jona Kulina (adolescente). - Sapapa Kulina é filha de Tone Kulina e Jona Kulina (adolescente). Mora na residência também o casal Edna Kulina (filha de Corari e Roja) e Paru Deni. E os filhos: Moquiri Kulina (criança), Orinani Kulina (criança) e um bebê.
Total de pessoas que moram na casa: 11 pessoas, 2 famílias

Casa 2	
Pai Porainom Kulina Filho de Bizeho Calila Kulina e Pipita Kulina Data do nascimento: 20/02/1949²³⁵ Nasceu na aldeia Gaviãozinho Liderança, antigo tuxaua e pajé (<i>dsoppineje e marinahua</i>: feitiço dori-pedra e do <i>bebe</i>-folha)	Mãe Amassa Kulina Filha de Dorani Kulina²³⁶ e Roha Kulina Data de nascimento: 11/10/1953 Nasceu em Carauari-AM Liderança antiga e pajé (<i>dsoppineje e marinahua</i>: feitiço dori-pedra e do <i>bebe</i>-folha)
Filho do casal que mora na casa: - Macao Kulina nasceu 01/08/2007²³⁷. Outras pessoas que moram na casa: - Raira Kulina é filho de Anama Kulina (neto de Porainom e Amassa). Tem cerca de sete anos.	

²³⁴ Corari morava na aldeia Mapiranga na TI Kumaru do Lago Ualá até 2016.

²³⁵ Porainom Kulina nasceu em 20/02/1949, na aldeia Gaviãozinho.

²³⁶ São avós paternos: Haconi Kulina e Amassa Kulina. Avós maternos não declarados.

²³⁷ Paciente diagnosticado com tuberculose.

Na residência, mora também o casal: - Dsohuiji-Rovi e sua esposa Huesse-Mariquinha. Dsohuiji-Rovi Madija Kulina nasceu em 30/03/2002 na aldeia Gaviãozinho. É filho de Socorro Kulina (neto de Porainom e Amassa). - Huesse-Mariquinha é filha de Ssaco Kulina e Dita Kulina. Nasceu na aldeia Torre da Lua, Ajitini (TI Kulina do Médio Juruá). É irmã de Rosa-Cidinha (casa-2, aldeia Três Barracas). Jovem.
Total de pessoas que moram na casa: 6 pessoas, 2 famílias

Casa 3	
Pai Quirisi Zezinho Kulina²³⁸ Filho de Porainom Kulina e Amassa Kulina Data nascimento: 01/01/1980²³⁹ Nasceu na aldeia Gaviãozinho	Mãe Anari Kulina²⁴⁰ Filha de Racora Manoel Kulina e Amarra Kulina Data nascimento: 01/01/1980²⁴¹ Nasceu na aldeia Gaviãozinho
Moram na residência também o casal e seus filhos²⁴²: Ssaco-Celso Kulina (filho de Quirisi e Anari; adulto) e sua esposa Iraco Kulina (filha de Dseca e Joni – casa 5, aldeia Gaviãozinho): - Naisa (F) – cinco anos; - Tini (M) – três anos.	
Total de pessoas que moram na casa: 6 pessoas, 2 famílias	

²³⁸ O casal tem um filho rapaz chamado José Leonardo-Riona. Ele mora na aldeia Matatibem (TI Ueré) com o avô Dahora Kulina.

²³⁹ Quirisi Zezinho Kulina nasceu em 01/01/1980, na aldeia Gaviãozinho.

²⁴⁰ Anari tem outro filho rapaz de nome Reona-José Leonardo que está para a aldeia Matatibem (TI Ueré) morando com o avô Dahora Kulina.

²⁴¹ Anari Kulina nasceu em 01/01/1980, na aldeia Gaviãozinho.

²⁴² No momento da pesquisa, o casal e os filhos estavam visitando parentes na TI Deni no rio Xeruã.

Casa 4	
Pai Marianu Hava Deni Filho de Zemu Antonio Hava Deni e Kina Alzira Varasha Deni²⁴³ Data do nascimento: 8/2/1995. Nasceu na aldeia Terra Nova (TI Deni-rio Xeruã) em Itamarati-AM	Mãe Morato Madija Kulina Filha de Dseca Madija Kulina e Joni Madija Kulina. Data nascimento: 1/1/1990. Nasceu em Itamarati-AM.
Filhos do casal que moram na residência: - Tikuna Hava Deni nasceu em 20/12/2019 na aldeia Itaúba (TI Deni-rio Xeruã); - Vazubi Hava Deni nasceu em 14/04/2022 na aldeia Itaúba (TI Deni-rio Xeruã).	
Total de pessoas que moram na casa: 6 pessoas, 1 família	

Casa 5	
Pai Dseca Madija Kulina Filho de Camaidso Madija Kulina e Ajibora Madija Kulina²⁴⁴ Data nascimento: 10/11/1947 Nasceu no Igarapé Porto Rico, Cruzeiro do Sul-AC.	Mãe Joni Madija Kulina²⁴⁵ Filha de Maccohuessi Madija Kulina e Arasso Madija Kulina Data nascimento: 29/05/1967 Nasceu na TI Deni (rio Xeruã)

²⁴³ São avós paternos: Ashiani Moacir Makuvi Deni e Shikarima Hava Deni. São avós maternos: Huhini Martin Kulina e Vanaharu Vanasha Deni.

²⁴⁴ Avós maternos: Omaco Madija Kulina e Isohuana Madija Kulina. Avós paternos: Aquido Madija Kulina e Jesseco Madija Kulina (neto de Dsajo-Samuel).

²⁴⁵ Joni Madija Kulina é sobrinha e filha adotiva de Noje Madija Kulina (mora TI Kumaru).

Filho do casal que moram na residência: - Acridso Madija Kulina nasceu na aldeia Morada Nova (TI Kumaru do Lago Ualá). Jovem. Netas do casal que moram na residência: - Juliana Madija Kulina é filha de Morato Madija Kulina. Ela nasceu na aldeia Beiradão (TI Kumaru do Lago Ualá). Adolescente. - Adriana Madija Kulina é filha de Morato Madija Kulina. Ela nasceu em 01/09/2011 na aldeia Morada Nova (TI Kumaru do Lago Ualá). Na residência também mora o casal Reirei e sua esposa Dsaho-Angélica: Reirei Madija Kulina (filho de Dseca e Joni) nasceu em 20/06/1991 na aldeia Cumaru (TI Kulina do Lago Ualá). Dsaho-Angelica Kulina da Silva é filha de Rivaldo Barros da Silva e Lucimar-Lucineide Kulina (casa 08-Igarapé do Índio). Ela nasceu dia 15/04/2008 na aldeia Igarapé do Índio. O casal tem uma filha: Huni Madija Kulina, que nasceu em 26/10/2023, em Itamarati-AM.
Total de pessoas que moram na casa: 8 pessoas, 2 famílias

Casa 6	
Pai Irewahi Kulina Sappa Kulina e Quiama Kulina²⁴⁶ Nasceu na aldeia Medonho (TI Kulina Médio Juruá) Adulto	Mãe Boconi Madija Kulina²⁴⁷ Filha de Dseca Madija Kulina e Anahi Madija Kulina Data nascimento: 11/06/1984

²⁴⁶ São avós maternos: Siara Kulina e Jabono Kulina.

²⁴⁷ Noemi Kulina, filha de Boconi Madija Kulina, casou com um Deni e mora na aldeia Terra Nova (TI Deni – rio Xeruã)

	Nasceu na aldeia Morada Nova (TI Kumaru do Lago Ualá).
Filhos do casal que moram na casa: - Rassi Madija Kulina (M) nasceu em 29/09/2013 na cidade de Juruá-AM; - Nauzar Madija Kulina (F) nasceu em 7/06/2016 em Tefê-AM;	
Total de pessoas que moram na casa: 4 pessoas, 1 família	

Casa 7	
Pai Jodso Kulina Filho de Ssiqui Kulina e Iraco Kulina Adulto	Mãe Mariza Filha de Rosineide-Equene Kulina e Anari Kulina²⁴⁸ Adulta
Filhos do casal que moram na casa: - Baba Kulina sete anos - Samira Kulina dez anos. Pessoas que moram na casa: - Nomija-Tereza Madija Kulina é filha de Siara Kulina e Jabono Kulina. Ela nasceu em 01/07/1940 na aldeia Jidodo (Igarapé Grande)²⁴⁹. - Ssiqui é filho de Cosuhui Julhio Ponciano e Ramide Nair Kulina. Ele é irmão de Oma-Zezinho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio)²⁵⁰. Idoso.	

²⁴⁸ Mariza Kulina é filha adotiva de Nomija. No momento da pesquisa de campo (agosto/setembro 2024), ela estava trabalhando em um roçado na localidade Furo Preto, acima de Itamarati-AM.

²⁴⁹ Siara é filho de Aquido, portanto Nomija é bisneta de Dsajo-Samuel.

²⁵⁰ No momento da pesquisa (agosto/setembro 2024), Ssiqui não estava na aldeia. Ele estava em tratamento de saúde na cidade de Itamarati-AM.

- Misso-Docoroma tem 12 anos. Ele é filho de Dsaniha Madija Kulina ²⁵¹ e Mariza Kulina
Total de pessoas que moram na casa: 7 pessoas, 1 família

Pessoas nascidas na aldeia Gaviãozinho, antes da década de 1980, com dado registrado na Certidão de Nascimento²⁵²:

- ✓ Porainom Kulina (casa dois, Gaviãozinho), filho de Bizeho Calila Kulina e Pipita Kulina. Nasceu em 20/02/1949, na aldeia Gaviãozinho.
- ✓ Quirisi Zezinho Kulina (casa três, Gaviãozinho), filho de Porainom Kulina e Amassa Kulina. Nasceu em 01/01/1980, na aldeia Gaviãozinho.
- ✓ Anari Kulina (casa três, Gaviãozinho), filha de Racora Manoel Kulina e Amarra Kulina. Nasceu em 01/01/1980, na aldeia Gaviãozinho

Quadro Demonstrativo Aldeia Igarapé do Índio²⁵³ agosto/setembro 2024				
Residência	Nome do casal	Quantidade/Pessoas	Quantidade/Famílias	Renda externa
Casa 01	Aimore e Boquini	08	02	Bolsa Família Bloqueado ²⁵⁴
Casa 02	Sérgio e Lourdes	04	01	Bolsa Família Bloqueado
Casa 03	Sarahui e Baobina	02	01	Não tem filhos
Casa 04	Mana e Leni	06	01	Bolsa Família
Casa 05	Oma e Toho	05	01	02 aposentados

²⁵¹ Dsaniha Madija Kulina mora na aldeia Beiradão (TI Kumaru).

²⁵² Depoimentos em vídeos, transcritos e apresentados na Quinta Parte desse relatório.

²⁵³ Levantamento feito por mim durante pesquisa de campo (agosto/setembro 2024).

²⁵⁴ Os Kulina têm dificuldades de acessar e manter as exigências do Programa Bolsa Família, porque não têm escola nas aldeias. Rivaldo e Lucimar (casa 8, Igarapé do Índio) foram morar na outra margem do rio Juruá para que os filhos frequentassem a escola na comunidade não indígena Soriano Velho (para não bloquear o benefício).

				Não recebe Bolsa família
Casa 06	Irineu e Maria Irene	05	01	Não recebe benefício
Casa 07	Zere e Roni	04	01	Bolsa Família
Casa 08	Rivaldo e Lucineide	08	01	Bolsa Família
População aldeia Igarapé do Índio: 42 pessoas, 8 casas, 9 famílias				
Total Programa Bolsa família: 5 famílias estão cadastradas no Programa Bolsa Família (3 famílias estão recebendo o benefício, 2 famílias estão com os benefícios bloqueados). 4 famílias não estão cadastradas no Programa Bolsa Família ²⁵⁵				
Total de pessoas com aposentadoria social: 2				

Quadro nº 5: Quadro Demonstrativo Aldeia Igarapé do Índio – 2024

Quadro Demonstrativo Aldeia Três Barracas – agosto/setembro 2024				
Residência	Nome do casal	Quantidade/Pessoas	Quantidade/Famílias	Renda externa
Casa 01	Huadsojani e Ppete	05	01	Bolsa Família
Casa 02	Bedi e Cidinha	03	01	Não recebe benefício ²⁵⁶
Casa 03	Evaldo e Luzia	04	01	01 aposentadoria Bolsa Família
Casa 04	Rora	05	01	Bolsa Família

²⁵⁵ Os casais Neuza e Bahuai; e Sarahui e Baobina não têm filhos.

²⁵⁶ Filha de dois anos com desenvolvimento motor que não corresponde à idade.

				01 aposentadoria sem acesso ²⁵⁷
Casa 05	Rosineide e Dsiquija	04	01	Não recebe Bolsa família
População aldeia Três Barracas: 21 pessoas, 5 casas, 5 famílias ²⁵⁸				
Total Programa Bolsa Família: 3 famílias estão cadastradas no Programa Bolsa Família e recebem o benefício. 2 famílias não estão cadastradas no Programa Bolsa Família.				
Total de pessoas com aposentadoria social: 2 (uma aposentada, sem acesso ao benefício).				

Quadro nº 6: Quadro Demonstrativo Aldeia Três Barracas – 2024

Quadro Demonstrativo Aldeia Gaviãozinho – agosto/setembro 2024				
Residência	Nome do casal	Quantidade/Pessoas	Quantidade/Famílias	Renda externa
Casa 01	Corari e Roja	11	02	02 famílias recebem Bolsa Família Salário vereador
Casa 02	Poraino e Amassa	06	02	02 aposentados 02 Não recebem Bolsa Família
Casa 03	Quirisi e Anari	06	02	01 família recebe Bolsa Família
Casa 04	Marianu e Morato	04	01	Bolsa Família
Casa 05	Dseca e Joni	08	02	02 famílias recebem Bolsa Família

²⁵⁷ Toho não tem marido. Recebe benefício do programa Bolsa Família dos dois filhos. Mora com sua avó Rora. Rora, idosa, tem dificuldades de locomoção e não recebe aposentadoria. Perdeu a documentação no afogamento em que morreram quatro membros da família.

²⁵⁸ 8 crianças.

				02 aposentadorias
Casa 06	Irewahi e Boconi	04	01	Bolsa Família
Casa 07	Jodso e Mariza	07	01	02 aposentadorias
População aldeia Gaviãozinho: 46 pessoas, 7 casas, 11 famílias.				
Total Programa Bolsa Família: 7 famílias estão cadastradas no Programa Bolsa Família e 4 famílias não estão cadastradas				
Total de pessoas com aposentadoria social: 6				
1 pessoa recebe salário como vereador do município de Itamarati-AM				

Quadro nº 7: Quadro Demonstrativo Aldeia Gaviãozinho – 2024



Foto nº 17: Igarapé Ini Ppajani. Região Igarapé do Índio: 15/08/2024
(Genoveva)

5.4 Uma síntese sobre a habitação permanente

Em síntese, a terra de ocupação tradicional e habitação permanente, para os Kulina, é:

- ✓ Entranhada de carga afetiva e simbólica, e não separa em locais ou patamares fixos os humanos e os não humanos.
- ✓ Habitada e guardada pelo *rami* (cultivo dos Kulina ou dos *tocorime*).
- ✓ Lembrança do pai e do avô através das plantas cultivadas.
- ✓ Local que constrói diferença e “identidade” do subgrupo.
- ✓ O espaço habitado por seus ancestrais e pelos seres extra-humanos.

Nesse modo de ocupação tradicional e permanente:

- ✓ Os rios, igarapés e lagos são rotas de acesso privilegiado ao mundo subterrâneo (*nami bodi*) dos parentes mortos.
- ✓ Os roçados são locais privilegiados de sepultamento, e assinalam bom destino ao *tabari* do morto (o verbo *ppanade* significa sepultar e plantar. A palavra roçado-*huidsaja* é composta pelo verbo *huide* = cavar e *dsaja* = profundo). Os roçados (cemitérios) se tornam rotas de acesso ao mundo subterrâneo dos parentes mortos quando pessoas são sepultadas.
- ✓ A terra tradicionalmente ocupada, para um Kulina, é o espaço habitado por seus ancestrais e pelos seres extra-humanos.
- ✓ Os subgrupos são critérios básicos para a organização dos espaços, sejam eles terrenos ou cósmicos.
- ✓ Há uma forte relação histórica entre subgrupos *madija*, bacias hidrográficas e o território, de modo que os subgrupos estão concentrados em determinados igarapés.
- ✓ Há uma relação histórica entre os tributários do rio Juruá e a definição dos subgrupos.
- ✓ Há uma relação intrínseca entre habitação permanente e mobilidade territorial.

A partir da fala Kulina “somos *jidsama madija* (queixada *madija*)”, eles declaram que seus deslocamentos são formas de ir ao encontro de uma família, de um arbusto ritualístico ou de um roçado antigo. Não é somente a presença dos vivos no território que o converte em uma terra tradicional Kulina – uma vez que a maioria das pessoas vive em constantes deslocamentos, com famílias que têm casas na cidade e em distintas aldeias. Aprendi que a concepção de território Kulina mistura o tempo mítico

com o tempo atual, pois o território é habitado e guardado pelo *rami* (ser extra-humano); o território é do pai e do avô, pois refaz a “identidade” do subgrupo que sempre viveu ali; e o território é a rota de contato com o mundo subterrâneo dos parentes mortos. Dessa forma, é entranhado de carga afetiva e simbólica, visto que não separa em locais ou patamares fixos os humanos e os extra-humanos. Assim, é possível afirmar que a relação que os Kulina estabelecem com o território não está pautada na noção de propriedade, mas no vínculo com “quem ficou no lugar”. Por isso, abrir mão dessas áreas é abrir mão dos vínculos entre humanos e não humanos. O descuido com esses territórios implica punições de outra ordem, não previstas nos procedimentos de controle do Estado.

A invasão dos territórios Kulina pelas frentes exploradoras de caucho e seringa promoveu violências diversas, como a invasão e queima de aldeias inteiras (como vimos nos registros históricos), a exploração da mão de obra (mais recentemente, o caso do Seringal Monte D’Ouro), as epidemias (que levaram os Kulina a abandonarem o Posto do SPI e seu território tradicional no rio Gregório), o aliciamento com pagamento em cachaça por produtos e serviços, os numerosos assassinatos, a prostituição de meninas e mulheres... toda essa violência provocou um efeito perverso, que potencializou as disputas, as rivalidades e os conflitos internos entre os subgrupos. Isso contribuiu para que os Kulina ficassem conhecidos, atualmente, como um dos povos indígenas em situação de maior vulnerabilidade da calha do rio Juruá. Um povo que “perambula” em busca de um lugar para morar, um bom patrão, ou apenas para ficar longe de subgrupos rivais. Ressalto que a forma de ocupação tradicional da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho encontra respaldo cultural e histórico fortíssimo. Portanto, é dentro desse marco argumentativo que se faz necessário o reconhecimento oficial da referida TI, para que os Kulina possam assegurar uma vida de acordo com seus costumes e tradições e, principalmente, tenham acesso a um direito que lhes foi historicamente usurpado.

Por último, a análise partiu da concepção de território como elemento fundamental na constituição dos Kulina como um grupo étnico. Compreender o rio Juruá como uma grande área Kulina foi a chave para analisar a ocupação tradicional e permanente deste povo nos Igarapés do Índio e do Gaviãozinho. E, dentro dessa concepção, é fundamental compreender, também, os subgrupos como um critério cultural e histórico de ocupação territorial. Estes representam um padrão de ocupação tradicional que orienta a distribuição da população em territórios, pois cada subgrupo habita as margens de um igarapé ou pequeno rio (no caso, os igarapés do Índio e do Gaviãozinho).

Esse critério de dispersão permite não apenas um acesso às áreas de caça, pesca, coleta, plantio, roçado e moradia, mas também indexa diferenças e faz emergir a “identidade subgrupal”. Por isso, assegurar a moradia na terra tradicional, às margens dos igarapés do Índio e do Gaviãozinho, é uma forma efetiva de garantir os direitos dos Kulina de continuar sua existência no sentido mais amplo do termo.

Todos os relatos e dados históricos apontam que a Habitação Permanente dos Kulina é marcada pela mobilidade – e pelo impacto que a frente colonizadora teve sobre ela – em uma teia de constantes idas e vindas por uma extensa região dos rios Juruá, Jutai, Purus e Solimões. Nesse sentido, há sempre os que viajam em busca de outros lugares para morar, seja visando encontrar um bom patrão ou afastar-se de conflitos por motivos de feitiço. Entretanto, há, também, aqueles que permanecem na terra tradicional (“somos gente do queixada”; a gente sempre volta atrás daquele que ficou). Dito isso, afirma-se que a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é uma terra tradicionalmente ocupada por este povo. A demarcação da TI é uma forma de garantir aos Kulina a continuidade de sua relação com o território ancestral.

A Segunda Parte tem também como objetivo assinalar a Habitação Permanente dos Kulina nos igarapés do Índio e do Gaviãozinho. Demonstra-se, a partir da coletânea de documentos e depoimentos, a presença constante e continuada dos Kulina na área a ser delimitada, apontando a comprovação específica e documental de nascimento na TI em 1949. Dentro desse objetivo, fica confirmada a **ocupação tradicional dos Kulina na região dos igarapés do Índio/Gaviãozinho, desde a primeira metade do século XX, de forma contínua até o momento atual.**

A seguir apresento a tabela completa com a “Linha do tempo Kulina: terra tradicionalmente ocupada e registros históricos” de 1867 (Chandless) até 2002 (ano em que os Kulina nos igarapés do Índio/Gaviãozinho solicitaram a demarcação da TI):

Linha do tempo Kulina: terra tradicionalmente ocupada e registros históricos			
Ano	Descrição	Referência/Fonte	Relação com TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho
1867	Primeiros registros escritos sobre	Chandless, 1869	A região indicada no mapa onde

	os Kulina nos rios Xeruã, Tarauacá e Gregório. Mapa com informação da presença dos “Índios Kulina” em uma faixa de terra (a margem direita do rio Juruá) que vai do Alto Juruá até a região do rio Xeruã. O rio Xeruã é afluente direito do rio Juruá e se aproxima do rio Pauini, bacia do rio Purus		está escrito “Colinos Indians” corresponde a área da TI. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1890	Registros de Kulina morando à margem esquerda do rio Muru e a margem direita do Alto Tarauacá. Os primeiros seringueiros que chegaram à região, em 1890, encontraram Kulina em vários pontos da margem esquerda do rio Muru, nos igarapés Mucuripe e Muruzinho.	Rivet; Tastevin, 1938, p. 74	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.

1892	Registros de presença Kulina no rio Envira, afluente do Tarauacá e no rio Xeruã	Bates, 1892 <i>apud</i> Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1908 ²⁵⁹ - 1914	Entre o Marary (afluente do rio Juruá) e as cabeceiras do rio Tapauá (bacia do rio Purus), os Kulina (Colinas) trabalham sob a proteção do Coronel Contreiras (agricultura, caça e extração de borracha). O seringal do coronel se espalhou pela margem esquerda de Juruá; e do Marary (Marari) para o rio Chiruhan (um bom terço da margem direita do rio Xeruã), até o rio Tapauá, na bacia do Purus ²⁶⁰ .	Tastevin, 1920, p. 132,136	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

²⁵⁹ “Tendo viajado pelo Juruá por sete anos consecutivos de 1908 a 1914, tentarei contar a estas poucas páginas o que observei de interessante” (Tastevin, 1920, p. 02)

²⁶⁰ No capítulo sobre a “geografia etnológica” Tastevin traz informações sobre os povos indígenas da região (Tastevin, 1920).

1912	Dos arquivos do SPI - Dagoberto de Castro Silva (ajudante de inspetor) sugere construção de um aldeamento e posto do SPI para “prestar auxílio aos índios” na maloca Cova da Onça, entre os rios Amoaca e Nilo. Principal objetivo: atrair os Curinas (Kulina), que não habitavam lugar certo: do Breu ao rio Jordão, afluente do Tarauacá; e as cabeceiras do igarapé Valparaíso, afluente do Juruá.	Silva Dagoberto, 1912, p. 06	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá.
1919	Dos arquivos do SPI: o dono do seringal Santo Amaro (rio Gregório), João Chysóstamo de Souza, enviou Carta ao SPI- Manaus informando existir uns quinhentos indígenas das tribos Curinas (Kulina) e Parauá naquele “distrito”; ressalta as	Souza João, 1919	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rio Gregório ²⁶¹ . Situação de vulnerabilidade.

²⁶¹ Aro-Aroldo Kulina, sepultado no Lago do Sacado, aldeia Igarapé do Índio.

	precárias condições em que vivem.		
1920	Tastevin em suas viagens rio acima, chegou à região entre o rio Tarauacá e rio Gregório, e encontrou, à direita: “a maior tribo do Juruá: os Curinas” (Kulina).	Tastevin, 1920, p. 133	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais ao longo do rio Juruá (“maior tribo”)
1921	Registro presença Kulina no rio Xeruã	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1924	Primeiros registros que tratam da existência dos subgrupos Kulina. Tastevin fixou residência em São Felipe (Eirunepé) de onde viajou para Cruzeiro do Sul e Seabra (Alto	Tastevin, 1924, p. 421	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rios Acuraua e Eiru; e no igarapé Reconquista ²⁶² .

²⁶² Lago da Restauração ou seringal Restauração. Jidodo-Ridodo (igarapé Reconquista): terra natal de Omaco (Chico Cidade, avó paterno de Dseca, casa 5, Gaviãozinho), Rora Kulina (casa 4, Três Barracas) e Tereza-Nomija Madija Kulina (casa 7, Gaviãozinho). Os Kulina no Igarapés do Índio/Gaviãozinho trabalharam nos seringais dos rios Eiru e Acuraua.

	Tarauacá). Visitou as “tribos” da Reconquista, Envira, Acuraua e os “Kurina” (Kulina) das nascentes do Eru (rio Eiru). Passou uns dias nas aldeias nas margens do rio “Ete” (“rio dos cachorros”) ou igarapé do Maciel, afluente da margem esquerda do Baixo Gregório.		
1925	A tribo Culino (Kulina, Kulino, Kolina, Kollina ou Kurina) – a tribo Culino é a mais importante do subgrupo Arauá (lat. 7° S., long. 68°, 69° W.; lat. 8°-9° S., long. 71° -72° W.). Se divide em dois grupos separados pelos Yamamadi²⁶³, mas falam dialetos intimamente relacionados. Existência de dois grandes grupos	Tastevin, 1925, p. 416 <i>apud</i> Métraux, 1948, p. 660-661	As coordenadas de latitude e longitude correspondem a região da TI: latitude alterando entre 7°, 6° e 8° S: e longitude alterando entre 68° e 69° W. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.

²⁶³ Yamamadi são conhecidos atualmente como povo Deni.

	Kulina na região Juruá-Purus: no médio / baixo curso do rio Juruá, os Colina (Kulina) que ocupavam a sua margem direita, na região do rio Xeruã e do rio Marari (atravessando por terra ocupavam também a região do alto Tapauá-afluente do rio Purus); e no alto / médio curso do rio Juruá, o segundo grupo Curina ou Madija (Kulina), que vivia entre os rios Eiru e Gregório, e se movimentava também pelos rios Envira, Muru e Tarauacá.		
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) viaja ao posto de apoio aos Kulina na região do Alto Juruá: Posto Indígena Riozinho do Penedo. Moravam no Posto 350 índios “curinas” (Kulina).	Sousa Torquato, 1928, p. 01	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: Riozinho do

	Afirmou serem mais de 800 pessoas (“atualmente a maior tribo de índios civilizados no vale do Juruá”)		Penedo ²⁶⁴ . Situação de vulnerabilidade
1928	Dos arquivos do SPI: Torquato Faria e Sousa (auxiliar de inspetor) visitou o seringal Ceará onde localizou uma “maloca de Curinas” (Kulina) no igarapé “Bahu” (igarapé do Baú). No seringal Penedo conseguiu algumas estradas de seringa para alguns Curinas (Kulina) trabalharem. No seringal Ituxy encontrou “quarenta e tantos Curinas” trabalhando para o senhor José Pedro de Sousa. Na ocasião recebeu informações sobre os	Sousa Torquato, 1928, p. 04-06	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: igarapé do Baú²⁶⁵, seringal Penedo, rio Eiru, região do Baixo Juruá. Situação de vulnerabilidade.

²⁶⁴ Riozinho do Penedo é terra natal de Irewahi (casa 6, Gaviãozinho).

²⁶⁵ Aldeia no Igarapé do Baú é terra natal de Neuza Cassiani (casa 1, Igarapé do Índio).

	Curinas (Kulina): “um grande número morava nas cabeceiras do rio Eiru, abaixo de S. Felipe (Eirunepé)”. No Baixo Juruá, Município de Carauari, obteve informações de muitos índios: “nos seringais, S. Romão e Marary propriedades do Sr. Cel. Alfredo Marques: “com quem conversei, disse-me morarem em suas propriedades, 55 Corinas, e 40 Jamamadys, tendo estas suas malocas no igarapé Chyruan”. No Seringal Sobral há um benemérito catequizador dos Curinas, se chama Themoteo Fernandes da Silva, pacificador da “grande tribo Curina”, conseguiu “pacificar para mais de mil índios”.		

1928	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do “Posto Indígena do riozinho do Penedo”, enviou relatório anual à Inspetoria do SPI em Manaus (serviços realizados de janeiro a novembro de 1928): dados sobre a população indígena assistida; descrição de alguns traços culturais; e lista de vocábulos das “tribos”. Os indígenas assistidos são os Kulina do Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; e Acuraua: “Esses índios Curinas teem soffrido mais do que todos os habitantes da selva amazônica, são	Silva Alfredo, 1928	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: riozinho do Penedo, Alto Gregório (Riosinho da Liberdade); maloca Ajubim ²⁶⁶ (no afluente do Gregório), Rio Eiru; Baixo Juruá; Tarauacá; e Acuraua, Vauaperena, Cossapa e Cossiha

²⁶⁶ De acordo com Altmann, et al., (1983, p. 09), os Kulina conheceram Alfredo José da Silva (SPI, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório) na maloca Ajubim.

Os Kulina atuais afirmam que o velho Equene falou que conheceu Alfredo “antiga Funai”. Equene é avô de Luzia (casa 3, Três Barracas) e de Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas).

	expoliados sofrendo as maiores depredações dos seringueiros”; “maior miséria” no Seringal Atalaia. A região dos rios Gregório, Acuraua e Eiru são terras tradicionais Kulina (Ajubim, Vauaperena, Cossapa e Cossiha).		
1929	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus comunicando a invasão armada dos seringueiros da Maloca Ajubim: “morando nessas paragens de há muito tempo esses índios”. O posto indígena presta serviço a mais de “300 índios”. Os Kulina trabalham na agricultura para	Silva Alfredo, 1929	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: maloca Ajubim.

	manter sua alimentação.		
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório, envia ofício ao Inspetor do SPI-Manaus solicitando roupas para os Kulina: “207 almas indígenas, sendo 66 homens, 56 mulheres e 85 crianças”.	Silva Alfredo, 1930	Quantidade expressiva de Kulina morando no posto do SPI.
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório comunica que o Posto atravessa um surto de malária (“Febre sesao”). O encarregado solicita, da Inspetoria do SPI-Manaus, remédios e recursos: morte de seis crianças; dois casos de tuberculose. 15/09/1930, Alfredo comunica que chegaram muitos	Silva Alfredo, 1930	Epidemia e mortes de Kulina no Posto Indígena do rio Gregório. Situação de vulnerabilidade. Chegada de mais pessoas para morar no posto.

	Kulina para morar no Posto: “elevando-se o número de 207 a 289 almas indígenas”. E avisa que “está sanado o estado epidêmico que estava grassando o posto”.		
1930	Dos arquivos do SPI: Alfredo José da Silva, encarregado do Posto Indígena do rio Gregório percorre todo o rio Eiru e afirmou que aquele seria o rio mais habitado pelos índios Curinas (Kulina). O serviço de recenseamento totalizou cento e oitenta e sete índios. Na região dos rios Eiru e Tarauacá: invasão de aldeias por grupos armados e incêndios criminosos de acampamentos de verão.	Silva Alfredo, 1930	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI: rio Eiru. Situação de vulnerabilidade, violência que provoca deslocamentos.
1938	Identificação de dois grupos Kulina: um que habitava à	Rivet; Tastevin, 1938, p. 73	Região do rio Xeruã: limite da TI e local de varadouros

	margem direita do rio Juruá, à altura do rio Marari, na região do alto Tapauá; e o segundo grupo que habitava mais ao sul, rio acima, nos rios Gregório e Eiru (esse grupo Kulina teria se deslocado do rio Tarauacá após a passagem de Chandless)		antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1941	Dos arquivos do SPI: Julio de Sousa, carta enviada ao SPI- Manaus, em 22/03/1941(rio Xibaua). Informações sobre a situação dos Kulina no rio Xeruã (Chiruan): “existem três tribos de índios, denominados ‘Colinas’, ‘Canamarys’ e Jamamadys, os quais se mostram em completo abandono”	Sousa Julio, 1941	Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1949	Certidão de nascimento de Porainom Kulina	Certidão de nascimento: nasceu em	Porainom Kulina nasceu e continuou morando na

		20/02/1949 na aldeia Gaviãozinho	TI onde estava em 1988 criando filhos e netos. Confirmada a tradicionalidade e ocupação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho em 1988.
1950-1967	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM: descrição dos territórios Kulina no Baixo Juruá (Juruapuca, Vai-quem-quer e Cumaru) a partir da relação tem com a grande liderança Chico Cidade-Omaco. Os deslocamentos do grupo, pelo rio Juruá, começam em 1935 a partir da morte de um pajé imputada a Chico Cidade. O grupo saiu do rio Gregório/Reconquista, terra natal de Chico Cidade, e desce o rio Juruá passando pelo rio Itaquai, Eirunepé, Igarapé do Soldado, Igarapé do Índio,	Altmann, et al., 1983, p. 12	Considerando que – em 1983 – a equipe de indígenas e indigenistas visitou a TI Igarapés do Índio/Gaviãozinho e ouviu relatos sobre Omaco-Chico Cidade; considerando ainda que ele chegou na região de Carauari em 1967; assim, podemos estipular que Omaco-Chico Cidade morou na região do Gaviãozinho entre 1950-1967. Comprova que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho

	Igarapé do Gaviãozinho e rio Xeruã; chega em Carauari em 1967 (onde Chico Cidade faleceu em 1978).		estando presentes no território em 1988.
1961-1981	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM: o grupo do tuxaua Kulina Raimundo Alexandre passou alguns anos no Riozinho da Liberdade e depois morou por 20 anos no Igarapé do Índio. Contudo, em 1981, voltou a se movimentar novamente. A vida no seringal marcada por homicídios (mataram três Kulina), escravidão, violências (que os deixavam “atormetados” e “desnorteados”). Proximidade dos Kulina de uma equipe da Petrobras (Equipe 69) que alicia os	Altmann, et al., 1983, p. 11.	Violência, escravidão, maltrato, aliciamentos: situação de vulnerabilidade. O grupo do tuxaua Raimundo Alexandre esteve morando na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho entre 1961 e 1981. Comprova que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.

	Kulina: “trocava” peixes por cachaça.		
1962- 1976	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM “História da migração” dos subgrupos <i>biro madija</i> (tucano araçari <i>madija</i>) subgrupo de Omaco-Chico Cidade. O grupo de Chico Cidade começou a descer o rio Juruá por volta de 1960. Permaneceu por 14 anos, entre 1962 a 1976 no Gaviãozinho, entre Eirunepé e Itamarati.	Soares; Mochiizawa, 1997, pp. 07-09	Confirmada a tradicionalidade da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho).
1978	Eduardo Viveiros de Castro desenvolveu pesquisa no Alto Purus junto aos Kulina nas aldeias Maronaua e Santo Amaro, no estado do Acre. Duas lógicas básicas dos contatos Kulina com as frentes de expansão: no primeiro momento, fuga para as cabeceiras	Viveiros de Castro, 1978	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá. Contribuição no conhecimento da dinâmica dos subgrupos Kulina

	dos rios para escapar às “correrias”; no segundo momento, deslocamentos a partir da relação com a empresa seringalista 9busca por padrões “melhores”).		
1977-1979	RCID-TI Kumaru do lago Ualá-Juruá-AM: Kulina espalhados do Baixo até o Alto Juruá. Grupo do Chico Cidade (Omaco-Huamaco, pai de Acora-Edmundo) na cidade de Carauari (1967-1978)²⁶⁷. “Dois ‘grupinhos’ nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio)”	Faulhaber, 1994, p. 11	1977-1979 havia dois grupos Kulina nos seringais Palermo e Soriano (Igarapé do Índio). Confirmada a tradicionalidade da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho
1980	Certidão de nascimento de Quirisi Zezinho Kulina	Certidão de nascimento: nasceu em 01/01/1980 na aldeia Gaviãozinho	Nasceu na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, estava morando no território em 1988 e continua morando nos

²⁶⁷ Faulhaber afirma: “Os Madija que atualmente vivem no Cumaru vieram do alto-Juruá, da maloca Gaviãozinho no município Eirunepé, há 13 anos” (1994, p 11).

			dias atuais. Comprova que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefê-AM: uma equipe formada por indígenas e indigenistas percorrem todo o rio Juruá para mapear os problemas e dificuldades enfrentados pelos Kulina, principalmente a questão da terra e organização	Altmann, et al., 1983	Presença antiga e numerosa dos Kulina nas terras tradicionais no vale do Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI, nos rios: Envira (Piauí, Cacau e Machado); Tarauacá (Bananal e Samaúma); e Acuraua (Amapá); Eiru ou Cossija (Peri, Saboia e Soldado). Nos igarapés Preto (Ajitini, Torre da Lua, Januário, Porto Velho); Baú ou Huessesse (Nova Sorte e Terra Nova); Coatá (rio Gregório); Riozinho do Penedo (Piau, Jari, Brocado); Restauração nas cabeceiras do

			Riozinho e o Ig. Reconquista; e Medonho.
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: a equipe de indígenas e indigenistas – apresenta a situação dos Kulina, em dezembro 1983, na região do Médio / Baixo Juruá. A equipe apresenta o censo e a localização dos Kulina no rio Juruá: 25 pessoas na aldeia Maloca, no Igarapé do Gaviãozinho; 41 pessoas no Igarapé do Índio (região do Médio rio Juruá);	Altmann, et al., 1983	Registro que a TI Terra Indígena do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é área tradicionalmente ocupada em caráter permanente pelos Kulina em dezembro de 1983. Comprova que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.
1983	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: Colocação Maloca (Igarapé Gaviãozinho – Seringal Palermo): parte dos moradores Kulina no Gaviãozinho, percorreram os rios: Acuraua – Alto Juruá, Alto Jutai – Rio	Altmann, et al., 1983, p. 09	Situação de vulnerabilidade. Rio Xeruã é limite da TI e local de varadouros antigos e atuais de acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus): terra natal e local de trabalho de

	Mutum (Jutai) – médio Juruá – Andirá (baixo Juruá) depois voltaram. Outro grupo se deslocou por uns anos através do rio Xeruã e Pauini até o Teutni, no Purus. “Como a terra é reconhecida como deles não estão sujeitos a um seringalista. Mesmo assim vivem na mesma situação de miséria dos outros grupos Kulina espalhados ao longo do Juruá”		alguns Kulina que habitam a TI. Comprova que os Kulina habitam de modo tradicional e continuado a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho estando presentes no território em 1988.
1983	Diagnóstico Sócioambiental-FUNAI: o grupo do chefe Dsomami veio do igarapé Gaviãozinho em 1983 e se instalou no interior do igarapé da Macaca (TI Kumaru).	Maciel; Gurgel, 1996, p.18	Confirmada a tradicionalidade da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.
1985	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: Levantamento populacional Aldeia	Bentes; Santos, 1985b	A lista contém nomes de pessoas que habitam ou habitaram a TI.

	Kulina feito na aldeia Juruapuca (Igarapé Grande) em 13 de outubro de 1985		Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI
1985-1989	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM: Três aldeias do Baixo Juruá: duas no município de Caitaú (Juruá); e outra do rio Ueré (Carauari). População total: 287 pessoas	Bentes; Santos, 1990a, p. 14	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1985	Primeira pesquisa de doutorado entre os Kulina que habitam a região do Alto Purus (aldeia Maronaua).	Donald Pollock, 1985	Contribuições para conhecimento da cultura Kulina: noção de pessoa, doença e organização social.
1989	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM Conflito em maio de 1989 deixou dois Kulina feridos; encaminhados para tratamento em Tefé. As pessoas envolvidas no conflito estavam embriagadas.	Bentes; Santos, 1989, p. 06	Situação de vulnerabilidade: prostituição; doenças sexualmente transmissíveis; e alcoolização. Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal

	Desgaste da organização interna da aldeia Juruapuca e dispersão dos Kulina. Algumas famílias mudaram para a aldeia Cumarú (igarapé da Macaca-TI Kumuari) e outras para a aldeia Matatibem (TI Kulina do rio Ueré). Pista de pouso da Petrobras na aldeia Juruapuca: prostituição; doenças sexualmente transmissíveis; e alcoolização.		e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI.
1990	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM 12 famílias Kulina orientadas pelo chefe Edmundo se deslocaram da aldeia Juruapuca para morar no Ueré: produção de sorva e seringa; abundância de peixe, caça e frutos silvestres. Mas preocupação com	Bentes, et al., 1990	Situação de vulnerabilidade: prostituição. Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI (chefe Edmundo-Acora)

	extração de madeira e prostituição.		
1991	Dos arquivos do CIMI-Tefé-AM Família do chefe Acora-Edmundo deixa o Ueré e retorna para o Gaviãozinho	Behenck, et al., 1991	Presença antiga dos Kulina nas terras tradicionais no Baixo Juruá, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI (chefe Edmundo-Acora)
1994	Primeiro estudo entre os Kulina que habitam a região do Médio Juruá, na aldeia Terra Nova.	Lorrain, 1994	Contribuições para conhecimento da cultura Kulina: política de gênero (simbolismo e economia) e dinâmica de identificação subgrupal
2002	SEI-FUNAI-08620.00483-2019-51. Aldeia Gaviãozinho (nas coordenadas S 06° 26' 419', W 068° 55' 633'), Itamarati-AM: 05 casas, 05 famílias e 18 habitantes. Localizada às margens do igarapé Gaviãozinho, que	Barreto, 2002	22 anos de reivindicação de demarcação da TI. Presença antiga e continuada dos Kulina na terra tradicional às margens dos igarapés do Índio/Gaviãozinho

	desemboca no lago Veneza. Aldeia Mari-Mari (nas coordenadas S 06° 39' 010" W 069° 14' 382") no Igarapé do Índio, afluente da margem direita do rio Juruá, Itamarati-AM: 26 moradores que habitavam 07 casas constituídas por 06 famílias		

Quadro nº 8: Linha do tempo Kulina: terra tradicional e registros históricos



Foto nº 18: cipó *Rami*: Peba-Rivaldo e Cossaro-Pedro. Mapeamento na região do Igarapé do Índio: 11/08/2024 (Genoveva)



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



III – Terceira Parte **Atividades produtivas**

6 A ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA DOS KULINA

Maciel e Gurgel (1996) assinalam que, entre o povo Kulina, cada grupo doméstico que compõe uma aldeia possui relativa autonomia. Um grupo doméstico constitui uma unidade completa de produção e consumo, através do uso e manejo da caça, pesca, coleta e cultivo. Uma área de uso completa outra, tanto na produção como na reprodução cultural. Para estes pesquisadores, a ocupação territorial Kulina é marcada pelos constantes movimentos de “migração”, que podem provocar alterações populacionais significativas de um ano a outro, tanto em uma determinada aldeia como dentro da própria terra indígena. Dentro dessa linha teórica, apresento a seguir como determinadas atividades produtivas, os recursos naturais e o meio ambiente são relevantes para a reprodução física e cultural do povo Kulina na TI Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho.

Pode-se afirmar que a alimentação básica das famílias está garantida através das atividades diárias de pesca, caça, agricultura e coleta. As pessoas se dirigem à cidade para adquirir produtos industrializados, como gêneros alimentícios (café, açúcar e biscoitos), utensílios domésticos (panelas, mosquiteiros, redes e roupas), produtos de limpeza (sabão, sabonete e água sanitária), instrumentos de transporte (motores, combustível e canoas) e instrumentos de trabalho (machado, faca, terçado e enxada). Atualmente, os Kulina não estão atrelados a um padrão que explora os recursos naturais de seu território

ou sua mão de obra. As pessoas que possuem casa na cidade têm sua vida econômica nas aldeias²⁶⁸.

Os Kulina nos Igarapés do Índio e do Gaviãozinho criam galinhas, patos, cachorros, porcos, coelhos, papagaios e algumas outras espécies de animais selvagens apreendidos em atividade de caça. Esses animais são criados soltos e costumam ficar na parte inferior das casas, alimentando-se das migalhas e resíduos de alimentos que passam pelo assoalho. Essa prática também foi verificada por Silva (1997) na aldeia Santa Júlia, no estado do Acre.

Observa-se a concepção de “dono” fortemente presente na socialidade Kulina e no cotidiano das relações, pois o roçado, as plantas frutíferas próxima das casas e os animais de estimação têm seus “donos”. Quando morre, eles também morrem. Os frutos das plantas cultivadas se tornam *dori* da pessoa morta: quem comer poderá adoecer. Por isso, muitas vezes, quando falece “o dono” da árvore frutífera (ou do roçado), esta é derrubada ou abandonada (analisaremos de modo detalhado na Quarta Parte).

Em minha dissertação, construí uma tabela da divisão tradicional das tarefas em uma família nuclear Kulina (Amorim, 2014):

Atividades	Homem	Mulher
Queima de roçado	+	-
Plantio	+	+
Limpeza do roçado	-	+
Colheita	-	+
Construção de casa	+	-
Caça	+	-
Pesca	+	-
Construção de armas	+	-
Construção de cestos	+	+
Construção de redes	-	+
Fiação de algodão	-	+
Preparo de carnes de caça (tirar o couro ou pelo)	+	-
Comida assado e cozida	-	+
Preparação de bebidas (ritual do <i>Rami</i>)	+	-
Preparação de bebidas (festas: <i>Ajie</i>)	-	+
Carregar lenha para casa	-	+
Carregar lenha para fazer farinha	+	-
Carregar lenha para cozinhar a macaxeira (<i>Ajie</i>)	+	-

²⁶⁸ Os programas assistenciais do Governo Federal são também fontes de renda, e movimentam a vida econômica dos Kulina: Programa Bolsa Família e aposentadoria social como trabalhador rural.

Carregar mandioca (do roçado à casa de farinha)	-	+
Carregar água	-	+
Preparação de farinha	+	+
Coleta de frutas	-	+
Coleta de açaí e preparação do vinho	+	-
Confecção de roupa p/ Ritual do <i>Tocorime</i>	+	-
Confecção de adornos p/ as festas	+	+
Preparação tintura p/ pinturas (urucum e jenipapo)	-	+
Limpeza do terreiro da aldeia	-	+

Quadro nº 9: Divisão tradicional das atividades (Amorim, 2014)



Foto nº 19: fogareiros de cerâmica confeccionados por Toho (cozinha, casa 5, Igarapé do Índio: 15/08/2024) (Genoveva)

Marilena Campos (ambientalista e membro desse GT) traz contribuições a respeito da “Composição de moradia dos grupos domésticos” na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. As habitações atuais estão organizadas na beira e de frente aos Igarapés do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas. As casas estão dispostas em fileiras e suspensas; são construídas de madeira serrada ou paxiúba; e possuem cobertura de palha (de buriti, caranaí ou jarina) ou de telhas de alumínio. A cozinha costuma estar separada por tábuas de madeira e está localizada na parte de trás, da frente ou ao lado das casas. Algumas casas estão interligadas umas com as outras através de uma ponte suspensa. As casas abrigam uma família formada, normalmente, por um casal e os filhos. Cada família

costuma possuir seu ‘porto’ na beira do igarapé. O local é usado para lavar roupa e utensílios; tomar banho; ancorar canoas; e coletar água para beber e cozinhar.

Conforme podemos constatar no “Mapa: Área de Estudo TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho” (já apresentado) as três aldeias foram construídas em locais estratégicos, pois, como boa parte do território tem planícies aluviais, elas estão localizadas em áreas que dão acesso à área terra firme. Nas partes laterais e nos quintais das aldeias saem os varadouros de acesso as terras mais altas, onde são feitas atividades de caça, coleta e agricultura. Os roçados são próximos da aldeia e no caso da aldeia Três Barracas não há casa de farinha ou forno para torrar mandioca, de forma que nessa aldeia só se encontra o plantio de macaxeira. Na aldeia Gaviãozinho também não existe casa de farinha. A população improvisou um forno de farinha que é utilizado no pátio da aldeia. Somente na aldeia Igarapé do Índio existe uma casa de farinha ao lado das moradias. Cada aldeia possui um terreiro onde são realizadas brincadeiras, rituais ou jogo de futebol. A aldeia Igarapé do Índio é a única que possui um campo de futebol. Na parte de trás das casas ficam também o caminho por onde os *tocorime* chegam da floresta para participarem das festas e rituais (Campos, 2025, p. 38-39).

A relação cotidiana entre homens e mulheres é marcada pela troca de alimentos. Os alimentos crus (carne e peixe) são fornecidos pelos homens, e estão relacionados ao mundo masculino; enquanto as mulheres têm roçados para fornecer os alimentos vegetais. Os alimentos cozidos (macaxeira) estão relacionados ao mundo feminino²⁶⁹. Um genro que não tem roçado é *tabacorahui* (inútil). Se ele também não matar animais de caça é chamado de *abaridsa* (urubu): come animais que são mortos por outros. Um novo casal (nova família) deve possuir roçado próprio (Pollock, 1985, pp. 51-53, 107).

Os *tocorime*, tanto os que habitam o *nami bodi* quanto os do *passo dsamarini* (patamar superior ou, literalmente, terra da água), também possuem roçados. Nesse sentido, há uma estreita conexão entre os patamares cosmológicos, o destino dos mortos e o roçado. A floresta equivale ao *nami bodi*, enquanto os rios e os roçados estão associados ao *passo dsamarini*. É a chuva do *passo dsamarini* que cria e nutre as plantas do roçado (Pollock, 1985, pp. 59-61, 89).

Os rituais *Dossehe/Ejete/Ajie* asseguram a boa relação entre homens e mulheres através da troca certa de alimentos. Reafirmam a divisão do trabalho: homens caçam e pescam e mulheres fornecem produtos vegetais (frutos do roçado ou coletados na

²⁶⁹ Um grande chefe tem um grande roçado (Pollock, 1985, p.134).

floresta). No ritual, as mulheres mandam os homens caçar e pescar, ao passo que elas vão ao roçado colher macaxeira. A bebida de macaxeira, *coidsa-coia*, é um produto feminino por excelência. No contexto do ritual do *Dossehe*, os peixes, as carnes e a macaxeira são alimentos comunitários, que são colocados no centro do terreiro e distribuídos pelo chefe com os moradores da aldeia e os convidados. Depois de cozidos, os alimentos são partilhados e consumidos por todos. O ritual é geralmente realizado no fim do verão, no qual se consume toda a macaxeira do roçado velho. Grandes líderes possuem grandes roçados, e promovem festas com abundância de bebida de macaxeira. Durante o ritual, há um momento no qual os homens invadem a aldeia transformados em queixadas: é o momento do encontro dos vivos com os mortos (como já vimos, uma das almas Kulina se transforma em queixada ao chegar no *nami bodi*).

A região dos Igarapés do Índio e do Gaviãozinho é conhecida pelos antigos Kulina como local de muitos matrinxãs (ver mapa: Mapa de uso e Ocupação – Áreas imprescindíveis²⁷⁰). Legenda: “Berçário de matrinxãs” e “Área de reprodução de matrinxã”). Os matrinxãs são peixes típicos do cardápio Kulina. Famílias sobem o rio para capturá-los e passam dias acampadas em pescarias. Há um conhecimento específico associado aos hábitos alimentares e aos locais onde a espécie se encontra em diferentes épocas do ano. Os Kulina querem preservar os matrinxãs para a segurança alimentar, mas também porque a espécie tem relevância simbólica: nomeia um subgrupo (*mamore madija*) e está presente em cantos do *Dossehe*, que precede o grande ritual do *Ajie-Coidsa*.

De acordo com Lorrain (1994), o *Dossehe* é uma maneira agradável e eficaz de produzir alimentos em abundância e pode ocorrer a qualquer momento quando as mulheres estão insatisfeitas com a caça ou a pesca dos homens. Em sua grande maioria, os cantos do *Dossehe* são uma ordem e uma forma de provocação sexual das mulheres para com os homens (pode ocorrer *Dossehe* revertido, isto é, *Dossehe* onde são os homens que ordenam que as mulheres providenciem alimentação). A seguir, apresento um canto do ritual *Dossehe*:

Idi ponima tia odsosse jerani (bis)
mamore tohui tia odsosse jaro (bis)
Ini ponima tia odsosse jerani (bis)
Poho tohui tia odsosse jaro (bis)
Idi ponima tia odsosse jerani (bis)
Maraca tohui tia odsosse jaro (bis)

²⁷⁰ Esse mapa consta na Quarta Parte desse relatório.

[Tradução²⁷¹]

Vovô à toa você não obedeceu à ordem

Vá pegar matrinxã no (para o) ritual.

Vovó à toa você não obedeceu à ordem.

Vá ao roçado pegar macaxeira no (para o) ritual.

Vovô você não obedeceu à ordem

Vá pegar açaí no (para o) o ritual.



Foto nº 20: preparação da caiçuma-bebida para o ritual do *Ajie*. Aldeia Gaviãozinho: 22/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 21: Quirisi liderança. Aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)

6.1 Uso dos recursos naturais nos ambientes

Conforme apresentado no relatório ambiental de Marilena Campos (2025, p. 101), os Kulina apresentam uma diversidade de atividades produtivas que variam ao longo do tempo e do espaço. A agricultura, a caça, a pesca e o extrativismo não ocorrem com a mesma intensidade ao longo do ano e nem nos mesmos locais. Essa dinâmica permite dizer que ocorrem múltiplos usos dos recursos, como colocado pela literatura científica, que afirma que essas práticas não são apenas sustentáveis, mas muitas vezes aumentam a

²⁷¹ A transcrição e tradução são minhas.

biodiversidade local, desafiando a visão de que a ocupação humana é inerentemente degradante (Balée, 1994 *apud* Campos, 2025).

No mapa de uso dos recursos naturais é possível visualizar uma distribuição espacial aproximada das atividades realizadas pelos Kulina entre as várias localidades do território, representando aquelas que predominam em certa área.

Dentre as diversas atividades produtivas realizadas pelos Kulina, a pesca na seca e a caça na cheia predominam nas proximidades das aldeias. A pesca em lagos é muito apreciada assim como a pesca nos poços que se formam nos igarapés durante a seca. Durante a seca os varadouros são utilizados para acessar lagos mais distantes e durante a cheia os furos são usados para acessar locais de caça e pesca no igapó alagado. Os recursos são administrados, em geral, de maneira comunal, entre as famílias e pela aldeia, através de regras pré-estabelecidas de acesso, que envolvem redes de trocas e reciprocidade.

A seguir exibo os mapas de locais de importância ambiental para o uso dos recursos naturais na área de estudo Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (trecho 1 e 2) onde estão localizados os recursos naturais na TI.

Em seguida apresento um quadro com a descrição dos principais lugares/paisagens onde são desenvolvidas as principais atividades econômicas (ou simbólicas). Segundo as palavras da bióloga Marilena Campos (2025, p. 60), identificou-se, ao longo do estudo, diversos tipos de paisagens e lugares, classificados em termos de variação topográfica, aspectos hidrográfico, distúrbios ambientais, tipos de solo e tipos de vegetação, seres e entes que frequentam, atividade que é realizada, que foram: aldeia, casa (quintal, pátio, porto, casa de farinha), cemitério, roça, (e outras áreas de cultivo como roça de melancia, e roça de banana), capoeira (capoeira baixa, capoeira e capoeira alta), mata, restinga, chavascal, buritizal, palhal, cipoal, várzea/igapó, varadouro, rio, poço, igarapé, buraco da cobra grande, barreiro, chupador, paraná, sacado, (furo do sacado), furo, cacaia, lago, praia e comunidade de branco.

Quadro nº 10: Paisagens/lugares e as principais atividades associadas (Campos, 2025, p. 61).

PAISAGENS E LUGARES	PRINCIPAIS ATIVIDADES ASSOCIADAS
Aldeia	morada, rituais, lazer
Aldeia Velha/Cemitério	lugar sagrado
Casa	moradia
Quintal/pátio/terreiro	rituais; cultivo de frutíferas, espaço para criação de animais, lazer
Roça	área de cultivo (mandioca); caça sagrado dos encantados
Capoeira	extrativismo vegetal e animal, lugar sagrado dos encantados
Mata	caça, extrativismo vegetal; lugar sagrado dos encantados
Várzea/Igapó	caça, pesca, extrativismo
Restinga	caça, extrativismo vegetal
Chavasca/Buritizal	caça; coleta de buriti
Palhal	extrativismo
Cipoal	extrativismo, lugar sagrado
Barreiro/Chupador	caça, tirar barro para fogão
Varadouro	caminho usado na seca
Furo	cortar caminho na cheia
Rio	pesca, lazer, rituais
Igarapé	banho, coleta de água, pesca
Paraná	coleta de água, pesca
Buraco da cobra grande	lugar sagrado
Poço	proteção; pesca
Sacado	pesca
Cacaia	pesca
Lago	pesca, coleta de ovos, caça
Praia	coleta de ovos, lazer
Comunidade do Cariuá	morada dos "outros"

6.2 As atividades de pesca



Foto nº 22: Reirei e Irewahi (esquerda para direita).
Pesca lago Coatá durante atividades GT: 23/08/2024 (Genoveva)

A atividade de pesca é uma atividade diversificada, que envolve um detalhado conhecimento dos locais, épocas e ecologia das espécies capturadas (Campos, 2025, p.123). É uma importante fonte proteica para os Madija, como aponta a bibliografia (Pollock 1985; FUNAI/ PPTAL/ GTZ, 2008), e faz parte do cardápio diário para os moradores da área de estudo, sendo realizada constantemente, porém com variações de locais, de técnicas e de captura de espécies ao longo do ano devido a variação sazonal que influencia na distribuição da fauna aquática, de forma que os locais frequentados podem variar de acordo com a estação (chuvosa ou seca), o tempo e o comportamento da espécie que se quer capturar.

As expedições Kulina de pesca nos lagos, igarapés, igapós e no rio Juruá se intensificam no verão, quando várias famílias fazem acampamentos nas margens. As expedições de pesca estão voltadas à captura de espécies como tambaqui, surubim, tucunaré, pirarucu, bodó, dos “bichos de casco” e seus ovos (tartaruga, tracajás, zé prego, cabeçudo, dentre outros) e ovos e filhotes de jacarés (para consumo). Nas expedições

voltadas à comercialização, os Kulina utilizam arpão e malhadeira. Já naquelas voltadas ao consumo, os Kulina utilizam anzol, linha, arco e flecha e zagaia.

O pescado faz parte do cardápio diário dos Kulina, e representa uma das principais fontes de proteínas. Consomem assado, moqueado ou cozido. As espécies preferidas para o consumo são matrinxã, pacu, tambaqui, curimatã, tucunaré e piauí. A pesca é uma atividade masculina, porém, muitas vezes, as mulheres acompanham o marido (principalmente casais jovens). Todos os membros da família participam das expedições de pesca ao peixe bodó, que podem durar dias. As famílias constroem acampamentos às margens dos rios e lagos, assam e comem peixes e tracajás.

De modo específico na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho no início do verão, época da vazante dos rios, é a época da piracema, quando algumas espécies sobem o rio para se reproduzirem e os bichos de casco buscam as praias para desovar. Nessa época os igarapés são os ambientes mais utilizados para a pesca, principalmente os poços. Os lagos e sacados também são frequentemente visitados. A pesca pode ocorrer individual ou coletivamente, com homens, mulheres e crianças participando da atividade. Na época da cheia são colocadas malhadeiras na várzea e no igapó. O rio Juruá pode ser acessado eventualmente para a pesca durante a seca, principalmente as praias para coleta de ovos de tracajá e tartaruga (Campos 2025, p. 123-125).

Principais técnicas de pesca utilizadas pelos Kulina na TI de acordo com o local e tipo de peixe:

- No Lago do Coatá (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça: trecho 2) a pesca é feita com caniço, anzol e flecha (não pescam de malhadeira nesse local). Captura-se aruanã, tucunaré e coletam também ovos de tracajás e jacarés.
- No Lago do Mato (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça: trecho 1) os Kulina pescam “jogando linha” e utilizando malhadeiras. No local também coletam ovos de jacarés e tracajás.
- No verão, nos poços, nas curvas dos igarapés, pescam tucunaré, surubim e matrinxã de caniço, de anzol e de linha.
- Outra técnica de pesca é o uso de plantas que entorpecem os peixes, como o timbó e a oaca que é feito com uma planta cultivada no roçado (*sassa*).
- No verão pesca-se também o tamoatá nos buracos no chavascal: tira-se uma vara e vai cutucando o chão enlameado até ouvir o barulho dos tamoatás e iniciar a captura.

- Também se pesca ou se pega tracajá, no verão, nos lagos, nas praias e no rio Juruá. No verão fazem acampamentos nas praias ou na boca dos lagos para pescar e comer bodó assado, ovo de jacaré e tracajá.
- No igapó, no inverno, é usada malhadeira para pegar mapará, matrinxã, pacu, piauí, mocinha, surubim e bodó. Para capturar o peixe sulamba no inverno é preciso assobiar para que venha para cima da água.

Em relação à classificação de “Paisagens e lugares” existentes na TI, a ambientalista Marilena Campos observou que “rio”, “igarapé”, “paraná”, “buraco da cobra grande”, “poço”, “sacado”, “lago”, “cacaia” e “praia” estão relacionados diretamente às atividades de pesca (Campos, 2025, p. 90-97)

- Rio: na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho o rio de referência é o rio Juruá (ver mapa “Área de Estudo: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”) chamado apenas de rio ou de Juruá. Também foram citados os rios Mutum, Jutai e Pajurá. O rio é uma fonte de alimento e é o caminho para vários lugares. No rio é local de reprodução e moradia de muitas espécies de peixes, do boto, do peixe boi, do tracajá e de cobras.
- O igarapé é um corpo de água menor que o rio. Quando é muito pequeno é chamado de “igarapézinho”. É nos igarapés que os Kulina pegam água, tomam banho e lavam utensílios e roupa. É o local de pesca mais próximo. Na seca, as crianças se refrescam nas águas e brincam de pescar com flecha. É próximo a um igarapé que se escolhe abrir uma aldeia²⁷². Nos igarapés existem várias espécies de peixes, menores que os que ficam no rio, lagos e sacados. Nos igarapés é possível pescar arraia e camarão. O Igarapé do Índio, o Igarapé Três Barracas e o Igarapé Gaviãozinho são os mais frequentados, pois, abrigam as aldeias existentes da área de estudo (ver mapa “Área de Estudo: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”).
- O Paraná é um canal ou braço do igarapé. Há um paraná do Lago do Mato que sai no Igarapé do Índio. Há também o paranazinho e do paranazão na região da Providência (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça: trecho 1)

²⁷² Vimos anteriormente como a base da concepção de território Kulina está na relação de um subgrupo a “posse-ocupação” de um igarapé.

- O Poço/Buraco da cobra grande é o lugar onde a cobra grande mora que é um extra-humano com corpo de uma cobra tipo sucuri. Esse buraco fica em um lugar coberto de água, podendo ser o rio, um lago ou um igarapé. Na área de estudo foi relatada a existência de um buraco de cobra grande no Igarapé Gaviãozinho, no poço, embaixo da casa do Porainom e da Amassa, que são pajés²⁷³ (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). As cobras grandes são consideradas “as seguranças” dos lagos, se a cobra é morta ou morre, o lago seca e a pessoa que matou pode ficar doente. A cobra grande também pode passar *dori-feitiço* para uma pessoa, que acaba adoecendo. Os poços estão localizados nas curvas dos igarapés. Na seca o poço forma um abrigo com maior quantidade de água para muitos animais. Sendo bons locais de pesca na seca.
- O Sacado é um lugar muito utilizado pelos Kulina na TI. O sacado é um lugar dinâmico, formado por um meandro do rio que se fecha com o tempo e com a dinâmica das águas. Os Kulina também chamaram esse lugar de Lago do Sacado, porque o futuro do sacado é fechar seu furo de comunicação com o rio Juruá e virar um lago. O furo do sacado é o nome do cano que liga o Lago do Sacado ao rio Juruá (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça – trecho 1). Na entrada da aldeia Igarapé do Índio tem um Sacado e na entrada para as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho tem outro sacado que é chamado de Sacado Veneza ou Lago Veneza (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça – trecho 2). Os Sacados são importantes para as atividades produtivas/simbólicas por que dentro do sacado pega-se tracajá, pirarucu, tambaqui, surubim, tucunaré, carauaçu, aruanã, curimatã, zé prego, jaraqui, piranha, arraia, jacaré tinga, jacaré açu e pato. E mora a cobra sucuruju. Na beira do sacado podem ocorrer sepultamentos e o local pode até mesmo ser reconhecido como um cemitério.
- O Lago é um ambiente para pesca e coleta de ovos de jacarés e tracajás. Existem diversos lagos de diferentes tamanhos e é comum terem muito surubim, traíra, bodó, carauaçu e pacu. Também são lugares de jacaré e pirarucu, embora essas espécies foram apontadas como não sendo consumidas, sendo capturadas por não indígenas que entram no território. Na beira do lago tem muita madeira açucu que se usa para fazer tábua e canoa, e muita ave cigana que é caçada para artesanato (produção de pena para flecha) e o pássaro cujubim. Alguns lagos possuem nomes

²⁷³ Desenvolverei melhor esse item na Quinta Parte desse relatório.

e outros não são nomeados. Alguns lagos são visitados constantemente, outros, normalmente os mais distantes, têm visitas mais esporádicas e sazonais. Na região da aldeia Igarapé do Índio costuma-se visitar o Lago do Mato, Lago dos Dois e Lago da Terra Firme, onde frequentam para caçar pato; Lago do Cacaia tem pirarucu, tracajá, aruanã e curimatã; Lago do Munguba é visitado quando estão de passagem para Eirunepé (ver mapa: Área de Estudo TI Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Na região da aldeia Três Barracas há o lago Maxirixi usado para atividades produtivas de caça, pesca e coleta. Famílias das aldeias Três Barracas e Gaviãozinho costumam fazer expedições montando acampamentos no local. No lago São Longuinho (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho), localizado no caminho para a aldeia Gaviãozinho, captura-se surubim, traíra, bodó, carauaçu e pacu. Na região da aldeia Gaviãozinho tem um lago pequeno em que a mandioca é colocada de molho. Há também o Lago do Coatá rico em pirarucu, bodó, aruanã, tucunaré, cará, traíra, carauaçu e ovo de jacaré e tracajá (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça – trecho 2)

- Cacaia são lugares próximos ao rio Juruá, com vegetação arbustiva, com capins que estão adaptados à sazonalidade de cheia e seca. Próximo ao Lago do Sacado tem cacaia (ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça – trecho 1)
- Praia é um lugar de areia. É um lugar dinâmico, que vai mudando de acordo com a movimentação do rio e o depósito de areia. Na praia os Kulina montam acampamento de apoio para as expedições de caça, pesca e coleta; e são ponto de apoio nas viagens para as cidades de Eirunepé e Itamarati. As praias estão localizadas nas margens do rio Juruá, dos igarapés e de algum lago. Nas praias também são feitos os roçados de verão, principalmente na margem do rio Juruá (exemplo: roçado de melancias do Oma nas margens do rio Juruá. Ver mapa: Locais de pesca, coleta e caça – trecho 1). Planta-se no início da vazante e colhe-se antes da enchente. As praias são muito visitadas para coleta de ovos de tracajá e de tartaruga no verão.



Foto nº 23: igapó local reprodução pirarucu.
Mapeamento região Igarapé do Índio: 14/08/2024 (Genoveva)

A seguir apresento quadros com os principais instrumentos de pesca utilizados pelos Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho e o levantamento dos animais de pesca existentes na TI em estudo. Nesses quadros podemos encontrar informações sobre a importância e usos dos recursos pesqueiros; ambiente onde são encontrados e as formas de captura (Campos, 2025).

Quadro nº 11: Instrumentos de pesca utilizados pelos Madija (Kulina) (Campos, 2025, p. 125-126)

Instrumentos de pesca	Descrição	Materiais Utilizados
<i>Timbó(tingui)</i>	Planta usada para envenenar a água, reduzindo o oxigênio e facilitando a captura de peixes.	Raízes, casca de timbó.
<i>Oaca</i>	Planta cultivada nos roçados misturada com a lagarta que facilita a captura de peixes.	Planta da roça; lagarta.
Arpões	Ferramentas com pontas afiadas para capturar peixes maiores em rios e igarapés.	Madeira e pontas de osso ou ferro
<i>Zagaias</i>	Versão menor e mais leve do arpão, usada para pesca rápida ou em águas rasas.	Madeira e pontas de osso ou espinho.
<i>Casueiro/ Malhadeira</i>	É uma rede, que chega a atingir até 40 metros de comprimento e é colocada no rio, em locais específicos como balseiros e tronqueiras.	Fibras naturais, como cipós e cordões vegetais. Nylon (quando comprada).
Cestas ou armadilhas	Estruturas colocadas estrategicamente nos rios para capturar peixes.	Cipós e outros materiais vegetais.
<i>Linhas e anzóis</i>	É mais utilizado pelas mulheres para pescarem no rio e nos igarapés e, geralmente, a isca usada no anzol é o tapuru do cocão.	Confeccionados com arame ou comprados na cidade.
Espinhel	É formado de uma linha principal da qual partem várias linhas secundárias que se prolongam por alças de arame de aço ou latão trazendo o anzol na sua extremidade livre.	Aço ou latão com linha e anzol
Caníço	Vara longa e flexível usada para pesca com linha e anzol, ideal para rios e igarapés.	Madeira leve, linha de fibra natural e anzol de osso ou espinho.
Tarrafa	Rede circular com pesos nas bordas, lançada manualmente para capturar peixes em águas rasas. As tarrafas podem ter tamanhos variados.	Fibras naturais ou sintéticas e pequenos

As grandes são utilizadas por homens, mas as pequenas podem ser utilizadas por mulheres ou crianças. pesos de pedra ou metal.

Flecha	É geralmente utilizada nas pescarias de peixes grandes no rio e também na pesca realizada pelas crianças na beira do igarapé em frente à aldeia	Madeira, linha e fibras naturais para fixação.

Fonte: Adaptação de FUNAI/ PPTAL/ GTZ, 2008 feita por Campos (2025, p. 125-126).

Quadro nº 12: Levantamento de animais de pesca na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho (Campos 2025, p. 128-132)

NOME CIENTÍFICO	NOME INDÍGENA	NOME PORTUGUÊS	IMPORTÂNCIAS E USOS	SITUAÇÃO DE ABUNDÂNCIA	ONDE TEM/ AMBIENTE	TIPO DE PESCA	ÉPOCA
<i>Paratrygon aiereba</i>	Botaní	Arraia	alimentação, remédio	muito	igarapé, lago	arpão, anzol	verão
<i>Osteoglossum bicirrhosum</i>	Bauaru	Aruanã	alimentação	pouco	poço, igapó, lago	flecha, espinhel com isca	ano todo
<i>Acanthodoras cataphractus</i>	Bacco	Bacú do ferro	alimentação	muito	sacado	casueiro	verão
<i>Loricariidae</i>	Huasa	Bodó	alimentação	muito	lago, sacado	Casueiro	verão
<i>Raphiodon vulpinus</i>	Pissino	Cachorrão	alimentação	muito	poço, igarapé, lago	casueiro	inverno
<i>Macrobrachium amazonicum</i>		Camarão	alimentação	muito	igarapé	vaso, paneiro, panela velha	verão
<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i>		Caparari		muito	lago, rio, sacado	casueiro	verão
		Capitari	alimentação	muito	lago, rio, sacado	flecha, casueiro, linha com isca de palmito de murumuru	verão
<i>Geophagusbrasiliensis</i>	Iramá	Cará	alimentação	muito	igarapé	Casueiro, anzol	ano todo
<i>Astronotus ocellatus</i>	Bijaapani	Carauaçu	alimentação, geração de renda	muito	lago, igapó, "em tronqueira de pau"	flecha, casueiro, zagaia focando à noite	Verão/inverno
<i>Loricariidae</i>	Aba hete jocarcara	Cascudo	alimentação	muito	sacado	casueiro	ano todo

<i>Oxydoras Niger</i>	Cuio	Cuiu cuiú	alimentação	muito	sacado	casueiro	ano todo
<i>Prochilodusnigricans</i>	Ccodsa	Curimatã	alimentação, remédio, geração de renda	muito	igarapé, sacado	casueiro, tarrafa	ano todo
<i>Melanosuchus niger</i>	Tuccodso	Jacaré açu	alimentação	muito	lago, rio, sacado	arpão com três pontas	verão
<i>Caiman crocodilus</i>	Huama	Jacaré tinga	alimentação	muito	igarapé, lago, sacado	arpão com três pontas com hastes de pracaúba	verão
<i>Crenicichla spp</i>	Tere	Jacundá	alimentação	muito	igarapé, lago, igapó	casueiro	ano todo
<i>Semaprochilodus insignis</i>		Jaraqui	alimen tação, geração de renda	muito	igarapé, lago, boca de várzea	flecha, casueiro	ano todo
<i>Zungaro zungaro</i>	Capaidso abá	Jaú preto	alimentação	muito	poço de igarapé, lago de água branca e preta	Anzol, linha	verão
<i>Hopleryt hrinusunitaeniatu s</i>	Corubu	Jejú	alimentação	muito	Lago, igarapé	anzol, caniço	ano todo
<i>Rhamdia quelen</i>	Bidamá	Jundiá	alimentação	muito	igarapé, lago, sacado	linha, espinhel	ano todo
<i>Potamorhina altamazonica</i>	Supaico	Mamurí	alimentação	muito	igarapé, igapó	espinhel, zagaia, faxiando, casueiro	ano todo
<i>Pimelodus sp.</i>	Caraviri	Mandí	alimentação	muito	igarapé	caniço, anzol com bolinha de	ano todo

						jurizú, tarrafa e casueiro	
<i>Ageneiosus brevifilis</i>	Borão	Mandubé	alimentação	muito	igarapé, poço	Casueiro, linha	inverno
<i>Hypophthalmus edentatus</i>		Mapará	alimentação	muito	igarapé, lago	casueiro	inverno
<i>Eschweilera coriacea</i>	Quipi	Matá matá	alimentação	médio	baixio, chavascal, igarapézinho	mão	verão
<i>Brycon amazonicus</i>	Mamore	Matrinxã	alimentação,	muito	poço no igarapé	Flecha, anzol com linha	inverno
<i>Characidium fasciatum</i>		Mocinha	alimentação	muito	poço de igarapé	casueiro	inverno
<i>Pseudoplatystoma</i> sp.	Cato nocco	Olho do gato	alimentação	muito	igarapé, rio Juruá, lago	linha	ano todo
<i>Piaractus mesopotamicus</i>	Bama	Pacú	alimentação,	muito	igarapé, lago	casueiro, caniço com João mole	inverno
<i>Trichechus inunguis</i>	Supena	Peixe boi		muito	rio, sacado	Não pescam	verão
<i>Plagioscion squamosissimus</i>	Quijaí	Pescado	alimentação	muito	poço, igarapé, lago, sacado	linha, casueiro	ano todo
<i>Anostomidae</i>	Dsomohui	Piau	alimentação	muito	igarapé, lago, igapó, sacado	anzol com bolinha de trigo, caniço, casueiro	ano todo
<i>Brachyplatystoma vaillantii</i>	Narima	Piramatuba	alimentação	muito	igarapé, lago	Linha, isca	ano todo
<i>Serrasalmus</i> sp	Acomi	Piranha	alimentação	muito	sacado, igarapé	anzol, casueiro, caniço	ano todo

<i>Piaractus brachypomus</i>	Pirapitingá	Pirapitinga	alimentação	muito	sacado, lago	espinhel, casueiro, linha, arpão	Inverno/ve rão
<i>Phractocephalus hemiliopterus</i>	Huajaba	Pirarara	alimentação,	muito	corredeira, rebojo, sacado,lago	ponta de linha, espinhel no raso, linha malhadeira	verão
<i>Arapaima gigas</i>	Huehe	Pirarucu	quase não come	muito	lago	grande, isca, ponto de linha, isca de traira	verão
<i>Electrophorus electricus</i>	Minati	Poraquê	alimentação, remédio	muito	sacado, lago, igarapé	arpão, aponta a vara, flecha	ano todo
<i>Triportheus spp.</i>	Nocoputaputá	Sardinhão	alimentação	muito	igarapé, sacado, rio	Anzol, linha,	ano todo
	Baahoiro	Sulamba	alimentação	muito	Lago do mato, sacado, igapó	Espinhel, flecha, assovia para chamar	inverno
<i>Pseudoplatystoma fasciatu m</i>	Abapotajari	Surubim	alimentação	muito	igarapé, poço	arpão, linha com isca	ano todo
<i>Colossoma macropomum</i>	Amasiri	Tambaqui	Alimentação	muito	rio, lago, poço, sacado	espinhel, casueiro, flecha, arpão	inverno
<i>Hoplosternum littorale</i>	Bacussi	Tamoatá	Alimentação	muito	Sacado, chavascal	cava buraco e pega com a mão	Verão/sec o
<i>Podocnemis erythrocephala</i>	Sibore putajaro	Tartaruga	Alimentação, remédio	muito	lago, rio, praia	casueiro, linha, arpão	verão
<i>Podocnemis expansa</i>	Caporo	Tartaruga do igapé	Alimentação	muito	lago, igapó, igarapé	casueiro	verão

<i>Podocnemis unifilis</i>	Sibore	Tracajá	Alimentação	muito	Igarapé, lago, sacado, praia	flecha, casueiro	verão
<i>Hoplias malabaricus</i>	Sscao	Traíra	Alimentação, remédio	muito	Igarapé	flecha, casueiro, anzol, caniço, faxiando, zagaia	ano todo
<i>Cichla ocellaris</i>	Huassiro	Tucunaré	Alimentação	muito	Igarapé, lago	flexa, casueiro, anzol, flecha, linha com peixe de plástico	ano todo
		Zé prego	Alimentação	muito	Igarapé, sacado	flecha, casueiro	verão

6.3 As atividades de caça



Foto nº 24: Bahuai e Aimore.

Caça de caititu na restinga do Lago do Mato: 13/08/2024 (Genoveva)

Os Kulina reproduzem um padrão geral amazônico: as atividades de caça se intensificam no inverno – de modo oposto ao que ocorre com a pesca – quando surgem as restingas (pequenas ilhas nas regiões de igapó), onde os animais se concentram nos poucos locais secos, tornando a atividade mais fácil em comparação ao verão.

A caça também é uma atividade masculina. Nas expedições de caça, no “centro” da terra firme, pode participar toda a família, que passa dias em um acampamento na floresta. Nessas expedições, as mulheres realizam coletas de frutas, cipós e talas, que utilizam na confecção de utensílios domésticos (ou para venda, como paneiros, vassouras, cestos e outros).

As áreas preferidas para caça de animais de grande porte (antas, queixadas, veados, macacos e caititus) são as localizadas nas nascentes dos igarapés, onde há maior incidência de “barreiros” ou “chupadores”. Os Kulina explicam que esses são locais apreciados pelos animais silvestres, devido à consistência argilosa do solo e maior concentração de sal.

No roçado, próximo à aldeia, costumam abater pequenos animais, como cutias, pacas, porquinhos, jabutis e tatus. A carne de anta pode ser destinada a fins comerciais, enquanto a carne de outros animais, como queixada e veado, é mais utilizada para consumo interno. Nas atividades de caça, os Kulina utilizam espingardas, arco e flecha e cacetes.

Pollock (1985) e Gordon (2006) afirmam que um grupo de parentes Kulina é constituído pela partilha das mesmas substâncias. Os co-residentes são feitos do mesmo sangue, da mesma “alma” (*tabari*) e da mesma “carne” (*ime*) ao consumirem a carne dos pecaris (*jidsama*: queixada) caçados na mata.

Não obstante, ressalto a relevância dos queixadas, não apenas como animais de caça para a reprodução física, mas principalmente para a reprodução cultural. Pollock, ao estudar a cultura Kulina, afirmou que a “alma” do morto que é conduzida ao submundo *nami bodi* (patamar subterrâneo) é chamada de *tabari*, e somente passa a ser chamada *tocorime* depois de consumida pelos queixadas e transformada em queixada (1985, p. 61). De acordo com Pollock, os queixadas do submundo cantam e dançam um *Ajie* para a alma recém-chegada. Eles dançam em círculo em torno da alma e, no final do ritual, os *tocorime*-queixadas saltam sobre a alma do morto e a consomem. Dessa forma, ocorre a transformação em *tocorime*-queixada. Mais tarde, o pajé chama esses *tocorime* queixada – que emergem na selva como queixadas – para serem caçados e comidos pelos Kulina (Pollock, 1985, p. 95-96).

Por sua vez, o consumo de carne de queixada pelos humanos que habitam o *nami* (patamar terreno) é o aspecto que constitui um grupo de pessoas aparentadas.

Interagir com os animais e praticar a caça faz parte do ser Kulina de forma que a atividade de caça não se refere somente à obtenção de proteína para alimento ou uma atividade produtiva e de subsistência. Existem relações de predação, continuidade e pertencimento que regem as interações Kulina com todos os seres, e se destacam com os animais considerados caça, impondo uma série de regras que precisam ser respeitadas para a constituição de um corpo saudável, que não adoça ou até mesmo para não se perder na mata. Quando se volta de uma caçada da mata para a aldeia, por exemplo, para que o caçador não adoça, é preciso reintegrar essa pessoa à socialidade Kulina e para isso se oferece bebida de mandioca (Pollock, 1985, p. 215).

Todavia, a intensidade das atividades de caça predatória por parte dos não indígenas e a falta de um lugar tranquilo para que os animais de caça possam andar e se

reproduzir está causando transtornos significativos nos Kulina, pois estes já não conseguem “topar” com bandos de queixadas.

Apresento agora os mapas com a localização dos principais locais de caça, pesca, extrativismo e agricultura na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.

Marilena Campos – responsável pelas pesquisas ambientais na TI em estudo – traz contribuições relevantes sobre as atividades de caça. Por exemplo, ao classificar “Paisagens e Lugares”, assinala que as áreas de “Chavascal/Buritizal²⁷⁴” e “Barreiro/Chupador” são diretamente voltadas às atividades de caça (Campos, 2025, p. 84-87).

- Chavascal/Buritizal: para os Kulina que habitam a TI, o chavascal e o buritizal estão ligados ao mesmo lugar. Sendo que o chavascal está associado às áreas alagadas ou úmidas, de terra preta com muita matéria orgânica, onde se encontra o buriti e outras espécies como o açaí. E o buritizal é a concentração de buritis em um mesmo lugar, lugar esse que é chamado chavascal. O chavascal é frequentado na seca para a caça de queixada e para a pesca de peixes que tem o hábito de entrar nos buracos (exemplo: peixe tamoatá). Os buritizais são frequentados para a caça de animais que vão comer buriti. Os lugares de chavascal/buritizal foram descritos nas três aldeias visitadas, próximo aos rios e alguns próximos às aldeias (ver mapas: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trechos 1 e 2).
- O Barreiros/Chupadores são lugares muito utilizados pelos Kulina para a caça, e foram localizados nas beiras de alguns igarapés e lagos. Perto da aldeia Igarapé do Índio tem o barreiro do Curumim, o barreiro do Mopohuasira e o barreiro do Três Bocas. Perto da aldeia Três Barracas tem quatro barreiros. Perto da aldeia Gaviãozinho há vários barreiros: Barreiro do Caroço; Barreiro do Jacuba-Dsacoba (esse barreiro também é conhecido como barreiro do Dahora, pai da Anari); Barreiro do Lago do Coatá; Barreiro de Pedra; alguns barreiros no igarapé Tibuteu; Barreiro do Furo da Rodagem; e um barreiro grande na região do Flechal. Nos barreiros também pode ter o chupador, que é o lugar onde os animais consomem água enlameada. Oma localizou um chupador na região do Pajurá e na região do Mapuá (ver mapas: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trechos 1 e 2).

²⁷⁴ As áreas de “Chavascal/buritizal” integram as “áreas imprescindíveis” pois além de serem locais de reprodução de plantas e animais silvestres, nesse Lugar/Paisagem estão as nascentes de igarapés. Elas serão descritas e localizadas na Quarta Parte desse relatório.

Reproduzo, a seguir, as contribuições do Relatório Ambiental (Campos, 2025, p. 113-117), no intuito de alargar os conhecimentos sobre as atividades de caça entre os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, bem como para indicar os locais onde essas atividades acontecem e as técnicas utilizadas.

A atividade de caça se apresenta integrada às demais atividades. É uma atividade que costuma ser praticada ao longo de todo o ano, se intensificando no inverno, quando as áreas estão alagadas e há oferta de frutas. No verão a caça é praticada nos barreiros que são regiões alagáveis. Em todas as três aldeias foram apontados a existência de importantes barreiros, que são muito utilizados durante os meses de seca para caça por espera. Além disso, a própria atividade se mostrou associada a diversas estratégias e técnicas ao longo do tempo. Na terra indígena há uma grande diversidade de espécies devido à boa parte do território ser coberta por floresta, constituindo-se um importante centros de endemismo, abrigando, inclusive, espécies ameaçadas de extinção e uma grande diversidade de avifauna. Os buritizais e chavascais também são locais frequentados para a caça de queixadas e antas. O roçado também é um importante local de caça de paca, cutia e tatu. Os Kulina costumam fazer expedições de caça para as cabeceiras dos igarapés em busca de barreiros mais distantes.

Os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho disseram que há duas qualidades de antas na região, uma anta pretinha, buchudinha e a rosía (“grande e com orelhas brancas”). Existe também dois tipos de guariba: vermelho e preto. O macaco preto e macaco zogue zogue têm duas qualidades de cada. Socó boi tem três qualidades: um pequeno, um preto e um listrado. Tatu tem o grande, o tatuzinho, o tatu peba, o tatu bola e o tatu canastra. Na área tem a onça vermelha (“a da malha miúda e da malha grande”) e a onça preta. Também tem o gato maracajá (antigamente os Kulina matavam para extrair a pele para a venda).

Caça-se a ave cigana na beira do lago para retirar a pena e fazer flecha e artesanato, enquanto que o mutum é abatido na beira do igarapé, igapó e restinga. Os Kulina também coletam mel de abelhas nativas, como da abelha arapuã e da abelha pretinha. As abelhas costumam construir a colmeia nas palmeiras joari e tucum.

As principais técnicas de caça são a caça de espera, a caça de ponto e de tocaia e a caça com cachorros (ver quadro a seguir com a descrição dessas técnicas). Vale salientar que na aldeia Três Barracas não têm cachorros. Embora se utilize espingarda a munição é considerada um item caro e de difícil acesso sendo comum o uso de terçado e arco e flecha, principalmente para captura de pequenas aves.

Quadro nº 13: Descrição das técnicas e instrumentos utilizados na área de estudo
(Campos, 2025, p. 115)

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS	DESCRIÇÃO
Arco e Flecha	É usada para animais de pequeno porte, principalmente aves. Utiliza-se arcos de madeira e flechas feitas de bambu ou outras fibras naturais.
Caça coletiva	É quando a Caça ocorre em grupo, especialmente para capturar animais maiores, como porcos-do-mato (<i>hidzama</i>).
Armadilhas	Armadilhas simples ou complexas, feitas com materiais da floresta, são instaladas em trilhas de animais.
Caçada com cachorro	O cachorro é usado para acoar ou mesmo matar o animal. É usada para animais de pequeno porte.
Imitação do som	Os caçadores imitam sons de animais para atraí-los ou enganá-los.
Caça de espera	O caçador arma uma rede ou constroi um local para sentar em cima de uma árvore próxima ao local onde o animal costuma frequentar para comer como alguma árvore frutífera, plantas da roça e no barreiro.
Caça de ponto	O caçador caminha pelo varadouro à procura do animal, normalmente sozinho
Caça de tocaia	No local de alimentação é construída uma proteção de palha para que o caçador não seja percebido lá dentro, enquanto espera pela chegada do animal.

(Fonte: Adaptação feita por Campos de FUNAI/ PPTAL/ GTZ, 2008 e informações do campo)

A seguir apresento um quadro de Campos (2025) onde é possível acessarmos um levantamento completo dos animais de caça existentes na TI em estudo. Nesse quadro há informações quanto as técnicas de captura de cada animal, quais ambientes habitam e a importância e formas de usos.

Quadro nº 14: Levantamento de animais de caça na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho (Campos 2025, p.118-122)

NOME CIENTÍFICO	NOME INDÍGENA	NOME PORTUGUÊS	IMPORTÂNCIAS E USOS	SITUAÇÃO DE ABUNDÂNCIA	ONDE TEM/ AMBIENTE	COMO CAÇA	ÉPOCA
<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	Ahui	Anta	cinagética;simbólica; medicinal.	muito	buritizal; barreiro; chupador	espera, de ponto, seguir o rastro	ano todo/verão
<i>Ortalis guttata</i>	Huaracaisa	Aracua	cinagética	muito	capoeira	ai procurar; de ponto	ano todo
<i>Ara chloropterus</i>	Huaja	Arara vermelha	cinagética	muito	igapó, terra firme, restinga	Quando encontra	quando tem fruta
Anhinga anhinga	Mergulhão	Carará	cinagética	muito	lago, igarapé	arma, malhadeira	outubro dezembro; janeiro
<i>Opisthocomus hoazin</i>	Jana	Cigana	Cinagética mas não caça muito atualmente	muito	Beira do lago	espingarda	ano todo
Aburria cumanensis		Cujubim	Cinagética	muito	Restinga; beira do lago	de ponto	ano todo
<i>Dasyprocta sp.</i>	Ssinama	Cutia	cinagética	muito	capoeira, roça	de ponto	ano todo
Tinamotis tetrax	Huequedso	Cutiara	cinagética	muito	baixo de igarapé; mata	de ponto e com cachorro	ano todo
Leopardus wiedii	Cajahui	Gato maracajá	pouca importância cinagética;	muito	capoeira, várzea, terra firme	não caça	ano todo

			(antigamente vendia o couro)				
Chelonoidis sp.	Dsanicua	Jabuti	pouca importância cinegética, medicina	muito	restinga	andando, quase não caçam, remoso	Ano todo
Psophia	Tosipa	Jacamim	pouca importância cinegética	muito	terra firme	quando encontra	ano todo
Penelope jacquacu	Dapo	Jacú	cinegética	muito	restinga, terra firme	de ponto; quando encontra	ano todo
Lagothrix lagothericha ssp	Vapa/ Huada	Macaco barrigudo	alimentação simbólica	muito	terra firme e igapó	de ponto; quando encontra	inverno
Cebidae	Mano	Macaco cairara	cinegética	muito	várzea, igapó, terra firme	de ponto; quando encontra	ano todo
Saimiri sciureus L.	Pissí	Macaco de cheiro	cinegética	muito	várzea, igapó, terra firme	de ponto; flecha	maio
Alouatta	Hore	Macaco guariba vermelho	cinegética; simbólica	muito	igapó, várzea	de ponto, flecha; quando encontra	Inverno; maio, abril
Pithecia pithecia	Tamaccori	Macaco parauacú	cinegética	muito	igapó	de ponto	ano todo
Sapajus apella	Dsuhiji	Macaco prego	cinegética	muito	várzea, terra firme	de ponto	ano todo
Ateles sp.	Jomo	Macaco preto	cinegética	muito	na beira de igarapés	de ponto	ano todo

<i>Cheracebus</i>	Orohua	Macaco zogue zogue	cinagética	muuto	Cabeceira igapó, terra firme, capoeira	de ponto, quando encontra	ano todo
Crax sp.		Manguari	cinagética	médio	lago	tiro quando encontra	ano todo
Dendrocygna viduata		Marreco	cinagética	muuto	sacado	tiro quando encontra	ano todo
Crax sp.	Ibico	Mutum	cinagética; medicinal	muuto	beira de rio, lao, restinga	de ponto; tiro quando encontra	ano todo
<i>Crypturellus parvirostris</i>	Macocahua	Nambú	cinagética	muuto	várzea, capoeira	arma, arapuca, tiro quando encontra	ano todo
<i>Tinamus guttatus</i>	Huasori	Nambu galinha	cinagética	muuto	Restinga, lago, em cima do galho	focando à noite (6h até as 10h)	ano todo
<i>Panthera onca</i>	Dsomaji janui/ Dsomaji sohuehui	Onça pintada/preta	simbólica	muuto	beira de lago, roçado, restinga, mata	de ponto	ano todo
<i>Puma concolor</i>	Dsomaji macui	Onça vermelha	simbólica	muuto	beira de lago, capoeira, restinga, cabeceira	de ponto	ano todo
<i>Cuniculus paca</i>	Camanohei	Paca	cinagética	muuto	beira de igarapé, igapó	focando à noite	inverno/ vazante
Amazona sp. e Psittacidae	Huaro	Papagaio	simbólica; coleção	muuto	igapó, terra firme, restinga	pega no ninho, novinho	ano todo
Anas platyrhynchos	Pato	Pato do mato	cinagética	muuto	Igapó, sacado	espera à noite	ano todo

<i>Pecari tajacu</i>	Anu bedse	Porquinho	cinagética	muito	roçado, capoeira, terra firme, várzea	de ponto, espera em cima do pau tiro quando aparece na aldeia	ano todo
Didelphidae	Mocora	Mucura/Saruê	não caça muito	muito	aldeia, roça, capoeira, mata		Ano todo
<i>Nasua nasua</i>	Dsotomi	Quati	Cinegética	muito	Restinga, terra firme	de ponto	Ano todo
<i>Sciurillus pusillus</i>	Macahuari	Quatipuru	cinagética	muito	Várzea, terra firme	de ponto	ano todo
<i>Sciurillinae</i>							
<i>Tayassu pecari</i>	Jidsama	Queixada	cinagética, medicinal, simbólica	muito	várzea, baixio	procura; quando encontra; cachorro	Ano todo
Rallidae		Saracura	cinagética	muito	Margem do rio, capoeira	baladeira, arapuca, tiro	ano todo
Ardeidae	Jonore	Socó boi	pouca importância cinagética	muito	beira de igarapé	tiro	ano todo
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Banipe	Tamanduá bandeira	cinagética	médio	Terra firme	não caça	ano todo
<i>Tamandua tetradactyla</i>		Tamanduá mirim	cinagética	médio	Terra firme	não caça	ano todo
Cochlearius cochlearius		Tamatião	cinagética	pouco	lago	tiro	ano todo
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Huari cudse	Tatu-peba (peludo)	cinagética, medicinal	muito	beira de igarapé, terra firme	focando de noite	inverno

<i>Dacypus novemcinctus.</i>		Tatu galinha	cinagética	muito	terra firme, restinga	espera	ano todo
<i>D. kappleri</i>		Tatu quinze-quilos	cinagética	muito	restinga	espera	ano todo
<i>Priodontes maximus</i>	Banipe	Tatu canastra	pouca importância cinagética: "Não está sendo caçado". simbólica	pouco	restinga	arma	ano todo
Ramphastidae	Dsaqui	Tucano	pouca importância cinagética	muito	capoeira	de ponto	ano todo
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	Badu macuni	Veado capoeira	cinagética	pouco	restinga	de ponto	inverno
<i>Mazama sp.</i>	Badu curahua	Veado roxo	cinagética, medicinal	médio	restinga, terra firme	de ponto	ano todo
<i>Sarcoramphus papa</i>		Urubu rei	simbólica, criação	médio	terra firme	pega no ninho	ano todo
<i>Harpia harpyja</i>		Gavião Real	simbólica	médio	terra firme	não caça	ano todo
Accipitridae		Gavião	simbólica	médio	terra firme	não caça	ano todo
Strigidae		Coruja	simbólica	muito	terra firme, restinga	não caça	ano todo
<i>Potos flavus</i>		Jupará	pouca importância cinagética	médio	terra firme	não caça	ano todo
Folivora	Dsaho	Preguiça	pouca importância cinagética	muito	capoeira, terra firme	pega, não caça	ano todo
<i>Cerdocyonthous</i>	Etté	Cachorro do Mato	pouca importância cinagética	pouco	terra firme	não caça	ano todo
<i>Eira barbara</i>	Ssahuá	Irara	pouca importância cinagética	pouco	terra firme	não caça	ano todo
Mustelidae	Tosseco	Ariranha	não come	muito	igarapé	espera	ano todo

<i>Coendou prehensilis</i>	Misse	Ouriço, porco-espinho	Alimentar; Simbólica: " <i>nasceu da perna de Mioré</i> "	pouco	terra firme	não caça	ano todo
<i>Mustelidae</i>	Sabirá	Lontra	Não come	pouco	igarapé	espera	ano todo
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>		Capivara	pouca importância cinegética	pouco	perto do rio, sacado	quando encontra	ano todo
<i>Boa constrictor</i>		Jiboia	Simbólica	médio	igarapé, mata	não caça	verão
<i>Eunectes murinus</i>		Sucuri	Simbólica	pouco	poço no igarapé	não caça	verão
<i>Crotalus durissus</i>		cascavel	Simbólica; médica-sanitária	muito	mata, capoeira, roça	facão	ano todo
<i>Bothrops sp.</i>		Jararaca	Simbólica; médica-sanitária	muito	mata, capoeira, roça	facão	ano todo
<i>Melipona sp.;</i> <i>Tetragonisca anagasta;</i> <i>Trigonajaty</i>	Rrezi/Arapuá	Abelhas	Coleta de mel	médio	mata. capoeira	quando encontra	ano todo

6.4 As atividades agrícolas



Foto nº 25: Dsaho plantando melancia no roçado novo.
Aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)

Os Kulina têm como unidade de produção a família nuclear. Contudo, as primeiras atividades necessárias para “abrir” um novo roçado são coletivas (cortes de árvores e queimada) e exclusivamente masculinas. Para trabalhar no roçado, os Kulina utilizam terçados, machados e enxadas. Depois que ele é queimado, cada família nuclear passa a fazer os trabalhos de coivara e plantio (com posse exclusiva da colheita daquela parcela do território). No roçado grande, do tuxaua, todos trabalham. Uma parte da produção é destinada à manutenção da família do tuxaua e outra parte é destinada à alimentação de visitantes ou festas.

Nos roçados Kulina, geralmente são plantadas macaxeira, mandioca, caju, banana, batata, cará, abacaxi, cana, taioba, milho, mamão, pupunha, flecha, pimenta, dentre outros²⁷⁵. A macaxeira é consumida com peixes ou carnes, em forma de caiçuma (líquida ou pastosa), ou em beijus. A mandioca é consumida em forma de farinha,

²⁷⁵ Há uma estreita relação entre os subgrupos *madija* e as espécies cultivadas nos roçados, como batata-doce, mamão, pupunha e outros (Pollock, 1985, pp. 37-38)

grolado, bolos e beijos. Os Kulina costumam plantar algumas espécies frutíferas próximas as suas casas, como ingá, banana, limão, cuia, urucum, coco, pupunha, buriti, goiaba, caju, açaí e biribá.

Apesar da mobilidade territorial, as atividades agrícolas têm grande importância para os Kulina, tanto do ponto de vista da reprodução física como cultural, de modo que há uma íntima relação entre os roçados e suas plantas especiais, como o *rami*, e as áreas de sepultamento. Conforme já discutido na Segunda Parte, os roçados têm ligação com as passagens para o mundo subterrâneo invisível, e são, por isso, uma razão central para os Kulina sempre retornarem aos locais de moradia, nunca abandonando o território onde habitaram, plantaram suas roças e sepultaram seus mortos.

Na imensidão da floresta amazônica, o roçado dos Kulina pode parecer pequeno. Porém, é através do cultivo de várias parcelas de terra que esse povo garante a segurança alimentar de suas aldeias. Para o povo Kulina, o roçado é mais do que um local de produção de alimentos: é o local de conexão com todos seres que habitam a floresta, sejam eles visíveis ou invisíveis. Ou seja, quando os roçados viram cemitérios, eles se transformam em portais de acesso ao mundo extraordinário dos *tocorime* (seres que moram debaixo da terra e podem ser encontrados na floresta, nos rios, lagos, remansos e poços). Assim, os roçados Kulina, ao fornecer alimentos, permitem uma vida saudável para as pessoas, favorecem uma boa relação com os seres *tocorime* e contribuem para o equilíbrio do clima no planeta e para a manutenção da floresta, devido a seu baixo impacto.

As plantas cultivadas nos roçados são *dsama tapa*. Em primeiro lugar, o roçado e seus produtos são de domínio das mulheres. Pertencem às mulheres os produtos mansos e domesticados que podem ser consumidos crus e têm cheiro bom. Por exemplo: macaxeira, banana, batata-doce, cana-de-açúcar e cará. Em segundo lugar, pertencem aos homens os alimentos selvagens que têm cheiro forte e ruim. Esses produtos são consumidos cozidos. Por exemplo: tabaco, mandioca, pimenta e timbós. São os homens que plantam, cuidam e processam esses alimentos (Pollock, 1985, p. 107).

Ao descrever “Paisagens e lugares”, a ambientalista Marilena Campos sistematizou as seguintes informações a respeito da relação dos Kulina com a “roça” e a “capoeira” (2025, p. 76-80).

- A Roça é o lugar da macaxeira e da mandioca. Normalmente os roçados também podem abrigar diversas outras plantas variando com a vontade e disponibilidade de sementes do agricultor, principalmente pupunha, banana, mamão, abacaxi e

caju, mas também cana e cará entre outros. Existem dois tipos de lugares que são escolhidos para abertura do roçado: as terras altas ou terras firmes, lugar onde não alaga e com preferência para solos de terra preta aerada com barro; e as roças de praia, ou de várzea, que são abertas na vazante principalmente para o cultivo de macaxeira e melancia. As roças são lugares temporalmente dinâmicos, são feitas próximas às residências num primeiro momento e quando possível, e depois em diversos outros locais de acordo com a análise do agricultor, levando-se em conta fatores como distância, solo e porte da vegetação. Um fator importante na escolha do local de abertura do roçado é o porte da vegetação existente, pois se considera que quanto mais tempo a terra descansou, ou seja, com o aumento do porte da vegetação, melhor estará o solo para a agricultura. Dessa forma um lugar de mata, ou uma capoeira velha, é considerada melhor do que uma capoeira nova, como local de escolha para abertura do roçado. Por outro lado, derrubar um local de mata alta torna a tarefa mais difícil, sendo o ideal a escolha de uma capoeira velha, quando possível. A roça também é um lugar privilegiado para os sepultamentos, tornando-se cemitérios com o tempo, e, com isso, rotas para o mundo subterrâneo (*nami bodi*)²⁷⁶. Quando vão ao roçado, as mulheres e moças utilizam urucum no rosto, como vimos na aldeia Gaviãozinho. Na aldeia Igarapé do Índio existem 9 roçados; na aldeia Três Barracas 7 roçados e na aldeia Gaviãozinho 20 roçados²⁷⁷ (ver mapas: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trechos 1 e 2; e Mapa de uso e Ocupação – Áreas imprescindíveis. Legenda: “Agricultura”).

- Capoeira: depois que a roça é plantada, espera-se ela amadurecer e após a colheita é feito o replante da maniva de mandioca ou macaxeira no local. Esse processo se repete duas ou três vezes, até que se antevê o esgotamento do solo e o local é deixado para descansar. Para a terra descansar é preciso que a vegetação cresça, num processo chamado de encapoeiramento, um processo natural de sucessão vegetal que vai adubando naturalmente o solo com a matéria orgânica que se acumula no chão. Relatou-se que demora de quatro a cinco anos para a roça encapoeirar novamente após o término do ciclo de cultivo. Dessa forma a capoeira é o nome da transição de uma paisagem em regeneração até se transformar em mata. Esta transição é percebida em diversos estágios/etapas e nomeadas de acordo com o porte da vegetação: capoeira baixa; capoeira alta; capoeira fina; e

²⁷⁶ Na Quarta Parte desse relatório descreveremos melhor a relação roçado-cemitério.

²⁷⁷ Apresentaremos descrição e localização detalhada dos roçados-roça e capoeiras a seguir.

capoeira grossa. A capoeira baixa é como é chamada a vegetação que começa a ocupar uma área nos primeiros anos que ela não é cuidada, ou capinada constantemente. Uma espécie indicadora de uma capoeira baixa é a embaúba (*Cecropia spp*) e uma outra espécie chamada pau d'água. As capoeiras são lugares reconhecidos e respeitados como pertencentes a um dono ou dona. Além da roça, quando a aldeia muda de lugar, as casas são desmontadas, a maioria das madeiras reaproveitadas (quando possível) e o lugar dessa aldeia também vai se transformando em capoeira. É comum encontrar um esteio de uma antiga casa nessas capoeiras, como ocorreu na aldeia Piranha (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio) e na aldeia velha construída por Equene (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Três Barracas). Foram apontados o lugar de várias capoeiras e quando às visitamos eram descritos quem eram, ou são, os seus donos e algumas estavam sendo usadas como lugares de novos roçados. Os Kulina conseguem distinguir capoeiras com mais de 50 anos, difíceis de serem identificadas por quem não conhece a história do local. Na aldeia Igarapé do Índio passamos por capoeiras velhas do Oma em três lugares de aldeias antigas, incluindo locais onde hoje é cemitério. Na aldeia Três Barracas o roçado antigo do Evaldo hoje é uma capoeira alta com mais de sete anos. Na aldeia Gaviãozinho visitamos a capoeira do Chico Cidade. Também visitamos capoeiras no Sacado da região do Igarapé do Índio (ver mapas: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trechos 1 e 2; e Mapa de uso e Ocupação – Áreas imprescindíveis. Legenda: “Agricultura”).



- Foto nº 26: Flechal do Oma. Aldeia Igarapé do Índio (Genoveva).



Foto nº 27: Bananal do Equene. Aldeia Três Barracas (Genoveva).

No Relatório Ambiental, encontramos informações específicas sobre as atividades agrícolas praticadas pelos Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Campos, 2025, p. 103-107). A agricultura é uma atividade muito importante para os Kulina. É de onde provém, junto com a caça e a pesca, a base da alimentação. A agrobiodiversidade cultivada no território envolve várias espécies e variedades vegetais, algumas constantemente e outras mais esporadicamente, algumas pela grande maioria das famílias e outras podem ser encontradas em uma ou duas famílias. A maioria das espécies é utilizada para a alimentação, porém também ocorre o cultivo de espécies medicinais, espécies para proteção e para fabricação de artesanato. Nos quintais são plantadas principalmente frutíferas como manga, pupunha, açaí, jambo e caju.

Os roçados são abertos em áreas de terra firme justamente por não estarem sujeitas ao perigo de alagação no período das chuvas. Entretanto, também existem os roçados de praia. O local onde será feito o roçado na terra firme é aberto no verão, em abril inicia-se a abertura da área e entre maio e julho se faz a derrubada das árvores. As aberturas das roças seguem o sistema de corte e queima. São utilizados machados para a derrubada das árvores além de terçados e enxadas. Essa atividade é feita pelos homens. A área é queimada nos meses de agosto ou setembro e, depois da queimada, cada família nuclear passa a fazer os trabalhos de coivara e plantio que ocorrem com o início das chuvas, normalmente em novembro. Durante todo o ano é realizada a limpeza do local, e a colheita em outros roçados maduros.

Nos roçados da praia o plantio ocorre no início da vazante, quando começa o verão. A colheita ocorre entre julho, agosto e setembro. Os moradores da aldeia Igarapé do Índio, que fica mais próxima ao rio Juruá, abriram roçados de praia esse ano. Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) e Irineu (casa 6, aldeia Igarapé do Índio) fizeram um

roçado de macaxeira e melancia; Peba-Rivaldo (casa 8, aldeia Igarapé do Índio) uma roça de melancia. **Foram identificados 38 roçados abertos, novos e velhos, na área de estudo sendo, 11 na aldeia Igarapé do Índio e dois na praia; 7 na aldeia Três Barracas e 20 na aldeia Gaviãozinho** (ver mapas: Áreas com maior intensidade de caça e extrativismo – trechos 1 e 2; e Mapa de uso e Ocupação – Áreas imprescindíveis. Legenda: “Agricultura”)

Os principais produtos agrícolas cultivados pelos Kulina na TI em estudo é a macaxeira e mandioca. Existem várias qualidades/variedades de cada tipo. A palavra roça também é usada como sinônimo de plantio de macaxeira ou mandioca. Quando é cultivada outra espécie ela é incluída no nome, como: “roça de banana”, “roça de abacaxi”, “roça de melancia” ou “roça de cará”. Na área de estudo, macaxeira foi o nome dado as qualidades mansas e mandioca foi o nome usado para as qualidades bravas. A mandioca é consumida em forma de farinha, grolados, bolos e beijus. A macaxeira é consumida cozida ou em forma de farinha, mingaus, caiçuma (bebida), bolos e beijus. A caiçuma é uma bebida fermentada preparada preferencialmente a partir da macaxeira, mas também pode ser feita com a pupunha, abacaxi ou banana. Para o preparo a macaxeira é fervida por horas e agregada a uma mistura que corresponde a batata doce, cana-de-açúcar e macaxeira assada macerada na boca. A caiçuma desempenha papéis significativos tanto no cotidiano quanto nos rituais.

Foram registradas várias roças de banana que alguns moradores também traduzem por bananal, acrescentado do nome do dono ou dona do local, como por exemplo, “Bananal do Zere”. Foram registradas várias variedades de banana: banana prata; banana maçã; *omao*, *canorara* e *huesse* (não foi registrado o nome em português); banana comprida (*bare*); e banana roxa (*issini*). Nas roças do Igarapé do Índio foram registrados: ingá, caju (*anoa*), cará (roxo e branco), inhame, tucumã, pimenta e curimaru. Nas roças da aldeia Três Barracas: cará, inhame, pimenta, mamão, abacaxi e cana. Nas roças da aldeia Gaviãozinho foram registrados: caju, ananã, abacaxi, pupunha, manga, cupuaçu, ingá, cana, mamão, cará, taioba, banana, urucum, batata roxinha e flecha. O registro, sempre que possível, das origens das sementes e manivas de macaxeira e mandioca mostram que existe uma rede de circulação de plantas entre os parentes e aldeias que é lembrado e acessado quando se fala dessas plantas.

Nos quintais são cultivadas diversas frutíferas como manga, banana, goiaba, biribá, araticum, cupuaçu, laranja, pupunha, ingá, caju, limão, azeitona, fecho, capim, limão e buriti.



Foto nº 28: produtos do roçado da Toho. Aldeia Igarapé do Índio: 10/08/2024
(Genoveva)



Foto nº 29: roçado do Evaldo. Ideia Três Barracas: 19/08/2024 (Genoveva)

A seguir apresento dois quadros: o primeiro detalha as etapas do processo de implantação de um roçado Kulina e o segundo explicita as espécies cultivadas pelo Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Campos, 2025).

Quadro nº 15: Etapas do Processo de implantação de um roçado (Campos, 2025, p. 104)

ATIVIDADE	TERMO EM MADIJA	QUANDO	QUEM	DURAÇÃO	COMO
Brocar	Tinana	Maio	Grupo de homens (adjunto)	2 dias	A broca consiste na limpeza do sub-bosque (retirada da vegetação mais rasteira e das árvores mais finas). Este trabalho é feito com terçado.
Derrubar	Ccade	Maio/Junho	Grupo de homens (adjunto)	5 dias	As árvores mais grossas são derrubadas com machado e as mais finas com terçado.
Esperar secar		Junho/Julho/Agosto		2 a 3 meses	Espera que a vegetação que foi derrubada seque.
Queimar	Butainana	Setembro	Grupo de homens	1 dia	Os homens tocam fogo no roçado e ficam vigiando para o fogo não se alastrar para a mata.
Esperar esfriar		Setembro		alguns dias	Espera que a terra e as cinzas provenientes da queimada esfriem.
Coivarar	Itabona	Setembro	Grupo de homens	1 dia	Retirada dos paus mais grossos e feito do aceiro.

Plantar	Huidsaja	Setembro	Homem dono do roçado com ajuda da mulher e dos filhos	alguns dias	O trabalho é feito em família. Os homens abrem as covas e as mulheres ajudam a colocar as sementes e raízes.
Primeira limpa		Janeiro	Homem e mulher	alguns dias	A limpeza do roçado consiste na retirada do mato que cresce entre as plantas cultivadas. Este trabalho é feito com as mãos e com o terçado.
Segunda limpa		Abril	Homem e mulher	alguns dias	Idem a Primeira limpa

(Fonte: FUNAI/ PPTAL/ GTZ, 2008)

Quadro nº 16: Levantamento de espécies cultivadas na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho (Campos 2025, p. 108-112)

NOME CIENTÍFICO	NOME INDÍGENA	NOME PORTUGUÊS	VARIEDADE	SITUAÇÃO DE ABUNDÂNCIA	ONDE PLANTA	ÉPOCA DO PLANTIO	ÉPOCA DA COLHEITA
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Poho	Mandioca	Tefêzinha	muito	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Brava comprida	muito	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Mandioca dos Deni	muito	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Bodiana	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Bonitinha (talo vermelho)	muito	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Milagrosa	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Corozirim /cruzeirinho	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Mandioca	Seringueira	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	tiroro macuni	muito	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	Poteroro	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	Uenicá	médio	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	Amarela	Muito	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	Pão da Terra	Médio	Roça	Setembro	ano todo
		Macaxeira	Caitana/Tuira	Médio	Roça	Setembro Setembro	ano todo
		Macaxeira	Maria faz rumo	médio	Roça	Setembro	ano todo

<i>Musa spp.</i>	Bare	Banana	comprida	Muito	Roça	Setembro	ano todo
	Huessesse	Banana	Branca	Muito	Roça	Setembro	ano todo
	Humao	Banana	Baié	Muito	Roça	Setembro	ano todo
	Issini	Banana	parecida com a ouro	Muito	Roça	Setembro	ano todo
	Maccoco	Banana	Roxa	Muita	Roça	Setembro	ano todo
	Pacovã	Banana	Pacovã	Pouca	Roça	Setembro	ano todo
	Ussará	Banana	Maça	Muito	Roça	Setembro	ano todo
	Canorará	Banana	não sabem o nome	Médio	Roça	Setembro	ano todo
	Bolororo	Banana	-	Média	Roça	Setembro	ano todo
	Prata	Banana	Prata	Muito	Roça	Setembro	ano todo
<i>Saccharum officinarum</i>	Majonana	Cana	Vermelha	Muito	Roça	Setembro/ Outubro	Março/Maio
		Cana	Branca	Muito	Roça	Setembro/ Outubro	Março/Maio
		Cana	Rajada	Muito	Roça	Setembro/ Outubro	Março/Maio
		Cana	Açúcar	Muito	Roça	Setembro/ Outubro	Março/Maio
<i>Anacardium occidentale</i>	Anohua macuí	Caju	Branco	Muito	Roça/Quintal	Setembro/ Outubro	Agosto

		Caju	Vermelho	Muito	Roça/Quintal	Setembro/ Outubro	Agosto
<i>Dioscorea trifida</i> L. f.	Bija	Cará	Roxo	Muito	Roça	Setembro	Maio
		Cará	Branco	Muito	Roça	Setembro	Maio
		Cará	Mão de onça	Médio	Roça	Setembro	Maio
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Jarisi	Batata Doce	Roxa	Médio	Roça	Setembro	Outubro
		Batata Doce	Branca	Médio	Roça	Setembro	Outubro
<i>Capsicum spp.</i>	Cassi	Pimenta	Ardosa	Médio	Roça/Quintal	ano todo	ano todo
		Pimenta	Doce	Médio	Roça/Quintal	ano todo	ano todo
<i>Rutaceae</i>	Irimão	Limão	Comum	Médio	Roça/Quintal	-	durante o verão
		Limão	Tangerina	Médio	Roça/Quintal	-	durante o verão
<i>Mangifera indica</i> L.	Amaca	Manga	Manguita	Muito	Roca/Quintal	ano todo	Novembro
		Manga	Rosa	Muito	Roca/Quinta	ano todo	Novembro

		Manga	Original	Muito	Roca/Quinta	ano todo	Novembro
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Ssamí, sacaca	Abacaxi	-	Muito	Roça	ano todo	Agosto
<i>Ananas comosus</i>	Ssamí sosso	Ananás	-	Muito	Roça	ano todo	Agosto
<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad	Marasidsa	Melância	-	Muito	Roça	Maio a Junho	Julho/agosto
<i>Inga spp</i>	Imi	Ingá	-	Muito	Roça/Quintal	ano todo	Fevereiro a Junho
<i>Cucurbita spp.</i>	Dsoromo	Jerimum	Leite	Muito	Roça	Setembro	Outubro/ Novembro
<i>Colocasia</i> sp., <i>Xanthosoma</i> sp.	Mato, sirepe	Taioba	Branca e grande	Muito	Roça	Maio/Julho	Agosto/ Outubro
<i>Calathea allouia</i>	Pioco	Ariá	Branco	Muito	Roça	Setembro	Setembro

<i>Bixa orellana</i>	Hidepe	Urucum		Médio	Roça/Quintal	Inverno	Fevereiro
<i>Bactris gasipaes</i>	Dsahuidá	Pupunha		Muito	Roça/Quintal	-	Dezembro a abril
<i>Syzygium malaccense</i>		Jambo		Muito	Quintal	-	Novembro/ Fevereiro
<i>Euterpe oleracea</i>	Maraca	Açaí		Muito	Roça/Quintal		Inverno
<i>Persea americana</i> Mill.	Bacasê	Abacate	Roxo	Médio	Roça		
<i>Elaeis guineensis</i>	Dede	Dendê	-	Pouco	Quintal	-	-
Gynerium	Flecha	Flecha		Muito	Roça		ano todo
<i>Carica papaya</i> L.	Capaidso	Mamão		Muito	Roça		ano todo
Oenocarpus spp.	Jahuazorá	Bacaba		Muito	Roça		Dezembro/ abril

<i>Dictyoloma vandellianum</i> A. Juss		Tingui	Médio	Roça	
<i>Theobroma cacao</i>	Zowero	Cacau	Médio	Roça	Outubro/ Dezembro
<i>Theobroma grandiflorum</i>	Maphanoha	Cupuaçu	Médio	Roça	Março
<i>Oenocarpus bataua</i>	Jahuá	Patauá	Muito	Roça	Dezembro a Maio
<i>Mauritia Flexuosa</i>	Maro	Buriti	Muito	Roça/Quintal	Dezembro/ Fevereiro
	Abaridscca ssohue	Maracujá do Mato	Pouco	Roça	
<i>Astrocaryum aculeatum</i>	Tocoma	Tucumã	Médio	Roça	Janeiro/Maio

Psidium guajava L.	Waizaba	Goiaba	Médio	Quintal	Inverno
Annona mucosa		Biriba	Médio	Quintal	Março/Maio

6.5 Extrativismo vegetal



Foto nº 30: Dsiquija-Zahahah tecendo cocá para ritual *Ajie* com palha de muru-muru. Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Segundo o relatório ambiental (Campos, 2025, p. 133), é possível perceber no território Kulina um manejo da floresta, como apontam autores que sustentam que muitas áreas da Amazônia são florestas *antropogênicas*, resultado do manejo dos indígenas ao longo de milênios. Baleé (2013), por exemplo, demonstra como os povos indígenas foram manejando e transformando a floresta, criando castanhais e bacabais, aumentando a biodiversidade de muitos locais. No território em estudo as áreas de floresta concentram uma grande diversidade de espécies de buriti plantadas e manejadas, bem como outras palmeiras que os Kulina colhem os frutos e as palhas. São conhecidas as madeiras que são utilizadas na construção, na alimentação, no artesanato e na medicina Kulina.

A ambientalista Marilena Campos, ao descrever “Paisagem e lugares”, definiu a “mata”, a “várzea/igapó”, o “palhal” e a “restinga” como locais diretamente relacionados à prática de diversas formas de extrativismo (Campos, 2025, p. 81-85).

- A mata de terra firme é caracterizada pela relação entre o porte, densidade e espessura dos caules da vegetação que a constitui e os animais que ali vivem. Junto com a mata de várzea e igapó é a paisagem que predomina na área de estudo e onde outros recortes de paisagem e lugares estão inseridos. A mata é o local de coleta e extrativismo (animal e vegetal) e como a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho está localizada em uma área de rica biodiversidade pode-se encontrar diversas espécies como o ucuubão de terra firme, acariquaras, cupiubas, sucupiras, seringueiras, andirobas, copaíbas entre outras; e, onde mora ou transita animais como as onças, as antas, as queixadas, os veados, as cobras, os gaviões, entre muitos outros. A mata também é o lugar dos *tocorime* e outros extra-humanos. Cada planta e animal da mata tem o seu dono, seu *tocorime*, mas tem alguns lugares específicos, em que a presença desses seres é maior (ver mapa: Pesca, coleta e caça – trechos 1 e 2).
- Várzea/Igapó são nomes dados às matas que alagam sazonalmente e recebem o nome local de *tabodi*. Cientificamente a diferença estaria no fato da várzea ser a mata que alaga em áreas de água branca, como as margens do rio Juruá, e que apresentam um solo fértil e o igapó ser a mata que alaga localizada em áreas de água preta, que ocorre na região nos igarapés afluentes do Juruá, e que é apontada como tendo baixa fertilidade. Embora a diferença seja percebida localmente, essas duas categorias de paisagens são usadas como sinônimos. Essas paisagens abrigam algumas espécies como a virola da beira, o cedro da várzea, o mutum, o guariba vermelho e o papagaio de igapó. Na cheia esses lugares são visitados de canoa, através dos furos, e também são usados como locais de pesca.
- A restinga que existe na área de estudo se localiza perto da aldeia Igarapé do Índio, ao lado do Lago do Mato. É um local de terra aerada. Ela é comumente acessada pelos moradores desta aldeia por varadouro no verão e de canoa por furo no inverno. A restinga tem um igarapé que sai no Lago do Mato (ver mapa: Pesca, coleta e caça – trechos 1). Há partes da restinga que não alaga. Na restinga tem andiroba, copaíba, bacuri de anta, açaí, paxiubão para fazer casa, cipó bóia e cipó ambé. A restinga é local de caça de porquinho (caititu), paca, nambu, jabuti e tatu.
- O palhal foi apontado como o lugar onde se tem grande concentração de palmeiras de onde extraem palhas. Esses locais podem ocorrer naturalmente ou serem manejados. Como exemplos de espécies pertencentes ao palhal foram citadas: o buriti, a caranaí (buritirana), ubi, jaci, inará, urucurí, patauí, tucum e tucumã. As

palhas são muito usadas para cobrir as casas, mas também para fazer artesanato e linha de pesca. Cada aldeia tem o seu local de retirar palha, mas a existência de palhal é mapeada em todo território (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).



Foto nº 31: cipó ambé. Mapeamento restinga Lago do Mato.
Região do Igarapé do Índio: 13/08/2024 (Genoveva)

Campos traz, também, informações específicas sobre a relação dos Kulina na TI com o extrativismo vegetal (2025, p. 133-136). Sendo que a coleta e o extrativismo vegetal envolvem os saberes e as vivências dos moradores da TI. Para se coletar ou extrair uma espécie é preciso conhecer o lugar onde encontrá-la, a época do ano, a técnica necessária, que envolve a relação com os *tocorime* donos de determinadas plantas, e sua utilidade (para que serve). Todas as paisagens abrigam alguma espécie que os Kulina sabem descrever a utilidade, suas características biológicas, seu *habitat* e as formas e épocas de coleta e extração.

Na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho as áreas de matas concentram uma grande diversidade de espécies de buriti plantadas e manejadas, bem como outras palmeiras das

quais os Kulina extraem o fruto e as palhas. São conhecidas as madeiras que são utilizadas na construção, na alimentação, no artesanato e na medicina. Essas áreas incluem a floresta, o igapó, a várzea e a restinga e muitas capoeiras que podem ser visitadas para coletas de frutos, folhas, cascas, cipós, sementes, raízes e madeiras.

A coleta de madeiras para construções de casas e canoas é bem seletiva devido à própria conscientização de muitos moradores que reconhecem o local exato da presença de inúmeras espécies vegetais. É uma atividade feita pelos homens, principalmente, com o uso de machados e ocasionalmente com um motosserra emprestado. Para o uso na construção foram apontadas madeiras, como: cedro água ou cedro da várzea, acariquara, bacuri, tarumã, urucurana grande, sucupira, acapu, arapari, açacu, copiuba, orelha de burro, tanimbuca e massaranduba (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

Várias pessoas que habitam a TI trabalharam na venda e coleta de seringa (látex), o látex do caucho vermelho e da sorva. Os Kulina indicaram existência de “estradas de seringa” espalhadas pelo território, como: cabeceira do Igarapé do Índio, rio Mutum, rio Pajurá e Santa Luzia (ver mapa: Área de Estudo – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho).

Os Kulina conhecem uma infinidade de remédios e muitos deles são coletados na mata e por isso chamados de remédios da mata (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis). Existem remédios que são de conhecimento geral, outros apenas dos homens e outros apenas das mulheres. Por exemplo: a acupurana, é coletada pelos homens, serve para a caça; a copaíba usa para cicatrização de feridas e como antigripal; empregam a cinza da casca do paricá para misturar ao rapé; e o torém (“irmão da embaúba”) é utilizado para chás. O *rami* (*Banisteriopsis caapi*) é usado como chá no ritual homônimo²⁷⁸. Para o feitio do chá são utilizadas também folhas de chacrona, pau brasil, manga e caju.

Para a coleta de frutas é preciso estar atento à sazonalidade. Entre as palmeiras, tem destaque o açaí (coletado em março e abril). Há também importantes coletas de patauá (setembro), bacaba (dezembro e janeiro) e o buriti (junho e julho). A coleta de frutas é feita subindo nas árvores ou “catando” as frutas maduras no chão. As espécies frutíferas mais apreciadas pelos Kulina na TI em estudo, são: azeitona do mato, arabá, cajuí, bacuri de anta, moratinga, cajá do mato, cacau do mato, coco jaci, ingá boi,

²⁷⁸ Descreverei a importância do ritual *Rami* para os Kulina na Quinta Parte desse relatório.

abiurana, maracujá do mato, *huanaco*, *nosiacata*, *madso*, *cojoco* e *huiquiri* (não foi registrado o nome em português) (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

Coleta-se palhas para cobrir as casas: paxiubinha, buriti, caranaí, ubi, urucurí e jaci (chamada *nara* na língua nativa). Coleta-se tucum para fazer fibra e com ela tecer linha e armadilha para pescar. Existem vários palhais em toda a TI, mas os mais citados foram: Palhal do Ubi nas cabeceiras do Igarapé do Índio, Palhal do Flechal e Palhal do Santa Luzia (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis). Na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho coleta-se diversos tipos de cipós. O cipó titica é usado para fazer vassoura, peneiras e cestos. O cipó imbé-ambé também é usado para cestos e amarrações.

No “Quadro nº 17: Levantamento do extrativismo na área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho” temos informações precisas sobre usos, formas de coletas e locais de ocorrências das espécies vegetais com as quais os Kulina na TI desenvolvem suas atividades extrativistas.



Foto nº 32: seringueira com marcas de extração do látex.
Restinga Lago do Mato. Região do Igarapé do Índio: 13/08/2024 (Genoveva)

NOME CIENTÍFICO	NOME INDÍGENA	NOME PORTUGUÊS	IMPORTÂNCIAS E USOS	SITUAÇÃO DE ABUNDÂNCIA	ONDE TEM/ AMBIENTE	COMO COLETA	ÉPOCA	QUEM COLETA
<i>Lucuma Lasiocarpa</i>	Huasoma, Huarro ou huaso	Abiorana	Alimentação	muito	terra firme	derruba o pé para colher, corta com faca, sobe quando tem cipó	agosto a outubro (início da chuva)	homem
<i>Euterpe</i>	Maraca	Açaí	Alimentação, Medicina/ Espiritualidade, Cestaria, Construção (assoalho)	muito	beira do igarapé, baixio	sob na palmeira com peconha e corta o cacho com terçado	jan a maio	
	Dsotoni dsojuri	Acapú	Construção (esteio, barrote), mesa	muito	terra firme, restinga, várzea	machado	ano todo	
	Dsotoni	Acariquara	Construção (esteio, barrote), poste	muito	terra firme	machado	ano todo	
<i>Mauritia flexuosa</i>		Açucu	construção	muito	várzea	machado	ano todo	homem
<i>Goupia glabra</i>		Cupiuba	Construção	muito	várzea restinga	machado	abo todo	homem
<i>Brosimum sp.</i>		Amapá	Medicina	muito	terra firme		ano todo	homem

<i>Carapa guianensis</i>	Macaraba	Andiroba	quase não usam	muito	restinga	Juntam a semente que cai	outubro, novembro e dezembro	
Hyemenolobium petraeum Ducke Fabaceae.		Angelim	Construção (casa, parede, assoalho), mesa, canoa	muito	terra firme, várzea	machado	ano todo	
	Sapo	Araba	Alimentação	muito	terra firme	Junta no pé	vazante (abril e maio)	homem
<i>Eugenia stipitata</i>	Araso	Araçá boi	Alimentação	muito	restinga	sobe e tira no pé ou junto	outubro, novembro e dezembro	
Psidium		Araçá goiaba	Alimentação	muito	beira de igarapé	colhe no pé	abril, maio, junho	homem, mulher
<i>Vouapa acaciaefolia</i>	Iro	Arapari vermelho	Construção	muito	beira de igarapé	machado	ano todo	homem
<i>Hura crepitans L</i>	Ccaraja	Assacú	Construção, canoa	muito	várzea, beira de lago	talha com machado, tira casca	início inverno	homem
<i>Rapanea ferruginea</i>	Zorra	Azeitona do mato (maior e menor)	Alimentação	pouco	terra firme	Sobe, junta as frutas que caem	fevereiro, março	homem, mulher e criança
<i>Oenocarpus bacaba</i>	Jahuazorá	Bacaba	Alimentação, artefato (arco)	muito	beira do igarapé, restinga, quintal, capoeira	sobe de peconha e corta com terçado	dezembro, janeiro	homem e mulher

<i>Oenocarpus mapora</i>	Jahuaruzí	Bacabão	Alimentação, cozinha junto com o macaco preto	muito	terra firme, cabeceira de igarapé	sobe de peconha e corta com terçado	junho, julho, dezembro, janeiro	homem
<i>Garcinia sp.</i>	Ainajari tapari	Bacuri de anta	Alimentação, construção	muito	restinga, igapó, beira de igarapé	Junta as frutas que caem, no pé, na água etc. sobe, balança galho e junta as frutas que caem	De outubro a janeiro	homem
<i>Platonia insignis</i>	Ppopo	Bacurizinho	Alimentação	muito	restinga e várzea		janeiro, fevereiro	homem, mulher e criança
<i>Mauritia Flexuosa</i>	Maro	Buriti	Alimentação, beleza, roupa (roupa do tucuriman), construção (cobertura)	muito	baixio	se não for muito alto sobe, senão derruba	junho, julho	
<i>Mauritia sp.</i>	Maroziri	Buritirana	Alimentação, construção (assoalho), Comida de matrinxã	muito	beira da terra, igapó	derruba, tira espinho com machado, corta, bate	inverno	homem

<i>Theobroma sp.</i>	Dsohueiro	Cacau do mato	Alimentação	muito	restinga	colhe no pé	novembro e dezembro	homem, mulher e criança
<i>Spondias mombin</i>	Jobo	Cajá do mato	Alimentação, medicina	muito	restinga	junta as frutas que caem	Enchente: outubro a dezembro	homem, mulher e criança
<i>Anacardium giganteum</i>	Anojá	Cajuí	Alimentação	pouco	terra firme	junta as frutas que caem	outubro a dezembro	homem, mulher e criança
<i>Campsiandra laurifolia</i>	Darupata	Capurana	Medicina (usa para ameiba), carvão, casca para a diarreia	muito	terra firme	tira a casca	Ano todo	homem
<i>Lepdocarium sp.</i>	Odsa	Caranaí	Construção (cobertura de casa)	muito	terra firme	corta os talos com as folhas e amarra os feixes com envira	ano todo	homem
<i>Acioa edulis</i>		Castanha de	Alimentação (faz com beijú)	muito	terra firme, restinga	Junta no pé	janeiro a maio	homem, mulher

<i>Bertholletia excelsa</i>		Castanheira	Alimentação (comem a castanha)	pouco	terra firme	Junta no pé os ouriços	Vazante. Agosto e outubro.	homem, mulher
<i>Castilla elástica</i>		Caucho vermelho	Construção (parede)	muito	beira de igarapé, igapó	machado	ano todo	homem
<i>Cedrella odorata</i>		Cedro água	Construção (parede, assoalho, ripão), canoa	muito	terra firme	machado	ano todo	homem
<i>Psychotria viridis</i>	Sacuruná putajari	Chacrona	Medicina/ Espiritualidade	muito	terra firme	colhe as folhas com a mão	ano todo	homem
<i>Psychotria viridis</i>	Sacuruná birijari	Chacrona	Medicina/ Espiritualidade	muito	terra firme	colhe as folhas com a mão	ano todo	homem

<i>Philodendrum imbe</i>	Topí	cipó imbé	Utensílios (paneiro, cesto)	muito	restinga, terra firme	sobe na árvore e corta do alto com terçado	ano todo	mulher e homem sabido
<i>Uncaria sp.</i>		cipó unha de gato	medicinal	muito	terra firme	corta	ano todo	
Bignonieae	Ssají huire huire	cipó bóia	Utensílios (cesto, vassoura)	muito	restinga	sobe	ano todo	mulher e homem
Heteropsis spp.	Ssají sapa sapa	Cipó titica e chato	vassoura	muito	terra firme. restinga	sobe e corta com facão	ano todo	homem
Heteropsis spp.	Pahuí	cipó titica e roliço	Utensílios (cestos, vassoura, peneira, abano, paneiro), construção	muito	terra firme	puxando o cipó, não puxa tudo, deixa uns para crescerem	inverno	mulher e homem sabido
	Birijarí	Coco	Alimentação, artesanato (anel)	muito	cabeceira de igarapé	colhe no pé dá um cacho baixinho		

<i>Attalea butyracea</i>	Nara	Coco jací	Construção (cobertura de casa)	pouco	cabeceira de igarapé	derruba para tirar palha	ano todo	homem
Caesalpiniaceae (Fabaceae)	Comarri	Copaíba branca (folha grande)	Ferida na cabeça, catarro	muito	restinga, beira igarapé	fura a árvore	ano todo	
<i>Copaifera sp.</i>	Comarri	Copaíba vermelha (tem muito óleo, folha miúda)	a madeira é boa, mas quase não tiram. Estão planejando começar a extrair o óleo	muito	terra firme	fura a árvore	ano todo	
<i>Goupia Glabra</i>		Copiúba	Construção (assoalho)	muito	terra firme, capoeira	machado	ano todo	homem
<i>Dipteryx odorata</i>		Cumarú	Construção (parede, assoalho), mesa, chalana	muito	terra firme	machado	ano todo	homem

<i>Theobroma subincanum</i>	Mappanoja	Cupuí	Alimentação, medicina (faz rapé)	muito	terra firme, beira igarapé	sobe e puxa com "cambito", derruba	janeiro e dezembro	homem e mulher
<i>Didymopanax morototoni</i>		Garrote	Construção (assoalho)	muito	várzea		ano todo	homem
<i>Gustavia augusta</i>	Amocomene	Gulosa	alimentação	muito	terra firme, restinga	pega a fruta grande do chão	agosto, setembro	
<i>Inga edulis</i>	Imi cocobo	Ingá da costela do boto	alimentação	muito	várzea	sobe e tira no pé, derruba	outubro, novembro e dezembro	homem, mulher
<i>Mezilaurus itauba</i>		Itaúba	Construção	pouco	várzea	machado	ano todo	homem
<i>Calophyllum sp.</i>	Tocodso noccossi	Jacareúba	Construção (parede, canoa)	muito	beira de igarapé, restinga, terra firme		ano todo	homem
	Ozadiaquiri	Jacinto	Defumar borracha, usa o coco	muito	terra firme		agosto	

<i>Hymenaea courbaril</i>	Tamaccana	Jatobá	Alimentação, medicina	muito	igapó	Junta as frutas que caem, colhe no pé	outubro a dezembro	homem
<i>Genipa americana</i>	Ora	Jenipapo	Alimentação, pintura corporal	muito	beira de igarapé	junta no chão	abril, maio	homem, mulher
<i>Mezilaurus itauba</i>		Loro itaúba	Canoa, remo	médio	terra firme	machado	ano todo	homem
<i>Nectandra cuspidata</i>		Loro pixuri	Construção (canoa, casa, remo)	pouco	terra firme	machado	ano todo	homem
<i>Nectandra mollis</i>	Mamui	<i>Loro, Mamui</i>	Construção	pouco	terra firme, várzea	machado	ano todo	homem
<i>Passiflora nitida</i>	Abaridseca ssohue	Maracujá do urubu	Alimentação	muito	beira de igarapé, capoeira	colhe no pé	março, abril e maio	homem, mulher e criança

<i>Poraqueiba sericeia</i>								homem
<i>Tul</i>					capoeira, terra firme	junta as frutas que caem	Outubro	mulher
	Marí	Marí	Alimentação	pouco			(início da chuva)	criança
<i>Cassia leiandra</i>	Huaniri	Mari mari	Alimentação (come a fruta), construção (usa a madeira para assoalho)	muito	terra firme, várzea	Sobe para tirar a fruta, derruba	novembro, dezembro, janeiro	homem e mulher
Banisteriopsis caapi	Rami Jahii	Ramí (branco)	Medicina/Espiritualidade	muito	restinga	corta e tira a raiz	ano todo	homem, mulher
Banisteriopsis caapi	Rami nuara	Ramí (com nó)	Medicina/Espiritualidade	muito	terra firme, restinga	corta a raiz e o	ano todo	
Banisteriopsis caapi	Rami ssuhuehui	Ramí (com três pernas, preto)	Medicina/Espiritualidade	muito	terra firme	tira a raiz, usa dois feixes e deixa um	ano todo	
Banisteriopsis caapi	Rami puna	Ramí (feiche com muitos)	Medicina/Espiritualidade	muito	terra firme	só usa a raiz	ano todo	

<i>Manilkara sp.</i>	Apuma	Massaranduba	Construção (casa, ripa), chalana, cerca, poste, alimentação (come a fruta, é bem doce)	muito	várzea	machado ou sobe pelo cipó para pegar a fruta	outubro a dezembro	
<i>Eschweilera Albifora</i>	Ssaida	Mata matá	Construção	muito	terra firme, restinga, beira de rio, lago	machado	ano todo	homem
<i>Tetragastris altissima</i>	Masisso	Mel de onça	Alimentação	muito	restinga	coleta	janeiro a abril	mulher
<i>Brosimum potabile</i>		Miratauí	Construção (canoa, remo etc)	pouco	terra firme	machado	ano todo	homem

	Dsoja	Moratinga	Alimentação	muito	terra firme	quando não dá para subir, derruba	outubro a dezembro	homem
<i>Astrocaryum vulgare</i>	Dsahuana	Muru muru	Artesanato (anel, chapéu), faz combustível com o óleo	muito	restinga, terra firme, várzea	tira o olho e o coco dos que estão baixo	outubro	homem e mulher
<i>Cecropia pachystachya</i>		Orelha de burro	Construção, remo	muito	várzea, restinga	machado	ano todo	homem
<i>Schizolobium amazonicum</i>	Pupu do mato	Paricá	Medicina/ Espiritualidade	muito	terra firme	tira a casca	Ano todo	
<i>Oenocarpus bataua</i>			Alimentação, beleza, construção (cobertura)			sob na palmeira com peconha e corta o cacho com		
	Jahuá	Patauaú		muito	baixio	terçado	junho, julho	homem

<i>Iriartea deltoidea</i>	Huabohuí	Paxiubão	Construção (assoalho, cerca, parede)	muito	restinga	derruba	inverno	homem
<i>Socratea exorrhiza</i>	Dsani	Paxiubinha	Construção (parede, assoalho, cobertura)	muito	chavascal, terra firme, restinga	derruba ou usa só as palhas	ano todo	homem e mulher
<i>Cariocar villosum</i>	Pitiá	Piquiá	Alimentação	muito	terra firme	junta as frutas que caem	janeiro e fevereiro	homem, mulher
<i>Sapindus saponaria</i>		Saboeiro	Construção	muito	igapó, beira igarapé	machado	ano todo	homem
<i>Ceiba pentandra</i>	Oreré	Samaúma	Medicina (usa a casca no rami, para ver o outro mundo, espiritual), antigamente usavam madeira	pouco	restinga	tira a casca		homem

Sapotaceae	Amocomene	Sapota	Alimentação	muito	terra firme, restinga	junta as frutas que caem	maio, junho	homem, mulher e criança
<i>Hevea sp.</i>		Seringueira	Comercialização, já não estão tirando	muito	terra firme, restinga	Corte com faca para tirar o látex	verão	Homem, mulher
<i>Couma macrocarpa</i>						Derruba para tirar as frutas, ou sobe na árvore ao	Janeiro - fruta	
			Alimentação (comem o			lado, se for baixa		homem,
			fruto), antigamente tiravam o leite				outubro,	mulher, criança
	Jihuí	Sova arara		muito	terra firme, capoeira		novembro	

<i>Pachira aquatica</i>	Jihuí	Sovinha	Alimentação (comem o fruto), antigamente tiravam o leite	muito	chavascal	Pega no pé	outubro, novembro	homem, mulher e criança
<i>Fabaceae</i>		Sucupira	Construção (casa, barrote, assoalho)	muito	várzea, igapó, restinga, terra firme	machado	ano todo	
<i>Fabaceae</i>	Bojissipa	Tanimbuca	Construção, alimentação	muito	terra firme, várzea, igapó	machado	maio, junho	homem
<i>Vitex cymosa</i>		Tarumã	Utensílios (cesto, peneira, tupé, tipiti)	muito	beira do igarapé	corta embaixo e em cima, deixa os feixes murchando e depois tira o talo	ano todo	homem

<i>Couratari sp.</i>	Dsoico	Tauari	Construção (casa), canoa, brinquedo, alimentação (comem coquinho de dentro da fruta)	muito	terra firme	Junta no pé a fruta, machado	outubro, novembro	
<i>Caryocar brasiliense</i>		Torem	Medicina	muito	terra firme, capoeira	colhe as folhas com a mão	ano todo	homem, mulher
<i>Bactris setosa</i>	Coriá	Tucum	Utensílio(corda, rede)	muito	terra firme, cabeceira de igarapé	corta só o "olho" da folha	ano todo	homem e mulher
<i>Astrocaryum aculeatum</i>	Tocoma	Tucumã	Alimentação, artesanato (anel, pulseira)	muito	terra firme, capoeira	colhe no chão	novembro, dezembro, janeiro	homem e mulher
<i>Virola surinamensis</i>	Deri	Ucuuba vermelha	Construção	muito	várzea	machado	ano todo	homem

<i>Virola bicuhyba</i>	Deri putajaru	Ucuubão	Construção (assoalho, ripão), mesa	muito	terra firme	machado	ano todo	
<i>Attalea phalerata</i>		Urucurí		muito	beira do igarapé	corta a folha e tira a palha	ano todo	
<i>Phytelephas macrocarpa</i>	Dsiqui	Jarina uma palmeira muito pequena	Alimentação (come a fruta), defumação (antigamente defumava o látex da seringueira)	muito	terra firme	tira no pé	janeiro, fevereiro	Homem, mulher
<i>Endopleura uchi</i>		Uxí	Alimentação	muito	terra firme	juntas as frutas que came	outubro, novembro e dezembro	

<i>Astronium urundeuva</i>		Valdemar	Construção (assoalho, esteio, tábuas)	muito	várzea	machado	ano todo	
	Juná		Construção (assoalho)	muito	várzea	machado	ano todo	homem
<i>Mora gonggrijpii</i>	Cojoco	Moretinga	Alimentação	muito	terra firme	derruba o pé para colher	outubro a dezembro	homem
	Bobara	Pinha	Alimentação, lenha	muito	terra firme	Quando não dá para subir, derruba	outubro a dezembro	homem
	Huanaco		Alimentação	muito	terra firme	Quando não dá para subir, derruba	outubro a dezembro	homem
	Huiriqui		Alimentação	muito	terra firme	sobe quando a árvore é pequena	dezembro	homem
<i>Croton urucurana</i>	Zutumi/Zorrorê	Urucurana	Construção	muito	terra firme e beira do lago			homem

Dzarruma

tingimento do cabelo

Os Kulina apresentam uma classificação bem detalhada do ambiente em que vivem, o que envolve conhecimentos íntimos sobre a topografia, os solos, a hidrografia e a vegetação que conformam a paisagem, e singulariza lugares de relevância. Basicamente todos os ambientes foram descritos como frutos da socialização entre humano, não-humanos e sobre-humanos (como os *tocorime*) compreendendo uma cosmologia onde boa parte dos organismos tem algum papel ou agência criadora e fazem de alguma forma parte da vida cotidiana de muitas famílias, seja nas atividades produtivas, de lazer ou ritual. Essa vivência e ocupação do território está inserida em variações rítmicas anuais que são inerentes à vida social e marcam seu ritmo, destacando-se as cheias e secas dos rios, chuvas e estiagem, épocas de frutificações e fases lunares. Todas essas variações produzem uma vivência sensível e atenta às possíveis mudanças conduzindo a dinâmica de movimentação no território e o acesso a diferentes lugares. O estudo mostrou uma continuidade entre a ocupação imemorial e histórica das pessoas nessa região, através de narrativas e nomes de pessoas que viviam por ali no passado e a presença de capoeiras, e a ocupação atual, que evidenciam a forma de ocupação tradicional desse povo, com constantes deslocamentos após a morte de parentes, porém mantendo um raio de proximidade e um cuidado com pelo vínculo com esses locais.

A relação dos Kulina com os animais de caça, peixes e animais do mundo aquático, roçado, frutos silvestres ou qualquer outro produto extrativista faz parte de um modo tradicional de subsistência que não é pautado na exploração visando a geração de bens e riquezas no sentido capitalista do termo. A relação com o mundo terrestre e aquático é sempre permeada também pela questão simbólica, de modo que a Reprodução Física e Cultural do povo faz parte de um mesmo processo indissociável e histórico centrado no uso e ocupação do território de ocupação tradicional (como veremos na Quinta Parte deste relatório). Os Kulina praticam a agricultura, a caça e a pesca de baixa intensidade e somente para consumo nas aldeias. Apenas recentemente alguns homens aprenderam a pescar pirarucus, por exemplo. Nesse sentido, um território Kulina tem papel fundamental na preservação do meio ambiente, pois os Kulina caçam, pescam, coletam e praticam agricultura na perspectiva de garantir a soberania alimentar nas aldeias. Entretanto, há muito cuidado para que essas atividades não provoquem impactos na preservação das espécies vegetais e animais ou na relação que estes estabelecem com os seres extra-humanos.

7 DESCRIÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E CULTURAIS COM OUTROS GRUPOS INDÍGENAS E COM A SOCIEDADE ENVOLVENTE

7.1 Relações socioeconômicas e culturais com a sociedade envolvente

No Relatório Ambiental, Campos (2025) observou que os Kulina denominam “Comunidade de branco” os locais onde habitam os *carihua* (não indígenas). Foram mapeadas as comunidades Soriano de Baixo (ou Velho); Soriano de Cima (ou Novo); Comunidade Veneza; Santa Luzia; casa do Raimundo Viana; e as comunidades Mamoal, Coringa, Altamira, Providência, Araçu, Mapuriné e Gaviãozinho (Campos, 2025, p. 98).

Como salientamos logo no início desse relatório, os Kulina que habitam a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho não têm acesso às políticas públicas: a atenção à saúde é ineficiente e precária; não há serviço de educação escolar nas aldeias; e faltam políticas de apoio a projetos econômicos sustentáveis e/ou de proteção territorial. Dito isso, é necessário acrescentar que os Kulina frequentam as comunidades não indígenas em busca de bens e serviços que não são fornecidos pelo Estado.

Os Kulina da aldeia Igarapé do Índio se relacionam de modo mais estreito com os habitantes da comunidade não indígena Soriano Velho (margem direita do rio Juruá, localizada dentro da TI), enquanto que as pessoas nas aldeias Três Barracas e Gaviãozinho costumam visitar as comunidades não indígenas Veneza (margem esquerda do rio Juruá, localizada dentro da TI) e Gaviãozinho (margem direita do rio Juruá, localizada fora da TI). Nessas comunidades os Kulina comunicam as emergências em saúde (como foi o caso da Toho quando teve problemas no parto da filha Mariana e se deslocou até a comunidade Soriano Velho); fazem pequenos consertos nos motores rabetas e nos barcos; adquirem produtos de primeira necessidade (café, açúcar, gasolina, isqueiro, sabão...); vendem produtos (peixes, carnes, fogões...); e acessam serviço de educação escolar (como é o caso da família de Rivaldo e Lucimar: eles mantêm os filhos na escola na comunidade Soriano Velho para que não seja suspenso o benefício do Programa Bolsa Família).

Por outro lado, os moradores dessas comunidades muitas vezes são aqueles que extraem recursos da TI sem o consentimento dos indígenas caracterizando uma relação assimétrica, ambígua e perigosa. Nesse contexto a não demarcação do território coloca em risco a vida dessas pessoas, pois a invisibilidade de seu valor para o Estado e para a sociedade envolvente permite uma violência contínua e disfarçada muitas vezes de “boa

vizinhança”. Ao mesmo tempo, a saída da terra tradicional para acessar serviços públicos básicos, força a migração de famílias para fora da TI ou para as cidades próximas, rompendo os processos próprios de aprendizagem e continuidade cultural.

Nos “quadros demonstrativos” apresentados na Segunda Parte desse relatório há uma descrição detalhada dos ingressos financeiros externos “permanentes”. No caso, rendas provenientes do acesso das famílias aos programas sociais Programa Bolsa Família e a Aposentadoria Social Rural (embora alguns benefícios estejam bloqueados ou inacessíveis):

- ✓ 16 famílias cadastradas no Programa Bolsa Família
- ✓ 10 pessoas aposentadas.

7.2 Relações socioculturais com outros grupos indígenas da região

A relação dos Kulina – nas margens dos rios Juruá e Jutai – com os povos Kanamari e Deni (Jamamadi) existe desde tempos imemoriais e foi registrada por viajantes e indigenistas:

Os kulinas fazem muita peregrinação entre os rios Juruá e Jutai, repercutindo com isso num frequente contato com os Kariú, principalmente ribeirinho. Várias famílias que hoje moram aqui (se referindo a aldeia Juruapuca), vieram do Macarrão ou de outros lugares do rio Jutai. Existem também três Jamamadi e uma Kanamari do alto Xerua (Bentes; Santos, 1985a, s/p).

Como descrevemos na Segunda Parte desse relatório existe uma estreita relação entre os povos Deni e Kulina que provoca uma discussão sobre a fluidez da fronteira étnica. Seguindo essa linha de pesquisa, provoquei uma reflexão sobre o tema durante a realização da IV Etapa de Formação dos Professores Indígenas Kulina²⁷⁹ (Projeto Pirayawara), quando atuei como docente da disciplina de Língua Indígena (25 de novembro a 5 de dezembro de 2015), na região do Baixo Juruá, incentivando os Kulina a pensarem sua relação com o povo Deni. Desenvolvi essa atividade diretamente com os professores a partir de um texto escrito em língua Deni. Constatei que os Kulina conseguem ler e entender o que está escrito em língua Deni. Durante a leitura,

²⁷⁹ Formação Inicial de Professores Indígenas (Projeto Pirayawara do Governo do Estado do Amazonas).

observavam vocábulos diferentes, porém ainda assim conhecidos por alguns. Entretanto, os Kulina fizeram questão de frisar que os Deni são outro povo, e possuem língua distinta.

Quando os indaguei sobre a etnia das pessoas Kulina que moram na TI Deni e são casados com Deni, os Kulina afirmaram que eles viraram Deni. Para os Kulina, uma pessoa vira Deni quando passa a falar a língua Deni, mora na TI Deni e come lagarta (larvas cultivadas no tronco das palmeiras de buriti)²⁸⁰. De acordo com o professor Tone Kulina: “na verdade eles não são Deni, *deni* significa gente, muita gente, eles são Jamamadi” (Amorim, 2019, p. 74).

Através desses relatos, podemos encontrar pistas da forma como estes dois povos indígenas, tão semelhantes, constroem a sua etnicidade. Destaca-se também a dificuldade prática de estabelecer uma fronteira entre quem é Kulina e quem é Deni. Uma pessoa é Deni porque mora na TI Xeruã, come assim, fala assim. Mas ela pode ser filha de pais Kulina e ter nascido em terras Kulina²⁸¹. O fato de “estar” ou de “ser” *madija* no Xeruã muda sua condição étnica, e o elemento que marca a diferença passa a ser o território físico, mesmo que fluído e contextual. Quero ressaltar que os Kulina e os Deni não vivem em conflitos diários visando estabelecer fronteiras étnicas. Os conflitos e alianças giram em torno de outras questões, pois, no fundo, todos são um pouco de tudo, todos são “misturados”. Ao mesmo tempo é necessário observar como os Deni e os Kulina, tão próximos e tão misturados, são capazes de constituir-se etnicamente a partir de critérios de diferença e de “simultaneidade”. Critérios pautados em conflitos de poder, xamanismo, unidade linguística, alimentação e organização comunitária. Ou, ainda, através da forma de se relacionar com os *carihua* (por exemplo: o prestígio Deni decorre de uma presença constante de ONGs na TI Deni no rio Xeruã), pois o modelo de etnicidade Deni acabou se firmando e ficando reconhecido, na região, como o não Kulina, “o índio bom”²⁸²:

²⁸⁰ “As larvas podem ser eventualmente adquiridas em troncos caídos encontrados na floresta, mas o que observamos foi diferente, algo que poderia ser considerado de semicultivo. Derrubam-se buritis, cujos troncos são deixados no solo, para que besouros depositem seus ovos na madeira. Depois de um mês, os índios vão até o tronco e o abrem para coletar as larvas que, depois da eclosão, engordaram e cresceram alimentando-se da matéria orgânica vegetal. Observamos duas destas coletas, cada uma rendendo mais de dez larvas grandes. O consumo de mel foi observado em duas casas, evidenciados pela presença de favos de cera embaixo das mesmas, e por caçadores que voltavam comendo também as larvas no interior dos favos” (Pezzutti; Chaves, 2009, p. 134).

²⁸¹ “No Xeruã, há algumas famílias Kulina vivendo em aldeias de predomínio Deni e vice-versa, sendo comumente frisada a identidade Kulina quando mencionam essas pessoas. A divisão interna aos Deni, por sua vez, raras vezes é listada gratuitamente” (Florido, 2013, p. 122, nota: 167).

²⁸² O colonizador – a partir de mecanismos de oposição entre “nós e eles” – cria o “bom e o mau” índio. Nesse cenário, os Deni (e de certa forma os Katukina do rio Biá) ocupam o imaginário regional de “índios bons”, enquanto os Kulina estão no polo oposto.

Essa afirmação é dos próprios Deni, de que os coletivos foram tendo encontros que levaram à constituição dos Deni. Um desses encontros foi com os Kulina, mas as diferenças linguísticas fizeram com que eles mantivessem identidades separadas. Na percepção Deni, a relação entre sua língua e a kulina é a mesma que existe entre o português e o espanhol. (deni:kulina::português:espanhol) (Florido, 2013, p. 122 nota 166).

Atualmente, há interações e alianças diversas entre os Deni e os Kulina que habitam a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho:

- ✓ Joni Madija Kulina (casa 5, Gaviãozinho) nasceu na aldeia Morada Nova (TI Deni) e está casada há anos com Dseca Kulina.
- ✓ Morato Kulina (casa 4, Gaviãozinho) casou-se com Marianu Hava Deni, nascido na aldeia Terra Nova (TI Deni-rio Xeruã).
- ✓ Edna Kulina, filha de Corari e Roja (casa 1, Gaviãozinho) está casada com Paru Deni (TI Deni-rio Xeruã).
- ✓ Noemi Kulina, filha de Boconi Kulina (casa 6, Gaviãozinho) casou-se na TI Deni e mora na aldeia Terra Nova.
- ✓ Sibida, filha de Lucimar Kulina (casa 8, Igarapé do Índio) mora na aldeia Terra Nova e também se casou com um Deni.
- ✓ Durante trabalho de campo (agosto de 2024), Ssaco-Celso Kulina (filho de Quirisi e Anari – casa 4, Gaviãozinho) e sua esposa Iraco Kulina (filha de Dseca e Joni – casa 5, Gaviãozinho) estavam visitando parentes na TI Deni do rio Xeruã.

Como se observa, a relação histórica entre esses povos é marcada por nascimentos, casamentos, trocas ritualísticas, participações em torneios de futebol e diversas trocas, incluindo a de espécies cultivadas. Por exemplo, uma maniva muito apreciada pelo Kulina nas aldeias Gaviãozinho e Três Barracas foi trazida da TI Deni (“mandioca Deni”).



Foto nº 33: Quirisi apresentando mandioca tradicional Deni cultivada em roçado Kulina. Aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)

Conforme também apresentado na Segunda Parte desse relatório (quando discorri sobre a relação entre terra tradicional, organização social e subgrupos), Viveiros de Castro (1978) alertou para a necessidade de ampliar os estudos das unidades sociais (subgrupos) devido ao fato do povo Kanamari (povo indígena de tronco linguístico Katukina e vizinhos históricos dos Kulina) também estarem organizados a partir desse modelo.

Os subgrupos Kanamari recebem o nome de um animal seguido do sufixo – *dyapa*. Quando o antropólogo Luiz Costa perguntou aos Kanamari sobre a existência de “–*dyapa* hipotéticos”, eles responderam que não conheciam, mas que deveria existir. Indicaram ainda que tais subgrupos existiam entre os Kulina no Alto Purus, e afirmaram que os subgrupos *madija* dos Kulina eram idênticos aos seus. Da relação Kulina-Kanamari, Costa conclui que os Kulina são para os Kanamari “como uma espécie de inquietante alter-ego”: mesmo que os Kanamari os considerem perigosos, “traíçoeiros” e propensos a “inimizá-los”, os Kulina podem tornar-se –*tawari* em certas situações, tais como trocas matrimoniais. Os Kulina “são quase iguais aos Kanamari” (Costa, 2007, p. 274, 228).

A forma como os Kulina concebem a territorialidade – e o contato com as frentes de expansão colonial – fez que os mesmos habitassem predominantemente as margens dos rios Juruá e Jutaí. Desta forma os Kulina se distanciaram de outros povos arawá – que habitam o rio Purus – e se aproximaram dos Kanamari e dos Katukina (falantes do tronco

linguístico Katukina)²⁸³. Os Kulina passaram a estabelecer trocas históricas diversas com os Kanamari e os Katukina, e compartilham com estes povos aspectos xamânicos e mitológicos. Entre essas etnias há uma rede de intercâmbio que envolve alianças matrimoniais e xamanismo.

No decorrer desse relatório temos várias menções sobre a relação histórica e atual entre os Kanamari e os Kulina que habitam a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho:

- Relembrando que Tastevin conta que o grupo Kulina da região do rio Marari era numeroso e denominado Kólô (uma espécie de rã) pelos Kanamari (Rivet; Tastevin, 1938, p. 73). É a partir dessa denominação que teria surgido o termo “Colo”, “Colina”, “Curina” e posteriormente, Kulina. Tastevin afirma ainda que toda a região é de ocupação tradicional dos índios Kulina, Kanamari e Deni (Jamamadi do rio Xeruã) (Tastevin, 1920, p. 132).
- A posse exclusiva da terra tradicional no Igarapé do Gaviãozinho é apontada como um grande feito de Omaco-Chico Cidade que expulsou os Kanamari (Altmann, et al., 1983, p. 09).
- Na região do igarapé Três Bocas há um varadouro antigo que os moradores da aldeia Igarapé do Índio utilizam para visitar os Kanamari nas aldeias Três Bocas e Santa Rita. Relembro também que quando o antropólogo Barreto visitou os Kulina no Igarapé do Índio (2002), Oma-Zezinho (casa 5, Igarapé do Índio) estava visitando os parentes da aldeia Santa Rita na Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.
- Atualmente há alianças matrimoniais, como: Iraco, filha da Rora (casa 4, Três Barracas) está casada com Kanamari e mora na comunidade São João²⁸⁴; e Socorro, filha de Porainom e Amassa (casa 2, Gaviãozinho) é casada com Kanamari.

²⁸³ Os Kanamari falam língua própria pertencente à família linguística Katukina, sendo que o termo *tüküna* é usado como autodenominação dos Kanamari e dos Katukina do Biá.

²⁸⁴ Dsihuini Kulina (casa 4, aldeia Três Barracas) é filha de Edimar Kanamari e Iraco Kulina.



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO



IV – Quarta Parte Meio ambiente

8 CLASSIFICAÇÕES ETNOAMBIENTAIS E AS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS PARA OS KULINA NA TI IGARAPÉ DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO



Foto nº 34: solo encharcado do chavascal-buritizal na nascente do Igarapé Comororo. Mapeamento região do Igarapé do Índio: 14/08/2024 (Genoveva)

8.1 Contexto histórico, geográfico e ambiental da região onde está localizada a Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

Conforme foi visto na Primeira Parte, em 1920, Tastevin publicou o artigo *Le Fleuve Juruá* na revista francesa *La Géographie*. No referido artigo, Tastevin faz considerações que vão da origem do nome do rio Juruá a aspectos relacionados à geografia física, etnológica, política e econômica. Os registros foram efetuados durante sete anos consecutivos de viagens pelo rio Juruá, entre os anos de 1908 e 1914 (Tastevin, 1920, p. 02).

Tastevin (1920) descreveu a “geografia física” do rio Juruá no seu curso médio:

A jusante do Ipixuna, curva-se repentinamente para leste, parecendo abandonar sua primeira direção para adotar a do Ipixuna. Em seguida, continua caminhando em direção leste até os morros do Itamaraty-Tamaquaré em torno de 6° 5', ponto onde se aproxima mais do rio Purus. Ao longo deste trecho de várias centenas de quilômetros, o caminho norte é bloqueado, como havia indicado Chandless, por uma cadeia de colinas argilosas cuja encosta íngreme se dirige para o Juruá e que se inclina para noroeste em direção ao rio Javari (Javary) e Jutai (Jutahy). É no sopé desses morros, mas em vales pantanosos, que nascem o Itecoahy e o Rio das Pedras, afluentes do Javari (Javary); o Juruazinho (Juruázinho), o Mutum e o Biá, afluentes do Jutai (Jutahy). Do lado do Juruá, ao contrário, não encontramos em toda a região nenhum afluente que mereça destaque especial neste breve estudo. No lado sul, ao contrário, o Juruá recebe aqui seus afluentes mais importantes que bloqueiam a rota para o norte. São estes de montante para jusante e em ordem crescente de importância: o Liberdade, o Gregório e o Tarauacá, todos rios de águas brancas. Entre os outros rios de menor importância, vale citar o Campinas, a montante do Liberdade, ponto extremo alcançado por Chandless em 1967; o Reconquista, a montante do Gregório; o Eru a montante do Tarauacá e os Três Bocas (Três Boccas) a jusante do mesmo rio; são todos rios de águas negras. Devemos também anexar à mesma região o Rio Xeruã (Chirua), que nasce na mesma região do Três Bocas (Três Boccas), acompanha o Juruá por várias centenas de quilômetros e se junta a ele bem a jusante dos morros Itamaraty-Tamaquaré. É o maior afluente de águas negras do Rio Juruá²⁸⁵ (Tastevin, 1920, pp. 09-10).

No registro, tem-se a descrição geográfica da região onde se encontra a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho: à margem esquerda, aparecem os rios

²⁸⁵ Tradução feita por mim do original em francês.

Mutum (limite da TI), Biá e Juruazinho; e na margem direita, os rios Xeruã e o Igarapé Três Bocas (limites da TI). Além disso, em um trecho mais a frente, Tastevin faz uma menção à região do Gaviãozinho:

No baixo curso do rio, a margem só aparece em Carauary e Gaviãozinho, na margem esquerda. Mas por outro lado, em frente ao Breo Paraná, situa-se em numerosos pontos da margem direita: no Arapary, no Bacururu, no Forte da Graça, no Arati, no Yapó, no Cautau, no Bacaba e em S. Pedro do Ypiranga²⁸⁶ (Tastevin, 1920, p. 13).

Continuando a descrição, Tastevin afirma que, no curso inferior, o rio Juruá possui apenas pequenos afluentes de águas negras: “à esquerda o Anachiquy (ou Anaxiquy) a montante do paraná do Mary-Mary; à direita, o Marary a montante do Anachiquy, o Chuê, o Bauana Preto, o Erê, o Jaraky, o Arapary, o Caapiranga, o Ualá²⁸⁷, o Ipaua Pixuna” (Tastevin, 1920, pp. 9-10).

Ao descrever os aspectos geográficos do rio Juruá, Tastevin oferece contribuições a respeito das características desse rio quanto à cor da água, praias, estirões, margens do rio, lagos e outros atributos. Assim, ao se debruçar sobre as características da margem alta do rio Juruá (o barranco), afirma que possui cerca de 20 metros de altura acima do nível da enchente que contorna o vale do Juruá, e raramente consegue tocar o leito do rio. Entre a margem alta e o rio Juruá, existe uma floresta baixa, repleta de lagos em formato de ferradura que outrora foram o caminho seguido pelas águas. O padre etnólogo segue afirmando que, em quase todo o Baixo Juruá, existem três ou quatro outros anéis cortados do rio, recuados uns sobre os outros, desde a margem propriamente dita até a margem que fecha o vale. Em épocas de enchente, todo esse terreno fica alagado, e as águas chegam a profundidades de mais de quatro metros no meio da mata (formando os igapós). No curso superior do rio Juruá, o vale é naturalmente mais estreito e as lagoas são encontradas esporadicamente. Cumpre observar que a margem côncava situa-se, portanto, quase em toda a parte composta pela orla dessa planície, formada por aluviões do vale de base de argila. Entretanto, nos estirões, as duas margens são muito parecidas. Na descida, domina o nível da água de cinco a seis metros e, ao serem cortados abruptamente ou ligeiramente chanfrados pelo deslizamento do terreno – sob a ação das águas – assumem, em determinados locais, o aspecto de uma falésia. A verdadeira falésia – aquela formada

²⁸⁶ O grifo e a tradução são meus.

²⁸⁷ Os rios Erê (Ueré) e Ualá (lago Ualá) são terras tradicionais Kulina. Há uma estreita relação de parentesco entre os Kulina dessas TI's e os que habitam a TI dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho.

pelo alto banco de argila que margeia o vale – toca três ou quatro vezes o rio no curso alto, à margem esquerda, do Amônia ao Ipixuna: em Villa Thaumaturgo, em Pacalpa a jusante do Paraná dos Mouras, em Cruzeiro do Sul e em Floresta. No curso médio, do Ipixuna ao Xeruã (Chiruan), encontra-se com maior frequência, pois é o que empurra para o leste o rio que tenderia correr para norte: Pixuna, S. José, S. Cristóvão, Olinda, Salva-Vidas, Cabo Verde, Salvação, Porto-Seguro, Condor. A montante do Gregório, Bom Príncipe e Morada Nova, antigos Cigano, Aquidaban, Abuinini, Cubio (Cubiée), Itamarati, Chibaua²⁸⁸, a jusante de Tarauacá e a montante de Urubié Cachoeira são os raros lugares onde se pode admirar facilmente o imponente maciço que domina a planície uniforme de vegetação e água que constitui o resto da paisagem (Tastevin, 1920, p. 12-13).

No Relatório Ambiental há informações precisas sobre a característica “mutante” do rio Juruá que condizem com as observações de Tastevin (1920):

Quando os meandros se acentuam, apresentando um formato de ‘ferradura’, com a curvatura muito acentuada e aproximando a entrada e saída da volta, pode ocorrer que, durante uma enchente, a força das águas elimine do trajeto principal do rio toda essa volta, tornando, a parte separada, um local chamado tanto de ‘sacado,’ quando mantém alguma conexão de entrada com o rio, como chamado de ‘lago’, quando essa entrada se fecha (Figura 8). Os sacados e lagos apresentam uma elevada importância ecológica para muitas espécies de peixes, aves, mamíferos e plantas. As entradas das aldeias da área de estudo passam por dois diferentes sacados. Esses ambientes também desempenham um papel fundamental na agricultura, pois as terras formadas pelos sacados costumam ser férteis devido à deposição de sedimentos ricos em nutrientes. Os sacados também abrigam alguns cemitérios Kulina em suas margens.

[...]

O Igarapé do Índio (onde se encontra a aldeia que recebe o nome desse Igarapé: "aldeia Igarapé do Índio") apresenta sua vazante no sacado à margem direita do rio Juruá. O Igarapé do Gaviãozinho, (onde se encontra a aldeia que recebe o mesmo nome desse Igarapé: “Aldeia Gaviãozinho”) desemboca em um braço do lago Gaviãozinho que por sua vez deságua no sacado Veneza, e já o Igarapé Três Barracas (onde a aldeia Três Barracas está localizada) desemboca em outro local no mesmo sacado Veneza, cujo furo, por sua vez, desemboca na margem esquerda do Rio Juruá (Campos 2025, p. 21-22).

²⁸⁸ Características ambientais do rio Juruá na região onde está localizada a TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho. Os Kulina falaram que sua terra tradicional vai até o “Furo da Rodagem”, local de terra firme alta de barro vermelho, um pouco antes do Cubio (Cubiée).

Muitos anos depois, Maciel e Gurgel (1996) fizeram uma descrição da relação socioambiental dos Kulina com o rio Juruá, e afirmam que as famílias Kulina organizam seu cotidiano em ações de caça, pesca, coleta e cultivo:

Caçam nas grotas, lambedouros/barreiros e matas. Nas nascentes dos igarapés até as proximidades das aldeias, encontram-se os nichos de diversos animais que são caçados. Inseridos numa floresta de gameleira, copaíba, seringueira, patauá, açaí, buriti, jenipapo, andiroba entre outras inúmeras espécies florestais frutíferas, os Madija perseguem, tocaiam e abatem onças, antas, caititu, porcos-do-mato, veados, macacos e outros animais de grande e médio porte. Nas proximidades das aldeias, encontram os nichos de cotia, paca, tatu, jaboti, tracajá e tartarugas, que representam presas fáceis.

[...]

Nas terras de várzeas, cultivam inúmeros tubérculos, mandioca, macaxeira, milho, tabaco, cana-de-açúcar, abacaxi, pupunha, bananas, (comprida, branca, maçã, baié, prata, holanda e roxa). Da mandioca, fazem caíçuma e a farinha. Nas terras mais baixas da várzea e praias, cultivam melancia, jerimum, feijão e milho e a mandioca de ciclo de 6 meses.

A caça tende a ser coletivizada no consumo, ao passo que a pesca e a coleta ficam mais restritas às unidades domésticas de consumo.

[...]

A várzea, ecossistema que predomina ao longo das áreas de uso e ocupação dos Madija, é um meio ambiente complexo e heterogêneo. Ao longo do período da cheia, que se inicia em novembro/dezembro e atinge o ponto máximo entre março/abril, as águas que escoam juntamente com a precipitação pluvial são ricas em sedimentos que espalham e depositam-se de forma irregular e desordenadamente, enchendo os canais, lagoas e lagos. Mesmo com o depósito de grandes quantidades de nitrato de sódio, carbonato de cálcio, sulfato de magnésio, superfosfato, clorato de potássio, entre outros nutrientes, a fertilidade dos solos das várzeas, varia muito dentro de uma mesma área. Como essa fertilidade é renovada anualmente pela sedimentação, os solos das terras de várzea podem apresentar boa produtividade mesmo sendo cultivados sempre as mesmas espécies todos os anos. Poder-se-ia obter uma significativa abundância de alimentos, se esses solos não estivessem submetidos às inesperadas flutuações fluviais.

[...]

O movimento de vazante do rio inicia-se em julho/agosto e se prolonga até novembro, trazendo consigo uma maior disponibilidade de alimentos silvestres e cultivados. O período de cheia se caracteriza, por sua vez, em uma relativa escassez de alimentos cultivados e silvestres e pela dispersão da ictiofauna.

[...]

A terra firme, está dentro do ciclo sazonal de distribuição de chuvas e possui solos constituídos basicamente de areia e argila, cobertos por uma camada de massa orgânica. As condições são favoráveis para as atividades de agrofloresta, tal como se apresenta no cotidiano Madija. A produção agroflorestal refere-se à existência de uma densa floresta nativa, que possibilita a coleta de frutos silvestres, que, apesar da aparente abundância estão dispersos em uma grande área. A diversidade aliada à dispersão são características desse ecossistema amazônico.

Cada aldeia tem uma capacidade de suporte estrategicamente limitada. Os grupos domésticos de cada aldeia acabam por adquirir uma relativa autonomia quanto ao uso e manejo das áreas de caça, pesca, coleta e cultivo. O domínio territorial advém da contínua alternância que essas unidades fazem das áreas de várzea e terra firme que, conjugadas aos lagos, rios, igarapés e igapós, formam a área de uso e ocupação.

[...]

O homem Kulina vive em sua habitação rodeado por suas filhas com seus maridos, seus filhos solteiros e os filhos de seus filhos. Esse homem representa um núcleo referencial nos movimentos das trocas intra e interaldeias. Assim, uma área rica de peixes, complementa outra que são favoráveis a caça.

Mesmo completa em si, no nível dos recursos ambientais necessários a reprodução física de seus habitantes, uma aldeia Madija referencia-se nas demais aldeias para completar um ciclo de produção e reprodução cultural.

[...]

A sustentabilidade dos recursos naturais e da população Madija advém das formas peculiares que esses índios criam dia-a-dia para viabilizarem a sua subsistência física e cultural dentro de um contexto de interação com a economia regional.

O uso e ocupação dos igarapés, lagos, terras firmes, das colocações e estradas de seringa, rios, matas fechadas, barrancos, praias e várzeas são permeados não apenas pelos ciclos anuais do rio, como também através de movimentos migratórios dos grupos domésticos dessa área como também de outros vindo do alto e médio Juruá, Purus e Jutai.

A migração desses grupos é tão frequente que de um ano a outro pode-se registrar significativas alterações populacionais.

Descrever uma aldeia Madija-Kulina é antes de mais nada dar concretude às formas fluidas da expressão que os Madija adotam para se posicionarem temporalmente. Ao mesmo tempo que, no plano material, eles surgem com uma aparente fragilidade, na expressão cultural, dão sinais de arraigado vigor e presença como demonstram fatos narrados por Chandless (1869) e Tastevin (op. Cit.).

[...]

Os Madija estão, impreterivelmente, localizados à beira dos rios e/ou igarapés. As margens interiores dos igarapés e afluentes do alto, médio, e baixo Juruá abrigam diversas aldeias que aumentam ou diminuem de tamanho em estreita correlação com os movimentos

sazonais das atividades de caça, coleta e cultivo, isto é, com o movimento de cheias e vazantes dos rios que regula o calendário de atividades de plantio e pousio do solo (Maciel; Gurgel, 1996, pp. 10-14).



Foto nº 35: igarapé “onde Omaco-Chico Cidade coletava água para beber”. Aldeia-roçado São Longuinho. Varadouro que conecta as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho: 20/08/2024 (Genoveva).

8.2 Classificações etnoambientais

Para os Kulina, há duas épocas distintas que marcam o tempo: *dsadsajade* - inverno (ou águas fundas) e *huajano* - verão²⁸⁹. Todos os acontecimentos (nascimento, casamento, morte...) se desenrolam a partir desses marcadores. Contudo, a “medida de tempo” é o *huajano*-verão. Assim, é possível saber que algo aconteceu há *ojari*-um, *pamahui*-dois, ou *pamatojari*-três verões (a partir daí serão muitos *huajano*-verões).

Acontecimentos em menor escala são “contados” a partir do “calendário lunar”, onde o que classificamos como mês seria mais ou menos equivalente ao aparecimento da lua quarto crescente (*abadsico dsati*) (quando é possível ver a lua nova no céu, os Kulina falam que essa é a lua de tal mês, numa aproximação ao nosso calendário). Entretanto, os Kulina possuem termos básicos para as fases da lua: *abadsico dsati*-lua nova, *abadsico*

²⁸⁹ Huajano também significa cigarra e nome feminino.

imehi-lua cheia, *abadsico toccadsidsihui*-lua quarto minguante e *abadsico cahittahui*-lua quarto crescente. Há outras classificações de tempo e ambientes em Kulina, como: hoje-*jidapana*; amanhã-*dsamassa*; noite-*dsome*; cheia, enchente-*ppani*; cacimba, vertente, olho d'água-*ppadsanani*; remanso pequeno, redemoinho-*toquedsahuaaja*; e várzea-*bijini huapidsa*.

A vida Kulina se movimenta em torno do *dsadsajade*-inverno e do *huajano*-verão. O início do *dsadsajade* coincide com a época de fartura de frutas silvestres (principalmente o açaí). É tempo de grandes caçadas, pois com a inundação de parte da floresta, os animais ficam acuados em capoeiras e restingas (pequenas ilhas), e fica mais fácil abatê-los com pouco recursos. Também é marcada pelos acampamentos no centro da floresta, onde toda a família (ou apenas os homens) fica por vários dias envolvida em atividades de coleta (cipós, palhas e frutas), caça e pesca. O empreendimento torna-se viável, pois a cheia dos rios e igarapés deixa mais fácil o acesso às cabeceiras dos igarapés do Índio e Gaviãozinho e o transporte dos recursos. As viagens são vantajosas devido ao acesso aos furos (atalhos pelos igapós) e a melhora na navegabilidade, uma vez que a cheia do rio deixa submerso muitos troncos e árvores caídos nos cursos dos igarapés.

No fim do inverno, ao ouvirem os trovões dos temporais do verão, os Kulina falam que é um aviso: “os tracajás estão subindo as praias para desovar”. Ficam entusiasmados diante da perspectiva de acampar nas praias para comerem peixes e tracajás assados, às margens dos rios, lagos e igarapés (vimos desde Chandless e Tastevin que Kulina não possuíam canoas, mas isso não os impedia de realizar os acampamentos). O fim da temporada da coleta de tracajás nas praias coincide com a época de encoivarar os roçados novos e limpar os roçados antigos. O plantio do roçado novo (mandioca, macaxeira, abacaxi, banana...) acontece geralmente no fim de outubro e início de novembro. Porém, quando o verão está chegando ao fim, e os Kulina ouvem os tucanos cantarem, falam: “Amohua, você está ouvindo o tucano? Eles cantam-choram com saudades do açaí”.



Foto nº 36: aldeia Três Barracas: 19/08/2024 (Genoveva)

A seguir, apresento os marcadores temporais mencionados na área de estudo, organizados sob a forma de um etnocalendário. O quadro – elaborado pela ambientalista Marilena Campos, membro deste GT – evidencia o período, as ocorrências bióticas e abióticas e as atividades desenvolvidas pelos Kulina dentro de um tempo determinado.

Quadro nº 18: Calendário sazonal da área de estudo Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho (Campos, 2025, p. 99).

Mês	Estação	Atividades e Eventos Importantes
Janeiro	Inverno (chuva)	Atividade de coleta de açaí; pesca no igapó com malhadeiras; Deslocamento pelos furos; Época da sova, colheita de azeitona e bacuri.

Fevereiro	Inverno	Atividade de coleta de açaí; pesca no igapó com malhadeiras; atividade de caça na restinga e varadouros próximos da aldeia.
Março	Inverno	Pesca no Igapó; coleta de frutos.
Abril	Inverno	Planta melancia na praia; coleta de cipó imbé e titica; piracema de várias espécies.
Maio	Transição	Caça no buritizal; acampamento de final de inverno.
Junho	Verão (seca)	Coleta de buriti em buritizais; caça de antas e queixadas; pesca de tucunaré nos lagos;
Julho	Verão	Coleta de tucumã e uso da fibra para confecção de abanadores; caça de aves como jacus e tucanos.
Agosto	Verão	Coleta de frutos como ingá e caju; busca por tracajás; frutificação da cabocla bonita; pesca nos lagos.

Setembro	Verão	Coleta de patauá; coleta de melancia nas praias, pesca nos lagos, atividade de preparo dos roçados de terra firme (broca, queima e coivara); época da onça vadiar.
Outubro	Verão	Plantio da roça;
Novembro	Transição	Cajá do mato; pirarucu está com filhote; flor do açaí.
Dezembro	Inverno (chuva)	Colheita de frutas; pesca no igapó com malhadeiras; uso do furo para transporte.

8.3 Classificações etnoespaciais

Pollock (1985), em sua pesquisa entre os Kulina no Alto Purus, foi muito eficaz ao apreender a forma como os Kulina classificam as paisagens e os lugares de acordo com a cosmologia. Assim, afirmou que os Kulina compreendem o universo a partir de cinco níveis, três dos quais são povoados por tipos distintos de seres:

Cosmologia Kulina: paisagens e lugares	
Classificação etnoespacial	Descrição
<i>Meme essenì</i>	É o céu visível à luz do dia que está acima da terra ou “céu nublado”. É a área em que os pássaros voam, os aviões são vistos passando por cima e as nuvens flutuam.
<i>Passo dsamarini</i>	É o céu localizado entre o <i>meme essenì</i> e o <i>meme ssoeni</i>. É a terra da chuva e da água. Este nível é o lar dos heróis mitológicos, aqueles seres que criaram o mundo, as pessoas e as outras criaturas. <i>Kira</i> é a figura proeminente neste patamar, o ser que formou os humanos a partir da semente de coco ouricori. Ele mora no <i>passo dsamarini</i> com seus irmãos, <i>Idsohua</i> e <i>Tamaco</i>. O <i>passo dsamarini</i> e o submundo (<i>nami bodi</i>) é quase uma duplicata do mundo terrestre: possui uma grande aldeia, roçados e assim por diante. A região possui um grande lago com enormes rochas. O trovão é produzido quando essas rochas se chocam, espirrando água que cai como chuva na crosta terrestre (<i>nami</i>). Os Kulina discernem este papel de produção de chuva como a função atual única, mas ainda assim crítica, do <i>passo dsamarini</i>. Sem água, diz-se, a comida não cresce e as pessoas têm sede.
<i>Meme ssoeni</i>	Está localizado no nível mais alto. É o céu azul-escuro visível à noite, é onde as estrelas estão localizadas.
<i>Nami</i>	Terra palpável, conhecida e habitada preferencialmente por todos os humanos. É a crosta terrestre, o nível no qual os humanos interagem com o submundo e a terra da água. Na visão

	Kulina a crosta terrestre é mantida pela interação com esses outros níveis.
<i>Nami bodi</i>	Localizado abaixo da crosta terrestre. O <i>nami bodi</i> (literalmente "subterrâneo") é quase idêntico à crosta terrestre. Também possui florestas, rios, animais e aldeias. É o reino dos mortos e dos que ainda não nasceram. Os mortos e os que não nasceram integram a classe geral dos espíritos conhecidos como <i>tocorime</i> . Espíritos que vivem de maneira semelhante à dos humanos e animais terrestres.

Quadro nº 19: Cosmologia Kulina: paisagens e lugares. Fonte: Pollock, 1985, p. 59-60

A partir do trabalho de campo – realizado na aldeia Maronawa – Pollock (1985) verificou que a organização sociogeográfica do subsolo (*nami bodi*) duplica de forma simplificada a organização da terra. Desse modo, existem duas aldeias no *nami bodi* (submundo). A primeira aldeia é para onde vão, após a morte, as “almas” (os *tabari*) dos humanos, e de onde vêm essas almas (aldeia dos não nascidos). A segunda aldeia é dos *madija huahua*, dos outros subgrupos Kulina (ou dos outros Madija). Ambas são cercadas por roçados, florestas e igarapés. Cada aldeia é social e geograficamente separada da outra: é uma unidade social e um território independente. Na visão tradicional Kulina, não há vida após a morte para os membros de outros povos indígenas e para os não indígenas (“os brasileiros”), pois eles não sepultam seus mortos adequadamente (o que impede que suas almas sejam levadas para o mundo subterrâneo)²⁹⁰. O isolamento sociogeográfico do submundo (*nami bodi*) também pode funcionar em níveis mais restritos. Por exemplo, um lago pode possuir seu próprio submundo sob seu leito: o submundo dos grandes peixes que ali habitam. Os peixes grandes (principalmente aqueles que têm “pele” ou “couro”: *etero*) e o jacaré açu (*tocodso*) são considerados espíritos e possuem seu próprio sistema social separado dos humanos e, portanto, seu próprio submundo (1985, p. 59).

Pollock procurou definir o que são os seres *tocorime*. Desta feita, afirma que *tocorime* vem da raiz *corime*, que significa imagem, reflexo, sombra ou fotografia. Eles

²⁹⁰ “Os kulina que ficaram sob influência missionária no Peru conservam a visão básica de duas aldeias *post mortem*, mas reservam uma para os bons Kulina, ou seja, cristãos, Kulina e não Kulina, e outra para os Kulina ‘maus’ e não cristãos, inclusive xamãs. Nesta visão cristianizada, a alma de alguém não retorna da última aldeia” (Pollock, 1985, p. 59) (Tradução nossa do texto original em inglês).

são, portanto, uma espécie de imagem dos humanos, e seu mundo é uma imagem do mundo humano reduzido a seus fundamentos sociais e físicos. Existem vários tipos de *tocorime*. Um contraste básico diferencia o *tocorime* de animais e o *tocorime* "puro". Os primeiros são rotulados pelo nome do animal, por exemplo: *dsohadsoha tocorime* ("alma" da raposa), *dsanicohua tocorime* ("alma" do jaboti) ou *cajahuiiri tocorime* ("alma" da jaguatirica). A classe contrastante, por sua vez, tem aspecto "humano", e seus membros são rotulados por termos distintos, por exemplo: *adsaba*, *jojopade* e *Noa*. No entanto, os Kulina humanos não se tornam *tocorime* "humanos" após a morte. Os humanos são transformados em *jidsama tocorime* (*tocorime* do queixada) no *nami bodi*. O *tocorime* "humano" representa qualidades socialmente relevantes que se tornam críticas na cura ritual. Por exemplo, o *adsaba* e o *jojopade* representam qualidades masculinas e femininas, respectivamente (1985, p. 60).

Como apontado anteriormente, ao contrário do submundo (*nami bodi*) – que é restrito sociogeograficamente aos Kulina – a terra da água (*passo dsamarini*) é vasta, estendendo-se por toda a crosta terrestre. Os seus habitantes, os heróis culturais, criaram o mundo inteiro. Esse contraste torna-se significativo no uso de duas substâncias produtoras de visão: o tabaco e a ayahuasca (*rami*). Os xamãs usam rapé de tabaco para ver o submundo e interagir com seus espíritos *tocorime*. As visões induzidas pelo tabaco são restritas a eventos espaço-temporais na aldeia e seu entorno socialmente relevante. As visões do ayahuasca (acessadas durante o ritual do *Rami*), opostamente, são de outros lugares: outras aldeias, cidades brasileiras ou mesmo outras terras (Pollock, 1985, p. 61).

Os dois níveis – o submundo e a terra celestial da água – também são contrastados no contexto da escatologia. No estágio final de um enterro adequado, um xamã conduz a alma (*tabari*) do falecido ao *nami bodi*. Lá, ela é consumida pelos queixadas, e assim também se transforma em um *jidsama tocorime*. Porém, os *tabari* que não são conduzidos ao *nami bodi* vagam pela terra por vários dias, e são finalmente comidos por uma onça, na qual essas almas são transformadas. Esses espíritos jaguares, *dsomaji tocorime*, estão associados ao patamar *passo dsamarini*, onde vivem. Os destinos alternativos refletem o contraste não apenas entre enterros adequados e impróprios, mas, com maior relevância, o contraste entre pessoas normais e pessoas impróprias, normalmente xamãs. As metáforas escatológicas expressam um conjunto complexo de significados. Simplificando-os, pode-se notar que os queixadas *jidsama* são pessoas humanas metafóricas próprias, gregárias sociais, enquanto a onça *dsomaji* é uma pessoa imprópria metafórica, um caçador selvagem, temível e solitário. Os *jidsama* são os

animais de caça mais valorizados, e podem ser controlados por xamãs. Os jaguares são os animais mais temidos (Pollock, 1985, p. 61).

A crosta terrestre (*nami*) tem uma relação direta com os outros patamares, e é mantida pela interação entre eles. *Kira* criou o mundo e seus habitantes, e este mundo é mantido pela chuva que desce da terra da água (*passo dsamarini*) e pelos animais e seres humanos que sobem do submundo (*nami bodi*). As divisões sociogeográficas do mundo terrestre podem, assim, ser pensadas por meio das metáforas fornecidas pelo submundo e pela terra celestial da água. A floresta é frequentemente tratada como equivalente ao *nami bodi*, pois ela é habitada por animais que são *tocorime*, em contraste com as aldeias habitadas por humanos que possuem almas (*tabari*). Os rios e os roçados cultivados estão associados ao *passo dsamarini*. A chuva do nível *passo dsamarini* cria os rios e nutre as plantas cultivadas (Pollock, 1985, p. 61).

No entanto, não há separação nítida entre esses níveis ou entre as divisões espaciais da crosta terra (*nami*). Tanto o rio (e igarapés menores) quanto os roçados cultivados são caminhos, *jahui*, para o *nami bodi*. O enterro ilustra essa conexão. Os Kulina dizem que o enterro é feito no meio da floresta, onde os mortos são carregados pelos homens, enquanto as mulheres ficam de luto na aldeia. Entretanto, o enterro ocorre nos roçados, com a presença de homens e mulheres. A contradição entre a conceituação e a realidade é apenas ilusória, e se resolve no contexto metafórico mais amplo em que se discute o enterro. Isto é, enterro não é simplesmente colocar um cadáver em uma sepultura – como pode ser na visão ocidental – mas é, para os Kulina, a conduta, a descida efetiva do *tabari* e corpo do falecido para o *nami bodi*. Uma vez que a floresta é o *nami bodi* metafórico, não é incorreto descrever o “enterro” como homens (ou seja, xamãs) “carregando” o falecido para a floresta profunda, enquanto as mulheres permanecem na aldeia. Ao mesmo tempo, os roçados são locais apropriados para sepultar cadáveres, pois os roçados são zonas conceptualmente transitórias entre a aldeia sociável e a floresta selvagem, não só no sentido de se deslocar de uma zona para outra através dos roçados, mas também no sentido de os roçados serem floresta que foi domesticada e voltará a ser floresta. Nesse caso, após o enterro do cadáver, e conseqüentemente o abandono do roçado (Pollock, 1985, p. 62).

Ao passo que enterros apropriados ligam roçados, florestas e o submundo, enterros “impróprios” ligam rios (e igarapés), florestas e a terra da água. Os cadáveres dos xamãs são jogados em igarapés ou no rio e seus *tabaris* não são levados para o submundo. O *tabari* vagueia pela floresta onde é comido por uma onça. Os rios e os

igarapés não são caminhos para a terra da água, mas caminhos para o submundo. Isso não implica que os xamãs, cujos corpos são descartados em igarapés, cheguem ao submundo. É o destino de seu *tabari* que é significativo, pois esses rios e igarapés levam à floresta selvagem e perigosa a zona terrestre onde os *tocorime* são encontrados (principalmente o *tocorime* da onça). Assim, a floresta também está ligada metaforicamente à terra da água: o patamar em que vivem os *tocorime* onças. Para os Kulina, há uma conexão entre os igarapés que serpenteiam a floresta e o constante gotejamento de água das plantas: a floresta também é uma “terra de água e chuva” (Pollock, 1985, p. 62).

O submundo (*nami bodi*) e a terra da água (*passo dsamarini*) parecem separar e opor múltiplos conjuntos de qualidades e características. Os heróis culturais da terra da água criaram o mundo, e os *tocorime* do submundo o mantêm sendo constantemente transformados em seres terrestres (humanos e animais²⁹¹). O *passo dsamarini* permite que os humanos cultivem alimentos por meio da chuva e da água, enquanto o *nami bodi* fornece carne por meio de animais de caça “reencarnados” que aparecem na selva. A terra da água é o lar da perigosa *dsomaji* (onça), enquanto o submundo é o reino do sociável *jidsama* (queixada), criaturas de qualidades ligadas aos humanos por meio de enterros adequados ou impróprios (Pollock, 1985, p. 62).

O mundo terrestre não é tão nitidamente dividido. A aldeia é considerada um espaço social domesticado, enquanto a floresta é selvagem e perigosa, mas nenhuma está completamente livre das qualidades da outra. Os homens são selvagens como as onças, suas esposas os domesticam por meio do casamento, mas nunca inteiramente. As qualidades perigosas dos homens podem emergir como feitiço. Da mesma forma, os animais da floresta não são inteiramente selvagens e perigosos – alguns, como o queixada, são sociáveis, e outros, como o jabuti, são mansos. O submundo e a terra da água opõem as qualidades que se fundem, em proporções variadas, no mundo terrestre. Essas qualidades são aquelas que os Kulina consideram inerentes às pessoas (Pollock, 1985, p. 62).

Como dito antes, Pollock (1985) foi o primeiro pesquisador a compreender a simbologia dos roçados Kulina e sua importância para além da segurança alimentar nas aldeias. Ele percebeu o roçado Kulina como zona de transição entre a aldeia sociável e a floresta “selvagem” (onde habitam os seres *huaditahui*, inimigos em potencial). O roçado se transforma em rota de acesso ao patamar subterrâneo (*nami bodi*) quando pessoas são

²⁹¹ É do *nami bodi* que vêm os queixadas para serem consumidos pelos humanos, na crosta terrestre (*nami*), e é também do *nami bodi* que vêm os recém-nascidos.

sepultadas. A sepultura é feita no roçado do falecido, e os produtos dos roçados, onde pessoas são sepultadas, não são comestíveis (são *dori*-feitiço do morto). O *tabari* do morto percorre o roçado e a floresta durante o dia e a aldeia durante a noite. No entanto, o corpo do xamã morto é jogado no rio e devorado pelo *tocorime* onça que desce do patamar *passo dsamarini* ou terra da água (Pollock, 1985, p. 37, 96).

Reproduzi todo o trecho da pesquisa de Pollock (1985) por dois motivos:

- Primeiro, porque os Kulina concedem uma lição arrebatadora da relação delicada, complexa e interdependente entre todos os seres que habitam o planeta, responsável pelo equilíbrio da vida humana na crosta terrestre (o que, infelizmente, a sociedade contemporânea só percebeu ao sofrer as consequências das mudanças climáticas);

- Segundo, porque em recente trabalho de campo (agosto/setembro/2024) – na TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho – encontrei toda essa lógica em operação: as aldeias antigas são cemitérios e capoeiras. Não obstante, os Kulina desafiam a categorização e o significado da palavra cemitério²⁹². Por exemplo, na aldeia Gaviãozinho, há várias pessoas sepultadas ao lado das casas. Apesar disso, encontramos uma realidade distinta: pessoas sepultadas nas margens do Lago do Sacado, na região da aldeia Igarapé do Índio. Ao conversar com os Kulina, compreendi o motivo: essas pessoas eram xamãs mortos, vítimas de mortes violenta ou ainda, vítimas de feitiços muito significativos.

Esses argumentos são primordiais para defender a demarcação da terra tradicional (*nami*), pois é a parte física e palpável dos patamares cosmológicos. Sem embargo, a vida na terra tradicional (*nami*) depende dos outros patamares. Nesse caso, temos uma relação invertida, pois é a garantia da demarcação do território físico (*nami*) que garantirá a vida dos humanos e de todos os outros seres (visíveis e invisíveis).

²⁹² Cemitério como terreno ou recinto exclusivo em que se enterram sistematicamente cadáveres humanos. Espaço geralmente afastado dos locais de moradia dos vivos.



Foto nº 37: mapeamento varadouro - aldeias Três Barracas e Gaviãozinho: Cidinha, Bedi, Dsiquija, Evaldo e Cossaro (da esquerda para a direita). Em 20/08/2024 (Genoveva)

8.4 Áreas imprescindíveis para os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho

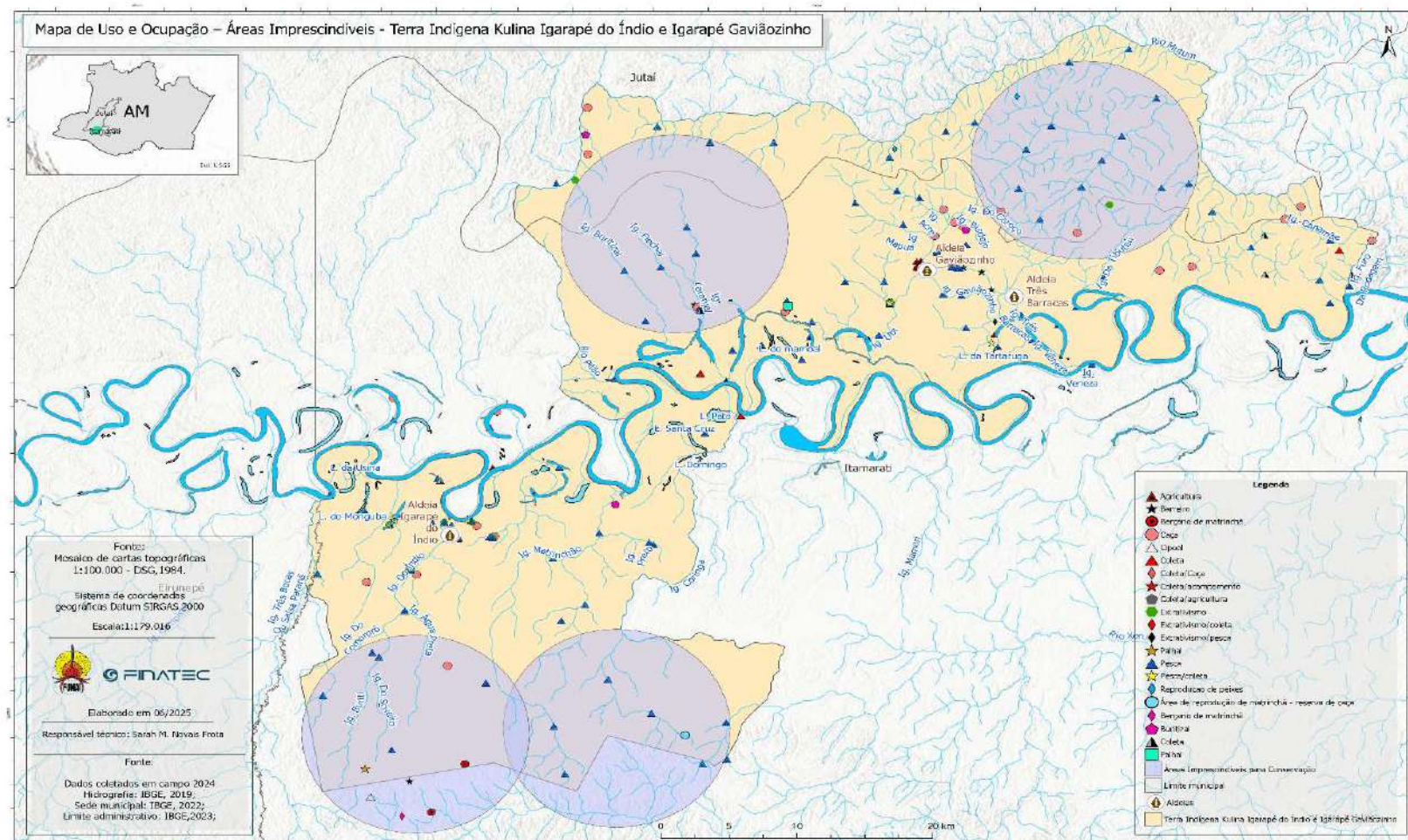


Figura nº 21: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis (Frota, 2025)

De acordo com as pesquisas de campo feitas pela ambientalista Marilena Campos (membro deste GT; Campos 2025, p. 160), as áreas imprescindíveis são as indispensáveis às atividades produtivas, à conservação e ao uso sustentável dos recursos naturais essenciais à reprodução física e sociocultural dos Kulina na TI em estudo. Essas áreas foram caracterizadas a partir dos mapeamentos, entrevistas e caminhadas realizadas no território durante o período de campo, levando-se em conta a percepção indígena e a literatura técnica e científica. A área proposta como imprescindível em termos ambientais se baseia na identificação das paisagens e lugares de usos apontadas pelos Kulina durante o campo, observando suas importâncias históricas, utilitárias e simbólicas; e também a área para a sustentabilidade socioambiental desse território. Ficou evidente o uso do território em duas grandes regiões (eco-zonas) que se situam:

- uma no raio que sai das proximidades das aldeias Gaviãozinho e Três Barracas (nordeste da área em estudo) passando pelos roçados e perfazendo uma área de coleta, pesca e caça (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- outra no raio que vai da aldeia Igarapé do Índio (sudoeste da área em estudo) e também se estende dos roçados a regiões onde são realizadas coletas, caça e pesca (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- O raio dessas duas regiões se sobrepõe no igarapé do Pilão, Flechal, Coringa e praia da Providência, destacando a relevância dessas áreas, que ambientalmente é de extrema importância para garantir conectividade entre as margens direita e esquerda do Juruá, permitindo o fluxo de espécies, energia, água e nutrientes (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis). Essa conectividade é essencial para a manutenção da biodiversidade, para o funcionamento dos serviços ecossistêmicos e deslocamento de populações animais. Essa região também apresenta importância histórica, pois já houve aldeia e existem parentes sepultados. Esse local também é usado como varadouro/furo de acesso entre as aldeias Igarapé do Índio e Gaviãozinho/Três Barracas, além de ponto de caça, pesca e coleta.

Embora diminua-se a frequência de uso das atividades isso não impede que em determinados momentos áreas específicas sejam visitadas para a realização de alguma atividade específica como a caça, a pesca e a coleta de palha para cobrir as casas, como

ocorre nas nascentes do Igarapé do Índio, no Furo da Rodagem, ou no Flechal (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis). Além disso, é necessário que se leve em conta a importância de uma área de reprodução para os peixes e animais.

A seguir, são apresentadas as áreas imprescindíveis na terra tradicional Kulina reivindicada a partir da descrição de “paisagens e lugares” que possuem relevante importância socioambiental (Campos, 2025, p.160-175):

- MATA – Descrição/Justificativa: A paisagem de mata é recortada aqui como a mata de terra firme e junto com a floresta de várzea praticamente homogeneizam a área de estudo como um todo, levando-se em conta que o território em estudo está inserido numa região ainda preservada de floresta ombrófila densa, pertencente ao Centro de Endemismo Inambari, *habitat* de diversas espécies da flora e da fauna, área de reprodução dos animais que são conhecidas e utilizadas pelos Kulina. Além disso, para os Kulina a mata também é lugar dos *tocorime*. A mata é recortada pelo rio Juruá, diversos igarapés, lagos, buritizais entre outras unidades de paisagens. A transição da Mata de Várzea com a Mata de terra firme são os locais escolhidos para implementação das aldeias, sendo que os roçados perenes estão situados em áreas de terra firme que não alagam (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- VÁRZEA/IGAPÓ – Descrição/Justificativa: Esses ambientes são associados a regiões alagáveis ao longo dos rios e desempenham um papel crucial na manutenção da biodiversidade, na regulação hidrológica e na oferta de recursos naturais. A Várzea é o local de madeiras como o cedro da várzea, a virola entre muitas outras que os Kulina usam para construção de casas e canoas. Na seca, o solo da várzea está rico em nutrientes trazidos pelas águas e é onde são implementados os roçados de verão. Na cheia formam-se furos que os Kulina utilizam para se deslocarem de canoa e cortarem caminho. Na cheia a várzea fornece abrigo e alimentação para muitas espécies aquáticas e terrestres, incluindo peixes de importância econômica e aves migratórias; e os habitantes da TI vão pescar de malhadeira espécies, como: mapará, matrinxã, pacu, piau, mocinha e surubim, entre muitas outras. A várzea se estende da margem do Juruá até a localização das três aldeias, que estão na transição para florestas de terra firme

(para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

- CAPOEIRAS – Descrição/Justificativa: As capoeiras são etapas iniciais no processo de regeneração natural das florestas desmatadas. Elas ajudam na recuperação do solo e na volta da cobertura vegetal. Surgem após o abandono de terrenos anteriormente utilizados para agricultura, aldeia ou outras atividades. As capoeiras costumam conter espécies frutíferas plantadas pelos Kulina e são refúgios para diversas espécies de plantas, animais, aves e insetos, atuando como locais de caça e ajudando a preservar a biodiversidade local (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- RESTINGA – Descrição/Justificativa: A restinga é um ecossistema diversificado, possui um solo arenoso e abriga espécies importantes como a andiroba e a copaíba, cipós, além de muitas frutíferas como cacau, bacurizinho e gulosa, que atraem muitos animais, constituindo-a um importante local de coleta e de caça. É um importante refúgio para insetos, aves e pequenos mamíferos. Os Kulina utilizam as restingas para atividades como coleta de frutos, caça e extrativismo de plantas medicinais (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- CHAVASCAL/BURITIZAL – Descrição/Justificativa: O chavascal/buritizal refere-se a terrenos planos ou depressões naturais que ficam sujeitos a inundações periódicas ou possuem lençóis freáticos muito próximos à superfície, características que proporcionam as condições ideais para o desenvolvimento dos buritizais. O buriti (*Mauritia flexuosa*) é uma palmeira nativa de grande relevância ecológica e econômica. Além do buriti, o chavascal/buritizal abriga uma diversidade de espécies animais e vegetais. Árvores típicas das zonas de várzea e igapó também compõem o ecossistema, oferecendo *habitat* e alimentos para inúmeras espécies. Animais como peixes, aves migratórias, répteis e mamíferos utilizam esses espaços para alimentação, reprodução e abrigo. O buriti fornece palha, o fruto do buriti serve de alimento para muitos animais como antas e queixadas e porcos do mato e ao atraírem essas espécies tornam esses locais reconhecidos como importantes locais de caça pelos Kulina. Na seca, o chavascal abriga peixes que se enterram na lama como o bodó tamoatá, que é bastante

- apreciado pelos habitantes da TI (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis)
- PALHAL – Descrição/Justificativa: Os locais de palha na Amazônia se referem a áreas de vegetação composta por uma diversidade de tipos de palmeiras como as palmeiras de buriti, açaí, jaci, buritirana, tucum, patauá e inará. Eles servem de alimento e *habitat* essencial para diversas espécies de fauna, como insetos, aves e pequenos mamíferos. Os frutos das palmeiras podem ser consumidos e costumam ser bastante apreciados, por outro lado, suas folhas são usadas para construir coberturas de casas, cestos e outros itens de artesanato tradicional (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
 - CIPOAL – Descrição/Justificativa: Os cipoais são formações vegetais típicas da Floresta Amazônica, compostas predominantemente por cipós, trepadeiras e lianas que se desenvolvem em grande abundância, criando densas redes vegetais que conectam árvores e arbustos. Os cipoais servem como *habitat* para diversas espécies de animais, como aves, macacos, répteis, insetos e até pequenos mamíferos, que utilizam os cipós como corredores ecológicos, fontes de alimento e refúgio. Eles também hospedam muitas espécies vegetais, incluindo epífitas e fungos, que dependem da estrutura dos cipós para sobreviver. Os Kulina que habitam a TI coletam cipó para fazer vassoura, paneiro e o ritual do *Rami* (*Banisteriopsis caapi*) (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
 - BARREIROS – Descrição/Justificativa: Os barreiros são importantes áreas onde o solo, rico em minerais como sódio, cálcio, potássio e magnésio, fica exposto e atrai diversos animais que frequentam esses locais (chamado pelos regionais de “chupador”) para consumir o solo (comportamento conhecido como geofagia). Geralmente estão situados em encostas, margens de rios ou próximo a depressões naturais. Para os Kulina são pontos estratégicos para a caça de espera de anta, queixada, paca, macacos e veados entre outros animais (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis)
 - VARADOUROS – Descrição/Justificativa: Os varadouros são caminhos abertos na mata, utilizados para deslocamentos, transporte de recursos e conexão entre comunidades ou áreas de interesse, ligando áreas específicas, como roçados,

igarapés, ou locais de caça, pesca e coleta. Os varadouros guardam histórias, mapas mentais e conhecimentos passados de geração em geração pelos Kulina (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

- FUIROS – Descrição/Justificativa: Os furos são canais naturais ou braços de rios que aparecem na várzea e no igapó durante a cheia e conectam diferentes cursos d'água, têm uma grande importância pois funcionam como rotas de transporte para os Kulina, permitindo o deslocamento entre aldeias, áreas de caça, pesca e coleta, bem como acesso a serviços nas cidades próximas (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- RIO – Descrição/Justificativa: O Juruá abriga uma diversidade de peixes, botos, tartarugas, aves aquáticas e vegetação ribeirinha, o Juruá conecta ecossistemas e ajuda na migração de espécies, promovendo a diversidade. É a principal via de transporte para muitas comunidades. Barcos e canoas são usados para deslocamento, comércio e acesso a serviços como saúde e educação. Durante as cheias, o rio fertiliza os solos das várzeas, permitindo o cultivo agrícola e a manutenção de florestas ribeirinhas. Os Kulina consideram o rio também como a rota privilegiada de acesso ao mundo dos seres *tocorime*²⁹³(para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- IGARAPÉS – Descrição/Justificativa: São pequenos cursos de água que fluem dentro da mata, conectando várias áreas. Os igarapés abrigam uma rica biodiversidade aquática, como peixes, crustáceos e plantas. As cabeceiras dos igarapés fornecem água de boa qualidade, essencial para abastecer igarapés e rios maiores. A vegetação ao redor age como um filtro natural sendo áreas importantes para a reprodução e sobrevivência de espécies que dependem de ambientes de água doce. Muitos organismos iniciam seu ciclo de vida nas cabeceiras, aproveitando a água limpa e as condições protegidas e são conhecidas como berçários de várias espécies de peixes na Amazônia, incluindo a matrinxã (*Brycon amazonicus*). Também fornecem água para consumo, preparo de alimentos e atividades domésticas. Os Kulina navegam de canoa em seus cursos na cheia e

²⁹³ Em depoimentos os Kulina que habitam a TI afirmam que o rio Juruá é uma grande estrada por onde transitam pajés e *tocorime*.

pescam nos poços que se formam durante a seca. A partir desses argumentos, os igarapés são considerados como área imprescindível, bem como suas nascentes e afluentes (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

- SACADOS – Descrição/Justificativa: Os sacados são áreas férteis devido à deposição de sedimentos durante as cheias, o que favorece o cultivo de alimentos como mandioca, arroz, milho e feijão. Os sacados representam zonas de transição entre ambientes aquáticos e terrestres, sendo *habitats* para inúmeras espécies de peixes, aves, anfíbios e mamíferos. Durante a seca, as áreas alagadas dos sacados se tornam importantes refúgios para peixes e outras espécies que dependem de água. Os Kulina pescam, caçam, fazem roçado de melancia, tiram barro na sacado e enterram parentes em suas margens (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- LAGOS – Descrição/Justificativa: Os lagos são *habitat* de espécies aquáticas e terrestres, abrigam uma ampla variedade de peixes, aves, répteis, anfíbios e mamíferos. Espécies como o pirarucu, tambaqui, jacarés e botos encontram refúgio nesses ambientes. Para os Kulina são locais de pesca de surubim, traíra, bodó, carauçu, pacu, tracajá, aruanã, curimatã, pirarucu, bodó, cará, traíra e coleta de ovo de jacaré. Também ocorre extrativismo de madeiras na beira dos lagos como o açacu, e caça de aves como cigana e kujubim. Assim como outros ambientes aquáticos, os lagos são locais de *tocorime* (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).
- PRAIAS – Descrição/Justificativa: As praias próximas ao rio Juruá são áreas estratégicas para a pesca artesanal e para a coleta de ovos de tartaruga e tracajá. São locais de locomoção (acampamento) e de roçado no verão (para acesso a localização e usos precisos dessas áreas imprescindíveis na TI ver: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

8.5 Locais específicos de uso e ocupação na terra indígena

Os quadros abaixo trazem uma descrição detalhada do relatório ambiental sobre os locais específicos imprescindíveis aos Madija na Terra Indígena Kulina Igarapé do Índio e Igarapé Gaviãozinho para a sua reprodução física e cultural, com informações também sobre os períodos de frequência.

Quadro nº 20: Localização e frequência de uso das áreas de mata imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 161)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Mata de terra firme/ mata alta da margem direita do rio Juruá	As áreas de mata estão presentes por toda a terra indígena em estudo. Na margem direita do Juruá, as áreas de Mata estão localizadas entre o igarapé Três Bocas a oeste e o igarapé do Coringa a leste. Ao Sul, a área de mata abriga as cabeceiras e afluentes dos Igarapés Três Bocas, Igarapé do Índio, Igarapé do Matrinchão, Igarapé Preto e Igarapé do Coringa.	Ano todo/Muito frequente
Mata de terra firme/ mata alta da margem esquerda do rio Juruá	Na margem esquerda do Juruá as matas estão localizadas entre o Igarapé do Pilão a oeste e o Igarapé Canama e o Furo da Rodagem a leste, a norte a área de mata abriga as nascentes e afluentes do Igarapé do Pilão e Pajurá, Flechal, Laranjal, Ubi, Gaviãozinho e Três Barracas.	Ano todo/Muito frequente

Quadro nº 21: Localização e frequência de uso das áreas de várzea imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 161-162)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Várzea/Igapó da margem direita do Juruá	Na área de estudo, a várzea está localizada nas áreas alagadas da margem direita do rio Juruá do igarapé Três Bocas à praia da Providência. Nas margens dos igarapés dessa área também ocorrem matas que alagam durante o período de cheia.	Ano todo (na seca pelos varadouros e na cheia de canoa pelos furos) / Muito frequente
Várzea/Igapó da margem esquerda do rio	Na margem esquerda do rio Juruá a várzea vai do igarapé do Pilão até o Furo da Rodagem. Nas margens dos igarapés dessa área também ocorrem	Ano todo (na seca pelos varadouros e na cheia de canoa pelos furos) /

Juruá	matas que alagam durante o período de cheia.	Muito frequente

Quadro nº 22: Localização e frequência de uso das áreas de capoeira imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 162-163)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Capoeira velha - Cajueiro	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente
Capoeira grande antiga - do Oma	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente
Capoeira velha - bananal do Oma	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente
Antiga aldeia Lago do Sacado	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Frequente
Campo de futebol/aldeia antiga Mari-Mari	aldeia Igarapé do Índio	Seca/Pouco frequente
Antiga aldeia Piranha/porto Igarapé do Piranha	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/ Muito frequente
Lago da Mato - casa do Ssiqui	aldeia Igarapé do Índio	Cheia/Frequente
Aldeia antiga/cemitério da filha Porainon	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/frequente
Antiga aldeia/capoeira/ cemitério Dsajo(cafés)	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente
Antiga aldeia/capoeira/cemitério Dsajo (manga)	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente

Antiga aldeia/capoeira/ cemitério Dsajo, Huedsaji e Corime	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Pouco frequente
Aldeia antiga Terra Alta/capoeira/ cemitério: Joana e outros	aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Pouco frequente
Capoeira Evaldo	aldeia Três Barracas	Ano todo/Muito frequente
Aldeia antiga- capoeira onde morou Equene- Rosineide	aldeia Três Barracas	Ano todo/Muito frequente
Capoeira do Corari e roçado do Quirisi	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Aldeia antiga (Ouro Preto)	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga Dimodo. Roçado novo: Porainon e Marianu	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga do Porainon. Roçado novo Reirei	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga do Dahora e roçado novo Quirisi	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga Najora. Roçados: Quirisi, Irewahi, Reirei	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga Omaco. Roçado do	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente

Quirisi (2
anos)

Capoeira antiga Tonaiquina- Raimundo. Roçado do Corari	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Capoeira antiga Tonaiquina- Raimundo. Roçado do Irewahi	aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente

Quadro nº 23: Localização e frequência de uso da área de restinga imprescindível ao território em estudo (Campos 2025, p. 164)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Restinga	Ocorre na margem direita do rio Juruá, próxima a aldeia Igarapé do Índio.	Ano todo/Muito frequente

Quadro nº 24: Localização e frequência de uso das áreas de chavascal/buritizal imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 164-165)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Chavascal/Buritizal	Buritizal/chavascal na nascente do igarapé Comororo;	Na seca para pesca e caça/Frequente
Buritizal do Igarapé Buriti	no igarapé Buriti (perto do igarapé Comororo);	Na seca para pesca e caça/Frequente
Buritizal do Carço	no igarapé Gaviãozinho;	Na seca para pesca e caça/Muito frequente
Buritizal do chavascal	Próximo à aldeia Igarapé do Índio;	Na seca para pesca e caça/ Muito frequente
Buritizal	Próximo à aldeia Três Barracas	Na seca para pesca e caça/Muito frequente

Buritizal	Beira do Mapuá	Na seca para/Pouco frequente

Quadro nº 25: Localização e frequência de uso das áreas de palhal imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 165)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Palhal	Cabeceira do igarapé do Índio,	Na cheia vai de canoa/Muito frequente
Palhal	no Flechal	Na cheia vai de canoa/Pouco frequente
Palhal	no Gaviãozinho,	Ano todo/Muito frequente
Palhal	no Santa Luzia	Na cheia vai de canoa/Pouco frequente
Palhal	no Ubi	Na cheia vai de canoa/Pouco frequente

Quadro nº 26: Localização e frequência de uso das áreas de cipós imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 166)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Cipoal	Cipoal na cabeceira do Igarapé do Índio	Cheia/Frequente
Cipó de ramí	Varadouro vai dar direto no Mapoá	Cheia/Pouco frequente
Cipó titica	Furo da Rodagem	Cheia/Frequente
Cipó titica	Igarapé do Piranha	Ano todo/Muito frequente
Cipó titica e cipó ambé	no caminho do buritizal na aldeia Igarapé do Índio	Seca/Muito frequente

Quadro nº 27: Localização e frequência de uso das áreas de barreiros imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 166-167)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Barreiro de Pedra	Igarapé do Gaviãozinho, acima da aldeia	Seca/Frequente
Barreiro do Caroço	Igarapé do Gaviãozinho, acima da aldeia	Seca/Muito frequente

Barreiro do Jacuba	Depois do Igarapé do Gaviãozinho, acima da aldeia no igarapé Acre	Seca/ Muito frequente
Barreiro do Tibuteu	Lago Tibuteu, e três barreiros do Igarapé Tibuteu	Transição da seca e cheia /Pouco frequente
Barreiro	Furo da Rodagem	Seca/Pouco frequente
Barreiro	Varadouro do Quatá	Seca/Muito frequente
Barreiro	Aldeia Três Barracas (tem dois barreiros)	Seca/Muito frequente
Barreiro Mopohuasira	aldeia Igarapé do Índio	Seca/Muito frequente
Barreiro do Curumim	no lago Curumim depois da cabeceira do Igarapé do Índio.	sobe de canoa quando o rio está enchendo/pouco frequente
Barreiro Três Bocas	Próximo à aldeia Igarapé do Índio	Seca/Muito frequente
Barreiro do Joari	Cabeceira do Igarapé do Índio	Sobe de canoa quando o rio está enchendo/Pouco frequente
Barreiro	Igarapé do Flechal	Vão de canoa quando o rio está enchendo/Pouco frequente

Quadro nº 28: Localização e frequência de uso das áreas de varadouros imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 167-168)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO FREQUÊNCIA	E
Varadouro	do Igarapé do Índio ao Igarapé Três Bocas	Seca/Frequente	
Varadouro antigo	do Igarapé Três Bocas ao Xeruã (antigo)	Seca/Pouco frequente	
Varadouro	do Lago do Mato ao Igarapé Três Bocas	Seca/ Frequente	
Varadouro	do Igarapé do Índio ao Igarapé Preto	Seca/Frequente	
Varadouro	do Lago do Mato ao Rio Juruá	Seca/Pouco frequente	
Varadouro	do Sacado (aldeia Igarapé do Índio) ao buritizal	Seca/ frequente	
Varadouro	da aldeia Igarapé do Índio ao porto do sacado	Seca/ Muito frequente	
Varadouro	da aldeia Igarapé do Índio aos roçados	Ano todo/ frequente	Muito

Varadouro	da aldeia Igarapé do Índio ao Lago do Mato	Ano todo/frequente	Muito
Varadouro	da aldeia Igarapé do Índio à aldeia Gaviãozinho	Seca/frequente	
Varadouro	do Lago Gaviãozinho a aldeia Três Barracas	Seca/ Muito frequente	
varadouro antigo feito por Raimundo Tonaquinha	da aldeia Três Barracas a áreas de caça e coleta	Seca/ Muito frequente	
Varadouro	da aldeia Três Barracas que dá acesso a quatro barreiros e ao buritizal	Seca/ Muito frequente	
Varadouro	da aldeia Três Barracas aos roçados	Ano todo/frequente	Muito
Varadouro	da aldeia Três Barracas ao lago São Longuinho	Seca/ Muito frequente	
Varadouro	da aldeia Três Barracas a aldeia Gaviãozinho	Ano todo/frequente	Muito
Varadouro	da aldeia Gaviãozinho aos roçados	Ano todo/frequente	Muito
Varadouro antigo	da aldeia Gaviãozinho que sai no roçado	Ano todo/frequente	Pouco
Varadouro dos antigos	da aldeia Gaviãozinho que sai no Pajurá e no Mutum	Ano todo/frequente	Pouco
Varadouro	da roça na aldeia Gaviãozinho e vai ao Mapuá/buritizal/barreiros	Ano todo/frequente	Muito
Varadouro	Aldeia Gaviãozinho ao Flechal	Seca/ Frequente	
Varadouro antigo de pesca feito pelo Samuel	da Aldeia Igarapé do Índio até ponto de pesca	Seca/ Pouco frequente	

Quadro nº 29: Localização e frequência de uso das áreas de furos imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 169)

NOME		LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Furo Comororo	do	aldeia Igarapé do Índio ao Igarapé Comororo/buritizal/barreiro	Cheia/Frequente

Furo do lago do Mato	Lago do Mato à aldeia Igarapé do Índio	Cheia/Muito frequente
Furo do Coatá	do Coatá a aldeia Gaviãozinho	Cheia/ Muito frequente
Furo do Tibuteu	Lago Tibuteu, e três barreiros do Igarapé Tibuteu	Cheia /Pouco frequente
Furo da Rodagem	da aldeia Três Barracas até o furo da Rodagem	Cheia/Pouco frequente
Furo	Aldeia Gaviãozinho que sai no lago Gaviãozinho	Cheia/ Muito frequente
Furo Santa Luzia velho	Santa Luzia velho	Cheia/ Muito frequente
Furo do Flechal	aldeia Igarapé do Índio	Cheia/ Muito frequente

Quadro nº 30: Localização e frequência de uso da área de rio imprescindível ao território em estudo (Campos 2025, p. 170)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Rio Juruá	A região do rio Juruá no território corresponde a área que conecta as zonas norte e sul, localizada entre as margens da região que vai do lago do Pilão e praia da Providência a oeste, até o igarapé do Coringa a leste.	Ano todo/Muito frequente
Pajurá	Localizado no extremo sul da RDS Cujubim	Cheia/Pouco frequente
Mutum	Localizado no extremo sul da RDS Cujubim	Cheia/Pouco frequente
Jutaí	Localizado no extremo sul da RDS Cujubim	Cheia/Pouco frequente

Quadro nº 31: Localização e frequência de uso das áreas de igarapés imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 170-172)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Igarapé do Índio	Afluente do Sacado situado a margem direita do rio Juruá, e onde se localiza a aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Mari-Mari	Localizado na margem direita do rio Juruá, Igarapé que dá a volta na área da aldeia antiga também chamada Mari	Ano todo/Muito Frequente

	Mari próxima ao Igarapé do Índio	
Piranha	Localizado na margem direita do rio Juruá, Igarapé localizado na aldeia antiga próxima ao Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Ini Parrani	Localizado na margem direita do rio Juruá, deságua na margem esquerda do Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Mato	Localizado na margem direita do rio Juruá, sai no Lago do Mato e deságua na margem esquerda do Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Três Bocas	Deságua na margem direita do rio Juruá e está localizado ao extremo oeste do território	Seca/Pouco frequente
Soveira	Localizado na margem direita do rio Juruá, fica próximo a cabeceira do Igarapé do Índio	Cheia/Pouco frequente
Comororo	Nascente no buritizal próximo a aldeia Igarapé do Índio	Seca/Frequente
Preto	Deságua na margem direita do rio Juruá	Cheia/Frequente
Matrinxã	Localizado na margem direita do rio Juruá e deságua no Igarapé Preto	Cheia/Frequente
Tucunaré	Localizado na margem direita do rio Juruá, afluente do Igarapé do Índio	Seca/Pouco frequente
Curumim	Localizado na margem direita do rio Juruá, perto da nascente do Igarapé do Índio	Cheia/frequente
Providência	Localizado na margem direita do rio Juruá, perto do Igarapé Santa Cruz e do Igarapé do Coringa	Cheia/Pouco frequente
Santa Cruz	Localizado na margem direita do rio Juruá, desagua na margem esquerda do Coringa	Cheia/Pouco frequente
Coringa	Deságua na margem direita do rio Juruá a leste	Cheia/Pouco frequente
Pilão	Deságua na margem esquerda do rio Juruá no limite oeste	Cheia/frequente
Flechal	Localizado na margem esquerda do rio Juruá	Cheia/frequente
Laranjal	Localizado na margem esquerda do rio Juruá	Cheia/frequente
Jurupari	Localizado na margem esquerda do rio Juruá	Cheia/Pouco frequente

Buriti	Localizado na margem direita do rio Juruá	Cheia/ Pouco frequente
Sanabi (sarabi)	Localizado na margem esquerda do rio Juruá	
Ubi	Deságua na margem esquerda do rio Juruá	Seca/ Muito frequente
Mapuriné	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, na comunidade com o mesmo nome.	Cheia/frequente
Santa Luzia	Deságua na margem esquerda do rio Juruá, fica entre o igarapé Ubi e o lago do Pilão	Cheia/frequente
Gaviãozinho	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, deságua no lago Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Acre	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, é um afluente do Gaviãozinho no alto curso	Ano todo/Muito frequente
Mapuá	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, é um afluente do Gaviãozinho no alto curso	Ano todo/Muito frequente
Igarapézinho	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, é um igarapé permanente que sai em um barreiro no varadouro entre as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho	Ano todo/ Muito frequente
onde o Chico Cidade bebia água	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, fica próximo a aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Frequente
Três Barracas	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, desagua no sacado Veneza	Ano todo/Muito frequente
Tibuteu	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, fica antes do furo da Rodagem	Cheia/Pouco Frequente

Quadro nº 32: Localização e frequência de uso das áreas de sacado imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 173)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Sacado	O furo desse sacado fica na margem direita do Juruá, ele dá acesso ao Igarapé do Índio	Ano todo/Muito frequente
Veneza	O furo desse sacado fica na margem esquerda do Juruá, ele dá acesso ao lago Gaviãozinho e ao Igarapé três Barracas	Ano todo/ Muito frequente

Sacado do Coringa O furo desse sacado fica na margem direita do Juruá, ele dá acesso ao Igarapé do Coringa Ano todo/Muito frequente

Quadro nº 33: Localização e frequência de uso das áreas de lagos imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 173-174)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Lago do Mato	Margem direita do rio Juruá, perto da aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Lago dos Dois	na Terra Firme perto da comunidade Soriano e aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Lago da Terra Firme	na Terra Firme perto da comunidade Soriano e aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Muito Frequente
Lago do Cacaia	Margem direita do rio Juruá na várzea, perto da aldeia Igarapé do Índio	Ano todo/Pouco frequente
Lago da Munguba	Localizado na margem direita do rio Juruá, ao lado do lago do Mato	Ano todo/Muito frequente
Lago do Pato	Deságua na margem direita do rio Juruá e está localizado perto do Coringa e do Igarapé Santa Cruz	Ano todo/Pouco frequente
Lago da Usina	Localizado na margem direita do rio Juruá	Seca/Muito frequente
Santa Cruz	Localizado na margem direita do rio Juruá, fica abaixo do Igarapé preto, ao lado do Soriano novo.	Cheia/Pouco frequente
Lagozinho Domingo	Localizado na margem direita do rio Juruá perto do Santa Cruz	Cheia/Pouco frequente
Lago do Tucupi	Localizado na margem direita do rio Juruá	Seca/Frequente
Lago do Mamoal	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, fica dentro do Igarapé Mapuriné	Cheia/Frequente
Lago do Igarapé Flechal	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, no Igarapé do Flechal	Cheia/Frequente
Lago do Carão	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, entre o Mapuriné e o Lago da Tartaruga	Cheia/Pouco frequente
Lago da Tartaruga	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, entre Mapuriné e Lago do Coatá	Cheia/frequente
Baixo do Mulateiro	Localizado na margem esquerda do rio Juruá	Cheia/Pouco frequente
Lago do Mapuá	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, no Igarapé Mapuá	Cheia/Pouco frequente
Lago do Pereira	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, perto do Igarapé Mapuá	Cheia/Pouco frequente

Lago do Coatá	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, perto da aldeia Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Lago Maxirixi	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, perto da aldeia Três Barracas	Ano todo/Muito frequente
Lago São Longuinho	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, entre as aldeias Três barracas e Gaviãozinho	Ano todo/fMuito frequente
Lago do Gaviãozinho	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, na foz do Igarapé Gaviãozinho	Ano todo/Muito frequente
Lago do Tibuteu	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, perto do Furo da Rodagem	Cheia/Pouco frequente
Lago do Pilão	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, perto do igarapé do Pilão	Cheia/Frequente

Quadro nº 34: Localização e frequência de uso das áreas de praia imprescindíveis ao território em estudo (Campos 2025, p. 175)

NOME	LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS IMPRESCINDÍVEIS	PERÍODO E FREQUÊNCIA
Praia	próxima a aldeia Igarapé do Índio	Seca/Muito frequente
Praia da Providência	Localizada na margem direita do rio Juruá, onde é a foz do igarapé da Providência	Seca/Pouco frequente
Praia do Gaviãozinho	Localizado na margem esquerda do rio Juruá, onde deságua o furo do sacado Veneza	Seca/Muito frequente

8.6 Principais conflitos socioambientais na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

Dentre as principais ameaças e impactos à integridade socioambiental da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, tem-se a pesca e caça predatória e a exploração madeireira:

Região da aldeia Igarapé do Índio:

- ✓ Lago do Sacado: *habitat* de várias espécies, como o pirarucu; local de coleta de produtos extrativista e de argila; local de significativa relevância simbólica (área de sepultamento dos xamãs). Sofre pressão de pesca predatória. É também utilizado pelos não indígenas como ponto de acesso ao varadouro para caça e

extração de madeira. O caminho pela floresta culmina em um buritizal onde estão localizadas as nascentes do igarapé Comororo. Os Kulina informaram que os não indígenas extraem madeira no inverno (principalmente maçaranduba) na margem esquerda do lago.

- ✓ Lago do Mato: *habitat* de várias espécies, como o pirarucu. A restinga localizada à margem direita do lago (referência às nascentes do igarapé que abastece o lago) é local de antiga aldeia-capoeira. Os Kulina usam o lago para pesca, caça, extrativismo e coleta de ovos de tracajás e jacarés. Há um varadouro que conecta a aldeia Igarapé do Índio ao lago. Não obstante, os não indígenas acessam outro varadouro, que conecta a margem direita do rio Juruá ao lago. E na margem direita do lago montam sua base de apoio com o uso de algumas canoas. Verificamos no local algumas ossadas de pirarucus e, dentro do lago, havia um grande jacaré morto (os Kulina acham que o jacaré foi morto por ter atravessado a malhadeira dos não indígenas). Havia paus fincados de um lado a outro do lago para sustentar as malhadeiras (abrangendo todo o leito do lago²⁹⁴).



Foto nº 38: ossada de pirarucu morto por não indígenas. Lago do Mato: 13/08/2024(Genoveva)

²⁹⁴ Na região do Igarapé do Índio, há duas comunidades de não indígenas que possuem relação histórica de contato e conflito com os Kulina: Soriano Novo (margem esquerda, fora da TI) e Soriano Velho (margem direita, dentro da TI). Há quatro casas na comunidade Soriano Velho, e oito casas na comunidade Soriano Novo. Os filhos de Rivaldo e Lucimar (casa 8) estudam na comunidade Soriano Velho (na escola improvisada na cozinha da casa do pastor).

Região das aldeias Gaviãozinho e Três Barracas

- ✓ Lago do Coatá – lago muito preservado, *habitat* de várias espécies, como o pirarucu. É usado pelos Kulina como local de pesca, caça, extrativismo e coleta de ovos (tracajás e jacarés). Há um varadouro antigo que conecta a aldeia ao lago (duas horas de caminhada). Durante o inverno, os Kulina utilizam um furo feito no igapó da região para diminuir o percurso da viagem para Eirunepé. É terra tradicional: local de antiga aldeia-capoeira e cemitério (conecta com Santa Luzia, Flechal e Mapuriné). Sem embargo, encontramos um tapiri dos não indígenas nas margens do lago. Quirisi (tuxaua da aldeia Gaviãozinho) informou que os “brancos” vem de Eirunepé pescar tambaqui, matrinxã, surubim, pacu, curimatã e tucunaré. No inverno, os não indígenas deixam o barco no rio Juruá e entram pelo furo para pescar no lago, trazendo caixas de gelo para conservar os peixes.
- ✓ Lagos Veneza e Gaviãozinho – *habitat* de várias espécies, como o pirarucu. É local de importância simbólica, pois há uma pessoa sepultada no local. É usado pelos Kulina para pesca, caça, extrativismo e coleta de ovos de tracajás e jacarés. Há um varadouro que conecta o lago com a aldeia Três Barracas. Contudo, encontramos o não indígena Pedro na entrada do lago Veneza. Ele falou a Pedro-Cossaro que mora na comunidade Veneza e tem um sobrinho que trabalha na equipe de saúde. Informou, ainda, que quando o sobrinho vem desenvolver ações de saúde na TI, fica hospedado em sua residência.
- ✓ Aldeia antiga Ouro Preto/Igarapé do Gaviãozinho: localizada às margens do igarapé Gaviãozinho, é um local extremamente importante para os Kulina: antiga aldeia, cemitério e capoeira. Entretanto, ao visitarmos o local, encontramos um acampamento de não indígenas com bastante lixo utilizado como peso para malhadeiras (alguns feitos utilizando pilhas). Esse acampamento está localizado acima da aldeia Gaviãozinho, e é usado no inverno e verão para captura de matrinxãs. Na reunião do dia 21 de agosto, gravei vídeo no qual Rei Kulina (liderança) conta o episódio ocorrido um pouco antes da chegada do GT. Os Kulina monitoram a movimentação dos não indígenas no Igarapé do Gaviãozinho. Os não indígenas alegam que a TI não está demarcada e não respeitam a proibição dos Kulina (que não admitem que eles efetuem atividades de pesca, caça e extração de madeira). Rei conta que estava na aldeia e viu os não indígenas passando, então decidiu vigiar. Os não indígenas tinham pescado pacu, mas tinham transportado apenas matrinxãs. Rei foi por terra e viu o monte de pacus podres escondidos atrás dos paus. Os Kulina estavam muito

indignados e tristes com esse acontecimento. Os não indígenas se sentiram acuados com a presença do GT, e se retiram da TI um dia após nossa chegada.



Foto nº 39: lixo dos não indígenas em atividades de pesca ilegal.
Antiga aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto. Região do Igarapé do
Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

- ✓ Lago do Maxirixi /Igarapé do Tibuteu: *habitat* de várias espécies, como o pirarucu. É usado pelos Kulina como local de pesca, caça, extrativismo e coleta de ovos (tracajás e jacarés). Os Kulina das aldeias Três Barracas e Gaviãozinho fazem acampamento de caça, pesca e coleta no lago Maxirixi (ficam acampados por cerca de quatro dias). No verão, costumam também pescar matrinxã no Igarapé do Tibuteu. Porém, Porainom Kulina (pajé e liderança da aldeia Gaviãozinho) estava chateado com os não indígenas que moram do outro lado do Maxirixi, devido à pesca excessiva de matrinxãs dentro da TI.
- ✓ Rio Juruá: na margem esquerda (dentro da TI), em frente à comunidade Mamonal, os Kulina disseram que havia uma draga de prospecção de garimpo. Ficaram sabendo que os garimpeiros teriam encontrado muito ouro, mas a Polícia Federal e o IBAMA teriam os retirados de lá. Isso teria acontecido “no tempo da pandemia”. De acordo com pesquisas realizadas por Campos (2025) foram identificados requerimentos de lavra garimpeira na região. A ambientalista alerta para os possíveis impactos ambientais decorrentes desse tipo de atividade e pelo histórico de assédio e presença

ilegal de balsas que vem sendo registrada no rio Juruá. Em 23 de junho de 2022 saiu uma reportagem no site da Amazônia Real sobre o assédio que comunidades indígenas e extrativistas da região do médio e baixo Juruá estavam sofrendo. Na ocasião, indígenas que vivem dentro da Resex Baixo Juruá, no município de Juruá (AM), interceptaram e denunciaram a presença de uma draga sem autorização na região. Em novembro do mesmo ano saiu outra reportagem de denúncia de balsa de garimpo na região do médio Juruá, na ocasião os moradores escreveram um documento encaminhado ao Ibama, ao Ministério Público Federal e à Polícia Federal ressaltando o impacto negativo que atividades de garimpo poderiam trazer ao território. Em 2024 o Instituto Juruá apontou nova balsa de garimpo na região, inclusive adentrando o município de Itamarati e depois novas denúncias foram registradas de garimpo no município de Carauari (Campos 2025, p. 154). Por sua vez, Sarah Frota cartógrafa e membro deste GT, registrou em mapa vários “Requerimento de lavra garimpeira: ouro” em todo o percurso do rio Juruá. É importante frisar também a incidência sobre a TI de alguns pedidos de Cadastro Ambiental Rural (CAR), como pode-se observar no mapa “Pressões e ameaças - TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”.

Apresento a seguir o mapa com localização precisa das “Pressões e ameaças - TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”

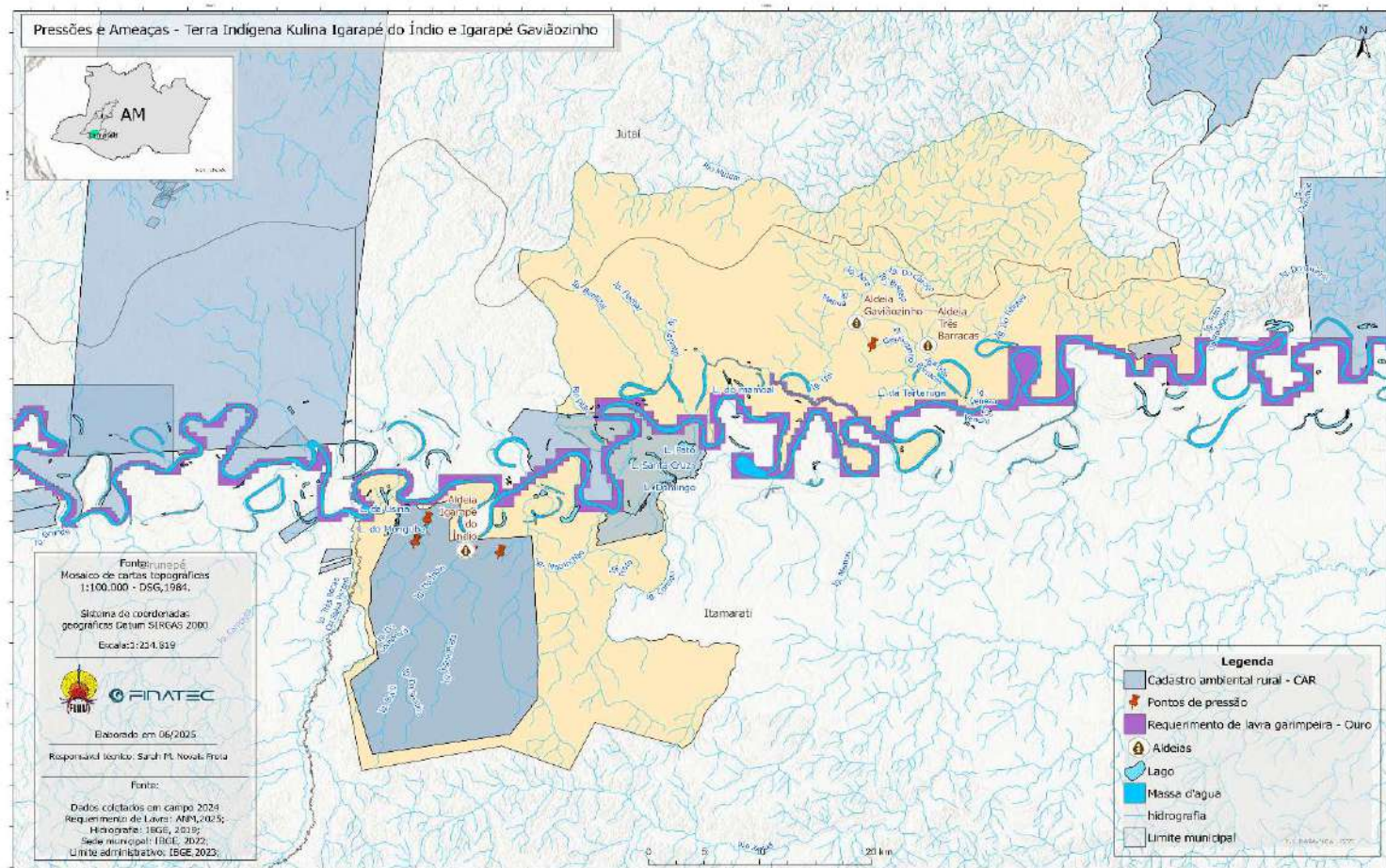


Figura nº 22: Mapa pressões e ameaças -TI Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

De acordo com a ambientalista Marilena Campos (2025) é muito importante considerar que atualmente vivenciamos um cenário de mudanças climáticas e, embora com aumento da taxa de desmatamento, a Floresta Amazônica se destaca na importância de manutenção global da temperatura devido a enorme quantidade de carbono fixado que possui (FEARNSIDE, 2009; IPCC, 2014 *apud* Campos, 2025). As terras indígenas são as áreas de floresta mais conservadas, e muitas vezes funcionam como barreira para o desmatamento. Na região já se registra invasão de não indígenas no território para retirada de madeira, pesca e caça ilegal, ameaçando o manejo local feito pelos Kulina e a integridade ambiental local, tornando a demarcação e regularização do território por parte do governo uma necessidade urgente.

A seguir apresento o mapa: “Desmatamento 2007-2004 – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”

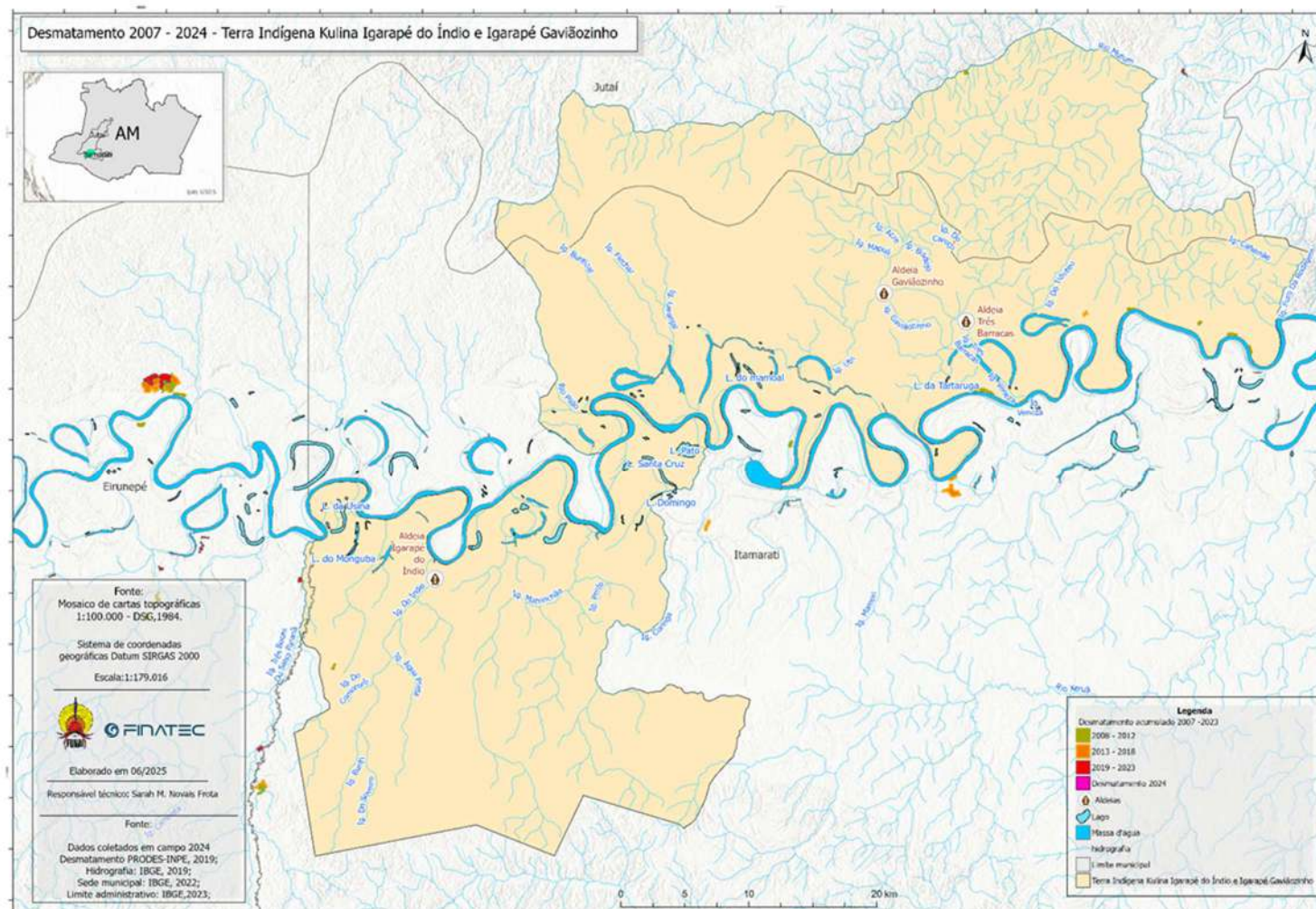


Figura nº 23: Desmatamento 2007-2004 – Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

Como visto, os Kulina da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho são vítimas de diversas ações ilegais de exploração de recursos em seu território. Nos seguintes capítulos, apresentar-se-á uma série de depoimentos (gravados em vídeo, transcritos e traduzidos), nos quais os Kulina relatam todas essas agressões. Neste momento, destaco as contribuições do Relatório Ambiental (Campos 2025, p. 149-155) a respeito de como tais ações impactam diretamente a vida dos Kulina e restringem seu viver com dignidade.

Durante o estudo foram registrados a existência de conflitos, históricos e atuais, em todas as três aldeias visitadas, constituindo uma ameaça à integridade social e ambiental do território. Os conflitos envolvem prioritariamente retirada ilegal de madeira, caça e pesca predatória (atividade difusa e apontada como de maior intensidade). Através de relatos da memória oral apresentados nesse relatório é possível percebermos também que o trabalho na seringa esteve ligado à venda de carne e pele de animais, gerando um impacto marcado por uma percepção de diminuição dos animais de caça. A invasão da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho pelos não indígenas para extração de madeira vem aumentando nos últimos anos. Da mesma forma tem aumentado os registros de caça predatória. Entretanto, os Kulina apontaram a pesca predatória como principal ponto de conflito, embora reconheçam que todas essas atividades ocorram simultaneamente, e os animais (de caça e pesca) possam estar sendo comercializados clandestinamente.

A região do Lago do Pilão e Flechal era área de exploração de seringa e de pesca pelos não indígenas. Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) lembra que quando era criança viu muito pirarucu apodrecendo no Lago do Pilão, pois os pescadores de fora arpoavam o animal e não conseguia carregá-lo para dentro do barco. O Lago do Mato é um outro local de conflito com a entrada de pescadores não indígenas. Nas proximidades das aldeias Três Barracas e Gaviãozinho os Kulina relataram a entrada de barcos no lago Veneza e no lago Maxirixi que sobem pelo Gaviãozinho até quase a cabeceira. Também usam o Lago do Coatá, que acessam com barcos carregados de gelo através de furo no Juruá.

A relação dos Kulina com toda a calha do rio Juruá (região de igapós, várzea, poços, restingas e terra firme) perpassa a questão econômica e histórica para tomar uma dimensão transcendental.

Como vimos, se os roçados são rotas de acesso ao mundo subterrâneo, depois que pessoas são sepultadas no local, os rios, lagos e igarapés são rotas “naturais” para o mundo subterrâneo dos mortos (Pollock, 1985, p. 38). Para os Kulina, é a preservação de

toda a massa de água que irá garantir a vida de todos os seres que ali habitam e também de todos nós. Eles se preocupam não apenas com o aspecto econômico da preservação dos recursos, mas também com a manutenção de uma boa relação com todos os seres não humanos. Uma interação ruim com os seres que habitam esses locais significa doença ou feitiço por rapto de alma e provoca desequilíbrio na relação entre os patamares cosmológicos.

8.7 Depoimentos das principais lideranças da TI sobre as ameaças ambientais e o projeto de futuro: porque é necessário o reconhecimento da TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho

Neste momento, concluo a argumentação com a fala dos Kulina em forma de depoimentos. Neles, as principais lideranças da TI (homens e mulheres) comentam sobre as condições de vida atual, os conflitos com os não indígenas e a necessidade de preservação dos recursos naturais para assegurar seu bem-estar e sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (como determina a CF/1988). Dessa forma, alertam para a proteção dos lagos, dos rios, dos poços, dos igarapés, dos igapós, da várzea, dos peixes, das árvores, dos animais de caça e dos bichos de casco.

Esses depoimentos foram gravados em vídeo na aldeia Gaviãozinho, no dia 26 de agosto de 2024²⁹⁵. Os Kulina realizaram o ritual do *Ajie* para encerramento das atividades do GT. Eles falaram que queriam mostrar sua cultura aos não indígenas (em geral e aos “chefes de Brasília”) e, também, aos Kulina que habitam outras TI’s. Então, solicitaram que filmássemos partes do ritual executado durante o dia, pois, à noite, a qualidade da filmagem não seria boa. Na abertura do *Ajie*, as lideranças prestaram depoimentos sobre a demarcação da terra:

1º Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina, liderança e tradutor do GT²⁹⁶

[Cossaro] Meus parentes! Eu não vim aqui à toa. Eu vim para fazer trabalho junto com a Amohua (Genoveva) e a Dsiquija (Marilena). Agora eu vou falar um pouco em português. Os parentes estão explicando, falando sobre a área deles. Que os brancos estão acabando com os peixes todo dia. Eles vêm pescar toda semana. Não é todo dia não, é todo final de semana. Eles vêm pescar para pegar matrinxã. Aí

²⁹⁵ Depoimentos transcritos e traduzidos por mim.

²⁹⁶ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 19:01 TimeVideo_20240826_185743.mp4 104MB 1280x720px 03:42

os peixes estão acabando. As caças também estão diminuindo. Aí quando a gente descer (o GT sair da TI) aí eles vão voltar para pescar. O que eles fazem, o que o branco faz, eles trocam peixes só por açúcar, café e por bebida alcoólica; só isso. É assim que o pessoal está falando.

Aí outras coisas que estão faltando: o apoio da Funai, apoio do pessoal do CIMI, apoio do pessoal da OPAN, apoio dos vereadores e apoio dos prefeitos. Não tem nada para ajudar os parentes daqui do Igarapé do Gaviãozinho, lá do Igarapé do Índio e daqui do Três Barracas.

Eles têm muitas crianças, mas não tem escola, não tem professor. Cada aldeia não tem escola, não tem professor. Não tem agente de saúde. Aí por isso que os parentes estão falando. Agora para frente eles pensam se vai melhorar ou não. Porque nós estamos fazendo esse trabalho para eles. Aí se o pessoal ficar forte, as lideranças de cada aldeia para defender a área deles. Aí branco vai afastar, se não ficarem forte, se eles ficarem fracos, os brancos irão entrar.

Eles vão esperar esse negócio do mapa. Eles vão esperar e perguntam qual é o dia que vem pessoal da Funai para demarcação de terra. Por isso que eles estão falando. Está faltando muita coisa para os parentes das três aldeias. O meu nome é Pedro Cossaro, da aldeia Matatibem, no município de Carauari.



Foto nº 40: Rivaldo, Genoveva, Sedsí, Cossaro-Pedro e Marilena (esquerda para direita).

2º Depoimento de Irewahi Kulina²⁹⁷, liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Irewahi] Amohua! Aja madijadenicca cultura noeque najaripa. Pohuadeni atti jamaque najari. Icca dsama marcanedsa tiadsa tobicani tohui, pepeji.

Iadsa faltanani mottarani iquejenajari. Precisa quenahui forno, precisa escola, precisa agente de saúde. Aja odsa cahuittani jine remediesi aniji jine faltanaja.

Nema najari aniji bari, enxada, nema najari. Massito ppatahui huajine. Najari iadsa precisa nahui inajaro.

Icca dsama demarca nedsape fica bicatani tohui iadsa. Ficar bom nani tohui iadsa. Aja jari vai ter mais peixe ainda nahui tohui, pepeji. Ohuanipe Irewahi Madija Kulina, aje Gaviãozinhocca.

[Tradução]

[Irewahi] Amohua (Genoveva)! Essa é a cultura do povo Kulina-Madija. Você deve mostrar àqueles que falam que não temos mais cultura. Mas nós precisamos de nossa terra demarcada para vivermos bem e melhor.

Na nossa terra faltam muitas coisas. Nós precisamos de forno para casa de farinha. Precisamos de agente de saúde e de um postinho de saúde onde possa ficar guardado os remédios.

Do mesmo jeito precisamos de apoio a nossa produção. Necessitamos de machado, enxada e terçado para que possamos trabalhar nos nossos roçados.

Com nossa terra demarcada nós ficaremos bem. Vai ficar bom e teremos ainda mais peixes nos nossos rios e lagos. É assim que queremos. Meu nome é Irewahi Madija Kulina e eu moro na aldeia Gaviãozinho.

3º Depoimento de Evaldo Kulina²⁹⁸, tuxaua-liderança da aldeia Três Barracas

[Evaldo] Pajissa! Ajijaro tobicani tohui badsima aldeia ajijaro Gaviãozinho. Tobicani tohui ajidsa, badsima. Escola naqui saiquenani tohui ajidsa najaro bicatani. Ohuape aicca Três Barracascca ojejeraha occajo najaro ajidsa ajudaonani huajine. Najaro bicatani badsima icca dsama aba jicahui noppine. Nidsa escola queje, occa dsama Três Barracas tobicani tohui badsima. Najaro aje huaje iadsa bicatani. Najaro icca dsama tobicaridsani tohui Igarapé do Índio naqui nani. Tobicani tohui raneje najaro obodi huatinani badsima.

Icca dsama bicatahui tohui.

²⁹⁷ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:43 TimeVideo_20240826_184224.mp4 39,98MB 1280x720px 01:14

²⁹⁸ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:48 TimeVideo_20240826_184629.mp4 51,09MB 1280x720px 01:48

Iadsa manda tajo nana papeo ajidsa aiccadsa nani huajine. Aje saúde, ihuadsa mamadiri nadsa, iadsa tobicani jine. Nahuatotani huajine pajama najari, pacama najari. Aje huaje aicca, occa professor iadsa pacodsimadsape tobicani jine nemanani naqui. Escolacca nahuato, ajidsacca nahuato, ajiccadsa nahuato nani huajine bicatani, badsima. Todos unidos. Ajidsa bicatani tohui nemanani naqui. Pajissa, Amohua. pepeji.

Evaldo, huattihuatti najaro. Três Barracascas huatihuati najaro. Bicatani.

[Tradução]

[Evaldo] É verdade! Estamos todos reunidos aqui na aldeia Gaviãozinho para dizermos que precisamos de escola.

Eu vim da aldeia Três Barracas para participar do processo de definição dos limites da nossa terra. Para participar dessa reunião de demarcação.

Vamos cuidar da nossa terra para que não acabem os peixes. Acredito que a partir de agora teremos escolas e a vida vai melhorar, tanto na minha aldeia Três Barracas, como em todas as aldeias da nossa terra indígena.

Eu penso que viveremos melhor depois da terra demarcada. Nossa terra é uma só até o Igarapé do Índio.

Nós estamos pedindo escola nas aldeias. Nós queremos aprender a ler e escrever no papel. Nós queremos uma equipe de saúde permanente na nossa terra indígena.

Queremos as nossas crianças na escola. Queremos que os nossos filhos, de todas as idades, tenham o direito de aprender a ler e a escrever. Precisamos de professores para ensinar nossas crianças em todas as aldeias de nossa terra indígena. Se ficarmos todos unidos viveremos bem. Estaremos bem. Isso é verdade, Amohua (Genoveva).

Quem falou foi eu, Evaldo. Eu moro na aldeia Três Barracas.



Foto nº 41: Evaldo Kulina, chefe da aldeia Três Barracas durante atividades do GT
20/08/2024 (Genoveva)

4º Depoimento Sedsi-Sérgio Kulina²⁹⁹, liderança da aldeia Igarapé do Índio

[Sedsi] Aje Gaviãozinhodsa jidapanape bacco inajo najorade. Icca dsama tobicani huajine occa jonajorade. Amohuadsa occajo najaro: ohua, Tesadi, Peba ajudainani jinedsa. Aje jahui qquiniji. Ajimanani jahui totocani dsopi niji, inajaro.

Nedsa anijaro jidapanape iadsa bicatani tohui raneje. Icca dsama najaro, aicco Três Barracas paje. Icca dsama aje huaje badsima tobicani jine. Pajissa jenani tohui raneje. Iadsa tobicanipe, tobicajaro. Neraha tobicajeranipe, nejecoma inapadseje tobicani tohui.

Najaro jidapanape ejedeni ajama najari napimama canadsa. Ia taide ajima inajaro terra demarcação tojedsape. Ia aje jadahui botepe ijicaca caniraha. Neraha ajama najarideniha toma de conta quenahui jine, timittani Amohua?

Nedsa icca dsama marcane jiquedsape pepeji carihua quedsimade noe. Badsima ajadsa aba pescader noe. Nedsape ajidsa jidapanape iadsa escola. Agente de saúde noe, professor noe. Iadsa tuxaua pajama nahui, liderança noe, cacique noe, ajadsa naco noerahui, Três Barrascadsa noerahui, Igarapé do Índiodsa noerahui. Nema najaro tobicani tohui raneje onajaro. Obodi huatinani tobicani tohui, pajissa? Ohua onipe Sedsi, Igarapé do Índiocca. Jicani occa huima.

²⁹⁹ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:51 TimeVideo_20240826_184928.mp4 44,35MB 1280x720px 01:34

[Tradução]

[Sedsi] Eu vou falar agora porque eu passei todos estes dias aqui na aldeia Gaviãozinho. Eu, Tesadi e Peba viemos da nossa aldeia Igarapé do Índio. Nós viemos com a Amohua (Genoveva) para juntos fazermos um bom mapa da nossa terra e assim ficar bem delimitada. Para isso é que apontamos os caminhos antigos que sabemos e levamos o GT até os varadouros de caça, pesca e coleta.

Agora nós temos um mapa de demarcação de nossa terra que passa pela aldeia Três Barracas subindo e descendo o rio (Juruá). Nós esperamos que daqui para frente venham muitas melhorias para nossa terra e para nós. Nós esperamos que nossa vida possa melhorar muito. Agora não está bom, pois não temos a proteção de nossa terra.

A demarcação é um compromisso nosso com as crianças de hoje. Nós queremos que saia a demarcação pensando no futuro dos nossos filhos. Nós, os adultos, iremos morrer antes, mas nossos filhos tomarão de conta da nossa terra. Você está registrando isso, Amohua (Genoveva)?

Quando nossa terra estiver demarcada não tem porque os não indígenas entrarem aqui para pescar. Nós poderemos pescar e poderemos ter escola, porque atualmente na nossa terra falta agente de saúde e professor. Nós precisamos também fortalecer as lideranças de todas as aldeias: Gaviãozinho, Três Barracas e Igarapé do Índio.

Estou pensando que com a demarcação e com lideranças fortes poderemos viver bem. É isso? Meu nome é Sedsi. Eu moro na aldeia Igarapé do Índio. Essa é a minha fala.

5º Depoimento Reirei Kulina³⁰⁰, liderança da aldeia Gaviãozinho (segundo tuxaua)

[Reirei] Amohua, ohua huattittionana najaro. Ajidsa Gaviãozinhodsa icca dsama tobicani jine Sarah, mapa dainajo najaro.

Carihuadeni todo dia quenadsape pesca aniji aja tattini huaje. Aba nahui jique manahui bama, mamore.

Nedsa quejenapojari Quirisi, Porainom denidsa naco, borracha dá, najari paja paga nahui jine quenahui. Jine ique madsa baqui najari. Nedsa dsotode ohua occamacosanidsa dsama tobicani tohui queneraha, noerahui. Jidapana mapa Sarah dainajonedsa iape tobicani najaro. Dsama marcação na jine.

Carihuadenidsa ma acconi. Iadeni iadsa boqueja nahui tiranaja Funai na resolve nahui toquenahui, Amohua.

Najaro huatide Amohua. Occa huima jicani. Ohua onipe Reirei Gaviãozinhodsa.

[Tradução]

[Reirei] Amohua (Genoveva), agora eu vou falar. O Gaviãozinho é nossa terra. Para nossa terra ficar bem cuidada demos a

³⁰⁰ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:52 TimeVideo_20240826_185128.mp4 33,22MB 1280x720px 01:10

Sarah (cartógrafa do GT) o mapa com a delimitação da nossa área a ser demarcada.

Os não indígenas todos os dia vêm pescar aqui. Eles sobem o igarapé do Gaviãozinho e pescam muito pacu e matrinxã.

Outro dia os não indígenas passaram aqui e falaram com o Porainom e Quirisi. Eles queriam dá bolachas para trocar com peixes. Depois eu subi o igarapé Gaviãozinho e vi como eles estragaram muitos peixes pacus. Pescaram um monte de pacus e não levaram. Assim a nossa terra não fica bem.

Agora temos um mapa com os limites da nossa terra e entregamos para a Sarah. Ela irá fazer um mapa completo e bonito para sair a demarcação. A gente acredita que depois tudo vai melhorar.

Os não indígenas, que estão morando dentro da nossa terra, terão que sair. A Funai deve vir para conversar com eles e resolver isso.

Amohua (Genoveva), era isso que eu queria falar. Meu nome é Reirei e eu moro na aldeia Gaviãozinho.

6º Depoimento de Amassa Kulina (F)³⁰¹, anciã, liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Amassa] Occa dsama tobicani huajine. Ohua bacco ticca nema nedsape, jehe, bicatahua onani. Imittani, Amohua, huatihuati najaro. Carihua aba najiquemane nedsapa: ah! Ohuana ojipani, Porainom aba tohui toccajaro nema naccani. Ccani nedsape ohuana, nejecomapa? Aba, carihua aba inajiquemanahui onani. Neraha nani dsotode tia baco tanedsape. Ohuadsa bicatani. Jehe, bicatahua onani. Timittani?

Porainom naco ajimanahe: “ohuadsa Funai baco najarahui. Occa aba carihua inejiquemanahui nahui”. Nedsape obodi huatinani: “Odissa oneraha, danejerani, carahuri jocca nemo nejerahui. Mamore jocca nemo nejerahui. Amassa, noerani mamore amossiiinani”. Carihua casoeiradsa inajiquemani, inajiquemani. Ah! Ohuana! Danejerahua onani. Obodi oji, oji neraha. Jidapana tiadeni baco tequenajaro. Nedsape: jehe, onani. Obodi, jehe, najaro, nedsape bicatani.

Ajajaro occarimaquui Cossaro ohuadsa bacco nedsapa. Ohuadsa huatinehe: “jehe, assi, nemanedsa occajonajarodeja. Tiadsa Madija amossinahui tia deni cacahuadedeni”.

Corari jidobadi danejerahui bedimeni pajimaonani najari. Teccobaquihui danejerahui nani niqui nedsape. Ah! Ohuana! Nejeco comanedsa occa ejedenideni ajima najari ojinodeni, ojacama, ojidobadi quenajari. Escolacca nahuatoni jine noerani, amossiiinani. Najarope obodi ojini. Ojinodenideni papeo huaquene jine oneraha, noerani. Noerani ppanihona jica, huajano na jica, jidapana ajijaro paje. Ajidsa escolacca nahuatoni huajine onani. Timittani, Amohua?

Occa huima, ohuape bicaonani. Occa qquitinade, occa omaho, occa majonana, occa ssami nani. Ohuape bicaonani. Najaro huatihuati

³⁰¹ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 19:05 TimeVideo_20240826_190301.mp4 75,40MB 1280x720px 02:40

najaro. Nedsape jehe, Amohua bacconepe. Jehe, bicatahua onani, Amohua. Pepeji occa huima jicani. Ohua onipe Amassa. Occa dsama Gaviãozinho, morador, pajajaro occa omaho, occa ssami. Badsima jiquejerani, pajissa.

[Tradução]

[Amassa] Nós queremos que dê tudo certo e que venha melhorias para nossa terra. Vocês chegaram até aqui (GT). Amohua (Genoveva), você veio e falou e nós te ouvimos.

Os não indígenas estão acabando com os nossos peixes. Outro dia o Porainom foi pescar e não trouxe peixe. Eu perguntei pelos peixes. Ele disse que os não indígenas pescaram e acabaram com tudo. Dias depois vocês chegaram (o GT) e então eu fiquei contente. Sim, eu fiquei muito feliz. Você está me ouvindo?

Porainom falou assim: “eu queria que a Funai viesse aqui para tirar esses não indígenas de nossa terra e não deixar mais eles entrarem para pescar. Eles estão acabando com os nossos peixes. Mas a Funai não veio”.

Eu fiquei triste. Outro dia o Porainom foi pescar com caniço e não conseguiu pegar nada. Os não indígenas acabaram com tudo. Porainom não conseguiu pegar com caniço nem mandi e nem matrinxã. Ele não conseguiu ver nenhum matrinxã. Os não indígenas estão acabando os nossos peixes porque eles usam malhadeiras. “Ah! Como é triste o fim de nossos peixes! Assim não dá! O meu eu profundo, estava chorando muito!” Então vocês chegaram (GT) e ficamos cheios de esperança.

Com o GT veio também meu irmão mais novo Cossaro-Pedro. E ele falou: “eu vim ver como vocês estão pois sei que não tem ninguém por vocês”.

O vereador de Itamarati prometeu construir uma escola aqui, mas não fez. Como irão estudar as nossas crianças, os nossos netos, sobrinhos, filhos e genros? Não fizeram a escola. Por isso eu estou chorando por dentro. Os meus netos não sabem ler. Prometeram que iriam construir uma escola aqui no inverno, depois disseram que construiriam no verão, e nada. Você está registrando isso, Amohua (Genoveva)?

Isso tudo eu queria falar. Eu quero acreditar que agora viveremos bem. Eu sou uma pessoa trabalhadora. Você viu que eu tenho roçado com banana maçã, cana-de-açúcar e abacaxi. Depois que vocês chegaram eu fiquei mais animada acreditando que virão melhorias para a nossa terra. Meu nome é Amassa e eu moro na aldeia Gaviãozinho. Aqui eu tenho meus roçados com muita banana maçã e abacaxi.



Foto nº 42: Amassa Kulina, anciã, liderança e pajé.
Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Os depoimentos dos Kulina apontam que somente com a demarcação e a desintrusão dos não indígenas da TI eles poderão ter segurança para implantar o seu projeto de futuro, no qual as aldeias serão locais sossegados para morar e criar filhos e netos. Com a demarcação, a floresta estará protegida, sem árvores serradas prematuramente. Haverá terras para produção agrícola, garantindo a segurança alimentar nas aldeias. As áreas de refúgio serão locais onde os bichos de caça poderão andar com tranquilidade e se reproduzir, e os peixes e outros seres aquáticos poderão viver nos lagos, rios e igarapés. Esse projeto visa garantir a sustentabilidade das aldeias e uma boa relação com todos os seres que habitam os patamares cósmicos, e assim permitir que, de fato, os Kulina possam usufruir do direito constitucional a sua reprodução física e cultural.

Conforme mencionado, as áreas de roçado têm importância extraordinária para os Kulina, tanto do ponto de vista da reprodução física como cultural, mesmo se levando em consideração a mobilidade territorial que os caracteriza. Os Kulina não abandonam as áreas cultivadas e de sepultamento, mantendo relações em níveis diversos de complexidade com esses lugares, pois são rotas de acesso ao mundo subterrâneo depois que as pessoas são sepultadas no local.

No Relatório Ambiental (Campos 2025), há dados quanto a localização estratégica da TI na preservação biológica e sociocultural do planeta:

O território Kulina Madija do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está situado entre nas margens direita e esquerda à jusante do rio Juruá no município de Itamarati, Amazonas e sobreposto ao norte com a RDS Cujubim, município de Jutai³⁰². As cidades próximas à área são: Eirunepé, localizada próximo ao limite noroeste, sendo a cidade mais próxima do Igarapé do Índio, e Itamarati, no extremo nordeste, a cidade mais próxima das aldeias Três Barracas e Gaviãozinho. A área está na região central do Bioma Amazônico e dentro de uma das áreas de endemismo reconhecidas para alguns grupos de vertebrados terrestres na Amazônia chamada Inambari (Braz, *et al.*, 2017) Sobrepe-se no limite ao norte com o extremo sul da RDS Cujubim e ao sul faz limite com a TI Kanamari do Rio Juruá. Além disso a área em estudo também está inserida no continuum do mosaico de áreas protegidas relacionadas ao Corredor Central da Amazônia, de grande importância ambiental e socioeconômica (Campos 2025, p. 16).

Explicitando melhor, a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está inserida num contínuo de áreas protegidas que é parte do Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural: Reserva de Extrativista do Rio Jutai (RESEX rio Jutai), Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim (RDS-Cujubim), TI Vale do Javari, TI Rio Biá, Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (RDS-Uacari), TI Deni do Rio Xerua e TI Kanamari do Rio Juruá. Dentro dessa visão, o conceito de conectividade de áreas protegidas é fundamental para propiciar a conservação e sustentabilidade dos recursos naturais da terra indígena, em prol de garantir o bem estar econômico e cultural dos Kulina e manter áreas necessárias para o refúgio da vida silvestre e/ou de proteção ambiental.

As áreas imprescindíveis estão relacionadas às atividades de pesca, caça, coleta e cultivo, que são a base de produção e consumo das aldeias Kulina. Desse modo, sua definição, em termos ambientais, é de áreas: destinadas a conservação dos recursos naturais e que envolvem a capacidade de conexão das unidades de paisagem e facilitem os fluxos biológicos.

Por exemplo, para os Kulina, é fundamental a inclusão das regiões de nascentes dos igarapés. Estas são indispensáveis para a preservação dos recursos ambientais e, por isso, necessárias para o equilíbrio ambiental e para a reprodução física e cultural do povo. A região das cabeceiras dos igarapés permite conjugar o uso de áreas de várzea e de terra firme, pois são zonas básicas de pesca, caça e coleta-extrativismo, acessadas no período

³⁰² A sobreposição da TI com a RDS-Cujubim será descrita e analisada na Sexta Parte desse relatório.

do inverno. Nelas, há barreiros e nichos de diversos animais silvestres. São as águas oriundas desses igarapés que abastecem as aldeias (igarapés do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas). Ademais, os igarapés e lagos internos são importantes, também, para a reprodução dos peixes.

Recapitulando, as áreas imprescindíveis são:

1. Áreas de terra firme: necessárias para construir aldeias e roçados, preservar árvores para coleta de frutas e cipós e extrair madeiras para construir casas. Os roçados não apenas fornecem alimentos para as pessoas, mas são cemitérios e portais de acesso ao mundo dos seres não humanos. As áreas de terra firme são locais de refúgio ao meio ambiente, garantem a reprodução dos animais de caça e uma boa relação com os seres não humanos que habitam esses locais (por exemplo, os *tocorime* donos da caça).
2. Áreas inundáveis: várzeas, praias, poços, lagos e rios protegidos garantem a segurança alimentar e a geração de renda. Em contrapartida, a preservação dos lagos, rios, igarapés e poços é uma forma de cuidar desses locais. Por exemplo: não são apenas os peixes, as cobras e o boto que precisam do lago, o lago é mantido pelos bichos que moram ali – acabar com os bichos faz o lago secar. Por fim, preservar é também ter segurança e certeza de uma boa relação com os seres que habitam os lagos, rios, poços e, principalmente, manter essas rotas privilegiadas de acesso ao patamar subterrâneo.

Destaca-se a importância das redes de igarapés que vão de suas cabeceiras, com poços, área de lagos com berçários de reprodução de peixes, reprodução de animais e concentração de palmeiras como buritizais e outras palhas, até a foz no rio Juruá com sua várzea, tanto na margem direita do Juruá onde se localiza a aldeia Igarapé do Índio, como na margem esquerda onde se localizam as aldeias Três Barracas e Gaviãozinho, indo da região do Flechal, até o Furo da Rodagem onde se deslocam para pescar. Importante ressaltar a importância dos sacados que se localizam na entrada de cada uma dessas regiões (Lago do Sacado e Lago Veneza) que são utilizados, inclusive, como locais de sepultamentos. Atenta-se para a relevância dos varadouros e furos usados para deslocamentos mais distantes. **O estudo também destacou a importância de conexão entre as áreas da margem direita e esquerda do rio Juruá para assegurar todo o fluxo da biodiversidade em um local de importância histórica onde tem parentes sepultados. Ressalta-se ainda que a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho está**

inserida em um contínuo de áreas protegidas que compõem o Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural.



Foto nº 43: entardecer na aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



V – Quinta Parte **Reprodução física e cultural**

9 A REPRODUÇÃO FÍSICA DO POVO KULINA

Vimos que a mobilidade é uma característica marcante nos Kulina, e que, por isso, a ocupação tradicional de um território não pode ser medida somente pela presença de seres humanos vivos no local, pois o território Kulina, segundo a visão nativa, é cuidado e habitado pelos Kulina vivos e mortos; e pelos diversos seres conhecidos como *tocorime*.

Apresento, a seguir, uma tabela com dados históricos disponíveis sobre a população Kulina na TI dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho:

População Kulina na região do Igarapé do Índio/Gaviãozinho

Data	Aldeia	População	Autor
1983	Gaviãozinho	25	Altmann, et al., 1983
1983	Igarapé do Índio	41	Altmann, et al., 1983
2002	Gaviãozinho	18	Barreto, 2002
2002	Ig. Índio /Mari-Mari	26	Barreto, 2002

2024	Gaviãozinho	46	Amorim, 2024
2024	Igarapé do Índio	42	Amorim, 2024
2024	Três Barracas	21	Amorim, 2024

Quadro nº 35: População Kulina na região do Igarapé do Índio/Gaviãozinho

Os dados permitem visualizar uma presença constante dos Kulina na TI, além de apontarem para o crescimento histórico da população. Desse modo, a demarcação da TI se faz necessária para garantir a existência física e cultural dessas pessoas, bem como o acolhimento de novos moradores.

Ressalto que essa parte do relatório, dedicada à reprodução física e cultural do povo Kulina que habita a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, começará com a história de vida das famílias e os vínculos de parentesco entre elas. Em seguida, apresentarei a série histórica de dados sobre o suicídio no DSEI-MRSA (2011-2016); e dados gerais das principais causas de morte dos Kulina no DSEI-MRSA (2015 e 2016) (dados que obtive durante minha pesquisa de doutorado). Ademais, farei uma análise sobre a situação de vulnerabilidade que os Kulina atravessam: o processo de alcoolização, o suicídio, a violência e a falta de políticas públicas. E, por fim, voltaremos à resiliência Kulina: os projetos de futuro, o conhecimento xamânico e a relação com os territórios ancestrais e sagrados.



Foto nº 44: Morato preparando a filha para o ritual do *Ajie* com pintura corporal.

Aldeia Gaviãozinho: 23/08/2024 (Genoveva)

9.1 Dados sobre a mortalidade na Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho a partir da história de vida das famílias

Reconstruí as histórias das famílias a partir de conversas dirigidas, efetuadas em todas as casas da TI. As conversas foram realizadas em Kulina e em português, gravadas em vídeo, transcritas e traduzidas. Informações complementares foram registradas no caderno de campo. Inclusive, não tracei uma cronologia de quando determinada família estava em determinada terra tradicional, haja visto que os Kulina têm outra concepção de tempo (no qual o tempo mítico se mistura com o tempo atual e com o tempo dos avôs) e, também, porque os constantes deslocamentos dos Kulina não o permitem³⁰³.

À priori, relembro a estreita relação de parentesco que há entre as famílias que habitam as três aldeias da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. De algum modo, existe um vínculo entre todos a partir dos avôs Omaco-Chico Cidade (subgrupo *biro madija* = tucano araçari *madija*) e Dsajo-Samuel (subgrupo *dsomaji madija* = onça *madija*). A TI apresenta uma relação de convivência entre subgrupos diferentes, que não perderam sua

³⁰³ O desenho cronológico de ocupação do povo Kulina nas suas terras tradicionais foi traçado na Primeira e Segunda Parte desse relatório.

identidade, prevalecendo os subgrupos *dsomaji madija* (onça *madiia*), *biro madija* (tucano araçari *madija*) e *jarissi madija* (batata-doce *madija*).

Ademais, vale também ressaltar que as famílias que habitam as três aldeias da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho têm uma relação estreita com os Kulina que habitam TI's no Médio e Baixo Juruá. Veremos como os relatos da memória oral trazem a movimentação dos Kulina, isto é, os deslocamentos; os cuidados com a terra tradicional (para cuidar daqueles que ficaram para trás: um roçado-cemitério, uma plantação de *rami*...); bem como os conflitos e as violências. Assim, na região do Médio e Baixo Juruá, as famílias que fazem parte dos de Dsajo-Samuel e Omaco-Chico Cidade se movimentaram principalmente nas seguintes terras tradicionais (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho): TI Deni, no rio Xeruã; Aldeia Taquara; TI Ueré, Vai-quem-quer; Andirá; Juruapuca (Resex Baixo Juruá); TI Kumaru; aldeia Batedor (Resex rio Jutai); TI rio Biá; TI Médio rio Juruá; TI Cacau e TI Envira³⁰⁴.

9.1.1 História de vida das famílias na aldeia Igarapé do Índio



Foto nº 45: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Igarapé do Índio: 10/08/2024 (Genoveva)

³⁰⁴ Também constatamos a presença histórica dos Kulina nas cidades de Ipixuna, Eirunepé, Jutai, Juruá, Itamarati, Carauari, Fonte Boa e Tefé no estado do Amazonas.

Aimore e Boquini (casa 1)

Boquini é filha de Abo-Obo Culina³⁰⁵ e Maria Culina. Em sua certidão de nascimento, consta nascida na aldeia Piau. Entretanto, Boquini afirma que nasceu na aldeia no igarapé Huessesse. São irmãos de Boquini: Huadie (M), Jati (F), Dsera (F), Tinija (M) e Siro (M). Huadie (M) nasceu no Igarapé do Baú, na aldeia Terra Nova, e faleceu na aldeia Gaviãozinho³⁰⁶. Jati (F) mora na aldeia Piau e está casada com Cata³⁰⁷. Dsera (F) nasceu no Igarapé do Baú, na aldeia Terra Nova, e mora atualmente na aldeia Aruanã, na TI Cacau. Tinija (M) mora no Igarapé do Baú³⁰⁸. Siro (M) morou nas aldeias Piau e Baú, mas residiu por algum tempo na aldeia Igarapé do Índio após o falecimento do pai. Atualmente, ele vive na aldeia Matatibem (TI Ueré), e casou-se com Lucinete (filha do Coero, bisneta de Dsajo-Samuel). Coero é irmão de Toho (casa 5).

Junto com a tia materna mora também Zeca Kulina, adolescente, filho de Jidoni Kulina (irmão de Sedsi, casa 2) e de Huadie Kulina (irmã de Boquini).

Aimore é filho de Tiani-Antonio Culina e de Sidi Culina. Aimore e o pai, Tiani, nasceram no Igarapé do Índio³⁰⁹, na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Os avós paternos de Aimore, Jaimo-Raimundo Alexandre e Nanija-Manirra (filha de Dsajo-Samuel e Boho-Etelvina), nasceram no Igarapé do Índio por volta de 1940. A família de Jaimo e Nanija morou vários anos no Igarapé do Índio, mas em seguida baixou o rio até a cidade de Juruá. Ali, a família se juntou ao pessoal do Ado (Ado era irmão de Nanija). Depois que Ropi (irmão de Tiani) se casou com Siho, as famílias passaram a morar na TI Ueré. Anos depois, Jaimo e Nanija se foram do local e foram morar na aldeia Piau, no município de Ipixuna, onde faleceram.

Sidi, mãe de Aimore, nasceu no igarapé Huessesse³¹⁰ (igarapé do Baú). Aimore é primo de Oma (casa cinco), pois Sidi é irmã de Lucimar-Carima-Jamide (mãe de Oma). Aimore se refere a Oma como *ato* (irmão=primo paralelo) e Oma chama Sidi de *ami onihi* (minha outra mãe=tia materna). Desta feita, Aimore é primo de Toho (casa 5) por via

³⁰⁵ Avós paternos: Abidao (M) e Ano (F). Avós maternos: Cacoda (M) e Majahua (F).

³⁰⁶ Não consegui identificar o local do sepultamento.

³⁰⁷ Boquini não sabe onde nasceu Jati.

³⁰⁸ Boquini não sabe onde nasceu Tinija.

³⁰⁹ Como vimos anteriormente, Aimore e Toho (anciã) asseguram que ele nasceu na aldeia Igarapé do Índio. Os pais de Aimore acessaram o serviço público de registro civil quando estavam morando na aldeia Baú. O equívoco – quanto ao local de nascimento de Aimore – foi atribuído às dificuldades de falar e entender português.

³¹⁰ Huessesse é a denominação do igarapé em língua Kulina.

paterna (Nanija é irmã de Deque) e primo de Oma (casa 5) por via materna (Sidi é irmã de Lucimar-Carima-Jamide).

Sedsi-Sérgio e Lourdes (casa 2)

Sedsi-Sérgio³¹¹ é filho de Tonaiquina-Raimundo (falecido) e Rora (aldeia Três Barracas, casa 4). Tonaiquina era irmão de Oma (casa cinco, Igarapé do Índio) e se identificava como *jarissi madija* (batata-doce *madija*). Sedsi nasceu no município de Pauini-AM quando os filhos de Cossohi e suas famílias fugiram do Igarapé do Índio atravessando a região de terra firme do interflúvio Juruá-Purus³¹². Sedsi-Sérgio casou primeiro com Moro. Os filhos de Sedsi-Sérgio com Moro são: Toho (F), Idsi (F), Sama (F), Siba (F), Roja (F), Dsoquena (M) e Najora (M) – cinco mulheres e dois homens³¹³.

A seguir, apresento uma entrevista gravada em vídeo com Sedsi-Sérgio, na aldeia Três Barracas, em 18 de agosto de 2024³¹⁴:

[Sedsi-Sérgio] Ajidsa amoneje occajijaro. Eu casei aqui, aje Gaviãozinho dsa. Toho imeni occajijaro, Moro, Najora bedeni. Ajidsa occajidsa jihuajaro, occamacosani Igarapé do Índio dsape Moro toccasso najaro. Toho, Oma bedimeni, ididedsape, toccacani najaro.

[Genoveva] Ponicca huajano nejeco poni?

[Sedsi-Sérgio] Ajijaro? Toho cca? Ticca huajano coma? Ohua naqui ssamonani comanade.

[Sedsi-Sérgio] Aqui eu me casei. Eu me casei aqui, no Gaviãozinho (entrevista feita na aldeia Três Barracas). Eu casei com a Moro, mãe da Toho. Moro é filha do Najora. Aqui Moro ficou grávida. A gente foi para o Igarapé do Índio e lá a Toho nasceu. Quem ajudou Moro nos trabalhos de parto foi a Toho (esposa do Oma: *idide*) por isso elas têm o mesmo nome.

[Genoveva] Quantos anos a Toho tem?

[Sedsi-Sérgio] Ela? Idade da Toho? Quantos anos você tem? Eu não sei (risos)³¹⁵.

³¹¹ Sedsi-Sérgio afirma que – após o falecimento de sua esposa Moro – desapareceram seus documentos: Certidão de Nascimento e Identidade. Ele possui apenas o Título Eleitoral, Carteira de Trabalho e CPF.

³¹² Sedsi-Sérgio tinha cerca de sete anos quando a família voltou para morar no Igarapé do Índio. Descreverei esse evento ao reconstituir a história de vida da família de Oma e Toho.

³¹³ Toho nasceu no Igarapé do Índio na aldeia Mari-Mari. Toho, esposa de Oma, fez o parto, por isso o mesmo nome.

Idide é a palavra em Kulina que classifica pessoas que cortam o cordão umbilical e tocam primeiro no recém-nascido. A relação entre um recém-nascido e sua/seu *idide* se estende após o nascimento. Um dos nomes do recém-nascido é do/da *idide*.

³¹⁴ Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 12:00 TimeVideo_20240818_120001.mp4 18,15MB 1280x720px 00:38

³¹⁵ Consta na documentação de Toho que ela nasceu em 10.03.2002.

Sedsi-Sérgio morava na aldeia Três Barracas com a esposa Moro e possuía casa e roçados. Moro era filha de Najora e Amohuesse, e nasceu na aldeia Gaviãozinho³¹⁶. A mulher teve cirrose hepática, decorrente de um processo acentuado de alcoolização. Ela esteve em tratamento em Tefé e fez cirurgia em Manaus. Entretanto, teve complicações no pós-operatório, e veio a falecer. Moro é irmã de Equene-Rosineide (casa 5, Três Barracas) e Luzia (casa 3, Três Barracas). Após o falecimento da esposa (algo que aconteceu há aproximadamente dez anos), Sedsi deixou sua moradia na aldeia Três Barracas e passou a morar na aldeia Igarapé do Índio. Na aldeia Três Barracas, moram familiares de Sedsi-Sérgio: Evaldo (casa 3, irmão), Toho (casa 4, filha) e Rora (casa 4, mãe). Não obstante, o falecimento da esposa não é o único episódio triste na vida de Sedsi-Sérgio. Seu pai, Tonaíquina, junto a seu irmão, Dahora, a cunhada Caba e o sobrinho Dsomaji faleceram afogados embaixo de uma balsa em Eirunepé (no ano de 2016).

Lourdes, atual esposa de Sedsi, é filha de Arobe e Maroje. Atualmente, Maroje está morando na aldeia Matatibem (TI Ueré) na casa do filho Babo. No entanto, ela deverá voltar a morar na aldeia Igarapé do Índio na casa da filha Lourdes. Inclusive, Maroje compartilha um roçado com a filha na região da aldeia Igarapé do Índio.

Em 2008 – quando a família de Lourdes morava no Igarapé do Índio – Adílio, seu irmão, foi assassinado. Ele está sepultado no aldeia-roçado-cemitério do Lago do Sacado (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Após o assassinato de Adílio, os pais de Lourdes moraram por alguns anos na TI Ueré. Voltaram a morar no Igarapé do Índio depois do falecimento de Tonaíquina-Raimundo (em 2016), onde permaneceram por cerca de três anos. Em seguida, a família se deslocou à aldeia Piau. Nessa aldeia, Arobe e Maroje conseguiram os documentos necessários para terem acesso ao benefício da aposentadoria social como trabalhador rural. À época, Lourdes morava com os pais e era casada com Manduca³¹⁷, com quem teve o filho Goiano (rapaz, mora atualmente com Lourdes e Sedsi-Sérgio). Na casa 2, moram: Sedsi-Sérgio, Lourdes,

³¹⁶ Najora foi assassinado bêbado. Levaram Najora para Tefé, mas ele não resistiu aos ferimentos. Ele faleceu e foi sepultado em Tefé.

³¹⁷ Manduca mora na aldeia Piau. Goiano nasceu na aldeia Piau.

Goiano (filho de Lourdes com Manduca) e Roberto, neto de Lourdes³¹⁸. Roberto é filho de Dsipa³¹⁹ (filha de Lourdes) e Tesadi-Irineu (casa 6).

Sarahui e Baobina³²⁰ (casa 3)

Sarahui é sobrinho de Boquini (casa 1) e de Sedsi-Sérgio (casa 2). Nasceu no Igarapé do Índio quando o “grupo local” habitava a aldeia Mari-Mari (possui cerca de 20 anos de idade). O pai de Sarahui é Jidoni, irmão de Sedsi. Jidoni foi assassinado com arma branca na cidade de Itamarati-AM: “foi em uma confusão no tempo da votação”. A mãe do Sarahui é Huadie, irmã da Boquini. Huadie faleceu vítima de feitiço, na aldeia Gaviãozinho. Na época, Jidoni e Huadie moravam na aldeia Gaviãozinho. Sarahui tem mais dois irmãos: Chiquinho (que mora no igarapé Preto, no Ajitini) e Zeca (mora na casa da tia materna, Boquini – casa 1).

Baobina (esposa de Sarahui) é filha de Mana e Daima-Leni (casa 4). Nasceu na atual aldeia no Igarapé do Índio. Possui cerca de 18 anos de idade.

Mana e Daima-Leni (casa 4)

Mana é o pajé da aldeia Igarapé do Índio. Ele foi iniciado a pajelança com os mestres da aldeia Piau no município de Ipixuna-AM. Mana tem um irmão de nome Jaho-Raul, que também era pajé, e foi assassinado. Jaho-Raul foi sepultado no Lago do Sacado, no Igarapé do Índio (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Daima-Leni nasceu em Pauini-AM, na época que os pais Oma e Toho fugiram após um conflito na aldeia Igarapé do Índio. Ela é especialista no trabalho com cerâmica, confeccionando fogões (ou fogareiros) para consumo e venda. Daima possui uma filha de nome Huatiani que mora na aldeia Matatibem (TI Ueré). Huatiani é filha de um relacionamento de Daima com Aro-Aroldo. Aro-Aroldo foi assassinado na cidade de Itamarati-AM, e sepultado no Lago do Sacado, no Igarapé do Índio (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

³¹⁸ Lourdes não tem acesso ao benefício social do Programa Bolsa Família de Roberto. Ele não tem registro de nascimento, possui apenas cartão de vacina (nasceu 18/08/2018).

³¹⁹ Dsipa se casou com outra pessoa e mora na aldeia Piau.

³²⁰ O casal estava no momento da pesquisa em uma viagem para visitar os parentes na aldeia Matatibem, TI Ueré. Deverá voltar no inverno, época melhor para viajar.

Oma e Toho³²¹ (casa 5)

Oma-Zezinho é filho de Cossohi-Cosuhui Julhio Ponciano e Jamide-Ramide Nair Kulina. Nasceu em 10 de dezembro de 1945 no igarapé Huessesse (igarapé do Baú). Oma chegou junto aos pais para morar no Igarapé do Índio com mais ou menos 12 anos de idade (1957). Entretanto, os avós dele já moravam no local. São filhos de Cossohi e Jamide: Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), Tonaquina-Raimundo (falecido, esposo de Rora; casa 4, aldeia Três Barracas), Ssiqui-Chiquinho (casa 7, aldeia Gaviãozinho), Joji-Jurandir (mora na TI Ueré), Rossa (F, falecida) e Bera (F, falecida)³²².

Cossohi, pai de Oma, faleceu quando visitava seu filho Joji-Jurandir. Cossohi era idoso, faleceu de complicações decorrentes de uma queda e foi sepultado na aldeia Mapiranga (TI Kumaru). Oma contou que seu irmão, Joji-Jurandir, lhe convidou para morar na aldeia Mapiranga, mas ele rejeitou o convite porque tem medo de morrer da mesma forma que aconteceu com o pai.

Oma nasceu no Igarapé Huessesse e explicou: “os *carihua* chamam de Baú, mas Madija chama Huessesse”. E completou: “o nome do igarapé é Huessesse porque a cor de suas águas é branca”. Oma se identifica como *jarissi madija* (batata-doce *madija*). Ele conta que, quando tinha 12 anos, seus pais voltaram a morar no Igarapé do Índio, pois era terra da avó que “gostava de plantar pupunhas”. Anos depois, seus pais resolveram viver na aldeia Igarapé Preto, Lago de Soledade (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Em seguida, a família se mudou para a aldeia Gaviãozinho, onde residiram por quatro anos. De lá, Oma foi trabalhar e morar com uma família de não indígenas no Seringal Tamaquiro, acima do lago Jainur (acima do Cubio; ver mapa Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Com os não indígenas, Oma aprendeu a fazer canoa e a falar português. Conta ainda que, um dia, seu pai, Cossohi, resolveu buscá-lo de volta. Foi então que Oma e Toho se conheceram e se casaram. O casamento foi com troca de irmãs: Pedro-Coero (irmão da Toho) casou com Bera (irmã de Oma)³²³. Oma afirma que quando voltou para morar no Igarapé do Índio, estavam residindo no Igarapé do Índio o seu avô Dsajo-Samuel e Aquido.

³²¹ Oma e Raimunda-Toho são aposentados.

³²² Bera era casada com Coero. Coero é filho de Deque e atualmente mora na TI Ueré (Coero é irmão de Toho). Casamento com troca de irmãs.

³²³ Bera faleceu recentemente em Eirunepé e Coero (viúvo) foi morar na aldeia Matatibem (TI Ueré).

[Oma] Meus pais moravam aqui. Nós fizemos roçado. Minha avó plantou pupunha, que nem essa daqui (apontando para palmeira de pupunha), mas morreu tudo. Nós estivemos aqui por uns dez anos. Depois nós fomos morar no Igarapé Preto, Lago de Soledade. Passamos uns cinco anos lá. Depois fomos morar no Gaviãozinho onde passamos quatro anos. Não gostamos muito de morar lá, mas no igarapé tem muito matrinxã. Foi de lá que fomos morar no Jainur, acima do Cubio. Fomos trabalhar no barracão. Agora não tem mais barracão, só tem mato. Lá tem um igarapé com nome Tamaquiro. Quando eu era rapaz eu trabalhava com o meu padrinho Osvaldo. Agora ele morreu. Ele queria que eu ficasse morando sempre com ele, mas papai não deixou. Então eu vim embora chorando. Os nomes dos filhos do meu padrinho eram: Gonzaga, Zé Chico, Miúdo e o Santo (dizem que ele está morando Itamarati) ainda hoje eles me chamam de irmão.

Nós voltamos para morar no Igarapé do Índio. Aí eu tive os três meninos: Ridoma, Ana, Tone-Vanilson. Depois nasceram a Sandra e a Lucimar e o Irineu.

Toho-Raimunda é filha de Misaini Juvenal Kulina e de Deque Antonia Kulina. Ela nasceu no Igarapé do Índio, na aldeia-roçado-cemitério onde foi sepultado seu filho Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), em 4 de abril de 1964.

Deque, mãe de Toho, nasceu no Igarapé do Índio em 23 de outubro de 1939. Ela mora na aldeia Matatibem (TI Ueré), onde está sob os cuidados da filha Suzana. É filha de Dsajo-Samuel e de Boho-Etelvina. Deque e Simahi³²⁴ são as únicas irmãs vivas. A família se identifica como membro do subgrupo *dsomaji madija* (onça *madija*). Deque casou com Juvenal-Misaini quando ele trabalhava com os não indígenas em um seringal na “terra dos Kaxinawa”, carregando borracha e pirarucu. Contam que, um dia, Dsajo-Samuel foi até o Seringal com a filha, Deque, onde os dois se conheceram e casaram. Quando Misaini casou com Deque, ele deixou o patrão e foi morar no Igarapé do Índio, e teve os seguintes filhos: Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), Suzana (mora na aldeia Matatibem, TI Ueré), Coero (M, mora na aldeia Matatibem), Cazuza (falecido, assassinado por não indígenas), Lorian (falecido; “mataram ele já está com três anos”). Está sepultado na aldeia Piau, Obai (M; falecido, assassinado por não indígenas), e Elizei (“morreu de sarampo com mais ou menos três anos de idade, no Igarapé do Índio”). O casal teve outras três filhas: Nanija (F); Quirija (F) e Sobija (F), que também faleceram (Amorim, 2023, p. 304, 425).

³²⁴ Simahi casou com Acora-Edmundo, mora atualmente na aldeia Jaci e na cidade de Juruá.

Durante o trabalho de campo – como coordenadora do GT de identificação e delimitação da TI rio Ueré – entrevistei Suzana (irmã de Toho). Ela me contou que nasceu no Igarapé do Índio em 19 de abril de 1961. Depois, seus pais vieram morar no Seringal do Concórdia, localizado no Igarapé Sarabi, abaixo de Carauari (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Na aldeia Taquara Suzana conheceu o não indígena Ilson Mendonça, pai de seus filhos Dioni e Ercília. Na época, os irmãos de Suzana não aprovaram o casamento. Então, quando Dioni tinha cerca de quatro anos, os irmãos de Suzana a levaram para morar na aldeia Piau. Depois, Suzana morou no Igarapé do Índio por mais ou menos dois anos e depois subiu até a aldeia Piau³²⁵. Suzana atualmente está casada com o não indígena Francisco das Chagas Lauriano Neres (Chico Lorian), e mora na aldeia Matatibem (TI Ueré) (Amorim, 2023, p. 304-307).

Como descrito anteriormente, Toho conta que nasceram no Igarapé do Índio – na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio): a bisavó paterna Suzana, por volta de 1883; a mãe Deque, nascida em 23 de outubro de 1939; a tia materna Simahi, nascida em 11 de fevereiro de 1947³²⁶; e ela, Toho, nascida em 4 de abril de 1964. Toho afirma que nasceu e cresceu na aldeia onde está sepultado Cossohi. Conta, ainda, que Dsajo-Samuel e sua esposa, Boho-Etelvina, eram originários do Igarapé do Índio.

A seguir, apresento o depoimento dos anciãos Oma-Zezinho Kulina e Toho-Raimunda Kulina, que ao reconstituírem a história de vida de sua família, trazem informações importantes da habitação tradicional e permanente da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho³²⁷:

[Oma] Deque, Simahi, quatro quenani. Morreu três.
[Genoveva] Aje abari?
[Oma] Jehe. Aje abari: Simahi, Deque, Quirija, pepeji?
[Toho] Jehe. Nanija, Ado quenajaria. Carimaquideni Ado quenajari
[Oma] Ado, Aquido, morava aí. Aquido meu tio. Ado também é meu tio. Pai de Cossaro é meu primo. Occa huabo³²⁸.

³²⁵ Na aldeia Piau Ercília, filha de Suzana, cometeu suicídio. Ercília deixou uma filha com cerca de três anos de idade (Erica, filha de Ercília tem atualmente 15 anos).

³²⁶ Data de nascimento consta na carteira de identidade da anciã Simahi Madija Kulina.

³²⁷ Depoimento gravado em vídeo em 15/08/2024 13:55 TimeVideo_20240815_135431.mp4 31,70MB 1280x720px 01:07

³²⁸ Os filhos de Dsajo-Samuel e Boho-Etelvina são: Aquido (M, falecido); Ado (M, falecido); Obo-Antônio Samuel (M, falecido); Quirija (F, falecida); Nanija (F, faleceu na aldeia Piau); Deque (F, mora na aldeia Matatibem); e Simahi (F, mora na aldeia Jaci-Juruapuca) (quatro mulheres e três homens).

[Tradução]
[Oma] Deque, Simahi, são quatro mulheres. Morreram três.
[Genoveva] Nasceram nesse local?
[Oma] Sim. Nasceram nesse local: Simahi, Deque e Quirija.
Falta uma?
[Toho] Sim. Falta a Nanija. E faltam os irmãos delas: Ado...
[Oma] Ado, Aquido, morava aí. Aquido era meu tio. Ado também é meu tio. Pai de Cossaro-Pedro é meu primo e cunhado.

Nessa mesma época, o primo Severo morava no Lago do Sacado, “a aldeia dele era perto de onde o Jaho-Raul está sepultado” (Toho era pequena, mas Deque, mãe, a contou). Depois, Ado convidou todos para mudarem as casas para perto do Lago do Mato, aldeia-cemitério-capoeira onde está sepultado Dsajo-Samuel. Quando Dsajo-Samuel faleceu, Toho tinha cerca de 10 anos, e lembra do dia que o “vovô velhinho” morreu na antiga aldeia-roçado-cemitério próximo ao cano do Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Quando Toho era adolescente, a família construiu aldeia às margens do Lago do Sacado (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Não demoraram muito tempo morando no lugar, pois houve um conflito envolvendo o pai, Misaini, e os *carihua* (não indígenas). O motivo da disputa era um roçado de macaxeira: “os *carihua* queriam pegar o papai”. Para escapar, Misaini fugiu sozinho. A família (Deque e os filhos) ficou e “desmanchou o roçado”, isto é, fez farinha de toda mandioca plantada. Dias depois, baixaram o rio Juruá e reencontraram o pai Misaini muito magro: “quase morto de fome”. A família reunida construiu aldeia e roçado no igarapé Flechal (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho), onde morou por alguns anos.

Entretanto, tempos depois – após uma série de mortes e doenças – eles chamaram Severo para tirar os feitiços do lugar. O pajé e primo falou que o local tinha muito *dori*, feitiço, e que era necessário abandonar as moradias e os roçados. Havia grande perigo de morte de todos se insistissem em ficar. Nessa época, Ado também morava no igarapé do Flechal (vale lembrar que Iraci, filha de Ado, contou que sua irmã Teresinha faleceu no Seringal Santa Luzia e depois eles foram morar no igarapé do Flechal). Ado decidiu ir embora com medo dos feitiços do lugar. No entanto, Misaini não queria partir, pois gostava de morar naquela terra. Mas Ado insistiu para o cunhado abandonar o local e descenderem juntos o rio Juruá. Foi assim que os pais de Toho descenderam o rio, e passaram a

residir por alguns anos na região de Carauari. Não obstante, anos depois voltaram novamente para o Igarapé do Índio e Ado ficou no rio Ueré. Quando a família voltou para o Igarapé do Índio, Toho tinha cerca de 19 anos (“eu tinha a idade da minha filha Mariana”) e foi então que ela conheceu e se casou com Oma.

Toho enfatiza que sua filha Ridoma nasceu em 20 de julho de 1980, nas margens do Lago do Mato (conferido também em Amorim, 2023, p. 203, 442), quando a família estava trabalhando na extração de seringa e morava na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). São filhos de Oma e Toho: Ridoma (mora TI Ueré), Anari-Ana, Lucimar-Lucineide (casa 8, aldeia Igarapé do Índio), Tone (mora na TI Ueré), Irineu (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), Sada-Sandra (mora na TI Ueré), Daima-Leni (casa 4, aldeia Igarapé do Índio), Roni (casa 7, aldeia Igarapé do Índio) e Mariana (casa 5, aldeia Igarapé do Índio). Conforme depoimento de Toho Kulina³²⁹, gravado em vídeo em 12 de agosto de 2024, Mariana nasceu na comunidade não indígena Soriano Velho, depois de passar cinco dias em sofrimento com dores de parto³³⁰.

[Genoveva] Tesadi (Irineu) comanedsa toso najaro?

[Toho] Roni nanidsa, aji jipedsa (aldeia Mari-Mari); Sada pajidsa (apontando em direção a aldeia Mari-Mari).

[Genoveva] Nidsa, Ridoma?

[Toho] Ridoma naqui aicco Lago do Mato ajide jihui huihuihuedsa. Jihui huiride (risos). Nedsape aje huaje (aldeia Mari-Mari; contando com os dedos): Irineu, Sada, Roni, onihipe dsoqqejar. Ajima quenajariha (indicando quatro com os dedos).

[Genoveva] Ajecco Mari-Maridsa?

[Toho] Jehe, ajicca Mari-Mari huaje.

[Genoveva] Nidsa, Ridomape...

[Toho] Aicca jihui huaje.

[Genoveva] Jihui huaje, coridsadsa tossonajaro.

[Toho] Jehe.

[Camila] Ini, ne, ami?

[Toho] Amipe aicco Pahuinidsa. Acco Puruscca cahuanahui Pahuini dsade.

[Genoveva] Ja! Poni, Tone...

[Toho] Tone, ajijaro, quenade.

[Genoveva] Pauinidsa?

[Toho] Jehe. Purus cahuanahui Pahuinidsa.

³²⁹ Depoimento gravado em vídeo em 12/08/2024 18:01 TimeVideo_20240812_175822.mp4 75,46MB 1280x720px 02:40

³³⁰ Levaram a Toho para a comunidade Soriano Velho e conseguiram telefonar para a cidade de Eirunepé. A equipe de saúde enviou uma voadeira para pegá-la, mas quando a voadeira chegou o bebê já tinha nascido (no Registro de Nascimento consta Carauari).

[Genoveva] Nejeco tohui tiadenidsa?
 [Toho] Ia jahuijedsa. Ajicca... Nejeco poni? Kanamari jahuine nahui jahui jedsipajarode.
 [Genoveva] Jihui tohui?
 [Toho] Jahui dsaja, dsaja inajaro.
 [Lucimar]: Fugiram pra lá. Mataram o vovô. Acusaram meu tio. Aí foram embora (falando em português).
 [Genoveva] Lá em Pauini?
 [Lucimar] Jehe.
 [Genoveva] Nahuidsape...
 [Lucimar] Nanidsana jihua nahui (risos).
 [Toho] Nanidsa jiroque najaro: Lucimar, Tone. Pama birique dsidsa, Ana quenajaro nani huaje, ajimaquedsa (indicando os quatro dedos da mão), huaje occani ponajaro. Cossohi quenajari.
 [Lucimar]: Leni.
 [Toho] Jehe.
 [Lucimar] Leni pe Pauinidsa?
 [Toho] Ajidsa ha (gesto de cinco dedos da mão). Aicco, nejeco poni? Anijidsa...Pauini dsa, Leni.
 [Genoveva] Pauini também?
 [Toho] Jehe, aicco...
 [Genoveva] Comanedsa Pauini dsa toosso najaro? Lucimar, Tone... Cojari denima?
 [Lucimar] Ana, Leni, Cossohi (Tone, Lucimar) quenajaro.

[Tradução]

[Genoveva] Onde nasceu Tesadi-Irineu?
 [Toho] Roni e Tesadi nasceram do outro lado do Igarapé do Índio na aldeia Mari-Mari; Sada (mora na TI Ueré) também nasceu na aldeia Mari-Mari.
 [Genoveva] E onde nasceu Ridoma?
 [Toho] Ridoma nasceu no Lago do Mato quando estávamos riscando-cortando-tirando ou trabalhando na extração de leite de sorva. Então, nasceram na aldeia Mari-Mari: Irineu, Sada, Roni e uma outra bebê que faleceu. Nasceram quatro na aldeia Mari-Mari (indicando quatro com os dedos).
 [Genoveva] Esses nasceram na aldeia Mari-Mari?
 [Toho] Sim, eles nasceram na aldeia Mari-Mari.
 [Genoveva] Enquanto que Ridoma nasceu...
 [Toho] Ela nasceu quando estávamos trabalhando extraindo sorva.
 [Genoveva] Ela nasceu no lago (Lago do Mato) quando vocês estavam cortando sorva.
 [Toho] Sim.
 [Camila] Vovó e a mamãe, onde ela nasceu?
 [Toho] Tua mãe (Lucimar) nasceu em Pauini, no rio Purus.
 [Genoveva] Ah! Nasceram em Pauini: ela (Lucimar) e o Tone (mora na TI Ueré)...
 [Toho] Sim, nasceram em Pauini, o Tone e esta aqui (apontando para Lucimar).

[Genoveva] Nasceram em Pauini?
 [Toho] Sim, no afluente do rio Purus, no rio Pauini.
 [Genoveva] O que vocês andavam fazendo por lá?
 [Toho] Nós fomos pra lá pelo varadouro que passa pela terra dos Kanamari.
 [Genoveva] Vocês foram trabalhar na extração de sorva?
 [Toho] A gente pegou o caminho porque estávamos fugindo.
 [Lucimar]: Fugiram pra lá. Mataram o vovô. Acusaram meu tio. Aí foram embora (falando em português).
 [Genoveva] Lá em Pauini?
 [Lucimar] Sim.
 [Genoveva] Continua...
 [Lucimar] Lá minha mãe ficou grávida (risos)
 [Toho] Nasceram em Pauini: Lucimar, Tone, Ana e Cossohi³³¹ (indicando quatro com os dedos das mãos). Depois voltamos para cá.
 [Lucimar]: Leni...
 [Toho] Sim.
 [Lucimar] Leni nasceu em Pauini?
 [Toho] Sim, estou contando com ela (e fez gesto com os cinco dedos da mão). Ela nasceu lá. Sim, Leni nasceu em Pauini.
 [Genoveva] Pauini também?
 [Toho] Sim, ela nasceu lá...
 [Genoveva] Então, quem nasceu mesmo em Pauini?
 [Lucimar] Nasceram em Pauini: Ana, Daima-Leni, Cossohi, Tone e Lucimar.

Como citado anteriormente, os Kulina nas aldeias Igarapé do Índio, Gaviãozinho e Três Barracas relataram um conflito que culminou na fuga do pai Cossohi, os quatro filhos e suas famílias para o rio Pauini (afluente do rio Purus), incluindo Oma e Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio); Tonaiquina-Raimundo (falecido) e sua esposa Rora (casa 4, aldeia Três Barracas); Ssiqui-Chiquinho (casa 7, aldeia Gaviãozinho); e Joji-Jurandir (mora atualmente na TI Ueré). Esse evento ocorreu por volta de 1984, ano de nascimento de Lucimar-Lucineide Kulina da Silva³³² (casa 8, aldeia Igarapé do Índio). Filha de Oma e Toho, ela nasceu em um seringal às margens do rio Pauini.

Lucimar-Lucineide contou que acusaram seu pai, Oma, do assassinato de seu avô materno Juvenal-Misaini (esposo de Deque e pai de Toho). Então, Oma resolveu ir embora, pois haviam boatos de que os parentes de Misaini viriam até o Igarapé do Índio vingar a morte. Eles desceram o rio Juruá e depois subiram o rio Xeruã até as cabeceiras, onde acessaram um varadouro e atingiram a bacia do rio Pauini, afluente do rio Purus.

³³¹ Faleceu quando os pais moravam na aldeia Piranha e foi sepultado na aldeia-roçado-cemitério Cossohi.

³³² Nascida em 01/01/1984.

Oma conta que tinha casado recentemente com Toho (Ridoma era a única filha) quando aconteceu o assassinato do sogro. Ele ficou sabendo que os parentes de Misaini queriam matá-lo. Oma falou que ficou com medo, não conseguia dormir e andava sempre com sua espingarda. Então, eles venderam uns porcos ao patrão Valdimiro e compraram uma mala e saíram remando. Quando chegaram na aldeia no igarapé (ou cano) do Lago do Mato (aldeia-capoeira-cemitério Dsajo-Samuel: ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), desataram as redes e os mosquiteiros e colocaram em um saco. Viajaram até o Furo Preto, onde encontraram Deque, que falou para a filha, Toho: “ei, não vai sair não! Teu marido vai te bater, fica!”. Mas Toho não quis ficar e eles saíram remando rápido (“cavei remo”). Oma disse que pensava consigo: “se ela (Toho) ficar comigo, eu não vou bater nela não”. E seguiu remando. Quando chegaram na Ponta do Estirão (rio Juruá) já estava anoitecendo. Porém, continuaram a viagem até chegar à casa do *carihua* Nilo. Oma subiu até a casa e pediu para dormirem no local. Nilo falou que a casa de farinha estava enxuta e que eles poderiam dormir, mas perguntou qual o motivo daquela viagem apressada. Oma falou que era porque outros queriam lhe matar e ele estava fugindo. Nilo assegurou que eles poderiam dormir tranquilos que ali ninguém iria fazê-los nenhum mau. No outro dia, continuaram a viagem e chegaram no Tamaquiro (Jainur) abaixo do Gaviãozinho. No local, Oma fez uma canoa, embarcaram e continuaram viagem até o rio Xeruã. Mas Ssiqui-Chiquinho bebeu *rami* e viu que estavam atrás deles para matá-los. Joji-Jurandir e Tonaiquina-Raimundo resolveram voltar para saber se tinha mesmo alguém atrás deles. Oma ficou na praia com as mulheres esperando. Quando retornaram, disseram que o velho *carihua*, de nome Ermando, contou que havia gente perguntando por eles, e que ele havia despistado respondendo que o pessoal do Oma tinha baixado o rio Juruá. Apesar disso, Ermando falou para Joji e Tonaiquina irem embora para Pauini, pois se ficassem os outros iriam voltar para matá-los. Então, todos foram para o rio Pauini, afluente do rio Purus. Ao chegaram no rio Xeruã, Oma conta que achou o rio largo e raso, com muito tracajá e malária. Nas cabeceiras do rio Xeruã, subiram um igarapé e depois abandonaram as canoas e pegaram um varadouro, cruzando a terra firme até as margens do rio Pauini. Iam na frente Oma, Raimundo-Tonaiquina, Jurandir-Joji e o pai Cossohi. As mulheres caminhavam mais devagar em companhia de Ssiqui-Chiquinho.

Depoimento de Oma-Zezinho³³³, ancião da aldeia Igarapé do Índio em 15 de agosto de 2024:

[Oma] A folha de mato da beira cai na água e vira doença (malária). Daí nós chegamos no Pauini. O homem tem casa dele assim, na beira do Pauini, na terra firme. Ele me perguntou: “compadre porque você veio embora?” O papai (Cossohi) respondeu: “os outros queriam nos matar e nós viemos pra cá. As mulheres ficaram no meio de viagem”. Então o branco falou: “vocês ficam por aqui. Acho que aqui eles não vêm não”. Ele disse que teria festa lá no Sacado. Sacado mesmo que Itamarati. Subia para chegar na cidade. Sacado é cidade boa no Pauini.

Aí meu irmão Tonaiquina disse: “vamos pegar festa lá no Sacado”. Aí nós fomos. Sobe, sobe até que chega na cidade. A festa tava rolando. Nós descemos até que vendemos a sorva. O pessoal falou pra gente ir lá no patrão Zé Sate que ele arranjava uma garrafa pra gente tomar. O pessoal deu uma garrafa de cachaça de presente. Ele dava pro caboclo, para nós. O papai que foi lá falar com ele pra ver se ele (*carihua*) arrumava pelo menos uma garrafa de cachaça. O papai pegou a garrafa e nós ficamos por lá até de manhã. O papai comprou açúcar e farinha para bebermos jacuba na viagem. Nós baixamos. Chegamos na boca do caminho e fomos. Nós andamos, andamos até chegarmos onde tinha ficado as mulheres. Ssiqui-Chiquinho tinha ficado lá com elas. Quando amanheceu voltamos para Pauini de novo com as mulheres. Chegamos em Pauini, assim na terra firme e fomos procurar paxiubão para tirar o bucho para fazermos canoa. A gente derrubava o paxiubão tirava o bucho e fazia jangada. Foi assim que baixamos para Pauini. Papai falou que tinha uma casa de um homem-*carihua* e fomos falar com ele para sabermos onde teria guariúba para fazermos uma canoa. O nome do homem era Alexandre. Ele tinha três filhos rapazes. Papai perguntou se havia madeira para fazer canoa. Ele disse que tinha uma guariúba bem grossa na estrada que ele cortava seringá. E deixou a gente cortar e fazer a canoa.

Quando terminamos de fazer a canoa nós baixamos, baixamos... Até onde estava o regatão Evaldo. Ele disse que era de Tarauacá, mas estava andando por lá. Ficamos esperando o batelão dele, o rebocador Alvarenga. O papai resolveu ir até o batelão do Evaldo. Ele estava na casa dos Apurina³³⁴. Papai falou com ele e ele disse que tinha um igarapé bom para morarmos, mais para baixo. Nome do igarapé era Pauini. E perguntou se sabíamos tirar sorva. Papai respondeu que ele e os filhos eram acostumados a tirar sorva. Todos sabiam subir na árvore de sorva.

³³³ Depoimento gravado em vídeo em:

15/08/2024 12:31 TimeVideo_20240815_122940.mp4 46,31MB 1280x720px 01:38;

15/08/2024 12:32 TimeVideo_20240815_123135.mp4 28,17MB 1280x720px 00:59

15/08/2024 12:37 TimeVideo_20240815_123605.mp4 36,12MB 1280x720px 01:16;

15/08/2024 12:38 TimeVideo_20240815_123731.mp4 29,49MB 1280x720px 01:02.

³³⁴ “Lá não tem *carihua* não, só Apurina. Eu queria que tu visses. Eles são todo grandes-grossos e falam bem português. Tem muito Apurina no Purus. As meninas tudo bem bonita, bem gordas”.

Evaldo falou que fazia farinha sozinho. E perguntou ao papai se ele não queria trabalhar na fazenda fazendo farinha, goma e farinha de tapioca. A produção seria para nós e para ele.

Quando chegamos lá o roçado dele era grande, cheio de mandioca e cana. Evaldo perguntou se a gente gostava de farinha d'água e a gente respondeu que sim. Ele disse que poderíamos fazer farinha d'água e farinha branca: “pra vocês e pra mim”.

E fomos arrancar mandioca, cevar no motor e prensar a massa. Havia dois fornos para torrar farinha. Evaldo falou: “Quando eu baixar eu vou pro *Terruá* e de subida eu vou levar vocês pra vocês fazerem um paneiro de sorva pra mim”. Ele subiu e nós ficamos fazendo farinha. Quando ele veio de baixada pegou a farinha dele e perguntou se nós tínhamos feito farinha para nós. Papai respondeu que tínhamos feito farinha para nós e para ele. Colocamos a farinha no batelão dele e ele baixou.

Evaldo voltou depois de quatro dias e nos levou para o igarapé. Ele disse que quando chegássemos na boca do igarapé iríamos trabalhar para ele. O nome do igarapé era Querozi lá tinha muito pacu e piau; poucos matrinxãs. Nós paramos no batelão dele. Tonaiquina-Raimundo e Joji-Jurandir andavam com as espingardas deles.

Eu comprei despesas (rancho=alimentação) sal e açúcar. Naquele tempo querosene era de lata. Era uma lata para dividirmos entre nós. Papai pediu cabos para subirmos nas árvores, cinco braças de cabo de aço. E três tambores para enchermos de leite de sorva, mas teríamos que dividi-los ao meio.

Quando enche o tambor de leite de sorva a gente coloca para ferver. Nós tiramos lenha e cozinhamos. Depois fizemos um paneiro. Demoramos quatro dias para enchermos o tambor de leite de sorva. Depois colocamos a sorva no paneiro do Raimundo-Tonaiquina e no meu. Enchemos dois paneiros grandes enquanto que o Ssiqui-Chiquinho e o Joji-Jurandir só encheram um paneiro. Eu tinha dois paneiros grandes e o Tonaiquina-Raimundo dois paneiros grandes.

Dias depois chegou o empregado do patrão Evaldo em uma canoa grande para pegar a sorva, mas a canoa não coube todos os paneiros. O encarregado trouxe um recado de Evaldo: era para irmos com ele comprar mais despesas-rancho. E nós fomos. Chegamos no batelão dele e Evaldo pesou a sorva, ficou admirado com a quantidade e falou: “ah! Vocês são todos trabalhadores”. Ele pesou a sorva, nos pagou e compramos despesas de novo.

Toho contou que moraram vários anos em Pauini, mas que na região havia muita malária e por isso eles voltaram. Em Pauini, trabalharam na extração de sorva, seringa e carvão (combustível para fogareiro)³³⁵. Ainda de acordo com Toho, o varadouro que eles usaram para chegar em Pauini ficava nas cabeceiras do rio Xeruã, e para acessá-lo era

³³⁵ Toho falou que havia uma boa demanda de venda do carvão e que os não indígenas pagavam bem preço.

necessário entrar na TI Deni. Era um varadouro antigo dos Deni e dos Kulina, que eles utilizaram bastante na época de “tirar sorva”.

Atualmente, na casa de Oma e Toho, moram o neto Zabissu Elsimar Kulina (filho de Tesadi Irineu Kulina e Deke Kulina) e o casal Ssipi Mariquinha Kulina (filha de Oma e Toho) e Mono Kulina (neto de Rora, casa 4, aldeia Três Barracas). Mono trabalhou por alguns anos em barcos de peixeiros, de onde fugiu quando o barco estava ancorado pescando no Lago do Mato. Ao chegar na aldeia Igarapé do Índio, ele conheceu Mariana, e os dois se casaram³³⁶.

Os pais de Mono morreram afogados embaixo de uma balsa em Eirunepé, junto com seu irmão Dsomaji e o avô Tonaiquina (irmão de Oma). Por outro lado, o irmão de Mono, que se chamava Misso, foi assassinado na aldeia Pau-Pixuna (TI Kumaru), em agosto de 2023.

Tesadi-Irineu e Maria Irene (casa 6)

Tesadi-Irineu conheceu Maria Irene quando foi participar de um torneio de futebol na aldeia Cacau. Logo depois, os dois se casaram e Maria Irene veio morar na aldeia Igarapé do Índio³³⁷. O casal tem um filho bebê.

Maria Irene Kulina (Nega) nasceu na aldeia Cacau e tem 17 anos.

Na casa, moram também Atori (M) e Mano (F).

- Atori Totonho Kulina é filho de Bassi Kulina (falecido) e Padso Kulina (falecida). Ele nasceu na aldeia Jurandir, abaixo da foz do igarapé Triunfo, abaixo da aldeia Cacau. Ele é sobrinho de Maria Irene e não possui registro de nascimento (tem cerca de dez anos). O pai faleceu e a mãe suicidou-se. Ele tem cinco irmãos, e os outros ficaram morando com a avó na aldeia Jurandir. Atori veio morar na aldeia Igarapé do Índio no inverno de 2023 (situação de vulnerabilidade).

- Mano Kulina é filha de Bobi Kulina (falecido, assassinado quando estava bêbado) e Camina Kulina. Tem cerca de 12 anos. Após a morte do pai, a mãe se casou com outro Kulina. O ancião Oma a convidou para morar na aldeia Igarapé do Índio porque

³³⁶ Mono não possui registro de nascimento ou qualquer outro documento. Idirani irmã do Mono (filha Caba e Dahora) mora na aldeia Matatibem (TI Ueré). Ela foi acolhida na casa de Conceição e Dioni depois que a avó materna Iponi viajou para a TI Kumaru em maio de 2022. Idirani também não possuía certidão de nascimento e não frequentava a escola (situação de vulnerabilidade).

³³⁷ Quando Maria Irene casou seus pais haviam falecido. Na Certidão de Nascimento consta Sedsí-Sérgio como pai, mas Maria Irene falou que seu pai é Huarama e a mãe é Coite. Na Certidão de Nascimento consta ainda que ela nasceu em Itamarati, mas ela afirma que nasceu na aldeia Cacau.

estavam “batendo nela na cidade de Eirunepé” (situação de vulnerabilidade). Entretanto, ela não tem nenhuma relação de parentesco com Oma ou Irineu³³⁸.

Zere e Roni (casa 7)

Zere veio passear na região do Igarapé do Índio e conheceu Roni (filha de Oma e Toho) e os dois casaram (há cerca de quatro anos). Zere nasceu no Penedo, mas, depois, a família se mudou para aldeia Macapá. O pai, Sseto, faleceu há muito tempo, afogado e bêbado no alto curso do igarapé Penedo (Zere tinha cerca de quatro anos de idade). A mãe de Zere (Maca) mora na aldeia Macapá e tem outro marido (Pima).

Rivaldo-Peba e Lucimar-Lucineide (casa 8)

A família de Rivaldo-Peba e Lucimar-Lucineide mora atualmente na margem esquerda do rio Juruá, em frente à comunidade Soriano Velho (ver: “Croqui da aldeia Igarapé do Índio – 2). Resolveram mudar-se para que os filhos tivessem acesso à escola na comunidade Soriano Velho. Essa foi a solução encontrada por eles depois de terem os benefícios do Programa Bolsa Família suspensos, por falta de frequência escolar dos filhos. A escola funciona na cozinha da casa do pastor na comunidade não indígena.

Lucimar-Lucineide teve três filhas como Aro-Aroldo: faleceu vítima de homicídio e foi sepultado no Lago do Sacado (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). As filhas de Lucimar com Aro-Aroldo são: Midsori-Lucivania, mora com a mãe na aldeia Igarapé do Índio (casa 8); Dsaho-Angélica, casada com Reirei, mora na aldeia Gaviãozinho (casa 5); e Sibida, casada com indígena Deni e mora na aldeia Terra Nova (TI Deni).

Conheci Sipocahi e Iba, irmãos de Aro-Aroldo, quando desenvolvi trabalho de campo na TI Ueré como coordenadora do GT de identificação e delimitação da TI. Eles são filhos de Maho e Majahua. De acordo com Sipocahi, seus pais moravam no rio Gregório (afluente do rio Juruá) e tiveram que abandonar o território porque o pai estava ameaçado de morte (“juraram matar ele”). Sipocahi lembra que a aldeia no rio Gregório possuía poucas casas e os homens trabalhavam na extração de seringa. Contudo, Sipocahi não lembra o nome do seringal, pois era muito pequena. Na aldeia no rio Gregório, nasceram: Sipocahi, Iba e Aro-Aroldo (falecido). Eunice (irmã falecida) nasceu no Igarapé do Índio. Huatono (F; irmã) nasceu no Breuzinho. Depois que baixaram da aldeia

³³⁸ Oma falou que Mano entrou no barco deles quando eles estavam em Eirunepé para fugir do padrasto que a maltratava.

no rio Gregório, a família morou no Igarapé do Gaviãozinho e no Igarapé do Índio. Quando o pai Maho Kulina foi assassinado (por não indígena), a família morava no igarapé Menecê, afluente do igarapé Breuzinho, tributário do rio Juruá (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Após o assassinato do pai, vieram com a mãe (Majahua) morar na TI Rio Ueré (ver mapa: Origem e vínculo dos habitantes da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Sipocahi chama Ado de vovô e contou-me que, quando o pai foi assassinado no Breuzinho, o “avô Ado” foi pegá-la com a mãe e os irmãos em uma balsacanoa tradicional³³⁹. A mãe Majahua também foi assassinada, bêbada, por um não indígena. O evento aconteceu na aldeia Matatibem, onde ela também está sepultada. Aro-Aroldo (irmão de Sipocahi e Iba) morava na aldeia Matatibem. Além das filhas com Lucimar e Daima, ele também é pai de Mahuadsi, filha de Mariana (mora na TI Ueré). Ele foi assassinado quando viajava ao município de Itamarati-AM (“todos estavam bêbados”) (Amorim, 2023, p. 303-304).

Lista de pessoas na aldeia Igarapé do Índio que nasceram na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, estavam morando no território em 1988 e continuam morando nos dias atuais:

- ✓ Aimore: casa 1, nasceu na aldeia Igarapé do Índio em 15 de abril de 1975.
- ✓ Toho: casa 5, nasceu em 4 de abril de 1964 no Igarapé do Índio, na aldeia-roçado-cemitério onde foi sepultado seu filho Cossohi.

9.1.2 História de vida das famílias na aldeia Três Barracas

³³⁹ De acordo com informações de Siteri-Madalena, Majahua era filha do Ado com Siroja. Ado teria conhecido Siroja (avó materna de Sipocahi e Iba) no Igarapé do Índio. Ado teria engravidado Siroja, mas não casou com a mesma. Como sabemos, Ado casou primeiro com Maria Dsohe e tempos depois casou com Dsihuini-Zeneide.



Foto nº 46: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Três Barracas: 18/08/2024 (Genoveva)

Evaldo (casa 3) e Rora (casa 4)

Rora Kulina (idosa, casa 4) é viúva de Tonaiquina-Raimundo, que morreu afogado embaixo de uma balsa na cidade de Eirunepé. Ela é filha de Jidoni Kulina e Jamide-Rosara Kulina. Dsajo-Samuel era seu tio-avô materno. Rora é irmã de Rari (aldeia Campina³⁴⁰, TI Kumaru) e de Dodo (falecida, aldeia Pau-Pixuna³⁴¹, TI Kumaru). Rora nasceu no Ridodo e veio morar no Gaviãozinho com a família quando tinha cerca de quatro anos. Na região do Igarapé do Gaviãozinho, ela cresceu e passou toda a adolescência.

Rora mora na aldeia Três Barracas ao lado da casa de seu filho Evaldo. Vive com suas netas Toho (filha de Sedsí-Sérgio e de Moro)³⁴² e Dsihuini (filha de Iraco Kulina). Rora tem dificuldades de locomoção e está sem acesso ao benefício de aposentadoria rural desde 2016 (situação de vulnerabilidade). Toda a sua documentação desapareceu no episódio de morte e afogamento de seu esposo.

A seguir, apresento entrevista gravada em vídeo com a anciã Rora e seu filho Sedsí-Sérgio na aldeia Três Barracas³⁴³:

³⁴⁰ São seus sobrinhos na aldeia Campina (TI Kumaru): Tinija e Mito.

³⁴¹ São seus sobrinhos na aldeia Pau-Pixuna (TI Kumaru): Pipita (F), Dori (F), Dona (F) e Rohuidsi (M) filhos de Dodo.

³⁴² Toho não tem marido e recebe benefício do Programa Bolsa Família pelos dois filhos.

³⁴³ Entrevista gravada em vídeo em:

[Genoveva] Gaviãozinho comanedsa baccotenani? Dsohuato?
[Sedsi] Noerani. Ajimani (apontou para Luzia, filha de Ppete) neraha nemanhe, napi ajidsa porí, nedsape...
[Rora] Jadani occaja.
[Genoveva] Ajicco Gaviãozinhodsa? Três Barracas dsa?
[Rora] Aje huaje Gaviãozinho, bijini bodi.
[Genoveva] Nanidsa temadijari?
[Rora] Jehe.
[...]
[Genoveva] Onde você casou?
[Rora] Imejcohuidsa. Occa maquui occajijaraha. Ato totodsa huajaro, huajaro nedsape ticcajijarahuipe tia oneboni tohui. Nedsapa obodi huatinani nemana occajinani.
[Genoveva] Comanedsa ticca ejedeni deni?
[Rora] Sibataraha, jicajari. Oni huattinabaqui Sedsi.
[Sedsi] Ami taideccapa, cojari paje?
[Rora] Jidoni, dsotode Leni. Dahora, esse que morreu no acidente em Eirunepé. Sedsi-Sérgio, natini Iraco. Jidoni nasceu em Itamarati. Leni nasceu em Tamaquiro, ali pro Joanico, Cubio tattinicca bijini. Arizoncca bijini comunidade tattinicca Joanico. Aí pra dentro tem igarapé que chama Tamaquiro.
[...]
[Sedsi] Nedsape Dahora pa coajecca najari Dahora naco?
[Rora] Dahora pa ajacca Gaviãozinhodsa toso nedsape. Ajama naja (quatro anos) tocca jaride acca Pauini huaje.
[Sedsi] Maitta huatti huattinani aje, Pauini huaje. Dsaja todsipema najari, aaje Pauini motta. Xeruã jipe huana, jahui tojajari. Ami nedsa, ohuape, coaje osso najaro te?
[Rora] Nanidsa, bijini oni ohuape ssamonani.
[Sedsi] Acco Pauini?
[Rora] Jehe. Bijini mamore jiquejerahui
[Sedsi] Jehe, Igarapé do São José quenade. Acco Pauini.
[Genoveva] Dahora nasceu no Gaviãozinho, aí quando estava menino assim (idade do Samuel, filho da Toho) foi para Pauini?
[Sedsi] Jehe. Aí eu nasci lá no Pauini mesmo no Igarapé do São José.
[Genoveva] Nidsa, ponipe?
[Sedsi] Ajijaro ocató (apontando para a filha Toho) aje Igarapé do Índio. Maitta Mari-Mari toso najarode.

[Tradução]
[Genoveva] Quando você chegou para morar no Igarapé do Gaviãozinho? Você já era moça?

[Sedsi] Não. Ela chegou aqui com cerca de quatro anos (indicando o tamanho de uma criança de quatro anos). Ela veio pequena com a família do Ridodo morar no Igarapé do Gaviãozinho. No Gaviãozinho passou a infância, cresceu e viveu a adolescência (primeira menstruação).

[Rora] E aqui também fiquei velha.

[Genoveva] Você morava aqui (aldeia Três Barracas) ou na aldeia Gaviãozinho?

[Rora] Morei muito lá no Gaviãozinho, dentro do igarapé.

[Genoveva] Então você morava lá?

[Rora] Sim.

[...]

[Genoveva] Onde você casou?

[Rora] Casei há muito tempo e já era moça feita. O meu casamento foi arranjado pelo meu irmão. Eu não queria casar, mas não teve jeito.

[Genoveva] Quem são os teus filhos?

[Rora] Eu tive muitos filhos. Sedsi me ajuda para que eu diga o nome de todos.

[Sedsi] Mamãe, quem nasceu primeiro?

[Rora] Jidoni. Depois nasceu Leni³⁴⁴ que faleceu e está sepultada no roçado-capoeira. Em seguida nasceu Dahora o que faleceu no acidente da balsa em Eirunepé. Depois nasceu Sedsi, Iraco e Evaldo. Jidoni nasceu em Itamarati. Leni nasceu no igarapé Tamaquiro, acima do Joanico. É um igarapé acima do Cubio, onde mora o patrão Arizon.

[...]

[Sedsi] Então onde nasceu Dahora?

[Rora] Dahora nasceu na aldeia Gaviãozinho (em 1978). Mas quando ele estava assim (indicando com as mãos o tamanho e uma criança de sete anos) nós fomos para Pauini.

[Sedsi] Aquela história que eu te contei ontem, que eles foram para Pauini. Eles foram fugidos para Pauini³⁴⁵. Chegaram até as margens do rio Xeruã e de lá pegaram caminho. Mamãe, mas onde foi mesmo que eu nasci?

[Rora] Você nasceu lá (em Pauini), mas eu esqueci o nome do igarapé.

[Sedsi] Nasci lá em Pauini?

[Rora] Sim. Em um igarapé que tinha muitos matrinxãs.

[Sedsi] Sim, Igarapé do São José. Lá em Pauini.

[Genoveva] Dahora nasceu no Gaviãozinho e quando estava menino assim (tamanho do Samuel, filho da Toho) foi pro Pauini?

[Sedsi] Sim. Aí eu nasci lá, no Pauini mesmo, no Igarapé do São José.

[Genoveva] E ela (aponte para Toho)?

[Sedsi] Essa é minha filha (apontando). Ela nasceu no Igarapé do Índio. Lá onde você foi, na aldeia Mari-Mari.

³⁴⁴ Leni está sepultada no cemitério-capoeira-roçado novo do Bedi. Ela faleceu de *dsamacoma* (feitiço externo ou doença de pós-contato). Faleceu em 2006.

³⁴⁵ História relatada anteriormente por Oma.

Em 2016, no episódio de afogamento embaixo da balsa no porto da cidade de Eirunepé, faleceram: Tonaíquina-Raimundo, Dahora (filho de Tonaíquina e Rora), Caba (esposa de Dahora) e Dsomaji (filho de Dahora e Caba). Eles viajavam em uma canoa impulsionada por um motor rabeta. Não conseguiram dominar a canoa, e esta foi sugada para debaixo da balsa com todos os tripulantes. Encontraram somente o corpo de Dsomaji boiando próximo ao barranco. Dsomaji foi sepultado no cemitério de Eirunepé.

Rora e Tonaíquina estavam morando na aldeia Igarapé do Índio quando ele faleceu. Após a morte de Tonaíquina, Rora ficou muito triste e se mudou para a aldeia Três Barracas para ficar próxima do filho Evaldo. Todavia, Evaldo sempre ficou morando na região do igarapé Três Barracas, acompanhando a família da esposa Luzia. A respeito disso, temos um depoimento do chefe Evaldo Kulina³⁴⁶:

[Evaldo] Maittaccadsamape iquejenanani Igarapé Indiodsade. Neraha jahuijajonanejee, ajidsa iquejenana inedsape iqueje narajo. Najari iqueje najari, iqueje najaridsape ma, abideni ajaccajari tojanidsapa, dsedsedsa, jiquedsa najaride. Nedsape ohua ajidsa ojari najaro. Ajajari tedseje (apontando para Equene-Rosineide) ipamajaro. Ajijari (apontando para Equene), ajararideni najari (apontando pra Alcool e Bedi). Maittaccadsapa abi, idi, naco anicade, neraha dsoquejaro.

[Genoveva] Oni nejeco?

[Evaldo] Cossohi, jehe, Cossohi, idi huattide. Idi imehina ssamonani, qquionajarahui, paja nahui.

[...]

[Luzia] Pociano nahua, Cossohi imehi (pai de Cossohi, avô paterno de Oma e Tonaíquina).

[Cossaro] Ele rodou (andava) pra cá o pai dele, ele mudou...

[Tradução]

[Evaldo] Antes nós morávamos no Igarapé do Índio. Depois nós nos mudamos para cá. Aqui nós moramos por muito tempo com o nosso pai (Tonaíquina) até que ele fez aquela viagem (para Eirunepé) e morreu afogado bêbado. Então eu fiquei sozinho aqui. Ficaram comigo Equene-Rosineide, Azuhani e Bedi-Marcos. Antes morava aqui meu pai e meu avô, mas agora eles não existem mais, eles morreram.

[Genoveva] Qual o nome do avô?

[Evaldo] O nome do meu avô era Cossohi. É dele que eu estou falando. Mas eu não sei o nome do pai do meu avô, eu não o conheci.

³⁴⁶ Depoimento gravado em vídeos na aldeia Três Barracas em:

18/08/2024 13:44 TimeVideo_20240818_134324.mp4 27,36MB 1280x720px 00:58;

18/08/2024 13:45 TimeVideo_20240818_134434.mp4 7,11MB 1280x720px 00:15.

[...]
[Luzia] O nome do pai do Cossohi era Ponciano (Ponciano era avô paterno de Oma e Tonaíquina)
[Cossaro] Ele rodou (andava) pra cá o pai dele, ele mudou...

Os irmãos Luzia (casa 3) e Equene-Rosineide (casa 5)

Luzia e Equene-Rosineide são filhos de Narrura-Najora Kulina e Amueshe Kulina. Eles têm duas irmãs: Moro (falecida, primeira esposa de Sedsi-Sérgio) e Rodsini (F, mora na cidade de Itamarati e está casada com um não indígena). O pai Najora faleceu vítima de homicídio. Ele foi levado para a cidade de Tefé, mas não resistiu aos ferimentos (sepultado em Tefé). A mãe Amueshe faleceu e está sepultada na cidade de Itamarati-AM. São seus avôs paternos: Equene Velho, sepultado às margens do Lago Veneza, por volta de 1993 (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho); e Luzia, sepultada no rio Eiru. Equene Velho conheceu o Inspetor Alfredo do SPI, conforme visto na Segunda Parte deste relatório. Em conversa ao telefone com Jodsino Kulina (filho de Acora-Edmundo e Simahi) em 23 de dezembro de 2024, ele me contou que morava com os pais no Lago Veneza quando Equene Velho faleceu. Inclusive, ele teria ajudado no processo do sepultamento³⁴⁷. Estima-se que Equene Velho tenha sido sepultado na antiga aldeia localizada às margens do lago Veneza em 1993.

Makoana Raimundo Kulina (primeiro marido de Luzia) foi assassinado na cidade de Eirunepé com arma branca (faca). São filhos de Luzia e Makoana: Azuhani-Álcool (casa 1), Bedi-Marcos (casa 2) e Dsiquija (casa 3). Quando Makoana foi assassinado, Dsiquija- Zahahah tinha cerca de três anos de idade. Após o falecimento do esposo, Luzia casou-se com Evaldo. Por volta de 1993, a família de Tonaíquina-Raimundo veio morar na região do Igarapé Três Barracas. Consta no registro de nascimento de Dsiquija- Zahahah Kulina, filha de Luzia e Makoana, que ela nasceu em 1º de janeiro de 1993, na aldeia Três Barracas.

Luzia e Equene-Rosineide são primos de Maria Miranda Kulina (mora na TI Ueré) por parte de pai e mãe: Quina-Alcina, mãe de Maria Miranda, era irmã de Amohuesse (mãe de Luzia e Equene-Rosineide) e Dsono-Miranda, pai de Maria Miranda, era irmão de Najora-Petronio (filho de Equene Velho).

³⁴⁷ Relembrando que Soares e Mochizawa (1997) afirmam que Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e sua esposa Simahi (filha de Dsajo-Samuel) visitaram os parentes na aldeia Cumaru em 1997, mas estavam morando no Lago “Veneza”, na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho (dados de campo realizado em 1996).

Maria Miranda³⁴⁸ é filha de Dsono-Miranda (avô paterno: Equene e Ssahua) e Quina-Alcina (avós maternos: Jore e Codidsa). Equene era do igarapé Huessesse, abaixo do Piau (aldeia Ajitini); e Ssahua era de Cruzeiro do Sul. A família morava no Igarapé Gaviãozinho. Os filhos de Dsono-Miranda e Quina-Alcina, são: Jore (falecido); Sseno (mora na aldeia Pau-Pixuna, TI Kumaru); Huatenoma (mora na aldeia Batedor, no rio Jutai); Maria Miranda (TI Ueré); e Iponi (aldeia Beiradão, TI Kumaru) (Amorim, 2023, p. 169).

Lista de pessoas da aldeia Três Barracas que nasceram na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, estavam morando no território em 1988 e continuam morando nos dias atuais:

- ✓ Evaldo-Nego: casa 3, nasceu em 12 de agosto de 1987 na aldeia Gaviãozinho³⁴⁹
- ✓ Luzia: casa 3, nasceu em 13 de agosto de 1978 na aldeia Gaviãozinho³⁵⁰

9.1.3 História de vida das famílias na aldeia Gaviãozinho



Foto nº 47: Oficina de Etnomapeamento. Aldeia Gaviãozinho: 22/08/2024 (Genoveva)

Os pajés e anciãos Porainom e Amassa (casa 2)

Porainom Kulina nasceu na aldeia Gaviãozinho em 20 de fevereiro de 1949, estava morando na TI em 1988 e continua morando nos dias atuais. Ele é filho de Bedsejo e Pipita. Bedsejo e Aquido (avô paterno; filho de Dsajo-Samuel) e sua esposa Rami estão

³⁴⁸ O nome não indígena de Dsono, pai de Maria, era Miranda. Por isso Maria ficou conhecida como Maria Miranda (Maria, a filha do Miranda).

³⁴⁹ Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 11:52 TimeVideo_20240818_114910.mp4 83,20MB 1280x720px 02:57 na aldeia Três Barracas (citado anteriormente).

³⁵⁰ Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 11:09 TimeVideo_20240818_110927.mp4 6,77MB 1280x720px 00:14 na aldeia Três Barracas.

sepultados na antiga aldeia-roçado-cemitério no Flechal (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). Após o falecimento de Bedsejo, a família abandonou o local.

Porainom tinha dois irmãos: Valmir e Copiro. Os dois foram assassinados por não indígenas com arma de fogo. De acordo com o depoimento da anciã Toho Kulina³⁵¹ (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), quando Bedsejo³⁵² faleceu, Porainom tinha cerca de 10 anos (motivo da morte: feitiço *dori*):

[Toho] Porainom ajamanadsa (apontando para Atori). Imeni dsoqqejaro, ajidsa paji cahuajaro (apontando para a aldeia onde está Dsajo), Pipita. Pipita e Alzimira quenajonade onihi tadsajani pamajaro pajepe. Alzimira noerani maqquirini. Dsamacoma dsoqqერი, dsoqqejaro, dori queraneje.

[Tradução]

[Toho] Quando a mãe do Porainom morreu ele tinha a mesma idade do Atori (cerca de 10 anos). Pipita e sua irmã Alzimira estão sepultadas na capoeira-cemitério-aldeia onde está sepultado Dsajo-Samuel. Alzimira era moça quando faleceu. Elas faleceram vítima de feitiço.

Os filhos de Porainom e Amassa são: Socorro (casada com indígena Kanamari), Quirisi (mora na casa 3, aldeia Gaviãozinho), Paulo (mora no Ridodo com esposas e filhos), e Pipita e Huama (casadas com não indígenas). O filho caçula de Porainom se suicidou na TI Ueré.

Porainom Kulina³⁵³ prestou o seguinte depoimento no dia 25 de agosto de 2024, durante a reunião de pactuação dos limites da TI na aldeia Gaviãozinho. No trecho, constatamos como o estado alegre e descontraído de Porainom (e de sua esposa Amassa) carrega consigo, também, uma situação de dor e vulnerabilidade:

[Genoveva] Tia oni?

Porainom] Porai.

[Genoveva] Ticca dsama nejeco?

³⁵¹ Depoimento traduzido e transcrito por mim. Gravado em vídeo na aldeia Igarapé do Índio em 29/08/2024 16:26 TimeVideo_20240829_162445.mp4 40,21MB 1280x720px 01:25

³⁵² Há um igarapé na TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho que têm o nome do Bedsejo (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho).

³⁵³ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:56 TimeVideo_20240825_095309.mp4 80,20MB 1280x720px 02:51

[Porainom] Gaviãozinho. Icca aba jica jica nadsape obodi huatinani jahooo. Icca placa aninacara. Funai naco amossi najari. Eu madira barco nani três nahui neraha. Ajudade amossi. Obodi huatinani.

Paulo huaje huaje toccani najiquijaro nanidsade Paraiso. Ridodo huaje Paulo cani. Eirunepedsa dsedse toccani bodi huatinani. Nija! Toccanideja. Imehi, imeni dsabisso quinanina najeraha, nanidsa professor de obodi huati. Procura nahui, professor jerani.

Nedsa coaje conselheirope nojerani. Najaraha Funai: “Porai, ticca dsama saitejerani, pajima najaro. Coaje ticca nini jine? Ajecca tatini, abaixo do Ipixuna. Vai não Porai! Najaro”. Obodi huatinani ojideredsape odsoqqueraha occanini najaro.

Ajama quenade qqui. Ohua onihi bote baco inedsahui reuniãodsa. Icca patrão João Campelo. Maittaccadsama qquio najarade João Campelo dsoqquehui, bedi do João Campelo tani. Najaro Campelo mais velho. Najarode bacconanipe três anos, neraha dsoqquehui. Nedsapa occa empregado tuxaua. Eu virei tuxaua, mas agora estou velho, aposentado.

Icca dsama najarode, jidapanape tobicani nani ohuadsa. Pepeji.

[Tradução]

[Porainom] Meu nome é Porai (Porainom) e moro na aldeia Gaviãozinho. Eu estou pensando e estou muito chateado porque os não indígenas estão acabando com os nossos peixes.

Nós não temos placa indicando que aqui é terra indígena. A Funai não vem aqui. Nós não temos nenhuma ajuda para proteger a nossa terra.

Nós também não temos conselheiro de saúde para participar das reuniões do Conselho Distrital de Saúde Indígena (DSEI-MRSA).

Meu filho Paulo saiu daqui e subiu até o Paraíso. Ele está morando para o Ridodo. As vezes ele vem até a cidade de Eirunepé. Eu e a mãe dele estamos preocupados com medo dele morrer. Ele é muito sabido. Dava para ele ser o professor daqui, mas ele não voltou para morar aqui. Eu estou triste e pensativo.

Então eu pensei em ir embora daqui. Pensei em ir morar para cima. Morar em um lugar um pouco abaixo de Ipixuna. Aí a Funai falou para eu não ir embora. Mas minha vida ficou triste aqui e eu fiquei com medo de morrer (depois que outro filho dele, ainda rapaz, se suicidou na região de Carauari). Eu participava de reuniões quando eu morava em Carauari. O meu patrão era o João Campelo (coordenador DSEI-MRSA em Carauari), mas agora ele já morreu. Fiz tudo isso quando eu era novo. Eu era empregado, era o tuxaua daqui e trabalhava muito. Eu virei tuxaua, mas agora estou velho e aposentado. Esta é nossa terra e agora eu gostaria que ela fosse bem cuidada. Essa é a minha fala.

Amassa nasceu no rio Eiru. Ela é filha de Darahui-Dorani Kulina e Roha Kulina (nasceram no igarapé Huessesse). Amassa e Poraimom são pajés.

Como dito antes, na casa 2, mora também o adolescente Macao, neto do casal, de 17 anos, paciente diagnosticado com tuberculose. Na ocasião da pesquisa de campo,

estava muito debilitado e tossindo muito. Os familiares falaram que tinha acabado sua medicação.

Corari e Roja (casa 1)

No momento da pesquisa de campo do GT, o casal estava na cidade de Itamarati-AM. Entretanto, conheço a família de Corari desde 1997, ocasião em que ele visitou os irmãos Rohuidsi e Joria, na aldeia Mapiranga, TI Kumaru. Anos depois, Corari retornou para morar na aldeia Mapiranga, onde morou até 2016. Ele trabalhava como professor e participou de aulas ministradas por mim no Curso de formação de professores indígenas do Estado do Amazonas. Entretanto, quando a família estava se deslocando da TI Kumaru ao igarapé Gaviãozinho, faleceu Minihui, filho rapaz de Corari e Roja, afogado bêbado na cidade de Itamarati em 2016.

Nomija (casa 7)

Nomija nasceu no Ridodo. Morou na aldeia Piau e depois no Igarapé do Gaviãozinho, na aldeia Terra Alta, no tempo de Omaco-Chico Cidade. Ela conta que, na época, havia muita gente morando em Terra Alta. No tempo em que Acora-Edmundo morou na aldeia Três Barracas (por volta de 1996), ela também vivia no local com o pai Siara e o ex-esposo Dahora. Entretanto, Nomija residiu também na TI Ueré, na aldeia Juruapuca e na aldeia Mapiranga (TI Kumaru).

Nomija mora na casa de Mariza (filha de Anari e Equene-Rosineide). No momento do trabalho de campo, em agosto de 2024, a família estava no igarapé Furo Preto, acima de Itamarati. Mariza foi com o esposo Jodso levar o sogro Ssiqui-Chiquinho para tratamento na cidade de Itamarati-AM.

Nomija era moça nova quando a mãe (Jabono Kulina) faleceu vítima de feitiço *dori* na região do Igarapé do Índio. Ela foi sepultada na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado, também, Cossohi, filho do Oma (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Seu pai, Siara morreu, com idade avançada e está sepultado na aldeia Matatibem (TI Ueré). Siara é filho de Aquido (Aquido era filho de Dsajo-Samuel). Nomija é bisneta de Dsajo-Samuel³⁵⁴. São filhos de Siara e Jabono: Bocaho (falecida,

³⁵⁴ Nomija é prima de Dseca (casa 5 aldeia Gaviãozinho) pois ele é filho de Camaidso, irmão de Siara.

mãe de Anari; casa 3), Nomija, Dsojita (F, falecida), Huai³⁵⁵ (F, falecida), Seppi (F, faleceu jovem de feitiço *dori* e foi sepultada na aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto-ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho), Aroqui (faleceu ainda bebê), Quiama (F, mãe de Irewhi-casa 6) e Namia³⁵⁶ (M, falecido).

Nomija está preocupada com Quiama, sua irmã, pois, apesar de ser idosa e aposentada, está em situação de vulnerabilidade no porto da cidade de Eirunepé. Ela mora em um barco abandonado, uma vez que seu cartão de acesso ao benefício de aposentadoria social foi confiscado. Falaram que terceiros estariam em posse de seu cartão e com ele teriam feito vários empréstimos. Enquanto isso, Quiama se alimenta de restos de alimentos que cata no lixão e nas lixeiras de Eirunepé. Com ela, moram filhos e netos. Os netos, ainda crianças, são filhos de Quidsari – filho de Quiama – que foi assassinado na cidade de Ipixuna-AM, por não indígenas, com arma branca. Contam que as crianças saem pelas casas da cidade pedindo farinha e comida. A viúva de Quidsari também mora com Quiama (ela é irmã de Ppete, casa 1, aldeia Três Barracas). Entretanto, a tristeza de Quiama é agravada pela morte por afogamento, embriagado, do filho, rapaz de nome Baradi. Irewhi (filho de Quiama, casa 6, aldeia Gaviãozinho) e Nomija (irmã de Quiama, casa 7, aldeia Gaviãozinho) querem trazê-la para morar na aldeia Gaviãozinho. Entretanto, eles não possuem barco, canoa e/ou suporte/ajuda financeira.

Bocaho, irmã de Nomija e mãe de Anari, faleceu e foi sepultada no lugar Joanico (abaixo de Juruapuca). Nomija acompanhou os trabalhos de parto da irmã e depois adotou Anari como filha³⁵⁷. Como citado anteriormente, Anari nasceu no lago Gaviãozinho em 1º de janeiro de 1980 estava morando no território em 1988. Ela continuou morando na terra indígena até os dias atuais onde cria filhos e netos³⁵⁸.

Ssiqui-Chiquinho-Sopaico também mora na casa 7, na aldeia Gaviãozinho. Ele é irmão de Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) e era casado com Iraco-Iraci. Ela faleceu na cidade de Itamarati em situações degradantes³⁵⁹. Ssiqui é pai de Jodso (casa 7, aldeia Gaviãozinho) e outros três filhos que estão casados com não indígenas: Marahui (M),

³⁵⁵ Faleceu criança quando a família estava viajando descendo o rio Juruá. Foi sepultada em um barranco.

³⁵⁶ Dahora é filho de Acora-Edmundo (neto de Omaco-Chico Cidade) e Codidsa (irmão de Siara, pai de Nomija). Atualmente, Dahora mora na aldeia Matatibem (TI Ueré). Na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, há um barreiro chamado de Barreiro do Jacuba-Dsacoba, nominado por Dahora. Jacuba-Dsacoba é outra forma como Dahora é conhecido.

³⁵⁷ Anari tem um irmão de nome Misso que mora na aldeia Beiradão na TI Kumaru.

³⁵⁸ Anari Kulina nasceu em 01/01/1980, na aldeia Gaviãozinho.

³⁵⁹ Contam que após seu falecimento, como Iraco não tinha nenhuma documentação não conseguiram autorização para sepultá-la no cemitério da cidade e por isso o corpo ficou por alguns dias em decomposição a margem do cemitério.

Rora (F) e Jamide (F). Ssiqui morou durante a década de 1990 na aldeia, às margens do Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Os Kulina contam que o primeiro marido de Nomija faleceu na aldeia Terra Alta, tendo sido assassinado. Instaurado o conflito, motivado por ciúmes, Nomija teria fugido para a região do rio Jutai através do antigo varadouro do rio Mutum (ver mapa: Mapa de uso e ocupação – áreas imprescindíveis).

Dseca e Joni (casa 5)

Dseca nasceu no igarapé Porto Rico, acima da cidade de Eirunepé-AM. A família morou por quatro anos no Igarapé do Índio, de onde se deslocou para morar na aldeia Terra Alta no Igarapé do Gaviãozinho. Em Terra Alta, viveram até o falecimento de Joana (avó de Dseca e esposa de Omaco-Chico Cidade).

De acordo com Dseca³⁶⁰, o barracão do patrão Jurandir Cavalcante ficava na localidade Santa Luzia. Os produtos que os Kulina levavam para vender ao patrão incluíam seringa, sorva e couro de animais de caça e de ariranhas. Os Kulina cortavam seringa no igarapé Gaviãozinho que “era cheio de estradas de seringas”. Ele lembra, também, que antigamente havia muitos roçados e muita manga e pupunha.

Depois que saíram da aldeia Terra Alta, foram morar no Seringal Cubio. Entretanto, anos depois, continuaram o processo de descida do rio Juruá até a cidade de Carauari-AM. Na região de Carauari, construíram uma aldeia no Igarapé do Banho. Contam que, nessa época, Omaco-Chico Cidade viajou à Manaus para conhecer o “governo” e a Funai. Em Manaus, teria conseguido motor, forno, terçado, machado, panela, rede, roupa, anzol, linha, cartucho e munição. Omaco-Chico Cidade voltou de Manaus e morou por algum tempo no Igarapé do Banho até seu falecimento³⁶¹. Após sua morte, seu filho Acora-Edmundo resolveu continuar a viagem de descida do rio Juruá até a terra tradicional no Juruapuca (atual Resex Baixo Juruá). De lá, eles foram transferidos forçados ao rio Andirá. Tentaram permanecer no local, mas as dificuldades de transporte – aliadas a assustadores casos de malária – fizeram com que eles retornassem para a aldeia Juruapuca (como visto anteriormente).

³⁶⁰ Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 17:19 TimeVideo_20240820_171908mp4 17,87MB 1280x720px 00:38

³⁶¹ Como vimos na Primeira Parte desse relatório, Omaco-Chico Cidade faleceu em Carauari-AM em 1978 (Altmann et. al, 1983).

Quando os de Omaco-Cidade saíram do igarapé do Gaviãozinho, ficaram morando na região as famílias de Dsoho-João Azarias³⁶² e de Dsono-Miranda (tio paterno de Luzia e Equene, aldeia Três Barracas).

Dseca é primo de Nomija (casa 7) por via paterna (Camaidso era irmão de Siara). O pai, Camaidso, faleceu e está sepultado na cidade de Juruá. A mãe, Ajibora, faleceu e foi sepultada na cidade de Fonte Boa-AM. Dseca tem um irmão de nome Adsaro (nasceu no Seringal Cubio) que mora atualmente na aldeia Morada Nova (TI Kumaru).

Joni, esposa de Dseca, nasceu na TI Deni no rio Xeruã e foi adotada pela tia Noje (mora atualmente na TI Kumaru). Ela me contou que sua filha, Arasso (moça, solteira), se suicidou quando eles estavam na cidade de Itamarati em maio de 2024 (eles tinham ido à cidade receber o dinheiro da aposentadoria). Joni não entende por que a filha praticou tal ato, pois ela não estava bêbada e parecia bem. Tudo isso aconteceu quando eles saíram para comprar peixe. Encontraram Arasso morta no quarto da casa.

Conheço a família de Dseca e Joni³⁶³ desde 1996, quando eles moravam na aldeia Morada Nova na TI Kumaru. Agora, tive a oportunidade de revê-los e saber de suas vidas nesses últimos 20 anos. Foi assim que Boconi (casa 6), filha de Dseca e Joni, casada com Irewahi, se aproximou e me contou (com muito pesar e choro) a sua história. Ela sente muito pela morte dos filhos e pela impossibilidade de engravidar:

- Ina, sua filha moça, se suicidou “amarando o pescoço” em casa, na aldeia Terra Nova (TI Deni).

- Riqui, seu filho rapaz, foi assassinado no Igarapé do Índio. Ela conta que isso aconteceu há três anos, e todos estavam bêbados. Boconi ainda tem dificuldades em aceitar que o filho faleceu, e sente muito sua falta. Ele está sepultado na cidade de Eirunepé-AM.

- Namia faleceu recentemente com vômitos e diarreia. Era uma criança com cerca de 10 anos. Está sepultado ao lado na casa dos pais na aldeia Gaviãozinho (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho).

Boconi tem uma filha que se chama Noemi e mora na aldeia Terra Nova (TI Deni). Noemi tem um filho pequeno e está grávida.

A situação dos Kulina que habitam a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho é de completo abandono e falta de acesso às políticas públicas. A falta de atenção a esse

³⁶² Dsoho-João Azarias era casado com Maria, filha de Omaco-Chico Cidade.

³⁶³ Joni tem uma irmã de nome Anai morando na aldeia Morada Nova (TI Kumaru). Anai também esteve casada com Dseca.

povo indígena de recente contato se reflete no aumento gradativo da situação de vulnerabilidade. Apesar da aparente normalidade no cotidiano nas aldeias as histórias das famílias trazem uma sequência de relatos de violências extremas e continuadas. Em cada família há um irmão, um pai, uma irmã, uma mãe, um filho ou uma filha que foi assassinado(a) ou faleceu bêbado-afogado; outro que cometeu suicídio; ou uma mulher-menina que foi abusada... São violências que iniciaram com as frentes de exploração da seringa e do caucho (como vimos na Primeira Parte desse relatório) e continuam fazendo parte do cotidiano das famílias.

Como visto, as narrativas de vida das famílias se misturam com a história de habitação permanente na TI, e trazem a movimentação das famílias dentro da terra tradicional, bem como demonstram o uso efetivo dos varadouros (caminhos afetivos-simbólicos).

Poderemos observar na história de vida das famílias grupos que se movimentavam (e se movimentam) por toda a calha do rio Juruá, e também rio Purus, Solimões e Jutai. Se fizermos um recorte histórico, podemos observar em determinado momento (após algum conflito por motivo de feitiço ou de violência de não indígenas) a movimentação de uma única família extensa. Contudo, os relatos da memória oral e os documentos históricos (apresentados nesse relatório) trazem a informação principal: a constância de algumas famílias nas terras tradicionais para cuidar do lugar (dos seres *tocorime*, de um arbusto do *rami* ou de um roçado antigo onde foi plantado-sepultado um parente). Nesse sentido a movimentação dos Kulina não é aleatória, os deslocamentos, as idas e vindas, são sempre um retorno a alguma terra tradicional para cuidar daqueles que ficaram para trás (“somos *jidsama madija*”).

Dentro desse contexto, é impossível analisar a realidade da TI (violência, suicídio e processo de alcoolização) sem conectá-la com a realidade de todo povo Kulina. Pois essa série de desafios requer múltiplas respostas por parte do Estado Brasileiro. Vimos logo no início desse relatório que a Recomendação Legal nº 09/2022 aponta a demarcação de terras indígenas como um encaminhamento urgente e necessário para restaurar a dignidade desse povo.

9.2 Fatores que interferem no crescimento populacional

Como vimos, a maioria das famílias Kulina enfrenta uma conjuntura marcada por violências, homicídios e mortes por embriaguez³⁶⁴. Se não bastassem todas essas tragédias nos últimos anos, começaram a ocorrer casos de suicídio, que foram se espalhando nos territórios. Os Kulina passaram a refletir sobre o suicídio e o classificaram não apenas como um tipo de feitiço (*comarini*), mas também como uma epidemia.

Nos anos de 2014 e 2016, deparei-me com uma série de casos de suicídios Kulina. A partir daí, esse tema tornou-se um grande desafio, pois se, por um lado, tinham que enfrentar a perda de pessoas queridas (pessoas conhecidas que se suicidaram no Baixo Juruá), por outro, enquanto pesquisadora e falante da língua Kulina, fui procurada por entidades e representantes de órgãos públicos para pensar formas de explicação e de intervenção. Assim, em minha tese, analisei dados estatísticos sobre os suicídios; empreendi estudos de formas de intervenção dos agentes públicos e verifiquei os conhecimentos e as reflexões que os Kulina acessam para entender e enfrentar esse desafio. Como forma de ampliar o debate, estabeleci conexões com outros pesquisadores que se debruçaram a respeito do ato do suicídio em outras populações indígenas (Amorim, 2019).



Foto nº 48: matrinxãs assados durante mapeamento na região do Igarapé do Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

³⁶⁴ O processo de alcoolização direciona o foco para os discursos e usos das bebidas alcoólicas do ponto de vista dos próprios atores. A temática passa a ser vista com base nos processos sociais e códigos socioculturais que situam as utilizações das bebidas alcoólicas (Ghiggi Júnior; Langdon, 2014).

9.2.1 Dados gerais do suicídio Kulina

Moutinho (2017), analista do Ministério Público Federal, desenvolveu um laudo antropológico para apurar as causas do elevado índice de suicídios entre indígenas do povo Kulina (Madiha) da Terra Indígena Alto Purus³⁶⁵. Assim, de dezembro de 2015 até fevereiro de 2017, foram identificadas quatorze mortes por suicídio entre os Kulina da TI Alto Purus: duas em 2015, oito em 2016 e quatro em 2017. Ainda de acordo com o autor, “[...] **do total de óbitos entre indígenas em 2014, na área atendida pelo DSEI-MRSA, 49% incidiram sobre os Kulina, embora sua população represente apenas 16% do total de indígenas da região**³⁶⁶” (Moutinho, 2017, p. 24)³⁶⁷.

Apresento, neste momento, uma série histórica de dados do suicídio Kulina de 2011 a 2016³⁶⁸.

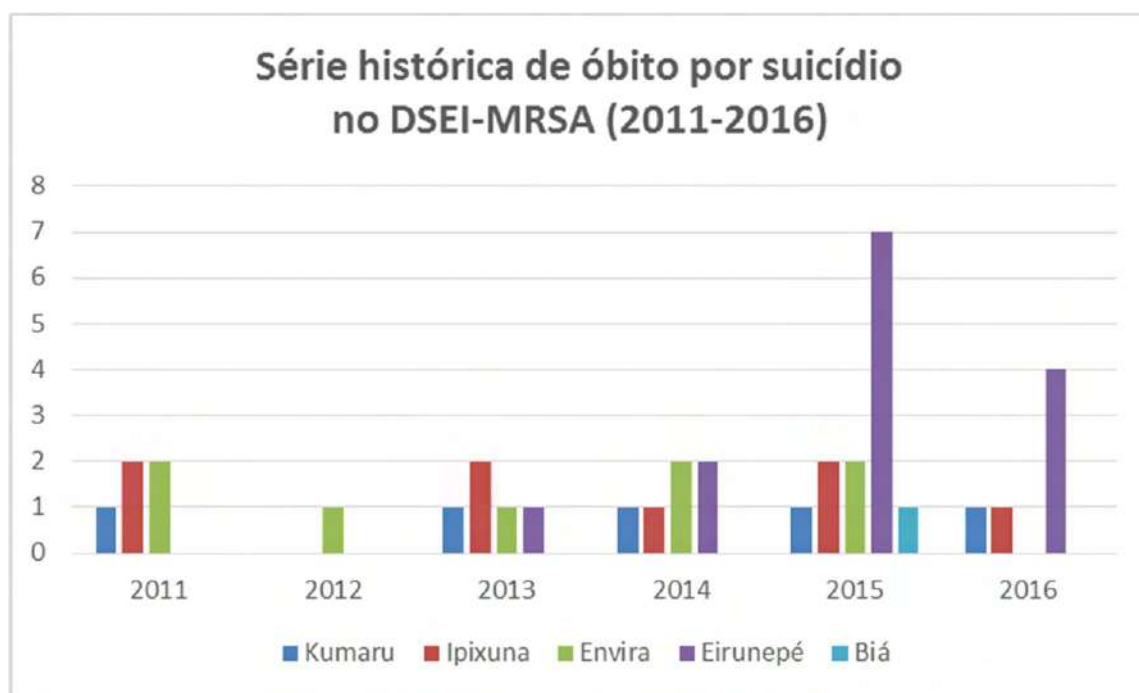


Gráfico 1 – Série histórica de óbito por suicídio 2011-2016

³⁶⁵ O laudo analisou os suicídios que aconteceram no período de 2015 a 2017 e teve como objetivo central: “[...] analisar o que as descrições e interpretações dos Madiha indicam sobre os possíveis fatores envolvidos na ocorrência dos casos de ‘suicídio’ no Alto Purus, buscando refletir sobre as ações mais adequadas para prevenir novas mortes dessa natureza” (Moutinho, 2017, p. 07).

A terra indígena está localizada nos municípios de Santa Rosa do Purus e Manoel Urbano (AC).

³⁶⁶ O grifo é nosso.

³⁶⁷ Moutinho, 2017, página 24, nota de rodapé: 26.

³⁶⁸ O Distrito Sanitário Especial Indígena Médio Rio Solimões e Afluentes apresenta uma área de extensão territorial de 361.478,3 Km², situados na abrangência dos municípios de Maraã, Tefê, Uarini, Japurá, Juruá, **Jutai**, **Eirunepé**, Envira, Carauari, **Itamarati**, Ipixuna, Alvarães, Fonte Boa e Coari, no estado do Amazonas.

Ao observarmos o gráfico, percebe-se um aumento considerável dos casos de suicídios nos polos base³⁶⁹ nos quais se encontram aldeias Kulina, tais como Kumaru, Ipixuna, Envira e Eirunepé. Dentre esses, percebemos como o polo base Eirunepé, que não possuía suicídios notificados em 2011 ou 2012, passou a apresentar sete casos em 2015 e quatro casos em 2016³⁷⁰.

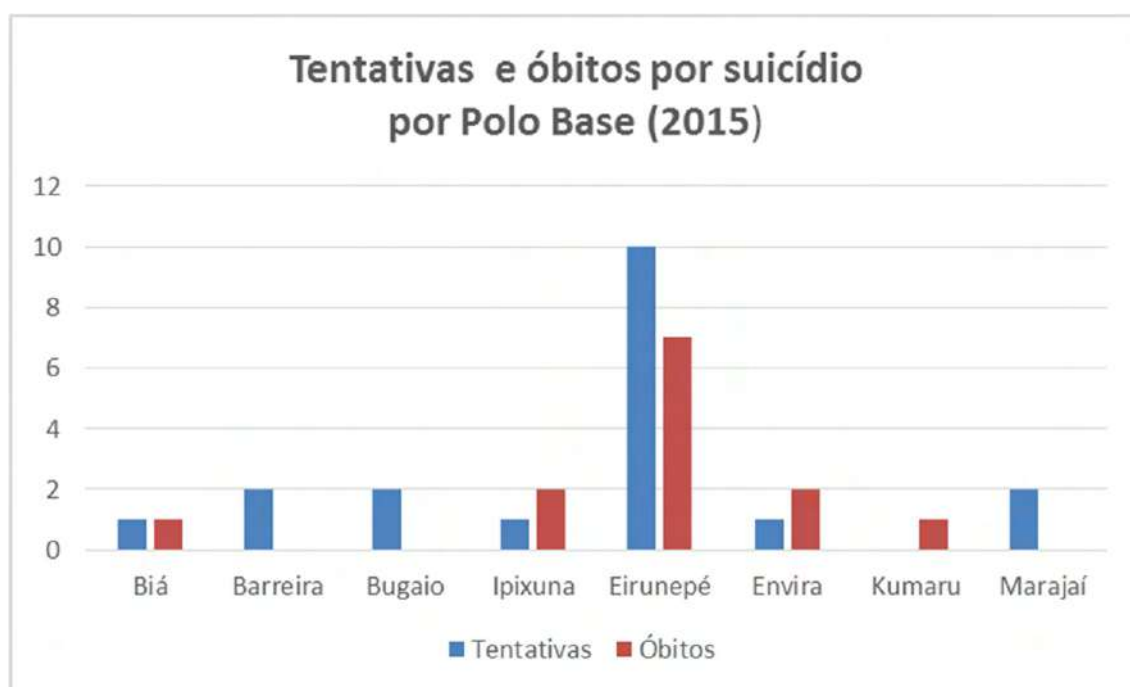


Gráfico 2 – Tentativas e óbitos por suicídio por Polo Base 2015

³⁶⁹ Os Kulina estão presentes em seis polos base que pertencem ao DSEI-MRSA: Eirunepé, Itamarati, Carauari, Ipixuna, Kumaru e Envira.

³⁷⁰ População Kulina atendida pelo DSEI-MRSA: 3.336 pessoas (SIASI 2013). Total geral da população indígena do DSEI-MRSA: 21.508 indivíduos (dados fornecidos por Oraide Siqueira, outubro de 2016).

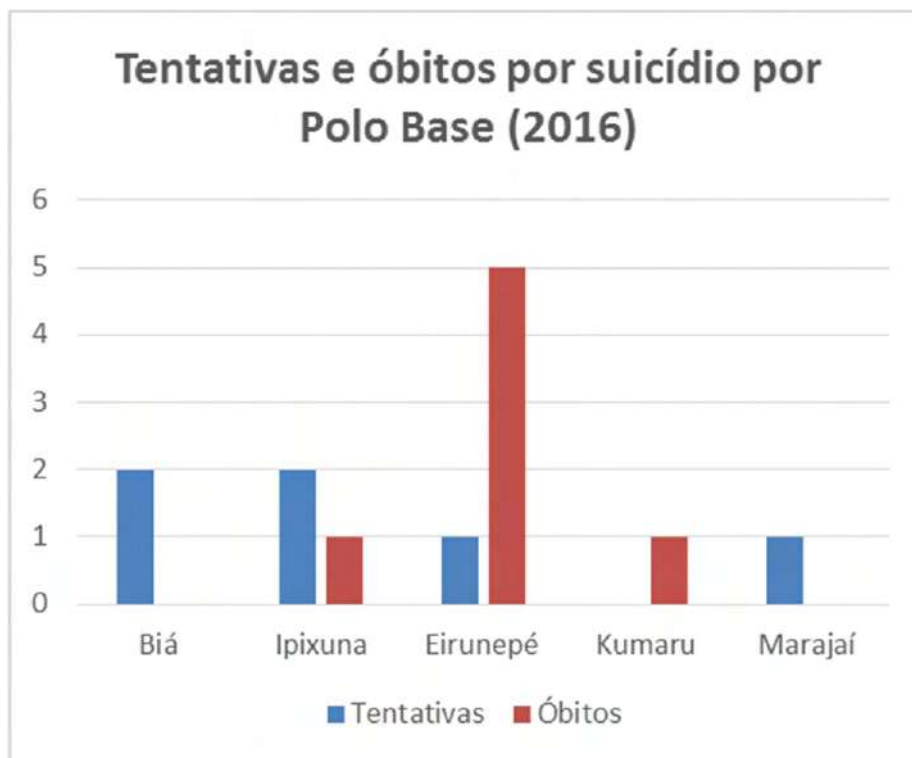


Gráfico 3 – Tentativas e óbitos por suicídio por Polo Base 2016

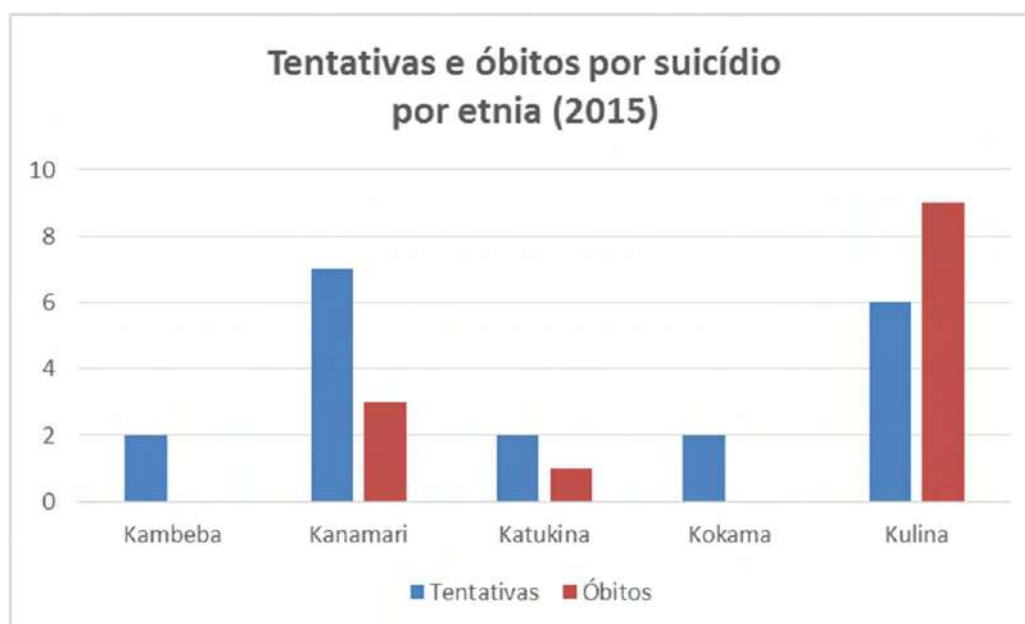


Gráfico 4 – Tentativas de suicídio por etnia 2015

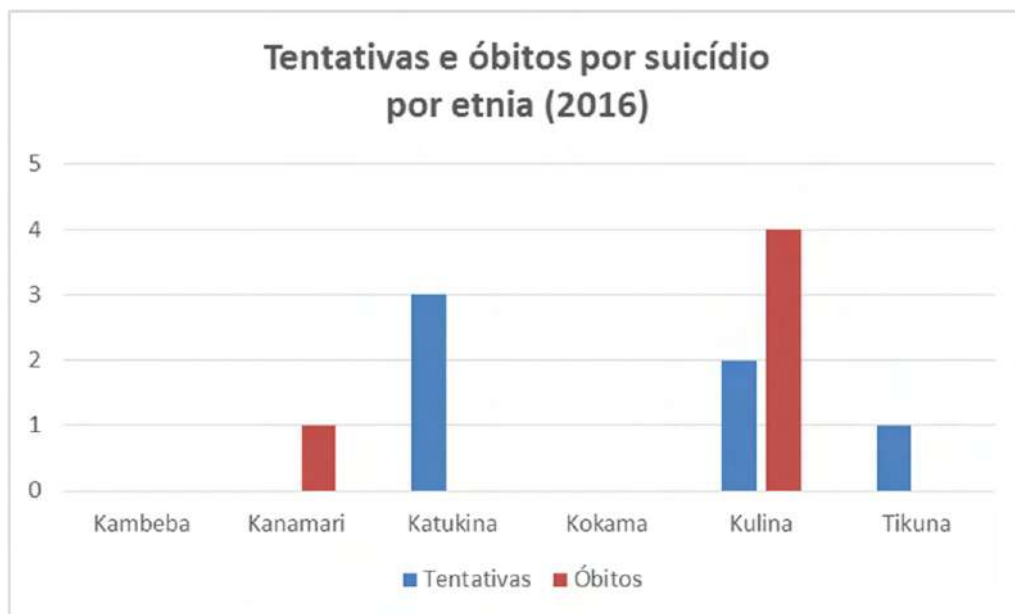


Gráfico 5 – Tentativas e óbitos suicídio por etnia 2016

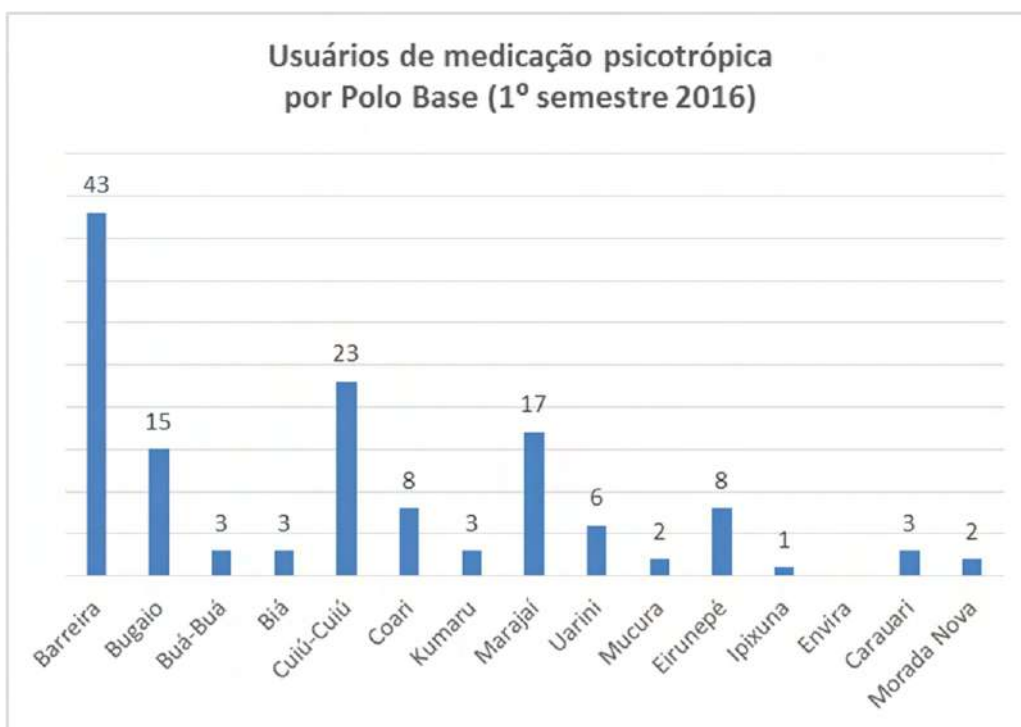


Gráfico 6 – Usuários de medicação psicotrópica 1º semestre 2016

Nos gráficos apresentados, observa-se não apenas o alto índice de suicídio e de tentativas de suicídio entre os Kulina, mas também o uso de medicação psicotrópica: três pessoas do polo base Kumaru, oito pessoas no polo base Eirunepé, uma pessoa no polo base Ipixuna e três pessoas do polo Eirunepé (que presta atenção em saúde aos Kanamari

e aos Kulina na TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho). Tais dados são de suma relevância, haja visto que o Material Orientador (“Atenção Psicossocial aos Povos Indígenas: Tecendo redes para promoção do bem viver”) – elaborado pelo Ministério da Saúde – indica apenas o monitoramento de pessoas que há anos fazem uso desse tipo de medicação. Não traça, em nenhum momento, uma política de introdução de medicação psicotrópica.

Além desses agravos à saúde, há preocupação com o uso racional de medicamentos psicotrópicos, já que muitas populações indígenas já têm contato com as intervenções medicamentosas sobre o sofrimento mental há décadas. Assim, optou-se por monitorar o uso de medicamentos psicotrópicos, organizando-se uma vigilância permanente sobre os cuidados ofertados às pessoas que fazem uso desse tipo de fármaco (Ministério da Saúde, 2015, p. 46).

9.2.2 Dados do processo de alcoolização entre os Kulina

As informações que apresento a seguir fazem parte de um esforço da SESAI, da equipe de saúde mental do DSEI-MRSA e das equipes de saúde locais (EMSI) em quantificar e qualificar os dados em saúde mental indígena. Apresento, agora, os gráficos referentes ao processo de alcoolização:

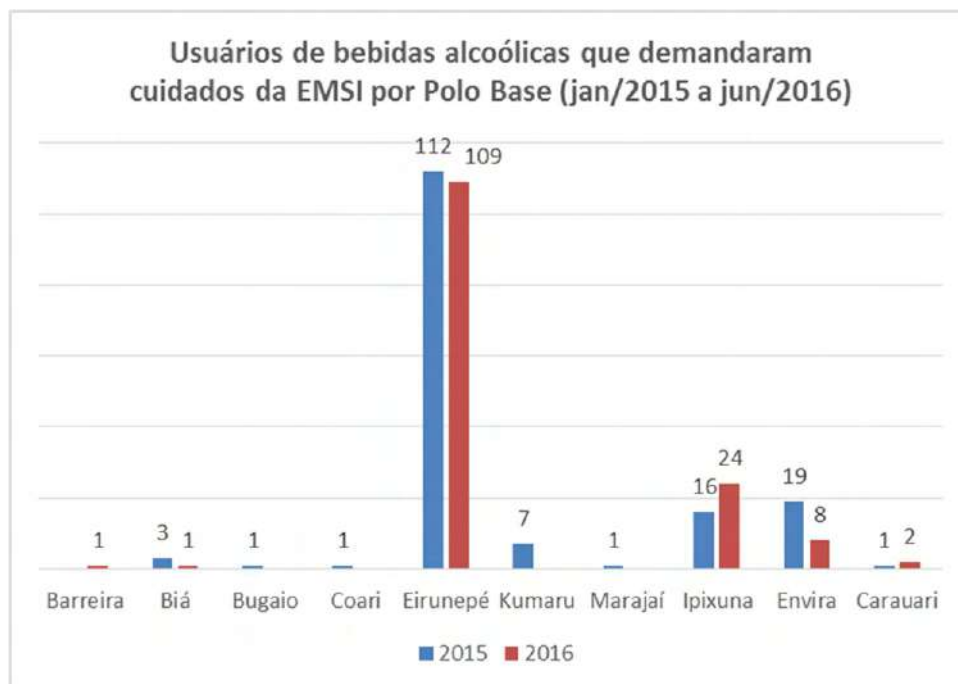


Gráfico 7 – Usuários de bebidas alcoólicas 2015-2016

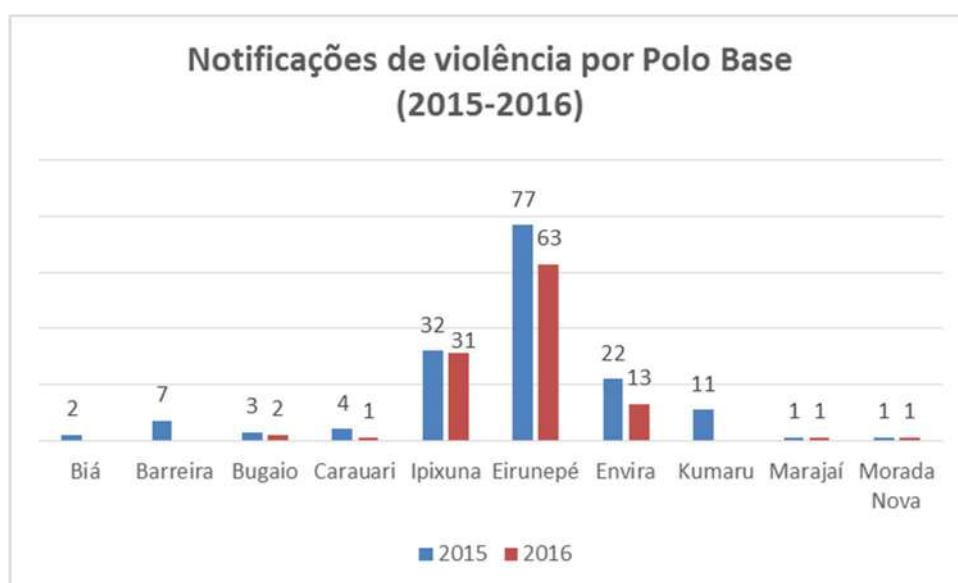


Gráfico 8 – Notificações de violência por Polo Base 2015-2016

No gráfico “Notificações de violência por polo base (2015-2016)”, percebe-se como a violência aumentou entre os Kulina³⁷¹. Os casos notificados são altos. Além disso, se consideramos que há ocorrências que não são comunicadas às EMSI, os números tornam-se ainda maiores.

³⁷¹ O Polo Base Eirunepé, que presta atenção em saúde aos Kulina da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, aparece no gráfico com índices altíssimos de violência.

9.2.3 Análise do suicídio: tentativas de compreender esse evento multifatorial

9.2.3.1 Suicídio e epidemia

Para Moutinho, um ponto importante a ser destacado é o fato de os suicídios ocorrerem em cadeia, como uma epidemia. Isto é amplamente atribuído ao “aprendizado” do método, transmitido em última instância pelos “brancos” (2017, p. 78).

De acordo com as diferentes narrativas apresentadas, tal categoria pode ser qualificada tanto como ‘doença de índio’ / ‘doença de Madiha’ / ‘doença de pajé’, relacionando-a ao *dori* (‘feitiço’), como também pode ser associada à ação do Demônio / Satanás / Capeta, podendo ser classificada como ‘doença do Demônio’, a partir de um discurso fortemente influenciado pelo cristianismo. Há também relatos que utilizam a categoria ‘doença de branco’, sugerindo que o enforcamento teria sido ‘ensinado’ aos Kulina, em última instância, pelos *karia* (‘brancos’) (Moutinho, 2017, p. 50).

Contudo, Moutinho alerta que os eventos de suicídio não podem ser analisados de forma isolada, pois “estão inseridos em um quadro mais amplo de violências, discriminação e inadequação de políticas públicas voltadas aos povos indígenas” (2017, p. 24). O suicídio é, portanto, um “fenômeno multifatorial”, que exige uma análise qualificada das narrativas e dos discursos para revelar a relação entre os casos, “as dinâmicas sociais mais amplas e as condições de vida dos Kulina no Alto Purus” (Moutinho, 2017, p. 56).

9.2.3.2 Suicídio, raiva e tristeza

No livro “Los pueblos indígenas americanos y la práctica do suicidio. Una reseña crítica”, Livia Vitenti (2016) nos convoca a realizar uma leitura da polissemia de significados associados ou simbolizados no ato suicida. Considerar o suicídio como um fenômeno social é a chave para não cairmos na armadilha de entendê-lo como uma patologia. Ou seja, a autora nos convida a compreender o suicídio como um enunciado ativo e crítico sobre o mundo, e como eventos gerados na situação de subordinação

histórica na qual as populações indígenas estão submetidas (Vitenti, 2016, p. 10-12). Esse argumento é um ponto central, pois sempre me pareceu fácil colocar o peso e a responsabilidade das mortes por suicídio (ou mesmo as mortes decorrentes do uso do álcool) como própria dos Kulina. Muitos discursos giram em torno da vitimização, ou do reforço a preconceitos e estereótipos, que permeiam a concepção dos não indígenas do que é ser Kulina.

Erthal (2001), ao pesquisar o suicídio Ticuna no alto Solimões, percebeu como os Ticuna relacionam a morte e a doença à interferência de seres ou espíritos enviados pelos xamas-pajés e a quebra de tabus alimentares. O suicídio é compreendido, por eles, como um ato de feitiço que pode atingir jovens, adultos e velhos. O consumo de álcool não indica a existência de indivíduos portadores de patologias ou com problemas de adaptação, mas a existência de conjunturas econômicas e sociais desfavoráveis, que corroboram o surgimento de momentos de tensão entre grupos sociais. Para os Ticuna, os suicídios seriam resultado do enfeitiçamento específico de um espírito mau que o pajé manda para atormentar seus inimigos (o feitiço *tchatchacuna*). Além disso, as explicações do suicídio Ticuna não podem estar separadas dos conflitos provocados pelo faccionalismo político e religioso, pelas interações interétnicas e pelas invasões de lagos de preservação. O estudo do suicídio indígena deve ser visto como um modelo culturalmente desenhado para responder a determinadas situações de conflitos.

O suicídio causado por ingestão de timbó é a causa principal da morte entre os Suruwaha (povo arawá). Como visto anteriormente, o cenário Suruwaha, marcado na década de 1920 pela experiência de massacre, resultou na unificação dos sobreviventes dos vários subgrupos (*dawa*) em uma única residência. O isolamento, diante do avanço das frentes de contato, e o suicídio constituíram uma nova forma de organizar o tecido de relações (Aparicio, 2015a, p. 67-68).

Moutinho, ao realizar a investigação entre os Kulina no Alto Purus, concluiu que os suicídios aconteceram depois de brigas e situações de conflitos que provocaram nas pessoas sentimentos de raiva e, conseqüentemente, a morte (2017, p. 62).

A tristeza não é bem vista pelos Kulina. Quando uma pessoa está parada, pensando, os Kulina perguntam imediatamente se ela está apaixonada ou com saudades (*bodi huatinani* = falando para dentro: tradução literal); ou ainda se está triste (*comahi*). Há relatos de casos de suicídios nos quais: “A pessoa estava bem. De repente alguém faz algo que ela não gostou. A pessoa fica com raiva ou triste (*comahi*)”.

Os Kulina interpretam o suicídio como um feitiço *comarini* que provoca a morte repentina da pessoa. Por isso, a pessoa “não dá sinal” e, assim, não é possível prever traçando genogramas. A maioria das pessoas vive sua vida normalmente até que o inesperado acontece: um conflito gera raiva, tristeza ou vergonha imediata. A pessoa – acometida pelo feitiço – passa a não agir de modo normal e procura “a corda ou o timbó para tomar”. A pessoa Kulina “que se mata, não está se matando” (Souza; Ferreira, 2014), ela é vítima de um feitiço que foi lançado por um pajé ou por um *tocorime*. O tratamento é feito com um pajé³⁷².

Apesar de todos os avanços que apresenta a Portaria N° 2.759/2007, na prática, a ação das equipes locais está voltada para o atendimento da pessoa que tentou o suicídio, ou das pessoas que estão próximas à pessoa que se suicidou. A noção de grupo de risco parte da noção ocidental de cuidados à pessoa (indivíduo), e não da noção de pessoa Kulina. Além disso, há também a medicalização dos indígenas através do uso de psicotrópicos. Essa forma de intervenção estigmatiza pessoas e famílias, isto é, passam a se sentirem diferentes e se tornam “dependentes”, de certa forma, de pessoas externas (da equipe de saúde). Quer dizer, a intervenção pautada na noção de “pessoa em risco” coloca nas equipes locais de saúde uma responsabilidade acima de sua capacidade e competência. A questão da prevenção e combate ao suicídio é bem mais ampla do que o monitoramento de “pessoas em risco” ou da medicalização dos indígenas.

³⁷² Sousa e Ferreira (2014) alertam para a noção de pessoa que opera nas sociedades indígenas. Esta noção é pautada nos grupos de parentesco, nos laços de sangue, na importância do leite materno e do sêmen, nos processos de construção da pessoa. Para as sociedades indígenas, as relações de parentesco e as relações estabelecidas com outros seres do cosmos são constitutivas da pessoa. Para os povos indígenas, o sujeito que se mata não é reconhecido como o autor de sua morte, porque a morte de qualquer pessoa, em qualquer situação, é provocada por um terceiro, um inimigo humano ou não humano.



Foto nº 49: remédio tradicional para picada de cobra.
Varadouro que conecta aldeias Três Barracas e Gaviãozinho: 28/08/2024
(Genoveva)

9.3 O território *comade* da embriaguez: conhecimento, prazer e morte

Como já foi apontado, não há uma relação entre as mortes por suicídio e o uso do álcool (ou de outras substâncias), mas é pertinente traçar uma análise dos processos de alcoolização, pois as políticas públicas estão tratando essa realidade como questão de saúde mental. Os Kulina, por sua vez, querem falar do assunto, mas ao mesmo tempo temem a punição da sociedade externa³⁷³. Os Kulina já perceberam, por exemplo, que a “lombra” da cachaça é mais perigosa do que a “lombra” do *rami*.

Quando você está *rami comatani*, muito lombrado de *Rami*, se você provocar e aparecer uma cobra, vai parecer que você está provocando uma cobra dessa grossura (grande). Você vai começar a gritar. Vai ficar doido!

Eu tomei muito pra eu ver mesmo (a cobra)!

³⁷³ Os Kulina se preocupam como as mortes por enforcamento de seus parentes, mas também se preocupam diante do efeito dessas mortes aos olhos dos “brancos”. O risco de serem presos, condenados, ou o aumento do preconceito e estigmatização social (Moutinho, 2017, p. 13).

Você deve cantar para passar a lombra. Ela passa também com água com limão e raiz de mamão (batida na água). Logo passa o efeito.

Mas se você for dormir, ainda sobre o efeito do *rami*, você fica doido.

Eu bebi *rami* no Mapiranga que as minhas pernas estavam assim pra cima e a minha cabeça pra baixo. Quando acordei eu fiquei doidinho e sai. Pra mim eu estava andando no ar, mas eu estava andando era dentro de casa mesmo.

Eu fui lá com o *marinahua* (pajé), e ele disse:

- O que é?

Eu disse:

- Agora tu vai ter que tirar o feitiço do meu ouvido, porque eu estou doidinho.

Ele começou a chupar todo o feitiço e eu fiquei normal de novo.

Aquele dali que é bom mesmo (o *rami* que é bom).

Se você não quiser mais a lombra dele é só comer alguma coisa de azedo. Passa rapidinho. A cachaça não! Você toma cachaça. E você bebe café (para acabar a embriaguez), você pula na água, corre... Mas ainda não passa (cidade de Juruá, outubro de 2016) (Amorim, 2019, p.335).

A relação com a cachaça envolve processos de alcoolização que se expandem para além do território da aldeia e abarcam aliciamentos históricos, agentes externos, conflitos e violências. Nos últimos anos, observou-se um aumento do consumo de bebidas alcoólicas, bem como um maior número de casos de violência e mortes (afogamentos e homicídios) relacionados ao uso de bebidas alcoólicas. O processo de alcoolização se tornou uma preocupação para as lideranças nas aldeias e na cidade. Dentro deste contexto, o tema foi pauta principal da I Assembleia Kulina na TI Kumaru. Porém, como explicado, o processo de alcoolização não é algo que acomete apenas as pessoas que habitam a TI Kumaru do Lago Ualá, mas representa um desafio que se estende, em menor ou maior intensidade, a todas as aldeias e TI's Kulina.

Em outras palavras, os projetos de intervenção e de prevenção ao suicídio devem ir além dos problemas imediatos – de saúde mental ou de consumo de álcool e outras drogas –, e apresentar planos para a intervenção em saúde e educação escolar, bem como políticas de defesa de direitos e a demarcação de territórios tradicionais (Ueré, Gaviãozinho e Igarapé do Índio). A reprodução física e social dos Kulina nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho, bem como o seu bem estar, tem relação direta com a demarcação da terra indígena, como pauta prioritária em um conjunto de ações de reparação pelas perdas advindas com a colonização e garantia de direitos humanos e constitucionais.

10 REPRODUÇÃO CULTURAL: RELAÇÃO ENTRE O TERRITÓRIO E O XAMANISMO

Para entender a importância dos pajés para o povo Kulina, é necessário fazer uma breve apresentação do ritual do *Tocorime*. De acordo com Lorrain (1992), é no *Tocorimecca Ajie* ("o canto-dança dos espíritos") que as mulheres adquirem as pedras xamânicas que lhes permitem cantar tão bem em *Ajie* e *Ejete*. As pedras xamânicas são inseridas em seus corpos por espíritos incorporados pelos pajés. Esses espíritos também inserem bagas contraceptivos no abdômen da mulher, e realizam curas com a ajuda de tabaco-rapé. Finalmente, nesses rituais xamânicos, as manadas de queixadas, ou espíritos dos mortos, são chamados pelos pajés para serem caçados e consumidos por seus parentes. *Tocorimecca Ajie* começa no início da noite, quando as mulheres se reúnem no terreiro da aldeia e ficam de frente para o caminho no qual os espíritos entram na aldeia, vindo do roçado. As mulheres cantam e suas vozes atraem os espíritos. Enquanto isso, o pajé está no roçado atrás da aldeia, assobiando, para atrair os seus *tocorime*. Depois de algum tempo, um *tocorime* entram na aldeia, usando uma máscara feita com palhas de buriti (*cohuama*). Ele canta e dança com um grupo de mulheres, a quem ele ensina canções xamânicas e, ocasionalmente, para e realiza curas. Em seguida, retorna para o roçado. Depois, outro espírito é chamado, e assim por diante até o amanhecer (Lorrain, 1992, p. 79).

As “doenças” (*dori*, *bebe*, *dsacoma*) para os Kulina associam-se ao descuido com os territórios sagrados dos *tocorime*, seres invisíveis que habitam a terra indígena em locais visíveis apenas aos xamãs.

Pollock (1985) foi o primeiro pesquisador a descrever a noção de doença para os Kulina³⁷⁴. Para o autor, estas são classificadas como internas e externas. As doenças externas são *dsamacoma* (*dsama*³⁷⁵=floresta, *coma*=dor ou doença). *Dsamacoma* pode ser traduzido como “toda doença externa que é provocada por seres da floresta”. Ou seja, doença de seres estrangeiros que estão fora do ambiente da aldeia, manifestando-se na cabeça, na pele e nos músculos, na forma de ferimentos, acidentes e picadas de insetos e cobras. Os Kulina passaram a classificar como *dsamacoma* as doenças adquiridas pós-

³⁷⁴ Para aprofundamento da noção de pessoa, doença e morte, para os Kulina, recomendo a leitura de Pollock (1985), Gordon (2006), Cerqueira (2015), Pino Venero (2012) e Moutinho (2017).

³⁷⁵ *Dsama* é um termo polissêmico e pode ser traduzido como mata-floresta, ou parte da floresta que não é conhecida ou habitada (o desconhecido). Mas, dependendo do lugar onde está o enunciador, *dsama* pode significar “território” = *occa dsama* (minha terra).

contato, como febre, dor de cabeça, gripe, gonorréia, tuberculose³⁷⁶, sarampo e malária. As doenças externas (*dsamacoma*) não são contagiosas, pois são frutos de relações pessoais estabelecidas entre o doente e os seres da floresta. Geralmente, a pessoa com *dsamacoma* não vem a óbito, à exceção da picada de cobra. As doenças internas são *dori* (feitiço), que atinge as crianças maiores e os adultos, e o *eppetocahi* ou *rihua rihua*, feitiço que atinge os bebês.

O processo de iniciação xamânica e a diferença entre *dori* e *noma*³⁷⁷:

Noma (um tipo de pedra de feitiço usada por pajés iniciantes) dói no estômago. E cheira, cheira rapé e passa. *Dori* não passa, *dori* você morre. Esta aqui é pedra de *dori* (pegando na pedra e me mostrando).

Para formar pajé, coloca primeiro *noma*, depois coloca *dori* no corpo dele. Se o homem está com três meses com *noma*, se ele transar com uma mulher, o *noma* some. Ele vai falar com o pajé e não tem mais nada. Se ele ficar com *noma* por mais de quatro ou cinco meses, ele começa a ver *tocorime* (virou pajé) (dezembro de 2015) (Amorim, 2019, p.337).

O feitiço na forma de folha-*bebe* ou na forma de pedra-*dori* é a única *causa mortis* para os Kulina. O pajé bom de uma aldeia pode ser o pajé mau para outra. Os Kulina de uma aldeia geralmente acusam os pajés de outro subgrupo, ou de outra aldeia, pelas mortes na comunidade. Quando o pajé morre, os *tocorime*, com seus poderes de *dori*-feitiço, saem do seu corpo, e os feitiços, em forma de doença, podem se espalhar por toda a aldeia.

Lorrain afirma que, para os Kulina, os seres humanos têm três espíritos: a sombra da pessoa projetada sobre a terra, que vai para o submundo após a morte; a sombra ou reflexo da pessoa sobre a água, que vai para o mundo superior após a morte e é devorada por *maji* (sol); e um espírito que vagueia no mundo após a morte. Todos os três são chamados *tocorime*. Contudo, Lorrain alerta que traduzir o termo *tocorime* como "alma" ("espírito") não é adequado, pois um *tocorime* é uma entidade concreta e integral.

Jodsino Kulina explica de modo didático o destino *post mortem* a partir da existência de quatro *tabari* (quatro “almas”)

³⁷⁶ Cristiane Tiss (2009) é médica e trabalhou com os Kulina no Médio Juruá. Ela desenvolveu uma pesquisa com objetivo de compreender como os Kulina refletem e classificam a tuberculose, se a mesma é uma doença que se encaixa dentro da categoria *dsamacoma* ou dentro da categoria *dori*.

³⁷⁷ O autor do relato pediu para não ser identificado para preservá-lo de conflitos xamânicos.

[Jodsino]

Namidsapa, ajidsapa maji toccanidsa ccanini tohui. Camacossani. Meme naqui toccamacossani. Nedsapa Tamaco cajona tohuati huati nedsapa, tabari aje huaje. Tabari ajimanani, aje qqui. Ajimanipe ajidsa, onihi huati huati dopani huaje, meme huaje najaro, totabari.

Itabari ajimani nani, Amohua qqui (coloca quatro dedos na mão). Quatro nani. Ajijaro passodsa dajonidsa tabarini assidseje najaro. Ajijaro três najaro, maji tiquenaji dsanapojaro ajijaro, (pegando no dedo) ajijaro dsomecca itabari ani najaro quatro nani. Itabari dopanicca, passocca, dsomecca, memecca. Dsomeccape ajidsa canidsajaro. Pina dsome ajimanedsa... (assobia). *Tocorime* pina matinta perera. Najari paja, ajie iquena najaro, dsomecca. Nami bodiccapa boronidsa jarahui tohui. Dsoppineje ajie jiridsana ccajonani tohui, ccajona ajie jirinahui.

[Tradução]³⁷⁸

Quando uma pessoa morre uma alma *tabari* desce para o *nami* (patamar subterrâneo) quando o sol vai embora. O outro *tabari* sobe para o céu. *Tamaco* vem buscar, fala com a alma e leva. As almas dos *Madija* são assim. Uma alma vai para baixo, outra vai para o céu.

Amohua (Genoveva), olha para cá! (Apresenta os quatro dedos da mão). São quatro almas. (Pega em cada dedo e fala).

Esta alma é a que fica na água, a sombra da pessoa na água. Aquela que a gente pode ver quando está na canoa (imagem ou sombra na água)³⁷⁹.

Esta outra é a que sobe para o céu e vai ao encontro de *Maji* (sol como ser extra-humano).

Outra é a alma da noite (ou sombra na noite).

E a outra desce para o patamar subterrâneo.

As almas são quatro. As almas dos *Madija* são quatro: a do patamar subterrâneo, a da água, a da noite e a do céu.

A alma da noite aparece e assobia na noite escura. Parece o *tocorime* da matinta perera. Elas dançam *ajie* de noite no terreiro do patamar subterrâneo. Quando os pajés cantam *ajie* no patamar terrestre os *tocorime* sobem para cantar junto (cidade de Juruá, em dezembro de 2015) (Amorim, 2019, pp. 338-339).

O pajé faz a cura do doente sugando o feitiço-pedra-*dori* com a boca ou tirando-a com as mãos. Comumente, a cura dos pacientes é feita em sua própria casa, mas há casos graves no qual é necessário realizar o ritual do *tocorime*: nele, o pajé usa o rapé para entrar em estado *comane*³⁸⁰. O ritual do *tocorime* está relacionado aos *dsoppineje*

³⁷⁸ Tradução feita por mim.

³⁷⁹ É essa alma-tabari que habita os lagos, rios, remansos e igarapés.

³⁸⁰ “De toda forma, a atuação do pajé enquanto curador era sempre ressaltada em outros casos de doença, sobretudo quando os Madiha reclamavam da Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena (EMSI) do DSEI, que muitas vezes conduzia a pessoa doente para o hospital antes de ser avaliada e tratada pelo

(pajés que conhecem e possuem o poder do *dori*). De modo geral, o ritual é patrocinado por uma pessoa que não conseguiu a cura através das sessões ordinárias de extração do *dori*. A pessoa doente (ou sua família) é responsável pela coleta das palhas de buriti, utilizadas na confecção do traje ritual (*cohuama*), bem como pelo fornecimento de rapé a ser usado pelos pajés (tanto para consumo próprio como para trocar com os *tocorime*). O ritual é realizado à noite, no terreiro. A participação marcante das mulheres acontece através do canto. Durante o ritual do *tocorime*, é o canto das mulheres, no terreiro, que favorece o poder que o pajé tem de se transformar em um determinado *tocorime*. Os Kulina aprendem cantos novos (que depois podem se transformar em cantos de *ajie*), brincam com os *tocorime* (observando uma etiqueta própria. Por exemplo: as pessoas não podem tocar no pajé-*tocorime*, e é vedada a participação de mulheres menstruadas) e as mulheres recebem *ahuabono* (anticoncepcional). As canções do ritual do *tocorime* não podem ser cantadas fora do contexto ritual.

O procedimento para retirar o feitiço das folhas (*bebe*) é muito similar ao empregado na cura do feitiço das pedras (*dori*). Porém, os feitiços (*bebe*) mais difíceis de retirar são extraídos no ritual do *rami*, no qual o pajé toma o chá *ayahuasca*. Ele acontece com a orientação e responsabilidade do *marinahua*: pajés que conhecem o poder das folhas, cipós, raízes e cascas de árvores.

As características do feitiço *bebe* (“feitiço das folhas”) são dor de cabeça, dor nos olhos, indisposição, perda de peso e vômito. Uma pessoa ao ser identificada com sintomas de *bebe* é tratada com fumaça de tabaco e ervas pelo *marinahua*. As folhas que transmitem o feitiço *bebe* ou *bebe comani* (“folhas que embriagam”) são chamadas genericamente de *dsamacca bebe comatajaro* (“folhas da floresta que deixam as pessoas embriagadas ou doentes”). Enquanto que as folhas que são usadas para fazer o tratamento são chamadas de *bebe majo bica* (“folhas de cheiro bom”) (Amorim, 2014, p. 47).

O ritual do *rami* acontece à noite, mas sua preparação começa pela manhã, quando os pajés se dirigem à mata para coletar o cipó *ayahuasca*, folhas de chacrona e outras ervas (ou cascas). Nesse ritual, através das visões, os Kulina se aproximam de animais de caça, realizam cura e reencontram com espíritos de pessoas mortas ou que

pajé. Também chegaram a relatar que um pajé foi impedido de entrar no hospital de Manoel Urbano para curar um doente. Ao conversar com a equipe do Polo Base a respeito desse episódio, alegaram que o indígena foi barrado no hospital pois estava embriagado, embora o estado de embriaguez do pajé não seja visto pelos Kulina como limitador de sua atuação xamânica” (Moutinho, 2017, p. 75).

estão distantes (membros da família ou alguém pelo qual se está enamorado). O ritual do *rami* possui uma série de etiquetas. Durante ele, as pessoas devem permanecer sentadas e cantando (levantando-se apenas para vomitar). Toda aldeia deve permanecer em silêncio e às escuras (os focos de luz das casas devem permanecer camuflados para que não reflitam nas pessoas que estão no ritual). As canções do ritual do *rami* também não podem ser cantadas fora do contexto ritual. Quando o chá começa a fazer efeito, ninguém pode passar na frente dos que estão bebendo. Se a pessoa precisa sair, para fazer algo, ela sai por trás. A pessoa não pode olhar para o lado, para o seu companheiro, porque pode prever a morte do mesmo.

A doença interna do recém-nascido é *eppetocahi* ou *rihua rihua*. Ela deriva da quebra de tabus impostos aos pais do bebê. Essa doença se apresenta na forma de distúrbio no sistema digestivo da criança, sinalizada por dores abdominais, vômitos e diarreias.

Quando nasce um Kulina, os seres *tocorime* vêm do patamar subterrâneo para fazer sexo com os pais do bebê. O ato sexual é, na verdade, um meio de raptar o *tocorime* dos pais, que passam por um processo de adoecimento que pode levá-los à morte. Somente o pajé pode ver esses seres e tratar as pessoas.

Os bebês Kulina se transformam em pessoas quando recebem nome, mamam, falam e comem carne de caça, de preferência a de queixada. Os cuidados com o corpo do recém-nascido morto são diferentes dos cuidados e tabus que envolvem o corpo de um adulto falecido (o recém-nascido pode ser sepultado embaixo das casas, por exemplo. Ver também: Pollock, 1985; e Gordon, 2006).



Foto nº 50: porto na aldeia Três Barracas: 18/08/2024 (Genoveva)

10.1 O cuidado com os territórios dos *tocorime* é saúde e conhecimento

Os Kulina usam o verbo *comade* para expressar qualquer forma de dor ou doença, mas também para indicar todo estado de embriaguez, êxtase ou alucinação. O verbo *comade* é usado para dizer quem está com feitiço (*dori comani*, dor de feitiço), nominar o doente (*coma*), a doença (*comahe*), o estado alterado de consciência causado pelo *rami* ou pelo rapé (*rami comane*), a embriaguez causada pela cachaça (cachaça *comane*; *comanihua*), quem está com sono³⁸¹ (*huada comane*); a tristeza (*comahî*); o feitiço que atinge o suicida (*comarini*), e também o orgasmo (*ajade comane*). Como vimos, *comade* é um termo polissêmico e extrapola nossa noção de doença, de embriaguez, de alucinação ou de tristeza, e está relacionado diretamente com as formas Kulina de adquirir conhecimento.

³⁸¹ A palavra *huada* pode significar: dia, sono e sonho. Ao pesquisar o suicídio entre os Kulina no Alto Purus, Moutinho (2017) observou: “Em três casos, as pessoas que se mataram haviam sonhado previamente com parentes falecidos ou que estavam distantes. Sonhar com os mortos poderia sinalizar a atuação direta do ‘espírito’ da pessoa falecida sobre o parente vivo, no sentido de atraí-lo para o ‘mundo dos mortos’, o *namibudi* [...]. Há também o caso de um jovem que estava muito triste com a perda do irmão, morto por enforcamento um mês antes, o que era interpretado como um possível estímulo à sua própria morte [...]. Assim, a aproximação com o morto, seja em sonho, seja através do sentimento de ‘saudades’ gerado pela perda de um parente próximo, representava um perigo real, uma vez que, para os Kulina, os mortos têm o poder de atrair os vivos para o *namibudi*” (Moutinho, 2017, p. 69).

A relação com os seres extra-humanos (*rami e/ou tocorime*) é cheia de ambiguidades e implica conhecimento, cura e doença. Por exemplo, só se acessa o território invisível dos *tocorime* (território *comade*), que existe paralelamente ao território visível, quando se está *comane* ou *comanhua*. Porém, para analisar o conceito *comade* é necessário despir da forma de conceber realidade, território e conhecimento, isto é “levar a sério o outro” (Bensa, [2010]2015, p. 138). A pessoa *comane* ou *comanhua* está no território dos *tocorime* e pode interagir com eles. Quando a pessoa está doente (*dori comani*), se o pajé não retirar o feitiço, poderá ficar para sempre no território dos seres extra-humanos. Para os humanos, ela morrerá, mas, para esses seres, a pessoa será um novo membro de seu povo. Durante o ritual do *tocorime* ou durante o ritual do *rami*, o pajé *comane* tem visões de animais de caça, vê pessoas vivas que estão distantes, pessoas que já morreram, aprende cantos novos e faz curas. Observei que é também no estado *comanhua*, da embriaguez da cachaça, que os Kulina falam bem o português, e tem orgulho de sua cultura. Ressalto novamente que o território *tocorime* é um estado/lugar invisível, associado a uma transformação do corpo e da consciência, porém depende de uma interação permanente com o território físico e visível, onde os Kulina habitam ao modo tradicional.

Como relatado anteriormente, Macao (17 anos), neto de Porainom e Amassa (casa 2, aldeia Gaviãozinho), está com tuberculose diagnosticada. Na época do trabalho de campo do GT, a equipe de saúde não visitava a aldeia há mais de um mês. Encontramos Macao muito magro e debilitado. Ele tossia muito durante o dia e a noite. Logo que chegamos, a família nos comunicou que Macao estava sem tomar a medicação porque esta tinha acabado. Outro fator preocupante é o fato de Macao compartilhar o mesmo dormitório com mais cinco pessoas – dentre elas, os avós idosos e uma criança³⁸². Durante nossa estada, Macao não saía do quarto e sua avó Amassa fazia chás para ele todas as manhãs.

Dias depois, Porainom e Amassa resolveram fazer o ritual do *Rami* para promover a cura de Macao. Amassa contou que ele estava com feitiço, *dsamacoma*, da cobra (*maccape*: cobra d’água, sucuri). Esse tipo de feitiço compromete a saúde do fígado, por isso ele estava com dores na barriga. A doença *dsamacoma*-feitiço do Macao

³⁸² Ver laudo nos Anexos desse relatório. No laudo médico de Macao consta a alta hospitalar em maio/2024. O paciente diagnosticado com tuberculose deveria seguir com a medicação até final de setembro. Chegamos na aldeia Gaviãozinho dia 20 de agosto de 2024 e a família nos comunicou que os remédios já haviam acabado.

decorre de um encontro mal feito de Dsohuiji-Rovi (irmão de Macao) com uma cobra sucuri. Em atividades de pesca, no Alto Igarapé do Gaviãozinho, Dsohuiji-Rovi teria matado a cobra.

A cobra sucuri é um dos *tocorime* mestre dos pajés Poraimom e Amassa. O *tocorime* cobra sucuri habita o poço *nami bodi*, localizado embaixo da casa dos pajés (ver mapa: Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos *tocorime*). Esse *tocorime* acompanha os pajés nas curas e no ritual do *Rami*. Assim, a execução do ritual do *Rami*, na noite do dia 24 de agosto de 2024, foi uma tentativa de restabelecer a conexão com esse ser extra-humano e trazer de volta a saúde de Macao.



Foto nº 51: Poço do *tocorime* cobra sucuri em frente da casa dos pajés
Poraimom e Amassa
Aldeia Gaviãozinho: 24/08/2024 (Genoveva)

Compreender a categoria *comade* não significa cruzar os braços para os abusos que os Kulina sofrem, mas requer compromisso em tornar visível um processo histórico de violências e aliciamentos. De maneira ampla, o conhecimento Kulina é experiência. As crianças aprendem experimentando, fazendo o que fazem seu pai e sua mãe e as pessoas a sua volta, tudo com bastante autonomia. Os rapazes adquirem conhecimento viajando pelas terras tradicionais e se hospedando nas casas de pessoas que, às vezes, não

são seus parentes. Aprendem também a se relacionar com o mundo dos *carihua* nos deslocamentos de barcos regionais, ou nas excursões pelo rio Juruá. Por sua vez, o conhecimento xamânico é experiência e embriaguez. O pajé-mestre coloca a pedra de feitiço (*noma*) no corpo do iniciante e sopra rapé no seu nariz. Embriagado, o iniciante se dirige sozinho à floresta (isso se repete por vários dias), e quando encontra o grande *tocorime*-onça, aprende dele seus cantos e as formas de curar, e tornando-se pajé.

Por fim, quando alguém adoece, numa aldeia Kulina, as pessoas fazem prontamente o diagnóstico. Após descobrirem as causas da doença, procuram o tratamento, que deve ser feito com o pajé ou com os profissionais de saúde. *Dsamacoma* é doença trazida pelo *carihua* e, portanto, pode ser tratada por ele. O território *tocorime* é um estado/lugar invisível, associado a uma transformação do corpo e da consciência, porém depende de uma interação permanente com o território físico e visível onde os Kulina habitam ao modo tradicional.

11 A TERRA SAGRADA DA ALDEIA-ROÇADO-CEMITÉRIO

Como visto na Segunda Parte e na Quarta Parte desse relatório, enquanto os roçados são rotas de acesso ao mundo subterrâneo – depois que as pessoas são sepultadas no local –, os rios, lagos, poços e igarapés são, por sua vez, rotas por excelência de acesso ao mundo subterrâneo dos mortos (Pollock, 1985, p. 38). Assim, os cemitérios constituem-se como territórios sagrados, não apenas por serem lugares onde estão sepultados os parentes mortos, mas por representarem portais de acesso ao mundo dos *tocorime* ou locais habitados por eles. Todo cemitério Kulina foi um roçado. Ou melhor, todo cemitério Kulina é uma capoeira.

Em recente trabalho de campo (agosto/setembro de 2024), observei na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho que a terra tradicional é formada a partir da conexão direta entre os territórios sagrados de morada dos *tocorime* (e dos parentes mortos) e a terra dos vivos (*nami*). Por exemplo, os Kulina costumam sepultar os mortos nos roçados e nos quintais das casas. Dessa forma, todas as aldeias antigas da TI são extremamente significativas. Em primeiro lugar, por serem moradias antigas e integrarem a memória afetiva: é a terra dos vovôs Dsajo-Samuel e Omaco-Chico Cidade. Essas recordações são revividas de geração em geração através das plantações: na coleta de frutos do pomar plantado pela vovó Joana (como é o caso da árvore frutífera *nosiacata*), ou pelo nome do

igarapé *Ini Ppajani* (local do banho da vovó). Em segundo lugar, porque as aldeias antigas (e atuais) são impreterivelmente roçados antigos e locais de sepultamentos – o que, por sua vez, as transforma em portais de acesso ao *nami bodi*, o mundo dos *tocorime* ou mundo dos parentes mortos (daqueles que tiveram um bom destino). O *nami bodi* é o patamar fonte de conhecimento e de vida na terra física ou crosta terrestre-*nami* – é de onde vêm os animais de caça (queixada) para serem consumidos pelos humanos, as espécies que são cultivadas nos roçados e a sabedoria da cura e dos cantos xamânicos.

Dentro dessa realidade complexa e significativa apresentarei agora os locais de relevância simbólica da TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Alertando que para nos aproximar da ontologia Kulina é necessário abriremos mão de nossas classificações para apreendermos outras realidades e maneiras de organizar o mundo.



Foto nº 52: antiga aldeia-roçado-cemitério Terra Alta.
Igarapé do Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

11.1.1 Antiga aldeia-roçado São Longuinho

localizada na terra firme entre a aldeia Três Barracas e Gaviãozinho (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho)

Os Kulina compreendem o local como antigo pomar dos antepassados e acessam a área para coletar bacaba, buriti, patauí, cacau, açaí e *nosiacata* (fruta silvestre plantada pela avó Joana). Pessoas relatam que, na aldeia, havia muitas casas e plantações de pupunha. Indicaram um pequeno igarapé de curso permanente, local onde os antigos pegavam água para beber (“cavavam uma cacimba que era fonte de água potável no inverno e no verão”) (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho).

Depoimento de Evaldo Kulina(M)³⁸³, tuxaua da aldeia Três Barracas, a respeito do local da aldeia antiga³⁸⁴.

[Evaldo] Maittaccadsamadenicca odsa jine, ajijarope. Omacocca denicca dsama. Anihui ahuabono jahuadsora, dsohuero, maro, maraca, najari paja. Dsahuidape jicani.

[Genoveva] Coaje bijini pohuadeni passo dsede huajine?

[Azuhani-Álcool] Pacca (apontando) pacca tohuacca ididini.

[Cossaro] Bijini é perto. Na época fizeram caminho grande.

[Tradução]

[Evaldo] Esse é o local onde antigamente ficavam as casas da antiga aldeia do Omaco-Chico Cidade. Essa é a terra do Omaco-Chico Cidade. Ainda estão aqui as árvores frutíferas plantadas por ele. Essas árvores ainda dão frutos como: bacaba, cacau, buriti e açaí que são colhidos pelos Madija-Kulina. Existiam também palmeiras de pupunha, mas morreram.

[Genoveva] Onde fica o igarapé que eles pegavam água para beber?

[Azuhani-Álcool] Fica um pouco mais a frente o igarapezinho onde eles pegavam água para beber.

[Cossaro] Igarapé é perto. Na época fizeram caminho grande.

11.1.2 Antiga aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto

A terra tradicional Ouro Preto (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho) é local de moradia antiga, cemitério e capoeira. Todavia, quando o GT

³⁸³ Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 11:53 TimeVideo_20240820_115219.mp4 39,12MB 1280x720px 01:23

³⁸⁴ Transcrição e tradução feitos por mim.

visitou o local, no dia 26 de agosto de 2024, registramos a existência de um acampamento e de muita sujeira deixadas por não indígenas em suas excursões de pesca predatória de matrinxãs (encontramos, por exemplo, pesos para malhadeiras feitos com pilhas).

Na ocasião, gravamos depoimentos das lideranças Quirisi (M) e Irewahi (M)³⁸⁵, que trazem detalhes das histórias do lugar. Na aldeia e roçado antigo, está sepultada Seppi Kulina³⁸⁶, irmã de Nomija (casa 7, aldeia Gaviãozinho) e tia materna de Irewahi (casa 6). No local, também está sepultada a primeira esposa do Jodso (casa 7, aldeia Gaviãozinho) e outras pessoas, que não puderam lembrar o nome.

[Quirisi] Madija onihi, Seppi, ajidsa ppa.
[Irewahi] Aje, icca ami onihi.
[Quirisi] Jodso bedimeni onihi ppa. Onihi ajidsa ppa. Nani
Madija sibatahui ajadsa ppattodsahui.
[Genoveva] Ajidsape huidsaja bote?
[Quirisi] Odsa jini.
[Quirisi] Jehe. Aldeia jaha quemojaro nebo.
[Genoveva] Sibatahui Madija?
[Quirisi] Jehe, Madija sibatahui ajidsa (apontando). Ajicco
idedsa capoeira pajejaro paje. Ohuape noeredsa. Taidecca, ididenicca.
[Irewahi] Taidedenicca pe idideni. Iapa ssamomoinedsa abi
najari pajanadsa.

[Tradução]
[Quirisi] Seppi era o nome da mulher que foi sepultada aqui.
[Irewahi] Era minha tia (ou minha outra mãe). Ela era irmã da
minha mãe.
[Quirisi] Aqui está sepultada a outra esposa do Jodso (casa 7).
Tem também outros Madija que eu não estou lembrando o nome agora.
[Genoveva] Aqui também é capoeira antiga?
[Quirisi] Aqui era o local das casas.
[Genoveva] Aldeia?
[Quirisi] Sim. Aqui era uma aldeia. Madija-Kulina morava
aqui e depois deixaram o lugar.
[Genoveva] Moravam muitos Madija-Kulina?
[Quirisi] Sim, moravam muitos Madija-Kulina aqui
(apontando). Um pouco mais para baixo ficava o roçado, uma grande
capoeira. Ali embaixo tinha casas. Eu ainda não tinha nascido. Foi bem
antes, no tempo do meu avô.
[Irewahi] Foi há muito tempo, no tempo dos nossos avôs. No
tempo que meu pai era jovem. Eu não sabia, ele me contou.

³⁸⁵ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 10:09 TimeVideo_20240826_100852.mp4
25,13MB 1280x720px 00:53

³⁸⁶ Seppi (F) faleceu jovem de feitiço *dori*.

11.1.3 Antiga aldeia-roçado-cemitério Terra Alta

No dia 26 de agosto de 2024, realizamos o mapeamento de cemitérios, capoeiras, pesca ilegal e aldeias antigas no Igarapé do Gaviãozinho. Subimos o igarapé com as lideranças até a antiga aldeia Terra Alta (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). O lugar é palco de vários eventos marcantes e significativos na história Kulina. Omaco-Chico Cidade morou vários anos no lugar com seus filhos, genros e cunhados.

Seguindo a conexão aldeia-roçado-cemitério, registrou-se o sepultamento, no local, da primeira esposa de Omaco-Chico Cidade: Joana. Ela faleceu idosa de “sarampo e *dori-feitiço*”. Joana está sepultada ao lado da antiga cozinha de sua casa, no meio de seu pomar, onde ela cultivava espécies como o buriti e as árvores frutíferas silvestres *madso* e *nosiacata*³⁸⁷ (os Kulina não souberam informar os nomes das árvores em português). Os frutos dessas árvores são muito apreciados pelos Kulina. Joana, inclusive, teria plantado de outro exemplar de *nosiacata* na antiga aldeia São Longuinho.

Depoimento de Anari Kulina (F) e Boconi Kulina (F), que colaboraram com as atividades de campo do GT no dia 26 de agosto de 2024³⁸⁸:

[Anari] Idi Edmundo imeni Joana cahujaro nade, ojarini ajadsa. Huamo bedi Narciso ajadsa cahua najari pamahui cahuahui ajadsa, Terra Altadsa. Huamo maitta Pau-Pixuna cca, bedi ajadsa cahua jari.

[Genoveva] Huidsaja anini nanidsa?

[Anari] Jehe, aldeia raha, nebojaro. Odsa sibatahui.

[Genoveva] Cojaricca odsa?

[Anari] Idi Edmundocca, imehi, Omacocca. Aldeia raha nebojaro ajidsa. Dorome quenajari denicca aldeia raha.

[Genoveva] Nebojari nejeco noppine?

[Boconi] Comajari nedsa.

[Cossaro] Ajadsa Dorome napijari quenahua.

[Anari] Jehe, ajadsa napijari nade.

[Tradução]

[Anari] Joana mãe do vovô Edmundo está sepultada aqui. Narciso filho da Huamo também está sepultado aqui na aldeia Terra

³⁸⁷ Tanto a palmeira buriti como as árvores *nosiacata* e *madso* ainda existem e atualmente os Kulina consomem seus frutos.

³⁸⁸ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 11:15 TimeVideo_20240826_111354.mp4 31,18MB 1280x720px 01:06

Alta. Ele era filho da Huamo que você conheceu³⁸⁹. Aquela que morava na aldeia Pau-Pixuna (TI Kumaru).

[Genoveva] Aqui também tinha roçado?

[Anari] Sim, tinha aldeia e roçado, mas Madija-Kulina abandonaram o local. Aqui era uma aldeia que tinha muitas casas.

[Genoveva] Quem era os donos das casas?

[Anari] Eram casas do vovô Edmundo e do pai dele Omaco (Chico Cidade). Era aldeia grande, mas deixaram de morar aqui. Dorome também morava aqui.

[Genoveva] Por que eles deixaram de morar aqui?

[Boconi] Porque havia muita doença-feitiço. Pessoas morrendo e adoecendo.

[Cossaro] Quando eles moravam aqui o Dorome era um adolescente.

[Anari] Sim, Dorome morou aqui quando era um menino.

Nomija Kulina³⁹⁰ (F), liderança e anciã (casa 7, aldeia Gaviãozinho), acrescentou mais nomes de indivíduos sepultados na aldeia-roçado-cemitério Terra Alta:

[Genoveva] Nidsa, tatinidsape ppainajaro nejeco taco oni, Dsojita?

[Nomija] Dsojita, occa irmã. Jehe, cahujaro bedi dsoqquedsa ajadsa enterra inajari. Ajadsa dsome dsoqquejari. Nedsa na Tejori, nedsana Maria, nedsana Tomahuacca ejedeni Narciso, Doromecca Sico (apontou para as cabeceiras do igarapé do Gaviãozinho)

[Genoveva] Dsama oni nejeco?

[Nomija] Terra Alta.

[Tradução]

[Genoveva] Quais os nomes das pessoas que foram sepultados na aldeia que está pra cima (Terra Alta)?

[Nomija] Dsojita, minha irmã. O filho dela também morreu e foi sepultado lá. Ele morreu a noite. Estão sepultados na aldeia Terra Alta: Dsojita, Tejori, Maria, Narciso (filho de Tomahua) e Sico (filho de Dorome) (apontou para as cabeceiras do igarapé do Gaviãozinho).

[Genoveva] Qual o nome da aldeia?

[Nomija] Terra Alta.

A aldeia Terra Alta adquiriu um significado maior após a morte e sepultamento de Narciso: uma criança e filho de Tomahua e Huamo (Huamo era filha de Omaco-Chico Cidade). A morte de Narciso, atribuída a *dori*-feitiço, desencadeou uma série de conflitos e deslocamentos. O pai Tomahua não se conformou com a morte repentina do filho e

³⁸⁹ Conheci Huamo morando na aldeia Pau-Pixuna (TI Kumaru) em 1996.

³⁹⁰ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:13 TimeVideo_20240824_100914.mp4 127MB 1280x720px 04:29

resolveu ir atrás do pajé Obo Kulina (filho de Dsajo-Samuel). Na época, Obo Kulina morava na aldeia Igarapé Preto (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Isso gerou um conflito entre aqueles que moravam na aldeia Terra Alta (região do Gaviãozinho) e os que moravam na aldeia Igarapé Preto (região do Igarapé do Índio). Obo foi assassinado, e seus parentes que habitavam a aldeia Igarapé Preto fugiram pelo Furo Preto até a aldeia no Igarapé do Índio. Por outro lado, os da aldeia Terra Alta foram avisados por Tomahua que viriam vingar a morte do Obo. Por conseguinte, todos fugiram da aldeia Terra Alta, abandonando casas e plantações. Tudo isso ocorreu enquanto a anciã Nomija (casa 7, aldeia Gaviãozinho) era jovem e morava com os pais, Siara e Jabono³⁹¹.

Portanto, sabe-se que, na aldeia Terra Alta, estão sepultados: Joana (esposa de Omaco-Chico Cidade), Narciso (filho de Tomahua e Huamo, neto de Omaco), Dsojita (irmã da Nomija, casa 7, aldeia Gaviãozinho), Tejori, Maria, Sico (filho de Dorome, neto de Omaco) e Mappi (ex-marido de Nomija, casa 7, vítima de homicídio)³⁹².

11.1.4 Antiga aldeia-roçado-cemitério Flechal

Durante a realização da Oficina de Etnomapeamento na aldeia Igarapé do Índio, no dia 12 de agosto de 2024, a anciã Toho contou-nos que, quando tinha cerca de seis anos, acompanhou o pai Misaini em uma viagem de canoa (a remo) do Flechal até o Lago do Mato. Nessa época, sua família estava morando na aldeia Flechal (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho), e partiram pelo furo do Santa Luzia (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho) para colher macaxeira no roçado dos pais, às margens do Lago do Mato (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Foi durante essa viagem que passaram pelo Lago do Pilão (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho) e viram não indígenas arpoando pirarucus. Os não indígenas não conseguiam puxar os pirarucus devido ao peso e tamanho: a arpoeira quebrava e os animais eram abandonados feridos. Viam-se vários pirarucus mortos, boiando: “Eles estragaram muito pirarucus no Lago do Pilão”.

³⁹¹ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:13 TimeVideo_20240824_100914.mp4 127MB 1280x720px 04:29. Transcrito e traduzido a seguir quando apresento a aldeia Igarapé Preto.

³⁹² Nomija fugiu para a região do Jutai acessando o varadouro do rio Mutum, após o assassinato do esposo.

Toho relatou que, quando moravam na aldeia Flechal, os pais trabalhavam na extração de seringa. Ela recorda uma vez que acompanhou o pai no ofício e um peixe mandi a ferrou, e ela chorou muito: “Perto do Flechal fica o Sanabi. No Sanabi tem muito buriti. No Ubi também tem. É uma terra firme que vem do Gaviãozinho. A viagem para o Gaviãozinho é melhor pelo lago do Coatá, pela volta do rio é muito longe. No Coatá tem muito jacarés. No igarapé do Flechal tem muito animais de caça. É tanto que os bichos se espantam com barulho de suas próprias pisadas no barreiro. Na época de buriti maduro, o único barulho que se escuta é da fruta caindo na lama do chavascal. Lá também têm muitas araras”. No local, Toho também pegava jabutis.

Para melhor compreensão de toda esta conjuntura, transcrevi e traduzi um dos depoimentos de Toho Kulina³⁹³(F), anciã e liderança da aldeia Igarapé do Índio (neta de Dsajo-Samuel). Escolhi este depoimento porque Toho consegue fazer um resumo dos deslocamentos. Pode-se constatar como famílias que hoje habitam a região do Igarapé do Índio já habitaram a região do Igarapé do Gaviãozinho (e vice-versa). Ela apresenta, também, a tradicionalidade e habitação permanente da TI: locais de nascimento, moradia, roçados e sepultamentos.

[Toho] Ajiccadsa, ami aje ohua ossonajaro nanidsa. Inapijaro, onapijaro.

Nedsape nanidsa odsa ajimaque najaro: Jojicca, Jaimocca, coco Adocca, icca-abicca quenajaro, Aquidocca quenajaro, Obo. Seis, sete (mostrando com os dedos). Manuécca que najaro, sete.

(Cossaro perguntou pelo Severino-Nodia e Toho falou que nessa época ele morava na aldeia Cacau. A mãe dela que falou).

[Genoveva] Deque, Simahi comonedsa tossonajaro?

[Toho] Nanidsa aje huaje (apontando em direção da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado Cossohi), ami (Deque), Simahi quenajari.

[Toho] Nanidsape manaco aje huaje pajama quenajari (indicando em direção da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado Dsajo). Ado: “aje huaje rina jacainana!” quenadsa najaro. Ohua ajimana neraha denima onedsape (aponta para neta Maria José para indicar o tamanho dela). Ajicca Sacadodsa naqui odsa ajima aniraha. Abi carihua tonajaride, poho acone, boqqejonadsa. Nahuidsa abi carihua tonadsapa damainana queneraha. Abi joppatadsapa, nohuerahui. Najari paridsa siraquenedsapa acca batto huaje jahui tojajari. Nejeco poni? “Peresao” huaje. Flechal huaje iccana.

[Genoveva] Nejeco poni?

[Cossaro] Bijini Flechal (igarapé do Flechal).

[Genoveva] Flechal huaje toccajaro?

³⁹³ Depoimento gravado em vídeo em 10/08/2024 12:41 VID_20240810_123752.mp4 03:20

[Toho] Jehe. Nedsape nahui jahui tojaride, abi carihua tonadsapa. Neraha iape aje huaje dsajadsa huanoanijaro, ami nedsa. Abi huadsa bote tojaro.

[Genoveva] Denima...

[Toho] Nedsa, nani, Flechal huaji jahuijedsa, jahuijani, jahuijajaro nanidsa odsa iccajibaro. Ado tiecomani tohui quenedsapa nanidsa odsa eccajibaro. Iquejeneraha, aja Severo doridsa tijicani tohui quenedsapa. Ado joppatadsapa. Abi huahape omadijaro neraha. “Huabo, rina!” Nedsapa jahuijajarode batto huaje.

[Genoveva] Ado tocca tiadeni teboji?

[Toho] Ia jahuijani abi rina iquenadsa, Ado. Nedsa nanidsa, nanidsa, jahuijani pomeraha. Coaje, qquinajaro? Ja! Ajidsa iquejenani ipomajaro (indicando em direção do local da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado Dsajo). Iquejenani ipomedsa ajidacca occato, nejeco poni? Mariana nemohuene bacconaniraa, Oma occajibarode.

[Tradução]

[Toho] Eu nasci e cresci ali: na capoeira-cemitério-aldeia onde está sepultado Cossohi. Minha mãe também nasceu e cresceu ali. Moraram nessa aldeia os filhos de Dsajo-Samuel com suas famílias: Ado, Aquido, Obo³⁹⁴, Deque (mãe da Toho), Nanija (casada com Jaimo; avós paternos de Aimore, casa 1, aldeia Igarapé do Índio); e Joji-Jurandir (irmão do Oma) e Manoel (sobrinho de Dsajo-Samuel, irmão de Siteri). Sete casas (mostrando com os dedos).

(Cossaro perguntou pelo Severino e Toho falou que nessa época ele morava na aldeia Cacau. A mãe dela que falou).

[Genoveva] Onde nasceram Deque e Simahi?

[Toho] A minha mãe Deque e minha tia Simahi nasceram ali (apontando em direção da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado Cossohi).

[Toho] Depois nos mudamos para a aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado Dsajo. Meu tio Ado falou: “Vamos tirar nossas casas daqui e mudar para aquele outro lugar”. Eu era do tamanho da minha neta Maria José (cinco anos). Depois papai fez aldeia no Lago do Sacado e a quantidade de casas era parecida com a quantidade atual dessa aldeia (oito casas). Então houve um conflito entre o meu pai e os não indígenas por causa de um roçado de macaxeira. Os não indígenas queriam pegar o meu pai. E meu pai fugiu. Nós ficamos mais uns dias colhendo toda a mandioca do roçado e fazendo farinha. Depois nós também baixamos o rio Juruá. Fomos para onde? Fomos fazer aldeia no Peresao-Flechal.

[Genoveva] Como é mesmo o nome do lugar?

[Cossaro] Bijini Flechal (igarapé do Flechal).

[Genoveva] Vocês foram morar no Flechal?

[Toho] Sim. Depois do conflito entre o meu pai e os não indígenas nós fomos morar pra lá. Nós fugimos depois com a mamãe.

³⁹⁴ Pajé acusado de feitiço mortal que foi assassinado na antiga aldeia no Igarapé Preto (região do Igarapé do Índio).

Papai fugiu sozinho na frente, encontramos ele muito magro e fraco. Ele passou muita fome.

[Genoveva] Conta mais...

[Toho] Então viajamos, chegamos no Flechal e fizemos casas e ficamos morando. Tio Ado estava morando lá também. Mas muita gente adoeceu. Então chamaram o pajé Severo³⁹⁵. Ele disse que se ficassemos lá iríamos morrer todos. Ado quis fugir de lá imediatamente. Meu pai gostava muito de morar no Flechal e não queria ir embora. Ado insistiu: “vamos embora, cunhado!” Então meu pai resolveu seguir e baixamos o rio Juruá.

[Genoveva] Ado foi embora e vocês ficaram?

[Toho] Nós também fomos embora. Ado insistiu muito para meu pai descer com ele. Ficamos morando no baixo Juruá por algum tempo. Mas voltamos para cá, para o Igarapé do Índio. E voltamos para onde? Sim. Nós voltamos e fizemos casas novamente na aldeia (capoeira-cemitério) onde está sepultado Dsajo-Samuel. Quando voltamos eu estava com a mesma idade da minha filha Mariana (19 anos) e foi aí que eu casei com o Oma.

Porém, de acordo com Toho Kulina, Flechal é local de moradia antiga de domínio coletivo, pois seu tio materno Aquido (filho de Dsajo-Samuel) também habitou, faleceu e foi sepultado no lugar³⁹⁶.

[Toho] Aquido ajidsa madiraha, toccajari nade, ami attini. Paje Flechalda, huada sibataraha amoneje daique nema najari nade venenodsa. Nedsape Aquido dsoqquejari, nahuidsa cahuajari nade Flechalda. Ojarihui. Nedsape Cajori ccanijaro aje motta. Nedsape tattini tocamacossa nijaro najaro. Cajori coco bedimeni, Aquido bedimeni. Dsoqueni nade jidapanape, Cajori.

[Tradução]

[Toho] Aquido morava aqui e foi embora para a aldeia Flechal, minha mãe que me contou. Ele morou na aldeia no Flechal por bastante tempo até morrer envenenado. Aquido faleceu na aldeia Flechal e foi sepultado lá. Então Cajori saiu de lá e veio morar para cá (Igarapé do Índio). Depois ela subiu o rio Juruá. Cajori era a esposa do meu tio Aquido. Agora ela já morreu.

³⁹⁵ O primo Issanahua-Severo morou na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho. Os Kulina falaram que a mãe do Issanahua-Severo e do Nodia-Severino era prima de Acora-Edmundo. Por outro lado, Pedro Cossaro Velho era tio paterno de Severo e Severino. Lembrando que Pedro Cossaro Velho era filho de Bedsejo e Jaraniji (Jaraniji era irmã de Dsajo-Samuel). Essas relações de parentesco entre “primos-cunhados-irmãos” revelam mais uma vez as alianças entre o pessoal do Omaco-Chico Cidade e Dsajo-Samuel.

³⁹⁶ Depoimento gravado em vídeo em 29/08/2024 16:29 TimeVideo_20240829_162825.mp4 32,37MB 1280x720px 01:08

Da mesma maneira, obtive da anciã Nomija Kulina³⁹⁷ a informação de que Bedsejo, pai de Porainom (casa 2, aldeia Gaviãozinho) também morou, faleceu e foi sepultado na aldeia Flechal.

[Genoveva] Poraicca madija acco Flechaldsa madijaro?

[Nomija] Jehe. Jamaquenehe Poraicca madija naco morreu tudo! Jehe, pai do Porainom aí no Flechal morreu Aquido, Bedsejo, onihi bote Obo.

[Genoveva] Acco Flechaldsa?

[Nomija] Jehe, Flechaldsa quejenacahui.

[Genoveva] Nahuidsa Madija madijaro?

[Nomija] Jehe. Madiraha jidapana neboni. Huajano ssibatahui. Ohuape pina dsohuato. Ami morreu no Igarapé do Índio, aí nos veio pra cá. Eu não era casada não.

[Genoveva] Nejeco tohui madijadeni nebojaro Flechal?

[Nomija] Flechal é porque Aquido morreu. Morreu pai do Porainom. A aldeia no Flechal era do tamanho da aldeia Três Barracas, quatro casas. Maitta, faz tempo. Na época o Porainom era rapaz solteiro.

[Tradução]

[Genoveva] O pessoal do Porainom morava no igarapé Flechal?

[Nomija] Sim. Eram vários os parentes do Porainom, mas morreram todos. Sim, o pai do Porainom morreu aí no Flechal. Morreram no Flechal: Aquido e Bedsejo. Aquido era irmão do Obo (o outro, o velho: filhos de Dsajo-Samuel).

[Genoveva] Eles estão sepultados lá no Flechal?

[Nomija] Sim, eles estão sepultados no Flechal.

[Genoveva] Os Madija moravam no Flechal?

[Nomija] Sim. Madija-Kulina moravam, mas deixaram. Moraram vários anos quando eu ainda era moça. Minha mãe morreu no Igarapé do Índio, aí nós viemos pra cá. Eu não era casada não.

[Genoveva] E por que os Madija deixaram de morar no Flechal?

[Nomija] Flechal é porque Aquido morreu. Morreu pai do Porainom. A aldeia no Flechal era do tamanho da aldeia Três Barracas, quatro casas. Maitta, faz tempo. Na época o Porainom era rapaz solteiro.

Em suma, no igarapé Flechal, moraram os filhos de Dsajo-Samuel: Aquido, Ado e Deque (mãe de Toho, casa 5, aldeia Igarapé do Índio) com suas famílias. Nessa terra tradicional, construíram aldeias, roçados e trabalharam na extração de seringa. O território também é cemitério, pois Aquido e Bedsejo (pai de Porainom, casa 2, aldeia Gaviãozinho) foram sepultados no local.

³⁹⁷ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:18 TimeVideo_20240824_101631.mp4 53,08MB 1280x720px 01:52

11.1.5 Antiga aldeia-roçado-cemitério Santa Luzia

A terra tradicional em Santa Luzia (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho) é local da antiga aldeia de Ado. Vimos na Segunda Parte deste relatório que Teresinha, filha de Ado e Maria Dsohe (neta de Dsajo-Samuel), faleceu aos cinco anos de idade e foi sepultada no local. A família de Ado morou por cinco anos na aldeia de Santa Luzia. Após a morte da filha Teresinha, mudaram-se para a aldeia Flechal, onde moraram por três anos.

Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) contou que, há muito tempo, Maidso-Cahi, filho de Corime e Huedsaji (Maidso-Cahi era irmão de Siteri-Madalena³⁹⁸ e, conseqüentemente, tio de Cossaro-Pedro), caiu bêbado dentro do Lago do Sacado, perto do local onde está sepultado o pajé Jaho-Raul (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Maidso desapareceu por vários dias, os parentes o procuraram, mas não o encontraram. Entretanto, depois, ficaram sabendo que os não indígenas encontraram o corpo de Maidso na praia em Santa Luzia. O sepultamento foi feito no local.

Assim, na terra tradicional de Santa Luzia, Ado morou com sua família e construiu aldeia e roçado até o falecimento e sepultamento de sua filha Teresinha. O local é de acentuada relevância simbólica, pois revigora a memória coletiva e outros mecanismos culturais através do episódio marcante, trágico e mágico do aparecimento e sepultamento do corpo de Maidso (desaparecido no Lago do Mato, na região do Igarapé do Índio).

Em síntese, estão sepultados na aldeia-roçado-cemitério Santa Luzia:

- Teresinha, filha de Ado e Maria Dsohe, neta de Dsajo-Samuel.
- Maidso-Cahi, filho de Corime e Huedsaji, irmão de Siteri-Madalena, sobrinho de Dsajo-Samuel (tio de Cossaro-Pedro).

11.1.6 A atual aldeia Gaviãozinho é um cemitério

De acordo com anciã Nomija (casa 7, aldeia Gaviãozinho), estão sepultados ao lado de sua residência (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho):

³⁹⁸ Na Segunda Parte desse relatório, fiz referência a Maidso ao descrevermos a relação de parentesco entre as famílias na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho e os moradores da TI Ueré.

- Antônia, filha adotiva de Nomija. Os pais biológicos eram Jodso e Mariza (casa 7, aldeia Gaviãozinho). Antônia nasceu em Carauari e faleceu ainda bebê (menos de um ano). Ela adoeceu, foi hospitalizada e Nomija a acompanhou em tratamento em Manaus. Quando Antônia recebeu alta hospitalar, Nomija retornou com a filha para a aldeia Gaviãozinho. Entretanto, Antônia deveria fazer uso de uma medicação. Quando acabaram os remédios, ela veio a óbito (há cerca de dois anos).

- Nego, filho de Ssiri-Ssaco (filho de Anari, casa 3, aldeia Gaviãozinho) com Mariquinha (filha de Corari, casa 1, aldeia Gaviãozinho). Nego faleceu antes de completar um ano.

Nomija diz que sepultou a filha Antônia perto de casa, pois tem medo que a onça cave a sepultura e coma o corpo – ela lembra bem o episódio triste no qual a onça desenterrou e comeu partes do corpo de Tinija. Ela conta que, há muito tempo, Tinija morava na aldeia Gaviãozinho com a esposa Huadsoco (filha de Omaco-Chico Cidade, mora atualmente na cidade de Juruá) e os filhos Davi e Amida (moram atualmente na TI Kumaru). Tinija faleceu vítima de feitiço e foi sepultado na aldeia Gaviãozinho “perto do pé de Goiaba”, entre a casa 3 e a casa 4 (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). Na época, os Kulina trabalhavam na extração de seringa no Seringal Cubio, então sepultaram o corpo e foram trabalhar. Quando retornaram para a aldeia, a onça tinha desenterrado e comido partes do corpo: “a onça ficou morando aqui e estava muito brava”.

Após a morte e o sepultamento do Tinija (Nomija era moça e morava com os pais), a família de Nomija foi morar na aldeia no Igarapé do Índio (aldeia-capoeira-cemitério Dsajo-Samuel), onde permaneceram por bastantes anos até a mãe Jabono falecer e ser sepultada no local. Após a morte de Jabono, Siara convidou os filhos para voltar a morar na aldeia Gaviãozinho. Nesse período, Dahora se separou de Bocaho, mãe de Anari, e casou com Nomija. Anari era bem pequena (tinha cerca de três anos). Por cerca de seis anos, moraram somente duas famílias na aldeia Gaviãozinho: a família de Namia (falecido, irmão de Nomija) com sua esposa Sama (filha de Acora-Edmundo com Codidsa³⁹⁹; atualmente mora na TI Ueré); e a família de Nomija e o esposo Dahora (filho de Acora-Edmundo e Codidsa). Na época, a família de Porainom (casa 2, aldeia Gaviãozinho) estava no rio Eiru, terra de Amassa. E a família de Dseca (casa 5, aldeia Gaviãozinho) estava no Baixo Juruá (TI Kumaru).

³⁹⁹ Codidsa era irmã de Siara.

Depoimento gravado em vídeo com a anciã Nomija Kulina⁴⁰⁰, no dia 24 de agosto de 2024, na aldeia Gaviãozinho:

[Genoveva] Nidsa, Davi imehi, nejeco?

[Genoveva] Quem era o pai do Davi?

[Nomija] Davi imehi pajadsa (apontando para local onde está sepultado Tinija, pai do Davi). Pajacca oiadsaba ohuai nanidsa ppai nique najari. Ppai quenajari jica, tapiri ajima (do tamanho da cozinha). Icca nahuatamani inebomana. Neraha nattidenipa dsomaji huica najari. Dsomaji apa inajaro. Madijapa ppaiquenahui. Accadsa ppai quenajari. Huadsocope acco batto toccani. Ajidasa noerani Madija. Sai quenahui, jicahui Tinija dsoqqe. Acco Queimadodsa dsoqqe, Huadsoco oori, ajadsa maquui tamide atti. Camaidso acca Dseca quena oricanemanahui ajadsa ani odi huiqueneje jica ppai quena jica. Ssihuajapa baixada toqueje, nama najari ppai dsati najari, apai najari.

Occape occa ejedeni naco bereinema naraha nade. Dsomaji omittade.

[Tradução]

[Nomija] O pai do Davi está aqui (apontando para local onde está sepultado Tinija, pai de Davi). A sepultura dele é ali perto do pé de goiaba. Quando terminamos o sepultamento fizemos um tapiri (do tamanho da minha cozinha) em cima da sepultura⁴⁰¹. Terminamos o sepultamento e saímos da aldeia. Então foi aí que a onça veio e cavou a sepultura para comer o corpo dele, mas nós o sepultamos bem. Huadsoco, esposa de Tinija, decidiu ir embora após a morte do marido. Ela desceu o rio Juruá com os filhos. Todos os Madija-Kulina saímos da aldeia por causa da morte de Tinija. Ele faleceu no local de nome Queimado. Huadsoco veio remando até aqui avisar. Camaidso e Dseca foram remando pegar o corpo e trouxeram pra cá. Então fizemos o buraco da sepultura e colocamos o corpo dele. No outro dia, bem cedo, todos foram embora baixando o rio. Pouco tempo depois de sepultado a onça veio, cavou o túmulo e comeu o corpo.

A minha filha eu sepultei bem aqui, perto da casa, porque eu ouvi o barulho da onça.

Na aldeia Gaviãozinho, também está sepultado – ao lado da casa dos pais – o menino de nome Namia (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho), filho de Irewahi e Boconi (casa 6, aldeia Gaviãozinho). Ele faleceu recentemente: era um menino com cerca de 10 anos, e veio a óbito com complicações decorrentes de episódios de diarreia e vômito.

⁴⁰⁰ Depoimento gravado em vídeo em 24/08/2024 11:02 TimeVideo_20240824_110024.mp4 66,42MB 1280x720px 02:21

⁴⁰¹ Modo tradicional de sepultamento com construção de uma pequena casa no local da sepultura.

Depoimento gravado em vídeo com o ancião Dseca Kulina⁴⁰², em 20 de agosto de 2024, aldeia Gaviãozinho:

[Genoveva] Cojari toso najaro?
[Cossaro] Davi (marido da Assico), Assico, Amida-Anidso,
[Genoveva] Nidsa, Assico?
[Dseca] Ajidsa.
[Genoveva] Nedsa Davi?
[Dseca] Ajadsa.
[Genoveva] Nidsa Amida?
[Dseca] Amida, ajadsa. Aja maro ahuidsa quejenahui. Najaro imehi pajacca dsomaji jine huicca najaro paje.
[Cossaro] Ajadsa imehi cahuini nahua. Anidso imehi, Davi imehi, pajadsa (apontando em direção)
[Dseca] Tinija (nome do pai do Davi) dsomaji jipahui.
[Cossaro] Nija! Tá vendo? Tem sepultura aqui.
[Genoveva] Cojaricca?
[Cossaro] Do pai do Davi que sepultaram ali, ó.
[Genoveva] Perto do pé de maro?
[Cossaro] Mais pra lá
[Mari] Tem uma sepultura do pai do Davi?
[Cossaro] É. Ali pra lá desse buriti, pra lá.

[Tradução]
[Genoveva] Quem nasceu aqui?
[Cossaro] Ele está dizendo que nasceram aqui o Davi (marido da Assico), a Assico e o Amida-Anidso.
[Genoveva] E onde nasceu Assico?
[Dseca] Aqui.
[Genoveva] E onde nasceu Davi?
[Dseca] Aqui.
[Genoveva] E onde nasceu Amida?
[Dseca] Amida nasceu aqui, perto dessa palmeira de buriti. Mas para lá a onça cavou e comeu o pai dele.
[Cossaro] Aqui está sepultado Tinija o pai do Amida-Anidso e do Davi (apontando na direção).
[Dseca] Depois de sepultado a onça cavou e comeu corpo do Tinija, pai do Davi.
[Cossaro] Nija! Tá vendo? Tem sepultura aqui.
[Genoveva] De quem?
[Cossaro] Do pai do Davi que sepultaram ali, ó.
[Genoveva] Perto do pé de buriti?
[Cossaro] Mais pra lá
[Marilena] Tem uma sepultura do pai do Davi?
[Cossaro] É. Ali pra lá desse buriti, pra lá.

⁴⁰² Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 17:41 TimeVideo_20240820_174036.mp4 29,84MB 1280x720px 01:03

Em síntese, estão sepultados no roçado-cemitério atual aldeia Gaviãozinho:

- ✓ Tinija, genro de Omaco-Chico Cidade (entre 1962-1976 de acordo com Soares; Mochiizawa, 1997)
- ✓ Antônia, filha adotiva de Nomija (casa 7);
- ✓ Nego, filho de Ssiri e Mariquinha (neto de Anari, casa 3; e de Corari, casa 1);
- ✓ Namia, filho de Irewhi e Boconi (casa 6).

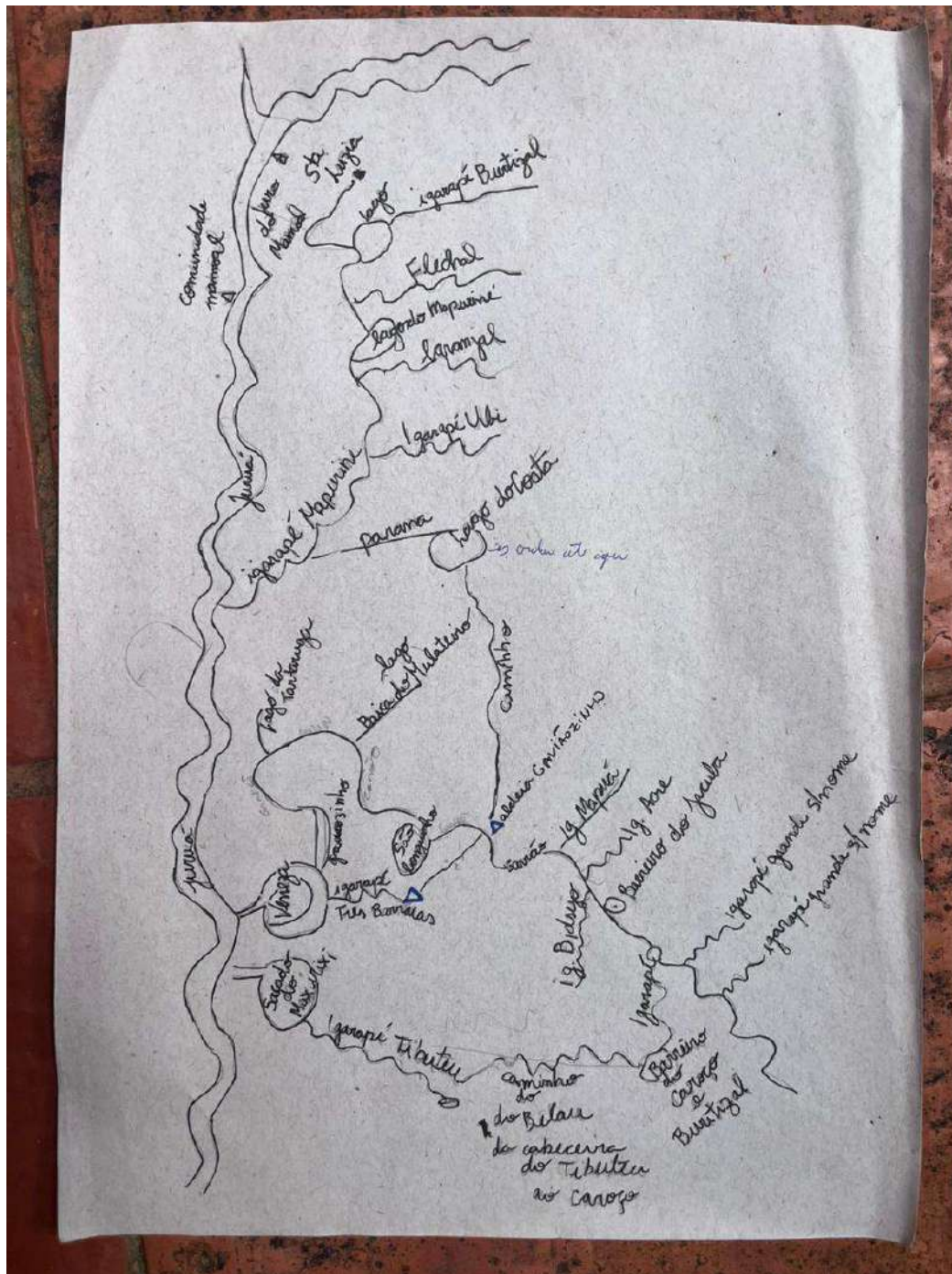


Foto nº 53: Boconi indicando local sepultura de seu filho Namia.
Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

11.1.7 Antiga aldeia de Socorro Kulina, filha do Porainom

No Alto Igarapé do Gaviãozinho, está localizada a aldeia de Socorro, filha de Porainom e Amassa (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). Ela morou por alguns anos no local com o esposo Kanamari. Por dificuldades logísticas de navegação (a região do Igarapé do Gaviãozinho estava com baixo nível pluviométrico), o GT não conseguiu acessar o local da Aldeia de Socorro para poder registrar *in loco* as coordenadas geográficas. As referências básicas são os igarapés Mapuá, Acre, Bedsejo e Caroço (afluentes do Igarapé do Gaviãozinho). Também, os Barreiros do Caroço e da

A liderança Quirisi (casa 3, aldeia Gaviãozinho), irmão de Socorro, fez o mapa mental de toda a região do Gaviãozinho:



(Genoveva)

11.2 Locais de relevância simbólica na região do Igarapé Três Barracas

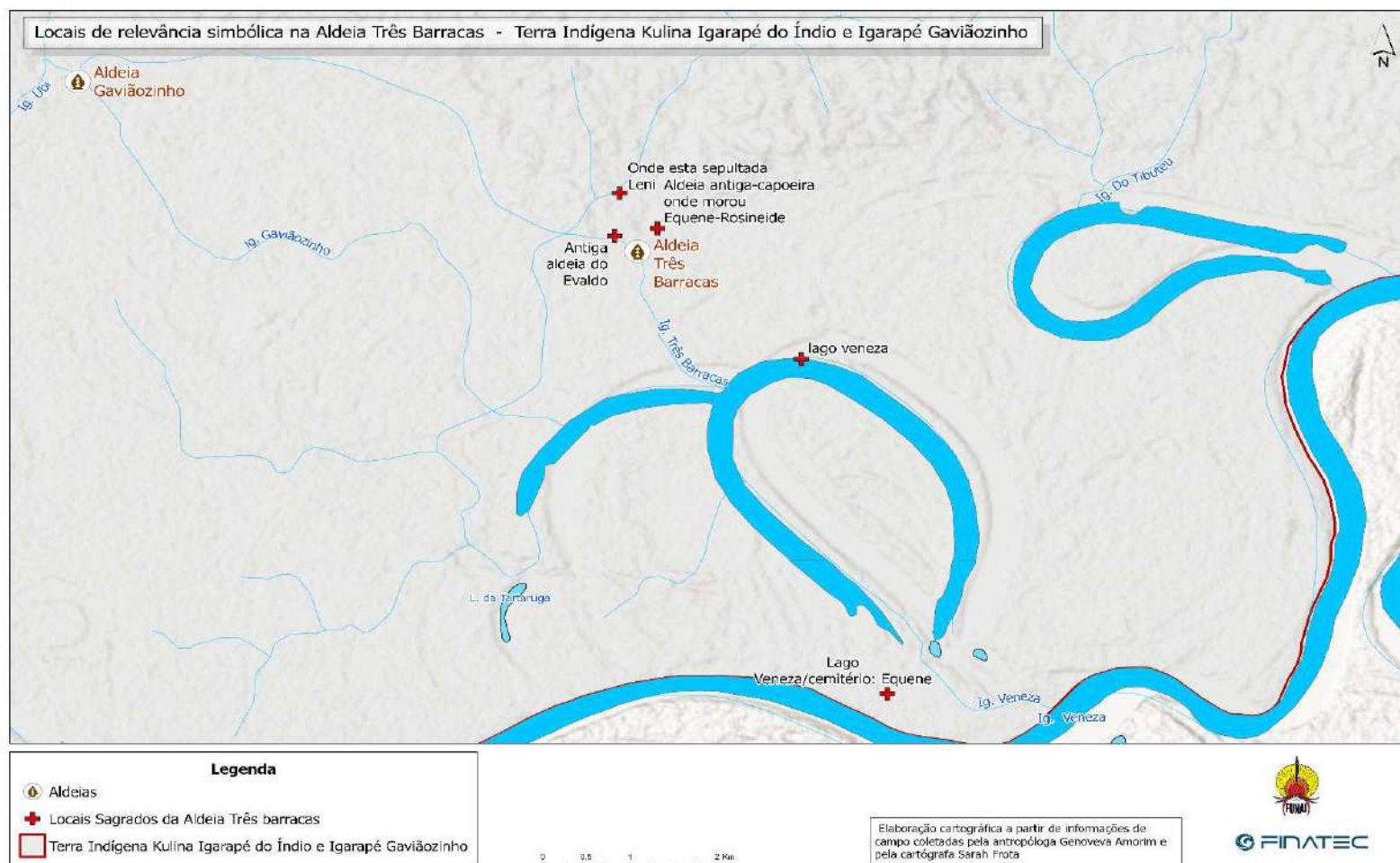


Figura nº 25: Mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Três Barracas (Frota, 2025)

11.2.1 Antiga aldeia-roçado-cemitério lago Veneza

Como vimos anteriormente, nas margens do lago Veneza, existia uma antiga aldeia de Acora-Edmundo, conforme registro histórico (Soares; Mochiizawa, 1997) e relatos da memória oral. Soares e Mochiizawa (1997) afirmam que encontraram Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e sua esposa Simahi (filha de Dsajo-Samuel) na aldeia Cumaru, em 1996⁴⁰³, visitando os parentes, mas a família morava no lago “Veneza” (atualmente TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho). Em conversa ao telefone com Jodsino Kulina (filho de Acora-Edmundo e Simahi), em 23 de dezembro de 2024, ele contou que morava com os pais no lago Veneza quando Equene Velho faleceu. Inclusive, ele teria ajudado no processo do sepultamento⁴⁰⁴. Equene é avô paterno de Luzia (casa 2, aldeia Três Barracas) e de Equene-Rosineide (casa 5, aldeia Três Barracas). Quando o avô paterno Equene faleceu, Luzia (a neta) disse que era moça nova. Estima-se que Equene Velho tenha sido sepultado na antiga aldeia localizada às margens do lago Veneza em 1993 (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Três Barracas). Luzia disse que o avô morreu com idade avançada.

Depoimento gravado em vídeo de Luzia Kulina⁴⁰⁵ (casa 3, aldeia Três Barracas), neta de Equene Velho⁴⁰⁶:

[Luzia] Gaviãozinhodsa ossonajaro.

[Genoveva] Idi Equene?

[Luzia] Coridsadsa dsoqqe ppaiquenajari

[Tradução]

[Luzia] Eu nasci na aldeia Gaviãozinho.

[Genoveva] E teu avô Equene?

[Luzia] Faleceu no lago Veneza onde também foi sepultado.

⁴⁰³ Trabalho de campo realizado em 1996.

⁴⁰⁴ Relembrando que Soares e Mochiizawa (1997) afirmam que Acora-Edmundo (filho de Omaco-Chico Cidade) e sua esposa Simahi (filha de Dsajo-Samuel) visitaram os parentes na aldeia Cumaru em 1997, mas estavam morando no Lago “Veneza”, na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho (dados de campo realizado em 1996).

⁴⁰⁵ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Três Barracas em 18/08/2024 11:09 TimeVideo_20240818_110927.mp4 6,77MB 1280x720px 00:14

⁴⁰⁶ Transcrito e traduzido por mim.

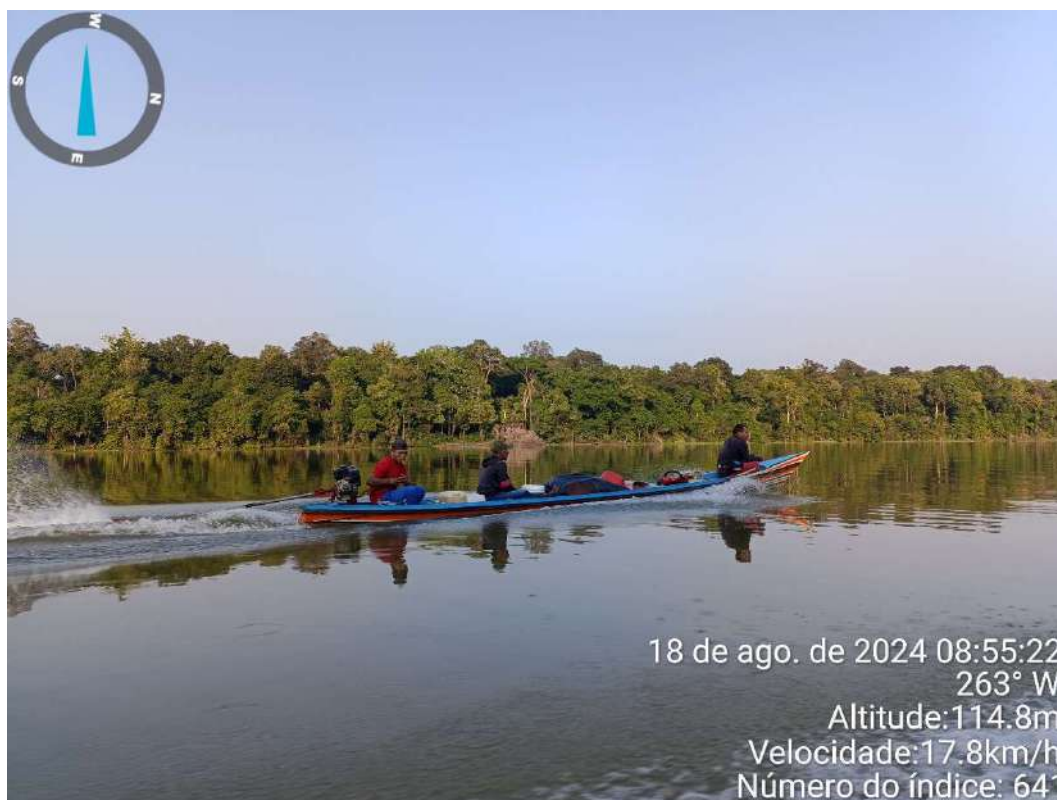


Foto nº 55: Tesadi-Irineu, Sedsí-Sérgio e Pedro-Cossaro (esquerda para a direita).

Lago Veneza: 18/08/2024 (Genoveva)

11.2.2 Antigo roçado e cemitério onde está sepultada Leni

Leni está sepultada na região do igarapé Três Barracas, em uma capoeira de Tonaíquina-Raimundo. O local fica próximo do atual roçado novo de Bedi-Marcos (casa 2, aldeia Três Barracas) (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Três Barracas). Ela era filha de Tonaíquina-Raimundo (falecido) e Rora (casa 4, aldeia Três Barracas). É a irmã mais velha de Evaldo (casa 3, aldeia Três Barracas) e de Sedsí-Sérgio (casa 2, aldeia Igarapé do Índio). Leni faleceu em 2006, vítima de feitiço *dsamacoma*.

A seguir, apresento o depoimento em vídeo de Sedsí-Sérgio Kulina⁴⁰⁷ (irmão de Leni), gravado no roçado-cemitério:

[Sedsí] Jari! Nanidsa, abicca. Ajidsape abicca huidsaja bote maittaccadsama. Aje omaho edeni (apontando para as bananas maçãs dentro da mata de capoeira), najari paje. Ajidsa ajima nahua. Anijari ajicca, ajijarope, ajijaro morro de terra jica najaro. Abicca plantacca, aja: dsahuida; ajajari naco boba, qqui! Abi planta najari! Boba, aba

⁴⁰⁷ Depoimento gravado em vídeo na região da aldeia Três Barracas em 19/08/2024 10:52
TimeVideo_20240819_105101.mp4 31,26MB 1280x720px 01:06

ssitessite huajine. Aja najari pajari, paja, napima najari ajaccadsa (apontando).

Nedsape occa assi comatedsa, aje Gaviãozinho huaje quemanedsa ccani toccanipomedsa ccaniraha. Não deu certo! Nejerani ccomatani, dsamacoma. Nedsa ccanidsape, ajidsape huattiajaro. Nedsape ajehuaje ppanidsape. Ajidsa ppaidasajaro, paja maro oanajari paje. Nanidsa ccahuajaro irimao ede oanade. Nanidsa Amohua nahuidsajajissa, jehe. Ajidsa limpo nedsape nani qquio nani tohui raha...Tá muito assim cerrado e não dá pra ir. Parece que há outro caminho por ali...

[Tradução]

[Sedsi] Vamos lá! Essa é uma capoeira antiga do meu pai (Tonaquina) Todos esses pés de banana maçã que estão nessa mata de capoeira são plantações do meu pai. É uma capoeira grande que se estende por tudo isso aqui. Por todo esse morro, a parte baixa e a alta. São plantações de meu pai as pupunheiras e o flechal. Olha para as plantações de meu pai! Meu pai plantava flecha para gente pescar. A plantação do meu pai é enorme (apontando).

Minha irmã mais velha estava doente e foi até a aldeia Gaviãozinho se tratar com os pajés. Eles estavam voltando com a Leni porque ela melhorou. Mas não deu certo! Na viagem de volta ela passou mal, piorou e morreu aqui. Era tempo do inverno, estava cheio o igarapé. Então sepultaram ela aqui, perto desse pé de buriti⁴⁰⁸. Leni está ali, perto também tem um pé de limão. É verdade o que eu estou falando. Eu queira ir embaixo da palmeira de buriti, mas não está limpo. Tá muito assim, cerrado, e não dá para ir. Parece que há outro caminho por ali...

⁴⁰⁸ Perguntamos aos Kulina sobre a existência de uma palmeira de buriti no alto da terra firme. Eles informaram que ali é também caminho para o buritizal-chavascal. Então, às vezes, vão colher buriti e voltam comendo e jogando as sementes pela floresta. Dessa forma, algum caroço acabou germinando.



Foto nº 56: roçado e cemitério onde está sepultada Leni.
Região igarapé Três Barracas: 19/08/2024 (Genoveva)

11.2.3 Aldeias antigas na região do igarapé Três Barracas

Esse grupo de parentes – que habita atualmente a margem direita do igarapé Três Barracas – mantém a tradicionalidade de habitação na região do lago Veneza. Como constatado, a ocupação dessa terra tradicional remete à época do avô Omaco-Chico Cidade (1962-1976; Soares; Mochiizawa, 1997). Assim, as famílias “vivem só rodando” em determinada área, isto é, mudando as aldeias de local de acordo com interesses pessoais e socioculturais. Isso impossibilita traçarmos uma linha cronológica de habitação desses lugares. As histórias são marcadas e revividas através das espécies cultivadas, e pelos nascimentos e sepultamentos. Nesse sentido, a antiga aldeia onde morou Equene-Rosineide (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Três Barracas) com sua ex-mulher (o casal separou-se, e ela agora mora na cidade de Eirunepé). Ainda foi possível vermos bananeiras e cupuaçuzeiros.

Na mesma região, está a antiga aldeia de Evaldo, onde registramos os esteios das casas (ver mapa: Local de relevância simbólica na aldeia Três Barracas). Evaldo informou que moraram no local por aproximadamente três anos. Depois, mudaram-se para onde se encontram atualmente. Isso teria acontecido há cerca de quatro anos (“quatro verões”).

Habitaram o lugar as famílias de Evaldo, Azuhani e Equene-Rosineide. Perguntamos por que resolveram sair, e eles responderam que se deslocaram para as margens do igarapé Três Barracas devido ao melhor acesso ao lago Veneza.

Para finalizar, na região do igarapé Três Barracas, estão sepultados:

- Equene Velho no lago Veneza: avô paterno de Luzia (casa 3, aldeia Três Barracas) e de Equene-Rosineide (casa 5, aldeia Três Barracas). Faleceu por volta de 1993.
- Leni, no roçado-cemitério de Tonaiquina: ela era filha de Rora (casa 4, aldeia Três Barracas) e irmã de Evaldo (casa 3, aldeia Três Barracas) e de Sedsí-Sérgio (casa 2, aldeia Igarapé do Índio), e faleceu por volta de 2006.

11.3 Locais de relevância simbólica na região do Igarapé do Índio

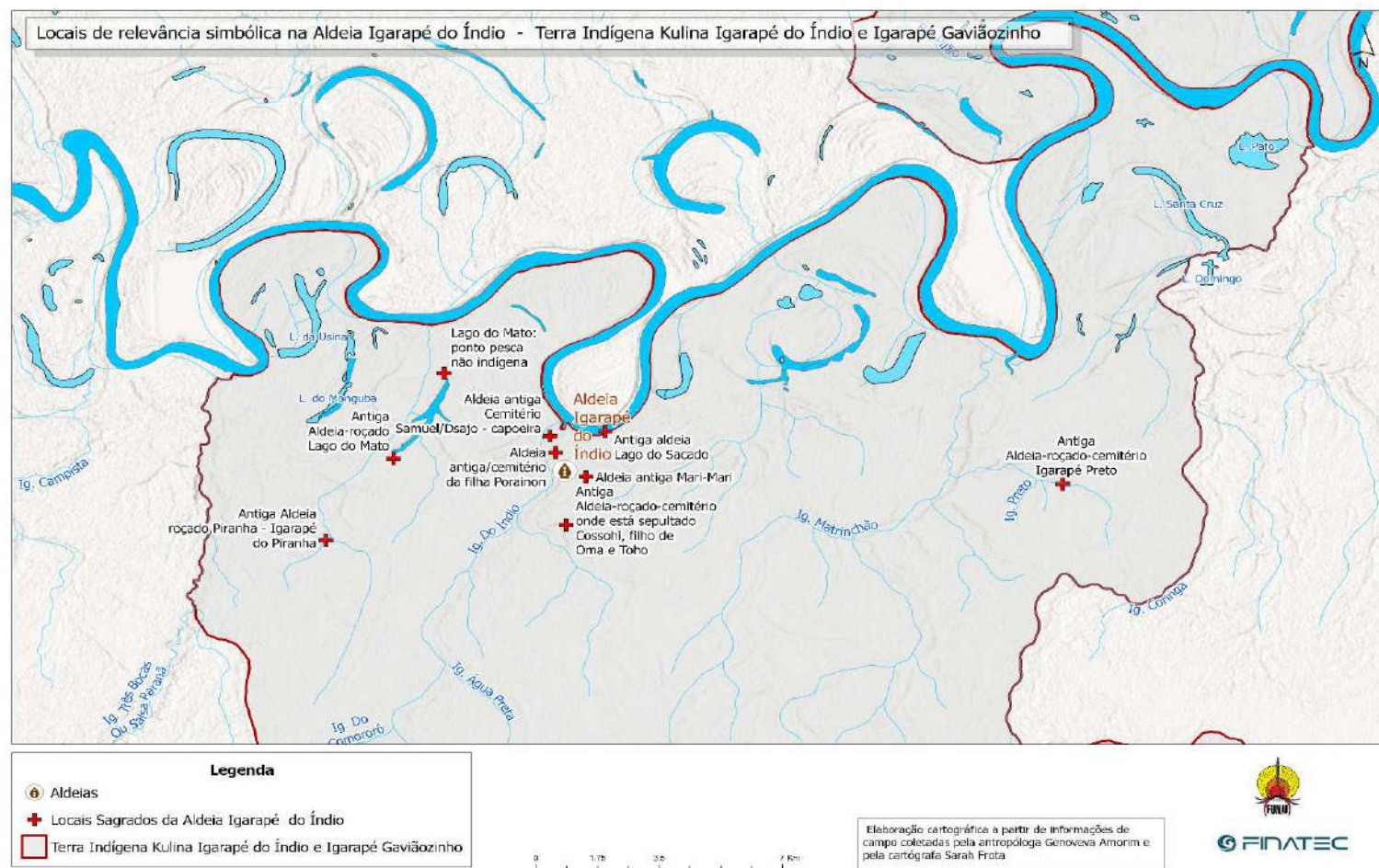


Figura nº 26: Mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio (Frota, 2025)

11.3.1 A habitação permanente na terra tradicional do Igarapé do Índio a partir da história de vida da anciã Toho Kulina

Apresento, a seguir, o depoimento da anciã Toho, no qual consta a lembrança da aldeia mais antiga da região do Igarapé do Índio. Ela assegura que nasceu e cresceu na aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado seu filho Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Entretanto, a habitação permanente nessa terra tradicional é bem anterior, pois Toho afirma que nasceram no local, também, a bisavó paterna Suzana, por volta de 1883; a mãe Deque, nascida em 23 de outubro de 1939 (conferido também em Amorim, 2023, p. 304, 425); e a tia materna Simahi, nascida em 11 de fevereiro de 1947⁴⁰⁹. Ela, Toho, nascida em 4 de abril de 1964 estava morando no território em 1988 e continua morando nos dias atuais. Conforme depoimento apresentado anteriormente⁴¹⁰, Toho aponta que moravam, nessa aldeia, Dsajo-Samuel com os filhos Ado, Aquido, Obo⁴¹¹, Deque (mãe de Toho) e Nanija (avó de Aimore, casa 1, aldeia Igarapé do Índio). Moravam, também, os primos-cunhados: Joji-Jurandir (irmão de Oma), Manoel (sobrinho de Dsajo-Samuel, irmão de Siteri-Madalena) e Caido (pai de Cossaro-Pedro, sobrinho de Dsajo-Samuel).

Quando Toho tinha cerca de cinco anos, seu tio Ado convidou todos para mudarem as casas para uma área mais próxima ao cano do Lago do Mato. Foi nessa aldeia-roçado-cemitério que faleceu o vovô Dsajo-Samuel, e onde foi sepultado (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Ela tinha cerca de 10 anos, e lembra do dia de falecimento do “vovô velhinho”. Na época em que habitavam na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel, o primo pajé Issanahua-Severo⁴¹² morava na aldeia no Lago do Sacado, próximo ao local onde está sepultado Jaho-Raul (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). E foi para esse local que se mudou a família de Toho quando ela era adolescente.

⁴⁰⁹ Data de nascimento consta na carteira de identidade da anciã Simahi Madija Kulina.

⁴¹⁰ Depoimento citado anteriormente. Gravado em vídeo em 10/08/2024 12:41 VID_20240810_123752.mp4 03:20

⁴¹¹ Pajé assassinado na aldeia Igarapé Preto (região do Igarapé do Índio).

⁴¹² Issanahua-Severo era pajé. Tinha relações de parentesco com os Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho por via materna com o pessoal de Omaco-chico Cidade (a mãe do Issanahua-Severo e do Nodia-Severino era prima de Acora-Edmundo). Por outro lado, por via paterna, tinha relações com o pessoal de Dsajo-Samuel (Pedro Cossaro Velho era tio paterno de Severo e Severino).

Depoimento da anciã Toho Kulina⁴¹³:

[Toho] Accodsa, abi anidsa, ossonajaro. Nanidsa ossonajaro. Nanidsa onapijaro abi anidsa. Abi anidsa nahuidsa onapijaro. Ajjarodsa najarodsape (indicando para o tamanho da neta Maria José) manacope ajehuaje qquio najaro, nanidsa madi. Manaco ajehuaje (aldeia-roçado-cemitério Dsajo-Samuel). Maqqui ccajijaro ajicadsa idi Matocca aldeiadsa (apontando para a aldeia onde o Dsajo está sepultado próximo ao cano do Lago do Mato) aldeiadsa. Abi anidsa.

[Tradução]

[Toho] Eu nasci e me criei na aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi. Quando eu nasci meu pai ainda estava vivo. Eu tinha a mesma idade (tamanho) da minha neta Maria José (cinco anos) quando mudamos para a aldeia onde está sepultado meu avô Dsajo-Samuel, próximo ao cano do Lado do Mato. Quando eu casei meu pai ainda estava vivo. Eu casei na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel.

Estavam morando às margens do Lago do Sacado quando ocorreu o conflito entre Misaini (pai de Toho) e não indígenas, por causa de um roçado de macaxeira. A situação se agravou, e a família fugiu, descendo o rio Juruá (conforme depoimento já apresentado). Ao chegarem no igarapé Flechal, resolveram construir aldeia (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). Trabalharam e fizeram roçados no local até o falecimento da prima Teresinha (filha de Ado), vítima de feitiço *dori* (Teresinha está sepultada na aldeia-roçado-cemitério Santa Luzia, ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Gaviãozinho). Foi então que o tio Ado convenceu Misaini (pai de Toho) a viajar para a região do Baixo Juruá, onde moraram por alguns anos na TI Ueré.

No entanto, anos depois, a família de Toho voltou para o Igarapé do Índio para morar na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel, próximo ao cano do Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). No retorno, Toho conheceu e se casou com Oma. Seu pai, Misaini, ainda estava vivo. Toho lembra que, na época, sua tia materna Simahi já estava casada com Acora-Edmundo e morava na aldeia Gaviãozinho. Toho afirma, ainda, que sua filha Ridoma nasceu em 20 de julho de 1980 (conferir também Amorim, 2023, p. 203, 442), no Igarapé do Índio, nas margens do Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), quando

⁴¹³ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:34 VID_20240810_123333.mp4 122MB 1920x100px 00:47

a família estava trabalhando na extração de seringa e morava na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel.

Depoimento da anciã Toho Kulina⁴¹⁴, gravado em vídeo em 10 de agosto de 2024, na aldeia Igarapé do Índio:

[Cossaro] Ini totossonanima naraha ajidsanani?
[Toho] Jehe, cahui, nadehua.
[Cossaro] Ajidsa tossonema najaro nade Simahico?
[Toho] Jehe. Najaro Simahi ajidsa toso najaro.
[Cossaro] Ini Deque paje?
[Toho] Ami.
[Genoveva] Aje comanedsa?
[Toho] Imenidenipe nejeconataqui? Suzana iquenacani, iquenacani nerade. Ami huahuananidse. Amicca ini. Icca ini.
[Genoveva] Manaco Deque ajidsa?
[Toho] Jehe, ami, ajidsa.
[Genoveva] Deque...
[Toho] Tossona, napi najaro ajidsa. Napinajarode.
[Genoveva] Simahi?
[Toho] Simahi naqui ajidsa nade, ami attini. Tossona, napi najaro ajidsa. Ajijaro dsamadsa (apontando para o local da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado seu filho Cossohi).
[Genoveva] Comanedsa Deque maqqi cajijaro? Ajidsa?
[Toho] Nohuerahui. Acca Kaxinahuadsa nade, ami attini. Idi nahuidsas madidsa. Nedsa abi ajacca carihuadsa madias tarabaia, tarabaia neraha. Abi, amidsa quemoranirapa, ami caje najaride.
[Genoveva] Nahuidsas tarabaia nani huajine?
[Toho] Carihuadsas tarabaia neraha.
[Genoveva] Deque imehi?
[Toho] Jehe, abi. Ia carihuadsas tarabaia najari, neraha, ami tohui quemora, quemora nadsapa, ami caji, najari nade. Jehe, nadsapa aja tojajonajari. Nadsapa, Ado: “ajadsana timadiji huabo!” najari nade.

[Tradução]
[Cossaro] A vovó nasceu aqui?
[Toho] Sim, ela nasceu aqui.
[Cossaro] Foi aqui que nasceu Simahi?
[Toho] Sim, foi aqui que nasceu Simahi.
[Cossaro] E a vovó Deque?
[Toho] Sim, minha mãe Deque também nasceu aqui.
[Genoveva] Como foi mesmo?

⁴¹⁴ Depoimento gravado em vídeo em 10/08/2024 12:44 VID_20240810_124231.mp4 257MB 1920x1080px 01:41

[Toho] A minha bisavó que tinha o nome de Suzana⁴¹⁵ nasceu aqui no Igarapé do Índio. Minha mãe me falava. A avó da minha mãe. Nossa bisavó.

[Genoveva] E Deque também nasceu aqui?

[Toho] Sim, minha mãe nasceu aqui.

[Genoveva] Deque...

[Toho] Sim, minha mãe nasceu e cresceu aqui. Passou toda infância aqui.

[Genoveva] Simahi?

[Toho] Simahi também nasceu aqui, minha mãe falou. Nasceu e cresceu aqui nessa terra (apontando para o local da aldeia-capoeira-cemitério onde está sepultado seu filho Cossohi).

[Genoveva] Onde Deque casou com Misaini? Aqui?

[Toho] Não. Eles se conheceram e casaram em terra de Kaxinawa, minha mãe me falou. Meus avós trabalhavam em um seringal. Meu pai trabalhava muito. Foi lá que eles se conheceram e casaram.

[Genoveva] Em que eles trabalhavam?

[Toho] Eles trabalhavam para não indígenas.

[Genoveva] O pai de Deque (Dsajo-Samuel) também trabalhava para os brancos?

[Toho] Quem trabalhava para os brancos era o meu pai. O meu avô (Dsajo-Samuel), pai da minha mãe, iria trabalhar, mas não deu certo. Como eles se arrancharam perto do seringal, todo dia meu pai vinha ver minha mãe. Até que eles casaram. Depois do casamento vieram todos para cá (Igarapé do Índio). Então o tio Ado falou: “cunhado, fica morando aqui conosco!” E o meu pai ficou morando aqui casado com minha mãe.

Passados alguns anos, houve outro conflito após o assassinato de Misaini (pai de Toho). Acusado pela morte do sogro, Oma, os irmãos e o pai (Cossohi) tiveram que fugir. Para isso, eles acessaram um varadouro antigo na terra firme do interflúvio Juruá-Purus, e chegaram à região de Pauini (AM), onde fizeram aldeia e moraram por alguns anos. No local, trabalharam na extração de seringa e caucho. Nessa época de exílio, nasceram os filhos⁴¹⁶: Ana, Leni-Daima (casa 4, aldeia Igarapé do Índio), Cossohi (falecido), Tone (que mora na TI Ueré) e Lucimar-Lucineide (casa 8, aldeia Igarapé do Índio). **Na região do Igarapé do Índio, havia permanecido Deque (mãe de Toho) e seus filhos.**

Contudo, anos depois, as famílias voltaram para a região do Igarapé do Índio. No retorno, Oma e seus irmãos moraram nas aldeias Mari-Mari (ver mapa: Locais de

⁴¹⁵ Como vimos anteriormente, Toho tem uma irmã de nome Suzana que também nasceu no Igarapé do Índio, mas aqui ela está se referindo a algo mais antigo: o nascimento de sua avó materna, que também se chamava Suzana. Os Kulina costumam dar o nome dos avós aos netos.

⁴¹⁶ Depoimento apresentado anteriormente. Depoimento gravado em vídeo na aldeia Igarapé do Índio em 12/08/2024 18:01 TimeVideo_20240812_175822.mp4 75,46MB 1280x720px 02:40

relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), Lago do Mato (morou Ssiqui-Chiquinho, irmão de Oma)(ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), Piranha (ver mapa) e na aldeia atual (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio)⁴¹⁷. Em Mari-Mari, nasceram: Tesadi-Irineu (casa 6, aldeia Igarapé do Índio), Roni (casa 6, aldeia Igarapé do Índio) e Sada-Sandra (mora na TI Ueré).

11.3.2 Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Cossohi, filho de Oma e Toho

Essa é a aldeia onde nasceu a bisavó Suzana (1883), Deque, Simahi e Toho (casa 6, Igarapé do Índio). Na época, os Kulina trabalhavam vendendo couro de anta e de ariranha, na extração de sorva e seringa e conseguindo lenha para vender aos barcos a vapor⁴¹⁸, que passavam no rio Juruá (*huapo*: “Chata”). Foi, também, o tempo das grandes lideranças Pedro Cossaro Velho, pajé Severo e Dsajo-Samuel.

Na antiga aldeia-roçado-cemitério Cossohi (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), estão sepultados:

- Cossohi: filho de Oma e Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), que faleceu vítima de feitiço *dori* quando a família morava na aldeia Piranha. Foi sepultado no local.
- Jabono: mãe de Nomija (casa 7, Igarapé Gaviãozinho).
- Madsia (F): jovem.
- Tiani (M): pai de Aimore (casa 1, aldeia Igarapé do Índio).

11.3.3 Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Dsajo-Samuel

⁴¹⁷ Como dito anteriormente, as famílias “vivem só rodando” em determinada área, isto é, mudando as aldeias de lugares de acordo com interesses pessoais e socioculturais. Isso impossibilita traçarmos uma linha cronológica de habitação desses lugares. As histórias dos lugares são marcadas e revividas através das espécies cultivadas, e pelos nascimentos e sepultamentos.

⁴¹⁸ Época que ainda navegavam barcos a vapor pelos rios amazônicos.



Foto nº 57: antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Dsajo. Cossaro-Pedro, Tesadi-Irineu e Sedsi-Sérgio (esquerda para direita): 15/08/2024 (Genoveva)

A antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultado Dsajo-Samuel (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio) é usada atualmente como pomar. Há diversas espécies frutíferas plantadas por Dsajo-Samuel, como café, açaí, bacaba e manga. Atualmente, os Kulina também utilizam o local para atividades de pesca (principalmente no inverno), caça e extrativismo.

Contam que, quando o avô Dsajo-Samuel faleceu, a maioria dos adultos estava em expedição no Alto Igarapé do Índio para extração de sorva. Ao retornarem para a aldeia, souberam da morte de Dsajo-Samuel e que as crianças e jovens haviam realizados os procedimentos funerários e sepultamento.

Na aldeia-roçado-cemitério próximo ao cano do Lago do Mato, estão sepultados:

- Dsajo-Samuel: o patriarca do subgrupo *dsomaji madija* (onça *madija*).
- Pipita: mãe de Porainom (casa 2, aldeia Gaviãozinho). Faleceu vítima de feitiço *dori*.
- Alzemira⁴¹⁹: tia materna de Porainom (casa 2, aldeia Gaviãozinho). Faleceu vítima de feitiço *dori*.

⁴¹⁹ Depoimento da anciã Toho Kulina. Citado anteriormente. Gravado em vídeo na aldeia Igarapé do Índio em 29/08/2024 16:26 TimeVideo_20240829_162445.mp4 40,21MB 1280x720px 01:25

- Corime-Antonio Pequeno: pai de Siteri-Madalena e avô materno de Cossaro-Pedro.
- Huedsaji: mãe de Siteri-Madalena e avó materna de Cossaro-Pedro. Huedsaji era sobrinha de Dsajo-Samuel.
- Dois rapazes irmãos de Toho e outras crianças e jovens que faleceram vítimas de uma epidemia de sarampo.
- O filho mais velho de Oma e Toho, que tinha transtornos mentais.

A seguir, apresento a transcrição e tradução dos depoimentos gravados em vídeo:

1º depoimento, da anciã Toho Kulina⁴²⁰:

[Toho] Iccahuahuidsa occarimaqui pamari cossahui. Sarampo comene dsoqqe pamahui nahui. Idi inoridsa cahua. Jehe, cahua cahua nanidsa nahui nade.

[Cossaro] Morreu o irmão dela (da Toho) dois rapazes. Morreu por causa do sarampo. Ali, onde que Samuel-Dsajo está sepultado.

[Toho] Lago de Matocca dsamade, aldeiadsa.

[Genoveva] Lago do Mato?

[Toho] Jehe. Dsoqqehui pamajaride, amicca.

[Tradução]

[Toho] Lá estão sepultados meus dois irmãos. Meus irmãos morreram vítimas de sarampo. Eles estão sepultados ao lado do vovô Dsajo-Samuel.

[Cossaro] Morreu o irmão dela (da Toho) dois rapazes. Morreu por causa do sarampo. Ali, onde que Dsajo-Samuel está sepultado.

[Toho] Na aldeia na terra firme próximo ao cano do Lago do Mato.

[Genoveva] Lago do Mato?

[Toho] Sim, morreram dois filhos da minha mãe e foram sepultados lá.

2º Depoimento, da liderança Tesadi-Irineu Kulina⁴²¹:

[Tesadi] Ajijaro paje, ididenicca café paittaram maittaccadsama. Manga ede paja (apontando).

[Genoveva] Coaje?

[Tesadi] Pajecca. Manga ede, café ajidsa. Maittaccadsama ppaittajaro ajei najaro paje (apontando com as mãos para uma área mais ampla).

[Genoveva] Comanedsa odsa?

⁴²⁰ Depoimento gravado em vídeo na aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:48 VID_20240810_124742.mp4 150MB 1920x1080px 00:58

⁴²¹ Depoimentos gravados em vídeo em 15/08/2024 9:56 TimeVideo_20240815_095551.mp4 15,19MB 1280x720px 00:32; 15/08/2024 9:56 TimeVideo_20240815_095625.mp4 6,36MB 1280x720px 00:13.

[Tesadi] Odsape ajehuaje (indicando a direção com o braço).
Denima ajecodsa. Ajijaro cotanidsa.

[...]

[Tesadi] Ididenicca huidsaja bote.

[Genoveva] Idi oni nejeco?

[Tesadi] Dsajo, nitide. Najaridenicca capoeira.

[Tradução]

[Tesadi] Essas são as árvores de café plantadas por nossos avôs. Isso foi há muito tempo. E ali estão também as mangueiras plantadas por eles (apontando).

[Genoveva] Onde estão?

[Tesadi] Está aqui. Árvores de manga e de café. Há muitos anos nossos avôs plantaram tudo isso aqui (apontando com as mãos para uma área mais ampla).

[Genoveva] E onde ficavam as casas?

[Tesadi] As casas ficavam um pouco mais para cima nessa ponta de terra firme.

[...]

[Tesadi] Essa é a capoeira antiga dos nossos avôs.

[Genoveva] Qual o nome do avô?

[Tesadi] Capoeira do vovô Dsajo-Samuel e dos outros que trabalhavam e moravam com ele.

3º Depoimento, da liderança Sedsi-Sérgio Kulina⁴²²:

[Sedsi] Mangacca huima. Amohua, ajidsa paja. Taide ppaidsema napojari manga, ajadsa ppai najari. Pajajari, ajari, manga rosa. Ajijaro huidsaja idi Dsajodenicca huidsaja. Idi Dsajo na huidsaja jinede. Jicajerahui plantação nerahui, jidapanape jicahui. Café edeni naqui bicatani neraha, jidapanape jicajaro cacahua nani. Jidapanape maraca edeni, dsani, jahuadsora, odsa cahua najari. Maittaccadsama ididenicca huidsaja ajijaroque mottarani, najaro jine ajari ppappai toque najari. Jicani, najaro paje.

[...]

[Sedsi] Ajijaro paje passo sanajaodsa cacimba nahuato huitta huaje toratedsa. Banco capodsippa, passo dsedse huajine. Japionani huajine aji ajecca bijinicca naneje najodeja nade. Ajidsape porto. Aji quedsipajaroque jahui, ajidsa tedsippa najaro nade.

[Genoveva] Ajidsape dseinani huajine. Comanedsa japi japi huajine?

[Sedsi] Japi japipe aicco aje cca. Ajicco bijinicca.

[Genoveva] Bijini onihi?

[Sedsi] Jehe, aicca jidacajari bijini.

[Genoveva] Ini Ppajani?

[Sedsi] Noerani. Jidacajaro Lago de Matocca issoni. Ajijaroque, limpope dsedse huajine. Ajicca icca japi japi huajine najaro.

⁴²² Depoimentos gravados em vídeo em 15/08/2024 10:00 TimeVideo_20240815_095953.mp4 21,55MB 1280x720px 00:45; 15/08/2024 10:15 TimeVideo_20240815_101417.mp4 26,11MB 1280x720px 00:55.

Temittareni? Ajijaro paje porto. Aje huaje odsa (aponta para cima) pajidsape. Odsa paje ccanijaro. Dsama paje issotajaro. Jahuadsara edeni, maraca ede nani. Jina! Nani qquionana?

[Tradução]

[Sedsi] Eu vou falar sobre as mangueiras. Amohua-Genoveva, aqui está a mangueira (apontando para a árvore de manga). Primeiro plantaram as mangueiras aqui. E ali plantaram manga rosa. Essa capoeira antiga é do pessoal do nosso avô Dsajo-Samuel. O vovô Dsajo-Samuel possuía grandes roçados. Eles cultivavam muitas plantas aqui, mas muitas já morreram. Havia muito mais pés de cafês. Eles eram bem cuidados e bonitos, mas agora estão morrendo. Restam poucos pés de café. Entretanto, as plantações mais bonitas são as palmeiras de açai, paxiúba (para assoalho das casas), bacaba e de palha oricuri (para telhado das casas). Aqui era o roçado grande do tempo dos nossos avôs. Tudo isso aqui foram eles que plantaram. Era isso que eu queria falar.

[...]

[Sedsi] Nessa fonte mais próxima do porto da aldeia havia uma cacimba e sua de água era destinada ao consumo humano⁴²³ (água de beber). Um pouco mais longe, descendo o igarapé, ficava o local destinado a lavar roupa, louça, e banho.

[Genoveva] Então esse era o lugar de pegar água para beber. E onde ficava o local de tomar banho?

[Sedsi] Tomavam banho naquele outro igarapé.

[Genoveva] Outro igarapé?

[Sedsi] Sim, aquele igarapé que te mostrei ainda a pouco.

[Genoveva] Eles tomavam banho no igarapé Ini Ppajani?

[Sedsi] Não. Eles tomavam banho naquele outro igarapé que eu falei, no cano do Lago do Mato. Nesse igarapé de água mais limpa eles pegavam água para beber. Agora você entendeu? Aqui era o porto da aldeia. Lá para cima ficava a aldeia, as casas (aponta para cima). As pessoas vinham da aldeia por esse caminho até esse porto. Essa é uma ponta de terra firme que fica sempre seca (ou que não alaga). Ainda estão aqui as palmeiras de bacaba e de açai. Vamos lá para eu mostrar para você?

4º Depoimento, da liderança e tradutor Cossaro-Pedro⁴²⁴:

[Cossaro] O Dsajo morreu aqui. O pessoal foi cortar sorva lá para o Igarapé do Índio. Aí ficaram só os meninos, um bocado dos meninos. Aí quando o pessoal chegou lá do Igarapé do Índio, quando eles chegaram aqui, na aldeia deles, os meninos só chorando. Os meninos, assim tudo grande e pequenos. Aí: “*idi dsoqquehui*”. Nosso avô morreu e nós o enterramos ali. Lá, acolá. Aí foram pra lá e tava tudo enterrado, o velho.

⁴²³ Cavaram um buraco e colocaram uma tábua para tirar água para beber, utilizando uma vasilha.

⁴²⁴ Depoimento gravado em vídeo em 15/08/2024 10:21 TimeVideo_20240815_101905.mp4 63,03MB 1280x720px 02:14

[Marilena] Você estava aqui quando ele morreu ou foi antes?
 [Cossaro] Não. Foi antes.
 [Marilena] Antes de você nascer.
 [Cossaro] É. Aí porque eu conto assim porque a mamãe contava pra mim tudinho. Ela repassou pra mim: “*huattihuattionana*”.
 [Marilena] Mas sua mãe estava aqui?
 [Cossaro] Estava ali (apontou para local da casa). Eu estava pequeno quando fomos embora daqui. Madija foram passear e voltaram pra cá, aqui. Minha avó também Huessaji morreu aqui. Agora que eu lembrei. Pra lá, mesmo encostada, perto do Dsajo. Minha avó Huessaji, sepultaram aqui, enterraram. Minha avó e meu avô aqui, Antonio Pequeno, Antonio Kulina. Na língua de Madija-Kulina o pessoal chama Corime. Enterraram os dois aqui, meu avô e minha avó.

11.3.4 Antiga aldeia-roçado-cemitério Igarapé Preto

A antiga aldeia-roçado-cemitério Igarapé Preto (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio) é terra tradicional de domínio coletivo – isto é, no local, morou Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) quando ainda era jovem, no tempo de seu pai Cossohi. A família habitou o local por cinco anos, e possuía casa e roçados (como citado anteriormente). No mesmo lugar, morou também o pajé Obo Kulina (conhecido também como Antonio Samuel), filho de Dsajo-Samuel, onde faleceu vítima de homicídio.

Atualmente, a região do Igarapé Preto e Igarapé Matrinxã, além de possuir relevância afetiva e simbólica, representa uma área de uso para atividades produtivas de pesca, caça e coleta-extrativismo. O Furo Preto conecta a aldeia Igarapé do Índio ao buritizal, localizado nessa terra tradicional.

Depoimento da anciã Nomija Kulina⁴²⁵ (casa 7, aldeia Gaviãozinho):

[Genoveva] Dsama oni nejeco?
 [Nomija] Terra Alta.
 [Genoveva] Nejeco neborajaro?
 [Nomija] Noerani ajadsa Tomahua. Primeiro morreu menino dele: ah! Vou matar pajé. Nedsapa toccajari pacca igarapé Pretodsa, Obo madijari. Porainom imecote. Aquido, neraha ajadsa toccajari.
 [Nomija] Nedsape dsajadsaja tajari Igarapé do Índio baco toque najari paje. Furo Preto nani varadourodsa.
 [Genoveva] Nejeco varadourodsa?
 [Nomija] Varadouro nani Igarapé Pretodsa toccanipe Igarapé do Indiodsade. Nanicca naqui mamore jicajerani.

⁴²⁵ Parte desse vídeo é também usado quando descrevi a aldeia Terra Alta na região do Gaviãozinho. Depoimento gravado em vídeo em 24/08/2024 10:13 TimeVideo_20240824_100914.mp4 127MB 1280x720px 04:29.

[Tradução]

Genoveva] Qual o nome da aldeia?

[Nomija] Terra Alta.

[Genoveva] Por que deixaram de morar lá?

[Nomija] Saímos de lá porque morreu o filho do Tomahua de feitiço (saíram da aldeia Terra Alta). Primeiro morreu menino dele e ele falou: “ah! Vou matar pajé”. Então ele foi até a aldeia Igarapé Preto onde morava o pajé Obo (filho de Dsajo-Samuel). Ele era parente do Porainom. Aquido não estava lá.

[Nomija] Os parentes de Obo fugiram para o Igarapé do Índio pelo varadouro Furo Preto.

[Genoveva] Que varadouro é esse?

[Nomija] É um varadouro que pega no Igarapé Preto e segue até chegar na aldeia no Igarapé do Índio. Lá também é como aqui, tem muito matrinxã.



Foto nº 58: Nomija Kulina, anciã e liderança. Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Como apresentado anteriormente, a morte do pajé Obo Kulina (Antonio Samuel) é um marco nas relações entre o subgrupo *dsomaji madija* (onça *madija*), de Dsajo-Samuel, e o subgrupo *biro madija* (tucano araçarí *madija*), de Omaco-Chico Cidade. Tivemos acesso à versão desse episódio contada por Iraci Kulina na Segunda Parte desse relatório. Retomo, agora, um breve resumo.

Os Kulina abandonaram a aldeia Terra Alta depois do falecimento de Narciso, vítima de feitiço *dori* e filho de Tomahua e Huamo (filha de Omaco-Chico Cidade). Após a morte do filho, Tomahua ficou muito triste e resolveu ir atrás do pajé responsável pelo feitiço mortal. Então, ele remou até a aldeia Igarapé Preto, onde morava o pajé Obo (filho de Dsajo-Samuel). Contam que, um dia, no fim da tarde, quando Obo chegou do trabalho, encontrou Tomahua em sua casa. Tomahua pediu para pernoitar no local. Ao anoitecer, todos foram dormir. No meio da noite, surtiu um conflito e todos saíram correndo. Obo foi atingido por um tiro de espingarda e faleceu. As mulheres acordaram apavoradas e fugiram até a aldeia Igarapé do Índio, através do varadouro do Furo Preto que conecta a aldeia do Igarapé Preto à aldeia Igarapé do Índio.

Quando tudo isso aconteceu, Nomija era jovem e ainda não tinha se casado. Ela morava com os pais Jabono (F) e Siara (M) na aldeia Terra Alta. Eles criavam porcos e tinham roçados. Eram muitas casas. Tomahua voltou, contou sobre a morte de Obo e alertou a todos que seus parentes ameaçaram vingar a morte. Todos prepararam suas mudanças às pressas. Nomija conta como foi difícil capturar os porcos para levá-los. Eles fugiram acessando o varadouro do lago do São Longuinho, deixando para trás suas plantações.

11.3.5 Antiga aldeia-roçado-cemitério Lago do Sacado

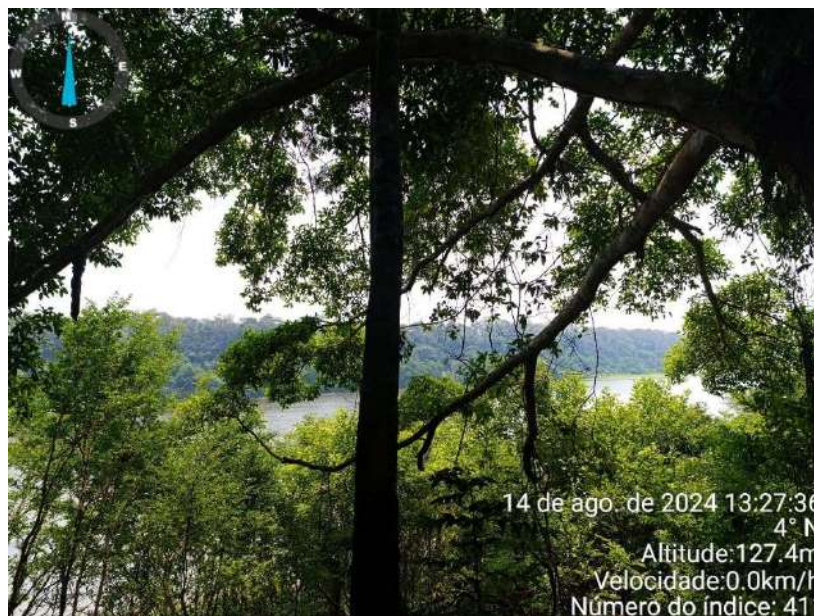


Foto nº 59: mapeamento Lago do Sacado: aldeia-roçado-cemitério.
Região Igarapé do Índio: 14/08/2024 (Genoveva)

Contam que, antigamente, na região do Lago do Sacado, foi assassinado o pajé Huaibori. Foi a partir daí que o lugar passou a adquirir sua extraordinária relevância simbólica, pois narra-se o surgimento de aparições do boto *tocorime* do pajé. O boto mora no Lago do Sacado, na foz do Igarapé do Índio. Lá ele habita inverno e verão. Se uma pessoa fizer fogo à noite e esperar, o *tocorime* boto de Huaibori aparece para conversar, boiando e assobiando, chamando-a – mas só os pajés sabem e conseguem conversar com ele. Qualquer outra pessoa que interaja com o *tocorime* boto poderá adoecer e morrer.

Muitos anos depois, Adílio, irmão de Lourdes (casa 2, aldeia Igarapé do Índio), também foi assassinado e enterrado próximo à sepultura de Huaibori (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Também no Lago do Sacado, desapareceu Copiro. Ele era pajé e morreu afogado. Desapareceu na ponta da terra firme (no Lago do Sacado) e não acharam o corpo. Isso foi há muito tempo, quando os Kulina moravam na aldeia onde está sepultado Dsajo-Samuel.

Como relatado anteriormente, na antiga aldeia-roçado-cemitério Lago do Sacado, morou o pajé Issanahua-Severo⁴²⁶ e a família de Toho quando ela era adolescente⁴²⁷. De acordo com Toho, a aldeia estava localizada próximo ao local onde está sepultado o pajé Jaho-Raul, junto a Dona, um próximo ao outro. Jaho-Raul foi assassinado com arma branca (faca), e Dona morreu vítima de feitiço *dori*. Eles estão sepultados em uma ponta de restinga que não alaga (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Aro-Aroldo, pai de Midsori (casa 8, aldeia Igarapé do Índio) e de Dsaho-Angélica (casa 5, aldeia Gaviãozinho) também foi assassinado e sepultado no Lago do Sacado. O local de seu sepultamento é um pouco mais afastado dos outros (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio).

Estão sepultados na aldeia-roçado-cemitério Lago do Sacado:

- Huaibori: pajé muito antigo, vítima de homicídio. Assassinado quando Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) tinha cerca de quatro anos, por volta de 1965 (a mãe Deque contou para Toho).

⁴²⁶ Severo era primo de Toho e morou no local na época em que a maioria dos Kulina moravam na aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel.

⁴²⁷ De lá, a família de Toho mudou-se para a aldeia Flechal, fugindo de um conflito com não indígenas.

- Copiro: pajé, morreu afogado. Desapareceu na ponta da terra firme (no Lago do Sacado) e não acharam o corpo. Faleceu há muito tempo.
- Aro-Aroldo: pai biológico de Midsori (casa 8, aldeia Igarapé do Índio) e de Dsaho-Angélica (casa 5, aldeia Gaviãozinho). Vítima de homicídio.
- Adílio: irmão de Lourdes (casa 2, aldeia Igarapé do Índio). Vítima de homicídio.
- Jaho-Raul: pajé, filho de não indígena com Mariquinha (irmã de Oma, casa 5, aldeia Igarapé do Índio). Vítima de homicídio.
- Dona: faleceu quando era jovem, vítima de feitiço *dori*. Era filha do Ssiqui-Chiquinho (casa 7, aldeia Gaviãozinho) e sobrinha de Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio).

A seguir, apresento os depoimentos das lideranças Sedsi-Sérgio e Tesadi-Irineu sobre as mortes e sepultamentos no Lago do Sacado:

1º Depoimento, da liderança Sedsi-Sérgio Kulina⁴²⁸:

[Sedsi] Ajeccadsa, ajadsa Dona, Jaho quenahui, nahuidsa.

[Genoveva] Ajidsa ppainajaro?

[Sedsi] Jehe. Ajidsa ppainajari.

[Tradução]

[Sedsi] É aqui para onde eu estou apontando que estão sepultados Dona e Jaho-Raul.

[Genoveva] É aqui que eles estão sepultados?

[Sedsi] Sim, foi aqui que sepultamos eles.

2º Depoimento, da liderança Tesadi-Irineu⁴²⁹

[Genoveva] Ajijaro Arocca dsama.

[Tesadi] Jehe. Pajadsa, ppatodsajari, Aro. Ojari, ajadsa.

[Tradução]

[Genoveva] Esta é a terra do Aro, o local onde ele foi sepultado.

[Tesadi] Sim. É aqui que está sepultado o Aro. Ele está aqui sozinho, um pouco distante dos outros.

⁴²⁸ Depoimento gravado em vídeo em 14/08/2024 10:38 TimeVideo_20240814_103808.mp4 4,96MB 1280x720px 00:10

⁴²⁹ Depoimento gravado em vídeo em 14/08/2024 10:46 TimeVideo_20240814_104548.mp4 7,87MB 1280x720px 00:16

11.3.6 Antiga aldeia-roçado Lago do Mato

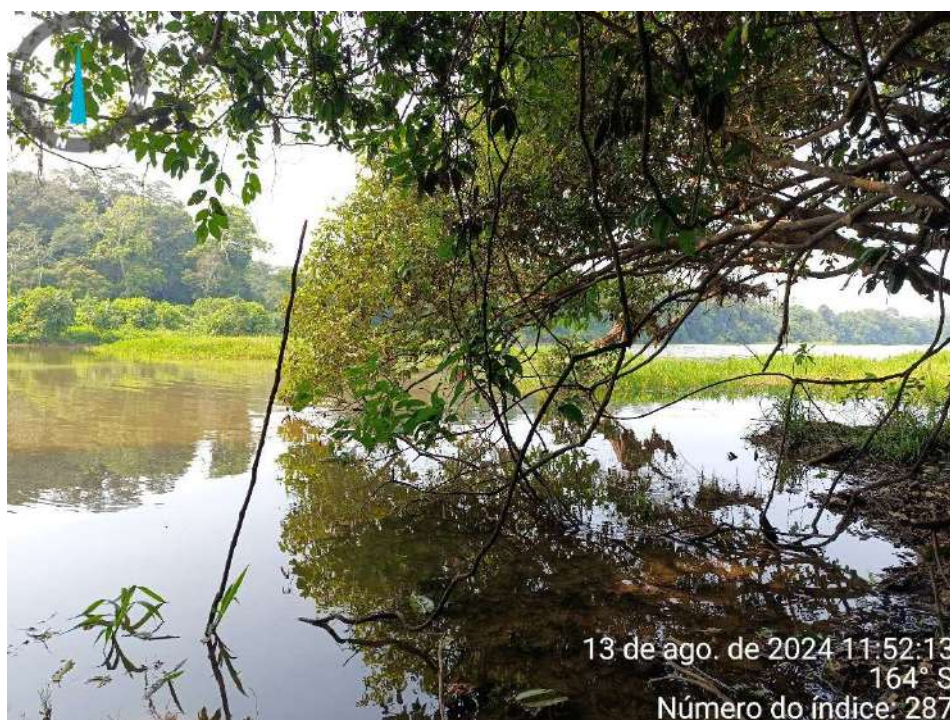


Foto nº 60: Lago do Mato. Região do Igarapé do Índio: 13/08/2024

Na antiga aldeia Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), morava Ssiqui-Sopaico-Chiquinho Kulina (casa 7, aldeia Gaviãozinho). Ele é irmão de Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio). Ssiqui-Chiquinho era casado com Iraco e a família morou no local até 1998, onde possuíam casa e roçado. Na época, Ssiqui pescava no Lago do Mato e vendia os produtos para Eduardo, um não indígena que morava na margem direita do rio Juruá, próximo à praia onde, atualmente, Oma cultiva melancias (ver mapa: Áreas com maior densidade de caça e extrativismo – trecho 1). No local da antiga aldeia de Ssiqui-Chiquinho, há uma mata alta de capoeira.

O lugar é relevante também por ser atravessado pelo furo-varadouro antigo que conecta a aldeia Igarapé do Índio ao Lago do Mato, ao igarapé Três Bocas e à cidade de Eirunepé.

O Lago do Mato é também área de uso dos Kulina que habitam a aldeia Igarapé do Índio, sendo usada para atividades de caça⁴³⁰, pesca, coleta de ovos de jacarés e tracajás e para extrativismo. Como visto, em tempos remotos (1980), nasceu no local

⁴³⁰ No dia 13 de agosto de 2024, enquanto fazíamos o mapeamento do Lago do Mato, a família de Aimore (casa 1, aldeia Igarapé do Índio) caçava na restinga. Naquele dia, eles conseguiram abater um porco caititu.

Ridoma, filha de Toho e Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio), quando a família trabalhava na extração de seringa.

Na margem direita do rio Juruá, há outro varadouro que dá acesso ao Lago do Mato (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Esse varadouro é utilizado por não indígenas para extração ilegal dos recursos da TI (principalmente para caça e pesca).

11.3.7 Antiga aldeia-roçado-cemitério onde está sepultada Deji, filha de Porainom

No varadouro que conecta a atual aldeia Igarapé do Índio à aldeia-roçado-cemitério de Dsajo-Samuel, existe outra aldeia antiga (ponto de moradia de Dsajo-Samuel) onde está sepultada Deji (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio). Ela era filha de Porainom e faleceu vítima de feitiço *dori*.

Depoimento da liderança Sedsí-Sérgio Kulina⁴³¹:

[Sedsí] Jehe, Amohua, ajidsa dsohuato dsoqqejaro Porainom bedeni. Aicca Gaviãozinho lago comatedsa cajonemana. Ajidsa johua najaro, dsoqqedsape ajidsa ppaique najaro. Najaro ajijaro paje nocconi birini aje, qqui aje. Ajidsape ppatodsajaro ponira ojari nani. Jicani paje huima.

[Tradução]

[Sedsí] Sim, Amohua-Genoveva, aqui faleceu a filha moça do Porainom. Ela adoeceu lá no lago do Gaviãozinho (lago Veneza) e a trouxeram doente para cá. Aqui ela piorou muito. Então ela faleceu e sepultaram aqui. Foi aqui nesse local que sepultaram. Bem aqui nesse centro onde está limpo. Ela está sepultada sozinha aqui. E foi assim que aconteceu.

11.3.8 Antiga aldeia-roçado Mari-Mari

A antiga aldeia Mari-Mari (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio), era o local onde morava Oma (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) e seu irmão Ssiqui-Chiquinho (casa 7, aldeia Gaviãozinho) quando Barreto, antropólogo da Funai, fez pesquisa de campo em 2002.

Como apresentado na Introdução deste relatório, a pesquisa de Barreto é fonte de informações do “Dossiê Reinvidicações de Aldeias em Itamarati-AM (ID 171)

⁴³¹ Depoimento gravado em vídeo em 15/08/2024 9:30 TimeVideo_20240814_092954.mp4 15,89MB 1280x720px 00:33

(1250209) (acessado por meio do SEI-FUNAI-08620.00483-2019-51). Em 2002, a aldeia Mari-Mari possuía 26 moradores, que habitavam sete casas constituídas por seis famílias. Quem recebeu o antropólogo foi Aroldo Kulina. Aro-Aroldo estava casado com Lucimar-Lucineide (casa 8, aldeia Igarapé do Índio) e trabalhava como agente de saúde. Ele conduziu Barreto até a casa de Ssiqui-Chiquinho. Oma, cacique da aldeia, estava visitando parentes na aldeia Santa Rita no igarapé Três Bocas (Barreto, 2002, p. 21-22).

Os Kulina afirmam que estavam no local desde o final dos anos 1990 e início do ano 2000, pois, durante a implantação do DSEI-MRSA, foi distribuído radiofonia para as aldeias. Assim, deram o nome do lugar de Mari-Mari, para se identificar no serviço de rádio ao interagir com as outras aldeias e com a equipe de saúde.

Relembro que, na aldeia Mari-Mari, nasceram⁴³²: Roni (casa 6, aldeia Igarapé do Índio), em 5 de março de 1993; Sada-Sandra (mora na TI Ueré), em 1º de janeiro de 1995; e Tesadi-Irineu (casa 6, aldeia Igarapé do Índio) em 5 de maio de 1997.

Atualmente, o antigo roçado e aldeia tornou-se um grande pomar, onde as pessoas se dirigem para coletar frutas, pescar e caçar.

11.3.9 Antiga aldeia-roçado Piranha



Foto nº 61: porto antiga aldeia-roçado Piranha. Região Igarapé do Índio: 11/08/2024 (Genoveva)

⁴³² Depoimento gravado em vídeo em 12/08/2024 18:01 TimeVideo_20240812_175822.mp4 75,46MB 1280x720px 02:40. Apresentado anteriormente.

A antiga aldeia está localizada no Igarapé do Piranha (ver mapa: Locais de relevância simbólica na aldeia Igarapé do Índio) e foi a penúltima aldeia na qual o grupo de Oma morou. Ainda é possível encontrar muitas plantas frutíferas, como pupunha, buriti, açaí, manga, abacaxi, cupuaçu, limão, abacate, ingá e goiaba. No local, Oma plantou uma árvore de sorva, e ressaltou a necessidade de cuidarem dela: “não deixar derrubar”. Sua ideia é ter uma árvore de sorva sempre por perto para extrair o látex para calafetar canoas. Por volta de 2008, a família de Oma já morava no local.

Na aldeia Piranha, nasceu Adriano Kulina da Silva, filho de Rivaldo-Peba e Lucimar-Lucineide, em 15 de janeiro de 2010. Os de Oma permaneceram no lugar até meados de 2016, quando se mudaram para a área onde está a aldeia atual⁴³³.

11.4 Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos *tocorime*

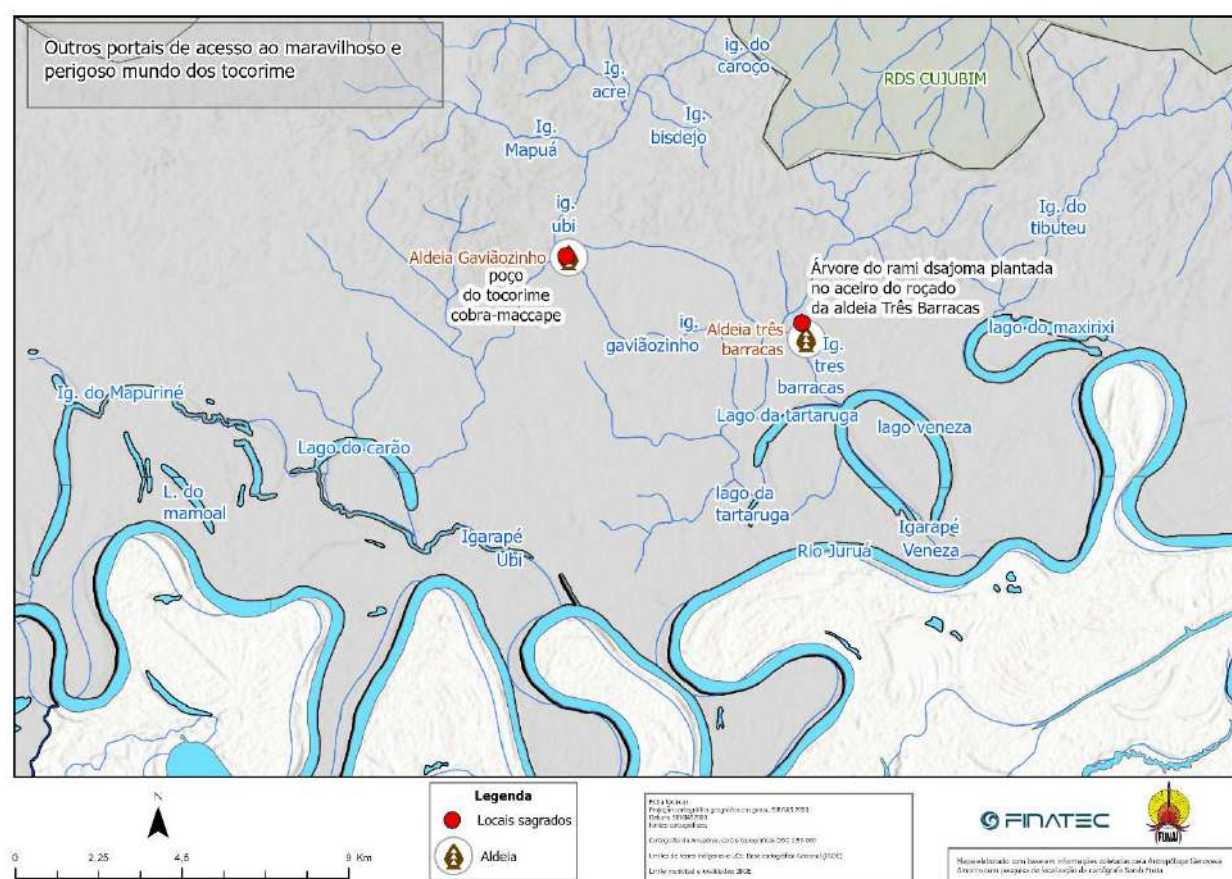


Figura nº 27: Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos *tocorime* (Frota, 2025)

⁴³³ Em 2020, a família de Rivaldo-Peba e Lucimar-Lucineide mudou-se para o rio Juruá (margem esquerda), em frente à comunidade Soriano Velho, para que os filhos frequentassem a escola.

Como citado anteriormente, há o poço do tocorime cobra-maccape (ver mapa: Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos *tocorime*) na curva do Igarapé do Gaviãozinho, localizado em frente (abaixo) da casa dos pajés Porainom e Amassa (casa 2, aldeia Gaviãozinho). Porainom conta que a *maccape* cobra sucuri é o seu *tocorime*. Ela cava e mora no grande buraco que se estende desde o igarapé até a parte debaixo de sua casa. Afirmou, também, que o poço irá secar se um dia alguém matar a cobra e os outros seres que ali habitam. O *tocorime* da cobra sucuri está relacionado ao pajé *marinahua*, ao feitiço *bebe* (feitiço relacionado ao mundo das folhas) e ao ritual do *Rami*. Participei do ritual do *Rami* na noite do dia 24 de agosto de 2024, na casa de Porainom. Como relatado anteriormente, o ritual foi realizado para promover a cura do neto Macao que sofria complicações de uma tuberculose sem o devido tratamento. Observei que, durante a execução do ritual, as pessoas desciam e iam em direção ao poço para ter visões.



Foto nº 62: pajé Porainom Kulina. Ritual do *Ajie*.
Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)

Árvore do *rami dsajoma*, plantada no aceiro do roçado da aldeia Três Barracas (ver mapa: Outros portais de acesso ao maravilhoso e perigoso mundo dos *tocorime*). Os Kulina afirmaram que foram os antigos pajés *marinahua* que plantaram: “pegaram uma muda pequena e trouxeram para cá”. Os Kulina não souberam informar o nome da árvore

em português. Usam sua casca no chá do *rami* (misturam com cipó ayahuasca: *Banisteriopsis caapi* e a chacrona: *Psychotria viridis*).



Foto nº 63: árvore do *rami dsajoma*.
Aldeia Três Barracas: 19/08/2024 (Genoveva)

Como mencionado, um aspecto curioso caracteriza o Lago do Sacado pois apresenta pontos de sepultamentos que não coincidem com antigas aldeias ou capoeiras. Arrisco afirmar que o fato relevante é explicado a partir da natureza da morte ou do morto, e seu destino *post mortem*. As pessoas sepultadas nesses locais foram assassinadas ou são antigos pajés mortos após acusações de feitiço mortal. Por outro lado, se concebermos cemitério como a zona onde sistematicamente são sepultados indivíduos, a aldeia Gaviãozinho seria, então, um grande cemitério. Isso acaba por dificultar a classificação habitual-ocidental que separa cemitérios, roçados e aldeias.

Mais uma vez, os Kulina embaralham nossas concepções de espaço e tempo, pois enquanto os humanos cantam, dançam e comem queixadas no terreiro da aldeia para se constituírem como um grupo de parentes (vale relembrar que os queixadas são os

parentes mortos transformados que subiram para o patamar terrestre), por outro, e simultaneamente, no *nami bodi*, patamar subterrâneo, são *tocorime* gente queixada que cantam, dançam e devoram as almas dos humanos-mortos, para que estas se transformem em queixada (seus parentes). De modo análogo, a parte física situada no poço e abaixo da casa dos pajés Poraimom e Amassa é local mágico de morada do mestre *tocorime* cobra sucuri (vinculado ao patamar das águas ou *passo dsamarini*).

12 DOS LIMITES E MARCOS SIMBÓLICOS FUNDAMENTAIS NA TERRA TRADICIONALMENTE OCUPADA NOS IGARAPÉS DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO

12.1 Limite oeste da TI (margem direita): igarapé Três Bocas, Lago do Mato e Manguba (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

A região do igarapé Três Bocas constitui área imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar do povo e a reprodução física e cultural (local de furos e varadouros antigos). Há um varadouro antigo que os moradores da aldeia Igarapé do Índio utilizam para facilitar a logística nas viagens até a sede do município de Eirunepé. Esse varadouro também está relacionado à relação histórica entre os Kulina e os Kanamari das aldeias Três Bocas e Santa Rita. O caminho-furo sai da aldeia Igarapé do Índio, passa pelos lagos do Mato e Manguba e sai no igarapé Três Bocas, de onde segue até o rio Juruá. Essa região localizada na margem direita do rio Juruá – Igarapé do Índio, Lagos do Mato e Sacado – são áreas de relevância simbólica e cultural (local de antigas aldeias-roçados-cemitérios), marcadas pela habitação permanente e utilização de recursos necessários para realização das atividades produtivas.

Depoimento de Tesadi-Irineu Kulina⁴³⁴, liderança da aldeia Igarapé do Índio, na abertura do *Ajie* na aldeia Gaviãozinho, em 26 de agosto de 2024:

[Tesadi-Irineu] Ohuana huationana najaro. Ohuape Igarapé do Índiocca. Ohua oni Tesa. Occajonejeraha dsopi dsopi tani jine. Tiadenidsape occana najaro. Jidapanape aje huaje Três Barracascca icca

⁴³⁴ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:55 TimeVideo_20240826_185315.mp4 53,59MB 1280x720px 01:54

ima dsape. Ajidsa ittome inahuato najaro. Ittome inahuatojaro idsamassa ssihuajape jahuijanini jine. Ajidsa huima jiquedsape reunião jicanedsape jahui jahuini jine.

Aicca Igarapé do Índiodsa naqui tobicani tohui denima. Nedsape ia tobicani tohui.

Najaro coridsadsa carihuadeni pesca quenahui dacoradsapa. Nejecomanehe jine, nedsape abidsa aba jicahui tohui onani. Mamorepe jicaponi neraha.

Aje Gaviãozinhocca jicajonani jine. Neraha jidapanape tobicani tohui najaro. Ajicca Lago de Matocca naqui tambaqui jiquejerahui. Jidapanape siberatani, jica anini, huehe jicahui. Nerahui jidapana poteratahuipa jicajerahui. Neraha danahui ijipahui jine pa. Malhadeiradsa damotahui jine najaro.

Paje coridsa Santa Cruzcca jicajerade sibore, huehe, nade najaro paje, Amohua.

[Tradução]

[Tesadi] Agora eu vou falar. Eu moro na aldeia Igarapé do Índio e meu nome é Tesa (Tesadi-Irineu). Eu vim a convite do GT para indicar os pontos importantes para demarcação: varadouros, furos e aldeias.

Nós acompanhamos os trabalhos do GT e fizemos reuniões em todas as aldeias. Eu conheci a aldeia Três Barracas. Agora estamos concluindo os trabalhos do GT. O pessoal da aldeia Gaviãozinho preparou uma festa-brincadeira como forma de encerramento. Amanhã, depois do *Ajie*, voltaremos para as nossas aldeias.

Depois da demarcação a nossa terra no Igarapé do Índio também ficará bem e protegida.

Os não indígenas pescam muito no nosso lago (Lago do Mato) e estamos preocupados pensando alguma forma de fazê-los parar. Meu pai disse que os peixes estão acabando. Percebemos como diminuiu muito os nossos matrinxãs, quase não estamos mais conseguindo pegar com caniço.

Aqui no igarapé Gaviãozinho ainda tem muito matrinxã.

Lá no Lago do Mato tinha muito tambaqui, mas agora tem poucos. Antes também tinha muitos pirarucus grandes, mas agora só tem filhotes. Nós queremos cuidar para aumentar os peixes e garantir nossa segurança alimentar. Os não indígenas acabam com nossos peixes porque eles usam muito malhadeira.

No nosso Lago da Santa Cruz tem muito tracajás e pirarucus. Era isso que eu queria falar, Amohua-Genoveva.

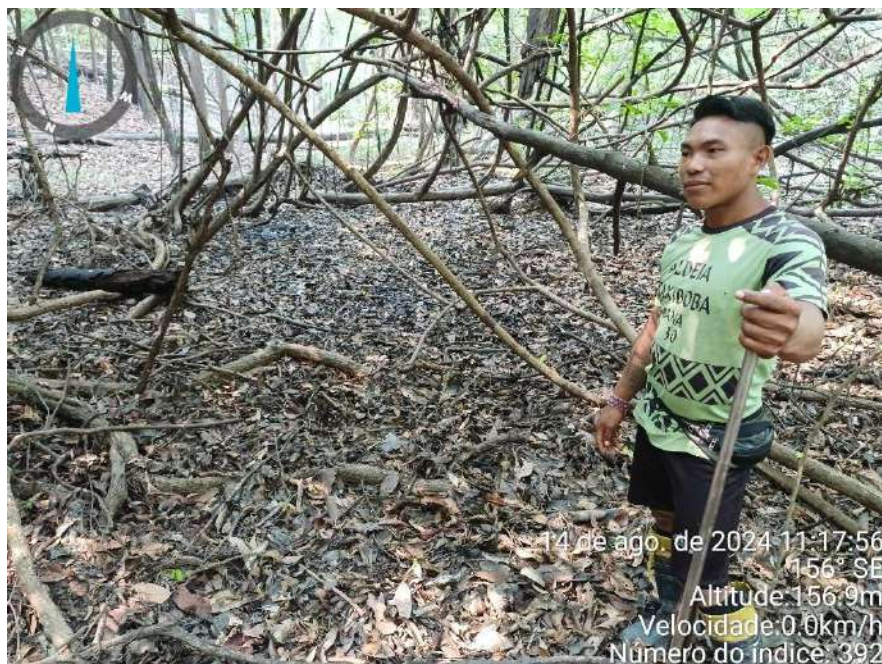


Foto nº 64: Tesadi-Irineu. Mapeamento barreiro Mopohuasira.
Região Igarapé do Índio: 14/08/2024 (Genoveva)

12.2 Limite sul da TI (margem direita): TI Kanamari do Rio Juruá/cabeceiras dos Igarapés do Índio/Preto/Matrinxã (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

Como já descrevemos, o Igarapé Preto é local de aldeia antiga e roçados. O ancião e liderança Oma Kulina (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) morou no local quando era rapaz e trabalhava na extração de seringa e de sorva. No igarapé Preto, morou também Obo Kulina (filho de Dsajo-Samuel) – pajé que foi assassinado após acusações de feitiço (depoimento já apresentado). Há um varadouro e furo (Furo Preto) conectando a aldeia Igarapé do Índio à região do Igarapé Preto e Igarapé Matrinxã. O local é aldeia antiga e também área de caça (existem barreiros), pesca (matrinxãs) e de coleta (buriti). Infelizmente, os Kulina têm ido pouco à área, haja vista os não indígenas que exploram o local. Nas cabeceiras do Igarapé do Índio/Preto/Matrinxã estão localizadas as áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar.

12.3 Limite norte da TI (margem esquerda): igarapé Pajurá (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

No igarapé Pajurá estão áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar da população e a reprodução física e cultural (local de furos e varadouros antigos). A liderança e ancião Oma-Zezinho Kulina (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) trabalhou na extração de seringa e sorva quando era rapaz. Anos depois, retornou à terra tradicional no Pajurá, no intuito de trabalhar e residir no local – mas os não indígenas não deixaram. Então, Oma resolveu morar na região do Gaviãozinho.

Depoimento do ancião e liderança Oma-Zezinho Kulina⁴³⁵:

[Genoveva] Nidsa, omittana.

[Oma] Jahuijajaro Gaviãozinho. Gaviãozinho cahua nahui Mapuádsa. Pajurá huaje jahuijajaro, jahuijajaro, jahuijajaro. Tomaittani bacco inajaro Pajurá. Occahuadija ssihuaaja batto oori najaro. Tem homem Constantino. Aí nós fomos para nós trabalhar por lá. Tarabaia nohueraha jahuijani najaro, Gaviãozinho huaje.

[Tradução]

[Genoveva] Espera, quero ouvir e gravar.

[Oma] A gente pega o caminho no Gaviãozinho e segue rumo ao Mapuá. Daí a gente caminha, caminha, caminha. No fim da tarde a gente chega no igarapé Pajurá. Então a gente dorme. No outro dia remei até a casa do homem Constantino. Aí nós fomos pedir para trabalhar por lá (extração de sorva). Mas não deram trabalho para nós. Então nós pegamos o caminho de volta para o Gaviãozinho.

Entretanto, o varadouro e o território na região do igarapé Pajurá são de domínio coletivo. Quando perguntei a Nomija Kulina⁴³⁶ (anciã, casa 7, aldeia Gaviãozinho), ela respondeu:

[Nomija] Eu conheço o igarapé Pajurá. Lá tem muito tracajá. Eu fui lá atrás do meu outro marido Mariano. Fui casada com ele antes me casar com o Dahora. Quando cheguei lá não encontrei ele. Ele estava para aldeia dos Kanamari. Mariano agora já morreu. Ele foi lá para aldeias dos Kanamari que moram na beira do rio Jutai. Mas eu não fui lá não.

Outro depoimento sobre o local foi oferecido pelo ancião e liderança Dseca Kulina⁴³⁷. Ele é neto de Omaco (por via materna) e neto de Dsajo (por via paterna), e mora na casa 5 da aldeia Gaviãozinho.

⁴³⁵ Depoimento gravado em vídeo em 12/08/2024 10:52 Timevideo_2240812_105051.mp4 34,08MB 1280x720px 01:12

⁴³⁶ Depoimento gravado em vídeo em 24/08/2024 11:16 TimeVideo_20240824_111532.mp4 40,54MB 1280x720px 01:25

⁴³⁷ Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 17:07 TimeVideo_20240820_170627.mp4 31,78MB 1280x720px 01:07

[Dseca] Gaviãozinho cotepe, ajama tocca, ajama tocca. Nadsa Biá cote, aja huaje ojari toacca nijari. Najari tohuemoooja Pajurá. Pajurá attai imeni nebo bani tiaji: toranono bedi jidsama. Sicarini tohui.

[Cossaro] Eh! Chupador. Ele disse que tem chupador grande pra esse...

[Dseca] Nedsapa Pajurá dsape bijini aje tocca jidsa Jacaré tohui, bijini maittaccadsape iquemomona.

[Cossaro] Jahui? Anicani Jacaredsa?

[Dseca] Jehe, anicade. Jidapanape ineboni. Maittadsama abi ttotto nebode. Ejedeni ohuape, tia noedijiredsa huatide.

[Genoveva] Nedsape rio Mutum qquitinani?

[Dseca] Rio Mutum huajitahui, huajitade. Pajurá ajama, ajacca, sibore oqqui, nappani huihuide nemanani.

[Tradução]

[Dseca] A gente sobe até as cabeceiras do Igarapé do Gaviãozinho até a cabeceira. Sobe muito até chegar perto das cabeceiras do rio Biá que fica do outro lado. Então você chegará ao igarapé Pajurá. No igarapé Pajurá tem um grande barreiro com muitos queixadas. O barreiro tem muita lama e rastros de animais de caça.

[Cossaro] Eh! Chupador. Ele disse que tem chupador grande pra esse...

[Dseca] Perto do igarapé Pajurá tem o igarapé de nome Jacaré. Esse igarapé nós conhecemos desde os tempos antigos. Eu ia muito pescar e caçar por lá.

[Cossaro] Tem caminho? Ainda existe o caminho para o Igarapé Jacaré?

[Dseca] Agora eu nunca mais fui lá. Fui caçar muito lá com o meu pai quando eu era menino.

[Genoveva] Você conheceu o rio Mutum?

[Dseca] O rio Mutum é longe, muito longe. Mas eu lembro que no igarapé Pajurá tem muito tracajá gordo cavando a praia para colocar ovos.



Foto nº 65: *sapoto*-paneiro tradicional Kulina. Casa Toho.
Aldeia Igarapé do Índio: 15/08/2024 (Genoveva)

12.4 Limite norte da TI (margem esquerda): rio Mutum (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

No limite norte formado pelo rio Mutum estão áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar da população e a reprodução física e cultural (local de furos e varadouros antigos). Existe um antigo varadouro afetivo-simbólico que conecta a região do Igarapé do Gaviãozinho ao rio Mutum. Ele é usado principalmente como rota para visitar parentes e participar de rituais no rio Jutai (e vice-versa). No entanto, atualmente, também é usado como acesso a pontos de caça, pesca e extrativismo. Nele, sobe-se o igarapé Gaviãozinho até encontrar “uma forquilha que é o Mapuá”. Segue-se o igarapé Mapuá até o varadouro, onde deixa-se a canoa, para seguir a pé pelo caminho na floresta até o rio Mutum.

No passado, esse varadouro foi usado na extração de seringa e sorva. Sedsi-Sérgio (casa 2, aldeia Igarapé do Índio) contou que foi o seu avô paterno Cossohi quem fez o caminho até o rio Mutum. Pelo caminho, Cossohi e Siara (pai de Nomija, casa 7, aldeia Gaviãozinho) carregavam sorva e o rancho (sal, farinha, açúcar, café, bolacha e sabão) que compravam dos patrões na comunidade Veneza (ver mapa: Não indígenas –

TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho), tudo por terra firme. Cossohi também tinha roçado no Alto Gaviãozinho.

Depoimento de Sedsi-Sérgio⁴³⁸, liderança da aldeia Igarapé do Índio.

[Sedsi] Ticca jarope aniji Mapuá ccahua nahui cote. Ticca, ticca, ticca, ticca, jahui huaje tohuedsipajaro ha Rio Mutum huaje bacco todsipani quenajari. Maittaccadsama, ohuape noejerani. Najaro ha nahuatonani.

[Tradução]

[Sedsi] Você sobe o igarapé do Gaviãozinho vai subindo até as cabeceiras do igarapé Mapuá. Lá você vai, vai, vai. Então pega um caminho até chegar no rio Mutum. Mas esse é um caminho antigo de Madija eu não fui lá, mas eu sei.

Nomija Kulina⁴³⁹ (anciã da aldeia Gaviãozinho) prestou depoimentos esclarecendo a forma de acesso ao rio Mutum e ao igarapé Pajurá. Neles, pode-se captar a relevância pessoal-afetiva e simbólica dessa terra tradicional.

[Nomija] Na cheia, no inverno é melhor para viajar, subir o rio. Não é muito longe e também dá pra ir pela terra firme. Sobe uma terra firme pequena do tamanho do roçado dos Madija. Aí tu vai vai, vai. Tem um igarapé aí tu desce no rio Mutum. Tem muito matrinxã. O matrinxã é grande, daquele do tamanho de um sardinhão. Hora dessa (8:43 horário local) tu vais pro rio Mutum e chega lá cinco horas. Não é longe não. Lá tem praia com muito tracajás desovando. No igarapé Pajurá também eles desovam muito, ficam só cavando a praia para desovar. Tem muito gavião comendo.

[Genoveva] O que você foi fazer lá?

[Nomija] Eu? Eu fui tirar leite de sorva. Pedro Alves Kulina me chamou pra ir ver esse igarapé que é perto, aí nós fomos. Eu fui lá também depois de adulta. Quando eu já estava casada com o Dahora, ele me chamou pra ir. Ele me convidou por que sabia que eu conhecia o caminho para o igarapé Pajurá. Aí nós fomos. A gente foi lá e demorou pouco. A gente também chegou no rio Mutum. Rio Mutum é grande. O rio Mutum tá pra cá (apontando para as cabeceiras do igarapé do Gaviãozinho).

Por Carauari, pelo Riozinho, é mais longe (para chegar ao rio Mutum). Você vai baixando, baixando (pelo Juruá) até chegar nos *mano madija* (macaco-cairara *madija*). Lá participamos da brincadeira com cana. Um grupo puxa a cana de um lado e o outro grupo puxa do outro

⁴³⁸ Depoimento gravado em vídeo em 18/08/2024 16:38 TimeVideo_20240818_163748.mp4 8,28MB 1280x720px 00:17

⁴³⁹ Depoimento falado partes em português e em Kulina. Transcrevi em português. Gravado em vídeo em 24/08/2024 10:43 TimeVideo_20240824_104017.mp4 81,57MB 1280x720px 02:53

lado. Para ver quem é que ganha. A terra dos *mano madija* é o Riozinho (perto do rio Biá e de Carauari).



Foto nº 66: comida tradicional Kulina: *poho teppe*-macaxeira cozida no vapor na folha da embaúba. Cozinha da Boconi. Aldeia Gaviãozinho: 22/08/2024 (Genoveva)

12.5 Limite leste e ponto de conexão da TI (margem direita): Lago Santa Cruz, igarapé Coringa e Providência (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

O limite leste (margem direita) é o local que conecta as duas partes da TI formando um corredor socioecológico. A região tem caráter imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar, e possui áreas de relevante caráter simbólico necessárias à reprodução física e cultural do povo. Os Kulina conhecem a região do igarapé Coringa antes da ponta da terra cair (“virar sacado”). A área é território de uso antigo dos Kulina. Oma relata que, quando era jovem, costumava pescar matrinxã ali, mas deixou de fazer isso depois que os não indígenas povoaram o local.

O lago Santa Cruz está localizado abaixo do igarapé Preto, mas o acesso é feito através do barranco da margem direita do rio Juruá: atravessa o lago Domingos e um pequeno igarapé (sem nome) e continua descendo até chegar ao lago. Os Kulina da aldeia

Igarapé do Índio costumam pescar no local (Tesadi-Irineu e Sarahui). No igarapé Santa Cruz, existe um paraná largo que conecta o local ao igarapé Coringa – e onde há uma expressiva presença de animais de casco.

Na terra tradicional de Providência trabalhou Tonaiquina-Raimundo, de acordo com o depoimento da liderança Sedsi-Sérgio (casa 2, aldeia Igarapé do Índio). Na época, Sedsi-Sérgio tinha cerca de oito anos:

Depoimento de Sedsi-Sérgio Kulina⁴⁴⁰:

[Sedsi-Sérgio] Dois dias, huada, huada, três dias ccani najari. Coridsa imeni anijaro ajidsa. Aje Providência acco dsama huaje.

[Genoveva] Ticca abi nanidsa tarabaia nani? Comanedsa huada sibatahui? Tiape pina ejedeni?

[Sedsi-Sérgio] Jehe. Huape pina ejedeni (indicando altura tamanho com os braços).

[Genoveva] Pina Atori?

[Sedsi-Sérgio] Jehe.

[Tradução]

[Sedsi-Sérgio] A gente passa dois a três dias caminhando desde esse ponto da margem do rio Juruá (praia da Providência) até chegar em um lago grande. E verá a terra firme da comunidade Providência

[Genoveva] O teu pai trabalhou aqui. Faz muito tempo que ele trabalhou aqui (Providência). Você era criança?

[Sedsi-Sérgio] Sim, eu era criança assim (indicando altura tamanho com os braços).

[Genoveva] Mesmo tamanho do Atori (dez anos)?

[Sedsi-Sérgio] Sim.

⁴⁴⁰ Depoimento gravado em vídeo em 17/08/2024 11:33 TimeVideo_20240817_113315.mp4
13,89MB 1280x720px 00:29



Foto nº 67: Sedsi-Sérgio. Reunião de anuência e pactuação dos limites da TI.
Aldeia Igarapé do Índio: 30/08/2024 (Genoveva)

12.6 Limite oeste e ponto de conexão da TI (margem esquerda): grande região que abrange a terra tradicional no Flechal, Santa Luzia, Mapuriné, Ubi, Pilão, Laranjal e Coatá (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

O limite oeste (margem esquerda) é o local que conecta as duas partes da TI formando um corredor socioecológico. A região tem caráter imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar, e possui áreas de relevante caráter simbólico necessárias à reprodução física e cultural do povo Kulina (local de furos/varadouros/cemitérios/aldeias antigas). Nos igarapés Pilão e Ubi, os Kulina trabalharam na extração de seringa e sorva quando moravam nas antigas aldeias Flechal e Santa Luzia (famílias de Toho, Ado, Aquido e Bedsejo). Como visto anteriormente, Flechal e Santa Luzia são áreas de relevância simbólica por serem antigos locais de sepultamento, moradia e cultivo (capoeiras).

Nessa região, há um antigo varadouro-furo⁴⁴¹ extremamente importante, haja vista que é ponto de conexão da TI. Ponto que transforma a TI em terra contínua, a partir da vinculação entre a margem esquerda e direita do rio Juruá: a região do Igarapé do Índio (margem direita: Igarapé Preto) e a região do Gaviãozinho (margem esquerda: Santa

⁴⁴¹ Esse mesmo varadouro-furo antigo dá acesso a locais de caça, pesca, agricultura e extrativismo na região dos igarapés/lagos: Coatá, Carão, Ubi, Mapuriné, Buritizal, Jurupari, Sanabi, Laranjal, Flechal e Pilão.

Luzia/Pilão). Esse varadouro-furo possui caráter afetivo-simbólico, pois é através dele que aqueles que habitam a região dos Igarapé do Índio e Gaviãozinho – desde tempos remotos – empreendem suas viagens para visitar parentes, ou para participar de grandes encontros ritualísticos.

Na época do verão, uma pessoa pode sair da aldeia Gaviãozinho e seguir a pé pela floresta até o lago Coatá. No lago, embarca em uma canoa e percorre sua extensão até alcançar o seu paraná *issoni* (ou cano do lago). Dali, consegue acessar o Lago do Carão (lago grande, localizado na margem esquerda do rio Juruá) e seguir ao encontro dos igarapés Mapuriné, Ubi e Laranjal; e dos lagos Mapuriné e Flechal. A partir do Flechal, segue novamente a pé até Santa Luzia. No entanto, no período do inverno, ao acessar o lago Mapuriné, a pessoa segue de canoa até a cabeceira do lago Mamoal, onde encontra um igarapé pequeno e um paraná. O pequeno paraná dá acesso à foz do Flechal, onde atravessa-se o lago e navega-se pelo furo do Mamoal⁴⁴² para sair no rio Juruá. Ao chegar no Santa Luzia/Pilão (margem esquerda), é necessário atravessar o rio Juruá e alcançar a foz do igarapé Preto (margem direita). Após percorrer um trecho do igarapé Preto, a pessoa acessa o furo-varadouro (Furo Preto), que culmina na aldeia Igarapé do Índio. Antigamente, toda essa logística, que inclui uso de canoa em alguns pontos de conexão, era solucionada com a confecção de jangadas feitas com troncos de palmeiras paxiubão. Através de diversos depoimentos de pessoas que habitam a TI, podemos afirmar que esse furo-varadouro é de domínio comum – pois os de Dsajo-Samuel habitaram a região do Gaviãozinho, e os de Omaco-Chico Cidade moraram na região do Igarapé do Índio. Como exemplo: os pais de Toho (casa 5, aldeia Igarapé do Índio) moraram no Flechal-Santa Luzia; e Dseca (casa 5, aldeia Gaviãozinho) morou na aldeia Igarapé do Índio. Na região localizam-se também as áreas onde estão concentradas as “atividades produtivas”, a “habitação permanente” e os “loais de relevância simbólica”: Igarapé do Gaviãozinho e Três Barracas, e o Lago Veneza (de usufruto dos habitantes da margem esquerda da TI).

Para ilustrar essa vinculação com a terra tradicional e com a mobilidade, apresento, a seguir, dois depoimentos: o primeiro, do ancião Dseca Kulina, neto de Dsajo-Samuel por via paterna e neto de Omaco-Chico Cidade por via materna; e o segundo, da

⁴⁴² O furo do Mamoal passa pelo lago Coatá e sai acima da comunidade Mamoal (margem esquerda do rio Juruá) no Santa Luzia.

anciã Nomija Kulina, bisneta de Dsajo-Samuel, filha de Siara – um dos idealizadores/mantenedores do varadouro-furo⁴⁴³.

Dseca era um grande caçador que andou muito nas terras do Gaviãozinho. Ele conhece bem a região dos igarapés Buriti, Flechal, Laranjal e Jurupari. Dseca afirma, ainda, que esses quatro igarapés têm muitos matrinxãs.

1º Depoimento, do ancião Dseca Kulina⁴⁴⁴ (casa 5, aldeia Gaviãozinho):

[Dseca] Orihuana aniji Jurandir tadsaridsa dajoni pega pega quequenade.

[Cossaro] Ja! Acco Flechalda Jurandircca dsamadsa nanidsa dajoni nebomana. Aja dsama jahui jona bacco bacco quenaniccana.

[Cossaro] Lá no...Nejeco poni? Flechal diz ele que tinha um varadouro pra cá. Madija deixa a canoa lá no Flechal. Aí ele vem pra cá a pé. Aí chega aqui passa duas semanas, três semanas e volta de novo. Lá eles pegam canoa deles e sobem (para o Igarapé do Índio). Eles veem pegar matrinxã.

[Marilena] Sobe pra onde?

[Cossaro] Sobe lá pro Igarapé do Índio.

[Marilena] Ah! Eles vinham lá do Igarapé do Índio. Ele já foi no Igarapé do Índio?

[Cossaro] Ah! Esse daí conhece tudinho.

[Dseca] Lá faz tempo, índio, Igarapé do Índio chamam Igarapé do Índio porque morreram tudo lá⁴⁴⁵.

[Cossaro] Tá vendo diz ele que morreram...

[Tradução]

[Dseca] Rema até a casa do Jurandir (não indígena) e lá pega canoa.

[Cossaro] Ah! Lá no Flechal, na antiga casa do Jurandir, deixa a canoa. Então pega o caminho até chegar aqui.

[Cossaro] Lá no... Como é mesmo o nome? Flechal. Diz ele que tinha um varadouro pra cá. Madija deixa a canoa lá no Flechal. Aí ele vem pra cá a pé. Aí chega aqui passa duas semanas, três semanas e volta de novo. Lá eles pegam canoa deles e sobem (para o Igarapé do Índio). Eles veem pegar matrinxã.

[Marilena] Sobe pra onde?

[Cossaro] Sobe lá pro Igarapé do Índio.

[Marilena] Ah! Eles vinham lá do Igarapé do Índio. Ele já foi no Igarapé do Índio?

[Cossaro] Ah! Esse daí conhece tudinho.

⁴⁴³ Vale relembrar que Siara (pai de Nomija) e Camaidso (pai de Dseca) eram irmãos: filhos de Aquido e netos de Dsajo-Samuel.

⁴⁴⁴ Depoimento gravado em vídeo em 20/08/2024 17:17 TimeVideo_20240820_171618.mp4 32,92MB 1280x720px 01:10

⁴⁴⁵ Novamente, o ancião Dseca faz referência ao evento marcante da chacina no Igarapé do Índio (já apresentado).

[Dseca] Lá faz tempo, índio, Igarapé do Índio chamam Igarapé do Índio porque morreram tudo lá.

[Cossaro] Tá vendo diz ele que morreram...

2º Depoimento, da anciã Nomija Kulina⁴⁴⁶ (casa 7, aldeia Gaviãozinho):

[Genoveva] Coatácca huima. Coatácca jahui.

[Nomija] Coatácca huima ajidsa toccajaroo Coatá. Coatádsá vai beirando tajaro tocca bacco tajaroooo Carão.

[Genoveva] Carão?

[Nomija] Carão coridsa onini. Coridsa onini Carão. Carãodsa tesoniquima jique Flechal, boca do Flechal. Aí atravessa nanipe Palermo. Nedsape nanidsa tohua Nilson jaro. Madija sai najaro. Nilson sai najari, Palermosda. Manaco Milton ajacco Carauaridsa madiraha cerveja dsedse najari. Madijacca jahui naqui aje toccani. Aje pé de terra jahui toccajaroo, finado Aquido cacahua cemitério, Flechal. Nedsa manaco desce tidsipaninipe Santa Luzia queque najari. Igarapé Preto ajecco jipe huaje. Ajedsape Flechal. Aje toccanipe nanidsa barreiro. Barreiro noerani... Jomo qqutidsape ssicaritahui nahui huaje jidsama toto najaro. Bijini onipa Ubi quenade. Jomo jicajerahui. Bani jicajerahui. Finado Aquido morreu e enterraram lá. Dsama oni Flechal bijini toacajaro.

[...]

[Nomija] Bacco quenajari. Jahui temoridsa, baccote najari. Manaco carihua huaje toquedsipanijaroo coridsa. Coridsa ori huanaaa, aniji Santa Luzia. Santa Luziadsape, aniji Pilão. Pilaodsape jiiiiimaaa ssiqui. Ssiquidsapa igarapé Preto aje huaje cahua najaro.

[...]

[Nomija] Tem mais dois igarapés desse lado aqui: Ubi e Laranjal (falou em português).

[Tradução]

[Genoveva] Conta sobre varadouro e sobre o lago Coatá.

[Nomija] A história do lago Coatá é assim: você sai andando daqui por um varadouro. Depois que você chega no lago Coatá segue beirando o lago até chegar no Carão.

[Genoveva] Carão?

[Nomija] Carão é o nome do lago, lago do Carão. Quando você passa do Carão chega no Flechal, na boca do Flechal. Aí atravessa o Palermo. Ali morava o não indígena de nome Nilson, mas ele já foi embora. Milton também foi embora para Caruari, ele bebia muita cerveja. Então você pega de novo um caminho a pé na terra firme e chega no cemitério no Flechal onde está sepultado Aquido (filho de Dsajo-Samuel). Então você desce um pouco mais e chega no Santa Luzia. O Igarapé Preto está do outro lado do rio Juruá. Do lado do

⁴⁴⁶ Depoimento gravado em vídeo em:

24/08/2024 10:38 TimeVideo_20240824_103622.mp4 64,32MB 1280x720px 02:16;

24/08/2024 10:39 TimeVideo_20240824_103841.mp4 17,01MB 1280x720px 00:36;

24/08/2024 10:40 TimeVideo_20240824_103939.mp4 11,92MB 1280x720px 00:25.

Flechal tem barreiro com muita caça. Se você for lá você verá macacos-barrigudos melados de lama do barreiro e poderá matar queixadas. Lá é bem perto do igarapé Ubi. Muito macaco-barrigudo. Muita caça. Finado Aquido morreu e enterraram lá. O nome do lugar é Flechal onde passa o igarapé.

[...]

(Nomija segue descrevendo a trajetória do caminho-furo que conecta Igarapé do Gaviãozinho ao Igarapé do Índio passando pelo lago Coatá, Flechal, Laranjal, Santa Luzia e igarapés Pilão e Preto)

[Nomija] Você chega. Você vai caminhando até chegar no lago onde estão os não indígenas. Ao chegar no lago você pega a canoa e rema até chegar no Santa Luzia. Do Santa Luzia você segue até o igarapé do Pilão. Segue pelo Pilão até chegar na praia. Quando chega na praia você atravessa para o outro lado e já está no igarapé Preto.

[...]

[Nomija] Tem mais dois igarapés desse lado aqui: Ubi e Laranjal.



Foto nº 68: plantação de urucum no roçado da Amassa.
Aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)

12.7 Limite leste da TI (margem esquerda): Furo da Rodagem, lago Maxirixi e igarapé/lago Tibuteu (ver mapa: Proposta de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho)

O Furo da Rodagem como limite leste (margem esquerda da TI) é local importante para atividades produtivas e possui também áreas imprescindíveis para

preservação dos recursos. O limite (“Furo da Rodagem”) está localizado em uma faixa de terra firme alta (como vimos em Tastevin, 1920) logo abaixo da comunidade do Raimundo Bilau (“depois do Piloca”) e uma volta abaixo do Maxirixi. O barranco alto encontra-se na margem esquerda do rio Juruá, e também é conhecido pelos regionais como “Barro Vermelho”. O Furo da Rodagem permite navegabilidade apenas no inverno. Os Kulina informaram ainda que não há nenhum igarapé na margem esquerda do rio Juruá até a comunidade Cubio (localizada quatro praias abaixo, no igarapé do Carneiro, rio Canamã). A seguir, apresento os depoimentos de Marcos-Bedi Kulina (M), morador da aldeia Três Barracas; e Quirisi Kulina (M), tuxaua e pajé da aldeia Gaviãozinho – gravados em vídeos durante a Reunião de Anuência e Pactuação dos limites da TI, aldeia Gaviãozinho, 25 de agosto de 2024.

1º Depoimento de Marcos-Bedi Kulina (M)⁴⁴⁷, morador da aldeia Três Barracas

[Bedi-Marcos] Ohua oni Bedi. Occa dsama Três Barracas.

Ajicca jahuidsina dsama ssaji tohui, bani tohui, najaro. Ajicca Tibuteu ne jima jahui. Jahui imeni denicca jahui toccahui nena nahui. Nani poni huape paje coridsana ccani, inidi paje Tibuteu ccanijaro bacco ajicca odsa bacco najaro.

Nedsape manaco aji Gaviãozinho oquedsipajaro bacco. Nedsa dsamacca naqui ajicca sonocca naqui ahua ponacosa ponani. Ajicca icca odsa occohidsa maitta bedeni huaitta nahui najaro naco. Nedsape najari poni huape cca naqui, pajicca najaro bacco tanaqui aicca sono toccanijaro. Carihuadeni qquinahui qqui ccahuina tohuanisa ajicca Tibuteu huaje. Tibuteu naqui icca tocca, icca nani Tibuteu cotte bacco tajararo. Nahui barreiro naqui jicajerani, huihuitarani barreiro: bado, ahui, nahui jidsama, jicajerahui. Nani jipe jiquejeni noppineni tonajo najari icca ahui naqui.

Nani toccanaaaa icca Tibuteu tohuanisejaro icca dsedsede ajaro Alcool (irmão dele), ohua, Evaldo, amonejema jajahui janani. Maittadsama nani jahuitodsa huama nappani iquena jahui, ajicca jahui nani toccani. Bani tohui nahui jahui todsajaro, jahuijaro badsima: Evaldo, ohua, Alcool (irmão dele), amoneje ma jahui jaro nahuidsas toccodso nappani hui. Maittadsama jahuitejani taide najaro. Maittadsama onihi nahui bacco. Jicani.

[Tradução]

[Bedi] Meu nome é Bedi. Eu moro na aldeia Três Barracas. Quero que minha terra seja demarcada para que eu possa acessar o varadouro do igarapé Tibuteu e andar pela floresta coletando cipó titica e caçando tranquilo. Esse varadouro é grande e seguindo nele eu vou chegar até o lago (Maxirixi). Quando nossa terra estiver demarcada eu

⁴⁴⁷ Depoimento gravado em vídeo durante a Reunião de Anuência e Pactuação dos limites da TI, aldeia Gaviãozinho, 25/08/2024 9:39 TimeVideo_20240825_093804.mp4 53,97MB 1280x720px 01:54

poderei retornar do igarapé Tibuteu até a minha casa (em Três Barracas). Voltarei sem problemas navegando pela margem (esquerda) do rio Juruá (Furo da Rodagem).

Os limites de nossa terra a ser demarcada passa perto dos não indígenas que moram do outro lado do lago Tibuteu. Mas o lago Tibuteu é nosso e nossa terra sobe além das cabeceiras do igarapé Tibuteu, pois nas cabeceiras do igarapé Tibuteu têm nossos barreiros com bastante caça. Lá tem muito veado, anta e queixada. Nós estamos preocupados que os não indígenas acabem com nossas antas.

Nós fomos caçar no igarapé Tibuteu: eu, meu irmão Azuhani-Álcool, Evaldo e nossas mulheres. Nós acessamos o varadouro e fomos até lá caçar e coletar ovos de jacarés. Fomos todos, homens e mulheres. As mulheres coletaram ovos de jacaré açu. Nós voltamos do acampamento dias antes da chegada do GT em nossa aldeia. Acabou minha fala.

2º Depoimento de Quirisi Kulina (M)⁴⁴⁸, tuxaua e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Quirisi] Icca dsama inajaro. Icca aba jicadsa. Carihua tonajoradsa pescador, huatineraha, noerani marcanani najaro. Pesca, pesca inajaro quenadsa. Icca mamore jicani.

Maittaccadsamape mamore sibatateraha, bani naco jicahui.

Icca dsama ineraha, noerajaro marcarajaro. Huatti neraha carihua dacocorahui aba tohui, gelodsa jahuidsima. Bani tode naco saodsa to, saosi quenajari, gelodsa naco aidsema najari. Jahui tojani najari icca bani jicahui.

Ia naqui precisa inani. Bani tohui nedsa ijipani huajine ia naqui precisa ineraha. Carihua dacocorahui.

[...]

Barro vermelho, barro vermelho (Furo da Rodagem), dsedsedineje. Ssaji bite inajari jojhue inahuatojaro. Bani tohui najari nahui nanidsape ajicco huaje noerani.

Aje tattini huaje Flechalda naqui bani totonade. Jidsama tonajari, ahui tonajaro, nani. Nani aje batto huaje Laranjalda dsedionedsa bani tonajari, jidsama tonajari, bado tonajaro nani. Neraha denimape noerani. Nedsape batto huaje Cubiodsape noerade. Najorope carihuacca nanidsape dsedsedio neraha. Ajidsape bani tonahuisatahui.

[Genoveva] Nejeco taco oni?

[Quirisi] Arizon.

[Genoveva] Nedsa ticca dsama termina que najaro, nejeco Furo?

[Quirisi] Furo de Rodagemdsape, jajojaridsonani bani tohui.

[Genoveva] Tia oni.

[Quirisi] Ohua onipe Quirisi. Occa dsama Gaviãozinho.

[Tradução]

⁴⁴⁸ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:41 TimeVideo_20240825_094021.mp4 35,16MB 1280x720px 01:14. Continua no vídeo 25/08/2024 9:42 TimeVideo_20240825_094140.mp4 35,77MB 1280x720px 01:16

[Quirisi] Vou falar de nossa terra. Nossos peixes estão acabando. Os não indígenas estão pescando muito. Eu falo para eles não pescar e que esta terra é nossa. Eles dizem que não respeitam porque nossa terra não está demarcada. Então eles continuam pescando muito. Eles estão acabando com nossos matrinxãs.

Antigamente tinha muito matrinxãs e muitos animais de caça, mas agora tem pouco. Acabaram também nossos animais de caça.

A terra é nossa, mas sem a demarcação a gente fala para os não indígenas não entrar e eles não obedecem. Entram sem respeitar a gente e sobem o igarapé Gaviãozinho para pescar levando caixas de gelo. Os não indígenas também entram na nossa terra para caçar. Eles trazem sal e salgam a carne para levar para vender. E também colocam a carne salgada no gelo para conservar melhor. Assim eles vêm para cá. Eles pegam o nosso varadouro para acabar com nossos animais de caça.

Nós precisamos dos nossos recursos. Nós precisamos de animais de caça para comermos, mas os não indígenas estão acabando com os animais de caça. Eles não param de caçar.

[...]

Descendo o rio Juruá a nossa terra segue na margem esquerda até o Barro Vermelho, barro vermelho (barranco vermelho do Furo da Rodagem). Ali é nossa terra. Nós vamos para lá no inverno e acessamos o furo para caçar e coletar cipó titica para fazer vassouras.

E subindo o rio também é nossa terra. Nós vamos no Flechal para caçar. Lá a gente mata queixadas e antas.

Continuando nossa terra um pouco mais abaixo do Flechal está o Laranjal onde também usamos para caçar. Lá eu matei queixadas e veados.

Na parte de baixo, descendo o rio, a nossa terra não inclui o Cubio. Naquela terra tem não indígenas morando e atualmente nós não andamos por lá.

[Genoveva] Como é mesmo o nome do não indígena que mora no Cubio?

[Quirisi] Arizon.

[Genoveva] Como é o nome do Furo no qual termina a terra de vocês?

[Quirisi] Furo da Rodagem. Lá é nosso local de caça.

[Genoveva] Teu nome.

[Quirisi] Meu nome é Quirisi. Eu moro na aldeia Gaviãozinho.

Essa série de depoimentos das principais lideranças Kulina na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho trazem elementos que conformam a relação com a terra tradicional, em todos os seus aspectos, bem como justificam e nos ajudam a compreender o “desenho” ou o “mapa de delimitação” da TI.



Foto nº 69: mulheres e crianças participando da Reunião de anuência e pactuação dos limites da TI. Aldeia Gaviãozinho: 25/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 70: Ritual do *Ajie* realizado no encerramento das atividades do GT. Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



VI – Sexta Parte

Levantamento fundiário



Foto nº 71: Lago do Sacado e a fumaça das queimadas.
Região Igarapé do Índio: 30/08/2024 (Genoveva)

13 O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO NÃO INDÍGENA NA REGIÃO DOS IGARAPÉ DO ÍNDIO/GAVIÃOZINHO

O contexto histórico de ocupação não indígena na região do rio Juruá – onde está localizada a terra tradicional Kulina nos Igarapé do Índio/Gaviãozinho – está relacionado

diretamente como a exploração da borracha e do caucho, na segunda metade do século XIX. Apresentamos na Primeira Parte desse relatório a descrição feita por Tastevin (1920) do processo de colonização no rio Juruá – a chegada dos exploradores das riquezas, os novos moradores vindos da região nordeste do Brasil, a expropriação dos territórios tradicionais indígenas através do deslocamento forçado e o desaparecimento de grupos indígenas (como o povo indígena Arawá). Nesse sentido, Tastevin afirma que, antes da viagem de Chandless (1869), os portugueses nunca pensaram em se fixar no rio Juruá, pois o consideravam menor e menos importante que o rio Jutai. Anteriormente, os mercadores se estabeleciam em Tefé e subiam o rio Juruá em junho, quando o rio volta ao seu leito e permite o trabalho na várzea, e partiam para Tefé em novembro ou dezembro, quando a água do rio passa a inundar a baixada e inviabiliza o trabalho da coleta da seringa (Tastevin, 1920, p. 134). Porém, após a viagem de Chandless⁴⁴⁹, espalhou-se a fama das riquezas do Juruá, e os mercadores do Baixo Amazonas (ou seja, da província do Pará) começaram a vir em busca de fortuna. Ao não encontrarem mão de obra suficiente na região, foram procurá-la nas províncias do litoral nordestino: Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe etc. (Tastevin, 1920, p. 134). Sem interesses – ou mesmo sem a possibilidade de voltar a Tefé durante o período de inundação da várzea – os recém-chegados se estabeleceram permanentemente às margens do rio Juruá. Em 1881, chegaram ao rio Tarauacá; em 1889, ao rio Ipixuna; e em 1900, já não havia um ponto na bacia do Juruá que não fosse explorado, ocupado e compartilhado entre os “invasores”. Não havia mais um rio ou igarapé que não fosse rastreado até sua nascente. Ao longo do rio Juruá e de seus grandes afluentes, surgiram casas comerciais que eram o centro de imensas propriedades, onde trabalhavam de 50 a 300 empregados. De acordo com Tastevin, o número de habitantes “civilizados” chegava a 40.000 no rio Juruá, enquanto os índios não passavam de 4.000 (Tastevin, 1920, p. 140). Muitos trabalhadores casaram ou trouxeram suas famílias para se estabelecer definitivamente no rio Juruá, porém também houve uma quantidade significativa de empregados mortos ao contraírem malária e beribéri. Dessa forma, as propriedades começaram a se concentrar, de um ano para o outro, nas mãos de poucos – seja porque o comerciante infeliz cedesse seus títulos a outro mais habilidoso, ou porque este já estivesse cansado da vida na floresta e quisesse desfrutar um pouco de sua fortuna vivendo na cidade, ou ainda porque as casas comerciais de Manaus e do Pará,

⁴⁴⁹ A viagem de Chandless ocorreu nos últimos cinco meses de 1867, e as informações a respeito dela foram publicadas apenas em 1869. O explorador inglês registrou a presença expressiva dos Kulina em toda a calha do rio Juruá e, de modo especial, na área em processo de demarcação.

a quem as pessoas deviam financiamentos, tomassem suas propriedades como pagamento das dívidas (Tastevin, 1920, p. 136).

Dessa forma, o caráter exploratório mudou e os não indígenas passaram a fixar moradia nas margens do rio Juruá estabelecendo o sistema de seringais. A estrutura do seringal favorecia que uma pessoa influente (seringalista) adquirisse o direito sobre determinada parcela de terra na qual poderia extrair o látex e explorar a mão de obra. Através dos barracões os seringalistas vendiam mercadorias para os seringueiros que eram obrigados a vender a ele toda borracha e caucho produzido (dentro do sistema de aviamento-endividamento do seringueiro, como já apresentado). Por sua vez, a população indígena que habitava a região sofreu as consequências da invasão de suas terras (invasões e incêndios de aldeias inteiras, violências sexuais e epidemias); foi obrigada a trabalhar na indústria seringueira; ou ainda fugiu para as cabeceiras de rios e igarapés. Conforme relatado por Dseca Kulina (casa 5, Gaviãozinho), houve uma “guerra”, uma grande “matança” de indígenas Kulina na região do Igarapé do Índio com o objetivo de desocupar a área onde seria implantado o Seringal Soriano.

Indígenas e não indígenas (nordestinos) trabalhavam na extração do látex e caucho. De modo particular, na terra tradicional nos Igarapés do Índio/Gaviãozinho, os Kulina trabalharam para o patrão do Seringal Soriano (atual comunidade não indígena Soriano Velho, localizada dentro da TI, margem direita) e para o patrão Jurandir Cavalcante, dono do Seringal Santa Luzia (atual localidade não indígena Santa Luzia, localizada dentro da TI, margem esquerda). Mas os Kulina também trabalharam para padrões dos seringais estabelecidos nas comunidades Providência, Aracu e Gaviãozinho (comunidades não indígenas localizadas fora da TI, margem direita). A queda abrupta do preço da borracha no mercado internacional provocou o declínio dos seringais, abandono da produção de látex e êxodo rural.

Na Segunda Parte desse relatório citamos a pesquisa de Viveiros de Castro (1978) junto aos Kulina nas aldeias Maronaua e Santo Amaro, no estado do Acre. O objetivo do trabalho era fornecer subsídios à Funai para a implantação de um Projeto de Desenvolvimento Comunitário junto à população Kulina. Nesse relatório o pesquisador já alertava para a frente de expansão agropecuária que ameaçava os povos indígenas do Acre desde 1970. E concluiu que os grandes projetos de grupos econômicos destruíam não apenas a empresa seringalista tradicional, mas promoviam igualmente a grilagem de terras, e expulsavam “barranqueiros” e seringueiros. Índios, seringueiros e posseiros se transformaram em peões que trabalhavam desmatando a floresta para implantar as

fazendas de gado (Viveiros de Castro, 1978, p. 11). Porém, a principal característica da frente de expansão agropecuária seria a transformação da relação com o território:

[...] a terra passa a ser mercadoria, passa a ser renda capitalizada, e se define como território contínuo, fechado e homogêneo. A especulação fundiária, que vem caracterizando a ocupação da Amazônia pelos grandes grupos econômicos a partir da década de 1970, é um processo que transforma a terra (mesmo sem que esteja produzindo) em mercadoria: os grandes desmatamentos e serviços de instalação de fazendas implicam, por seu lado, na expulsão de mão de obra ou na transformação de uma parte desta em peões sem nenhuma vinculação com a terra (Viveiros de Castro, 1978, p. 11).

Diante dessa realidade, o pesquisador aponta como indispensável a necessidade da Funai de demarcar as terras indígenas. Ressalta, dessa forma, que somente a definição de territórios indígenas, reconhecidos legalmente, irá permitir que os grupos indígenas possam enfrentar essa nova condição de existência, caso contrário essas populações correm o risco de desaparecerem definitivamente (Viveiros de Castro, 1978, p. 12).

Anos passaram e vemos essa mudança no caráter exploratório da Amazônia chegar à região dos igarapés do Índio/Gaviãozinho. A economia regional – que após o declínio da indústria seringalista – girava em torno de atividades econômicas relacionadas à exploração de pescado e de madeira, agora abraça projetos de grupos econômicos relacionados a exploração agropecuária e mineral. É notório como se intensificaram na região dos municípios de Eirunepé, Itamarati e Jutai ações de desmatamento, queimada da floresta nativa e garimpo.

Durante trabalho de campo (agosto/setembro de 2024), este GT realizou um levantamento preliminar da quantidade de não indígenas fixados na TI Kulina dos Igarapés do Índio/Gaviãozinho. Assim, totalizaram-se 11 casas de não indígenas (com uma casa de farinha):

- ✓ Comunidade Soriano Velho (margem direita): 4 casas. Pessoas da comunidade estabelecem algumas espécies de troca com os Kulina da aldeia Igarapé do Índio. Nela, funciona uma escola na cozinha da casa do pastor⁴⁵⁰, onde estudam os filhos de Rivaldo-Peba e Lucimar Kulina, que moram na margem esquerda do Juruá, em frente à comunidade. Eles comentam que vivem ali para que os filhos possam

⁴⁵⁰ O pastor mora na comunidade Soriano Velho, mas a igreja está localizada na comunidade Soriano Novo na margem direita, fora da TI.

frequentar a escola e não correr o risco de ter o benefício do Programa Bolsa Família bloqueado.

- ✓ Localidade Santa Luzia: 1 casa (margem esquerda). São duas construções, mas os Kulina disseram que uma das casas é uma cozinha grande, usada para salgar peixe. Eles informaram também que o não indígena mora em Eirunepé, e usa o local apenas como ponto de pesca.
- ✓ Casa dispersa localizada na margem esquerda do rio Juruá: moradia do não indígena Raimundo Viana.
- ✓ Casa de farinha da comunidade Mamoal (margem esquerda): localizada em frente à comunidade Mamoal.
- ✓ Comunidade Veneza: 4 casas (margem esquerda). As informações são contraditórias quanto a presença de moradores nas casas. Há pessoas que dizem que estão abandonadas, mas, ao entrarmos no lago Veneza encontramos um pescador de nome Pedro que conversou com os Kulina. Ele disse que mora na comunidade e tem um sobrinho que trabalha na equipe que presta atenção em saúde aos Kulina nas aldeias Gaviãozinho e Três Barracas. Inclusive, comentou que o sobrinho fica hospedado em sua casa quando vem desenvolver ações de saúde na TI.

Levantamento preliminar: agosto 2024	
Ocupantes não indígenas na TI Kulina Igarapés do Índio/Gaviãozinho	
Comunidade Soriano Velho	04 casas
Localidade Santa Luzia	01 casa
Casa dispersa: Raimundo Viana	01 casa
Casa de farinha da comunidade Mamoal	01 casa
Comunidade Veneza	04 casas
Total de não indígenas dentro da TI: 11 casas	

Quadro nº 36: Ocupantes não indígenas da TI Kulina Igarapés do Índio/Gaviãozinho (Genoveva)

14 LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

Posteriormente, realizou-se um levantamento apurado da situação de ocupações por não indígenas na TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho pelo GT Fundiário. Esse GT, dentro de suas atribuições legais, conferidas pela Portaria Funai nº 1.204⁴⁵¹, de 31 de outubro de 2024, concluiu que existem 16 ocupantes não indígenas (entre posseiros, arrendatários e usufrutuários), totalizando 38 famílias e 158 pessoas⁴⁵².

O Relatório Circunstanciado de Levantamento Fundiário elaborado pela geógrafa e analista fundiária Carolina Boccato Dias de Góes atende ao disposto na Lei n.º 14.701/2023 e tem por objetivo contemplar as singularidades da colonização da região da área em estudo e identificar os ocupantes e as ocupações não-indígenas incidentes na área de estudo. Além do mais, de acordo com Dias de Góes, o Relatório Fundiário serve também para subsidiar as demais etapas do processo previstas no Decreto n.º 1.775/96, o contraditório administrativo, a futura expedição de Portaria Declaratória, a demarcação física e a avaliação e pagamento de benfeitorias, é também objetivo deste relatório identificar o perfil socioeconômico dos ocupantes não indígenas, bem como a natureza jurídica do vínculo com o imóvel, o tempo da ocupação e o tipo de exploração predominante (Dias de Góes, 2025, p. 05).

Vale ressaltar que o Relatório Fundiário foi elaborado a partir de diálogo com antropóloga-coordenadora do grupo técnico de identificação e delimitação, bem como considerando as informações dos processos administrativos correlatos:

✓ I - 08620.004837/2019-51: trata-se do processo em que a demanda fundiária foi autuada, onde consta o documento Dossiê Reivindicações de Aldeias em Itamarati-AM (ID 171). Neste Dossiê foi incluído o Relatório de Levantamento de Informações sobre a área Etnográfica XIV - JURUÁ/PURUS, elaborado na década de 2000, com informações gerais sobre o histórico de ocupação, antecedentes da reivindicação e dados de localização das aldeias.

✓ II - 08620.008245/2024-75: processo de identificação e delimitação, que contém documentos relativos à composição do grupo técnico, notificações aos entes federados e memórias de reunião. **Sobre esse processo cabe sublinhar que, em observância ao disposto na Lei n.º 14.701/2023 e na Portaria MJ n.º 2.498/2011, foi**

⁴⁵¹ Cópia da Portaria que instituiu o GT Fundiário consta nos Anexos desse relatório.

⁴⁵² A “Tabela de ocupantes não indígenas”, feita pelo GT Fundiário (em formato Excel), não cabe em formato Word (nem em modo layout de paisagem).

franqueada a participação dos entes federados no procedimento de identificação e delimitação, houve comunicação oficial da Funai aos entes federados e foram realizadas reuniões informativas com os técnicos indicados pelo município de Jutai e pelo governo do Estado do Amazonas, que optaram por não acompanhar as atividades do GT. O município de Itamarati não manifestou indicação, apesar de reiteração do pedido de indicação. Importante destacar que consta no processo de identificação Aviso de Recebimento dos Ofícios da Presidência da Funai.

✓ III - 08620.015502/2024-25: processo que reúne dados cartográficos produzidos pelo grupo técnico de identificação e delimitação;

✓ IV - 08620.016835/2024-71: processo relativo aos estudos de natureza fundiária, no qual estão autuadas as notificações a particulares feitas em campo e os ofícios de solicitação de informações cartoriais (Dias de Góes, 2025, p. 06).

Compuseram o GT Fundiário:

- Antônio Braz de Almeida Júnior: Zootecnista, Analista Fundiário, Coordenador do trabalho de campo;
- Carolina Boccato Dias de Góes: Geógrafa, Analista Fundiária;
- Danilo Andrade Borges: Especialista em Indigenismo, servidor da Funai;
- Gilberto Kaywa: Assistente administrativo da Fundação Estadual dos Povos Indígenas do Amazonas (FEPI-AM), representante técnico indicado pelo Governo do Estado do Amazonas (não participou da atividade de campo para aplicação dos formulários);
- Ricardo Tavares de Albuquerque: Assessor I da Secretaria de Estado das Cidades e Territórios (SECT), representante técnico indicado pelo Governo do Estado do Amazonas (não participou da atividade de campo para aplicação dos formulários).

A área em estudo se insere num contexto de ocupação não indígena atualmente marcada pela presença de uma unidade de conservação de uso sustentável, uma gleba pública estadual arrecadada e alguns poucos imóveis rurais inscritos no SICAR, a maioria grandes propriedades rurais, conforme os critérios estabelecidos no art. 4º da Lei nº 8.629/1993. O perfil socioeconômico da região pode ser caracterizado majoritariamente por atividades de subsistência, voltadas para a agricultura, o extrativismo e a pesca (Dias de Góes, 2025, p. 07-08).

De acordo com Dias de Góes (2025) a maior parte das comunidades da região é de descendentes dos chamados “soldados da borracha”, migrantes nordestinos enviados

à região amazônica para trabalhar na extração do látex durante a Segunda Guerra Mundial. A perda da centralidade da seringa como atividade produtiva, resultado da queda de preço da borracha, da desestruturação dos seringais e do abandono dessas áreas pelos patrões da borracha, levou as comunidades ali estabelecidas a deixar de cortar seringa para exercer outras atividades extrativistas como a coleta de produtos florestais e principalmente a se dedicarem a produção dos roçados para subsistência, podendo eventualmente comercializar uma pequena parte do que é produzido. A criação da RDS-Cujubim no início dos anos 2000 está relacionada a esse histórico de colonização. A queda borracha gerou um contexto de carência para aqueles que não migraram para os grandes centros, o que ocasionou a exploração madeireira como atividade de geração de renda. Com a proposta de frear a degradação da área foi criada a RDS. Os seringais desativados permaneceram ocupados pelos seringueiros que, destituídos da propriedade legal da terra, encontraram na RDS-Cujubim uma garantia territorial. Portanto, são três tipos de categorias fundiárias em sobreposição a área em estudo, entre elas: unidade de conservação de uso sustentável, gleba arrecadada e imóveis rurais inscritos no SICAR.

Vejamos a seguir no quadro “Categorias fundiárias incidentes sobre a proposta da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho” uma síntese destas categorias.

Fonte	Categoria Fundiária	Nome	Proteção	Qtde. de unidades	área (em ha) sobreposta à TI	% da área sobreposta à proposta de TI
CNUC	Reserva de Desenvolvimento Sustentável	RDS Cujubim	Uso Sustentável	1	47.294,42	22,74
CNFP	Gleba arrecadada	Gleba Alegrete (tipo B)	Sem destinação	1	160.646,58	77,26
SICAR	Imóvel Rural Particular	-	-	7	40.503,14	19,48

Quadro nº 37: Categorias fundiárias incidentes sobre a proposta da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 14)

14.1 Categorias fundiárias incidentes sobre a proposta da TI Kulina Igarapé do Índio/Gaviãozinho⁴⁵³

14.1.1 Gleba Alegrete

⁴⁵³ A partir desse item reproduzo as informações do Relatório Fundiário (Dias de Góes, 2025, p. 16- 32).

A Gleba Estadual Alegrete é uma área de terra pública classificada como "gleba do tipo B sem destinação", conforme a tipologia adotada pelo Serviço Florestal Brasileiro. Essa classificação indica que se trata de uma área formalmente arrecadada pelo Estado do Amazonas, que se encontra sob domínio público, mas ainda não possui destinação específica. Ou seja, não foi vinculada a nenhuma finalidade definida, como criação de unidades de conservação, regularização de territórios tradicionais, concessões florestais ou outros usos previstos em lei. O quadro abaixo indica as informações relacionadas ao registro da Gleba Alegrete.

Gleba	Matrícula	Livro	Folha	Data de Registro	Cartório	Comarca	Proprietário da Gleba	Município
Alegrete	741	2-D	235	16/05/1985	Tab. Efetivo/Es. Jud	Eirunepé	Estado do Amazonas	Itamarati e Eirunepé

Quadro nº 38: Informações relacionadas ao registro da Gleba Alegrete (Secretaria de Estado das Cidades e Territórios/AM – SECT *apud* Dias de Góes, 2025, p. 16)

Atualmente, 77,26% da superfície da área em estudo se sobrepõe à Gleba Estadual Alegrete, o que caracteriza uma interação territorial significativa. Essa condição implica que grande parte da área se encontra inserida em terras públicas estaduais, ainda pendentes de definição quanto ao seu uso e ocupação formal.

Quanto aos aspectos jurídicos da destinação da Gleba Alegrete, que abrange 77,26% da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, é classificada como terra pública estadual do tipo B, ou seja, arrecadada e sem destinação formal definida. Conforme a Lei nº 11.284/2006 (Lei de Gestão de Florestas Públicas) e os normativos do Serviço Florestal Brasileiro, glebas públicas sem destinação podem ser destinadas prioritariamente à regularização de territórios tradicionalmente ocupados por povos indígenas, comunidades quilombolas e populações tradicionais. Assim, do ponto de vista jurídico, não há entraves dominiais à destinação dessa gleba para atender parte da demanda fundiária da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, uma vez que ela não possui matrícula imobiliária privada, nem está vinculada a outra função pública (como unidade de conservação, assentamento ou concessão florestal).

A seguir o “Mapa Sobreposição de Gleba Pública na proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”:

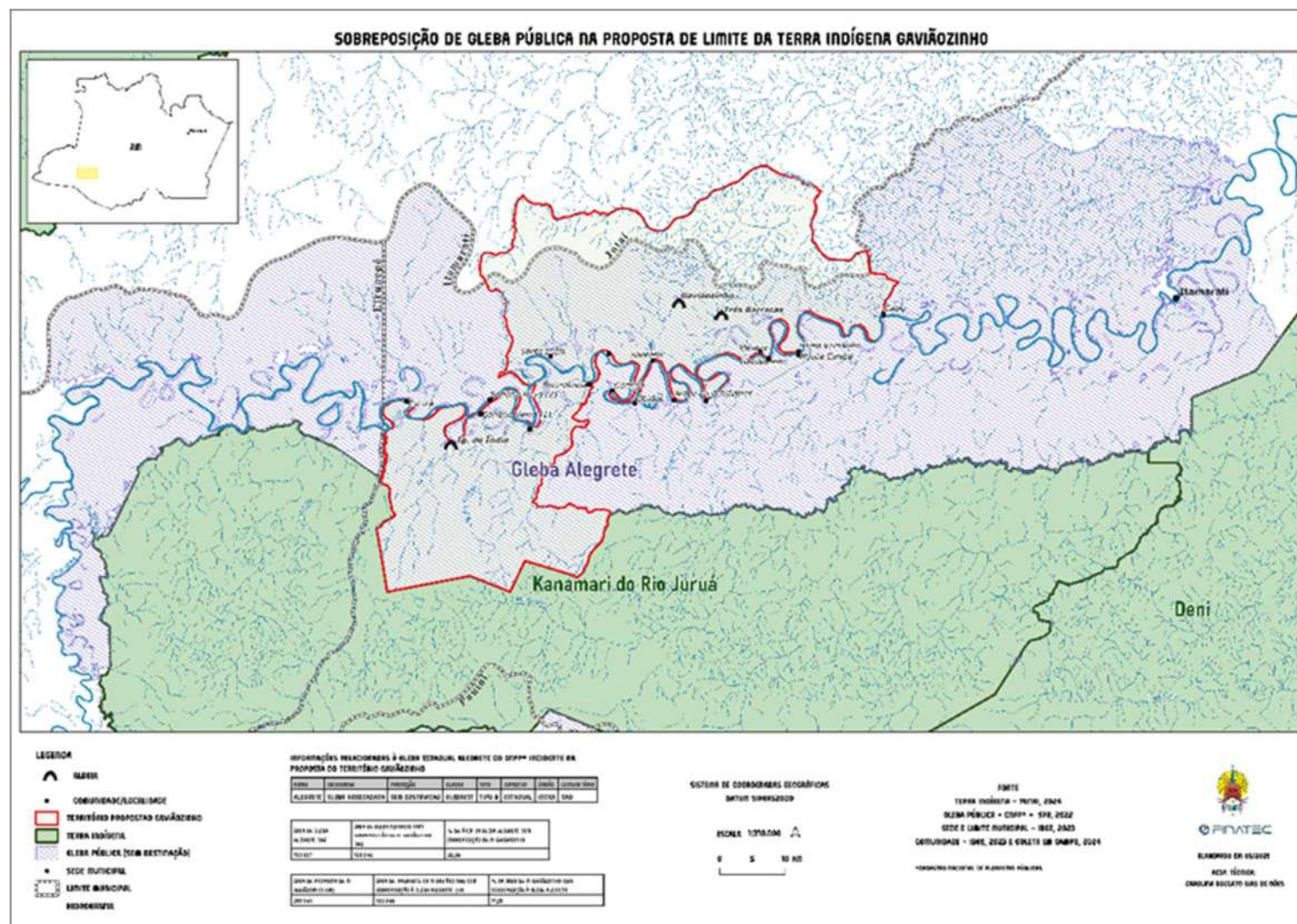


Figura nº 28: Mapa Sobreposição de Gleba Pública na proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 1

Imóvel rural particular

O CAR é um sistema baseado no autocadastramento, em que os próprios declarantes inserem os dados dos imóveis, sem validação prévia da veracidade dos limites georreferenciados ou da situação fundiária. Por isso, o CAR não constitui, por si só, prova de posse ou propriedade, nem substitui documentos legais de domínio. Na área em estudo, foram identificados sete registros no SICAR que se sobrepõem, inclusive a terras públicas sem destinação, como a Gleba Estadual Alegrete.

O quadro a seguir, apresenta a “Relação de imóveis rurais (CAR) sobrepostos à proposta de delimitação da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”, enquanto o Mapa “Imóvel rural (CAR) incidente na proposta da área em estudo” apresenta a distribuição espacial desses imóveis sobre a área em estudo.

Nº de ordem	Nome do ocupante	CPF/CNPJ	Nome do imóvel	Município	Status*	Tipo**	Condição	Área do imóvel (ha)	Módulo fiscal	da área do imóvel sobreposta
17	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Soledade 2	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	5.107,43	51,0743	100%
18	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Solidade 1	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	1.754,52	17,5452	100%
19	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Seringal Pilão	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	704,38	7,0438	100%
20	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Seringal Soriano	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	4.487,25	44,8725	19,5%
21	Orizon Fares Cavalcante	041.217.162-72	Cubio	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	634,09	6,3409	100%
22	JCS Topografia Ltda	49.358.884/0001-40	Taoca	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	31.400,10	314,001	100%
23	Júlio César Simplicio de Araújo	590.971.162-87	Taoca	Itamarati	AT	IRU	Aguardando análise	31.400,10	314,001	100%

* AT = ativo; ** IRU = imóvel rural

Quadro nº 39: Relação de imóveis rurais (CAR) sobrepostos à proposta de delimitação da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 18)

]

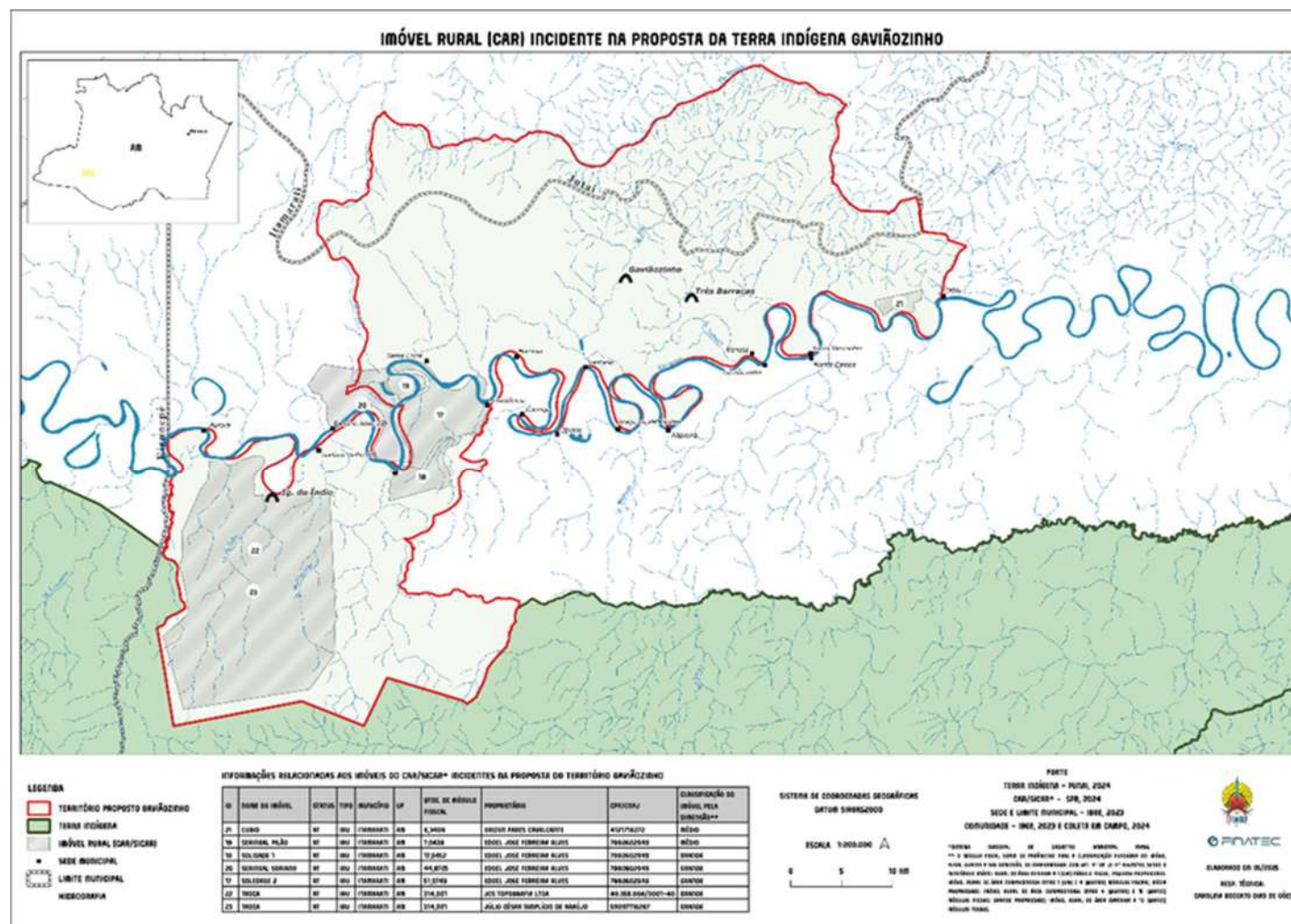


Figura nº 29: Mapa - Imóvel rural (CAR) incidente na proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 19)

Dos sete imóveis analisados, cinco estão classificados como grandes propriedades rurais, conforme os critérios estabelecidos no art. 4º da Lei nº 8.629/1993, e dois como imóveis de médio porte. O quadro – “Classificação dos imóveis rurais (CAR) com sobreposição à TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho” ilustra essa informação:

Tipo de imóvel	Tamanho do imóvel (ha)	Módulo fiscal⁴⁵⁴	nº de imóveis (CAR) em sobreposição
Minifúndio	< 100	< 1	0
Pequena propriedade	100 a 400	1 a 4	0
Média propriedade	400 a 1500	4 a 15	2
Grande propriedade	> 15000	> 15	5

Quadro nº 40: Classificação dos imóveis rurais (CAR) com sobreposição à TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 19)

Destaca-se, nesse conjunto, o expressivo domínio de ocupações vinculadas ao Sr. Edoel José Ferreira Alves, que figura como titular de quatro imóveis (Soledade 1, Soledade 2, Seringal Pilão e Seringal Soriano), totalizando uma área de aproximadamente 12.053,58 hectares. Conforme demonstra o Quadro “Relação de imóveis rurais (CAR) sobrepostos à proposta de delimitação da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho” três desses imóveis estão integralmente sobrepostos à área em estudo, enquanto o imóvel Seringal Soriano apresenta sobreposição parcial, correspondente a 19,5% de sua área total.

Foi identificada duplicidade cadastral da propriedade Taoca que aparece vinculada a dois registros distintos no SICAR (imóveis com nº de ordem 22 e 23 do Quadro 4), ambos com a mesma área e denominação, porém registrados sob naturezas jurídicas diferentes: um em nome da pessoa jurídica JCS Topografia Ltda. e outro da pessoa física Júlio César Simplício de Araújo. Do ponto de vista da análise fundiária, a duplicidade cadastral observada não apenas fragiliza a consistência dos dados autodeclaratórios, como também pode ser interpretada como uma possível tentativa de reforçar pretensões possessórias ou patrimoniais sobre terras públicas sem destinação, como é o caso da área em estudo. A seguir apresento o mapa “Não Indígenas” – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

⁴⁵⁴ Módulo fiscal é uma unidade de medida, em hectares, cujo valor é fixado pelo INCRA para cada município. A dimensão de um módulo fiscal varia de acordo com o município onde está localizada a propriedade. O valor do módulo fiscal no Brasil varia de 5 a 110 hectares. No caso do município de Itamarati o módulo fiscal equivale a 100 hectares.

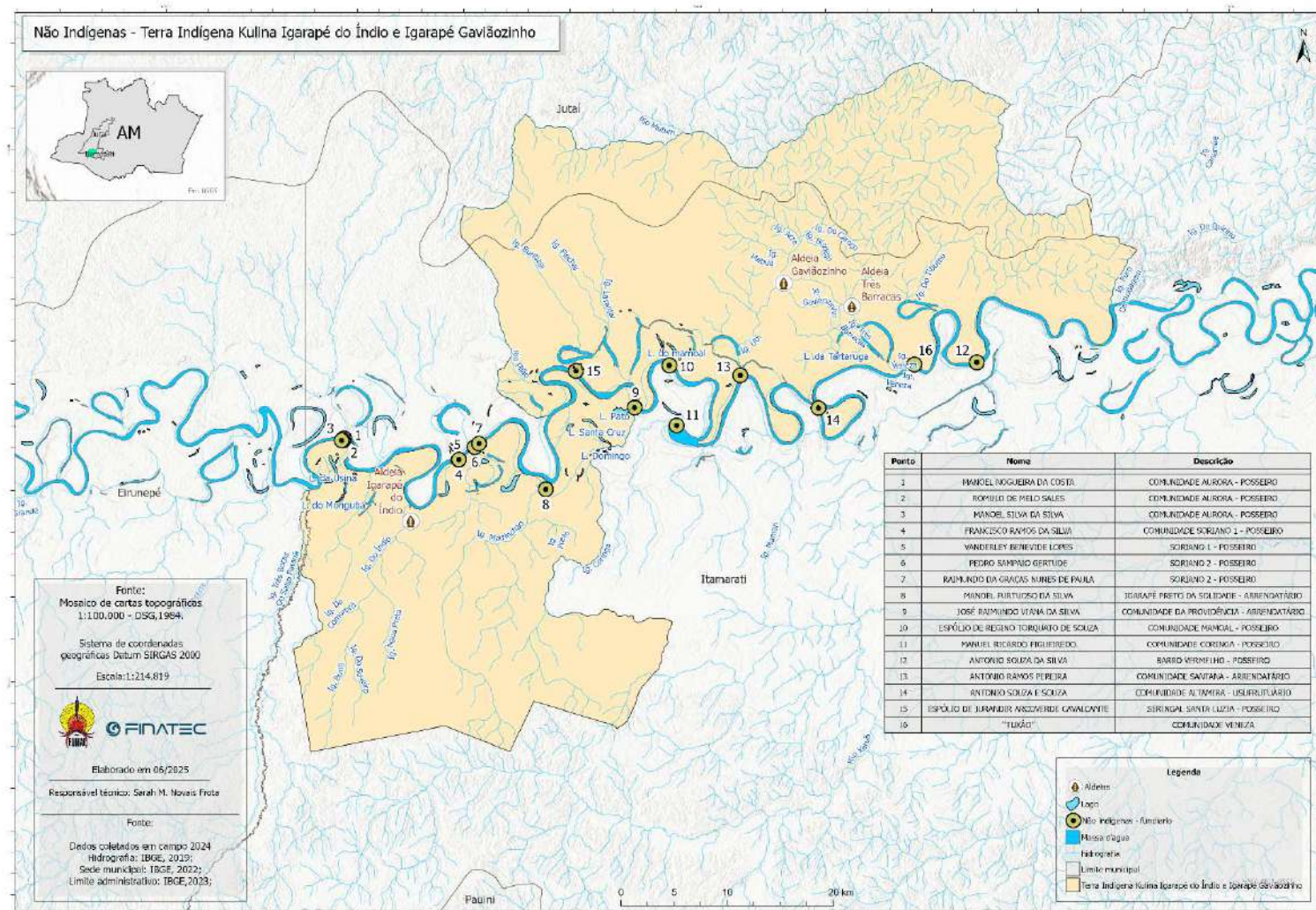


Figura nº 30: Mapa não indígenas – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

14.1.2 Sobreposição com a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim (RDS-Cujubim) sobre a terra indígena

Uma parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim, criada pelo Decreto nº 23.724, do Governo do Estado do Amazonas, em 5 de setembro de 2003, com uma área aproximada de 2.450.381,56 hectares, se sobrepõe à TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. A área em sobreposição é de 47.294 mil hectares, o equivalente a aproximadamente 22% da área total da TI.

A ambientalista Marilena Campos (2025) afirma que a RDS-Cujubim está localizada no município de Jutai, no estado do Amazonas, sendo a maior unidade de conservação do estado e a maior reserva de desenvolvimento sustentável do mundo. Possui uma área extremamente remota e isolada. Há quatro comunidades estabelecidas, nas quais vivem cerca de 70 famílias. As comunidades agregam famílias que se dedicam ao extrativismo, à pesca, à caça e às atividades agrícolas. A renda da população concentra-se na comercialização de peixe salmourado, principalmente o surubim, na extração de madeira e captura de quelônios. Diversos produtos são extraídos, entre eles óleos, palhas, cipós, frutos, mel e seringa. As espécies madeireiras mais encontradas são a samaúma, a copaíba, a virola, a jacareúba, o louro-inamuí, a andiroba, a ucuuba e o cedro.

A área do extremo sul da RDS é sobreposta a uma área de extrema relevância para os Kulina, onde há locais de cabeceira e nascentes, acessada remotamente em excursões de caça e pesca, atuando como área de refúgio, por sua importância ecológica para reprodução de animais aquáticos e terrestres tanto pelos indígenas como pela RDS. Segundo os Kulina não há influência direta da gestão da RDS no território indígena, e até o momento a sobreposição não se configura como uma ameaça. Enquanto a RDS pressupõe o uso sustentável através da gestão, do zoneamento e do planejamento integrado, a Terra Indígena, conforme a Constituição Federal de 1988, pressupõe o uso exclusivo dos recursos pela população indígena. No entanto, a relação com a unidade de conservação pode ser, quando há o respeito pelos itens constitucionais, uma forma de ampliar a garantia de conservação dos recursos naturais nas zonas de entorno da Terra Indígena. Este caminho, que é uma opção no caso em questão, evita a revisão e modificação de uma parte da área da RDS-Cujubim sobreposta ao território tradicional Kulina identificado por este estudo e a sobreposição de diferentes entes jurídicos e sociais (Campos, 2025, p. 156-158).

No Relatório Fundiário a geógrafa Dias de Góes (2025) afirma que as Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) são unidades de conservação de domínio público, destinadas ao uso sustentável dos recursos naturais por populações tradicionais que habitam a área. Esses territórios têm como objetivo conciliar a conservação ambiental com a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais, que desenvolvem atividades compatíveis com a preservação da biodiversidade. A ocupação das RDS é formalizada por meio de Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU) firmado entre o Estado e os beneficiários. A gestão da RDS Cujubim está vinculada ao Sistema Estadual de Meio Ambiente do Amazonas, que é composto pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA) e pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM).

A sobreposição parcial da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Cujubim demanda atenção quanto à compatibilização jurídica e territorial entre os diferentes regimes de uso e proteção previstos para a região. O artigo 231 da Constituição Federal reconhece os direitos originários dos povos indígenas sobre as terras que tradicionalmente ocupam, e a Lei nº 9.985/2000, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), prevê a existência de populações tradicionais em determinadas categorias de unidades, como as de uso sustentável. Com isso, em consonância com o artigo 5º da Lei nº 14.701/2023 e com os §§ 4º e 8º do artigo 2º do Decreto nº 1.775/1996, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente Governo do Estado do Amazonas foi informada, pelo Ofício nº 117/2025/PRES/FUNAI, acerca dos estudos enfatizando a possibilidade manifestação caso desejassem participar efetivamente do processo administrativo, por indicação de profissional para compor o Grupo Técnico dos estudos de natureza fundiária, bem como, pelo compartilhamento de informações, estudos e documentos correlatos à matéria, para fins de instrução processual e apreciação do GT (Dias de Góes, 2025, p. 16).

Dias de Góes (2025) apresenta o quadro “Dados administrativos, normativos e de gestão da RDS-Cujubim” com informações dos atos normativos e documentos que fundamentam a criação e regulamentação da RDS.

Reserva de Desenvolvimento Sustentável – RDS

Nome da Unidade	RDS Cujubim
Município	Jutaí
Decreto	Decreto Nº 23.724 de 05 de setembro de 2003
Ano de Criação	2003
Conselho Gestor	SDS/GS-043/08
Plano de Gestão	Plano de Gestão RDS Cujubim Volume I Plano de Gestão RDS Cujubim volume II
Documentos	Decreto nº 23724 de 2003 Cria RDS Cujubim Portaria nº 02 de 2009 Aprovação do Regimento Interno Portaria nº 043 de 2008 Cria Conselho RDS Cujubim Portaria nº049 de 2009 Aprovação do Plano de Gestão Portaria nº 4909 SDS do Plano de Gestão

Quadro nº 41: Dados administrativos, normativos e de gestão da RDS-Cujubim (Secretaria de Estado de Meio Ambiente/AM – SEMA *apud* Dias de Góes, 2025, p. 15)

A seguir apresento dois mapas que ilustram a sobreposição da RDS-Cujubim sobre a TI Kulina do Igarapé do Índio/Gaviãozinho:

- ✓ Sobreposição RDS-Cujubim – TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)
- ✓ Sobreposição da RDS-Cujubim na proposta de limite da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 15)

14.2 Levantamento realizado em trabalho de campo pelo GT Fundiário

O levantamento de campo realizado pelo GT Fundiário entre os dias 18/11/24 a 06/12/24 identificou 14 ocupações não indígenas inseridas na área em estudo, distribuídas em 8 comunidades: Aurora, Soriano 1, Soriano 2, Soledade, Providência, Santana, Altamira e Veneza; e em 2 localidades: Seringal Santa Luzia e Barro Vermelho (em frente à comunidade Manto Calebe). A maior parte dos ocupantes (13 registros) reside nos respectivos imóveis, com residências classificadas como de uso permanente. **A população total das ocupações soma 113 pessoas, distribuídas em 38 famílias**, com maior concentração na comunidade Aurora (39 pessoas). A situação fundiária predominante é a posse (11 casos), seguida por arrendamento (3 casos) e usufruto (1 caso). As atividades econômicas desenvolvidas são, majoritariamente, voltadas para a agricultura, o extrativismo e a pesca, com apenas uma ocupação também exercendo pecuária (Comunidade Santana). As benfeitorias verificadas *in loco* pela equipe do GT são, em sua maioria, compostas por edificações de uso residencial, produtivo e de apoio, incluindo moradias (casas), instalações para criação de animais (galinheiros, chiqueiros e canis), unidades de processamento (casas de farinha), depósitos e estruturas para abrigo de motor gerador de energia.

14.2.1 Descrição por comunidade e ou localidade

Comunidade Aurora (LF 01, 02 e 03): possui três ocupações permanentes com posseiros, onde o tempo de exploração varia de 5 meses a 40 anos. As atividades principais são agricultura, extrativismo e pesca, com uma população de 39 pessoas distribuídas em 6 famílias.

Comunidades Soriano 1 e Soriano 2 (LF 04, 05, 06, 07): contam com quatro ocupações permanentes de posseiros. No Soriano 1, o tempo de exploração é de 18-19 anos, enquanto no Soriano 2 varia de 28-35 anos. Ambas desenvolvem agricultura, extrativismo e pesca, abrigando juntas 40 pessoas em 9 famílias.

Comunidade Providência (LF 09): tem um arrendatário em residência permanente, com 2 anos de exploração e atividades de agricultura, extrativismo e pesca, totalizando 9 pessoas em uma família. Além de existir uma escola que foi construída pela prefeitura. O ocupante arrenda a propriedade do Edoel José Ferreira Alves cadastrada no CAR.

Comunidade Santana (LF 13): possui 1 (um) arrendatário com 20 anos de exploração, sendo a única que inclui pecuária entre suas atividades, além da agricultura, extrativismo e pesca, com 15 pessoas em 4 famílias.

Comunidade Altamira (LF 14): tem 1 (um) usufrutuário com 12 anos de ocupação permanente e 5 pessoas em 2 famílias, mantendo as atividades produtivas típicas, como agricultura, extrativismo e pesca.

Comunidade Veneza (LF 16): encontra-se abandonada, sem registros de ocupação atual.

Comunidade Soledade (LF 08): tem 1 (um) arrendatário com 1 (um) ano de exploração e 5 pessoas em 2 famílias, desenvolvendo atividades similares às comunidades vizinhas, como agricultura, extrativismo e pesca. O ocupante arrenda a propriedade do Edoel José Ferreira Alves cadastrada no CAR.

Localidade Barro Vermelho (LF 12): apresenta particularidade: abriga duas casas de farinha operadas por dois irmãos posseiros que residem na Comunidade Monte Calebe, situada do outro lado do rio. Embora essa comunidade esteja fora dos limites da área em estudo, os irmãos atuam na área em estudo há 13 anos, com foco na agricultura e no beneficiamento.

Seringal Santa Luzia (LF 15): é posseiro e não residente, com 39 anos de exploração, mantendo atividades de agricultura, extrativismo e pesca. Além disso foi informado que a propriedade se encontra em litígio com os filhos do suposto proprietário.

De forma geral, a caracterização das ocupações coletadas em campo revela um quadro fundiário marcado pela predominância de posseiros, com ocupações consolidadas há décadas, voltadas para atividades de subsistência. Foram identificadas benfeitorias compatíveis com esse perfil, tais como casas de moradia, casas de farinha, galinheiros, chiqueiros, canis, depósitos e casas de motor de luz, que reforçam o uso doméstico e produtivo de pequena escala nas áreas ocupadas.

O “Mapa Cadastral das ocupações não indígenas levantadas em campo em relação à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho”, a seguir, apresenta a distribuição espacial das ocupações não indígenas cadastradas pela equipe de campo. Já o quadro “Caracterização e perfil socioeconômico das ocupações não indígenas” sistematiza os dados coletados em campo e mencionados anteriormente com a caracterização e o perfil socioeconômico das ocupações não indígenas.

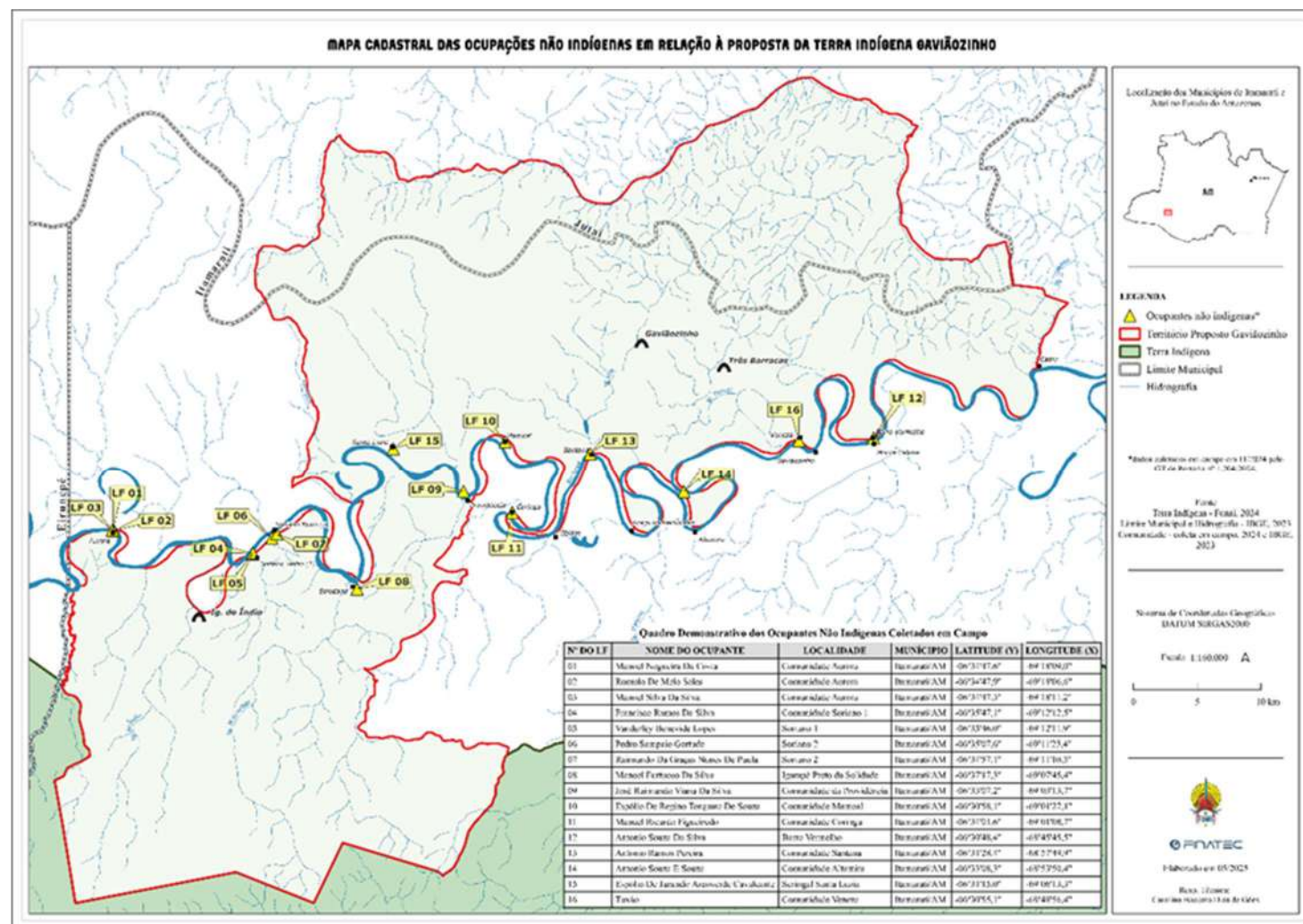


Figura nº 33: Mapa cadastral das ocupações não indígenas levantadas em campo em relação à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 23)

Nº de ordem	Nº do LF	Informações sobre o ocupante e a localidade da ocupação			Informações sobre o ocupante com relação a ocupação					Caracterização da ocupação	
		Nome do ocupante	Localidade	Município/UF	Reside no imóvel (s/n)	Tipo de residência	Situação do ocupante	Tempo de existência da ocupação	Tempo de exploração da ocupação	Principal atividade econômica na ocupação	Benfeitorias
01	01	Manoel Nogueira Da Costa	Comunidade e Aurora	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	não sabe	+ 40 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa Manoel (filho) 2. casa Francisco (filho) 3. casa Terezinha (filha) 4. casa Janderson (filho) 5. casa Reginaldo (filho) 6. casa Antônio (filho) 7. galinheiro 8. chiqueiro
02	02	Romulo De Melo Sales	Comunidade e Aurora	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	não sabe	5 meses	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa
03	03	Manoel Silva Da Silva	Comunidade e Aurora	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	não sabe	40 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. galinheiro 3. chiqueiro 4. casa antiga (depósito)

04	04	Francisco Ramos Da Silva	Soriano 1	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	90 anos	18 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. casa (Raimundo Nonato - filho) 3. casa (Claudenir - filho) 4. galinheiro 5. chiqueiro
05	05	Vanderley Benevide Lopes	Soriano 1	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	90 anos	19 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. galinheiro 3. chiqueiro 4. canil (casa do cachorro)
06	06	Pedro Sampaio Gertude	Soriano 2	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	90 anos	35 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. casa Antônio (filho) 3. casa João (filho) 4. casa Ricardo (filho) 5. casa de farinha
07	07	Raimundo Da Graças Nunes De Paula	Soriano 2	Itamarati/AM	sim	permanente	posseiro	90 anos	28 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. galinheiro 3. chiqueiro 4. banheiro externo
08	08	Manoel Furtuoso Da Silva	Igarapé Preto Da Solidade (Comunidade e Soledade)	Itamarati/AM	sim	permanente	arrendatário	não sabe	01 ano	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. chiqueiro 3. galinheiro
09	09	José Raimundo Viana Da Silva	Comunidade Da Providência	Itamarati/AM	sim	permanente	arrendatário	não sabe	02 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. galinheiro
12	12	Antônio Souza Da Silva	Barro Vermelho	Itamarati/AM	não	-	posseiro	não sabe	13 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa de farinha 2. casa de farinha (Euzione - irmão)

13	13	Antônio Ramos Pereira	Comunidade Santana	Itamarati/AM	sim	permanente	arrendatário	não sabe	20 anos	agricultura; extrativismo; pecuária; pesca	1. casa 2. casa Antônio (filho) 3. galinheiro 4. casa motor de luz 5. chiqueiro
14	14	Antônio Souza E Souza	Comunidade Altamira	Itamarati/AM	sim	permanente	usufrutuário	+ 30 anos	12 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. casa José Roberto (enteado) 3. casa Antônia Sainara (enteada) 4. galinheiro 5. casa de farinha
15	15	Espólio de Jurandir Arcoverde Cavalcante	Seringal Santa Luzia	Itamarati/AM	não	-	posseiro	não sabe	39 anos	agricultura; extrativismo; pesca	1. casa 2. cobertura para cozinha
16	16	Tuxão	Comunidade Veneza	Itamarati/AM	não	-	-	-	-	-	1. casa

Quadro nº 42: Caracterização e perfil socioeconômico das ocupações não indígenas (Dias de Góes, 2025, p. 24-25)

14.3 Pesquisa cartorial

A pesquisa cartorial realizada no contexto do levantamento fundiário tem como objetivo identificar a existência de registros formais de posse e/ou domínio incidentes sobre a área em estudo, além de qualificar sua natureza, origem e situação atual. Essa etapa permite verificar se há títulos formalizados e avaliar sua regularidade jurídica. Para esta etapa, foram utilizados como referência os dados dos ocupantes não indígenas levantados em campo, bem como os registros de imóveis sobrepostos identificados nas bases públicas, especialmente no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e nas informações sobre a Gleba Pública Alegrete e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim.

Este relatório consolida a lista dos ocupantes não indígenas e das propriedades identificadas nas bases oficiais, com a finalidade de subsidiar a Funai na solicitação de informações aos cartórios de registro de imóveis, referentes às cadeias dominiais.

O quadro “Relação de imóveis e ocupantes não indígenas sobrepostos à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho” reúne os dados dos ocupantes e dos imóveis que devem ser incluídos na pesquisa cartorial. Até a data de elaboração do Relatório Fundiário, não foi identificado nenhum número de matrícula referente aos imóveis localizados na área em estudo. Com o objetivo de viabilizar a correta identificação dos títulos imobiliários incidentes na proposta de limites da área em estudo foi solicitado aos Registros de Imóveis de Itamarati, de Carauari e de Eirunepé o envio das certidões com inteiro teor das áreas que eventualmente estejam registradas em nome dos proprietários/posseiros identificados neste levantamento. Apenas o Registro de Imóveis de Itamarati respondeu, informando que não foram encontrados registros em nome dos posseiros/proprietários identificados. As serventias de Carauari e Eirunepé foram oficiadas uma vez que o Cartório Extrajudicial de Itamarati-AM somente foi criado no ano de 1996 e anteriormente os registros eram efetuados nas Comarcas de Carauari e Eirunepé (no entanto não responderam até o fechamento do Relatório Fundiário).

Nº de ordem	Nº do LF	Nome do ocupante	CPF/RG /CNPJ	Nome do imóvel	Município
01	01	Manoel Nogueira da Costa	014.541.282-24	-	Itamarati
02	02	Romulo de Melo Sales	076.648.902-76	-	Itamarati
03	03	Manoel Silva da Silva	001.065.802-56	-	Itamarati
04	04	Francisco Ramos da Silva	-	-	Itamarati
05	05	Vanderley Benevide Lopes	1440883-0 SSP/AM	Soriano 1	Itamarati
06	06	Pedro Sampaio Gertude	001.062.452-01	Soriano 2	Itamarati
07	07	Raimundo da Graças Nunes De Paula	020.356.482-03	Soriano 2	Itamarati
08	08	Manoel Furtuoso da Silva	742.388.172-49	-	Itamarati
09	09	José Raimundo Viana da Silva	717.314.742-53	-	Itamarati
12	12	Antônio Souza da Silva	010.671.072-90	-	Itamarati
13	13	Antônio Ramos Pereira	339.738.732-91	-	Itamarati
14	14	Antônio Souza e Souza	888.189.692-34	-	Itamarati
15	15	Espólio de Jurandir Arcoverde Cavalcante	815.160.532-49	-	Itamarati
16	16	"Tuxáo"	-	-	Itamarati
17	-	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Soledade 2	Itamarati
18	-	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Solidade 1	Itamarati
19	-	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Seringal Pilão	Itamarati
20	-	Edoel José Ferreira Alves	078.826.029-49	Seringal Soriano	Itamarati

21	-	Orizon Fares Cavalcante	041.217.162-72	Cubio	Itamarati
22	-	JCS Topografia Ltda	49.358.884/0001-40	Taoca	Itamarati
23	-	Júlio César Simplicio de Araújo	590.971.162-87	Taoca	Itamarati
24	-	RDS Cujubim	-	RDS Cujubim	Itamarati/Jutaí
25	-	Gleba Alegrete	-	Gleba Alegrete	Itamarati/Eirunepé

Quadro nº 43: Relação de imóveis e ocupantes não indígenas sobrepostos à proposta da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho (Dias de Góes, 2025, p. 27)

14.4 Notificação/citação de ocupantes não indígenas

A notificação ou citação dos ocupantes não indígenas tem como objetivo garantir que essas pessoas sejam formalmente informadas de que suas ocupações estão dentro dos limites de uma Terra Indígena em estudo, em cumprimento à Lei nº 14.701/2023 e ao Decreto nº 1.775/1996, que regulamenta o procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas. Esse procedimento assegura o direito à informação, permite que os ocupantes se manifestem e contribui para a transparência e segurança jurídica no processo de demarcação.

No âmbito do levantamento fundiário, foram adotadas todas as medidas cabíveis para efetivar as notificações, por meio de entregas presenciais (*in loco*) durante as atividades de campo. As citações por envio de ofícios e publicação de Edital de Notificação no Diário Oficial da União (DOU), em casos de não localização dos interessados, estão sendo feitas nos autos de identificação e delimitação. Foram identificados 25 ocupantes não indígenas, sendo 15 formalmente citados.

O quadro “Relação dos ocupantes não indígenas x realização da citação” apresenta, para cada ocupante, a realização ou não da citação, a data e a forma utilizada (presencial, ofício ou DOU). E inclui tanto os ocupantes identificados em campo quanto aqueles identificados apenas por levantamentos de gabinete com base em dados públicos.

Nº de ordem	LF	Nome	Citação Realizada (Sim/Não)	Data da Citação	Forma (In loco / Ofício / DOU)	Registro de Ocorrência - RO (Sim/Não)
01	01	Manoel Nogueira da Costa	Sim	22/11/2024	In loco	Não
02	02	Romulo de Melo Sales	Sim	22/11/2024	In loco	Não
03	03	Manoel Silva da Silva	Sim	22/11/2024	In loco	Não
04	04	Francisco Ramos da Silva	Sim	22/11/2024	In loco	Não
05	05	Vanderley Benevide Lopes	Sim	22/11/2024	In loco	Não
06	06	Pedro Sampaio Gertude	Sim	22/11/2024	In loco	Não
07	07	Raimundo da Graças Nunes De Paula	Sim	22/11/2024	In loco	Não
08	08	Manoel Furtuoso da Silva	Sim	23/11/2024	In loco	Não
09	09	José Raimundo Viana da Silva	Sim	23/11/2024	In loco	Não
10	10	Espólio de Regino Torquato de Souza ⁴⁵⁵	Sim	23/11/2024	In loco	Não

⁴⁵⁵ Ocupante identificado e notificado durante a etapa de campo do levantamento fundiário, que ocorreu anteriormente à realização de ajustes finais no mapa da Terra Indígena. A ocupação não incide na proposta final de delimitação.

11	11	Manuel Ricardo Figueiredo ⁴⁵⁶	Sim	24/11/2024	In loco	Não
12	12	Antonio Souza da Silva	Sim	25/11/2024	In loco	Não
13	13	Antonio Ramos Pereira	Sim	26/11/2024	In loco	Não
14	14	Antonio Souza e Souza	Sim	26/11/2024	In loco	Não
15	-	Espólio de Jurandir Arcoverde Cavalcante	Sim	02/12/2024	In loco	Não
16	-	"Tuxáo"	Não	-	-	Sim
17/18/19/20	-	Edoel José Ferreira Alves	-	-	-	-
21	-	Orizon Fares Cavalcante	-	-	-	-
22	-	JCS Topografia Ltda	-	-	-	-

Quadro nº 44: Relação dos ocupantes não indígenas x realização da citação (Dias de Góes, 2025, p. 28-29)

Dos 16 formulários aplicados em campo, apenas um não resultou em citação. Nesse caso, o Registro de Ocorrência indica tratar-se de comunidade abandonada, denominada Veneza (até a conclusão do Relatório Fundiário não foram protocoladas manifestações de quaisquer interessados).

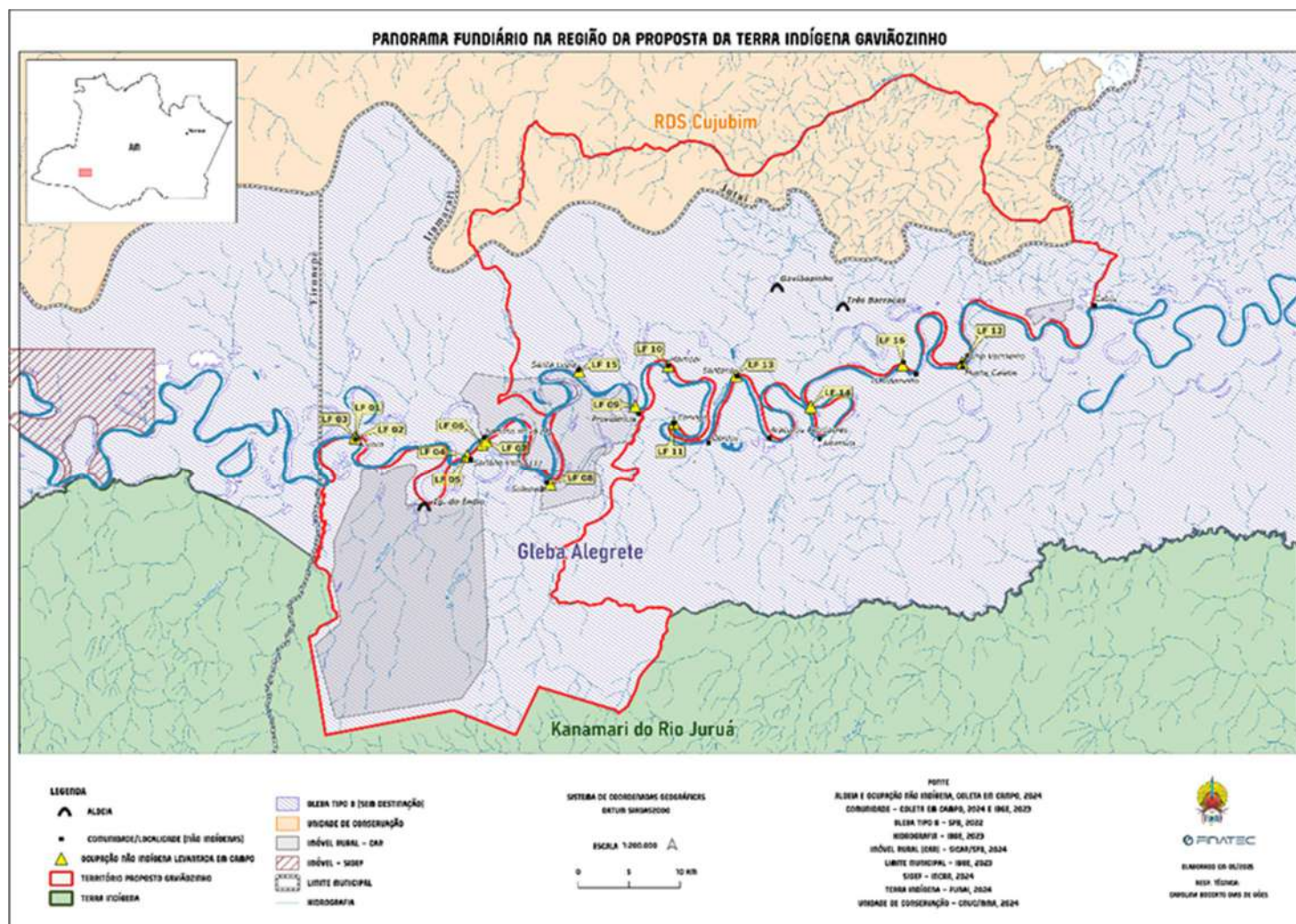
⁴⁵⁶ Ocupante identificado e notificado durante a etapa de campo do levantamento fundiário, que ocorreu anteriormente à realização de ajustes finais no mapa da Terra Indígena. A ocupação não incide na proposta final de delimitação.

14.5 Síntese fundiária da área em estudo

A área em estudo TI Kulina Igarapé do Índio/Gaviãozinho, com uma área total aproximada de 206.701,79 hectares, encontra-se em uma região marcada pela presença de outras unidades territoriais, como a Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Cujubim e a Floresta Estadual não destinada Gleba Alegrete. A TI Kanamari do Rio Juruá, que possui uma extensão de 596.433 hectares, teve seu processo de identificação e delimitação iniciado em 1984 e concluído em 1999, com seu registro formalizado. Esta terra indígena compartilha uma fronteira de 63,7960 km com a área em estudo. Por sua vez, a RDS-Cujubim, criada em 2003, apresenta uma interação significativa com a área em estudo, com uma sobreposição territorial de 47.294 mil hectares (22,74% da área em estudo apresenta sobreposição à RDS). Um ponto crucial no contexto da regularização fundiária da área é que 77,26% da área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho se sobrepõe à Gleba Estadual Alegrete do tipo B. Essa característica da gleba tipo B representa um elemento estratégico na política de regularização fundiária, pois oferece margem legal para a destinação dessas terras à proteção de territórios indígenas ocupados tradicionalmente. A ausência de destinação formal facilita, em tese, a consolidação jurídica da área em estudo, uma vez que não há outros usos públicos legalmente instituídos que colidam com a reivindicação fundiária indígena.

Além dessas unidades, identificou-se sete imóveis rurais cadastrados no Sistema de Cadastro Ambiental Rural (SICAR) dentro dos limites da proposta da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho, o que corresponde a aproximadamente 19,48% de sua área total — um indicativo da pressão fundiária existente sobre o território indígena em estudo. Na coleta de dados em campo foi possível identificar 16 ocupações não indígenas inseridas na área em estudo. A maioria dos imóveis é ocupada de forma permanente, com presença de residências fixas, indicando vínculos estáveis com o território. A situação fundiária predominante destes imóveis é de posse, seguida por arrendamento e, em menor número, usufruto. As moradias são, em sua maioria, voltadas à subsistência, com base em atividades como agricultura, extrativismo e pesca.

O mapa “Panorama fundiário da região da proposta da Terra Indígena Igarapé do Índio/Gaviãozinho” demonstra o quadro fundiário atual com as sobreposições e distribuições das ocupações não indígenas.



A **título de conclusão** o GT Fundiário indica que a área em estudo TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho está **majoritariamente sobre terras públicas estaduais** não destinadas, conhecidas como Gleba Alegrete, e sobre parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim, uma unidade de conservação de uso sustentável. **As ocupações não indígenas identificadas na área não apresentam, até o momento, documentos que comprovem propriedade formal.** Tratam-se, principalmente, de situações de posse, arrendamentos ou registros no Cadastro Ambiental Rural (CAR), que, por sua natureza, não geram direito real sobre a terra nem se sobrepõem ao processo de demarcação, conforme estabelecem a Constituição Federal e a Lei nº 14.701/2023. Vale ressaltar que alguns procedimentos ainda precisam ser concluídos, como a pesquisa nos cartórios locais e a notificação de alguns ocupantes. Todo esse processo vem sendo conduzido com atenção aos princípios do contraditório e da ampla defesa, assegurando que todas as partes tenham espaço para se manifestar, conforme estabelece a legislação. Diante do exposto, **não foram identificados impedimentos de ordem fundiária que comprometam o reconhecimento dos limites propostos para a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho** (Dias de Góes, 2025, p. 32).

No momento atual, ainda não podemos falar em conflito da população Kulina com os moradores da RDS-Cujubim. Por outro lado, **a demarcação da TI contribuirá para a proteção do Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural.**

Como visto antes, são os não indígenas das comunidades Veneza, Soriano Velho e Santa Luzia os que mais desenvolvem ações predatórias de caça, pesca e extração de madeira dentro da TI. A situação piora a cada dia. Por isso, para que não aconteçam graves acidentes aos Kulina, e para que estes possam cuidar de seu território tradicional com acesso exclusivo aos recursos, na forma como lhes assegura a Constituição de 1988, afirmo a urgência da demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho.



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



VII – Sétima Parte **Conclusão e delimitação**

15 CONCLUSÃO SOBRE A OCUPAÇÃO DOS KULINA NA TERRA TRADICIONAL NOS IGARAPÉS DO ÍNDIO E GAVIÃOZINHO

As pesquisas bibliográficas e históricas permitem concluir que o povo Kulina é amplamente reconhecido como numeroso e habitante, predominantemente, do rio Juruá. No entanto, existem registros históricos e atuais que indicam a presença dos Kulina no alto rio Purus, no rio Jutai e no rio Solimões. O acervo histórico utilizado como base para as informações contidas neste relatório abrange desde o viajante inglês Chandless até o missionário-etnólogo Tastevin, além de documentos do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Viajantes, exploradores, missionários, etnólogos e Inspetores do SPI salientam que as correrias resultaram no deslocamento de territórios, escravidão, incorporação de mão de obra na exploração do caucho e da borracha, e também na disseminação de epidemias.

Os registros históricos indicam que, antes da chegada da frente colonizadora (principalmente ligada ao caucho e à seringa), os Kulina habitavam pequenos rios e igarapés nas regiões de terra firme, e desciam ao rio Juruá apenas para acampamentos nas praias durante verão (como registrado por Chandless, em 1869). A implantação dos seringais fixou os não indígenas no rio Juruá, e estes, por sua vez promoveram as ações de “correrias” e epidemias, além de provocar a fuga e o deslocamento das populações

indígenas. Tanto os caucheiros (vindos do Peru) como os seringueiros (brasileiros) perseguiram implacavelmente os povos indígenas da região. As “correrias” dizimavam grupos inteiros e visavam a liberação dos seringais e terras do caucho nativo, bem como a incorporação da mão de obra indígena na indústria extrativista.

Chandless (1867-1869) apresenta os primeiros relatos escritos sobre os Kulina em uma faixa de terra (a margem direita do rio Juruá) que vai do Alto Juruá até a região do rio Xeruã, aproximando-se do rio Pauini, bacia do rio Purus. A região indicada no mapa, onde vê-se escrito “Colinos Indians”, corresponde à área da TI. Não obstante, Tastevin (1920) registrou a presença dos Kulina entre 1908 e 1914, entre o Marari (afluente do rio Juruá) e as cabeceiras do rio Tapauá (bacia do rio Purus). Nessa época, os Kulina (Colina) trabalhavam no seringal do coronel Contreiras (na agricultura, caça e extração de borracha). O seringal se estendia pela margem esquerda do Juruá, do Marari até um bom terço da margem direita do rio Xeruã, alcançando o rio Tapauá, na bacia do Purus. Tastevin descreve toda essa região como uma área de ocupação tradicional dos índios Kulina. Vale ressaltar que o rio Xeruã é limite da TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho e local de varadouros antigos e atuais, que dão acesso ao rio Pauini (bacia do rio Purus, terra natal e local de trabalho de alguns Kulina que habitam a TI).

Através dos diversos documentos históricos e bibliográficos aqui apresentados, conclui-se que o Estado Brasileiro possui uma dívida histórica com os povos indígenas dessa região. De modo particular, destacamos a dívida com o povo Kulina, que, além de perder seus territórios e mobilidade por áreas muito maiores, viu seus parentes serem mortos de forma violenta, suas mulheres e filhas raptadas e abusadas, seus filhos escravizados, suas aldeias destruídas e foram aliciados com bebidas alcoólicas.

Em contrapartida, as pesquisas bibliográficas recentes indicam que a cultura Kulina sofreu uma série de transformações, mas ainda preserva seus padrões de ocupação tradicional e estratégias de contato com a sociedade nacional. Dessa forma, a não viabilização do processo demarcatório coloca os Kulina em risco e fere um direito constitucional. Recentemente, o Ministério Público Federal, na Recomendação Legal nº 09/2022, exigiu a urgente demarcação das terras tradicionais como forma de restabelecer o direito dos Kulina ao usufruto exclusivo de seu território e reverter o estado de vulnerabilidade que acomete alguns membros desse povo.

Reitero nove pontos fundamentais que justificam a demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, a título de conclusão deste Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação:

1. Concepção de território: Quando os Kulina afirmam: “somos *jidsama madija*” e se deslocam ao encontro de uma família, de um arbusto ritualístico ou de um roçado antigo, eles operam a partir de outros conceitos. A concepção de território Kulina mistura o tempo mítico com o tempo atual, pois, para eles, o território é: habitado e guardado pelo *rami*, lembrança do pai e do avô (através das plantas), local que constrói diferença (“identidade” do subgrupo que sempre habitou ali), rota de contato com o mundo subterrâneo dos parentes mortos e local do conhecimento, pois é o portal que permite o pajé acessar o território dos seres extra-humanos. Ademais, o território é entranhado de carga afetiva e simbólica, e não separa em patamares fixos os humanos e os extra-humanos. A relação que os Kulina estabelecem com a terra tradicional não está pautada na noção de propriedade, mas no vínculo com “quem ficou no lugar”. Abrir mão dessas áreas é abrir mão dos vínculos entre humanos e não humanos. O descuido com esses territórios implica punições de outra ordem, não previstas nos procedimentos de controle do Estado.
2. A TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é a terra tradicional dos subgrupos *dsomaji madija* (onça *madija*), *biro madija* (tucano araçari *madija*) e *jarissi madija* (batata-doce *madija*). Os subgrupos *madija* representam um padrão de ocupação tradicional que orienta a distribuição da população Kulina nos territórios. Cada subgrupo habita as margens de um igarapé ou pequeno rio (como os igarapés do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho) afluente do rio principal. É a organização subgrupal que estabelece um critério de acesso às áreas de caça, pesca, plantio, coleta e moradia; uma posição na rede de distribuição de alimentos; e indexa diferença (“identidade”). Assegurar o direito dos subgrupos *dsomaji madija* (onça *madija*), *biro madija* (tucano araçari *madija*) e *jarissi madija* (batata-doce *madija*) ao seu território tradicional é uma forma efetiva de garantir a continuidade da existência dos povos indígenas no sentido mais amplo do termo, elevando a autoestima das pessoas que integram esses subgrupos.
3. Porainom Kulina nasceu em 20 de fevereiro de 1949 na aldeia Gaviãozinho (documentado no Registro Civil), estava morando no território em 1988 e continua morando nos dias atuais.
4. Os registros do CIMI-Tefé confirmam a presença dos Kulina nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho em 1950, 1967 e 1983, ou ainda antes (relatos da memória oral apontam para uma ocupação mais antiga, 1883).

5. A pesquisa documental em arquivos do Sistema Eletrônico de Informações (SEI-FUNAI), realizada com leituras e análises dos processos administrativos e judiciais referentes à demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, indicam que a Funai tem conhecimento do pedido de demarcação da TI desde o ano 2002, quando os Kulina enviaram os primeiros documentos reivindicando o reconhecimento oficial de seu território tradicional. Ou seja, há mais de vinte anos, os Kulina dos Igarapés do Índio e Gaviãozinho solicitam providências efetivas do poder público para que sejam realizados estudos qualificados que registrem o direito originário sobre a terra que tradicionalmente ocupam. Além disso, vivem completamente afastados das políticas públicas do Estado brasileiro (nas aldeias, não há serviços básicos de atenção à saúde e educação escolar, por exemplo).
6. A Recomendação Legal nº 09/2022 e os dados do DSEI-MRSA apresentam o povo Kulina como uma população em situação de vulnerabilidade. Os relatos das histórias de vidas das famílias apontam para um alto nível de mortes por homicídios, afogamento decorrentes de processos de embriaguez e suicídio (dados coletados em recente trabalho de campo, em agosto de 2024).
7. A TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho tem como vizinhos comunidades não indígenas populosas, que frequentemente invadem e exploram predatoriamente os recursos exclusivos dos Kulina. Por isso, as áreas de terra firme são fundamentais para construir aldeias e roçados e preservar árvores para que os Kulina realizem a coleta de frutas e cipós, bem como a extração de madeira para construir suas casas. Os roçados não apenas fornecem alimentos para as pessoas, mas são cemitérios e portais de acesso ao mundo dos seres extra-humanos. Não obstante, os Kulina reiteram que as áreas de refúgio são imprescindíveis ao meio ambiente, pois garantem a reprodução dos animais de caça. Todavia, vão além da questão funcional e econômica, e afirmam a importância dessas áreas como forma de garantir uma boa relação com os seres extra-humanos que habitam esses locais (como, por exemplo, os donos da caça) e a manutenção da vida dos seres humanos na terra tradicional (ou patamar *namí*).
8. Historicamente os Kulina utilizam os recursos naturais da terra indígena ao modo tradicional para manter a própria subsistência física. Uma população crescente precisa dos lagos e rios protegidos para garantir a segurança alimentar e a geração de renda. Os Kulina são pescadores, caçadores, coletores e agricultores

tradicionais, e planejam manejo de lagos para pesca de pirarucu e outras espécies. Porém, a preservação dos lagos, rios, igarapés e poços é também uma forma de equilibrar as relações com a terra da água (ou patamar *passo dsamarini*): morada do *tocorime* onça e de outros seres extremamente perigosos.

9. De acordo com os levantamentos realizados pelo GT Fundiário (Portaria Funai nº 1.204, 31/10/2024), constatou-se a presença de 16 ocupantes não indígenas dentro da área a ser demarcada, totalizando 26 famílias e 113 pessoas. Esse GT identificou diferentes tipos de ocupação: posseiro, arrendatário e usufrutuário. O Relatório Circunstanciado de Levantamento Fundiário indica que a área em estudo incide majoritariamente sobre terras públicas estaduais não destinadas, conhecidas como Gleba Alegrete, e sobre parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Cujubim, unidade de conservação de uso sustentável. A RDS-Cujubim, criada em 2003, apresenta uma interação significativa com a área em estudo, com uma sobreposição territorial de 47.294 mil hectares (22,74% sobreposição da RDS sobre a área em estudo). É necessário salientar que a sobreposição não implica conflitos entre os Kulina e os moradores da RDS-Cujubim; o que, por outro lado, reforça a proteção do Corredor Central da Amazônia, de grande importância biológica e sociocultural. Sobre esse processo cabe sublinhar que, em observância ao disposto na Lei nº 14.701/2023 e na Portaria MJ nº 2498/2011, foi franqueada a participação dos entes federados no procedimento de identificação e delimitação, houve comunicação oficial da Funai aos entes federados (Itamarati-AM, Jutai-AM e Estado do Amazonas). Foram realizadas reuniões informativas com os técnicos indicados pelo município de Jutai e pelo governo do Estado do Amazonas, que optaram por não acompanhar as atividades do GT, enquanto que o município de Itamarati não se pronunciou sobre o comunicado. As ocupações não indígenas identificadas na área não apresentam, até o momento, documentos que comprovem propriedade formal. Tratam-se, principalmente, de situações de posse, arrendamentos ou registros no Cadastro Ambiental Rural (CAR), que, por sua natureza, não geram direito real sobre a terra nem se sobrepõem ao processo de demarcação, conforme estabelecem a Constituição Federal e a Lei nº 14.701/2023. Vale ressaltar que alguns procedimentos ainda precisam ser concluídos, como a pesquisa nos cartórios locais e a notificação de alguns ocupantes. Todo esse processo vem sendo conduzido com atenção aos princípios do contraditório e da ampla defesa,

assegurando que todas as partes tenham espaço para se manifestar, conforme estabelece a legislação. Diante do exposto, não foram identificados impedimentos de ordem fundiária que comprometam o reconhecimento dos limites propostos para a TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho.

Registra-se que a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho é uma terra de ocupação tradicional e histórica desse povo, contendo áreas imprescindíveis à preservação dos recursos naturais necessários para sua reprodução física e cultural, de acordo com seus usos, costumes e tradições. A partir dos abundantes dados bibliográficos e históricos (e da memória oral), comprova-se a ocupação permanente nos Igarapés do Índio e Gaviãozinho pelos atuais Kulina.

Ao percorrer essa sequência histórica, conclui-se que os dados confirmam que, **nos anos de 1949-1950⁴⁵⁷, os Kulina já se encontravam na terra tradicionalmente ocupada às margens dos Igarapés do Índio e Gaviãozinho**, mantendo a continuidade dessa habitação permanente até os dias de hoje. Diante do exposto, a demarcação da TI Kulina é uma reparação do Estado Brasileiro ao processo histórico de violências, escravidão, epidemias, expulsão de aldeias, prostituição (e rapto de meninas e mulheres), privações, aliciamentos, alcoolização, importunações e homicídios sofridos pelos Kulina nesses últimos séculos. **A solicitação é um direito adquirido na Constituição Federal de 1988 no Art. 231, que trata do conceito de “terras tradicionalmente ocupadas”:** “as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições”. **Reitera-se que a demarcação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho está em conformidade com a Lei Federal nº 14.701/2023.**

⁴⁵⁷ Se levarmos em conta os relatos orais e os registros de Chandless e Tastevin, essa data é muito anterior.



Foto nº 72: Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites do território a ser demarcado. Aldeia Gaviãozinho: 25/08/2024 (Genoveva)

Na manhã do dia 25 de agosto de 2024, na casa do pajé e liderança Porainom Kulina, diante da presença de adultos, jovens, crianças e idosos, os Kulina se reuniram para construir a proposta de limites, visando a demarcação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. A reunião propiciou uma maior compreensão coletiva sobre a proposta de delimitação e um consenso pleno, que foi manifestado em um termo de anuência assinado por membros das três aldeias (cópia em Anexos). No dia 26 de agosto de 2024, foi realizada uma grande festa *Ajie* como forma de agradecimento e encerramento dos trabalhos do GT. No início do *Ajie*, como é de costume, a maioria das lideranças presentes fizeram uma fala reiterando a importância da demarcação da terra, e apontando sua necessidade urgente.

Foi realizada uma reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites na aldeia Igarapé do Índio no dia 30 de agosto de 2024. Participaram desse evento as três lideranças da aldeia que acompanharam todo o trabalho do GT e a comunidade local. Na ocasião, as pessoas tiveram a oportunidade de anuir sobre a proposta de delimitação.

Apresento, agora, uma série de depoimentos que pretende demonstrar não apenas como os Kulina se apropriaram do trabalho do GT, mas atuaram como protagonistas do processo.

A seguir, os depoimentos feitos em língua Kulina a partir de três perguntas básicas: nome, aldeia onde mora e por que está solicitando a demarcação da terra⁴⁵⁸.

1º Depoimento de Luzia Kulina (F)⁴⁵⁹, tuxaua e liderança da aldeia Três Barracas

[Luzia] Ohuape aldeia Três Barracascca. Occa dsama marcanani huajine. Ohua onipe Luzia. Aba jicadsa coridsadsa carihuadeni jine. Aba jicadsapa nejecomannedsa ojipani jine? Carihuadeni jine jicahui. Odsosquedsa manaco ojinodideni pajamaquenahui huajine.

[Tradução]

[Luzia] Eu moro na aldeia Três Barracas e estou solicitando a demarcação da nossa terra. Meu nome é Luzia. Os não indígenas estão acabando os peixes dos nossos lagos. Se os não indígenas acabarem com os nossos peixes, o que eu vou comer? Eu quero preservar os lagos para que, quando eu morrer, meus netos possam continuar tendo peixe para comer.

2º Depoimento de Tesadi-Irineu Kulina (M)⁴⁶⁰, tuxaua e liderança da aldeia Igarapé do Índio

[Tesadi] Ia ajicco Igarapé do Índiodsa icca dsama tojani jine. Lago de Matope coridsa icca dsama najari paje. Ohua oni Tesadi. Occa dsama Igarapé do Índio.

[Tradução]

[Tesadi] Nós moradores da aldeia Igarapé do Índio queremos que nossa terra seja demarcada e reconhecida como nossa. O Lago do Mato é nosso e faz parte da nossa terra.

Meu nome é Tesadi. Eu moro na aldeia Igarapé do Índio.

⁴⁵⁸ Transcrições e traduções feitas por mim.

⁴⁵⁹ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:33 TimeVideo_20240825_093230.mp4 19,25MB 1280x720px 00:40

Nesse arquivo há uma pequena fala de Dsiquija-Zahahah Kulina logo no início. Depois temos o depoimento de Tesadi-Irineu Kulina (transcrito a seguir).

⁴⁶⁰ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:33 TimeVideo_20240825_093230.mp4 19,25MB 1280x720px 00:40

Nesse arquivo temos o depoimento de Luzia (apresentado anteriormente) e o depoimento de Tesadi-Irineu Kulina (apresentado agora).

3º Depoimento de Amassa Kulina (F)⁴⁶¹, anciã, liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Amassa] Ohua onipe Amassa. Occa dsama Gaviãozinho.

Ajecca bijini battocca Tibuteudsa na jiranani huajine aje huaje. Najarooo ajeccaaa tattini huaje na ajecco Igarapé do Indiodsa marcanani huajine.

Aba ojinodenideni quejena potemahui aba jipe manehui huajine. Carihua todo dia quenahui aba pescaniji noerani ojipani huajine.

Ajadsa Porainom toccadsa aba jirahui ccani ccani nahui aba najaro.

Ohua ajidsa morador ojajaro Madija ohuaha manaquenajarahui.

Ohua onipe Amassa. Bicatani occa bijini aba jicajara jari. Jicani.

[Tradução]

[Amassa] Meu nome é Amassa e moro na aldeia Gaviãozinho.

Nossa terra vai até lá embaixo, abaixo do igarapé Tibuteu. E subindo a demarcação deve ir acima do Igarapé do Índio.

Devemos cuidar de nossos peixes pensando no futuro, na alimentação de nossos netos quando eles estiverem adultos. Os não indígenas pescam todo dia. Assim eles irão acabar com todos os peixes e não ficará nada para gente comer.

Outro dia o Porainom foi pescar com caniço e não trouxe nada de peixe.

Eu moro aqui há muito tempo. Meu nome é Amassa. Meu igarapé é bonito e queremos que ele continue sempre cheio de peixes. Acabei minha fala.

4º Depoimento de Irewahi Kulina (M)⁴⁶², liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Irewahi] Jehe, iape ajima inajaro, maittaccadsamape ssamomotahui ajadsa najaro aje marcarani najaro jine. Carihua tonajojorajari aje motta.

Icca aldeia marcanani jine qqui Furo da Rodagemdsa motta carihua huahua nahuipa “barro vermelho” nahui. Nanidsa motta marcanani jine. Aje tatini jine ajima ajicco, aniji, Flechal tattini huaje jipe toquedsape Igarapé do Índio huaje najaro pajicca Kanamaridenicca dsama nani acco toccajaro Três Bocas motta. Najaro ssamomo ineraha jidapanape iadsa tobicani nahui tohui raneje.

Icca coridsa naqui badsima icca Veneza. Ajicca Maxirixi naqui iccani tohui jidapanape. Najaro ma aje huaje cca icca coridsa tojani tohui. Najari naco carihua todo dia quenahui pescade najaro. Jidapanape marca nedsape neboni tohui najaro icca.

⁴⁶¹ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:37 TimeVideo_20240825_093608.mp4 38,58MB 1280x720px 01:22

⁴⁶² Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 9:49 TimeVideo_20240825_094726.mp4 52,83MB 1280x720px 01:52

Najari ejedeni, ijinodeni pajaqueneje jine. Aje taide dsama quinapojarope ijicani tohui ojari odsoqqe. Dsamacomadsa idsoqqe nani cajitani. Ijinodini, ijacamadeni, icca ato denicca ato quejerahui jine. Najari icca aba jicahui naco. Ejedeni coaje aba tohui pohuama. Coridsa huittanani bara naridsahui tohui aba tohui. Nema nahui jicahui noppine. Denima aumentar najine icca aba. Pepeji.

[Genoveva] Tia oni.

[Irewahi] Ohua oni Irewahi.

[Genoveva] Nedsa ticca dsama?

[Irewahi] Gaviãozinho. Taidepe ossonaponipe Medonho dsara occajo najaro ajidsa omadijaro.

[Tradução]

[Irewahi] Sim, nossa vida era assim, antes a gente não tinha apoio quanto ao direito de demarcação da nossa terra. A gente não sabia quando vinha a demarcação e os não indígenas aproveitavam para explorar os recursos de nossa terra.

Nossa terra a ser demarcada começa aqui embaixo no Furo da Rodagem, local que os não indígenas também chamam de “barro vermelho”, é lá o limite debaixo para demarcar. Nossa terra começa no Furo da Rodagem e segue subindo nesse lado (esquerdo) do rio Juruá até o igarapé do Flechal. Um pouco mais acima do Flechal a terra segue dos dois lados (descendo o Igarapé do Pilão como limite oeste da margem esquerda do rio Juruá, até sua foz, e atravessando para a margem direita, de forma que da praia antes do Mamonal até a foz do Igarapé do Pilão, fique uma terra contínua entre as duas margens). Depois nossa terra segue somente no lado direito do rio Juruá até o Igarapé do Índio. Daí a nossa terra continua até encostar em dois lados (oeste e sul) na terra dos Kanamari, até o igarapé Três Bocas.

Nós estávamos sem saber quando viria a demarcação, mas agora que começou, o processo de demarcação, nós achamos que a nossa vida ficará muito melhor.

São nossos os lagos Veneza e Maxirixi para cuidarmos dos peixes para que os não indígenas parem de pescar. Quando vier a demarcação poderemos cuidar melhor do nosso outro lago (Coatá) que fica aqui para cima. Lá os não indígenas estão pescando todo dia.

Precisamos demarcar a nossa terra para nossos filhos, netos e sobrinhos morarem. Nós ficaremos velhos e morreremos, mas eles precisarão de peixes para comer. Se acabarem os peixes os nossos filhos perguntarão: cadê os peixes? E seguirão ao lago para pescar, mas será em vão, pois voltarão para casa sem nada. Por isso solicitamos que venha logo a demarcação de nossa terra, para que não acabem nossos peixes. Queremos cuidar de nossa terra e reservar lagos para aumentar a quantidade de peixes nos rios e igarapés. É isso!

[Genoveva] Diga o teu nome.

[Irewahi] Meu nome é Irewahi.

[Genoveva] Onde você mora?

[Irewahi] Eu moro na aldeia Gaviãozinho. Eu nasci no igarapé Medonho. Mas faz tempo que eu moro aqui. Agora eu sou daqui.

5º Depoimento de Azuhani-Álcool Kulina (M)⁴⁶³, morador da aldeia Três Barracas

[Azuhani] Ohua oni Álcool.

[Genoveva] Ticca dsama?

[Azuhani] Três Barracas.

[Azuhani] Icca dsama marcani sai najaro te nani huajine. Marcação sai najaro te nani huajine. Omadinisatani.

[Tradução]

[Azuhani-Álcool] Meu nome é Azuhani-Álcool. Eu moro na aldeia Três Barracas. Queremos que venha logo a demarcação da nossa terra para morarmos bem.

6º Depoimento de Nomija (F)⁴⁶⁴, anciã e liderança da aldeia Gaviãozinho

[Nomija] Ohua oni Nomija. Occa dsama oni Gavião.

Ohuape occaridsani danejerahua. Maqqui na dsama qquiqquiquenahui huajine. Nahui na ohuape odsa cahua. Poho tohui naqui occanejerani. Amoneje onihi pe poho tohui jahuidsã. Ohuadsa quatro na daique nadsape apa apa najaride.

Ajadsa odsa occapiraha Jodsocca odsadsa omadijaro, Marizacca.

Ajidsa ohua dsohuato jedsa ajidsa bacco neraha. Aje Gaviãodsa jadani occajini.

Nedsape Caruari occa. Carauaridsape aje huaje mamore ojipade occanidsape omadijaro.

Abicca dsamadsa ajadsa. Chico Cidade ajadsa, abi, Camaidso. Occa abi Siara. Ami Jabono, Igarapé do Índiodsa cahuani.

Rio Mutum naco ohuape carao nedsapa jari madijadeni jina canabaquijaricca. Nanidsa tapiri inahuato ticcadsipajaro. Hora dessa tá no rio Mutum. Nani huajeratani. Nedsa aje Pajurá jahuipe tedacodsa, ssihuaja na baccotinani tohui, dois dias.

Santa Luziadsa ajijaro marcação nanipe ajicca Igarapé Preto. Aniji paje, ajijaro tetojidsana ique najari Pilãodsa na marcanahui. Nacca huaje Igarapé do Índio huajeratani nahuidsã na Furo Preto, nahuidsã na Igarapé do Índio. Pepeji. Najaricca dsama (apontando para Tesadi e Sedsì).

[Tradução]

[Nomija] Eu sou Nomija e moro na aldeia Gavião (Gaviãozinho).

Eu estou velha e não consigo andar pela floresta para ajudar nos trabalhos do GT. Desta forma os homens andaram e trabalharam com vocês. Eu fico cuidando da casa, pois também não consigo ir ao roçado coletar macaxeira. As mulheres vão ao roçado e trazem

⁴⁶³ Depoimento gravado em vídeo 25/08/2024 9:50 TimeVideo_20240825_095000.mp4 12,09MB 1280x720px 00:25

⁴⁶⁴ Depoimento gravado em vídeo em 25/08/2024 10:00 TimeVideo_20240825_095756.mp4 61,44MB 1280x720px 02:10

macaxeira. Eu sempre ganho umas quatro macaxeiras que as mulheres me dão. Então eu cozinho e como.

Eu não tenho casa. Aquela casa que eu moro é do Jodso e da Mariza.

Quando eu cheguei para morar no igarapé Gaviãozinho eu era moça nova. Cheguei aqui muito antes do meu casamento. E eu fiquei morando aqui no Gavião até minha velhice. Mas antes eu fui passear em Carauari, porém eu não quis morar lá. Voltei para morar aqui e comer matrinxã.

Esta é a terra de meu pai. É terra do Chico Cidade e do Camaidso. Meu pai se chamava Siara e minha mãe era Jabono. Minha mãe morreu e está sepultada no Igarapé do Índio.

Eu fui no rio Mutum quando eu andava bem e os Madija-Kulina me convidaram. A gente dormiu em viagem. Fizemos tapiri e chegamos no rio Mutum no outro dia, nesse mesmo horário (olhei no relógio e eram 10:00 horas da manhã). Não é longe daqui ao rio Mutum. Você sai daqui e vai subindo o igarapé Gaviãozinho até chegar no igarapé Pajurá. Então você dorme e no outro dia chegará no rio Mutum, são dois dias de viagem.

A demarcação segue do Igarapé do Coringa passando pelo Santa Luzia dos dois lados até o igarapé do Pilão. Depois fica só do outro lado (lado direito) passando pelo Igarapé Preto até chegar no Igarapé do Índio que fica bem perto do Furo Preto. Igarapé do Índio é terra do Tesadi e do Sedsí que estão aqui conosco nessa reunião. Fim da minha fala.

7º Depoimento de Quirisi Kulina (M)⁴⁶⁵, tuxaua, liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho

[Quirisi] Te teribo caneje madijadieni. Occa madijadieni ssamomotahui. Huatihuatinani mittemanajarahui ssamomotahui. Jidapanana tuxaua ajadsa ohua oquejedsana mittemitte inani tohui. Huahuanani naqui mitteinana: ah! pohuara maidsajariha. Pohuara huatihuati narahe. Amonejedeni naqui ssamomotani mittemanani danejerani. Ohua huatahui naqui iqueriquini danejerani.

Neraha ia icca dsedse poho ppejenedsape quequeriquinani. Ponimape iquejiquejerani. Icca dsama tamineni huatide: Amohua (Genoveva), Dsiquija (Marilena), Sarah quenajarodeni bacco quenani. Icca dsama marcanani huajine, onihidsape.

Jidapana ittomejaro. Icca dsama marcanani. Onihidsape ittome inahuatojaro: Igarapé do Índiocca, Três Barracascca, aje Gaviãozinhocca. Najaro hautihauti najaro.

Icca dsama tobiani huajine. Iadsa agente de saúde noe, professor noerahui. Ejedeni ajajari, pajama najari, tocca huattera jahui papeo ssamomotahui. Imejocohuideni naco ssamomotaja.

Escola huajine naco carihuadeni icca dsamacca madeira huissi teraha noerani escola caquejerani. Huajano huahadsaraha bote bote

⁴⁶⁵ Depoimento gravado em vídeo em 26/08/2024 18:57 TimeVideo_20240826_185526.mp4 53,22MB 1280x720px 01:53

nani. Madija cajide Deni ihuadsa ajuda inana neraha. Iadsa ajuda nejerahui madeira boteni ponira escola huajine raha.

Najaro icca dsama marca nedsape iadsa bicatani tohui. Icca bijinicca aba jicahui. Iadsa marcarajaro dsama acconi. Iadsa jicana queneraha nema nehi iquejena najaro. Jidapanape marca najaro. Iadsa bicatani tohui, icca dsama marcanedsape. Pepeji, occa huima bicatani.

[Tradução]

[Quirisi] Vocês agora prestem atenção que eu vou falar. Se vocês não sabem agora escutem bem: eu sou o tuxaua-chefe dessa aldeia. E eu já falei e estou falando novamente para vocês. As mulheres também estão sabendo que eu sou o tuxaua.

Agora nós fizemos caçuma de macaxeira para bebermos pois vamos comemorar que a nossa terra será demarcada. Nos reunimos para acertarmos os limites de nossa terra com o GT de demarcação composto por Amohua (Genoveva), Dsiquija (Marilena) e Sarah. Para isso elas vieram para cá. Elas vieram para iniciar o processo de demarcação de nossa terra. Agora estamos finalizando essa primeira parte do processo de demarcação com essa brincadeira que contou com participação de pessoas de todas as aldeias da nossa terra indígena: Igarapé do Índio, Três Barracas e Gaviãozinho.

Mas para que possamos viver melhor, na nossa terra, a gente precisa de agente de saúde e de professor. As nossas crianças, essas que estão agora aqui, elas não sabem ler e escrever, elas não vão à escola. Os adultos também não sabem ler e escrever e também precisam ir à escola para aprender.

Vieram uns não indígenas aqui e prometeram construir uma escola. Serraram madeira da nossa floresta. Isso aconteceu há mais de ano. Mas eles não fizeram a escola. A madeira está aí se estragando.

Nossa terra precisa ser demarcada para que possamos viver bem. Nossos peixes estão acabando nos igarapés. Com a terra demarcada poderemos cuidar melhor dos nossos recursos e não deixaremos outros usufruir daquilo que é nosso. Nós precisamos de apoio. Esperamos que a equipe dos técnicos venham logo para colocar os marcos nos limites e abrir picadas. Essa é a minha fala boa.

8º Depoimento de Sedsí Kulina (M)⁴⁶⁶, liderança da aldeia Igarapé do Índio⁴⁶⁷

[Sedsí] Occa dsama começa inajaro aje Três Bocasdsa. Ajidsa começa inajaro. Aje motta, ajijaro paje, aje. Ajijarope carihuacca. Acco icca dsamacca, carihuacca ajijaro paje. Manaco aje huaje Gaviãozinho huaje. Ajijaro paje toccajaro, ajijaro paje, ajicco huajepe carihuacca nedsa naqui. Aje huajecca jipepe icca. Aje Juruá motta tocca tima jaro, ajijaro paje. Aje huajepe icca dsama. Ajepa icca bacco tajaro. Iccaniponajaro nani.

⁴⁶⁶ Depoimento gravado em vídeo em 30/08/2024 10:17 TimeVideo_20240830_101538.mp4 62,90MB 1280x720px 02:13

⁴⁶⁷ No retorno à aldeia Igarapé do Índio, tivemos uma reunião com todos os membros da comunidade. Na ocasião, as lideranças que participaram da reunião de pactuação dos limites na aldeia Gaviãozinho explicaram a proposta de delimitação usando a base cartográfica.

Badsima icca dsama tojani jine. Iadsa tobicani jine dsama iccapiredsa.

Aje motta, ajijaro paje, aniji bijini Pajurá, Pilão. Aje huaje carihuacca. Aje tocanipoma ajaro, aje lago do Pilão paje. Nedsape iccanijaro, ajijaro Soriano jadanipe icca.

Nedsa Soriano Novope carihuacca. Aje huajepe, carihuacca. Aje, ajidsape icca dsama tojajaro. Demarcação ne jiquedsape icca. Pajissa, Amohua? Icca dsama tojani jine, Badsimacca.

[Sedsi] Nossa terra começa no igarapé Três Bocas e vai por aqui e segue por toda essa margem direita do rio Juruá. Desse lado (direito) é dos Madija-Kulina e do outro lado (esquerdo) é dos não indígenas. Depois tem essa parte que conecta nossa terra dos dois lados. E depois a terra troca de lado. A nossa terra segue então na margem esquerda, do lado do Gaviãozinho e vai baixando. Do lado direito é terra de não indígena. Depois quando chega no Furo da Rodagem nossa terra sobe (até o rio Mutum). Essa é a nossa terra que será demarcada como uma só (área continua juntando a região do Igarapé do Índio e a do Gaviãozinho).

Como nossa terra não está demarcada fica parecendo que a gente não tem terra. Precisamos da terra demarcada para ficarmos bem.

Nossa terra segue dentro da terra firme até o igarapé Pajurá e do Pilão. Então desce o igarapé do Pilão até o lago do Pilão, sendo que do lado esquerdo do igarapé do Pilão é nossa terra e do lado direito é dos não indígenas. Depois sobe novamente seguindo pela margem direita do rio Juruá. Dessa forma a comunidade Soriano Velho está dentro de nossa terra.

A comunidade não indígena Soriano Novo está na margem esquerda do rio Juruá e é terra de não indígena. Mas do lado direito, quando vier a demarcação, os não indígenas deverão sair, pois a terra é nossa. E assim será.

É verdade, Amohua-Genoveva. Na nossa terra morará somente os Madija-Kulina e será de todos nós.

9º Depoimento de Toho-Raimunda Kulina (F)⁴⁶⁸, anciã e liderança da aldeia Igarapé do Índio

[Toho] Icca dsama tobicani huajine, ajijaro icca dsama, Igarapé do Índio.

Najaro ejedeni manaco ajijaro dsamadsa toquejenahui huajine neraha. Iape ijicani tohui. Ohuapa dsoqqe botenahui. Najaro ojacama manaco tojahui huajine, Irineu. Ohua oni Toho, occa dsama Igarapé do Índio. Bicatani.

[Tradução]

[Toho] Espero que todo esse trabalho de demarcação seja logo concluído para que nossa terra, nossa aldeia Igarapé do Índio fique bem

⁴⁶⁸ Depoimento gravado em vídeo em 30/08/2024 10:28 TimeVideo_20240830_102734.mp4 21,38MB 1280x720px 00:45

cuidada. Com a demarcação estamos acreditando que nossa terra ficará cuidada e preservada. As crianças de hoje irão cuidar de nossa terra no futuro e vão precisar dela para viver. Nós adultos e velhos não viveremos por muito tempo. Eu por exemplo, estou velha e acho que não demorará muito para eu morrer. O meu filho (apontou para Tesadi-Irineu) ficará cuidando da terra e das pessoas, o Irineu. Meu nome é Toho e eu moro na aldeia Igarapé do Índio. Assim está bom.



Foto nº 73: anciã Toho e a filha Lucimar. Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites do território a ser demarcado. Aldeia Igarapé do Índio: 30/08/2024 (Genoveva)

16 DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA KULINA DO IGARAPÉ DO ÍNDIO E IGARAPÉ DO GAVIÃOZINHO

Como citamos na Introdução desse relatório, a TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, localizada na região do Médio Juruá, nos municípios de Itamarati-AM e Jutai-AM, possui 109 habitantes, 20 casas e 25 famílias⁴⁶⁹. A referida TI é composta por três aldeias: Igarapé do Índio (afluente da margem direita do rio Juruá), com 42 habitantes, 8 casas e 9 famílias; Três Barracas (deságua no lago Veneza), com 21 habitantes, 5 casas e 5 famílias; e Gaviãozinho (afluente da margem esquerda do rio Juruá), com 46 habitantes, 7 casas e 11 famílias. Os Kulina reivindicam a demarcação de sua terra tradicional, identificada como Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho, com uma superfície de 206.701,79 hectares (duzentos e cinco mil quatrocentos e trinta e três hectares e quinhentos e sessenta e quatro milésimos de

⁴⁶⁹ De acordo com análise da ambientalista Marilena Campos (2025) 34% são crianças de até 12 anos e 18% são jovens entre 13 e 19 anos.

hectares). Perímetro: 475,8 km (quatrocentos e setenta e cinco quilômetros e oitocentos metros) (para maiores informações, ver Relatório Cartográfico, Frota, 2025; e mapa o de delimitação da “Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho”).

Iniciando a oeste na margem direita do rio Juruá, na altura da foz do igarapé Três Bocas, subindo este igarapé até encontrar a Terra Indígena Kanamari do rio Juruá como limite sul. No limite oeste a região do igarapé Três Bocas constitui área imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar do povo e a reprodução física e cultural (local de furos e varadouros antigos).

Confrontando com a Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá como limite sul, contendo as cabeceiras ou o alto curso dos igarapés: Igarapé do Índio, Igarapé do Matrinxã, Igarapé Preto e Igarapé do Coringa.

No limite sul estão as cabeceiras dos igarapés Índio/Matrinxã/Preto e Coringa constituindo área imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar da população. Enquanto que o médio e baixo curso do Igarapé do Índio são áreas habitadas de forma permanente e importantes para as atividades produtivas. Por sua vez, o Igarapé do Índio/Preto e Lago do Mato/Sacado são áreas de relevante caráter simbólico necessárias à reprodução física e cultural do povo Kulina.

O limite leste é o igarapé do Coringa, na margem direita do rio Juruá, até o seu médio curso, deixando de fora as comunidades Mamoaal e Coringa. De forma que do Igarapé do Coringa desvie um pouco a noroeste até a margem direita do rio Juruá na primeira praia rio acima da comunidade Mamoaal. Atravessando, neste local, para a margem esquerda do rio Juruá, tendo agora essa margem como limite sul. Segue a leste contendo as regiões: do Santa Luzia, Flechal, Laranjal, Igarapé do Ubi, Mapuriné, Lago do Coatá, Lago da Tartaruga, lago Veneza, lago Maxirixi, Igarapé do Tibuteu até o Furo da Rodagem como limite leste (margem esquerda). O limite leste (margem direita) é o local que conecta as duas partes da TI formando um corredor socioecológico. A região tem caráter imprescindível à preservação dos recursos necessários ao bem-estar, e possui áreas de relevante caráter simbólico necessárias à reprodução física e cultural do povo Kulina (local de furos/varadouros/cemitérios/aldeias antigas: Santa Luzia, Flechal, Lago Veneza). O Furo da Rodagem como limite leste (margem esquerda) é local importante para atividades produtivas e possui também áreas imprescindíveis para preservação dos recursos.

Subindo o Norte para o rio Mutum, na RDS-Cujubim, até seu alto curso incluindo sua cabeceira e as cabeceiras do igarapé Pajurá e Igarapé do Pilão. O limite norte formado pelos rios Mutum/Pajurá e pelo Igarapé/Lago Pilão são áreas imprescindíveis à preservação dos recursos necessários ao bem-estar da população e a reprodução física e cultural (local de furos e varadouros antigos).

Descendo o Igarapé do Pilão como limite oeste da margem esquerda do rio Juruá, até sua foz, e atravessando para a margem direita, de forma que da praia antes do Mamonal até a foz do Igarapé do Pilão, fique uma terra contínua entre as duas margens, passando, na margem esquerda, por todos os lagos e igarapés da região do Igarapé do Gaviãozinho, igarapé Três Barracas e Santa Luzia. Na região do Igarapé do Gaviãozinho e Três Barracas estão as áreas habitadas de forma permanente e as importantes para as atividades produtivas do povo Kulina, bem como as necessárias à sua reprodução física e cultural.

E do lado direito todos os lagos que abrangem a região do Lago de Santa Cruz. Atravessando o Lago do Pilão, subindo o rio Juruá pela margem direita sentido oeste, incluindo o Igarapé Preto, Lago da Terra Firme, Lago dos Dois, Lago do Sacado do Igarapé do Índio, Lago do Mato, Lago do Munguba até o Igarapé Três Bocas.

16.1 Memorial descritivo de delimitação da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota 2025)

Inicia-se no **Ponto 1**, de coordenadas geográficas aproximadas 70°58'37.44"W e 7°15'21.84"S, localizado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá. Daí, segue-se aproximadamente 13.000 metros a oeste, a jusante por igarapé sem denominação, até o **Ponto 2**, de coordenadas aproximadas 70°52'21.36"W e 7°16'5.26"S, situado no Igarapé Coringa.

A partir do Ponto 2, prossegue-se a montante do referido igarapé até o **Ponto 3**, de coordenadas aproximadas 70°57'10.94"W e 7°26'28.34"S, localizado na confluência do Igarapé Coringa com a margem direita do Rio Juruá. Segue-se, então, pela margem direita do Rio Juruá, a jusante, por aproximadamente 114.000 metros, até o **Ponto 4**, de coordenadas aproximadas 69°21'15.96"W e 7°32'49.05"S, situado na margem esquerda do mesmo rio.

Do Ponto 4, segue-se em direção norte, a montante pelo igarapé afluente denominado Furo da Rodagem, até o **Ponto 5**, de coordenadas aproximadas 69°20'11.22"W e 7°35'17.68"S, localizado a leste do limite da RDS Cujubim e no limite municipal entre Itamarati e Jutai.

Daí, avança-se a montante por igarapé sem denominação até o **Ponto 6**, de coordenadas aproximadas 69°16'7.47"W e 7°42'31.14"S, onde se encontra o Rio Mutum.

A partir do Ponto 6, segue-se a montante pelo Rio Mutum até o **Ponto 7**, de coordenadas aproximadas 70°51'31.32"W e 7°42'54.07"S, onde se localiza a foz do Igarapé Pajurá. Desce-se a jusante pelo Igarapé Pajurá até o **Ponto 8**, de coordenadas aproximadas 70°48'20.17"W e 7°35'56.78"S, onde, a oeste, encontra-se o limite da RDS Cujubim e o limite municipal entre Itamarati e Jutai.

Do Ponto 8, segue-se em direção sul, a montante do Igarapé Pilão, até o **Ponto 9**, de coordenadas aproximadas 70°52'22.68"W e 7°26'33.09"S, onde o referido igarapé encontra a margem esquerda do Rio Juruá.

Prossegue-se então pela margem do Rio Juruá até o **Ponto 10**, de coordenadas aproximadas 70°40'38.92"W e 7°22'7.27"S, situado na margem direita do Rio Juruá, fazendo limite entre os municípios de Eirunepé e Itamarati.

Do Ponto 10, avança-se a montante pelo Igarapé Três Bocas até o **Ponto 11**, de coordenadas aproximadas 70°39'39.73"W e 7°18'27.18"S, localizado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Daí, segue-se a jusante (ao longo do limite da terra) até o **Ponto 12**, de coordenadas aproximadas 70°20'38.37"W e 7°45'26.29"S, também situado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Em seguida, continua-se pelo limite da referida terra até o **Ponto 13**, de coordenadas aproximadas 70°19'45.4"W e 7°50'39.69"S, igualmente localizado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Daí, segue-se até o **Ponto 14**, de coordenadas aproximadas 70°12'55.13"W e 7°49'20.79"S, localizado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Depois, segue-se até o **Ponto 15**, de coordenadas aproximadas 70°9'36.07"W e 7°50'39.43"S, igualmente no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Em seguida, alcança-se o **Ponto 16**, de coordenadas aproximadas 70°8'22.19"W e 7°48'5.92"S, localizado no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Por fim, chega-se ao **Ponto 17**, de coordenadas aproximadas 70°4'5.74"W e 7°49'29.95"S, igualmente no limite da Terra Indígena Kanamari do Rio Juruá.

Retornando-se, por fim, ao **Ponto 1**, de coordenadas aproximadas 70°58'37.44"W e 7°15'21.84"S, marco inicial desta descrição memorial.

A seguir o mapa com a proposta de delimitação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

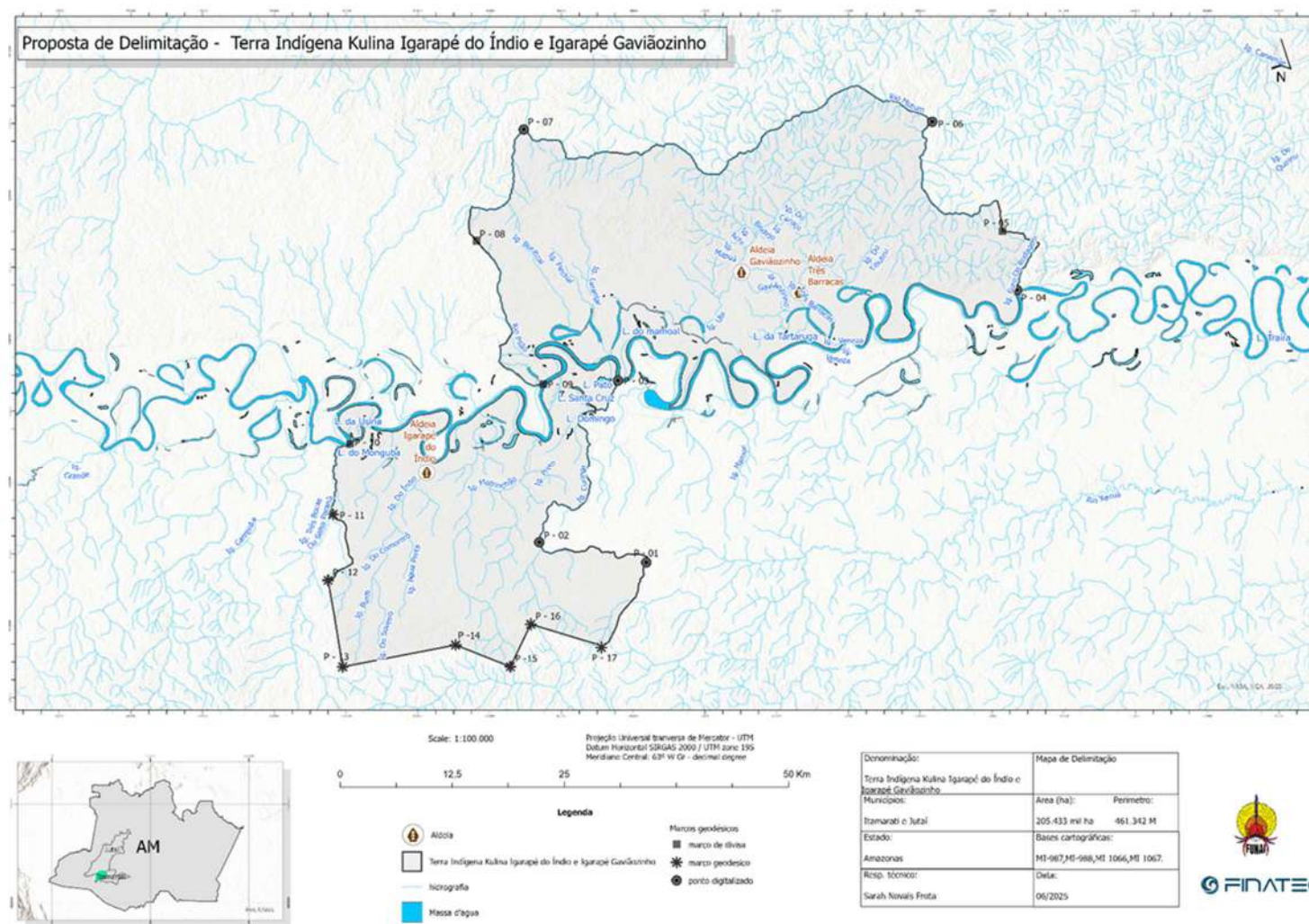


Figura nº 35: Mapa proposta de delimitação da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho (Frota, 2025)

Genoveva Santos Amorim
Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas
Coordenadora do Grupo Técnico de Pesquisa Multidisciplinar
Portaria nº 1.048/PRES/FUNAI, de 18.07.2024

Santarém-PA, junho de 2025



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



Referências bibliográficas

ALTMANN, Lori. **Maittaccadsama. Categorias de espaço e tempo como referenciais para a construção da identidade kulina (madija)**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2000.

_____. **“Poho e jidsama: construções de gênero entre o povo indígena kulina”**. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, São Paulo, SP, Brasil. 2012.

AMORIM, Genoveva. **Os Coletivos *madija* e o ritual do *Ajie*: Relações de alteridade entre os Kulina no baixo Juruá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2014.

_____, **Entre viajar e morar: narrativas sobre a territorialidade Kulina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas. 2019.

_____, **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Kulina do Rio Ueré (AM)**. FUNAI – Brasília. 2023.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, (1991) 2008.

APARICIO, Miguel. “Os Suruwaha e sua rede de relações. Uma hipótese sobre localidades e co-letivos Arawa”. In: AMOROSO, M. – MENDES DOS SANTOS, G. (orgs.). **Paisagens Ameríndias. Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, p. 247-273. 2013.

_____, **Relações Alteradas: ideias suruwaha sobre animais e caça**. Ilha, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 37-68, 2014.

_____. **Presas del veneno.** Cosmopolítica y transformaciones Suruwaha. Quito-Ecuador: Editorial Universitaria Abya-Yala. 2015.

BALESTRA, Aline Alcarde. **“Owa, manako... tia, manako” O mal-entendido e a troca no universo Madiha.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2018.

BARABAS, Alicia M. La territorialidad simbólica y los derechos territoriales indígenas: reflexiones para el Estado pluriétnico. In: **Alteridades**, 14 (27): 105-119, 2004.

BARTOLOMÉ, Miguel A. “Los pobladores del ‘Desierto’ genocidio, etnocidio y etnogénesis en la Argentina. In: **Cuadernos de Antropología Social**, Nº 17: 162-189, FFyL – UBA. 2003.

_____. As Etnogêneses: Velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 12(1): 39-68. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ. 2006.

BEHENCK, Agueda, SOARES, Rosiclei; MOCHIZAWA, Hidenori. **Relatório de atividades e financeiro.** Período: segundo semestre de 1991. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Fonte Boa (AM), janeiro de 1991.

_____. **Relatório de atividades e financeiro.** Período: segundo semestre de 1992. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Fonte Boa (AM) 30 dezembro de 1992.

BENITES, Tonico. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas.** Rio de Janeiro: Contra Capa. 2012.

BENSA, Alban. **Después de Lévi-Strauss.** Por uma antropologia de escala humana. Una conversación con Bertrand Richard/Alban Bensa, Trad. Liliana Padilha Villagómez. México: Fondo de Cultura Económica, Colec. Umbrales, (2010) 2015.

BENTES, Antônio José; SANTOS, Iza Maria. **Índios Kulina.** Coleção de dados. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Tefé (AM), 1985a.

_____. **Projeto povo Kulina.** Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Tefé (AM), 1985b.

_____. **Relatório de atividades janeiro a julho de 1989.** Aldeia Juruapuca. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Tefé (AM), 1989.

_____. **Relatório de educação junto aos Kulina na região do Baixo Juruá,** município de Caetaú, aldeia Vila Nova- Juruapuca (igarapé Grande). Período: 1986 a 1989. Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Tefé (AM), 1990a.

_____. **Relatório de atividades.** Período: dezembro de 1989. Aldeia Juruapuca (Vila Nova). Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Tefé (AM), 1990b.

BENTES, Antônio José; SANTOS, Iza Maria; COELHO, Raimundo Guimarães; MARQUES, Eliosa Assis; BEHENCK, Agueda. Relatório de todas as atividades do Projeto Kulina Brasil 218. Referentes ao primeiro semestre de 1990. Conselho Indigenista Missionário - CIMI, Tefé (AM), 1990.

BONILLA, Oiara. "O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na economia paumari". **Mana**. Estudos de Antropologia Social, n. 11(1): 41-46. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 2005a.

_____. Cosmologia e organização social dos Paumari do médio Purus (Amazonas). In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, v. 2 (1): 7-60. Brasília: FUNAI, 2005b.

CABRAL DE OLIVEIRA, Joana. Mundos de roças e florestas. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 115-131, jan./abr. 2016.

CAMPOS, Marilena. **Relatório Ambiental da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. Povo Kulina**. Manaus: FUNAI/FINATEC. 2025

CERQUEIRA, Felipe Agostini. **Os Mundos, os Corpos e os Objetos: o xamanismo como troca entre madilhas e outros seres**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CHANDLESS, William. "Ascent of the river Purús". **The Journal of the Royal Geographical Society**, Londres, XXXVI. pp. 86-118. 1866.

_____. "Extract of a Letter from Mr. W. Chandless Gold Medallist R.G.S., Now exploring the Tributaries of the Amazons". **Royal Geographical Society of London (with the Institute of British Geographers)**, Vol. 12, No. 5, pp. 339-340. 1868.

_____. 1869. "Notes of a journey up the river Juruá". **The Journal of the Royal Geographical Society**, Londres, XXXIX. pp. 296-311. 1869.

CHAUVIN, Carlos Eugenio. **Carta ao Ministro João Alberto**. Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios do Estado do Amazonas e território do Acre, Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1940.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspeção Regional-1_IR1/666_Sede-da-Inspeção/Caixa 54/Planilha 380(1)

Disponível

em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&pagfis=4184

Acesso em: 15/10/2020

CIMI – Conselho Indigenista Missionário CIMI-Tefé. **Levantamento de Saúde do Povo Kulina**. Região Rio Juruá-Amazonas. Fonte Boa-AM. 1990.

COSTA, Luiz Antônio. **As Faces do Jaguar. Parentesco, história e mitologia entre os Kanamari da Amazônia Ocidental**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

DIAS DE GÓES, Carolina B. **Relatório circunstanciado do levantamento fundiário da área em estudo denominada Gaviãozinho**. FUNAI/FINATEC. 2025.

ERTHAL, Regina. O suicídio Tikuna no Alto Solimões: uma expressão de conflitos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17 (2): 299-311, 2001.

FAULHABER, Priscila. **Relatório de Identificação e Delimitação da A. I. Cumarú** (Kulina/Madija). Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Brasília, 1994.

FAULHABER, Priscila; MONSERRAT, Ruth (orgs.) (2008). **Tastevin e a etnografia indígena**. Coletânea de traduções de textos produzidos em Tefé (AM). Série Monografias. Museu do Índio – FUNAI, 2008.

FLORIDO, Marcelo. **Os Deni do Cuniuá: Um estudo do parentesco**. São Paulo, Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo. 2013.

FROTA, Sarah. **Relatório cartográfico da TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho. Povo Kulina**. FUNAI/FINATEC. 2025.

GHIGGI JUNIOR, Ari; LANGDON Esther Jean. Reflexões sobre estratégias de intervenção a partir do processo de alcoolização e das práticas de autoatenção entre os índios Kaingang, Santa Catarina, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 30(6): 1-10. 2014.

GORDON, Flávio. **Os Kulina do Sudoeste Amazônico: história e socialidade**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ. 2006.

INEI – Instituto Nacional de Estadística e Informática (Peru). **Censos Nacionales**, 2007. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos Acesso em: 10/09/2020

KROEMER, Günter. 1994. **Kunahã Made**, o povo do veneno, sociedade e cultura do povo Zuruahá. Belém: Edições Mensageiro. 1994.

KOOP, Gordon; LINGENFELTER, Sherwood. **Os Deni do Brasil Ocidental**. Um Estudo de Organização Sócio-Política e Desenvolvimento Comunitário. Dallas, Texas: Museu Internacional de Culturas. 1983.

LORRAIN, Claire. **Making Ancestors**. The symbolism, economics and politics of gender among the Kulina of Southwest Amazonia (Brazil). Tese (Doutorado em Antropologia Social). Cambridge: University of Cambridge. 1994.

MACIEL, Niviane; GURGEL, Otávio. **A ação da Petrobrás na Terra Indígena Cumaru do lago Ualá**. Diagnóstico Socioambiental. Fundação Nacional do Índio (FUNAI). 1996.

MAIZZA, Fabiana. **Cosmografia de um mundo perigoso**. Espaço e relações de afinidade entre os Jarawara da Amazônia. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp. 2012.

MELATTI, J. C. **Áreas Etnográficas da América Indígena**. Capítulo G1: Juruá-Purus. Brasília-DF: DAN-ICS-UnB. Retocado em 2016. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/areas/g1jurpur.pdf> Acesso em: 14/ 09/ 2020

MÉTRAUX, Alfred. 1948. “Tribes of the Juruá-Purus basins”. In: Julian Steward (ed.). **Handbook of South American Indians**, vol. 3. Washington D. C.: Smithsonian Institution/Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. pp. 657-686, 1948.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Recomendação Legal nº 09/2022 - 27/05/2022 Conjunta - 5º Ofício/PR/AM e PR/AC (PR-AM-00022605/2022)**.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria Nº 2.759**, 25 de outubro de 2007. Estabelece diretrizes gerais para a política de Atenção Integral à Saúde Mental das Populações Indígenas e cria o Comitê Gestor. 2007.

_____. **Material Orientador para Prevenção do Suicídio em Povos Indígenas**. Secretaria Especial de Saúde Indígena. Departamento de Atenção à Saúde Indígena. Coordenação Geral de Atenção Primária à Saúde Indígena. Área técnica de Saúde Mental e Medicinas Tradicionais CGAPSI/DASI/SESAI. Brasília-DF. 2015.

MOUTINHO, Pedro. **Laudo técnico** Nº 09/2017. São Paulo/Manaus: Ministério Público Federal, Secretaria de Perícia, Pesquisa e Análise. 2017

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1978. O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX. **Encontros com a Civilização Brasileira**. v. 11, p. 101-147. 1978.

_____. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais”. **Mana: Estudos de Antropologia Social** 4 (1): 47-77. 1998

_____. Ação indigenista e utopia milenarista. As múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida R. (Orgs.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-amazônico**, p. 277-309. São Paulo: Editora UNESP. 2002.

_____. **Ementa da disciplina Antropologia do Território**. PPGAS-UFAM. 2012.

_____. **Nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2016.

PEZZUTI, Juarez; CHAVES, Rodrigo P. Etnografia e manejo de recursos naturais pelos índios Deni, Amazonas, Brasil. **Acta Amazonica**, vol. 39(1): 121 – 138. 2009.

POLLOCK, Donald. **Personhood and Illness among the Culina of Western Brazil**. PhD Thesis. New York: The University of Rochester. 1985.

RANGEL, Lúcia. **Os Jamamadi e as armadilhas do tempo histórico**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. 1994.

RIVET, P.; TASTEVIN, C. “Les tribus indiennes des basins du Purus et des regions limitrophes”. **La Geographie** 35: 449-482. 1921.

RIVET, P.; TASTEVIN, C. “Les langues Arawak du Purus et du Jurua”. **Journal de la Société des Américanistes de Paris** 30: 71-114. 1938.

SIASI-SESAI – 2014. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos Acesso em: 10/09/2020

SCHIEL, Juliana. **Tronco velho: histórias Apurinã**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2004.

SILVA, Abel; MONSERRAT, Ruth. **Dicionário Kulina-Português e Português-Kulina** (Dialeto do Igarapé do Anjo). Rio Branco: CIMI-Acre. 1984.

SILVA, Alfredo. **Posto Indígena do Riosinho do Penêdo 14 de novembro de 1928**. Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e território do Acre. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1928.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbossa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 362(1)

Disponível em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&pagfis=1031

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 15 de Dezembro de 1929**. Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e território do Acre. Ofício nº 24. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1929.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbossa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 20 de janeiro de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 01. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:

[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 31 de maio de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 01. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:

[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 30 de junho 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 01. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:

[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 16 de julho de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 17. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:

[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)

Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 28 de julho de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 18. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspecoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:
[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)
Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 30 de agosto de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 22. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico
Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:
[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)
Acesso em: 15/10/2020

_____. **Posto Indígena do Rio Gregório 15 de setembro de 1930.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Ofício nº 26. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico
Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:
[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)
Acesso em: 15/10/2020

_____. **Relatório.** Ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1930.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico
Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 361(1)

Disponível em:
[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=977)
Acesso em: 15/10/2020

SILVA, Dagoberto. **Relatório da excursão ao Alto Juruá.** Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Amazonas e Território do Acre. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1912.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico
Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/666_Sede-da-Inspetoria/Caixa 54/Planilha 380(1)

Disponível em:
[http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico
&Pesq=Planilha%20362&pagfis=4184](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=4184)
Acesso em: 15/10/2020

SILVA, Domingos. **Música e Pessoalidade**: por uma antropologia da música entre os Kulina do Alto Purus. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

SOARES, Rosiclei; MOCHIZAWA, Hidenori. **O Povo Kulina** Conselho Indigenista Missionário - CIMI, Manaus, 1997.

SOUZA, Maximiliano; FERREIRA, Luciane. *Jurupari* se suicidou?: Notas para investigação do suicídio no contexto indígena. **Saúde Soc.** São Paulo, v.23, n.3, pp.1064-1076. 2014.

SOUZA, Torquato Faria, **Relatório apresentado pelo auxiliar Torquato Faria e Sousa** ao Inspetor do Serviço de Proteção aos Índios no Estado do Amazonas e Acre. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1928.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/006_Barbosa-Rodrigues/Caixa 52/Planilha 362(1)

Disponível em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&pagfis=1031

Acesso em: 15/10/2020

SOUZA, Julio. **Carta ao Diretor da Inspetoria dos Índios no Amazonas**. “Xibauá” 22 de março de 1941. (Registro arquivo nº 128). Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1941.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/666_Sede-da-Inspetoria/Caixa 54/Planilha 380(1)

Disponível em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=4184

Acesso em: 15/10/2020

SOUZA, João Chysóstamo de. **Carta ao inspetor Sr. Bento M. Pereira de Lemos**, chefe da Inspetoria do Amazonas e Acre. Manaus: Serviço Nacional de Proteção aos Índios (SPI). 1919.

Site: Museu do Índio - Acervo Arquivístico

Acervo SPI/Inspetoria Regional-1_IR1/666_Sede-da-Inspetoria/Caixa 55/Planilha 383(1)

Disponível em:

http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=Planilha%20362&pagfis=4486

Acesso em: 15/10/2020

TASTEVIN, Constant. Mapa “Divisões Ecclesiasticas do Amazonas”. **Carte ecclesiastique**. Tefé-AM: Arquivo da Prelazia de Tefé. s/d.

_____. “Le Fleuve Juruá”. **La Geographie** XXXIII nº 02, Janvier (Amazonnie 1-22 et 131-148). 1920.

_____. “Les études ethnographiques et linguistiques du P. Tastevin en Amazonie”. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, Volume 16, Número 1; p. 421 – 425. 1924.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**. Um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Editora Paz e Terra. (1987) 1993.

TISS, Frank. **Gramática da língua madiha** (Kulina). Eirunepé: COMIN. 2004.

TISS, Christiane. Tuberculose e/ou Thothoho. Conceitos madiha-kulina sobre tuberculose. Tuberculosis and/or Thothoho. Madiha-Culina concepts about tuberculosis. **Tellus**, Ano 9, n. 16, p. 149-180. Campo Grande. 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os Kulina do Alto Purus, Acre**. Relatório de viagem realizada em janeiro-fevereiro de 1978. Brasília: Fundação Nacional do Índio (FUNAI). 1978.

Processos pesquisados no Sistema Eletrônico de Informações – SEI-FUNAI

“**Dossiê Reinvidicações de Aldeias em Itamarati-AM** (ID 171) (1250209)”, acessado por meio do SEI-FUNAI-08620.00483-2019-51.



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS
INDÍGENAS



Anexos

1. Fotografias

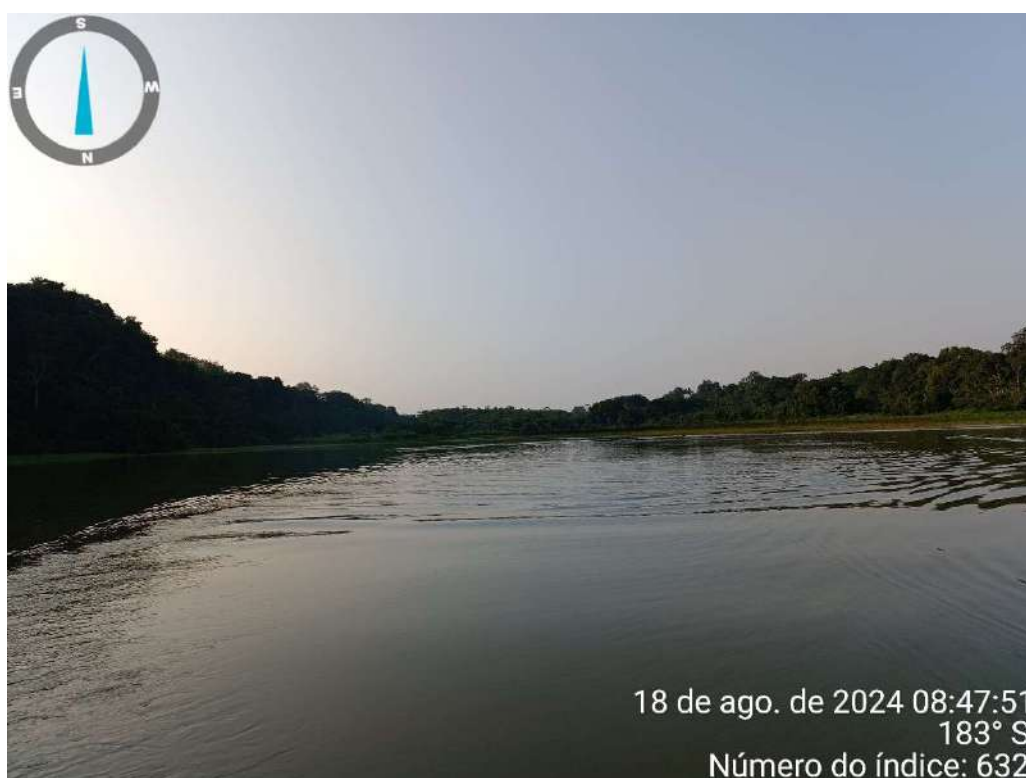


Foto nº 74: mapeamento Lago Veneza. Região Três Barracas/Gaviãozinho:
18/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 75: aldeia Igarapé do Índio: 10/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 76: casa de farinha: preparando a goma para fazer beiju-tapioca.
Aldeia Igarapé do Índio: 10/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 77: palmeira bacaba na antiga aldeia São Longuinho.
Região Gaviãozinho: 20/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 78: anciã Joni e sua filha Boconi. Aldeia Gaviãozinho: 26/08/2024
(Genoveva)



Foto n° 79: aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024 (Genoveva)



Foto n° 80: antiga aldeia-roçado do Equene-Rosineide: pomar de cupuaçu.
Região do Igarapé Três Barracas: 19/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 81: Reunião de pactuação e anuência dos acordos dos limites do território a ser demarcado. Aldeia Gaviãozinho:25/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 82: Aimore, Neuza e Boquini (esquerda para a direita). Reunião de anuência e pactuação dos limites da TI. Aldeia Igarapé do Índio: 30/08/2025 (Genoveva).



Foto nº 83: antiga aldeia-roçado-cemitério Ouro Preto.
Igarapé do Gaviãozinho: 26/08/2024 (Genoveva)



Foto nº 84: base de apoio GT. Aldeia Gaviãozinho: 21/08/2024
(Genoveva)

2. Lista dos depoimentos gravados em vídeos transcritos e traduzidos

Depoimento de Amassa Kulina – anciã e pajé, aldeia Gaviãozinho em 25/08/2024 9:37 TimeVideo_20240825_093608.mp4 38,58MB 1280x720px 01:22
Depoimento de Amassa Kulina – anciã, liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 19:05 TimeVideo_20240826_190301.mp4 75,40MB 1280x720px 02:40
Depoimento de Anari Kulina (F) e Boconi Kulina (F) – aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 11:15 TimeVideo_20240826_111354.mp4 31,18MB 1280x720px 01:06
Depoimento de Azuhani Kulina – morador, aldeia Três Barracas em 25/08/2024 9:50 TimeVideo_20240825_095000.mp4 12,09MB 1280x720px 00:25
Depoimento de Bedi Kulina – morador, aldeia Três Barracas em 25/08/2024 9:39 TimeVideo_20240825_093804.mp4 53,97MB 1280x720px 01:54
Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina – tradutor em 11/08/2024 11:00 TimeVideo_20240811_105829.mp4 57,67MB 1280x720px 02:02
Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina – tradutor em 15/08/2024 10:21 TimeVideo_20240815_101905.mp4 63,03MB 1280x720px 02:14
Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina – tradutor em 25/08/2024 9:24 TimeVideo_20240825_092012.mp4 108MB 1280x720px 03:49
Depoimento de Cossaro-Pedro Kulina – tradutor em 26/08/2024 19:01 TimeVideo_20240826_185743.mp4 104MB 1280x720px 03:42
Depoimento de Dseca Kulina – ancião, aldeia Gaviãozinho em 20/08/2024 17:19 TimeVideo_20240820_171733.mp4 43,77MB 1280x720px 01:33 (a)
Depoimento de Dseca Kulina – ancião, aldeia Gaviãozinho em 20/08/2024 17:41 TimeVideo_20240820_174036.mp4 29,84MB 1280x720px 01:03 (b)

Depoimento de Dseca Kulina – ancião, aldeia Gaviãozinho em 20/08/2024 17:07 TimeVideo_20240820_170627.mp4 31,78MB 1280x720px 01:07 (c)
Depoimento de Dseca Kulina – ancião, aldeia Gaviãozinho em 20/08/2024 17:17 TimeVideo_20240820_171618.mp4 32,92MB 1280x720px 01:10 (d)
Depoimento de Evaldo Kulina – tuxaua-liderança da aldeia Três Barracas em 18/08/2024 13:23 TimeVideo_20240818_132217.mp4 45,67MB 1280x720px 01:37 (a)
Depoimento de Evaldo Kulina – tuxaua-liderança aldeia Três Barracas em 18/08/2024 13:44 TimeVideo_20240818_134324.mp4 27,36MB 1280x720px 00:58(b) 18/08/2024 13:45 TimeVideo_20240818_134434.mp4 7,11MB 1280x720px 00:15(c)
Depoimento de Evaldo Kulina – tuxaua-liderança aldeia Três Barracas em 20/08/2024 11:53 TimeVideo_20240820_115219.mp4 39,12MB 1280x720px 01:23
Depoimento de Evaldo Kulina – tuxaua-liderança da aldeia Três Barracas em 26/08/2024 18:48 TimeVideo_20240826_184629.mp4 51,09MB 1280x720px 01:48
Depoimento de Irewahi Kulina – liderança e pajé, aldeia Gaviãozinho em 25/08/2024 9:49 TimeVideo_20240825_094726.mp4 52,83MB 1280x720px 01:52
Depoimento de Irewahi Kulina – liderança e pajé da aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 18:43 TimeVideo_20240826_184224.mp4 39,98MB 1280x720px 01:14
Depoimento de Luzia Kulina – liderança, aldeia Três Barracas em 18/08/2024 11:09 TimeVideo_20240818_110927.mp4 6,77MB 1280x720px 00:14
Depoimento de Luzia Kulina – liderança, aldeia Três Barracas e Tesadi Kulina, tuxaua-liderança da aldeia Igarapé do Índio em 25/08/2024 9:33 TimeVideo_20240825_093230.mp4 19,25MB 1280x720px 00:40

Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:13 TimeVideo_20240824_100914.mp4 127MB 1280x720px 04:29(a)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:18 TimeVideo_20240824_101631.mp4 53,08MB 1280x720px 01:52 (b)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 11:02 TimeVideo_20240824_110024.mp4 66,42MB 1280x720px 02:21 (c)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 11:16 TimeVideo_20240824_111532.mp4 40,54MB 1280x720px 01:25 (d)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:38 TimeVideo_20240824_103622.mp4 64,32MB 1280x720px 02:16 (e) 24/08/2024 10:39 TimeVideo_20240824_103841.mp4 17,01MB 1280x720px 00:36 (f) 24/08/2024 10:40 TimeVideo_20240824_103939.mp4 11,92MB 1280x720px 00:25 (g)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 24/08/2024 10:43 TimeVideo_20240824_104017.mp4 81,57MB 1280x720px 02:53 (h)
Depoimento de Nomija Kulina – anciã, aldeia Gaviãozinho em 25/08/2024 10:00 TimeVideo_20240825_095756.mp4 61,44MB 1280x720px 02:10
Depoimento de Oma Kulina – ancião, aldeia Igarapé do Índio em 12/08/2024 10:52 Timevideo_2240812_105051.mp4 34,08MB 1280x720px 01:12
Depoimento de Oma Kulina – ancião, aldeia Igarapé do Índio em 15/08/2024 12:37 TimeVideo_20240815_123605.mp4 36,12MB 1280x720px 01:16 (a)
Depoimento de Oma Kulina – ancião, aldeia Igarapé do Índio em

15/08/2024 12:31 TimeVideo_20240815_122940.mp4 46,31MB 1280x720px 01:38 (b) 15/08/2024 12:32 TimeVideo_20240815_123135.mp4 28,17MB 1280x720px 00:59 (c)
15/08/2024 12:37 TimeVideo_20240815_123605.mp4 36,12MB 1280x720px 01:16 (d) 15/08/2024 12:38 TimeVideo_20240815_123731.mp4 29,49MB 1280x720px 01:02 (e)
Depoimento dos anciãos Oma (M) e Toho (F) – aldeia Igarapé do Índio em 15/08/2024 13:55 TimeVideo_20240815_135431.mp4 31,70MB 1280x720px 01:07
Depoimento de Porainom Kulina – ancião e pajé aldeia Gaviãozinho em 25/08/2024 9:56 TimeVideo_20240825_095309.mp4 80,20MB 1280x720px 02:51
Depoimento de Quirisi Kulina – tuxaua-liderança e pajé aldeia Gaviãozinho em 25/08/2024 9:41 TimeVideo_20240825_094021.mp4 35,16MB 1280x720px 01:14 (a) 25/08/2024 9:42 TimeVideo_20240825_094140.mp4 35,77MB 1280x720px 01:16 (b)
Depoimento de Quirisi Kulina – tuxaua-liderança e pajé, aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 18:57 TimeVideo_20240826_185526.mp4 53,22MB 1280x720px 01:53
Depoimento das lideranças Quirisi (M) e Irewahi (M) – aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 10:09 TimeVideo_20240826_100852.mp4 25,13MB 1280x720px 00:53
Depoimento Reirei Kulina – liderança da aldeia Gaviãozinho em 26/08/2024 18:52 TimeVideo_20240826_185128.mp4 33,22MB 1280x720px 01:10
Depoimento da anciã Rora Kulina (F) e seu filho Sedsí Kulina (M) – aldeia Três Barracas 18/08/2024 11:48 TimeVideo_20240818_114747.mp4 15,79MB 1280x720px 00:33(a) 18/08/2024 11:52 TimeVideo_20240818_114910.mp4 83,20MB 1280x720px 02:57(b) 18/08/2024 11:53 TimeVideo_20240818_115209.mp4 35,10MB 1280x720px 01:14(c)
Depoimento de Sedsí – liderança aldeia Igarapé do Índio em 09/08/2024 16:34 VID_20240809_163142.mp4 451M 1080x1920px 02:58

Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 14/08/2024 10:38 TimeVideo_20240814_103808.mp4 4,96MB 1280x720px 00:10
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 15/08/2024 10:00 TimeVideo_20240815_095953.mp4 21,55MB 1280x720px 00:45 (a) 15/08/2024 10:15 TimeVideo_20240815_101417.mp4 26,11MB 1280x720px 00:55 (b)
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 15/08/2024 9:30 TimeVideo_20240814_092954.mp4 15,89MB 1280x720px 00:33 (c)
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em vídeo em 17/08/2024 11:33 TimeVideo_20240817_113315.mp4 13,89MB 1280x720px 00:29
Depoimento de Sedsi – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 18/08/2024 12:00 TimeVideo_20240818_120001.mp4 18,15MB 1280x720px 00:38 (a)
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 18/08/2024 16:38 TimeVideo_20240818_163748.mp4 8,28MB 1280x720px 00:17 (b)
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 19/08/2024 10:52 TimeVideo_20240819_105101.mp4 31,26MB 1280x720px 01:06
Depoimento Sedsi Kulina – liderança aldeia Igarapé do Índio em 26/08/2024 18:51 TimeVideo_20240826_184928.mp4 44,35MB 1280x720px 01:34
Depoimento de Sedsi Kulina – liderança, aldeia Igarapé do Índio em 30/08/2024 10:17 TimeVideo_20240830_101538.mp4 62,90MB 1280x720px 02:13
Depoimento de Tesadi Kulina – tuxaua-liderança em 14/08/2024 10:46 TimeVideo_20240814_104548.mp4 7,87MB 1280x720px 00:16
Depoimento de Tesadi Kulina – tuxaua-liderança, aldeia Igarapé do Índio em

15/08/2024 9:56 TimeVideo_20240815_095551.mp4 15,19MB 1280x720px 00:32(a) 15/08/2024 9:56 TimeVideo_20240815_095625.mp4 6,36MB 1280x720px 00:13(b)
Depoimento de Tesadi Kulina – tuxaua-liderança, aldeia Igarapé do Índio em 26/08/2024 18:55 TimeVideo_20240826_185315.mp4 53,59MB 1280x720px 01:54
Depoimento de Tesadi-Irineu Kulina – tuxaua-liderança da aldeia Igarapé do Índio em 30/08/2024 11:06 TimeVideo_20240830_110544.mp4 17,47MB 1280x720px 00:37
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:41 VID_20240810_123752.mp4 03:20 (a)
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:34 VID_20240810_123333.mp4 122MB 1920x100px 00:47 (b)
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:44 VID_20240810_124231.mp4 257MB 1920x1080px 01:41 (c)
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 10/08/2024 12:48 VID_20240810_124742.mp4 150MB 1920x1080px 00:58 (d)
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 12/08/2024 18:01 TimeVideo_20240812_175822.mp4 75,46MB 1280x720px 02:40
Depoimentos Toho Kulina – ancião aldeia Igarapé do Índio em 15/08/2024 13:46 TimeVideo_20240815_134522.mp4 18,57MB 1280x720px 00:39a 15/08/2024 13:46 TimeVideo_20240815_134604.mp4 14,08MB 1280x720px 00:29b 15/08/2024 13:51 TimeVideo_20240815_135029.mp4 31,46MB 1280x720px 01:06c
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 29/08/2024 16:26 TimeVideo_20240829_162445.mp4 40,21MB 1280x720px 01:25 (a)

Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 29/08/2024 16:29 TimeVideo_20240829_162825.mp4 32,37MB 1280x720px 01:08b
Depoimento de Toho Kulina – anciã, aldeia Igarapé do Índio em 30/08/2024 10:28 TimeVideo_20240830_102734.mp4 21,38MB 1280x720px 00:45

3. Censo da População da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho - Agosto/2024

População da Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e do Igarapé do Gaviãozinho - Agosto/2024								
	Casa	Nome na certidão de nascimento	Nome em Kulina	Pai	Mãe	Data de nascimento	Sexo F/M	Aldeia
1	1	Aimore Culina	Aimore	Tiani Culina	Sidi Culina	15/04/1975	M	Igarapé do Índio
2		Iracema Culina	Boquini	Abo-Obo Culina	Maria Culina	12/07/1979	F	Igarapé do Índio
3		Neuza Cassiani Culina		Aimore Culina	Iracema Culina	24/04/2007	F	Igarapé do Índio
4		Bochi Kulina	Bahuai	Serginho Culina	Moro Kulina	jovem	M	Igarapé do Índio
5		Obo Valdino Culina		Aimore Culina	Iracema Culina	21/12/2014	M	Igarapé do Índio
6		Bazilani Georgia Culina	Badsirani	Aimore Culina	Iracema Culina	02/02/2023	F	Igarapé do Índio
7		Willian Culina		Aimore Culina	Iracema Culina	15/04/2020	M	Igarapé do Índio
8		Zeca Kulina		Jidoni Kulina	Huadie Kulina	adolescente	M	Igarapé do Índio
9	2	Sergio Kulina	Sedsi	Tonaiquina Culina	Rora Kulina	15/01/1980	M	Igarapé do Índio
10		Lourdes Culina	Rojodi	Arobe Culina	Marorri Culina	24/02/1988	F	Igarapé do Índio
11		Guiana Kulina		Edmilson-Maduca Kulina	Lourdes Culina	30/11/2007	M	Igarapé do Índio
12		Roberto Kulina		Irineu-Tessadi Kulina	Dsipa Kulina	18/01/2018	M	Igarapé do Índio
13	3	Sarahui Kulina		Jidoni Kulina	Huadie Kulina	jovem	M	igarapé do Índio
14		Baobina Kulina		Mana Kulina	Leni-Daima Kulina	jovem	F	Igarapé do Índio
15	4	Mana Kulina		Arobe Kulina	Maroje Kulina	adulto	M	Igarapé do Índio
16		Leni Kulina	Daima	Zezinho-Oma Kulina	Raimunda-Toho Kulina	adulto	F	Igarapé do Índio
17		Huaracaisa Kulina		Mana Kulina	Leni-Daima Kulina	jovem	F	Igarapé do Índio
18		Huenija Kulina		Mana Kulina	Leni-Daima Kulina	criança	F	Igarapé do Índio
19		Tossi Kulina		Mana Kulina	Leni-Daima Kulina	criança	F	Igarapé do Índio
20		Comino Kulina		Mana Kulina	Leni-Daima Kulina	criança	M	Igarapé do Índio
21	5	Zezinho Kulina	Oma	Cosuhui Julhio Ponciano	Ramide Nair Kulina	10/12/1945	M	Igarapé do Índio

22		Raimunda Kulina	Toho	Misaini Juvenal Kulina	Deque Antonia Kulina	04/04/1964	F	Igarapé do Índio
23		Ssipi Mariquinha Kulina		Zezinho-Oma Kulina	Raimunda-Toho Kulina	03/04/2002	F	Igarapé do Índio
24		Mono Kulina		Dahora Kulina	Caba Kulina	jovem	M	Igarapé do Índio
25		Zabissu Elsimar Kulina	Dsabisso	Tesadi Irineu Kulina	Deke Kulina	30/09/2013	M	Igarapé do Índio
26	6	Tesadi Irineu Kulina		Zezinho-Oma Kulina	Raimunda-Toho Kulina	05/05/1997	M	Igarapé do Índio
27		Maria Irene Kulina	Nega	Sergio-Sedsu Kulina	Moro Kulina	05/06/2008	F	Igarapé do Índio
28		Gabriel Leno Kulina		Tesadi Irineu Kulina	Maria Irene Kulina	03/06/2022	M	Igarapé do Índio
29		Atori Totonho Kulina		Bassi Kulina	Padso Kulina	criança 10 anos	M	Igarapé do Índio
30		Mano Kulina		Bobi Kulina	Camina Kulina	12 anos	F	Igarapé do Índio
31	7	Zere Kulina		Sseto Kulina	Maca Kulina	10/04/1996	M	Igarapé do Índio
32		Roni Miraselma Kulina		Zezinho-Oma Kulina	Raimunda-Toho Kulina	05/03/1993	F	Igarapé do Índio
33		Hadawi João Kulina		Zere Kulina	Roni Miraselma Kulina	11/12/2019	M	Igarapé do Índio
34		Sarawi Lucas Kulina		Zere Kulina	Roni Miraselma Kulina	05/01/2022	M	Igarapé do Índio
35	8	Rivaldo Barros da Silva	Peba não indígena	Osvaldo Gomes da Silva	Maria Alves de Barros	02/04/1986	M	Igarapé do Índio
36		Lucineide Kulina da Silva	Lucimar	Zezinho-Oma Kulina	Raimunda-Toho Kulina	01/01/1984	F	Igarapé do Índio
37		Lucivania Kulina da Silva	Midsori	Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	12/08/2006	F	Igarapé do Índio
38		Adriano Kulina da Silva	Oma	Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	15/01/2010	M	Igarapé do Índio
39		Camila Kulina Barros		Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	06/07/2012	F	Igarapé do Índio
40		Maria Kulina da Silva		Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	14/02/2016	F	Igarapé do Índio
41		Maria José Kulina da Silva		Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	26/06/2019	F	Igarapé do Índio

42		Raimunda Kulina da Silva		Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	20/12/2021	F	Igarapé do Índio
1	1	Azuhani Kulina	Alcool	Evaldo Kulina	Luzia Kulina	21/04/1998	M	Três Barracas
2		Ppete Kulina		Boradia Culina	Topini Culina	08/06/2000	F	Três Barracas
3		Kina Kulina		Cohue Kulina	Ppete Kulina	17/09/2017	F	Três Barracas
4		Luzia Kulina	Rodsia	Azuhani Kulina	Ppete Kulina	06/10/2020	F	Três Barracas
5		Maku Kulina		Azuhani Kulina	Ppete Kulina	25/08/2022	M	Três Barracas
6	2	Marcos Kulina	Bedi	Makoana Kulina	Luzia Kulina	adulto	M	Três Barracas
7		Rosa Kulina	Cidinha	Ssaco Kulina	Dita Kulina	adulto	F	Três Barracas
8		Dsinija Kulina		Marcos Kulina	Rosa Kulina	2 anos	F	Três Barracas
9	3	Evaldo Kulina	Nego	Tonaquina Culina	Rora Kulina	12/08/1987	M	Três Barracas
10		Luzia Kulina	Rodsia	Narrura Kulina	Amueshe Kulina	13/08/1978	F	Três Barracas
11		Zahahah Ziquita Kulina	Dsajaja	Makoana Kulina	Luzia Kulina	01/01/1993	F	Três Barracas
12		Severo Kulina		Evaldo Kulina	Luzia Kulina	22/08/2014	M	Três Barracas
13	4	Rora Kulina		Ssohua Kulina	Ssina Kulina	Idosa	F	Três Barracas
14		Maria Antonia Kulina	Toho	Sergio-Seds Kulina	Moro Kulina	10/03/2002	F	Três Barracas
15		Samuel Kulina			Maria Antonia Kulina	7 anos	M	Três Barracas
16		Macconi Kulina			Maria Antonia Kulina	1 ano	M	Três Barracas
17		Dsihuini Kulina		Edimar Kanamari	Iraco Kulina	17 anos	F	Três Barracas
18	5	Rosineide Kulina	Equene	Narrura Kulina	Amueshe Kulina	adulto	M	Três Barracas
19		Dsiquija Kulina		Gorosso Kulina	Huesse Kulina	adulto	F	Três Barracas
20		Toneri Kulina		Rosineide Kulina	Dsiquija Kulina	12 anos	M	Três Barracas
21		Pedro Kulina		Rosineide Kulina	Dsiquija Kulina	4 anos	M	Três Barracas
1	1	Corari Kulina		Najora Kulina	Rojama Kulina	adulto	M	Gaviãozinho
2		Roja Kulina				adulto	F	Gaviãozinho
3		Erenice Kulina		Corari Kulina	Roja Kulina	adulto	F	Gaviãozinho
4		Jona Kulina		Corari Kulina	Roja Kulina	adulto	F	Gaviãozinho

5		Tomiqui Kulina		Tone Kulina	Jona Kulina	adolescente	M	Gaviãozinho
6		Sapapa Kulina		Tone Kulina	Jona Kulina	adolescente	F	Gaviãozinho
7		Edna Kulina		Corari Kulina	Roja Kulina	adulto	F	Gaviãozinho
8		Paru Deni				adulto	M	Gaviãozinho
9		Moquiri Kulina		Paru Deni	Edna Kulina	criança	M	Gaviãozinho
10		Orinani Kulina		Paru Deni	Edna Kulina	criança	F	Gaviãozinho
11		um bebê		Paru Deni	Edna Kulina	bebe	F	Gaviãozinho
12	2	Porainom Kulina		Bizeho Kulina	Pipita Kulina	20/02/1949	M	Gaviãozinho
13		Amassa Kulina		Dorani Kulina	Roha Kulina	11/10/1953	F	Gaviãozinho
14		Macao Kulina		Porainom Kulina	Amassa Kulina	01/08/2007	M	Gaviãozinho
15		Raira Kulina			Anama Kulina	7 anos	M	Gaviãozinho
16		Rovi Madija Kulina			Socorro Kulina	30/03/2002	M	Gaviãozinho
17		Mariquinha Kulina	Huesse	Ssaco Kulina	Dita Kulina	adulto	F	Gaviãozinho
18	3	Quirisi Zezinho Kulina		Porainom Kulina	Amassa Kulina	01/01/1980	M	Gaviãozinho
19		Anari Kulina		Racorra Kulina	Amarra Kulina	01/01/1980	F	Gaviãozinho
20		Celso Kulina	Ssaco	Quirisi Zezinho Kulina	Anari Kulina	adulto	M	Gaviãozinho
21		Iraco Kulina		Dseca Madija Kulina	Joni Madija Kulina	adulto	F	Gaviãozinho
22		Naisa Kulina		Celso-Ssaco Kulina	Iraco Kulina	5 anos	F	Gaviãozinho
23		Tini Kulina		Celso-Ssaco Kulina	Iraco Kulina	3 anos	M	Gaviãozinho
24	4	Marianu Hava Deni		Zemu Antonio Hava Deni	Kina Alzira Varasha Deni	08/02/1995	M	Gaviãozinho
27		Morato Madija Kulina		Dseca Madija Kulina	Joni Madija Kulina	01/01/1990	F	Gaviãozinho
26		Vazubi Hava Deni		Marianu Hava Deni	Morato Madija Kulina	14/04/2022	M	Gaviãozinho
27		Tikuna Hava Deni		Marianu Hava Deni	Morato Madija Kulina	20/12/2019	F	Gaviãozinho
28	5	Dseca Madija Kulina		Camaidso Madija Kulina	Ajibora Madija Kulina	10/11/1947	M	Gaviãozinho
29		Joni Madija Kulina		Maccohuessi Kulina	Arasso Madija Kulina	29/05/1967	F	Gaviãozinho
30		Acridso Madija Kulina		Dseca Madija Kulina	Joni Madija Kulina	rapaz	M	Gaviãozinho

31		Juliana Madija kulina			Morato Madija Kulina	adolescente	F	Gaviãozinho
32		Adriana Madija Kulina			Morato Madija Kulina	01/09/2011	F	Gaviãozinho
33		Reirei Madija Kulina		Dseca Madija Kulina	Joni Madija Kulina	20/06/1991	M	Gaviãozinho
34		Angelica Kulina da Silva	Dsaho	Rivaldo Barros da Silva	Lucineide Kulina da Silva	15/04/2008	F	Gaviãozinho
35		Huni Madija Kulina		Reirei Madija Kulina	Angelica Kulina da Silva	26/10/2023	F	Gaviãozinho
36	6	Irewahi Kulina		Sappa Kulina	Quiama Kulina	adulto	M	Gaviãozinho
37		Boconi Madija Kulina		Dseca Madija Kulina	Anahi Madija Kulina	12/06/1984	F	Gaviãozinho
38		Rassi Madija Kulina		Irewahi Kulina	Boconi Madija Kulina	29/09/2013	M	Gaviãozinho
39		Nauzar Madija Kulina		Irewahi Kulina	Boconi Madija Kulina	07/06/2016	F	Gaviãozinho
40	7	Jodso Kulina		Ssiqui Kulina	Iraco Kulina	adulto	M	Gaviãozinho
41		Mariza Kulina		Rosineide Kulina	Anari Kulina	adulto	F	Gaviãozinho
42		Samira Kulina		Jodso Kulina	Mariza Kulina	7 anos	F	Gaviãozinho
43		Baba Kulina		Jodso Kulina	Mariza Kulina	10 anos	M	Gaviãozinho
44		Tereza Kulina	Nomija	Siara Kulina	Jabono Kulina	01/07/1940	F	Gaviãozinho
45		Ssiqui Kulina	Sopaico/Chiquinho	Cosuhui Julhio Ponciano	Ramide Nair Kulina	Idoso	M	Gaviãozinho
46		Docoroma Misso Kulina		Dsaniha Madija Kulina	Mariza Kulina	12 anos	M	Gaviãozinho
Aldeia Igarapé do Índio: 42 pessoas								
Aldeia Três Barracas: 21 pessoas								
Aldeia Gaviãozinho: 46 pessoas								
População total Terra Indígena Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho: 109 pessoas								

4. Dados Cartográficos Georreferenciados: TI Kulina do Igarapé do Índio e Igarapé do Gaviãozinho

DADOS CARTOGRÁFICOS GEORREFERENCIADOS TI KULINA IGARAPÉ DO ÍNDIO E IGARAPÉ DO GAVIÃOZINHO (Genoveva: Out/2024)

	Aldeia/Local	Descrição	Coordenada S	Coordenada W	Data	Hora
1	Igarapé do Índio	Casa do Sedsí	6°38'57"S	69°14'40"W	09/08/2024	17:25
2	Igarapé do Índio	Roçado da Toho	6°39'3"S	69°14'47"W	10/08/2024	14:56
3	Igarapé do Índio	Roçado do Mana	6°39'2"S	69°14'45"W	10/08/2024	15:37
4	Igarapé do Índio	Roçado do Aimore	6°38'53"S	69°14'43"W	10/08/2024	15:53
5	Igarapé do Índio	Roçado do Zere	6°38'51"S	69°14'42"W	10/08/2024	16:02
6	Igarapé do Índio	Roçado novo da Toho	6°38'52"S,	69°14'41W	10/08/2024	16:05
7	Igarapé do Índio	Casa de farinha Oma	6°38'54"S,	69°14'40"W	10/08/2024	16:16
8	Igarapé do Índio	Casa do Zere	6°38'54"S,	69°14'39"W	10/08/2024	16:18
9	Igarapé do Índio	Campo de futebol antiga aldeia Mari-Mari	6°39'1"S,	69°14'26"W	10/08/2024	16:40
10	Igarapé do Índio	Antiga aldeia Mari-Mari	6°39'1"S	69°14'23"W	10/08/2024	16:40
11	Igarapé do Índio	Igarapé da antiga aldeia Mari-Mari	6°39'1"S	69°14'23"W	10/08/2024	16:46
12	Igarapé do Índio	Igapó: local de pesca no inverno	6°39'2"S	69°14'20"W	10/08/2024	16:57
13	Igarapé do Índio	Árvore de Jenipapo (pintura)	6°39'3"S	69°14'21"W	10/08/2024	17:02
14	Igarapé do Índio	Capoeira do Oma-Toho	6°39'5"S,	69°14'15"W	10/08/2024	17:14
15	Igarapé do Índio	Roçado novo do Irineu (brocado)	6°38'58"S	69°14'17"W	10/08/2024	17:31
16	Igarapé do Índio	Antiga aldeia Piranha/porto Ig. Piranha	6°39'44"S	69°15'3"W	11/08/2024	11:43
17	Igarapé do Índio	Varadouro conecta rio Juruá-Lago do Mato	6°36'9"S	69°16'19"W	13/08/2024	11:14
18	Igarapé do Índio	Varadouro Juruá-Lago do Mato/coleta cipó ambé	6°36'30"S	69°16'16"W	13/08/2024	11:22
19	Igarapé do Índio	Furo Lago do Mato-aldeia Ig. do Índio	6°37'57"S	69°16'40"W	13/08/2024	13:42
20	Igarapé do Índio	Lago do Mato: local coleta ovos de tracajá	6°38'15"S	69°16'52W	13/08/2024	13:57
21	Igarapé do Índio	Lago do Mato: restinga	6°38'23"S,	69°17'3"W	13/08/2024	14:17
22	Igarapé do Índio	Lago do Mato: cabeceira/igarapezinho	6°38'28"S	69°17'6"W	13/08/2024	14:22
23	Igarapé do Índio	Lago do Mato: coleta ovo de jacaré	6°38'13"S	69°16'55"W	13/08/2024	14:31
24	Igarapé do Índio	Lago do Mato: ponto pesca não indígena	6°37'14"S	69°16'31"W	13/08/2024	15:53
25	Igarapé do Índio	Antiga aldeia Lago do Sacado	6°38'14"S	69°14'2"W	14/08/2024	10:37
26	Igarapé do Índio	Cemitério Lago do Sacado: Adílio e Huaibori	6°37'58"S	69°14'36"W	14/08/2024	10:27
27	Igarapé do Índio	Cemitério Lago do Sacado: Jaho e Dona	6°38'14"S,	69°14'2"W	14/08/2024	10:37
28	Igarapé do Índio	Lago do Sacado: local coleta argila/cerâmica	6°38'11"S	69°13'57"W	14/08/2024	10:40
29	Igarapé do Índio	Cemitério Lago do sacado: Aro	6°38'03.1"S	69°13'45.2"W	14/08/2024	10:46
30	Igarapé do Índio	Varadouro Lago do Sacado-Buritizal	6°38'10"S	69°13'52"W	14/08/2024	10:56
31	Igarapé do Índio	Igapó: local de reprodução de pirarucus	6°38'13"S	69°13'49"W	14/08/2024	10:58
32	Igarapé do Índio	Local de extração de madeira: tábuas	6°38'20"S	69°13'46"W	14/08/2024	11:00
33	Igarapé do Índio	Árvore de camucamu	6°38'30"S	69°13'39"W	14/08/2024	11:14
34	Igarapé do Índio	Local de caça: Barreiro Mopohuasira	6°38'29"S	69°13'36"W	14/08/2024	11:17
35	Igarapé do Índio	Igarapé Comororo	6°38'57"S,	69°13'4"W	14/08/2024	12:28
36	Igarapé do Índio	Buritizal/chavascal e nascente Igarapé Comororo	6°38'57"S	69°12'53"W	14/08/2024	12:28
37	Igarapé do Índio	Aldeia antiga/cemitério da filha Porainom	6°38'36"S,	69°14'48"W	15/08/2024	09:29
38	Igarapé do Índio	Igapó: local de pesca no inverno	6°38'18"S	69°14'53"W	15/08/2024	09:48

39	Igarapé do Índio	Antiga aldeia/capoeira/cemitério Dsajo(cafês)	6°38'19"S	69°14'55"W	15/08/2024	09:54
40	Igarapé do Índio	Antiga aldeia/capoeira/cemitério Dsajo (manga)	6°38'20"S	69°14'56"W.	15/08/2024	10:01
41	Igarapé do Índio	Antiga aldeia/capoeira/cemitério Dsajo, Huedsaji, Corime	6°38'15"S	69°15'0"W	15/08/2024	10:24
42	Igarapé do Índio	Foz Igarapé Comororo no Ig. do Índio	6°38'26"S,	69°14'36"W	15/08/2024	10:44
43	Rio Juruá	Cano-foz do Lago Veneza	6°31'5"S	68°49'3"W	17/08/2024	17:37
44	Rio Juruá	Acampamento verão: praia na foz Lago Veneza	6°31'5"S	68°49'1"W	28/08/2024	15:03
45	Três Barracas	Lago Veneza/cemitério: Equene (avô de Luzia e Equene)	6°31'5"S	68°50'35"W	18/08/2024	08:55
46	Gaviãozinho	Lago Gaviãozinho/aceso varadouro aldeia Três Barracas	6°28'47"S	68°51'52"W	18/08/2024	09:41
47	Três Barracas	Chegada aldeia Três Barracas	6°28'1"S	68°52'6"W	18/08/2024	09:58
48	Três Barracas	Casa 03/ chefe: Evaldo e Luzia	6°27'59"S	68°52'8"W	18/08/2024	10:01
49	Três Barracas	Campo de futebol	6°27'59"S,	68°52'7"W	18/08/2024	10:25
50	Três Barracas	Porto/local de pegar água/lavar roupa/banhar	6°27'58"S	68°52'8"W	18/08/2024	10:21
51	Três Barracas	Varadouro antigo feito por Tonaiquina-Raimundo	6°27'47"S	68°52'8"W	19/08/2024	10:29
52	Três Barracas	Aldeia antiga-capoeira onde morou Equene-Rosineide	6°27'44"S	68°52'9"W	19/08/2024	10:35
53	Três Barracas	Roçado do Azuhani-Alcool e do Bedi	6°27'44"S,	68°52'9"W	19/08/2024	10:37
54	Três Barracas	Roçado novo Bedi/capoeira antiga Tonaiquina/cemitério	6°27'42"S	68°52'8"W	19/08/2024	10:54
55	Três Barracas	Varadouro acesso quatro barreiros e buritizal	6°27'42"S	68°52'9"W	19/08/2024	10:56
56	Três Barracas	Roçado do Bedi (três anos)	6°27'43"S	68°52'11"W	19/08/2024	11:01
57	Três Barracas	Local relevância simbólica: <i>dsajoma</i> (árvore <i>Rami</i>)	6°27'44"S	68°52'12"W	19/08/2024	11:04
58	Três Barracas	Capoeira Evaldo	6°27'45"S	68°52'13"W	19/08/2024	11:10
59	Três Barracas	Roçado Evaldo (um ano)	6°27'48"S	68°52'20"W	19/08/2024	11:19
60	Três Barracas	Roçado novo (plantado esse ano): Evaldo	6°27'43"S	68°52'20"W	19/08/2024	11:31
61	Três Barracas	Varadouro roçado	6°27'50"S	68°52'16"W	19/08/2024	11:44
62	Três Barracas	Início varadouro roçado	6°27'58"S	68°52'8"W	19/08/2024	11:58
63	Três Barracas	Varadouro aldeia Três Barracas-Gaviãozinho	6°27'33"S	68°53'6"W	20/08/2024	10:37
64	Três Barracas	Varadouro aldeia Três Barracas-Gaviãozinho	6°26'32"S	68°54'45"W	20/08/2024	12:23
65	Gaviãozinho	Local de torrar farinha: chefe Quirisi	6°26'46"S	68°55'37"W	20/08/2024	13:13
66	Gaviãozinho	Varadouro acesso aos roçados	6°26'44"S	68°55'41"W	21/08/2024	09:57
67	Gaviãozinho	Capoeira do Corari e roçado do Quirisi	6°26'42"S	68°55'45"W	21/08/2024	10:00
68	Gaviãozinho	Local coleta açaí/capoeira/ roçado novo Amassa e Quirisi	6°26'43"S	68°55'52"W	21/08/2024	10:06
69	Gaviãozinho	Roçado Quirisi (dois anos)	6°26'37"S	68°55'47"W	21/08/2024	10:18
70	Gaviãozinho	Pequeno lago onde colocam mandioca de molho/farinha	6°26'36"S	68°55'49"W	21/08/2024	10:21
71	Gaviãozinho	Varadouro antigo: Igarapé Pajurá/Rio Mutum	6°26'35"S	68°55'49"W	21/08/2024	10:23
72	Gaviãozinho	Capoeira antiga Acora-Edmundo. Roçado novo: Porainom e Mariano	6°26'33"S	68°55'51"W	21/08/2024	10:28
73	Gaviãozinho	Roçado do Jodso	6°26'34"S	68°55'52"W	21/08/2024	10:31
74	Gaviãozinho	Capoeira antiga do Porainom. Roçado novo Reirei	6°26'36"S	68°55'56"W	21/08/2024	10:42
75	Gaviãozinho	Roçado do Reirei	6°26'35"S	68°56'1"W	21/08/2024	10:50

76	Gaviãozinho	Roçado velho do Reirei	6°26'38"S	68°56'1" W	21/08/2024	10:53
77	Gaviãozinho	Roçado do Irewahi	6°26'32"S	68°55'56"W	21/08/2024	11:04
78	Gaviãozinho	Roçado desse ano do Porainom	6°26'31"S	68°55'58"W	21/08/2024	11:06
79	Gaviãozinho	Capoeira antiga do Dahora e roçado novo Quirisi	6°26'31"S	68°56'0"W	21/08/2024	11:11
80	Gaviãozinho	Capoeira antiga Najora. Roçados: Quirisi, Irewahi, Jejei	6°26'20"S	68°56'2"W	21/08/2024	11:29
81	Gaviãozinho	Capoeira antiga Omaco. Roçado do Quirisi (2 anos)	6°26'25"S	68°55'53"W	21/08/2024	11:48
82	Gaviãozinho	Plantação antiga de flecha do Tonaiquina-Raimundo	6°26'25"S	68°55'54"W	21/08/2024	11:50
83	Gaviãozinho	Capoeira antiga Tonaiquina-Raimundo. Roçado do Corari	6°26'23"S	68°55'53"W	21/08/2024	11:56
84	Gaviãozinho	Roçado do Dsohuiji-Dovi	6°26'18"S,	68°55'52"W	21/08/2024	12:01
85	Gaviãozinho	Varadouro Mapuá/buritizal/barreiros-caça	6°26'18"S	68°55'5"W	21/08/2024	12:09
86	Gaviãozinho	Capoeira antiga Tonaiquina-Raimundo. Roçado do Irewahi	6°26'23"S	68°55'49"W	21/08/2024	12:18
87	Gaviãozinho	Roçado da Amassa	6°26'29"S	68°55'53"W	21/08/2024	12:25
88	Gaviãozinho	Árvore de copaíba	6°26'30"S	68°55'52"W	21/08/2024	12:26
89	Gaviãozinho	Local relevância simbólica: poço <i>maccape</i> Porainom	6°26'45"S	68°55'39'W	21/08/2024	15:56
90	Gaviãozinho	Aldeia antiga Terra Alta/capoeira/cemitério: Joana e outros	6° 25'58"S	68°55'13"W	26/08/2024	11:19
91	Gaviãozinho	Praia onde Madija pescam e comem matrinxãs	6°25'51"S	68°55'13"W	26/08/2024	11:50
92	Gaviãozinho	Local sepultamento (prox. casa Nomija): Nego e Antonia	6°26'45"S	68°55'37"W	26/08/2024	17:53
93	Gaviãozinho	Local sepultamento: Tinija (na aldeia, prox. goiabeira)	6°26'47"S	68°55'37"W	26/08/2024	18:01
94	Gaviãozinho	Local sepultamento: Namia (prox. Casa Irewahi)	6°26'46"S	68°55'36"W	26/08/2024	18:03
95	Juruá	Casa do não indígena Raimundo Viana (Praia da Providência)	6°33'8"S,	69°3'5"W	29/08/2024	10:04
96	Juruá	Roçado de praia do Oma: melancias	6°35'47S	69°12'57"W	30/08/2024	13:59

5. Carta de Anuência dos Kulina sobre a delimitação da Terra Indígena

declaração de anuência do povo Kulina madiba
nós membros do povo Kulina madiba das aldeias igarapé
do índio, garidinho e Trés Barracas / declaramos que
conhecemos o conteúdo e estamos de acordo com a
proposta de limites da terra indígena Kulina do
igarapé do índio e igarapé do garidinho que
a briga nosso território tradicional de habitação
permanente.
a proposta foi construído em diálogo com o grupo de
pesquisa coordenado pela antropóloga genoveva Santos
Amorim, bióloga marilena Altenfelder de arredo campê
e Sarah Martins Marais Prota, cartógrafa. data: 25 de agosto
de 2024.

Sedri Kulina - aldeia Igarapé do Índio

Isurdes Kulina - aldeia Igarapé do Índio

- Airuê Kulina - aldeia Igarapé do Índio

Nauza Kulina - aldeia Igarapé do Índio

Boquini Kulina - aldeia Igarapé do Índio

- Rivaldo Barros da Silva - Igarapé do Índio

Mama Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Bodzi Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Griano Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Najona Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Isabi Kulina - aldeia Igarapé do Indio



* Odriano Kulina do ribeirão - aldeia Igarapé do Indio

• Camila Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Orna Kulina - aldeia Igarapé do Indio



Osca Kulina - aldeia Gaviãozinho

Marianu Awa Weni - aldeia Gaviãozinho

Joni Kulina - aldeia Gaviãozinho

Midsori Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Nika Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Osre Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Toho Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Gejei Kulina - aldeia Gaviãozinho

Tejeli

*QUITISI - Quirisi Kulina - aldeia Gaviãozinho

*ACRIZO - Acrizo Kulina - aldeia Gaviãozinho

*Marquilha Kulina - aldeia Gaviãozinho

*Dschuizi Kulina - Rovi Mardija Kulina - aldeia Gaviãozinho

*Angélica Kulina - Aldeia Gaviãozinho

*Amassa Kulina - Aldeia Gaviãozinho

*BOCONI - Bokoní Kulina - aldeia Gaviãozinho

*IRAWAHÍ - Irawahí Kulina - aldeia Gaviãozinho

Osihuni Kulina - aldeia Três Barracas

Osajaja Kulina - aldeia Três Barracas

Severo Kulina - aldeia Três Barracas

Toneri Kulina - aldeia Três Barracas

Samuel Kulina - aldeia Três Barracas

Lucineide Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Irineu Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Daima Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Roni Kulina - aldeia Igarapé do Indio

Headsofani Kulina  aldeia Três Barracas

Ppate Kulina  aldeia Três Barracas

Eualdo Kulina  aldeia Três Barracas - chefe

Budi Kulina  aldeia Três Barracas

Luzia Kulina  aldeia Três Barracas

Rosa Kulina - aldeia Três Barracas

Equene Kulina - aldeia Três Barracas

Osiquiza Kulina - aldeia Três Barracas
11001JA

Toho Kulina - aldeia Três Barracas

Iniciando a oeste na margem direita do Suruaí, na altura da foz do Igarapé Três Bocas, subindo este igarapé até encontrar a Terra Indígena Kamamaru do Rio Suruaí, confrontante com esta Terra Indígena como limite oeste e sul, contendo as cabeceiras ou alto curso dos Igarapés: Igarapé do Índio, Igarapé do Matrinçã, Igarapé preto, e Igarapé do Coruja, tendo este como seu limite leste, descendo até o seu médio curso, deixando de fora as comunidades Mamoaal e Coruja, de forma que o Igarapé do Coruja encontre a margem direita do Suruaí na primeira praia antes da comunidade Mamoaal. ATRAVESSANDO, NESTE LOCAL, PARA A MARGEM ESQUERQUERDA DO SURUAÍ, TENDO AGORA ESSA MARGEM COMO LIMITE SUL. SEGUÉ A LESTE CONTENDO AS REGIÕES: DO FLEXAL, LARANJAL, IGARAPÉ DO UBI MAPURINÉ, LAGO DO QUATA, LAGO DA TARTARUGA, LAGO VENEZA, LAGO MAXIRÍXI, IGARAPÉ DO TIBETEU ATÉ O FURO DA RODAGEM COMO LIMITE LESTE.

SUBINDO A NORTE PARA O RIO MUTUM,

NA RDS CUIJUBIM, ATÉ O SEU ALTO CURSO INCLUINDO SUA CABECEIRA E A CABECEIRA DO PAJURÁ E IGARAPÉ DO PILÃO.

DESCENDO O IGARAPÉ DO PILÃO COMO LIMITE OESTE DA MARGEM ESQUERDA DO JURUÁ, ATÉ SUA FOZ, E ATRAVESSANDO PARA A MARGEM DIREITA DE FORMA QUE DA PRAIA ANTES DO MAMOAIS ATÉ A FOZ DO PILÃO FIQUE UMA TERRA CONTÍNUA ENTRE AS DUAS MARGENS, PASSANDO, NA MARGEM ESQUERDA, POR TODOS OS LAGOS E IGARAPÉS DA REGIÃO DE SANTA LUZIA E DO LADO DIREITO TODOS OS LAGOS QUE ABRANGEM A REGIÃO DO LAGO DE SANTA CRUZ.

ATRAVESSANDO O LAGO DO PILÃO, SUBINDO O JURUÁ PELA MARGEM DIREITA SENTIDO OESTE, INCLUINDO O IGARAPÉ PRETO, LAGO DA TERRA FIRME, LAGO DOS DOIS, LAGO DO SACADO DO IGARAPÉ DO ÍNDIO, LAGO DO MATO, LAGO DO MUNGUBA ATÉ O IGARAPÉ TRÊS BOCAS.

6. Lista de Presença Oficina de Etnomapeamento

1^o Oficina de mapeamento

10.08.24

folha 1

aldeia
Igarapé do Indio

1. Maruquimba Kulina

2. Bequini Kulina

3. Roni Minasema Kulina

4. Aimariê Kulina

5. Rivaldo Barra da Sebra

6. Luaneide Kulina

7. Zeze Kulina

8. Serginho Kulina - Sezi Kulina -

9. Luandes Kulina - Rojodi Kulina

Lista de presença 10.08.24
1ª Oficina de mapeamento

FOLHA 2
Igarapé do Indio

- Cosato Kulina (Pedro José Francisco)

- Jotinho Kulina

- Nilza Kulina

- Bahuai Kulina

Lista de presença 10.09.24
1ª Oficina de mapeamento

FOLHA 3
topografia do molo

Toho Kulina - Raimunda Kulina

Draki Kulina - Nimar Kulina

Adriana Kulina do Silva

Suzima Zudo Kulina

Nica Kulina

To To Heina

Tessadi Kulina - Irineu Kulina

Lista de presença - Oficina de Etnomapeamento - 18/08/2024

Aldeia Três Barracas

Hmadsojani Kulina

aldeia Três Barracas

Ppete Kulina

aldeia Três Barracas

Evalodo Kulina

tamine - chefe - aldeia Três Barracas

Bedi Kulina

aldeia Três Barracas

Luzia Kulina

aldeia Três Barracas

Rosa Kulina

aldeia Três Barracas

Equene Kulina

aldeia Três Barracas

Isiquija Kulina

aldeia Três Barracas

WIKIJA

Toho Kulina

aldeia Três Barracas

Folha 01

Lista de Presença - Oficina de Etnomapeamento - 18/08/2024
Aldeia Três Barracas

Osihuni Kulina - aldeia Três Barracas

Isajaja Kulina - aldeia Três Barracas

Severo Kulina - aldeia Três Barracas

~~Costa~~ Toneri Kulina - aldeia Três Barracas

Samuel Kulina - aldeia Três Barracas

Folha 02

lista de presença - Oficina de Etnomapeamento - 21/08/2024

Jejei Kulina - aldeia Gaviãozinho

JlJli

• QUIKISI - Quirisi Kulina - aldeia Gaviãozinho

• ACRIZO - Acrizo Kulina - aldeia Gaviãozinho.

• Mariquinha Kulina - aldeia Gaviãozinho

• Osohiji Kulina - Rovi Madipa Kulina - aldeia Gaviãozinho

• Angélica Kulina - aldeia Gaviãozinho

• Amassa Kulina - aldeia Gaviãozinho.

• BOCONI - Boconi Kulina - aldeia Gaviãozinho

• IRAWAHÍ - Irawahí Kulina - aldeia Gaviãozinho

lista de presença - Oficina de Etnomapeamento - 21/08/2024
Dseca Kulina - aldeia Gaviãozinho aldeia Gaviãozinho

Mariane Hava Nani - aldeia Gaviãozinho

Joni Kulina - aldeia Gaviãozinho

NOME:
PORAINOM KULINA
MATRÍCULA:

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO

DIA	MÊS	ANO
20	02	1949

MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO

COMUNIDADE GAVIÃOZINHO – ITAMARATI – AMAZONAS

LOCAL DE NASCIMENTO

SEXO

DOMICÍLIO

M

FILIAÇÃO

PAI: BIZEHO CALILA KULINA
MÃE: PIPITA KULINA

AVÓS

PATERNOS E MATERNO: IGNORADOS

GÊMEOS

NOME E MATRÍCULA DO(S) GÊMEO(S)

NÃO

~~-----~~

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO

TRÊS DE SETEMBRO DE DOIS MIL E QUATORZE

NÚMERO DA DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO

NÃO CONSTA

OBSERVAÇÕES AVERBAÇÕES

O assento foi lavrado aos três (03) de setembro de dois mil e quatorze (2014), nos termos da Lei nº 11.790, de 02 de outubro de 2008, que altera o art. 46, da Lei de Registros Públicos, nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973.

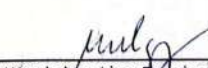
CARTÓRIO FERNANDES
GERALDO ORMUZD PACHECO FERNANDES
PIRINEPÉ/AM
Av. Getúlio Vargas, 130 - Centro - 69.880-000

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fê.
Eirunepé-Am, 03 de setembro de 2014.

SELO ELETRÔNICO DE FISCALIZAÇÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO AMAZONAS, SELO AS586873-34, REGISTRO, Livro: A131, Folha: 85, Termo: 49.342, Tipo registro: Nascimento gratuito, Protocolo: 1, Nome da parte: PQRIANOM KUIJNA, Valor ate: R\$50,00, Emissão emolumentos: R\$50,00, Data/hora da utilização: 63/09/2014 13:53:51, Emitido por: Geraldo Ormard Pacheco Fernandes, FUNETJ:R\$ 0,00 FUNDPAM:R\$ 0,00 FUNDPCGR:R\$ 0,00 FARPAM:R\$ 0,00, Motivo Isenção: artigo 30 da Lei nº 10.713/3 (1ª via), 2350-6723-AS74-4DD2, Consulte o selo em www.sseloam.com.br

Oficial do Registro

8. Documento citado no relatório: Certidão de Nascimento de Quirisi Zezinho Kulina

WANDERLENE L. F. LUNGAREZE OFICIAL TITULAR CPF: 40.713.056/0001-08		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS		
CERTIDÃO DE NASCIMENTO				
NOME QUIRISI ZEZINHO KULINA				
CPF:				
MATRÍCULA 0050090155 2022 1 00016 021 0010056 57				
DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO		DIA	MÊS	
Primeiro (01) de janeiro (01) de mil novecentos e oitenta (1980)		01	01	
ANO		1980		
HORA	NATURALIDADE			
--	Itamarati/AM			
MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO		LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF		
Itamarati/AM		Aldeia Gaviãozinho		
SEXO		Masculino		
FILIAÇÃO				
POIRANAM KULINA, natural de Itamarati - AM, AMASSA KULINA, natural de Itamarati - AM				
AVÓS				
Bizeho Kulina e Pipita Kulina, Darani Kulina e Roha Kulina				
GÊMEO				
Nome e Matrícula do(s) Gêmeo(s)				
Não				
DATA DO REGISTRO POR EXTENSO		DNV (Declaração de nascido vivo)		
Dezessete (17) de janeiro (01) de dois mil e vinte e dois (2022)		--		
AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER				
Registro efetuado nos termos da Resolução Conjunta CNJ/CNMP nº 3 de 19/04/2012 c/c artigo 46 da Lei 6.015/73. Serviram de testemunhas: Paru Kuniva Deni e Tabira Kulina.				
ANOTAÇÕES DE CADASTRO				
TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	DATA EXPEDIÇÃO	ÓRGÃO EMISSOR	DATA DE VALIDADE
RG				
PIS/PIS				
PASSAPORTE				
CARTÃO NACIONAL DE SAÚDE				
TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	ZONA/SEÇÃO	MUNICÍPIO	UF
TÍTULO DE ELEITOR				
CEP RESIDENCIAL	69510-000		GRUPO SANGÜÍNEO	
* As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão solicitante.				
SELO ELETRÔNICO TJAM - SELO CERNAS005009SSSLCLDB5Q10E6641, Valor do ato: R\$ 0,00, Parte(s): QUIRISI ZEZINHO KULINA, data 17/01/2022. Consulte o selo em https://cidadao.portalseloam.com.br/ ou através do QR Code:				
			Emolumentos isentos	
O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. 17 de Janeiro de 2022				
Cartório Extrajudicial de Itamarati-AM				
Wanderlene Lima Ferreira Lungareze Oficial(a) de Registro Itamarati/AM Rua Boa Vista, 105				
 Wanderlene Lima Ferreira Lungareze Escrevente Autorizado(a)				
Titular Wanderlene L. F. Lungareze				

9. Documento citado no relatório: Certidão de Nascimento de Anari Kulina


CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME:
ANARI KULINA
MATRÍCULA:
0049520155 2017 1 00142 192 0051649 31

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO

PRIMEIRO DE JANEIRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA	DIA 01	MÊS 01	ANO 1980

HORA: **12: 00hs.** MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO: **ALDEIA GAVIAOZINHO, EIRUNEPÉ – AMAZONAS**

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO: **EIRUNEPÉ, ESTADO DO AMAZONAS** LOCAL DE NASCIMENTO: **DOMICÍLIO** SEXO: **F**

FILIAÇÃO
PAI: RACORA MANOEL KULINA
MÃE: AMARRA KULINA

AVÓS
PATERNOS: E MATERNOS: **IGNORADOS**

GÊMEOS: **NÃO** NOME E MATRÍCULA DO(S) GÊMEO(S): **---**

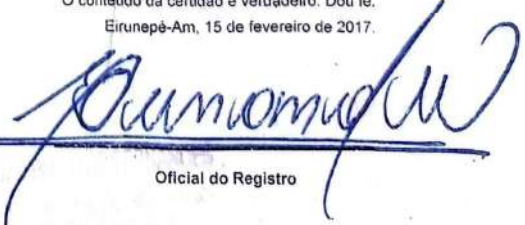
DATA DO REGISTRO POR EXTENSO: **QUINZE DE FEVEREIRO DE DOIS MIL E DEZESSETE** NÚMERO DA DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO: **NÃO CONSTA**

CONSERVAÇÕES AVERBAÇÕES
O assento foi lavrado aos quinze (15) de fevereiro de dois mil e dezessete (2017), nos termos do art. 26, da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973 e Resolução conjunta nº 03/2012, de 03 de abril de 2012, do Conselho Nacional de Justiça e Conselho Nacional de Ministério Público.

CARTÓRIO FERNANDES
GERALDO ORMUZD PACHECO FERNANDES
EIRUNEPÉ/AM
Av. Getúlio Vargas, 130 - Centro - 69.880-000

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Eirunepé-Am, 15 de fevereiro de 2017.

SELO ELETRÔNICO DE FISCALIZAÇÃO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO AMAZONAS, SELO BG232439-29, REGISTRO, Livro: A142, Folha: 192, Termos: 51.649, Tipo registro: Nascimento gratuito, Protocolo: 1, Nome da parte: ANARI KULINA, Valor ato: R\$0,00, Valor emolumentos: R\$0,00, Data/hora da utilização: 15/02/2017 18:10:06, Emitido por: Geraldo Ormuzd Pacheco Fernandes, FUNETJ:RS 0,00 FUNDPAM:RS 0,00 FUNDPGE:RS 0,00 FARPAM:RS 0,00, Motivo isenção: artigo 30 da Lei nº 6.015/73 (1º sin), 1182-EDDS-6CA4-5DCA, Consulte o selo em www.aeciom.com.br


Oficial do Registro

CS Digitalizado com CamScanner

10. Documento citado no relatório: Laudo médico de Macao Kulina (Relatório de contra referência)


MINISTÉRIO DA SAÚDE
SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA
DISTRITO SANITÁRIO ESPECIAL INDÍGENA DE MANAUS
CASA DE SAÚDE INDÍGENA DE MANAUS

Manaus, 21 de maio de 2024.

RELATÓRIO DE CONTRA REFERÊNCIA

NOME DO PACIENTE:	MACAO KULINA	
FILIAÇÃO:	PAI: POIRANOM KULINA MÃE: AMASSA KULINA	
RG:		DTN: 01.08.2007
CPF:		
DSEI DE ORIGEM: MRSA	COMUNIDADE: ITAMARATI	ETNIA: KULINA
DATA DO INGRESSO: 01.02.2024	DATA DA ALTA: 21.05.2024	DATA DE EMBARQUE:
CONDIÇÃO DO INGRESSO:	ESTAVEL	HD: TB PULMONAR
CONDIÇÃO DO EGRESSO:	ESTAVEL	
DESLOCAMENTO: MANAUS	PARA: EIRUNEPÉ	
MEIO DE TRANSPORTE: FLUVIAL	NOME DO ACOMPANHANTE: AMASSA KULINA	

01.02.2024 Paciente referenciado em caráter de urgência ao HPS 28 de Agosto, no qual foi assistido pelo Plantonista e encaminhada diretamente na UTI leito 095 1ª Andar. Internado.

18.03.2024- Paciente retornando de alta hospitalar do HPS 28 de Agosto, na condição de melhorado com diagnóstico de TB Pulmonar, iniciado tratamento em 06.02.2024 e sequelas de encarceramento de base de pulmão direito, trouxe exames laboratoriais, encaminhamento a Policlínica Cardoso Fontes, resumo de alta e receituário médico (Coxip 120 comp.). No momento segue aos cuidados do serviço de enfermagem da CASA/MAO.

20.03.2024- Paciente encaminhado a Policlínica Cardoso Fontes para consulta com pneumologista Dr. Pablo, com ausculta pulmonar, informando pulmão direito base diminuída, e discreta icterícia ocular. Solicitou Rx Tórax PA/Perfil dia 22.03.2024 às 13:00h no Cardoso Fontes, exames laboratoriais já inserido no Sisreg com cód. 525671445, baciloscopia 1ª e 2ª amostra com recomendação de inserir no sisreg dia 12.04.2024 e dia 15.04.2024 agendar consulta de retorno para dia 19.04.2024. Seguindo emitiu receituário medicamentoso (Sulfato ferroso 20mg, Vitamina C, vitamina D 1000UI, Complexo B, Coxip), e retorno para farmácia 18.04.2024.

22.03.2024 - consultado complexo regulador, exames laboratoriais seguem pendentes no sistema.

22.03.2024- Paciente encaminhado a Policlínica Cardoso Fontes, realizou exame de Rx tórax AP/Perfil resultado a ser entregue dia 03.04.2024.

10.04.2024 - Recebido resultado de RX tórax PA/Perfil. Segue anexo no prontuário físico.

15.04.2024 – Paciente encaminhada a Policlínica Cardoso Fontes, assistido pelo Pneumologista Dr. Pablo com avaliação de RX de tórax, o qual informando que apresenta pequenos ruídos, solicitou novos exames baciloscopia, encaminhou a nutricionista devendo retornar no meio do mês de maio para agendar nova avaliação. Entregue material de baciloscopia com resultado para dia 18.04.2024.

18.04.2024 – Recebido medicação de TB 2º mês de tratamento RMP+INH+PZA+BEM entregue 30cps. Retornar 17.05.2024 receber nova dispensação.

03.05.2024 – Paciente encaminhado ao SPA Alvorada, apresentando tosse produtiva, desconforto respiratório e hipertermia, realizado triagem em seguida assistido pelo Dr. Mario Cunha-clínico geral que realizou exame físico e solicitou exames laboratoriais e Rx de tórax, ao avaliar os resultados, exames sem alterações, liberando o paciente a CASAI-Manaus.

03.05.2024 – Agendado consulta com Pneumologista Dr. Pablo dia 08.05.2024 as 8h na Policlínica Cardoso Fontes.

06.05.2024 - Paciente assistido pela Dra. Mirlane Borges na CASI/MAO, na qual solicitou exames laboratoriais, Rx tórax, emitiu receituário Benzetazil 600.000ui, Azitromicina 500mg, Dexametasona xarope, Colecalciferol 7000ui, Sulfato ferroso, Ferripolivitaminico 100mg, encaminhou para nutricionista.

08.05.2024 – Paciente encaminhado à Policlínica Cardoso Fontes, assistido pelo Dr. Pablo-pneumologista, no 3º mês de tratamento de TB, realizou exame físico, resultado de BAAR e cultura, resultado negativo, porém no resultado de exames apresenta infecção por bactérias, durante ausculta pulmonar observou-se alterações com evolução de quadro de dispneia e algia torácica, astenia e hipóxia. Paciente encaminhada ao serviço de urgência do HPS 28 de Agosto, para possível internação. Paciente encaminhado ao serviço de urgência do HPS 28 de Agosto, assistido pelo clínico geral Dr. Ernesto o qual solicitou exames laboratoriais, Rx de tórax, TC de tórax, após resultado de exames liberado para casai.

16.05.2024 – Consultado complexo regulador, pendentes exames laboratoriais.

17.05.2024 – Recebido medicação (RNP 300mg + INH 150mg – 30 cp). Realizado transferência de tratamento para Unidade Mista de Eirunepé. Segue transferência + receituário e medicação, recebido resultado de BAAR, segue no prontuário físico.

20.05.2024 – Paciente segue de alta, sem orientação de retorno, levando em mãos Guia de Transferência de tratamento para continuidade em seu tratamento no município de referência.

TERAPIA MEDICAMENTOSA

Data	Medicamento	Tratamento	Tempo de uso	Medicação Dispensada
17.05.2024	RAMP + INH 300+150MG	1cp 2 horas após café da manhã	Referente ao 4º mês de tratamento	30cp

OBS: PACIENTE DE ALTA PARA SEU MUNICIPIO DE ORIGEM, SEM INDICAÇÃO DE
RETORNO NO MOMENTO.

Claudia Araújo S. Souza
Enfermeira
COREN 120063

Enf. Claudia Araújo S. Souza
Coren/AM 120063
SOADEMAC

11. Portaria Funai nº 1.204 de 11/10/2024. GT-Fundiário: TI Igarapé do Índio/Gaviãozinho

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 2

ISSN 1677-7050

Nº 215, quarta-feira, 6 de novembro de 2024

RETIFICAÇÃO

Na Portaria CFM nº 306, de 31/10/2024, publicada na página 65, Seção 2, do D.O.U. nº 212 de 01/11/2024, que concedeu aposentadoria voluntária ao servidor PAULO SÉRGIO FERRARI, matrícula nº 1623554, onde se lê: "(com percepção de proventos integrais, de acordo com o Art. 10, §1º, inciso I da Emenda Constitucional nº 103/2019)", leia-se: "(com percepção de proventos proporcionais, de acordo com o Art. 10, §1º, inciso I da Emenda Constitucional nº 103/2019)".

Ministério de Portos e Aeroportos

SECRETARIA EXECUTIVA

DESPACHO

A SECRETARIA-EXECUTIVA DO MINISTÉRIO DE PORTOS E AEROPORTOS, considerando o disposto no Decreto nº 1.387, de 7 de fevereiro de 1995, modificado pelo Decreto nº 2.349, de 15 de outubro de 1997, e no Decreto nº 10.193, de 27 de dezembro de 2019, e no uso da competência que lhe foi subdelegada pelo art. 3º da Portaria MPOR Nº 144, de 02 de maio de 2023, publicada no Diário Oficial da União de 11 de maio de 2023, bem como demais informações constantes no Processo Nº 53003.002601/2024-37, AUTORIZA o afastamento do País do representante da Companhia das Docas do Estado da Bahia - CODEBA, ANTONIO JOSE RODRIGUEZ DE MATOS GOBBO, CPF: 105.***.***.57, ocupante do cargo de Diretor Presidente, para participar de "Visita técnica ao Porto de Messina/Itália, e Reunião na Embaixada do Brasil na Itália" no período de 09 a 17 de novembro de 2024, incluindo trânsito, sem ônus para este Ministério de Portos e Aeroportos, e com ônus para a Companhia Docas do Estado da Bahia - CODEBA, conforme disposto no Decreto nº 51.890, de 1985, art. 1º, e na Lei nº 14.436, de 2012, art. 18, § 7º.

MARIANA PESCATORI CANDIDO DA SILVA

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL

DESPACHO

O DIRETOR PRESIDENTE SUBSTITUTO DA AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL - ANAC, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 16 da Lei nº 11.182, de 27 de setembro de 2005, e o art. 35, inciso VI, do Anexo I do Decreto nº 5.731, de 20 de março de 2006, resolve autorizar o afastamento do país do servidor MARCOS ANTONIO GOMEZ RAMA, matrícula SIAPE nº 1349074, Tecnologista, a fim de participar da certificação das características de projeto de componente a ser instalado na aeronave Embraer EMB 550, em Graz - Áustria, no período de 30 de novembro de 2024 a 08 de dezembro de 2024, inclusive trânsito, com ônus. Processo nº 00066.013167/2024-81.

TIAGO SOUSA PEREIRA

DESPACHO

O DIRETOR PRESIDENTE SUBSTITUTO DA AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL - ANAC, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 16 da Lei nº 11.182, de 27 de setembro de 2005, e o art. 35, inciso VI, do Anexo I do Decreto nº 5.731, de 20 de março de 2006, resolve autorizar o afastamento do país do servidor HÉLIO TÁQUINO JUNIOR, matrícula SIAPE nº 204831, Tecnologista, a fim de participar de reuniões de coordenação técnica sobre processos de validação em andamento com o fabricante Airbus Helicopters e representantes da EASA, em Marignane - França e Donauwörth - Alemanha, no período de 23 de novembro a 01 de dezembro de 2024, inclusive trânsito, com ônus. Processo nº 00066.013184/2024-25.

TIAGO SOUSA PEREIRA

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO DE PESSOAS
PORTARIA DE PESSOAL Nº 933, DE 30 DE OUTUBRO DE 2024

A SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS, no uso da atribuição que lhe confere o art. 1º, inciso V, da Portaria nº 3.315, de 24 de outubro de 2018, tendo em vista o disposto no art. 38, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, e considerando o que consta do Processo nº 00268.091419/2024-10, resolve:

DESIGNAR IURY SOARES DE SOUZA, matrícula SIAPE nº 1210865, para exercer o encargo de primeiro substituto eventual do Cargo Comissionado Técnico de Coordenador de Benefícios, Licenças e Atualizações Funcionais, código CCT IV, da Gerência de Administração de Pessoas GAPE, da Superintendência de Gestão de Pessoas, desta Agência, nos afastamentos, impedimentos legais ou regulamentares do titular e na vacância do cargo.

MARIANA BONABAI DALCANALE ROSA

PORTARIA DE PESSOAL Nº 934, DE 30 DE OUTUBRO DE 2024

A SUPERINTENDENTE DE GESTÃO DE PESSOAS, no uso da atribuição que lhe confere o art. 1º, inciso V, da Portaria nº 3.315, de 24 de outubro de 2018, tendo em vista o disposto no art. 38, da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, e considerando o que consta do Processo nº 00058.091318/2024-10, resolve:

DISPENSAR AGDA MARTINS DOS SANTOS, matrícula SIAPE nº 1579539, do encargo de substituta eventual do Cargo Comissionado Técnico de Coordenador de Benefícios, Licenças e Atualizações Funcionais, código CCT IV, da Gerência de Administração de Pessoas GAPE, da Superintendência de Gestão de Pessoas desta Agência.

MARIANA BONABAI DALCANALE ROSA

AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS
SUPERINTENDÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

PORTARIA DE PESSOAL Nº 185, DE 5 DE NOVEMBRO DE 2024

O SUPERINTENDENTE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS DA AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS - ANTAQ, no uso das atribuições que lhe são conferidas no art. 40 do Regulamento Interno aprovado pela Resolução nº 116, de 20 de agosto de 2024, e a delegação disposta na Portaria-DG ANTAQ nº 362/2021, considerando o que consta na Portaria-DG ANTAQ nº 529/2024 e o disposto no Processo nº 50300.021096/2024-19, resolve:

Art. 1º Retificar o art. 1º da Portaria de Pessoal SAF 186 (SEI nº 2377691), publicada no Diário Oficial da União de 22 de outubro de 2024, Seção 2, página 45, em virtude de erro material, para que onde se lê: "Nomear o servidor Leonardo Pereira Pinto, matrícula SIAPE nº 1545598 para exercer a Função Comissionada Executiva, código FCE 2.06.", leia-se: "Nomear o servidor Leonardo Pereira Pinto, matrícula SIAPE nº 1545598 para exercer a Função Comissionada Executiva, código FCE 2.06."

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da União.

ALFREDO MURILLO GAMIRO DE SOUZA

EMPRESA BRASILEIRA DE INFRAESTRUTURA AEROPORTUÁRIA

DESPACHO DE 4 DE NOVEMBRO DE 2024

O Presidente da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária - Infraero, no uso da competência que lhe foi delegada pela Portaria nº 913, de 21 de setembro de 2004, e nos termos do Decreto nº 1.387, de 7 de fevereiro de 1995, modificado pelos Decretos nº 2.249, de 15 de outubro de 1997, e 2025, de 12 de abril de 1999, outorga o afastamento do País, com ônus para Infraero, do empregado GUILHERME AUGUSTO SANCHES RIBEIRO, para participar da Conferência, Assembleia Anual e Exposição ACI-IAC 2024, em Guadalajara, México, no período de 07 a 14/11/2024, incluindo o trânsito.

TIAGO CHAGAS FAIERSTEIN

Ministério dos Povos Indígenas

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

PORTARIA FUNAI Nº 1.204, DE 31 DE OUTUBRO DE 2024

A PRESIDENTA DA FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS - FUNAI, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 9.030/2017, de 23/03/2017, combinado com o disposto no Decreto nº 10.193/2019, de 27/12/2019, e com a Portaria nº 1.459/CC-PR, de 01/02/2023 e conforme Acordo de Cooperação (0382830), resolve:

Art. 1º Constituir Grupo Técnico (GT) com o objetivo de realizar os estudos complementares de natureza fundiária necessários à consolidação do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Gaviãozinho, reivindicada pelos Povos Kanamarí e Kulina Madjá, no município de Itamarati, no estado do Amazonas, com a seguinte composição:

1. Antônio Braz de Almeida Júnior - Zootecnista, Analista Fundiário, Coordenador do trabalho de campo;
2. Carolina Beccato Dias de Góes - Bacharel em Geografia, Analista Fundiário;
3. Danilo Andrade Borges - Especialista em Indigenismo, servidor da FUNAI;
4. Gilberto Kaywa - Assistente administrativo, servidor da Fundação Estadual dos Povos Indígenas do Amazonas, representante técnico indicado pelo Governo do Estado do Amazonas;
5. Ricardo Tavares de Albuquerque - Assessor I da Secretaria de Estado das Cidades e Territórios, representante técnico indicado pelo Governo do Estado do Amazonas.

Art. 2º Estabelecer o prazo de 180 (cento e oitenta) dias para entrega do relatório.

Art. 3º As despesas com os servidores da Funai e seus deslocamentos serão custeadas por meio do Plano Operacional Identificação, Delimitação, Georreferenciamento e Regularização Fundiária de Terras Indígenas e de Reservas (PO002), Plano de Trabalho Resumido (PTRES) 232174 - Plano Interno 00690DE, Centro de Custos 123G16.

Art. 4º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOENIA WAPICHANA

PORTARIA FUNAI Nº 1.205, DE 31 DE OUTUBRO DE 2024

A PRESIDENTA DA FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS - FUNAI, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto aprovado pelo Decreto nº 9.030/2017, de 23/03/2017, combinado com o disposto no Decreto nº 10.193/2019, de 27/12/2019, e com a Portaria nº 1.459/CC-PR, de 01/02/2023 e conforme Acordo de Cooperação (0382830), resolve:

Art. 1º Constituir Grupo Técnico (GT) com o objetivo de realizar os estudos complementares de natureza fundiária necessários à consolidação do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Baixo Setúni/Baixo Tumá, localizada nos municípios de Lábrea e Pauini, no Estado do Amazonas, com a seguinte composição:

1. Maria Elza Guedes Vieira - Bacharel em Ciências Sociais, Analista Fundiário, Coordenadora do trabalho de campo;
2. Carolina Beccato Dias de Góes - Bacharel em Geografia, Analista Fundiário;
3. Nerci Caetano Ventura - Técnico em Indigenismo, servidor da FUNAI.

Art. 2º Estabelecer o prazo de 180 (cento e oitenta) dias para entrega do relatório.

Art. 3º As despesas com os servidores da Funai e seus deslocamentos serão custeadas por meio do Plano Operacional Identificação, Delimitação, Georreferenciamento e Regularização Fundiária de Terras Indígenas e de Reservas (PO002), Plano de Trabalho Resumido (PTRES) 232174 - Plano Interno 00690DE, Centro de Custos 123G16.

Art. 4º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOENIA WAPICHANA

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO

COORDENAÇÃO-GERAL DE GESTÃO DE PESSOAS

PORTARIA DE PESSOAL CGGP/FUNAI Nº 320, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2024

A COORDENADORA-GERAL DE GESTÃO DE PESSOAS DA FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS - FUNAI, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Portaria nº 991/PRES, de 07 de maio de 2024, publicada no Diário Oficial da União nº 89, de 05 de maio de 2024, e tendo em vista o que consta no Processo nº 08761.000514/2024-41, resolve:

Art. 1º Conceder pensão por morte a MADALENA ROSE RUFFINO, a partir de 30 de junho de 2024, data do óbito, na condição de companheira do ex-servidor Argemiro Reisag Fernandes, matrícula nº 0443613, ocupante do cargo de Auxiliar da Serviços Gerais, III - S-II, do Quadro de Pessoal da Fundação Nacional dos Povos Indígenas-Funai, estado na Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas da Diretoria de Administração e Gestão desta Fundação, com fundamento no artigo 217, inciso II, e artigo 222, inciso VII, alínea "b" da Lei nº 8.112/1990; c/c artigo 1º, inciso VI da Portaria ME nº 424/2020; incluídos pela Lei nº 13.135/2015, assegurados pela Emenda Constitucional nº 103/2019 e observada a Lei nº 13.846/2019.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

POLLIANA FIGUEIRA LEBRICH

Ministério da Previdência Social

GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA MPS Nº 3.530, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2024

O CHEFE DE GABINETE DO MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 6º da Portaria MPS nº 242/2023, publicada no Diário Oficial da União de 14 de fevereiro de 2023, bem como o conteúdo nos Processos nº 44011.036765/2024-80 e 14022.989212/2024-80, resolve:

Designar a servidora MARIA APARECIDA VANIA MELO BARBALHO, matrícula SIAPE nº 1.762.837, para exercer a Função Comissionada Executiva de Chefe de Divisão, código FCE 1.07, da Coordenação-Geral de Gestão de Pessoas da Diretoria de Administração da Superintendência Nacional de Previdência Complementar - Previc.

MARCELO DE OLIVEIRA PANELA



Este documento pode ser verificado no sistema eletrônico
<http://www.gov.br/autenticidade/pt-br>, pelo código 05202034133600002